BALZAC 4

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE COSTUMES
CENAS DA VIDA PRIVADA

O PAI GORIOT
O CORONEL CHABERT
A MISSA DO ATEU
A INTERDIÇÃO
O CONTRATO DE CASAMENTO
OUTRO ESTUDO DE MULHER

BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

BALZAC 4

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE COSTUMES
CENAS DA VIDA PRIVADA

O PAI GORIOT
O CORONEL CHABERT
A MISSA DO ATEU
A INTERDIÇÃO
O CONTRATO DE CASAMENTO
OUTRO ESTUDO DE MULHER

BIBLIOTECA AZUL

A COMÉDIA HUMANA

4

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A
NOTAS © 2012 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker
EDITORES RESPONSÁVEIS Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio
ASSISTENTE EDITORIAL Juliana de Araujo Rodrigues
PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini
DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino e Stella Kwan
PREPARAÇÃO Ana Maria Barbosa
REVISÃO Isabel Jorge Cury e Mariana Delfini
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO Bonifácio Miranda
PRODUÇÃO PARA EBOOK S2 Books
EDIÇÃO DIGITAL Erick Santos Cardoso

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGENS DA LOMBADA "Balzac" (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images Archive/ Glow Images
IMAGENS DAS GUARDAS "Deux avocats, la poignée de main" (c.1860), de Honoré Daumier (1808-1879). De Agostini/Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.
A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada / Honoré de Balzac; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Gomes da Silveira e Vidal de Oliveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2012.

(A comédia humana; v. 4)
Título original: La comédie humaine
ISBN 978-85-250-5336-7
2.367 kb; ePUB

1. Romance francês i. Rónai, Paulo. ii. Título. iii. Série.

12-12672 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843

1ª edição, 1946-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2012

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S/A
Avenida Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo SP
www.globolivros.com.br

HONORÉ DE BALZAC
A COMÉDIA HUMANA
4

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA E VIDAL DE OLIVEIRA**

BIBLIOTECA AZUL

PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE *A COMÉDIA HUMANA*

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

vol. 1-4	Cenas da vida privada
vol. 5-7	Cenas da vida provinciana
vol. 8-11	Cenas da vida parisiense
vol. 12	Cenas da vida política
vol. 12	Cenas da vida militar
vol. 13-14	Cenas da vida rural
vol. 15-17	ESTUDOS FILOSÓFICOS
vol. 17	ESTUDOS ANALÍTICOS

DIVISÃO POR VOLUMES

1 "A vida de Balzac", por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao "Chat-qui-pelote" • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • Os celibatários: Pierrette • O cura de Tours

6 Um conchego de solteirão • Os parisienses na província: O ilustre

Gaudissart • A musa do departamento • as rivalidades: A solteirona • O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart II • Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara • A procura do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os proscritos

17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas misérias da vida conjugal

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto "A operação Balzac", do livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

> Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução – expressões idiomáticas e trocadilhos – e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, "Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos", elementos que, sem uma nota explicativa, eram "de enlouquecer qualquer tradutor".

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

> Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

> Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís xiv, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

> Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela

> disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que o projeto, tal qual concebido por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

4
ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PRIVADA

Capa

Créditos

Folha de rosto

O pai Goriot

O coronel Chabert

A missa do ateu

A interdição

O contrato de casamento

Outro estudo de mulher

A COMÉDIA HUMANA

4

ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA PRIVADA

O PAI GORIOT

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

O pai Goriot (em francês: *Le père Goriot*) é decerto uma das obras mais poderosas de Balzac, e não faltam leitores, entre os quais muitos de alta categoria — como um Henry James —, que a julgam sua obra-prima.

Escrito em 1834, num dos períodos mais felizes da vida de Balzac homem, quando tudo lhe é fácil e nada faz prever ainda os gigantescos e inúteis esforços dos anos seguintes, esse romance nasceu quando o romancista estava no auge de suas forças criadoras. Havia um ano ou mais que tivera a genial ideia de fazer reaparecer as mesmas personagens em suas obras, ou melhor, em sua obra, pois já entrevia a unidade orgânica da mesma.

Mesmo o leitor que não conhece outras partes de *A comédia humana* fica espantado ante a extrema complexidade de *O pai Goriot*, em que, além do romance psicológico do protagonista cujo nome figura no título, se admira ainda o romance de Vautrin, um dos primeiros e melhores espécimes do gênero policial, e o de Rastignac, eminentemente social. E, para quem já conhece pelo menos uma parcela desse mundo que é *A comédia*, *O pai Goriot* fornece a chave psicológica de outras obras menores cuja ação ele preludia. A volta das mesmas personagens foi posta em prática sistematicamente aí pela primeira vez, sendo que nele aparecem umas cinquenta figuras de *A comédia humana*. Assim, a força com que a sra. Beauséant resiste aos pedidos de perdão de seu segundo amante arrependido, Gastão de Nueil, em *A mulher abandonada*, explica-se pela dor que lhe causou o seu primeiro amor traído. O conhecimento dos homens, a que Rastignac, presente em muitas obras, deve a habilidade que o leva aos

cumes da vida social, é adquirido na Casa Vauquer, cenário desta narrativa.

Mal terminado o livro, Balzac sentiu que acabara de criar algo de excepcional e escreveu à condessa Hanska: “Uma coisa que você não espera é *O pai Goriot*, uma obra-prima. A pintura de um sentimento tão grande que nada o esgota, nem os atritos, nem as feridas, nem as injustiças, um homem que é pai, como um santo, um mártir e cristão”.

Poucas semanas depois, voltou ao assunto em outra carta, confirmando a mesma impressão e, ao mesmo tempo, prevenindo as prováveis críticas da condessa: “*O pai Goriot* é uma obra bela, porém monstruosamente triste. Era preciso, para ser completo, mostrar um esgoto moral de Paris, e este dá a impressão de uma chaga nojenta”.

O romance saiu primeiro em quatro números sucessivos da *Revue de Paris* e teve repercussão extraordinária, mas também foi alvo, sobretudo na alta sociedade, de críticas acerbas. “Um número sobre-humano, inesperado, de mulheres sinceramente virtuosas, felizes de serem virtuosas, virtuosas por serem felizes e sem dúvida felizes porque são virtuosas” tachou Balzac de imoral, acusando-o de apresentar mulheres em sua maioria adúlteras e de as tornar interessantes a ponto de fazê-las invejar. O autor responde a tais censuras num prefácio cheio de espírito que precede a primeira edição em livro — prefácio supresso na edição definitiva —, no qual se defende maliciosamente, opondo às censoras uma estatística das mulheres fiéis e das adúlteras de *A comédia humana*.

Depois de *O pai Goriot* publicado em livro, o êxito acentuou-se. Mas dessa vez foi por parte da crítica profissional que se levantaram censuras, entre as quais, naturalmente, a da imoralidade. Nem estas Balzac deixou sem resposta, e, em introdução à nova edição, publicada poucas semanas depois da anterior, escreveu outro prefácio, cuja argumentação deveria ter imposto silêncio para sempre aos defensores da moral em literatura se eles quisessem ou pudessem entender argumentos:

> Se os quadros desenhados pelo autor fossem falsos, a crítica os teria censurado dizendo-lhe que estava caluniando a sociedade moderna — se a crítica os acha verdadeiros, então não é a obra que é imoral.

Com ironia superior, continua Balzac a troçar dos que exigiam um sentimento maior das conveniências em *O pai Goriot*, e afirma com razão que "os que gritam contra esta obra justificá-la-iam admiravelmente bem se a tivessem feito".

Vê-se pelos dois prefácios e, mais ainda, pelos trechos citados das cartas à condessa que para Balzac o assunto principal era aquele a que alude o título e que, aliás, se encontra assim resumido no livrinho em que o escritor anotava os temas que lhe acudiam: "Um homem bom — pensão burguesa — seiscentos francos de renda — tendo se despojado a favor das filhas, as quais têm, cada uma, cinquenta mil francos de renda — morrendo como um cão".

Essa nota, já tão caracteristicamente balzaquiana apesar de sua forma rudimentar, faz supor, pela precisão dos dados numéricos, que se trata de uma história verdadeira. Suposição confirmada pelas três palavras shakespearianas, *all is true*, que figuravam em epígrafe nas primeiras edições e que o autor fez questão de manter no primeiro parágrafo da edição definitiva, como também por um trecho do prefácio do *Gabinete das antiguidades* (edição de 1839). "O acontecimento que serviu de modelo oferecia circunstâncias horrorosas e como não se encontram entre os canibais; o pobre pai gritou de sede durante as vinte horas de sua agonia, sem que ninguém lhe acudisse, e suas duas filhas estavam uma no baile, outra no teatro, embora soubessem o estado do pai."

Assim, a história do pai Goriot e das filhas deve ser baseada num episódio real contemporâneo... Talvez sua fonte seja a narrativa *Conaxa* incluída no *Espírito das conversações agradáveis* recolhidas no século xviii por Gayot de Pitaval, segundo lembra o professor Pierre-Georges Castex. Nem por isso ela deixa de evocar o enredo do drama *Rei Lear*, de Shakespeare, como agudamente observou Georg Brandes, existindo mesmo um verdadeiro paralelismo entre as duas grandes obras, segundo notou Léon Daudet. Não há contradição alguma entre essas afirmações e as de Balzac. Um caso de ingratidão filial a que assistiu, e cuja monstruosidade revelou, pode muito bem ter lembrado ao romancista a sombria tragédia shakespeariana,

desafiando-o a rivalizar com o dramaturgo inglês. O ambiente cotidiano e vulgar em que situou seu drama, em vez de lhe dar protagonistas régios, pode ter enganado alguns críticos e leitores da época, mas é certo que para nós contribui para reforçar a impressão de pesadelo.

(Bellessort, que julga a agonia do pai Goriot a mais empolgante de todas as mortes de *A comédia humana*, observa no entanto que "diante desse pobre rei Lear do talharim não sentimos toda a piedade que, apesar de suas injustiças e de sua cegueira, nos inspira o outro, o de Shakespeare". Segundo o crítico, isto seria devido a que o próprio pai Goriot não respeita o pai em si mesmo e assiste como cúmplice ao adultério da filha.)

Os mesmos críticos que censuravam a "imoralidade" do romance repreendendo Balzac por ter dado ao amor de Goriot às filhas um caráter passional, físico, talvez ficassem envergonhados hoje em conhecimento da luz que a psicanálise projetou sobre os sentimentos recalcados.

Poder-se-iam destacar muitos rasgos admiráveis no drama de Goriot: a sombria força com que é contada a agonia do pai, a profunda intuição com que Balzac faz coexistir em Goriot um homem de sensibilidade agudíssima no que concerne a sua paixão e um imbecil em tudo o mais. Mas passemos a examinar o segundo romance dentro do romance, a história de Vautrin/Jacques Collin.

Essa personagem sobre-humana, primeira encarnação moderna do diabo, protótipo dos grandes revoltados do século xix, herói romântico por excelência, existiu também. Afirma-o o próprio Balzac: "Posso assegurar que o modelo existe, que é de uma grandeza espantosa e que encontrou seu lugar no mundo de nosso tempo. Este homem era tudo o que é Vautrin, menos a paixão de que o revesti. Era o gênio do mal, utilizado em outro lugar". Aí sabemos até o nome do modelo: era Vidocq, o antigo galeriano que chegou a ser chefe da polícia e cujas *Memórias*, publicadas em 1828, deviam ainda ser lembradas por muitos leitores. Balzac, aliás, conhecia pessoalmente Vidocq, o qual lhe contava "casos" de seu passado para demonstrar que a vida fornecia romances já prontos, melhores que as obras dos melhores romancistas.

Outro modelo possível seria Coco-Lecour, sucessor de Vidocq e que chegou a chefe da polícia depois de antecedentes parecidos.

Seja como for, se Vautrin existiu, sua figura se engrandeceu decerto no romance. O realismo de Balzac conseguiu dar vida intensa a essa personagem, que não é apenas uma abstração, um tentador convencional: quase sempre simpático, quase sempre com a razão, vítima e vingador ao mesmo tempo, retificador benévolo das folhas da ordem social e até da ordem divina, é uma personagem de mil faces, das quais talvez nem todas tenham sido descobertas até agora. (Jules Bertaut assinalou o caráter equívoco da afeição de Vautrin a Rastignac: a inegável suspeita de homossexualismo que paira sobre Jacques Collin contribui para torná-lo essencialmente real e humano, ao lado de seu papel simbólico.)

E Rastignac, este irmão mais moço do Julien Sorel de *O vermelho e o negro*, romance de Stendhal, cuja "evolução" de ingênuo e puro provinciano a parisiense esperto, requintado e pouco escrupuloso se processa ante nossos olhos, esse Rastignac também terá existido? Dizem que Thiers sugeriu ao romancista mais de um traço dessa personagem. É possível. Mas também é certo que em Rastignac há muitos traços de Balzac e muito daquilo que Balzac desejava ser. As lutas de Rastignac com a pobreza e suas transigências com a consciência constituem um quadro da mocidade penosa do·próprio escritor. Não fosse sua identificação com Rastignac, e não poderíamos compreender essa insistência — quase irritante — com que pretende dá-lo como puro, quando o sabemos mantido pela amante e cúmplice taciturno de um assassínio.

(Acha Faguet que a história da estreia de Rastignac não está realizada porque Balzac sabe pintar uma paixão fatal, como a do pai Goriot, porém não um conflito de paixões no coração do homem. "O pai Goriot, com sua mania de devotamento e seu furioso prazer do sacrifício, deixa tudo o mais na sombra. A luta de Rastignac contra si mesmo, por mais que Balzac se empenhasse em pintá-lo, por mais espaço que lhe tenha reservado, quase que desaparece.")

Confirmada assim a origem real das três intrigas e dos três caracteres principais, conviria verificar a exatidão dos pormenores da

atmosfera. Mas esta segunda verificação é supérflua. A descrição da Casa Vauquer — ainda que ela seja a síntese de várias pensões burguesas conhecidas por Balzac —, as palavras, os tiques, os costumes dos moradores, tudo é de uma autenticidade evidente. Não tivesse Balzac pregado em letras bem visíveis no frontão de seu edificio — “Tudo é verdade” —, seria o leitor o primeiro a pronunciar esta frase, à guisa de conclusão, depois de percorrer-lhe todas as dependências.

A arte do romancista não consistiu, porém, “apenas” em tomar três personagens vivas de muito relevo, colocá-las dentro de um ambiente bem observado e reconstruir tão exatamente quanto possível um fato do dia, nem mesmo em soltar as personagens de acordo com os imperativos de seu caráter.

Em suas reminiscências, Léon Gozlan evoca uma palestra entre Balzac e Vidocq, isto é, Vautrin.

Pouco importa se tal palestra se verificou realmente: o que Gozlan faz dizer a seu biografado, Balzac, se não o disse, poderia tê-lo dito.

> — O senhor está se incomodando demais — disse Vidcoq — para inventar histórias do outro mundo, quando a realidade está aí, diante de seus olhos, junto a seus ouvidos, ao alcance de sua mão.
> — Ah, o senhor acredita na realidade! Encanta-me. Não o teria imaginado tão ingênuo. A realidade! Fale-me nela; não está de volta desse belo país? Ora! A realidade somos nós que a fazemos.
> — Não, sr. Balzac.
> — Sim, sr. Vidocq. Olhe: a verdadeira realidade é este belo pêssego de Montreuil. Aquele que o senhor chamaria real brota naturalmente na floresta, num pé bravo. Pois bem, esse não vale nada, é pequeno, ácido, amargo, impossível de se comer. Eis porém o pêssego real, o que estou segurando, que foi cultivado durante cem anos, que se obteve por certa poda à esquerda ou à direita, por certa transplantação num terreno seco ou leve, por certo enxerto; o pêssego, afinal, que se come, que perfuma a boca e o coração. Este pêssego delicioso fomos nós que o fizemos: é o único real. O meu processo é o mesmo. Obtenho a realidade nos meus romances como Montreuil obtém a realidade nos seus pêssegos. Sou jardineiro em livros.

Em que consistira a aplicação desse processo em *O pai Goriot*? Como é que Balzac obtém, em vez da realidade vulgar e palpável em que

estamos vivendo e que não nos desperta nenhuma emoção artística, sua realidade concentrada?

Um de seus métodos é a condensação. Não é difícil ver em Paris o centro do mundo moderno, com seus complexos interesses em jogo, suas lutas múltiplas nos terrenos social, político e sentimental. Ora, Balzac, sem nenhum artifício manifesto, condensa toda Paris na mesquinha pensão da sra. Vauquer, fazendo-a um ponto de convergência de destinos, que ali se cruzam, uns por causa de sua pobreza inicial, outros em consequência de sua final decadência, outros, ainda, incrustados lá como em seu ambiente natural; um, Vautrin, por uma necessidade de mistério.

Outro lance da técnica do romancista consiste em isolar determinados atos insignificantes em si, elucidar-lhes os antecedentes e segui-los até suas últimas consequências. Rastignac esboça um sorriso sedutor para a srta. Taillefer: este sorriso é a conclusão de uma decadência e o sinal de um crime.

Um terceiro recurso de Balzac consiste em dar às personagens o valor de tipos. Rastignac é um dos vinte mil moços nobres e pobres que querem subir a qualquer preço; Goriot, um dos vinte mil pais que agonizam numa água-furtada enquanto suas filhas dançam, e também um dos vinte mil apaixonados (pelo jogo, pelas mulheres, pela Bolsa, por uma coleção de insetos, pela música ou pelas filhas).

Outra habilidade de Balzac, se é possível assim chamar a um dos elementos integrantes de seu gênio, é a dosagem do mistério. Certos segredos do romance são conhecidos por determinadas personagens e ignorados por outras; da maioria deles o leitor está a par; há alguns, porém, que o autor reserva para si mesmo. Se muito discretamente deixa entrever no interesse de Vautrin por Eugênio de Rastignac uma atração homossexual, a retaguarda daquele, os poderes que lhe são delegados e a identidade dos que o delegaram permanecem no escuro até o fim. Às vezes tem-se a impressão de que para o próprio Balzac há segredos dentro de sua obra.

Pela primeira vez, encontramos nesse romance o que se pode chamar um símbolo central: o problema desse mandarim a quem a gente poderia matar sem temer consequências penais para herdar-lhe

os bens. Enunciado num momento decisivo e lembrado oportunamente pelo autor, o dilema acompanha o leitor, impondo-se-lhe a cada volta do enredo: será que Rastignac matará seu mandarim? E compreende-se que será uma espécie de critério para dividir em dois campos as personagens não apenas de *O pai Goriot*, mas de toda *A comédia humana*; de um lado os que matam, de outro os que poupam seu mandarim. (Em que pese aos leitores bem-intencionados, que exigem o *happy end* sancionado pela ordem social, a Balzac interessam sobretudo os primeiros.)

A arte das gradações, por vezes até excessiva, em Balzac contribui também para arredondar "o pêssego da realidade". As repetidas gafes de Rastignac, as reiteradas extorsões das filhas de Goriot, as intervenções sucessivas de Vautrin conduzem-nos a uma tensão de atmosfera em que algo de grave tem de acontecer.

Sem dúvida, para criar sua "realidade real", Balzac pediu emprestados à realidade *tout court* mais elementos do que qualquer de seus predecessores. A grande novidade consiste menos na descrição do mobiliário da Casa Vauquer, ou dos cuidados pouco estéticos prestados por seus enfermeiros benévolos ao pai Goriot doente, do que nas alusões constantes que o escritor faz ao estado das finanças de suas personagens. Era preciso que, depois dos requintes de romances e dramas puramente psicológicos, cujos heróis não comiam nem pagavam aluguel, alguém viesse dizer dos abismos morais em que a falta de vinte francos pode mergulhar um rapaz desejoso de andar de fiacre para não sujar as botinas.

Não se pode terminar uma análise, por mais superficial que seja, de *O pai Goriot* sem assinalar os efeitos que Balzac — esse Balzac a quem se acusa de escrever mal — tira dos recursos do estilo, sobretudo do linguajar das personagens. A linguagem truculenta e saborosa, perturbadora e atraente de Vautrin; a sintaxe errada da sra. Vauquer; os descuidos voluntários da conversa dos estudantes; o "espírito" imbecil das palestras à mesa da pensão; as três palavras da criada Sílvia que resumem uma personagem e uma vida são outros tantos achados reveladores de um espantoso dom de observação. Veja-se ainda o partido que Balzac sabe tirar dos trocadilhos: o efeito sinistro

dos repetidos lapsos da duquesa de Langeais, trocando várias vezes o nome de Goriot e assinalando-lhe, assim, indiretamente, toda a insignificância.

Os contemporâneos terão zombado daquele trecho do primeiro prefácio do romance, em que Balzac se define como “um Homero sempre inacabado e que partilha com Deus o cansaço ou o prazer de coordenar os mundos”. Nós outros seremos mais prudentes, sobretudo depois de haver lido repetidamente que Balzac moldou a sociedade francesa da segunda parte do século xix tão bem quanto observou e descreveu a primeira — ou ainda depois de ter acompanhado a extraordinária influência de *O pai Goriot* na literatura universal.

Paul Bourget conta, em sugestivo ensaio, a impressão decisiva que deve à leitura desse romance, a qual lhe revelou o universo quando ele era ainda adolescente. Além de uma descendência direta, menos importante, que inclui *O mandarim* de Eça de Queirós na linha da descendência indireta de *O pai Goriot*, encontra-se o *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Raskólnikov é um filho de Rastignac; e ninguém sabe quantos filhos de Raskólnikov saíram da literatura para matarem a seu mandarim ou, no melhor caso, para acabarem com os mandarins em geral, a fim de que a existência deles não constitua uma tentação perpétua.

Convém chamar a atenção — com Rose Fortassier, autora de um excelente prefácio a *O pai Goriot* na nova edição Pléiade de *A comédia humana* — sobre a modernidade desse romance. Ela qualifica-o de “romance duplamente aberto. Aberto não somente porque Rastignac, Bianchon e Vautrin têm um futuro, mas porque o romancista convida o leitor a construir, como que fora do campo de *A comédia humana*, infinitamente, personagens a respeito das quais ele se contenta em fornecer pontos de vista múltiplos”.

W. Somerset Maugham, em seu livro *Ten novels and their authors* (1954), consagra dez estudos a outros tantos romancistas, em seu entender os melhores do mundo. Entre eles, refere-se a nosso autor nestes termos: “De todos os grandes romancistas que, com suas obras, enriqueceram os tesouros espirituais do mundo, o maior, para o meu entendimento, é Balzac. É o único a quem eu reconheceria gênio sem

qualquer hesitação”. Elogio notável sob a pena de um escritor britânico, cuja lista de dez nomes contém cinco autores de língua inglesa. E, mais adiante, acrescenta: “Se alguém que nunca tivesse lido Balzac me pedisse para lhe indicar o romance que melhor o representa e que dá ao leitor tudo aquilo que o autor era capaz de dar, eu lhe recomendaria sem hesitação *O pai Goriot*”. Observação digna de nota na boca de quem, ele próprio, era um cultor e um estudioso excelente do gênero.

paulo rónai

O PAI GORIOT

Ao grande e ilustre Geoffroy Saint-Hilaire,[1]
como testemunho de admiração de seus trabalhos e de seu gênio.
De Balzac

I – UMA PENSÃO BURGUESA

A sra. Vauquer, nascida de Conflans, é uma velha que há quarenta anos mantém em Paris uma pensão burguesa, estabelecida à rue Neuve-Sainte-Geneviève entre o Quartier Latin e o Faubourg Saint-Marceau. Essa pensão, conhecida pelo nome de Casa Vauquer, aceita igualmente homens e mulheres, moços e velhos, sem que jamais a maledicência tenha atacado os costumes desse respeitável estabelecimento. É verdade que há trinta anos não se via ali uma moça, e que para um rapaz morar ali era preciso que a família lhe desse uma mesada muito pequena. Em 1819, porém, época em que este drama começa, vivia lá uma pobre moça. Qualquer que seja o descrédito em que tenha caído a palavra *drama*, pela maneira abusiva e iníqua com que tem sido usada nestes tempos de dolorosa literatura, é necessário empregá-la aqui, não que esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra, mas porque, terminada a obra, talvez se tenham derramado algumas lágrimas intra e extramuros. Será ela compreendida fora de Paris? A dúvida é permitida. As particularidades desta cena, cheia de observação e de cor local, não podem ser apreciadas senão entre os montículos de Montmartre e as eminências de Montrouge, nesse

ilustre vale de caliça sempre prestes a cair e de sarjetas negras de lama — vale cheio de sofrimentos reais, de alegrias muitas vezes falsas, e tão terrivelmente agitado que somente um acontecimento extraordinário é capaz de causar ali uma sensação um pouco duradoura. Encontram-se nele, porém, aqui e ali, dores que a aglomeração dos vícios e das virtudes torna tão grandes e tão solenes que, diante delas, os egoísmos e os interesses se detêm e se compadecem; mas a impressão que delas recebem é como um fruto saboroso que imediatamente devoram. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Jaggernat,[2] retardado apenas por um coração menos fácil de triturar que os outros e que lhe calça a roda, rapidamente o despedaça e continua sua marcha gloriosa. Assim fareis vós, que, com este livro em vossas mãos alvas, mergulhais numa poltrona macia pensando: "Talvez isso me divirta". Após terdes lido os secretos infortúnios do pai Goriot, jantareis com apetite, levando vossa insensibilidade à conta do autor, tachando-o de exagero, acusando-o de poesia. Ah! Sabei-o: este drama não é ficção nem romance. *All is true*:[3] ele é tão verídico que qualquer um pode reconhecer em si mesmo e, talvez em seu próprio coração, os elementos que o compõem.

O prédio da pensão burguesa pertence à sra. Vauquer. Está situado na parte baixa da rue Neuve-Sainte-Geneviève, no ponto em que o terreno se inclina para a rue de l'Arbalète de maneira tão íngreme que raramente os cavalos a sobem ou descem. Dessa circunstância resulta o silêncio que reina nessas ruas, apertadas entre o zimbório do Val-de-Grâce e o zimbório do Panthéon, dois monumentos que alteram as condições da atmosfera, lançando nela tons amarelados e cobrindo tudo ali com uma sombra por efeito dos tons severos que suas cúpulas projetam. Ali as calçadas são secas, as sarjetas não têm lama nem água, a erva cresce ao longo das paredes. O homem mais despreocupado ali se sente constrangido, os transeuntes mostram-se tristes, o ruído de uma carruagem transforma-se num acontecimento, as casas parecem taciturnas, as paredes lembram uma prisão. Um parisiense que por lá se perdesse veria apenas pensões burguesas ou instituições, miséria ou tédio, velhice que morre, alegre mocidade aprisionada, forçada a trabalhar. Nenhum bairro de Paris é mais horrível e, digamos de

passagem, mais desconhecido. A rue Neuve-Sainte-Geneviève, sobretudo, é como uma moldura de bronze, a única que convém a esta narrativa, para a qual o espírito nunca estaria demasiado preparado por cores escuras e ideias graves, assim como, de degrau em degrau, a luz vai diminuindo e a voz do guia se tornando mais débil enquanto o viajante desce às Catacumbas.[4] Comparação exata! Quem afirmará o que é mais horrendo de ver, corações empedernidos ou crânios vazios?

A fachada da pensão dá para um jardinzinho, de modo que fica em ângulo reto sobre a rue Neuve-Sainte-Geneviève, de onde aparece em todo o comprimento. Ao longo dessa fachada, entre a casa e o pequeno jardim, corre uma calha de pedra, de uma toesa de largura, diante da qual há uma aleia coberta de areia e orlada de gerânios, louros-rosa e romãzeiras, plantados em grandes vasos de louça azul e branca. Entra-se nessa alameda por uma portinha, encimada por uma tabuleta na qual se lê:

> CASA VAUQUER
> Pensão burguesa para os dois sexos e outros.

Durante o dia, uma porta com claraboia e campainha estridente deixa perceber, ao fim da pequena calçada, na parede oposta à rua, um arco com a pintura imitando mármore verde, obra de um artista do bairro. Sob a concavidade que essa pintura simula, eleva-se uma estátua representando o Amor. Ao verem o verniz cheio de falhas que a cobre, os amadores de símbolos descobriram nela, talvez, um mito do amor parisiense que se cura a alguns passos dali. Sob o pedestal, esta inscrição meio apagada recorda a data desse ornamento, pelo entusiasmo testemunhado por Voltaire, ao voltar a Paris em 1777:

> *Seja quem fores, eis teu dono*:
> *Ele o é, ou foi, ou há de sê-lo.*[5]

Ao cair da noite, a porta de claraboia é substituída por uma inteiriça. O jardinzinho, que tem o comprimento da fachada acha-se metido entre o muro da rua e a parede da casa vizinha, ao longo da qual pende um

manto de hera que a oculta inteiramente e atrai o olhar dos transeuntes por oferecer um aspecto muito pitoresco em Paris. Os muros são cobertos de latadas de árvores frutíferas e videiras, cujas frutificações franzinas e poeirentas são objeto dos receios anuais da sra. Vauquer e de suas palestras com os pensionistas. Ao longo de cada parede corre uma alameda estreita, de cerca de vinte e um metros, que leva a um caramanchão de tílias, palavra que a sra. Vauquer, embora nascida de Conflans, pronuncia teimosamente *tíias*, apesar das observações gramaticais de seus hóspedes. Entre as duas alamedas laterais existe um canteiro de alcachofras, flanqueado de árvores frutíferas, dispostas em linha, e orlado de azedinha, alface e salsa. Sob o caramanchão de tílias há uma mesa redonda pintada de verde e rodeada de cadeiras. Ali, nos dias caniculares, os hóspedes, suficientemente endinheirados para se permitirem tomar café, vão saboreá-lo sob um intenso calor. A fachada, de três andares e encimada por mansardas, é construída de alvenaria e pintada dessa cor amarela que dá um caráter ignóbil a quase todas as casas de Paris. As cinco janelas abertas em cada pavimento são de caixilhos miúdos e guarnecidas de gelosias erguidas de maneira diferente, de modo que não há simetria alguma. O fundo da casa comporta duas janelas que, no pavimento térreo, têm por ornamento grades de ferro. Por trás do prédio há um pátio de cerca de seis metros de largura, onde vivem em boa harmonia porcos, galinhas e coelhos, tendo ao fundo um telheiro para guardar a lenha. Entre o telheiro e a janela da cozinha está suspenso o guarda-comida, por debaixo do qual escorrem as águas gordurentas da pia de lavar pratos. Esse pátio dá para a rue Neuve-Sainte-Geneviève por uma porta estreita pela qual a cozinheira despeja o lixo da casa, limpando essa sentina com água abundante, sob pena de pestilência.

Naturalmente destinado ao uso da pensão burguesa, o pavimento térreo se compõe de uma primeira peça iluminada por duas janelas para a rua e na qual se entra por uma porta-balcão. Essa sala de estar comunica com uma sala de refeições, separada da cozinha pelo vão de uma escada com degraus de madeira e tijolos pintados e encerados. Nada é mais triste à vista que essa sala mobiliada com poltronas e

cadeiras estofadas com crina, com riscas alternativamente opacas e luzidias. Ao centro vê-se uma mesa redonda com tampo de mármore de Sainte-Anne, enfeitada com esse licoreiro de porcelana branca ornada de filetes dourados meio apagados, que se vê por toda a parte hoje em dia. Essa sala, muito mal assoalhada, tem as paredes revestidas de madeira até uma certa altura. A parte superior é coberta com um papel envernizado representando as principais cenas de *Telêmaco*,[6] com suas personagens clássicas coloridas. A almofada entre as janelas gradeadas oferece aos pensionistas a cena do festim dado ao filho de Ulisses por Calipso. Há quarenta anos essa pintura excita os gracejos dos hóspedes jovens, que se julgam superiores à sua posição, zombando do jantar a que a miséria os condena. A chaminé de pedra, cuja lareira sempre limpa atesta que só se acende em ocasiões solenes, é ornada de dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas e cobertas com uma tela de arame e que fazem jogo com uma pêndula de mármore azulado de muito mau gosto. Essa primeira peça exala um odor sem nome na língua e que se deveria chamar *o odor de pensão*. Tresanda a coisas fechadas, bolorentas, rançosas; tem um cheiro que causa frio, parece úmido ao nariz, penetra nas vestes. Tem o gosto de uma sala onde se jantou, faz pensar em utensílios de louça, cozinha e hospital. Talvez se pudesse descrevê-lo, se se inventasse um processo para avaliar as quantidades elementares e nauseabundas que ali espalham as atmosferas catarrais e *sui generis* de cada pensionista, moço ou velho. Pois bem, apesar de todos esses horrores, se a comparardes à sala de refeições, que fica ao lado, achareis essa sala de estar elegante e perfumada como o quarto de vestir de uma senhora. Essa sala, inteiramente forrada de madeira, foi, outrora, pintada com uma cor agora indistinta, que constitui um fundo sobre o qual a imundície se acumulou em camadas, de maneira a desenhar figuras bizarras. Está guarnecida de armários pegajosos sobre os quais se veem garrafas brancas lascadas, embaciadas, argolas de metal, pilhas de pratos de louça grossa com as bordas azuis, fabricados em Tornai. Num canto, há uma caixa com divisões numeradas, onde ficam os guardanapos, manchados de gordura ou de vinho, de cada pensionista. Encontram-se ali móveis indescritíveis, proscritos em toda a parte, mas

postos ali como os rebotalhos da civilização nos Incuráveis.[7] Vereis lá um barômetro com um capuchinho que sai quando chove; gravuras execráveis que tiram o apetite, emolduradas em madeira preta com filetes dourados; uma pêndula de tartaruga com inscrustações de cobre; uma estufa verde; candeeiros de Argand[8] nos quais a poeira se combina com o azeite; uma longa mesa coberta com um oleado suficientemente engordurado para que um brincalhão externo possa escrever nele o nome, servindo-se do dedo como estilete; cadeiras estropiadas; pequenos capachos dignos de lástima, de espartaria, que está sempre a se desfiar e nunca se acaba; além de miseráveis aquecedores para os pés com as grades quebradas, dobradiças estragadas e madeira já carbonizada. Para explicar o quanto esse mobiliário está velho, rachado, apodrecido, oscilante, carcomido, manco, zarolho, inválido, moribundo, seria necessário fazer uma descrição que retardaria o interesse dessa história e que o leitor apressado não perdoaria. O pavimento de tijolos vermelhos está cheio de depressões devidas ao esfregar e às repetidas pinturas. Reina ali, enfim, a miséria sem poesia; uma miséria econômica, concentrada, gasta, que não tem ainda lodo, mas manchas; que não tem buracos nem andrajos, mas uma podridão envelhecida.

Essa peça adquire todo seu esplendor no momento em que, pelas sete horas da manhã, o gato da sra. Vauquer precede sua dona, salta sobre os armários, fareja o leite contido em várias tigelas cobertas com pratos e faz ouvir seu rom-rom matinal. Logo depois aparece a viúva, enfeitada com uma touca de filó da qual sai um coque de cabelos postiços malposto, arrastando os chinelos rotos. Seu rosto avelhantado, gorducho, do meio do qual sai um nariz em bico de papagaio, as mãozinhas rechonchudas, o corpo roliço como o de um rato de igreja, o busto amplo e oscilante estão em harmonia com essa sala que ressuma desgraça, onde se acaçapa a especulação e cujo ar calidamente fétido a sra. Vauquer respira sem enfado. Seu rosto frio como a primeira geada do outono, seus olhos enrugados, cuja expressão passa do sorriso prescrito às bailarinas à amarga carranca do agiota, toda sua pessoa, enfim, explica a pensão, como a pensão implica sua pessoa. Não há galé sem guarda, não se imaginaria uma sem o outro. A gordura baça

dessa mulherzinha é o produto dessa vida, como o tifo é a consequência das exalações de um hospital. Sua saia de baixo, de malha de lã, que aparece sob o velho vestido reformado e cujos chumaços saem pelos rasgões do forro cheio de fendas, resume a sala de estar, a sala de refeições e o jardinzinho, anuncia a cozinha e faz pressentir os pensionistas. Quando ela está lá, o espetáculo é completo. Aos cinquenta anos de idade, mais ou menos, a sra. Vauquer assemelha-se a todas as mulheres que tiveram infortúnios. Tem o olhar vidrado, a expressão inocente de uma alcoviteira que se agasta para se fazer pagar mais caro, mas, por outro lado, parece disposta a tudo para amenizar a sorte, a entregar Georges[9] ou Pichegru[10] se Georges ou Pichegru ainda estivessem em condições de serem entregues. Não obstante, é *no fundo, uma boa mulher*, dizem os pensionistas, que a julgam pobre ao ouvi-la gemer e tossir como eles. Quem fora o sr. Vauquer? Nunca ela se manifestava a respeito do falecido. Como perdera a fortuna? — Em infelicidades — respondia ela. Conduzira-se mal com ela e não lhe deixara mais que os olhos para chorar, aquela casa para viver e o direito de não se compadecer de nenhuma desgraça, porque — dizia ela — sofrera tudo quanto é possível sofrer.

Quando ouvia o caminhar da patroa, a gorda Sílvia, a cozinheira, apressava-se a servir o almoço aos pensionistas internos. Geralmente, os pensionistas externos se inscreviam apenas para o jantar, que custava trinta francos por mês. Na época em que esta história começa, os internos eram em número de sete. O primeiro andar continha os melhores aposentos da casa. A sra. Vauquer ocupava o menor, e o outro pertencia à sra. Couture, viúva de um comissário ordenador da República francesa. Tinha consigo uma moça muito jovem, chamada Vitorina Taillefer, a quem ela servia de mãe. A pensão das duas mulheres era de mil e oitocentos francos. Os dois aposentos do segundo andar eram ocupados, um, por um ancião chamado Poiret; o outro, por um homem de cerca de quarenta anos, que usava uma peruca preta, tingia as suíças, dizia-se antigo negociante e se chamava Vautrin. O terceiro andar compunha-se de quatro quartos, dois dos quais estavam alugados, um a uma solteirona chamada srta. Michonneau; o outro, a um antigo fabricante de talharim, massas para

sopa e amido, que se deixava chamar o pai Goriot. Os dois outros quartos eram destinados às aves de arribação, a esses infortunados estudantes que, como o pai Goriot e a srta. Michonneau, não podiam gastar mais de sessenta francos por mês com casa e comida. A sra. Vauquer, porém, pouco gostava de sua presença e não os aceitava senão quando não achava coisa melhor: eles comiam muito pão. Nesse momento, um desses dois quartos estava ocupado por um rapaz chegado das redondezas de Angoulême para estudar direito em Paris e cuja numerosa família se sujeitava às mais duras privações a fim de poder enviar-lhe mil e duzentos francos por ano. Eugênio de Rastignac, [11] assim se chamava ele, era um desses rapazes habituados ao trabalho pela necessidade, que desde muito cedo compreenderam as esperanças que os pais depositam neles e que se preparam para uma bela carreira, calculando desde o início o alcance de seus estudos e adaptando-os de antemão às tendências futuras da sociedade, para serem os primeiros a explorá-la. Sem suas curiosas observações e a habilidade com que ele soube se conduzir nos salões de Paris, esta narrativa não teria sido colorida com os tons preciosos que ela deve, sem dúvida, a seu espírito sagaz e a seu desejo de desvendar os mistérios de uma situação espantosa, tão cautelosamente oculta pelos que a criaram como pelos que sofrem seus efeitos.

Por cima do terceiro andar havia um telheiro para estender a roupa e duas mansardas onde dormiam um criado, chamado Cristóvão, e a gorda Sílvia, a cozinheira. Além dos sete pensionistas internos, a sra. Vauquer tinha, um ano pelo outro, oito estudantes de direito ou medicina e dois ou três fregueses que moravam no bairro, que ali apenas jantavam. A sala continha, ao jantar, dezoito pessoas e podia admitir vinte; pela manhã, porém, só apareciam os sete locatários, cuja reunião oferecia, durante o almoço, o aspecto de uma refeição em família. Desciam de chinelos, permitiam-se observações confidenciais a propósito das roupas ou da expressão dos externos e sobre os acontecimentos da tarde precedente, exprimindo-se com a confiança da intimidade. Esses sete pensionistas eram os prediletos da sra. Vauquer, que media, com uma precisão de astrônomo, os cuidados e as considerações que lhes dispensava de acordo com a mensalidade que

pagavam. Idêntica consideração afetava esses seres reunidos pelo acaso. Os dois hóspedes do segundo andar pagavam apenas setenta e dois francos por mês. Essa pechincha, que só se encontra no Faubourg Saint-Marceau, entre a Bourbe[12] e a Salpêtrière[13] e à qual apenas a sra. Couture fazia exceção, mostra que esses pensionistas deviam viver sob o peso de infortúnios mais ou menos aparentes. O espetáculo desolador que oferecia o interior da casa se repetia, do mesmo modo, nas roupas dos moradores, igualmente arruinados. Os homens usavam sobrecasacas cuja cor se tornara problemática, sapatos como os que se jogam ao lixo nos bairros elegantes, roupa branca muito puída, vestes de que só ficava a alma. As mulheres trajavam vestidos fora da moda, tingidos várias vezes, desbotados, velhas rendas consertadas, luvas lustrosas pelo uso, golas encardidas e fichus desfiados. Quase todos, porém, mostravam corpos robustos, constituições que haviam resistido às tempestades da vida, fisionomias frias, duras, apagadas como as do dinheiro recolhido, bocas murchas, mas armadas de dentes ávidos. Esses pensionistas faziam pressentir dramas terminados ou em andamento; não eram, porém, desses dramas representados à luz da ribalta, entre cenários de lona, mas dramas vivos e silenciosos, dramas gelados que faziam escaldar o coração, dramas contínuos. A velha srta. Michonneau usava sobre os olhos fatigados uma pala de tafetá verde, mantida em forma por um fio de arame, capaz de amedrontar o anjo da Piedade. Seu xale de franjas finas e choronas parecia cobrir um esqueleto, tão angulosas eram as formas que ocultava. Que ácido despojara aquela criatura de suas formas femininas? Era fácil perceber que fora bela e bem-feita de corpo. Era aquilo obra do vício, do desgosto, da ambição? Amara muito? Fora adeleira ou apenas cortesã? Expiaria os triunfos de uma mocidade insolente, diante da qual se haviam arrojado os prazeres, por uma velhice que espantava os transeuntes? Seu olhar claro enregelava, sua fisionomia encarquilhada ameaçava. Tinha a voz estridente da cigarra gritando em sua moita ao aproximar-se o inverno. Dizia ter cuidado de um velho que sofria de catarro da bexiga, abandonado pelos filhos, que o haviam julgado sem recursos. Esse ancião lhe deixara mil francos de renda vitalícia, periodicamente disputados pelos herdeiros, que a perseguiam com

calúnias. Embora a passagem das paixões lhe tivesse devastado a fisionomia, ainda se podiam encontrar nela certos vestígios de uma alvura e de uma delicadeza de pele que permitiam supor que o corpo conservava alguns restos de beleza.

O sr. Poiret era uma espécie de autômato. Vendo-o passar como uma sombra cinza ao longo de uma alameda do Jardin-des-Plantes, a cabeça coberta com um gorro mole, mal segurando a bengala com castão de marfim amarelado, deixando flutuar as abas enrugadas da sobrecasaca que ocultava uns calções quase vazios e pernas metidas em meias azuis que tremiam como as de um ébrio, mostrando um colete branco sujo e um peitilho de grossa musselina enrugada, que se unia imperfeitamente à gravata enrolada em volta de seu pescoço de peru, muitos perguntavam se essa sombra chinesa pertencia mesmo à audaciosa raça dos filhos de Jafé[14] que perambulam pelo Boulevard des Italiens. Que trabalho poderia tê-lo encarquilhado assim? Que paixão teria escurecido seu rosto bolboso que, desenhado em caricatura, parecia inverossímil? Que fora ele? Talvez empregado no Ministério da Justiça, no escritório ao qual os carrascos enviam seus relatórios de despesas, a conta dos fornecedores de véus negros para os parricidas, de serragem para os cestos, de cordel para os cutelos. Ou então cobrador à porta de um matadouro ou ainda subinspetor da Limpeza Pública. Esse homem parecia, em suma, ter sido uma das bestas do nosso grande moinho social, um desses Ratons parisienses que nem mesmo conhecem seus Bertrands,[15] algum eixo sobre o qual haviam girado os infortúnios ou as imundícies públicas, enfim, um desses homens dos quais dizemos, ao vê-los: *É preciso que também haja disso*. A bela Paris ignora esses vultos empalidecidos pelos sofrimentos morais e físicos. Paris é um verdadeiro oceano. Sondai-o, jamais conhecereis sua profundidade. Percorrei-o, descrevei-o: por maiores cuidados que empregardes em percorrê-lo, em descrevê-lo; por mais numerosos e interessados que sejam os exploradores desse mar, sempre haverá nele um lugar virgem, um antro desconhecido, flores, pérolas, monstros, qualquer coisa inaudita, esquecida pelos mergulhadores literários. A Casa Vauquer é uma dessas curiosas monstruosidades.

Duas figuras formavam ali um contraste chocante no conjunto dos pensionistas e frequentadores. Embora a srta. Vitorina Taillefer tivesse uma brancura mórbida semelhante à das moças atacadas de clorose e se tivesse ajustado ao sofrimento coletivo, que constituía o fundo desse quadro, por uma tristeza habitual, por uma postura contrafeita, por uma expressão miserável e mesquinha, seu rosto, entretanto, não era velho, os movimentos e a voz eram ágeis. Essa desgraçada jovem parecia um arbusto de folhas amareladas, recentemente plantado num terreno árido. Sua fisionomia arruivada, seus cabelos de um louro fulvo, seu corpo muito delgado expremiam essa graça que os poetas modernos encontravam nas estatuetas da Idade Média. Seus olhos castanho-escuros eram cheios de doçura e de resignação cristã. Suas vestes, singelas e baratas, denunciavam formas magras, mas jovens. Era bela por justaposição. Feliz, teria sido encantadora: a felicidade é a poesia das mulheres, como o vestuário é seu adorno. Se a alegria de um baile tivesse projetado seus reflexos rosados sobre seu rosto pálido; se as doçuras de uma vida elegante tivessem enchido e corado suas faces já ligeiramente escavadas; se o amor tivesse reanimado seus olhos tristes, Vitorina teria podido competir com as mais belas moças. Faltava-lhe aquilo que cria pela segunda vez a mulher: os enfeites e as cartas de namorado. Sua história daria assunto para um livro. Seu pai acreditava ter razões para não reconhecê-la, recusava-se a conservá-la junto de si, não lhe dava mais que seiscentos francos por ano e alterara a natureza de seus bens a fim de poder transmiti-los inteiramente ao filho. Parente afastada da mãe de Vitorina, que morrera de desespero em sua casa, a sra. Couture cuidava da órfã como de uma filha. Infelizmente, a viúva do comissário ordenador do exército da República, que não possuía no mundo mais que seu dote e sua pensão, teria de abandonar um dia a pobre moça, sem experiência e sem recursos, à mercê do mundo. A boa senhora levava Vitorina à missa todos os domingos e à confissão todas as quinzenas, a fim de torná-la, a todo o transe, uma moça piedosa. E tinha razão. Os sentimentos religiosos ofereciam um futuro àquela moça desamparada que amava o pai e que todos os anos se dirigia à casa dele para levar-lhe o perdão de sua mãe, mas que, todos os anos, batia inutilmente à porta paterna,

inexoravelmente fechada. Seu irmão, seu único medianeiro, não fora visitá-la uma única vez em quatro anos e não lhe enviava auxílio algum. Ela implorava a Deus que abrisse os olhos de seu pai, enternecesse o coração do irmão, e rezava por eles sem acusá-los. As sras. Couture e Vauquer não encontravam palavras suficientes no dicionário das injúrias para qualificar essa conduta bárbara. Quando elas amaldiçoavam o infame milionário, Vitorina murmurava palavras doces, semelhantes ao canto do pombo ferido, cujo grito de dor ainda exprime amor.

Eugênio de Rastignac tinha um rosto tipicamente meridional, tez clara, cabelos pretos, olhos azuis. No porte, nas maneiras e na atitude habitual, revelava-se o filho de uma família nobre, cuja primeira educação não encerra mais que tradições de bom gosto. Embora poupado quanto às roupas, usando nos dias comuns os trajes velhos do ano passado, podia, contudo, sair algumas vezes trajado como um rapaz elegante. Usava ordinariamente uma velha sobrecasaca, um mau colete, a detestável gravata preta de estudante, enrugada e mal atada, calças em harmonia com o resto e sapatos consertados.

Entre essas duas personagens e os demais, Vautrin, o homem de quarenta anos, de suíças tingidas, servia de transição. Era uma dessas criaturas de quem o povo diz: aí está um grande sabido! Tinha espáduas largas, busto bem desenvolvido, músculos salientes, mãos grandes, espessas, mostrando nas falanges tufos de pelos de um ruivo ardente. O rosto, sulcado de rugas prematuras, oferecia sinais de dureza, que eram desmentidos por suas maneiras brandas e afáveis. Sua voz de baixo, em harmonia com sua exuberante alegria, não desagradava. Era prestativo e divertido. Se alguma fechadura funcionava mal, logo ele a desmontava, consertava, azeitava, limava, punha a funcionar novamente, dizendo: disso eu entendo! Na verdade, conhecia tudo, navios, o mar, a França, o estrangeiro, os negócios, os homens, os acontecimentos, as leis, os hotéis e as prisões. Se alguém se queixava excessivamente, logo ele lhe oferecia seus serviços. Muitas vezes emprestara dinheiro à sra. Vauquer e a alguns pensionistas; seus devedores, porém, prefeririam morrer a não reembolsá-lo, tamanho era o temor que, apesar de seu ar folgazão, ele inspirava por um certo

olhar profundo e cheio de decisão. Pela maneira como lançava um jato de saliva, revelava um sangue-frio imperturbável que faria com que não recuasse diante de um crime para sair de uma situação equívoca. Como um juiz severo, seu olhar parecia ir ao fundo de todas as questões, de todas as consciências, de todos os sentimentos. Seus hábitos consistiam em sair após o almoço, voltar para o jantar, desaparecer depois e recolher-se pela meia-noite, com o auxílio de uma chave mestra que a sra. Vauquer lhe confiara. Era o único que gozava desse favor. Era, também, o que vivia em melhores relações com a viúva, a quem chamava mamã, segurando-a pela cintura, gesto carinhoso que era pouco compreendido! A boa mulher julgava que a coisa ainda era fácil, mas Vautrin era o único que tinha os braços suficientemente longos para enlaçar aquela pesada circunferência. Um traço de seu caráter era pagar generosamente quinze francos pelo ponche de café e aguardente que tomava à sobremesa. Pessoas menos superficiais que esses rapazes, arrastados pelos turbilhões da vida parisiense, ou esses velhos, indiferentes ao que não lhes dizia respeito diretamente, não teriam ficado inativos ante a impressão suspeita que lhes causava Vautrin. Ele conhecia ou descobria os negócios dos que o cercavam, ao passo que ninguém podia penetrar em seus pensamentos nem em suas ocupações. Embora tivesse erguido sua aparente bonomia, sua constante condescendência e sua alegria como uma barreira entre si e os outros, muitas vezes deixava perceber a espantosa profundidade de seu caráter. Frequentemente, uma facécia digna de Juvenal,[16] e pela qual parecia divertir-se em ridicularizar as leis, criticar a alta sociedade e convencê-la de inconsequência consigo mesma, permitia supor que ele guardava algum rancor contra o estado social e que possuía, no fundo de sua existência, um mistério cuidadosamente escondido.

Atraída, talvez involuntariamente, pela força de um e pela beleza do outro, a srta. Taillefer repartia seus olhares furtivos e seus pensamentos secretos entre o quarentão e o jovem estudante. Nenhum deles, porém, parecia preocupar-se com ela, muito embora, de um dia para outro, o acaso pudesse alterar sua posição e transformá-la num rico partido. Nenhuma daquelas pessoas, por outro lado, se dava ao

trabalho de verificar se os infortúnios que as outras alegavam eram falsos ou verdadeiros. Tinham todas, umas pelas outras, uma indiferença misturada a desconfiança, que resultava de suas respectivas situações. Sabiam-se impotentes para mitigar suas penas e tinham todas, ao contá-las, esgotado a taça das condolências. Como velhos esposos, nada mais tinham a se dizer. Não restava entre elas mais que as relações de uma vida automática, o funcionamento de engrenagens sem óleo. Deviam todas cruzar indiferentes por um cego, escutar sem emoção a narração de um infortúnio e ver na morte a solução de um problema de miséria que as tornava insensíveis à mais terrível agonia. A mais feliz dessas almas desoladas era a sra. Vauquer, que imperava nesse asilo privado. Somente para ela o pequeno jardim, que o silêncio e o frio, a aridez e a umidade faziam grande como uma estepe, parecia um aprazível arvoredo. Somente para ela aquela casa amarela e soturna, que tresandava o azinhavre do balcão, encerrava delícias. Pertenciam-lhe aquelas masmorras. Alimentava aqueles forçados condenados a penas perpétuas, exercendo sobre eles uma autoridade respeitada. Onde teriam aqueles infelizes encontrado, em Paris, pelo preço que ela cobrava, alimentos sãos, abundantes e um quarto que eles tinham o direito de tornar, se não elegante ou cômodo, pelo menos limpo e salubre? Se ela se tivesse permitido uma injustiça clamorosa, a vítima a teria suportado sem queixa.

Tal reunião devia oferecer, e oferecia, em miniatura, os elementos de uma sociedade completa. Entre os dezoito convivas havia, como nos colégios, como no mundo, uma pobre criatura desprezada, um saco de pancadaria sobre quem choviam todas as brincadeiras. No começo do segundo ano, essa figura constituiu, para Eugênio de Rastignac, a mais saliente de todas aquelas no meio das quais estava condenado a viver ainda durante dois anos. Essa vítima era o antigo fabricante de massas, o pai Goriot, sobre cuja cabeça um pintor, como o historiador, teria feito recair toda a luminosidade do quadro. Por que acaso esse desprezo meio odioso, essa perseguição misturada a piedade, essa falta de respeito pela desgraça haviam desabado sobre o mais antigo pensionista? Ele mesmo os teria provocado por um desses ridículos ou dessas singularidades o que perdoamos menos que os vícios? Essas

questões relacionam-se de perto com muitas injustiças sociais. Talvez seja próprio da natureza humana fazer tudo suportar a quem tudo tolera, por verdadeira humildade, por fraqueza ou por indiferença. Não gostamos, todos nós, de comprovar nossa força à custa de alguém ou de alguma coisa? O mais fraco de todos os seres, o garoto vadio, toca a campainha de todas as portas quando cai neve ou ergue-se nas pontas dos pés para rabiscar seu nome num monumento virgem.

O pai Goriot, ancião de cerca de sessenta e nove anos, fora morar na casa da sra. Vauquer em 1813, após ter abandonado a atividade comercial. Tomara, ao chegar, o apartamento agora ocupado pela sra. Couture e pagava, então, mil e duzentos francos de pensão, como um homem para quem cinco luíses a mais ou a menos eram uma ninharia. A sra. Vauquer melhorara os três quartos desse apartamento mediante uma indenização prévia que, segundo se diz, teria pago o preço de um péssimo mobiliário composto de cortinas de algodão amarelo, poltronas de madeira envernizada estofadas com veludo de Utrecht, algumas pinturas malfeitas e papéis indignos de uma taberna de arrabalde. Talvez a displicente generosidade com que se deixou lograr o pai Goriot, que nessa época era respeitosamente chamado de sr. Goriot, tenha feito com que o considerassem um imbecil que nada entendia de negócios. Goriot chegou munido de um guarda-roupa abundante, o magnífico enxoval de um negociante que não quer se privar de nada ao retirar-se do comércio. A sra. Vauquer admirara dezoito camisas de meia-holanda, cuja finura era ainda mais notável porque o fabricante de massas usava no peitilho dois alfinetes, unidos por uma correntinha e cada um dos quais tinha engastado um grande diamante. Habitualmente vestido com um traje azul-claro, usava todos os dias um colete de piquê branco, sob o qual flutuava seu ventre piriforme e proeminente, que punha em destaque uma pesada corrente de ouro cheia de berloques. Sua tabaqueira, igualmente de ouro, continha um medalhão cheio de cabelos que o tornavam aparentemente culpável de algumas aventuras amorosas. Quando sua hospedeira o acusou de *namorador*, ele deixou errar sobre os lábios o alegre sorriso do burguês lisonjeado no seu fraco. Seus *almários* (ele pronunciava essa palavra à maneira da arraia-miúda) encheram-se

com a numerosa prataria que trouxera de casa. Os olhos da viúva acenderam-se ao ajudá-lo prazenteiramente a desencaixotar e a pôr em ordem as conchas, as colheres de servir, os talheres, galhateiros, molheiras, vários pratos, aparelhos de chá de prata dourada, enfim, peças mais ou menos belas, pesando um certo número de marcos e de que ele não se queria desfazer, porque eram presentes que lhe recordavam as solenidades de sua vida doméstica.

— Isto — disse à sra. Vauquer, apertando contra o peito um prato e uma tigelinha cuja tampa representava duas pombas beijando-se — é o primeiro presente que minha mulher me deu, no dia de nosso aniversário. Pobrezinha! Guardou suas economias de solteira para comprá-la. Veja, eu preferiria cavar a terra com as unhas a separar-me disto. Graças a Deus! Poderei tomar meu café nesta tigela todas as manhãs, durante o resto dos meus dias. Não tenho de que me queixar, estou com meu pão garantido por muito tempo.

Finalmente, a sra. Vauquer viu muito bem, com seu olho de pega, algumas inscrições do Estado que, vagamente somadas, asseguravam ao excelente Goriot uma renda de oito a dez mil francos. Desde esse dia, a sra. Vauquer, nascida de Conflans, que tinha então quarenta e oito anos feitos e não admitia mais que trinta e nove, passou a ter certas ideias. Embora os olhos de Goriot estivessem sempre vermelhos, inchados, lacrimosos, o que o obrigava a enxugá-los frequentemente, ela o achou com uma expressão agradável e distinta. Além disso, suas panturrilhas musculosas, salientes, prognosticavam, como seu longo e volumoso nariz, qualidades morais que a viúva muito apreciava e que eram confirmadas pelo rosto lunar e ingenuamente simples do velhote. Devia ser um animal de sólida constituição, capaz de gastar em afeição todo o seu espírito. Seus cabelos em asas de pombo, que o cabeleireiro da Escola Politécnica vinha empoar todas as manhãs, desenhavam cinco pontas sobre sua testa fina e ornavam-lhe o rosto. Embora um pouco rústico, vestia-se com tamanho apuro, tomava tão elegantemente o rapé e o aspirava como um homem seguro de ter sempre a tabaqueira cheia de macuba[17] que, no dia em que o sr. Goriot se instalou em sua casa, a sra. Vauquer foi deitar-se assando-se, como uma perdiz com as penas, ao fogo do desejo que a assaltou de

deixar a mortalha do Vauquer para renascer com Goriot. Casar-se, vender a pensão, dar o braço a essa fina flor da burguesia, tornar-se uma senhora respeitável no bairro, pedir esmolas para os pobres, fazer pequenos passeios dominicais a Choisy, Soissy, Gentilly; ir ao teatro a seu bel-prazer, em camarote, sem esperar as entradas de favor que alguns pensionistas lhe davam, no mês de julho... Sonhou com todo o eldorado das pequenas famílias parisienses. Ela não revelara a ninguém que possuía quarenta mil francos, economizados soldo a soldo. Julgava-se, assim, no que se referia à fortuna, um bom partido.

— Quanto ao resto, valho tanto como ele! —, disse para si mesma, voltando-se no leito, como para certificar-se dos encantos que a gorda Sílvia via todos os dias amoldados em depressões no colchão.

Desde esse dia, durante cerca de três meses, a viúva Vauquer serviu-se do cabeleireiro do sr. Goriot e fez algumas despesas em vestidos, justificadas pela necessidade de dar à casa um certo decoro em harmonia com as respeitáveis personagens que a frequentavam. Empregou todos os meios para melhorar a categoria de seus pensionistas, alardeando a pretensão de não aceitar, daí por diante, senão pessoas das mais distintas sob todos os aspectos.

Se aparecia um estranho, ela exaltava a preferência que o sr. Goriot, um dos negociantes mais notáveis e mais respeitáveis de Paris, lhe havia conferido. Distribuiu prospectos em cujo cabeçalho se lia: Casa Vauquer. Era, dizia ela, uma das mais antigas e estimadas pensões burguesas do mundo latino. Oferecia uma vista das mais agradáveis sobre o vale dos Gobelins (podia ser visto do terceiro andar) e um encantador jardim, ao fundo do qual se estendia uma alameda de tílias. Falava, ainda, do ar puro e da solidão que o jardim proporcionava. Esse prospecto trouxe para sua casa a condessa d'Ambermesnil, mulher de trinta e seis anos que esperava o fim da liquidação e da regularização de uma pensão que lhe era devida, na qualidade de viúva de um general morto nos campos de batalha. A sra. Vauquer passou a cuidar da mesa, acendeu o fogo nas salas durante quase seis meses e cumpriu as promessas dos prospectos tão bem que até fez despesas. A condessa dizia à sra. Vauquer, chamando-a de *querida amiga*, que procuraria levar para lá a baronesa de Vaumerland e a viúva do conde

Picquoiseau, duas amigas que iam completar três meses de permanência numa pensão do Marais[18] mais cara que a Casa Vauquer. Aquelas senhoras, além disso, ficariam muito desafogadas, quando os escritórios da guerra tivessem terminado seu trabalho.

— Mas — acrescentava ela —, os escritórios não terminam nunca.

As duas viúvas, após o jantar, subiam juntas ao quarto da sra. Vauquer e lá ficavam a tagarelar bebendo cassis e comendo gulodices, reservadas à boca da dona da casa. A sra. d'Ambermesnil aprovou entusiasticamente as pretensões de sua hospedeira, relativamente ao sr. Goriot, excelentes pretensões que, aliás, havia percebido desde o primeiro dia. Considerava-o um homem perfeito.

— Ah! Minha querida senhora, um homem são como meu olho — dizia-lhe a viúva —, um homem perfeitamente conservado e que ainda pode dar muito prazer a uma mulher.

A condessa fez generosamente observações à sra. Vauquer sobre seu vestuário, que não estava em harmonia com suas aspirações.

— Precisa colocar-se em pé de guerra — disse-lhe.

Após muitos cálculos, as duas viúvas foram juntas ao Palais-Royal,[19] onde compraram, nas Galerias de Madeira,[20] um chapéu de plumas e uma touca. A condessa levou a viúva à loja da Pequena Jeannette, na qual escolheram um vestido e um xale. Quando essas munições foram postas em uso e a viúva se viu de armas na mão, ficou perfeitamente parecida com a tabuleta do Boeuf à la mode.[21] Apesar disso, ela se considerou tão melhorada que se sentiu obrigada para com a condessa e, embora pouco amiga de dar, pediu-lhe que aceitasse um chapéu de vinte francos. Ela tinha em vista, na verdade, pedir-lhe o serviço de sondar o sr. Goriot e de elogiá-la diante dele. A sra. d'Ambermesnil prestou-se muito amavelmente a essa manobra e assediou o velho fabricante de massas, conseguindo ter uma conferência com ele; mas, após tê-lo achado pudibundo, para não dizer refratário às tentativas que lhe sugeriu seu desejo particular de seduzi-lo por conta própria, ela saiu revoltada com sua grosseria.

— Meu anjo — disse ela à querida amiga —, não tirarás nada daquele homem! Ele é de uma desconfiança ridícula, um usurário, um animal, um tolo, que só te dará desgostos.

Houve entre o sr. Goriot e a sra. d'Ambermesnil tais coisas que a própria condessa não quis mais encontrar-se a sós com ele. No dia seguinte, ela partiu, esquecendo-se de pagar seis meses de pensão e deixando um vestido velho avaliado em cinco francos. Por maiores esforços que a sra. Vauquer tivesse empregado em suas buscas, não pôde obter nenhuma informação em Paris sobre a condessa d'Ambermesnil. Falava frequentemente no deplorável acontecimento, queixando-se de seu excesso de confiança, embora fosse mais desconfiada que uma gata. Assemelhava-se, na verdade, a muita gente, que desconfia dos parentes e cai nas mãos do primeiro que chega. Fato moral, estranho mas verdadeiro, cuja origem é fácil encontrar no coração humano. Certas pessoas chegam a ponto de nada mais terem a ganhar junto àqueles com que vivem, pois tendo-lhes mostrado o vazio de sua alma, sentem-se secretamente julgadas por eles com uma severidade merecida; experimentando, porém, uma invencível necessidade de lisonjas, de que foram privadas ou devoradas pelo desejo de parecer possuir qualidades que não têm, esperam surpreender a estima ou o coração dos que lhes são estranhos, com o risco de perderem um dia todo o prestígio. Enfim, há indivíduos que nascem mercenários, que não fazem bem algum aos amigos ou aos parentes, justamente porque têm o dever de fazê-lo; ao passo que, prestando serviços a desconhecidos, tiram lucros para seu amor-próprio: quanto mais próximo deles está seu círculo de afeições, menos o amam; quanto mais se distanciam, mais serviçais se tornam. A sra. Vauquer reunia, sem dúvida, essas duas naturezas essencialmente mesquinhas, falsas, execráveis.

— Se eu estivesse aqui — dizia-lhe então Vautrin — não lhe teria acontecido essa desgraça! Eu teria desmascarado aquela impostora. Conheço-as pela *cara*.

Como todos os espíritos estreitos, a sra. Vauquer tinha o hábito de não se afastar do círculo dos acontecimentos e de não julgar suas causas. Gostava de responsabilizar os outros por suas próprias faltas. Quando ocorreu esse prejuízo, ela considerou o honesto fabricante de massas a causa de seu infortúnio e começou, desde então, dizia ela, a perder as ilusões a seu respeito. Quando reconheceu a inutilidade de

suas provocações e das despesas de representação, não tardou em descobrir a razão desse fato. Percebeu, então, que seu pensionista tinha, segundo sua expressão, certas manias. Comprovou, por fim, que sua esperança tão docemente acariciada repousava sobre uma base quimérica e que nada conseguiria daquele homem, segundo a enérgica expressão da condessa, que parecia conhecedora. Foi, assim, mais longe na aversão do que o fora na amizade. Seu ódio não estava em razão de seu amor, mas de suas esperanças desfeitas. Se o coração humano se concede repouso, enquanto escala os cimos da afeição, raramente se detém no declive íngreme dos sentimentos de ódio. O sr. Goriot, porém, era seu pensionista, e a viúva foi forçada a reprimir as explosões de seu amor-próprio ferido, a sepultar os suspiros que a decepção lhe causou, a devorar seus desejos de vingança, como um frade vexado por seu prior. Os espíritos mesquinhos satisfazem seus sentimentos, bons ou maus, por mesquinhezas incessantes. A viúva empregou sua malícia de mulher em planejar surdas perseguições contra sua vítima. Começou por suprimir as coisas supérfluas que introduzira na pensão.

— Basta de pepinos e de anchovas! Isso é bobagem! — disse a Sílvia, no dia em que restabeleceu o antigo programa.

O sr. Goriot, porém, era um homem frugal, em quem a parcimônia, necessária aos homens que construíram sua própria fortuna, degenerara em hábito. A sopa, o cozido e um prato de legumes haviam sido e continuariam a ser sempre seu jantar predileto. Foi difícil, assim, à sra. Vauquer, atormentar o hóspede, cujos gostos não conseguia contrariar em nada. Perdendo as esperanças de surpreender em falta um homem inatacável, pôs-se a desconsiderá-lo e fez com que partilhassem de sua aversão pelo sr. Goriot os demais pensionistas que, por brincadeira, cooperaram para sua vingança. No fim do primeiro ano, a viúva chegara a tal grau de desconfiança que se perguntava por que esse negociante, com sete a oito mil francos de renda, possuindo uma magnífica prataria e joias tão belas como as de uma cortesã, morava em casa dela, pagando uma pensão tão módica relativamente a sua fortuna. Durante a maior parte desse primeiro ano, Goriot frequentemente jantara fora uma ou duas vezes por semana. Aos

poucos, porém, esses jantares foram se espaçando, até não passarem de dois por mês. Essas ausências do sr. Goriot convinham muito aos interesses da sra. Vauquer, de modo que ela ficou muito descontente com a progressiva pontualidade com que seu pensionista voltou a fazer as refeições na pensão. Essas mudanças foram atribuídas tanto a uma lenta diminuição da fortuna como ao desejo de contrariar a dona da pensão. Um dos hábitos mais detestáveis desses espíritos liliputianos consiste em supor nos outros suas próprias mesquinhezas. Infelizmente, pelo fim do segundo ano, o sr. Goriot justificou os falatórios de que era objeto, pedindo à sra. Vauquer para passar para o segundo andar, a fim de reduzir sua pensão para novecentos francos. Foi obrigado a uma economia tão rigorosa que deixou de acender o fogo do quarto durante o inverno. A viúva Vauquer exigiu pagamento adiantado, com o que o sr. Goriot concordou; desde estão ela passou a chamá-lo de pai Goriot. Puseram-se todos a procurar descobrir as causas dessa decadência. Difícil pesquisa! Como dissera a falsa condessa, o pai Goriot era um sonso, um taciturno. Segundo a lógica das pessoas de cabeça oca, indiscretas todas por não terem senão futilidades para dizer, quem não fala de seus negócios é porque faz maus negócios. O distinto negociante passou, assim, a ser um ladrão, o conquistador transformou-se num velho ridículo. Segundo Vautrin, que por essa época foi morar na Casa Vauquer, o pai Goriot era um indivíduo que jogava na Bolsa e que, segundo uma expressão bastante enérgica da linguagem financeira, traficava com as rendas após se ter arruinado. Outras vezes, consideravam-no um desses jogadores que todas as noites vão arriscar e ganhar dez francos no jogo. Ora julgavam-no um espião a serviço da alta polícia, embora Vautrin pretendesse que ele não era suficientemente astuto para isso. Ora era um avarento que fazia empréstimos a juros exorbitantes; ou, então, um homem que vivia da loteria. Faziam dele tudo quanto o vício, a infâmia e a impotência geram de mais misterioso. Por ignóbeis que fossem, porém, sua conduta ou seus vícios, a aversão que inspirava não ia a ponto de fazer com que o expulsassem: ele pagava sua pensão.

Além disso, tinha uma utilidade. Os pensionistas descarregavam sobre ele seu bom ou mau humor, através de gracejos ou remoques. A

opinião que parecia a mais provável, e que foi geralmente adotada, foi a da sra. Vauquer. Segundo ela, esse homem tão bem conservado, sadio como ele só e com quem ainda se podia ter muito prazer, era um libertino com gostos estranhos. Eis os fatos sobre os quais a viúva Vauquer apoiava suas calúnias. Alguns meses após a partida daquela calamitosa condessa que soubera viver durante seis meses a sua custa, a sra. Vauquer, uma manhã, antes de levantar-se, ouviu na escada o frufru de um vestido de seda e o passo miúdo de uma mulher jovem e ágil que entrou no quarto do sr. Goriot, cuja porta se abrira cautelosamente. Logo depois, a gorda Sílvia foi dizer à patroa que uma moça bela demais para ser honesta, *vestida como uma divindade*, com borzeguins de cetineta sem a menor mancha de lama, se enfiara pela cozinha como uma enguia perguntando-lhe onde ficava o apartamento do sr. Goriot. A sra. Vauquer e a cozinheira ficaram à escuta e surpreenderam várias palavras pronunciadas ternamente durante a visita, que durou algum tempo. Quando o sr. Goriot acompanhou sua dama até a porta, a gorda Sílvia tomou às pressas um cesto e fingiu que ia ao mercado, a fim de seguir o par amoroso.

— Minha senhora — disse à patroa, ao voltar —, o sr. Goriot deve ser tremendamente rico para mantê-las nesse estado. Imagine que na esquina da Estrapade ela subiu numa carruagem formidável que estava a *sua* espera!

Ao jantar, como um raio de sol entrasse pela janela e fosse cair nos olhos do sr. Goriot, a sra. Vauquer levantou-se e foi correr a cortina para que a luz não o incomodasse.

— O senhor é amado pelas mulheres belas, sr. Goriot, e o sol o procura — disse ela, aludindo à visita recebida pela manhã. — Caramba! O senhor tem bom gosto. Ela é muito bonita.

— É minha filha — replicou ele, com uma espécie de orgulho que pareceu aos pensionistas a fatuidade de um velho que guarda as aparências.

Um mês após essa visita, o sr. Goriot recebeu outra. Sua filha, que na primeira vez fora em traje de manhã, chegou após o jantar, vestida para visitas. Os pensionistas, que palestravam na sala de estar, viram uma linda loura, delgada de talhe, graciosa e demasiado distinta para

ser filha de um pai Goriot.

— Duas — disse a gorda Sílvia, que não a reconheceu.

Dias depois, outra moça, alta e bem-feita de corpo, com cabelos pretos e olhar ardente, perguntou pelo sr. Goriot.

— Três! — disse Sílvia.

Essa segunda moça, que na primeira vez também foi visitar o pai pela manhã, voltou alguns dias depois, à noite, em vestido de baile e em carruagem.

— Quatro! — disseram a sra. Vauquer e a gorda Sílvia, que não reconheceram na ilustre senhora vestígio algum da moça singelamente vestida que lá estivera pela manhã, em sua primeira visita.

Goriot ainda pagava mil e duzentos francos de pensão. A sra. Vauquer achou muito natural que um homem rico tivesse quatro ou cinco amantes e louvou sua astúcia de fazê-las passar por filhas. Nem se escandalizou com o fato de ele as levar à Casa Vauquer. Como, porém, essas visitas lhes explicavam a indiferença com que o pensionista a tratava, ela se permitiu, no começo do segundo ano, chamá-lo de *gato velho*. Um dia, porém, quando o pensionista baixara para novecentos francos, ela lhe perguntou insolentemente que pensava ele fazer de sua casa, ao ver descer uma daquelas senhoras. O pai Goriot respondeu-lhe que aquela dama era sua filha mais velha.

— Então o senhor tem trinta e seis filhas? — perguntou azedamente a sra. Vauquer.

— Tenho apenas duas — replicou o pensionista, com a doçura de um homem arruinado que atinge a todas as docilidades da miséria.

No fim do terceiro ano, o pai Goriot reduziu ainda uma vez as despesas, subindo para o terceiro andar e passando a pagar apenas quarenta e cinco francos de pensão por mês. Abandonou o rapé, despediu o cabeleireiro e não empoou mais os cabelos. Quando o pai Goriot apareceu pela primeira vez com os cabelos sem empoar, a dona da pensão deixou escapar uma exclamação de surpresa ao perceber a cor de seus cabelos, que eram de um cinzento sujo e esverdeado. Sua fisionomia, que secretos desgostos haviam insensivelmente tornado cada vez mais triste, parecia a mais desolada de todas as que ornamentavam a mesa; cessou, então, toda a dúvida: o pai Goriot era

um velho libertino, cujos olhos somente haviam sido preservados da maligna influência dos remédios exigidos por sua enfermidade, graças à habilidade de um médico. A cor repugnante de seus cabelos provinha de seus excessos e das drogas que tomava para sustentá-los. O estado físico e moral do velho dava razão a esses disparates. Quando seu enxoval se consumiu, ele comprou fazenda de algodão de catorze soldos a vara para substituir sua bela roupa branca. Os diamantes, a tabaqueira de ouro, a corrente e as joias desapareceram uma a uma. Abandonara o traje azul-claro que vestia habitualmente para usar, inverno e verão, uma casaca de ordinária fazenda marrom, um colete de camurça e calças cinzentas de veludo. Emagreceu; suas panturrilhas murcharam; o rosto, cheio graças à satisfação de uma felicidade burguesa, enrugou-se sob a pele. No quarto ano de sua permanência na rue Neuve-Sainte-Geneviève, já não parecia mais o mesmo. O bom fabricante de massas de sessenta anos e que parecia não ter quarenta, o burguês nédio e sadio, exuberante de estupidez, cuja atitude galhofeira alegrava os transeuntes, que tinha algo de juvenil no sorriso, parecia um septuagenário aparvalhado, trêmulo, aniquilado. Os olhos azuis muito vivos tornaram-se embaciados e pardacentos, ficaram amortecidos, não lacrimejavam mais e a orla vermelha das pálpebras parecia sangrar. A uns causava horror; a outros inspirava compaixão. Alguns jovens estudantes de medicina, notando o caimento de seu lábio inferior e calculando o vértice de seu ângulo facial, declararam-no acometido de cretinismo, após terem-no maltratado sem provocar a menor reação. Uma noite, após o jantar, tendo a sra. Vauquer lhe perguntado em ar de troça: “Então, suas filhas não vêm mais visitá-lo?”, pondo em dúvida sua paternidade, o pai Goriot estremeceu como se a dona da pensão o houvesse cutucado com um ferro.

— Vêm algumas vezes — respondeu com uma voz comovida.

— Ah! Ah! Então ainda as vê algumas vezes — exclamaram os estudantes. — Bravo, pai Goriot!

O velho, porém, não ouviu os gracejos que sua resposta provocou: recaíra num estado meditativo, que os que o observavam superficialmente tomaram por um embotamento senil devido à falta de inteligência. Se o conhecessem bem, talvez tivessem se interessado pelo

problema apresentado por sua situação física e moral; nada, porém, era mais difícil do que isso. Embora fosse fácil saber se Goriot fora realmente fabricante de massas e qual o vulto de sua fortuna, os velhos cuja curiosidade a seu respeito se excitara não saíam do bairro e viviam na pensão como ostras num rochedo. Quanto aos demais, a agitação da vida parisiense fazia com que esquecessem, ao saírem da rue Neuve-Sainte-Geneviève, o pobre ancião de quem zombavam. Para esses espíritos acanhados, como para aqueles rapazes displicentes, a seca miséria do pai Goriot e sua estúpida atitude eram incompatíveis com uma fortuna e uma capacidade qualquer. Quanto às mulheres que ele afirmava serem suas filhas, todos partilhavam a opinião da sra. Vauquer, que dizia, com a lógica severa que o hábito de se intrometerem em tudo dá às velhas que passam os serões a tagarelar:

— Se o pai Goriot tivesse filhas tão ricas como parecem ser todas as senhoras que têm vindo visitá-lo, ele não moraria em minha casa, no terceiro andar, pagando quarenta e cinco francos por mês, nem se vestiria como um mendigo.

Nada podia desmentir essas induções. Assim, no fim de novembro de 1819, época em que explodiu este drama, todos na pensão tinham uma opinião formada sobre o pobre velho: ele nunca tivera filha nem esposa; o abuso dos prazeres fizera dele um caracol, um molusco antropomorfo a ser classificado nos *casquetíferos*, como dizia um empregado do museu, freguês do jantar. Comparado a Goriot, Poiret era uma águia, um cavalheiro. Poiret falava, argumentava, respondia; é verdade que nada dizia ao falar, argumentar e responder, pois tinha o hábito de repetir em termos diferentes o que os outros diziam; mesmo assim, porém, contribuía para a palestra, era ativo, parecia sensível; ao passo que o pai Goriot — dizia ainda o funcionário do museu — estava constantemente a zero Réaumur.[22]

Eugênio de Rastignac atingira essa disposição de espírito que devem ter conhecido os rapazes superiores ou aqueles a quem uma posição difícil comunica momentaneamente as qualidades dos homens de escol. Durante seu primeiro ano de permanência em Paris, o pouco trabalho exigido pelas matérias do começo do curso da faculdade o havia deixado livre para saborear as delícias visíveis da Paris material.

Nunca sobra tempo para um estudante, se ele quiser conhecer o repertório de cada teatro, estudar as desembocaduras do labirinto parisiense, conhecer os costumes, aprender a língua e habituar-se aos prazeres particulares da capital, esquadrinhar os bons e maus lugares, frequentar as aulas que agradam, inventariar as riquezas dos museus. O estudante apaixona-se, então, por futilidades que lhe parecem grandiosas. Tem seu grande homem, um professor do Collège de France,[23] pago para manter-se à altura do auditório. Ajeita a gravata, exibe-se para a mulher das primeiras galerias da Opéra Comique, mas, nessas iniciações sucessivas, despoja-se de seu alburno, alarga o horizonte da vida e acaba por conceber a sobreposição das camadas humanas que constituem a sociedade. Começando por admirar as carruagens que desfilam pelos Champs-Élysées, não tarda a invejá-las. Eugênio tinha feito inconscientemente esse aprendizado quando partiu em férias, após ter recebido o diploma de bacharel em letras e em direito. Suas ilusões de criança e suas ideias provincianas haviam desaparecido. Sua inteligência modificada e sua ambição exaltada permitiram-lhe ver claramente as coisas na casa paterna, no seio da família. O pai, a mãe, dois irmãos, duas irmãs e uma tia, cujos haveres consistiam em pensões, viviam nas reduzidas terras de Rastignac. Era uma propriedade cujos rendimentos iam a três mil francos, sujeitos às incertezas das explorações dos vinhedos e da qual, no entanto, era preciso extrair a cada ano mil e duzentos francos para ele. A constatação daquela penúria constante, que generosamente lhe ocultavam, a comparação que foi obrigado a estabelecer entre as irmãs, que lhe pareciam tão belas na infância, e as mulheres de Paris, que concretizavam o tipo de beleza com que sonhava, o futuro incerto dessa família que contava com ele, a parcimoniosa atenção com que viu armazenar os produtos mais insignificantes e o fato de fazerem o vinho para a família com o bagaço do lagar, uma infinidade de circunstâncias que seria inútil consignar aqui, decuplicaram seu desejo de vencer e deram-lhe sede de honrarias. Como acontece às almas grandes, ele quis, em primeiro lugar, dever tudo a seu próprio mérito. Seu espírito, contudo, era eminentemente meridional. E, assim, a execução de suas decisões teria de ser submetida às incertezas que assaltam os moços

em alto-mar, quando não sabem para que lado dirigir suas forças nem sob que ângulo enfunar suas velas. Se, de início, quis lançar-se destemidamente ao trabalho, logo depois, seduzido pela necessidade de fazer relações, notou como as mulheres têm influência na vida social e quis atirar-se à sociedade, para conquistar protetoras naquele meio. Como não as conseguiria um rapaz ardente e espiritual, cujo ardor e cujo espírito eram realçados por um porte elegante e por uma espécie de beleza irrequieta a que são tão sensíveis as mulheres? Surgiram-lhe essas ideias no meio do campo, durante os passeios que fazia alegremente com as irmãs, que o acharam muito mudado. Sua tia, a sra. de Marcillac, que frequentara a corte, conhecera ali as sumidades aristocráticas. Imediatamente o moço ambicioso reconheceu, através das recordações com que a tia o embalara tantas vezes, os elementos de várias conquistas sociais, tão importantes, pelo menos, como as que empreendia na escola de Direito. Interrogou-a sobre os laços de parentesco que ainda se poderiam reatar. Após ter sacudido os ramos da árvore genealógica, a velha fidalga concluiu que, de todas as pessoas que poderiam ser úteis ao sobrinho entre a gente egoísta que constituía seus parentes ricos, a viscondessa de Beauséant[24] seria a mais acessível. Escreveu, assim, à jovem senhora, uma carta no estilo antigo, e entregou-a a Eugênio, dizendo-lhe que se ele conseguisse vencer junto à viscondessa, esta o poria em contato com os demais parentes. Alguns dias após a chegada, Rastignac enviou a carta da tia à sra. de Beauséant. A viscondessa respondeu com um convite para um baile no dia seguinte.

Tal era a situação geral da pensão burguesa no fim de novembro de 1819.

Alguns dias mais tarde, Eugênio, voltando do baile da sra. de Beauséant, entrou em casa por volta das duas horas da madrugada. A fim de recuperar o tempo perdido, o corajoso estudante se prometera, enquanto dançava, estudar até a manhã. Pela primeira vez ia passar a noite em claro no meio do silencioso bairro, pois a fascinação em que ficara ao ver os esplendores da sociedade lhe insuflara uma falsa energia. Não jantara na casa da sra. Vauquer. Os pensionistas puderam, assim, crer que ele não voltaria do baile antes da madrugada,

como acontecera outras vezes ao voltar das festas do Prado[25] ou dos bailes do Odéon,[26] enlameando as meias de seda e acalcanhando os sapatos. Antes de correr o ferrolho da porta, Cristóvão a abrira para dar uma olhadela para a rua. Rastignac chegou nesse momento e pôde subir ao quarto sem fazer ruído, seguido de Cristóvão, que o fazia por dois. Eugênio despiu o traje de baile, calçou as chinelas, vestiu uma velha sobrecasaca, acendeu o fogo de casca de carvalho e preparou-se lestamente para o trabalho, de modo que Cristóvão abafou, com o barulho de seus pesados sapatos, os preparativos pouco ruidosos do rapaz. Eugênio ficou pensativo durante alguns momentos antes de começar a ler os livros de direito. Acabara de reconhecer na viscondessa de Beauséant uma das mulheres mais em evidência em Paris e cuja casa passava por ser a mais agradável do Faubourg Saint-Germain. Era ela, além disso, pelo nome e pela fortuna, uma das sumidades da sociedade aristocrática. Graças à tia de Marcillac, o pobre estudante fora bem recebido naquela casa, sem conhecer o alcance desse favor. Ser admitido nesses salões dourados equivalia a um título de alta nobreza. Aparecendo nessa sociedade, a mais fechada de todas, conquistara o direito de ir a qualquer parte. Deslumbrado pela brilhante assembleia, tendo apenas trocado algumas palavras com a viscondessa, Eugênio contentara-se em distinguir, na multidão das deidades parisienses que ali se acotovelavam, uma dessas mulheres dignas de serem adoradas desde o primeiro momento por um rapaz. A condessa Anastácia de Restaud, alta e esbelta, passava por ter um dos mais belos corpos de Paris. Imaginai grandes olhos negros, mãos magníficas, pés bem talhados, fogo nos gestos, uma mulher que o marquês de Ronquerolles[27] denominava um cavalo puro-sangue. Essa delicadeza de nervos não a privava de outras vantagens: tinha as formas cheias e roliças, sem que pudesse ser acusada de excessiva gordura. *Cavalo puro-sangue*, *mulher de raça*, tais eram as locuções que começavam a substituir os anjos do céu, as figuras ossiânicas,[28] toda a antiga mitologia amorosa repelida pelo dandismo. Para Rastignac, porém, a sra. Anastácia de Restaud foi a mulher desejável. Conseguira incluir-se na lista dos cavalheiros inscritos em seu leque e pudera falar-lhe durante a primeira contradança.

— Onde poderei encontrá-la de novo? — perguntara-lhe bruscamente, com essa violência de paixão que tanto agrada às mulheres.

— No bosque, nos Bouffons,[29] em minha casa, em toda a parte.

E o venturoso meridional apressara-se em ligar-se à deliciosa condessa, tanto quanto é possível a um rapaz ligar-se a uma senhora durante uma contradança e uma valsa. Declarando-se primo da sra. de Beauséant, foi convidado por aquela senhora, que ele tomou por uma fidalga, adquiriu o direito de frequentar-lhe a casa. Pelo último sorriso que ela lhe dirigiu, Rastignac deduziu que devia visitá-la. Teve a sorte de encontrar um homem que não zombava de sua ignorância, defeito moral entre os ilustres insolentes da época, os Maulincourt, os Ronquerolles, os Máximo de Trailles, os de Marsay, os d'Ajuda-Pinto, os Vandenesse,[30] que lá estavam, na glória de sua fatuidade e misturados às mulheres mais elegantes, *lady* Brandon, a duquesa de Langeais, a condessa de Kergarouët, a sra. de Sérisy, a duquesa de Carigliano, a condessa Ferraud, a sra. de Lanty, a marquesa d'Aiglemont, a sra. Firmiani, a marquesa de Listomère, a marquesa d'Espard, a duquesa de Maufrigneuse e as Grandlieu.[31] Foi, assim, uma sorte para o inexperiente estudante encontrar pela frente o marquês de Montriveau, amante da duquesa de Langeais,[32] um general simples como uma criança, que lhe informou que a condessa de Restaud morava à rue du Helder.

Ser jovem, ter sede da sociedade, ter fome de uma mulher e ver abrirem-se para si duas casas! Pôr o pé no Faubourg Saint-Germain, na casa da viscondessa de Beauséant, e o joelho na Chaussée-d'Antin, na casa da condessa de Restaud! Mergulhar num relance nos salões de Paris e sentir-se bastante belo para encontrar neles auxílio e proteção num coração de mulher! Sentir-se suficientemente ambicioso para dar um pontapé na corda tensa sobre a qual é preciso caminhar com a segurança no funâmbulo que não cai e ter como maromba uma mulher encantadora! Com tais pensamentos e diante daquela mulher que se erguia, sublime, diante do fogo da lareira, entre o Código e a miséria, quem não teria, como Eugênio, sondado o futuro por uma meditação, quem não o teria povoado de triunfos? Sua imaginação vadia

antecipava tão intensamente as futuras alegrias que ele já se acreditava junto da sra. de Restaud, quando um suspiro semelhante a um *han* de São José[33] feriu o silêncio da noite e ecoou no coração do rapaz, dando-lhe a impressão do estertor de um moribundo. Ele abriu a porta de leve e, indo ao corredor, percebeu um traço de luz sob a porta do pai Goriot. Eugênio receou que o vizinho estivesse indisposto, aproximou o olho da fechadura, espiou para dentro do quarto e viu o velho ocupado em trabalhos que lhe pareceram tão criminosos que julgou prestar um serviço à sociedade examinando o que estava maquinando, a horas tão tardias, o pretenso fabricante de massas. Realmente, o pai Goriot prendera à travessa de uma mesa virada um prato e uma sopeira de prata dourada, e, passando uma corda em torno deles, apertava-os com tal força que os torcia, evidentemente para transformá-los em barras.

"Peste! Que homem!", pensou Rastignac, ao ver o braço musculoso do velho que, com o auxílio da corda, amassava sem ruído a prata dourada como se fosse uma pasta. "Seria ele um ladrão ou um receptador que, para poder entregar-se mais seguramente a seu negócio, fingia estupidez e impotência e vivia como mendigo?", pensou Eugênio, levantando-se por um momento.

O estudante aplicou novamente o olho ao buraco da fechadura. O pai Goriot, que desenrolara a corda, tomou o bloco de prata, colocou-o sobre a toalha da mesa e fê-lo rolar para transformá-lo numa barra redonda, operação de que se desempenhou com maravilhosa facilidade.

"Parece tão forte como Augusto, rei da Polônia!",[34] pensou Eugênio, quando a barra redonda ficou quase pronta.

O pai Goriot contemplou sua obra com uma expressão tristonha, enquanto lágrimas corriam de seus olhos. Depois, soprou a candeia a cuja luz torcera a prata e Eugênio ouviu-o deitar-se com um suspiro. "É louco", pensou o estudante.

— Pobre criança! — disse o pai Goriot em voz alta.

Ao ouvir essa expressão, Rastignac julgou prudente guardar silêncio sobre o fato e não condenar levianamente o vizinho. Ia reentrar no quarto quando distinguiu, subitamente, um ruído difícil de descrever e que devia ser produzido por homens de chinelos subindo a escada.

Eugênio prestou atenção e ouviu, realmente, o som alternado da respiração de dois homens. Sem ter percebido o rangido da porta nem os passos dos homens, viu, de repente, um débil clarão no segundo andar, no quarto do sr. Vautrin.

“Quantos mistérios se passam numa pensão burguesa!”, pensou.

Desceu alguns degraus, pôs-se à escuta e ouviu o retinir de moedas de ouro. Logo depois apagou-se a luz e as duas respirações se fizeram novamente ouvir, sem que a porta rangesse. Depois, à medida que os dois homens desciam, o ruído foi enfraquecendo.

— Quem é? — perguntou a sra. Vauquer, abrindo a janela do quarto.

— Sou eu que estou entrando, mamã Vauquer — disse Vautrin com sua voz grossa.

“É singular! Cristóvão tinha corrido o ferrolho”, pensou Eugênio, voltando para o quarto. “É preciso estar alerta para saber o que se passa em torno de nós, em Paris.”

Desviado, por esses pequenos acontecimentos, de sua divagação ambiciosamente amorosa, Eugênio lançou-se ao trabalho. Distraído, porém, pelas suspeitas que lhe ocorriam a respeito do pai Goriot e mais distraído ainda pela imagem da sra. de Restaud, que a cada momento se erguia diante dele como a mensageira de um brilhante destino, acabou por deitar-se e dormir profundamente. De dez noites que prometem ao trabalho, os rapazes dão sete ao sono. É preciso ter mais de vinte anos para passar a noite acordado.

Na manhã seguinte, reinava em Paris uma dessas neblinas que a envolvem e escurecem tanto que mesmo as pessoas mais pontuais se enganam sobre a hora. Falta-se aos encontros para negócios. Pensa-se que são oito horas quando o sino bate meio-dia. Eram nove e meia e a sra. Vauquer ainda não se levantara. Cristóvão e a gorda Sílvia, também atrasados, tomavam tranquilamente seu café, preparado com as camadas superiores do leite destinado aos pensionistas e que Sílvia fazia ferver muito tempo, para que a sra. Vauquer não se apercebesse daquele dízimo ilegalmente cobrado.

— Sílvia — disse Cristóvão umedecendo sua primeira torrada —, o sr. Vautrin, que é, apesar de tudo, um bom homem, ainda recebeu duas pessoas aqui esta noite. Mesmo que a patroa desconfie de alguma

coisa, não devemos dizer nada.

— Ele te deu alguma coisa?

— Deu-me os cem soldos de sempre, como para me dizer: "Cala-te!".

— Com exceção dele e da sra. Couture, que não são unhas de fome, os outros gostariam de tirar com a mão esquerda o que nos dão com a direita no dia de Ano-Novo — disse Sílvia.

— E mesmo assim, que é que dão? — resmungou Cristóvão. — Uma miserável moeda de cem soldos. Faz nove anos que o pai Goriot lustra, ele mesmo, os sapatos. Esse pão-duro de Poiret não quer saber de graxa, seria capaz de comê-la antes de passá-la nos sapatos. Quanto a esse fedelho de estudante, dá quarenta soldos. Quarenta soldos não dão nem para as escovas. E, ainda por cima, vende as roupas velhas. Isso é uma choça!

— Ora! — replicou Sílvia, bebendo o café em grandes goles. — Nossos lugares ainda são os melhores do bairro: vive-se bem, aqui. E a propósito do vovô Vautrin, disseram-te alguma coisa?

— Sim. Há dias encontrei na rua um senhor que me perguntou: "Não é na sua casa que mora um homem gordo com as suíças pintadas?". Respondi: "Não, senhor, ele não pinta as suíças. Um homem alegre como ele não tem tempo para isso". Repeti isso ao sr. Vautrin e ele me respondeu: "Muito bem, rapaz! Responde sempre assim. Nada é mais desagradável que deixar que descubram nossas imperfeições. Isso pode nos fazer perder muitos casamentos".

— A mim também, no mercado, perguntaram se eu o via vestir a camisa. É gozado...! Repara! — disse, interrompendo-se. — Já está dando um quarto para as dez na Val-de-Grâce e ainda ninguém se levantou!

— Como não? Saíram todos. A sra. Couture e a menina foram comer o bom Deus em Saint-Etienne às oito horas. O pai Goriot saiu com um pacote. O estudante não voltará antes de terminar a aula, às dez. Vi saírem todos enquanto varria a escada. E por sinal o pai Goriot me deu um encontrão com o embrulho que levava e que era duro como ferro. Que é que faz esse homem? Os outros divertem-se com ele como se fosse uma peteca, mas é um bom homem e vale mais que eles. Não dá

grande coisa: mas as mulheres em cujas casas ele me manda, escorregam às vezes gorjetas formidáveis e se vestem que é uma beleza.

— Essas que ele diz que são suas filhas, hein? São umas doze...

— Só fui à casa de duas. São as mesmas que têm vindo aqui. — A patroa já está se mexendo. Vai começar o barulho: preciso ir lá. Cuida do leite, Cristóvão, por causa do gato.

Sílvia subiu ao quarto da patroa.

— Como é isso, Sílvia? São dez menos um quarto e me deixas dormir como uma marmota! Nunca aconteceu coisa igual!

— É por causa da neblina, que está de cortar com faca.

— E o almoço?

— Ora, os pensionistas estavam com o diabo no corpo. Saíram todos logo que branqueou o dia...

— Fala direito, Sílvia — replicou a sra. Vauquer. — É clareou o dia que se diz.

— Está bem, falarei como a senhora quiser. O principal é que a senhora pode almoçar às dez horas. A Michonnette e o Poireau ainda não se levantaram. São os únicos que estão em casa e dormem como uns animais.

— Mas, Sílvia, fala nos dois juntos, como se...

— Como se o quê? — replicou Sílvia deixando escapar uma risada. — Os dois fazem uma junta.

— É curioso, Sílvia: como foi que o sr. Vautrin entrou esta noite, depois que Cristóvão aferrolhou a porta?

— Nada disso, senhora. Ele ouviu o sr. Vautrin e desceu para abrir-lhe a porta. Foi por isso que a senhora pensou...

— Alcança-me a camisola e vai tratar do almoço. Prepara o resto do carneiro com batatas e serve peras cozidas, dessas que custam meio soldo cada uma.

Momentos depois a sra. Vauquer desceu, justamente quando o gato acabava de derrubar com uma patada o prato que cobria uma tigela de leite e o bebia às pressas.

— Mistigris! — gritou ela.

O gato fugiu. Depois voltou e começou a roçar-se em suas pernas.

— Sim, sim, trata de fingir, velho poltrão! — disse-lhe. — Sílvia!

Sílvia!

— Que é, patroa?

— Vê o que foi que o gato bebeu.

— A culpa é desse estúpido Cristóvão. Eu pedi que ele pusesse a mesa. Onde se meteu? Não se preocupe, patroa. Vou fazer com este leite o café do pai Goriot. Vou pôr mais água e ele nem notará. Ele não presta atenção em nada, nem mesmo no que come.

— Onde terá ido esse esquisitão? — perguntou a sra. Vauquer, colocando as cadeiras nos lugares.

— Quem é que sabe? Ele vive em negócios de quinhentos diabos.

— Dormi demais! — disse a sra. Vauquer.

— Mas, em compensação, a senhora está fresca como uma rosa...

Nesse momento soou a campainha e Vautrin entrou na sala, cantando com sua voz grossa:

"Por longos anos pelo mundo andei
E chamei a atenção de toda a gente".[35]

— Oh! Oh! Bom dia, mamã Vauquer — disse, ao avistar a dona da pensão e tomando-a galantemente nos braços.

— Vamos acabar com isso...

— Pode dizer: seu insolente! Vamos, diga. Não quer dizer? Olhe, vou ajudá-la a pôr a mesa. Sou gentil, não sou?

"As louras e morenas cortejei,
A amar e a suspirar..."

— Acabo de ver uma coisa extraordinária...

"ao acaso."

— O que foi? — perguntou a viúva.

— O pai Goriot estava às oito e meia na rue Dauphine, na casa do ourives que compra talheres velhos e galões. Vendeu-lhe por uma boa quantia um utensílio de casa, de prata dourada, demasiadamente bem

torcido para um homem que não tem uma oficina.

— É verdade?

— Palavra! Eu voltava para cá, após ter acompanhado um amigo que vai ao estrangeiro pelas Messageries Royales.[36] Fiquei à espera do pai Goriot, para ver. De lá, ele voltou a este bairro, à rue des Grès, e entrou na casa de um conhecido usurário, chamado Gobseck,[37] um grandíssimo patife, capaz de fazer pedras de dominó com os ossos do pai. É um judeu, árabe, grego, cigano, um homem a quem seria difícil furtar, pois guarda o dinheiro no banco...

— E que é que fez o pai Goriot?

— Não fez nada — disse Vautrin —, desfez. É um imbecil tão estúpido que se arruinou pelas filhas, que...

— Aí vem ele! — disse Sílvia.

— Cristóvão — gritou o pai Goriot —, sobe comigo.

Cristóvão seguiu o pai Goriot e desceu logo depois.

— Onde vais? — perguntou a sra. Vauquer ao criado.

— Fazer um servicinho para o sr. Goriot.

— Que é isso? — indagou Vautrin, arrancando uma carta das mãos de Cristóvão. Leu: *À sra. condessa Anastácia de Restaud.*

— E onde vais...? — continuou a perguntar.

— À rue du Helder. Tenho ordem de só entregar isto à senhora condessa.

— Que haverá aí dentro? — disse Vautrin, pondo a carta contra a luz. — Uma cédula? Não.

Entreabriu o envelope.

— É uma letra saldada — exclamou. — Caramba! É galante, o velho! Apressa-te, felizardo — acrescentou, enfiando a mão enorme pelos cabelos de Cristóvão e fazendo-o girar como um pião. — Vais ganhar uma boa gorjeta.

A mesa estava posta. Sílvia fervia o leite. A sra. Vauquer acendeu o fogo da estufa, ajudada por Vautrin, que continuava a cantarolar:

“Por longos anos pelo mundo andei
E chamei a atenção de toda a gente”.

Quando tudo ficou pronto, a sra. Couture e a srta. Taillefer entraram.

— De onde vem tão cedo, minha bela senhora? — perguntou a sra. Vauquer à sra. Couture.

— Fomos à missa em Saint-Etienne-du-Mont. Hoje temos de ir à casa do sr. Taillefer. Pobrezinha, está tremendo como uma folha — acrescentou a sra. Couture, sentando-se diante da estufa e aproximando do fogo os sapatos, que começaram a fumegar.

— Aqueça-se também, Vitorina — disse a sra. Vauquer.

— É muito bom, senhorita, pedir a Deus para abrandar o coração de seu pai — disse Vautrin, trazendo uma cadeira para a órfã.

— Mas isso não basta. Precisa de um amigo que se encarregue de dizer umas verdades àquele brutamontes, um selvagem que dizem ter três milhões e que não lhe dá um dote. Mesmo uma moça bonita precisa de dote, nesses tempos que correm.

— Pobrezinha! —disse a sra. Vauquer. — Vá, queridinha, esse monstro de seu pai tem prazer em atrair a desgraça para si mesmo.

A essas palavras, os olhos de Vitorina encheram-se de lágrimas e a viúva calou-se, a um sinal que lhe fez a sra. Couture.

— Se ao menos pudéssemos vê-lo, se eu pudesse falar-lhe, entregar-lhe a última carta de sua mulher — replicou a viúva do comissário-ordenador. —Nunca me animei a enviá-la pelo correio. Ele conhece minha letra...

— *Ó mulheres inocentes, infelizes e perseguidas!* — exclamou Vautrin, interrompendo. — A que ponto chegastes! Daqui a uns dias, eu me meterei nesse negócio e tudo acabará bem.

— Oh senhor! — disse Vitorina, dirigindo um olhar úmido e brilhante a Vautrin, que não se comoveu. — Se o senhor descobrir um meio de falar com meu pai, diga-lhe que seu afeto e a honra de minha mãe me são mais preciosos que todas as riquezas do mundo. Se conseguir abrandar um pouco seu rigor, rezarei pelo senhor. Pode ficar certo de uma gratidão...

— *Por longos anos pelo mundo andei* — cantarolou Vautrin com voz irônica.

Nesse momento, o sr. Goriot, a srta. Michonneau e Poiret desceram,

atraídos talvez pelo cheiro do refogado que Sílvia estava fazendo para aproveitar os restos do carneiro. Justamente quando os sete convivas tomaram lugar à mesa dando os bons-dias, soaram dez horas: ouviram-se na rua os passos do estudante.

— Muito bem! Sr. Eugênio — disse Sílvia —, hoje o senhor vai almoçar com os outros.

O estudante cumprimentou os pensionistas e sentou-se ao lado do pai Goriot.

— Sucedeu-me uma aventura extraordinária — disse ele, servindo-se abundantemente do carneiro e cortando um pedaço de pão que a sra. Vauquer media com os olhos.

— Uma aventura? — repetiu Poiret.

— E, então, de que se admira, velhote? — disse Vautrin a Poiret. — O moço é bem elegante para ter aventuras.

A srta. Taillefer lançou timidamente um olhar ao jovem estudante.

— Conte-nos sua aventura — pediu a sra. Vauquer.

— Ontem, fui ao baile na casa da sra. viscondessa de Beauséant, uma das mulheres mais em evidência de Paris, minha prima, que possui uma casa magnífica, salas forradas de seda e que nos deu uma festa magnífica, onde me diverti como um rei...

— *Nadio* — disse Vautrin, interrompendo-o.

— Que quer dizer? — perguntou Eugênio vivamente.

— Disse *nadio*, pois os reinadios se divertem mais que os reis.

— É verdade: eu preferia ser um folgazão despreocupado a ser um rei, porque... — disse Poiret, o *idemista*.

— Finalmente — continuou o estudante, cortando-lhe a palavra — dancei com uma das mulheres mais lindas do baile, uma encantadora condessa, a criatura mais deliciosa que já vi. Tinha os cabelos adornados com flores de pessegueiro e no peito o mais belo ramo de flores, flores naturais que perfumavam. Oh! Precisavam vê-la, pois é impossível descrever uma mulher animada pela dança. Pois bem, esta manhã, encontrei essa divina condessa, às nove horas, a pé, na rue des Grès. Oh! Senti palpitar o coração, pareceu-me que...

— Ela vinha para cá — interrompeu Vautrin, dirigindo um olhar penetrante. — Certamente que ela ia à casa do papá Gobseck, um

usurário, pois, fique sabendo, se um dia você investigar corações de mulheres em Paris, encontrará neles o agiota antes do amante. Sua condessa se chama Anastácia de Restaud e mora à rue du Helder.

Ouvindo esse nome, o estudante encarou Vautrin. O pai Goriot ergueu bruscamente a cabeça e lançou aos dois interlocutores um olhar brilhante e cheio de inquietação, que surpreendeu os pensionistas.

— Cristóvão chegará muito tarde. Ela já deve ter ido lá! — exclamou, dolorosamente, Goriot.

— Adivinhei — disse Vautrin ao ouvido da sra. Vauquer.

Goriot comia maquinalmente, sem saber o que comia. Nunca parecera mais estúpido nem mais absorto do que nesse momento.

— Quem lhe disse seu nome, sr. Vautrin? — perguntou Eugênio.

— Ora essa! — respondeu Vautrin. — O pai Goriot o sabia muito bem! Por que eu não haveria de sabê-lo?

— O sr. Goriot? — exclamou o estudante.

— Que é?— disse o pobre velho. — Então ela estava muito bonita, ontem?

— Quem?

— A sra. de Restaud.

— Olhe o velho avarento — disse a sra. Vauquer a Vautrin —, como brilham seus olhos!

— Será que ele a sustenta? — disse em voz baixa a srta. Michonneau ao estudante.

— Sim, estava furiosamente bela — continuou Eugênio, a quem o pai Goriot contemplava avidamente. — Se a sra. de Beauséant não estivesse lá, minha divina condessa seria a rainha do baile. Os rapazes só olhavam para ela, fui o décimo segundo a inscrever-me em sua lista, ela dançava todas as marcas. As outras mulheres morriam-se de raiva. Se alguém foi feliz ontem, foi ela, certamente. É acertado dizer que nada é mais belo que uma fragata a vela, um cavalo a galope e uma mulher que dança.

— Ontem a rodopiar, na casa de uma duquesa — disse Vautrin. — Esta manhã, a arrastar-se para a casa de um usurário: assim são as parisienses! Se os maridos não podem custear seu luxo desenfreado, vendem-se. E se não conseguem vender-se convenientemente, abrem

as entranhas das mães para procurar ali alguma coisa que lhes permita brilhar. São capazes de tudo. É coisa sabida!

O rosto do pai Goriot, que se iluminara como o sol de um belo dia ao ouvir o estudante, enuviou-se com essa cruel observação de Vautrin.

— E então? — indagou a sra. Vauquer. — Qual foi sua aventura? Falou com ela? Perguntou-lhe se ela queria estudar direito?

— Ela não me viu — respondeu Eugênio. — Mas encontrar uma das mais belas mulheres de Paris na rue des Grès, às nove horas, uma mulher que deve ter voltado do baile às duas da madrugada, não é extraordinário? Só mesmo em Paris pode acontecer uma coisa dessas!

— Ora! Há coisas muito mais curiosas! — exclamou Vautrin.

A srta. Taillefer mal escutara, tão preocupada estava com a tentativa que ia fazer. A sra. Couture fez-lhe um sinal para ir vestir-se. Quando as duas senhoras saíram, o pai Goriot as imitou.

— Então, viram — disse a sra. Vauquer a Vautrin e aos demais pensionistas. — É claro que ele se arruinou por essas mulheres!

— Nunca me farão acreditar — exclamou o estudante — que a bela condessa de Restaud pertença ao pai Goriot!

— Ora — disse-lhe Vautrin, interrompendo-o —, não fazemos questão de que você acredite. Você ainda é muito moço para conhecer bem Paris. Mais tarde verá que aqui existe o que chamamos de *homens que têm paixões*...

Ao ouvir essas palavras, a srta. Michonneau fitou Vautrin com um olhar de compreensão. Diríeis um cavalo de regimento ouvindo o som do clarim.

— Ah! Ah! — exclamou Vautrin, interrompendo-se para dirigir-lhe um olhar profundo. — Quem de nós não teve suas paixõezinhas?

A solteirona baixou os olhos, como uma freira que deparasse com estátuas.

— Pois é assim — continuou ele. — Essa gente, quando mete uma ideia na cabeça, não a solta mais. Só tem sede de uma certa água tirada de uma certa fonte, muitas vezes estagnada. Para bebê-la, venderiam as esposas e os filhos. Venderiam até a alma ao diabo. Para uns, essa fonte é o jogo, a Bolsa, uma coleção de quadros ou de insetos, a música; para outros, é uma mulher que lhes sabe cozinhar os petiscos. A um

homem assim pode-se oferecer todas as mulheres da Terra e eles as recusariam. Querem somente aquela que satisfaz sua paixão. Muitas vezes essa mulher não os ama absolutamente, maltrata-os, vende-lhes muito caro o mínimo carinho; pois bem, mesmo assim esses palhaços empenhariam a última de suas cobertas no casa de penhores para levar-lhes até o último escudo. O pai Goriot é um desses homens. A condessa o explora porque ele é discreto. E assim é a alta sociedade! O pobre homem só pensa nela. Fora de sua paixão, como veem, é um animal bruto. Toquem no assunto, e seu rosto brilhará como um diamante. Não é difícil descobrir esse segredo. Esta manhã, ele levou prata à sua fonte e eu o vi entrar na casa do papá Gobseck, à rue des Grès. Reparem! Ao voltar, mandou à casa da condessa de Restaud esse idiota do Cristóvão, que nos mostrou o endereço da carta que continha uma letra saldada. É claro que se a condessa foi tão cedo à casa do velho agiota, havia urgência. O pai Goriot, fidalgamente, afiançou por ela. Não é preciso ir muito longe para ver claro nisso tudo. Isso prova, meu jovem estudante, que enquanto sua condessa ria, dançava, fazia macaquices, sacudia suas flores de pessegueiro e segurava o vestido com as pontas dos dedos, sentia, como se diz, apertarem-lhe os sapatos, pensando nas suas letras protestadas ou nas do amante.

— O senhor me dá uma vontade de saber a verdade. Irei amanhã à casa da sra. de Restaud — exclamou Eugênio.

— Exatamente — disse Poiret — é preciso ir amanhã à casa da sra. de Restaud.

— Talvez lá encontre o bom pai Goriot recebendo o pagamento de suas gentilezas.

— Ora — disse Eugênio com uma expressão de repugnância. — Então esta sua Paris é um lodaçal?

— E que lodaçal! — replicou Vautrin. — Os que se enlameiam em carruagem são honestos, os que se enlameiam a pé são gatunos. Tenha a infelicidade de surripiar alguma coisa e você ficará exposto na praça do Palácio da Justiça como uma curiosidade. Furte um milhão e será apontado nos salões como um modelo de virtude. Vocês pagam trinta milhões à polícia e à justiça para manter essa moral… Bonito, não é?

— Como é isso? — exclamou a sra. Vauquer. — Será que o pai Goriot

torrou seus utensílios de prata dourada?

— Aqueles que tinham duas pombinhas na tampa? — perguntou Eugênio.

— Exatamente.

— Ele os estimava muito, chorou quando amassou a tigela e o prato. Vi-o por acaso — disse Eugênio.

— Queria-os como à própria vida — respondeu a viúva.

— Vejam como o velho está apaixonado! — comentou Vautrin. — Aquela mulher sabe fazer-lhe cócegas na alma.

O estudante subiu para o quarto. Vautrin saiu. Pouco depois, a sra. Couture e Vitorina tomaram um fiacre que Sílvia fora chamar. Poiret ofereceu o braço à srta. Michonneau e foram ambos passear no Jardin-des-Plantes, aproveitando as melhores horas da tarde.

— Ótimo, estão quase casados — disse a gorda Sílvia. — Hoje é a primeira vez que saem juntos. Os dois são tão secos que se roçarem um no outro farão fogo, como um isqueiro.

— Cuidado com o xale da srta. Michonneau! — disse, rindo, a sra. Vauquer. — Queimará como isca.

Às quatro horas, quando o pai Goriot voltou, viu, à luz de dois candeeiros fumegantes, Vitorina com os olhos vermelhos de chorar. A sra. Vauquer ouvia a narrativa da infrutífera visita feita ao sr. Taillefer pela manhã. Contrariado por ter de receber a filha e aquela velha mulher, Taillefer fizera-as entrar para explicar-se com elas.

— Imagine, minha cara senhora — dizia a sra. Couture à sra. Vauquer —, que ele nem mesmo mandou Vitorina sentar-se, obrigando-a a ficar todo o tempo de pé. E a mim, disse com toda a naturalidade, sem se exaltar, que não nos déssemos ao trabalho de ir procurá-lo; que a senhorita — não disse sua filha — só tinha a perder importunando-o (uma vez por ano, que monstro!); que como a mãe de Vitorina não tinha nada quando se casou, ela não tinha nada a reclamar; disse, enfim, as coisas mais duras, que fizeram a pobrezinha desfazer-se em lágrimas. Então ela se lançou aos pés do pai e disse-lhe, corajosamente, que era apenas pela mãe que ela insistia e que obedeceria à vontade dele sem se queixar. Suplicava-lhe, apenas, que lesse o testamento da pobre falecida. Entregou-lhe a carta, dizendo-lhe

as mais belas e mais sentidas palavras do mundo. Não sei onde ela aprendeu isso, certamente foi Deus que as ditou, pois ela estava tão inspirada que, ao ouvi-la, chorei como uma criança. E sabe o que fazia o carrasco, enquanto a filha falava? Cortava as unhas! Depois, tomou a carta, que a pobre sra. Taillefer umedecera com suas lágrimas, e lançou-a ao fogo, dizendo: "Está bem!". A filha quis beijar-lhe as mãos, mas ele as retirou, fazendo-a levantar-se. Não é uma perversidade, isso? Nesse momento, o criançola do seu filho entrou e nem mesmo cumprimentou a irmã.

— Então são uns monstros? — disse o pai Goriot.

— Depois — acrescentou a sra. Couture, sem prestar atenção ao comentário do bom velho —, o pai e o filho retiraram-se, despedindo-se de mim e pedindo-me que os desculpasse, pois tinham negócios urgentes. Assim foi a nossa visita. Pelo menos, ele viu a filha. Não sei como ele pode renegá-la, pois se parecem como duas gotas d'água.

Os pensionistas, internos e externos, entraram uns após os outros, trocando boas-tardes e dizendo-se esses nadas que constituem, em certas classes parisienses, uma divertida maneira de conversar, em que a tolice entra como elemento principal e cujo mérito reside principalmente no gesto ou na pronúncia. Essa espécie de gíria varia continuamente. O gracejo em que se baseia nunca dura mais de um mês. Um acontecimento político, um julgamento no tribunal, uma canção da rua, as farsas de um ator, tudo serve para manter esse verdadeiro jogo de peteca do espírito, em que uns atiram aos outros ideias e palavras. A recente invenção do Diorama, que levou a ilusão de óptica a um grau mais alto do que se conseguira com os panoramas, fez nascer em alguns estúdios de pintura a brincadeira de falar em *rama*, espécie de sufixo que um jovem pintor, freguês da pensão Vauquer, inoculara ali.

— Então, *sinhór* Poiret — disse o empregado do museu —, como vai essa *sauderama*?

E sem esperar resposta:

— As senhoras estão aborrecidas? — perguntou à sra. Couture e a Vitorina.

— Vamos à *boia*? — gritou Horácio Bianchon, um estudante de

medicina muito ligado a Rastignac. — Meu estomagozinho já está lá nos calcanhares.

— Que *fritorama* danado! — disse Vautrin. — Chegue mais para lá, pai Goriot! Que diabo! Seu pé ocupa toda a boca da estufa.

— Ilustre sr. Vautrin — disse Bianchon —, por que diz *fritorama*? Está errado, é *friorama*.

— Não — disse o empregado do museu —, é *fritorama* mesmo. Está de acordo com a regra: "Estou *frito* com esse frio".

— Ah! Ah!

— Aqui está sua excelência o marquês de Rastignac, doutor em direito-torto — exclamou Bianchon, agarrando Eugênio pelo pescoço e apertando-o até quase sufocá-lo. — Vamos todos para a mesa, depressa!

A srta. Michonneau entrou mansamente, cumprimentou os presentes sem nada dizer e foi sentar-se junto das três mulheres.

— Esse morcego sempre me dá arrepios de frio! — disse em voz baixa Bianchon a Vautrin, mostrando a srta. Michonneau. — Eu, que estudo o sistema de Gall,[38] acho que ela tem bossas de Judas.

— O senhor o conheceu? — perguntou Vautrin.

— Quem não conhece Judas? — respondeu Bianchon. — Palavra de honra que essa solteirona pálida me dá a impressão desses vermes compridos que acabam roendo um barrote.

— É justamente o que ela é, rapaz — disse o quarentão, cofiando as suíças.

E, rosa, ela viveu como vivem as rosas,
Somente uma manhã.[39]

— Ora viva! Que bela *soparama* — disse Poiret, ao ver Cristóvão entrar trazendo respeitosamente a sopa.

— Perdão — disse a sra. Vauquer —, é sopa de legumes.

Os jovens puseram-se a rir.

— Levou na cabeça, Poiret!

— Marque dois pontos à mamã Vauquer! — disse Vautrin.

— Notaram o nevoeiro desta manhã? — perguntou o empregado.

— Era um nevoeiro frenético e sem exemplo — disse Bianchon. — Um nevoeiro lúgubre, melancólico, verde, asmático, um nevoeiro Goriot.

— *Goriorama* — disse o pintor —, pois não se via nada nele.

— Olá, ilustre Goriot, estão falando no senhor.

Sentado à extremidade da mesa, perto da porta da cozinha, o pai Goriot ergueu a cabeça, farejando um pedaço de pão que tinha debaixo do guardanapo, por um velho hábito comercial que às vezes reaparecia.

— Que é isso? — gritou-lhe asperamente a sra. Vauquer, com uma voz que dominou o ruído dos talheres, dos pratos e das vozes. — Não está achando bom o pão?

— Pelo contrário — respondeu ele —, é feito com farinha de Étampes, de primeira.

— Como sabe? — perguntou-lhe Eugênio.

— Pela alvura, pelo sabor.

— Só se percebe o sabor pelo nariz, pois o senhor o está cheirando — disse a sra. Vauquer. — O senhor está ficando tão econômico que acabará descobrindo um meio de se alimentar com o cheiro da cozinha.

— Tire uma patente de invenção disso — gritou o empregado do museu. — Ficará rico.

— Não se importem com ele! Ele diz isso para nos convencer de que foi fabricante de massas — disse o pintor.

— Então seu nariz é uma retorta? — perguntou ainda o empregado do museu.

— Re quê? — indagou Bianchon.

— Re-toque.

— Re-trato.

— Re-talho.

— Re-tranca.

— Re-truque.

— Re-treta.

— Re-tinto.

— Re-torama.

Essas oito respostas partiram de todos os lados da sala com a rapidez de uma fuzilaria e se tornaram ainda mais engraçadas porque o

pai Goriot olhava para os convivas com uma expressão aparvalhada, como uma pessoa que procura entender uma língua estrangeira.

— Re...? — perguntou a Vautrin, que se achava junto dele.

— Re...tira-te, meu velho! — disse Vautrin, enfiando o chapéu na cabeça do pai Goriot e enterrando-o até os olhos com uma tapona.

O pobre velho, aturdido com esse brusco ataque, ficou momentaneamente imóvel. Cristóvão retirou o prato do bom homem, pensando que ele tivesse terminado a sopa. E quando o pai Goriot, depois de ter arrancado o chapéu, baixou a colher, bateu com ela na mesa. Todos soltaram uma nova gargalhada.

— O senhor é um gracejador de mau gosto — disse o velho —, e se tiver a ousadia de enterrar-me de novo o chapéu...

— Que acontecerá, paizinho? — perguntou Vautrin, interrompendo-o.

— Pagará isso bem caro, algum dia.

— No inferno, não é? — disse o pintor. — Naquele cantinho escuro onde colocam os meninos maus.

— Então — disse Vautrin a Vitorina —, não vai comer? Seu pai continua recalcitrante?

— Um horror! — disse a sra. Couture.

— É preciso chamá-lo à ordem — disse Vautrin.

— Realmente — comentou Bianchon, que estava junto de Rastignac. — A senhorita podia intentar um processo reclamando alimentos, pois não come. Oh! Reparem como o pai Goriot olha para a srta. Vitorina.

O velho esquecia-se de comer para contemplar a pobre moça, em cujos traços brilhava uma dor sincera, a dor da criança rejeitada que ama o pai.

— Meu caro — disse Eugênio ao ouvido de Bianchon —, estamos enganados a respeito do pai Goriot. Não é um imbecil nem um homem sem nervos. Aplica-lhe teu sistema de Gall e dize-me o que pensas dele. Esta noite, vi-o torcer um prato de prata dourada como se fosse de cera. E, enquanto o fazia, sua fisionomia revelava sentimentos extraordinários. Sua vida parece-me muito misteriosa e vale a pena estudá-la. Sim, Bianchon, não te rias, estou falando seriamente.

— Esse homem é um caso patológico — disse Bianchon —,

concordo. Se ele quiser, posso dissecá-lo.

— Não, apalpa-lhe a cabeça.

— Deus me livre! Sua estupidez pode ser contagiosa.

II – AS DUAS VISITAS

No dia seguinte, Rastignac vestiu-se com grande apuro e, pelas três horas da tarde, dirigiu-se à casa da sra. de Restaud. Durante o trajeto, entregou-se a essas loucas esperanças que enchem de belas emoções a vida dos moços: eles não avaliam os obstáculos nem os perigos, veem em tudo o triunfo, fazem da existência um poema, graças à força da imaginação, e se tornam desgraçados ou tristes ao verem fracassar projetos que viviam apenas nos seus desejos desenfreados. Se os jovens não fossem ignorantes e tímidos, a vida em sociedade seria impossível. Eugênio caminhava com mil precauções para não se enlamear. Caminhava pensando no que diria à sra. de Restaud, armava-se de espírito, inventava as réplicas de uma palestra imaginária, preparava palavras sutis, frases à Talleyrand, imaginando pequenas circunstâncias favoráveis à declaração na qual baseava seu futuro. E, assim, enlameou-se, o coitado, e teve de mandar lustrar os sapatos e escovar as calças no Palais-Royal.

"Se eu fosse rico", pensou, ao trocar uma moeda de cem soldos que levava para um caso de necessidade, "iria de carro e assim poderia pensar à vontade."

Chegou, finalmente, à rue du Helder e perguntou pela condessa de Restaud. Com a raiva fria de um homem que tem a certeza de que um dia triunfará, recebeu o olhar de desprezo dos criados que o viram atravessar o pátio a pé sem terem ouvido o ruído de uma carruagem. E esse olhar o feriu ainda mais profundamente porque, ao entrar no pátio, percebera sua inferioridade ao ver um belo cavalo atrelado a um desses elegantes carros que revelam uma existência dissipadora e atestam o hábito de todas as delícias parisienses. Estando só, ficou de mau humor. As gavetas abertas do cérebro, que ele esperava encontrar cheias de espírito, fecharam-se, e ele se sentiu estúpido. Enquanto esperava a resposta da condessa, a quem um criado foi comunicar os

nomes do visitante, Eugênio ficou num pé só diante da janela da antecâmara, com o cotovelo apoiado no trinco, a olhar maquinalmente para o pátio. A demora pareceu-lhe muito longa, e ele teria ido embora se não fosse dotado dessa tenacidade meridional, que gera prodígios quando marcha em linha reta.

— A senhora está no gabinete, muito ocupada — disse o criado —, e nem me respondeu. Mas se o senhor quiser passar para a sala de visitas, encontrará alguém lá.

Cheio de admiração pelo espantoso poder dessa gente que, com uma única palavra, acusa ou julga os patrões, Rastignac abriu decididamente a porta pela qual saíra o criado, com a evidente intenção de mostrar àqueles insolentes servos que conhecia a casa. Decepcionou-se, porém, por dar com uma peça em que havia candeeiros, armários, um aquecedor de toalhas de banho e que desembocava num corredor escuro e numa escada de serviço. Os risos abafados que ouviu na antecâmara completaram seu estado de confusão.

— A sala de visitas é deste lado — disse-lhe o criado, com esse falso respeito que parece uma zombaria a mais.

Eugênio voltou-se com tal precipitação que esbarrou numa banheira. Pôde, entretanto, segurar o chapéu para impedi-lo de cair na água. Nesse momento, abriu-se uma porta no fundo do corredor, iluminado por um pequeno candeeiro, e Rastignac ouviu as vozes da sra. de Restaud e do pai Goriot e o ruído de um beijo. Entrou, então, na sala de refeições, atravessou-a, acompanhou o criado e entrou numa sala onde ficou junto à janela, percebendo que ela dava para o pátio. Quis certificar-se de que esse pai Goriot era, realmente, o pai Goriot da pensão. Seu coração começou a palpitar de maneira estranha, enquanto se recordava das espantosas reflexões de Vautrin. O criado, que esperava Eugênio à porta da sala, afastou-se de repente para dar passagem a um elegante rapaz, que lhe disse impacientemente:

— Vou-me embora, Maurício. Dize à senhora condessa que esperei mais de meia hora.

E cantarolando uma cançoneta italiana, o insolente rapaz, que certamente tinha direito de sê-lo, encaminhou-se para a janela onde se

encontrava Eugênio tanto para observar o rosto do estudante como para dar uma olhadela para o pátio.

— É melhor o senhor conde esperar mais um pouco. A senhora já está pronta — disse Maurício, voltando para a antecâmara.

Nesse momento, o pai Goriot desembocava no portão pela saída da escada de serviço. O bom homem ergueu o guarda-chuva e começou a abri-lo, sem prestar atenção a que o portão estava aberto para dar passagem a um moço elegante que conduzia um carro. O pai Goriot apenas teve tempo para atirar-se para trás a fim de não ser esmagado. A fazenda do guarda-chuva espantou o cavalo, que se desviou, precipitando-se em direção à escadaria. O rapaz voltou a cabeça para trás com uma expressão de cólera, viu o pai Goriot e, antes que ele saísse, dirigiu-lhe um cumprimento que revelava a consideração forçada que se deve a um usurário de quem se precisa, ou o respeito obrigatório que aparentamos por um indivíduo de má reputação e de que mais tarde nos envergonhamos. O pai Goriot respondeu com uma breve saudação amável, cheia de bonomia. Esses acontecimentos sucederam-se com a rapidez de um relâmpago. Inteiramente absorto, Eugênio não percebeu que não estava só. Subitamente, ouviu a voz da condessa:

— Ah, Máximo, já ias embora? — disse ela, com um tom de censura mesclado de um vago despeito.

A condessa não prestara atenção à entrada do carro. Rastignac voltou-se bruscamente e viu a sra. de Restaud num elegante roupão de casimira branca, com laços cor-de-rosa, e negligentemente penteada, como andam pela manhã as mulheres de Paris. Estava perfumada, certamente tomara um banho, e sua beleza, por assim dizer amaciada, parecia mais voluptuosa. Seus olhos estavam úmidos. Os jovens veem tudo: seu espírito se une às irradiações da mulher como uma planta aspira no ar as substâncias que lhe são próprias. Assim, Eugênio sentiu a agradável frescura das mãos daquela mulher sem ter necessidade de tocá-las. Via, através da casimira, os tons róseos do busto, que o roupão, ligeiramente entreaberto, às vezes desnudava e sobre o qual seu olhar se fixava. A cintura fina da condessa tornava desnecessário o recurso do espartilho. Seu colo convidava ao amor, e os pés eram belos

dentro dos chinelos. Só quando Máximo lhe tomou a mão para beijar é que Eugênio percebeu Máximo e a condessa viu Eugênio.

— Ah, é o sr. de Rastignac! — exclamou ela.— Muito prazer em vê-lo...

Disse isto com essa expressão à qual as pessoas inteligentes sabem obedecer.

Máximo, por sua vez, olhava alternadamente para Eugênio e a condessa, de maneira suficientemente significativa para que o intruso se retirasse.

"Ora, minha querida, espero que ponhas esse bobalhão na rua!"

Esta frase é uma tradução clara e compreensível dos olhares do rapaz impertinentemente altivo, que a condessa Anastácia chamara de Máximo e cujo rosto ela consultava com essa intuição submissa que revela todos os segredos de uma mulher, sem que ela o suspeite.

Rastignac sentiu um ódio violento por aquele rapaz. Em primeiro lugar, os cabelos louros e bem frisados de Máximo fizeram-lhe sentir o quanto os seus estavam horríveis. Além disso, Máximo tinha sapatos finos e limpos, ao passo que os seus, apesar das precauções que tomara pelo caminho, traziam uma leve camada de lama. Finalmente, Máximo vestia uma sobrecasaca que se ajustava elegantemente ao corpo e o fazia assemelhar-se a uma moça, enquanto Eugênio, às duas e meia da tarde, trazia uma casaca preta! O espiritual filho da Charente sentiu a superioridade que o traje conferia àquele dândi, alto e magro, de olhos claros e tez pálida, um desses homens capazes de arruinar órfãos. A sra. de Restaud, sem esperar a resposta de Eugênio, fugiu, como num rápido voo, para outra sala, enquanto as abas do roupão, abrindo-se e fechando-se, lhe davam a aparência de uma borboleta; Máximo seguiu-a. Eugênio, furioso, seguiu Máximo e a condessa. Reuniram-se, assim, os três personagens no meio da grande sala, à altura da lareira. O estudante sabia muito bem que ia incomodar aquele odioso Máximo! E mesmo arriscando-se a desgostar a sra. de Restaud, insistiu em fazê-lo. Subitamente, recordando-se de ter visto aquele rapaz no baile da sra. de Beauséant, descobriu o que era Máximo para a sra. de Restaud. E, com essa audácia juvenil que faz cometer grandes asneiras ou obter grandes triunfos, pensou: "Esse é o meu rival, quero vencê-lo".

Imprudente! Ignorava ele que o conde Máximo de Trailles costumava deixar-se insultar, atirava em primeiro lugar e matava o adversário. Eugênio era um hábil caçador, mas não era capaz de acertar no alvo vinte vezes em vinte e duas. O jovem conde sentou-se numa poltrona diante da lareira, tomou as tenazes e remexeu o fogo com gestos tão violentos e tão carrancudos que o belo rosto de Anastácia subitamente se entristeceu. A jovem senhora voltou-se para Eugênio e lançou-lhe um desses olhares friamente interrogativos que dizem tão claramente "Por que não vai embora?", que, ao notá-los, as pessoas bem-educadas começam imediatamente a pronunciar essas frases que se deveriam chamar frases de retirada.

Eugênio assumiu uma expressão amável e disse:

— Senhora, apressei-me a visitá-la porque...

Não pôde continuar. Abriu-se uma porta e o senhor que conduzia o carro apareceu logo depois, sem chapéu, não cumprimentou a condessa, olhou inquieto para Eugênio e estendeu a mão para Máximo dizendo-lhe "Bom-dia!" com uma expressão fraternal que surpreendeu singularmente Eugênio. Os moços provincianos ignoram o quanto é doce a vida a três.

— O sr. de Restaud — disse a condessa ao estudante, apresentando-lhe o marido.

Eugênio inclinou-se respeitosamente.

— O sr. de Rastignac — acrescentou ela, continuando a apresentação — é parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac. Tive o prazer de conhecê-lo no último baile da viscondessa.

Parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac! Estas palavras, que a condessa pronunciou quase enfaticamente e inspiradas pelo orgulho que uma dona de casa sente em mostrar que só recebe pessoas distintas, produziram um efeito mágico: o conde abandonou sua expressão friamente cerimoniosa e cumprimentou o estudante.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse.

Até o conde Máximo de Trailles dirigiu a Eugênio um olhar de surpresa e logo modificou sua atitude impertinente. Esse golpe com a varinha mágica, representada pela poderosa influência de um nome, abriu trinta divisões no cérebro do meridional e restituiu-lhe o espírito

que ele preparara. Um lampejo permitiu-lhe ver claro na atmosfera da alta sociedade parisiense, ainda tenebrosa para ele. A Casa Vauquer e o pai Goriot estavam muito distantes de seu pensamento.

— Eu pensava que os Marcillac estivessem extintos — disse o conde de Restaud a Eugênio.

— Realmente — respondeu ele. — Meu tio-avô, cavalheiro de Rastignac, casou-se com a herdeira da família de Marcillac. Tiveram apenas uma filha, que se casou com o marechal de Clarimbault, avô materno da sra. de Beauséant. Somos o ramo mais jovem e também o mais pobre, pois meu tio-avô, vice-almirante, perdeu tudo a serviço do rei. O governo revolucionário não quis admitir nossos créditos na liquidação que fez da Companhia das Índias.

— Seu tio-avô não comandava o Vengeur antes de 1789?

— Precisamente.

— Então ele conheceu meu avô, que comandava o Warwick.

Máximo sacudiu ligeiramente os ombros olhando para a sra. de Restaud, como se lhe dissesse: "Se ele começar a falar na marinha com o rapaz, estamos perdidos!".

Anastácia compreendeu o olhar do sr. de Trailles. Com esse admirável poder que as mulheres possuem, começou a sorrir e disse:

— Vem cá, Máximo, quero pedir-te uma coisa. Senhores, vamos deixá-los navegando em comboio, no Warwick e no Vengeur.

Levantou-se e dirigiu um sinal cheio de pérfida zombaria a Máximo, que se encaminhou com ela para o gabinete da senhora. Quando esse par *morganático*, bela expressão alemã que não tem equivalente em francês, atingiu a porta, o conde interrompeu sua palestra com Eugênio.

— Anastácia! Fica, querida — exclamou com mau humor. — Sabes muito bem que...

— Já volto, já volto — disse ela, interrompendo-o. — Preciso dum momentinho só, para pedir um favor a Máximo.

Voltou imediatamente. Como todas as mulheres que, forçadas a observar o caráter do marido para poderem conduzir-se à vontade, sabem até onde podem ir sem perder sua preciosa confiança, e que por isso nunca o contrariam nas pequenas coisas, a condessa notara, pelas

inflexões da voz do conde, que não havia segurança alguma em permanecer no gabinete. Esses contratempos eram devidos a Eugênio. Por isso a condessa mostrou o estudante a Máximo com uma expressão e um gesto cheios de despeito, e Máximo disse num tom de epigrama ao conde, à mulher e a Eugênio.

— Escutem, vocês estão tratando de negócios e não quero incomodá-los. Adeus.

E retirou-se.

— Fique, Máximo! — gritou o conde.

— Vem jantar — disse a condessa que, deixando novamente a sós Eugênio e o conde, acompanhou Máximo à primeira sala, onde ficaram durante bastante tempo à espera de que o sr. de Restaud despedisse Eugênio.

Rastignac ouviu-os rir, conversar e interromper a palestra. O malicioso estudante, porém, prendia a atenção do sr. de Restaud, lisonjeava-o ou metia-o em discussões, a fim de rever a condessa e de descobrir quais eram suas relações com o pai Goriot. Aquela mulher, evidentemente apaixonada por Máximo, senhora do marido e ligada secretamente ao antigo fabricante de massas, parecia-lhe um perfeito mistério. E ele queria desvendar esse mistério, na esperança de poder, assim, imperar sobre aquela mulher tão eminentemente parisiense.

— Anastácia! — disse o conde, chamando novamente a mulher.

— Paciência, meu pobre Máximo — disse ela ao rapaz. — Precisamos nos resignar. Até logo...

— *Nacinha* — disse-lhe ele ao ouvido. — Espero que mandes embora esse rapazinho, cujos olhos se incandesciam como carvões quando teu roupão se entreabria. Ele te fará declarações, te comprometerá e me obrigará a matá-lo.

— Estás louco, Máximo? — disse ela. — Esses estudantezinhos são, ao contrário, excelentes para-raios. Farei com que Restaud fique de prevenção com ele.

Máximo deu uma gargalhada e saiu, acompanhado da condessa, que ficou à janela para vê-lo subir no carro, pôr o cavalo em movimento e agitar o chicote. Só voltou quando o portão se fechou.

— Olha, querida — disse-lhe o conde quando ela voltou —, o lugar

onde mora a família do sr. de Rastignac fica perto de Verteuil, na Charente. Seu tio-avô e meu avô eram conhecidos.

— Fico muito contente em ver que somos velhos conhecidos — disse a condessa, distraída.

— Mais do que pensa — disse Eugênio em voz baixa.

— Como assim? — perguntou ela, com animação.

— Pois agora mesmo vi sair de sua casa um senhor que é meu vizinho de quarto na pensão, o pai Goriot.

Ao ouvir esse nome enfeitado com o título de *pai*, o conde, que estava remexendo o fogo, soltou as tenazes como se lhe tivessem queimado as mãos e levantou-se.

— O senhor podia ter dito *o sr*. Goriot — exclamou.

A condessa, de início, empalideceu, ao perceber a impaciência do marido. Depois, corou e ficou evidentemente embaraçada, pois respondeu com uma voz que tentou em vão tornar natural e com um desembaraço fingido:

— O senhor não poderia conhecer alguém a quem mais estimássemos...

Interrompeu-se, olhou para o piano como se lhe ocorresse alguma fantasia e perguntou:

— Gosta de música?

— Muito — respondeu Eugênio, muito encabulado ao notar de maneira meio confusa que devia ter cometido uma grande tolice.

— Canta? — indagou novamente, dirigindo-se para o piano e fazendo os dedos correrem energicamente pelo teclado. — Rrrah!

— Não, senhora.

O conde de Restaud passeava de um lado para o outro.

— É uma pena. Priva-se, assim, de um grande meio de triunfo. *Ca-a-ro, ca-a-a-ro, ca-a-a-a-ro, non du-bi-ta-re*,[40] cantou a condessa.

Ao pronunciar o nome do pai Goriot, Eugênio também dera um golpe com a varinha mágica. Seu resultado, porém, foi o inverso do produzido pelas palavras *parente da sra. de Beauséant*. Encontrava-se na situação de um homem introduzido por favor na casa de um amador de curiosidades e que, tocando por descuido num armário cheio de imagens esculpidas, faz cair três ou quatro cabeças mal coladas. Sentia

vontade de lançar-se num abismo. A fisionomia da sra. de Restaud estava seca e fria, e seus olhos, tornados indiferentes, evitavam os do desastrado estudante.

— Talvez a senhora precise conversar com o sr. de Restaud — disse ele. — Receba meus cumprimentos e me dê licença...

— Sempre que vier aqui — disse precipitadamente a condessa, detendo Eugênio com um gesto — poderá ter a certeza de que nos dará, ao sr. de Restaud e a mim, o maior prazer.

Eugênio cumprimentou respeitosamente o casal e saiu, seguido do sr. de Restaud, que, apesar de seus protestos, o acompanhou até a antecâmara.

— Sempre que esse senhor vier para cá — disse o conde a Maurício —, nem a senhora nem eu estaremos em casa.

Quando Eugênio pôs o pé na escadaria externa, percebeu que estava chovendo.

"É o cúmulo!", pensou. "Vim até aqui só para cometer uma asneira, cuja causa e cujo alcance ignoro, e ainda por cima vou estragar meu traje e meu chapéu. Eu devia ter ficado num canto, cavando nos livros e pensando somente em me tornar um rude magistrado. Como poderei frequentar a sociedade se, para manobrar convenientemente nela, é preciso ter carruagens, sapatos lustrados, uma imensidade de apetrechos, correntes de ouro, usar pela manhã luvas brancas de gamo que custam seis francos e à tarde luvas amarelas? Esse velho idiota de pai Goriot, sim senhor...!"

Quando chegou à porta da rua, o cocheiro de uma carruagem de aluguel, que voltava, sem dúvida, de transportar recém-casados, e que não queria coisa melhor que furtar do patrão algumas corridas de contrabando, fez um sinal a Eugênio, ao vê-lo sem guarda-chuva, vestido de preto, com colete branco, luvas amarelas e sapatos lustrados. Eugênio estava sob o domínio de uma dessas raivas surdas que levam um rapaz a afundar-se cada vez mais no abismo onde caiu, à espera de encontrar alguma saída feliz. Fez um gesto com a cabeça, aceitando o oferecimento do cocheiro. Com apenas vinte e dois soldos no bolso subiu na carruagem, onde alguns grãos de flores de laranjeiras e fios de canutilho atestavam a passagem dos noivos.

— Aonde vai o senhor? — perguntou o cocheiro, que já tirara as luvas brancas.

“Ora”, pensou Eugênio, “já estou me enterrando, que isso me sirva para alguma coisa!” Vá ao palacete de Beauséant — acrescentou em voz alta.

— Qual deles? — indagou o cocheiro.

Pergunta sublime, que confundiu Eugênio. O elegante improvisado ignorava que havia dois palacetes Beauséant, não sabia como era rico de parentes que não se importavam com ele.

— O visconde de Beauséant, à rua...

— De Grenelle — disse o cocheiro, sacudindo a cabeça e interrompendo-o. — É que há também o palacete do conde e do marquês de Beauséant, à rue Saint-Dominique — acrescentou, levantando o estribo.

— Eu sei — respondeu Eugênio secamente. — Todo mundo resolveu divertir-se comigo, hoje! — disse, atirando o chapéu sobre as almofadas da frente. “Esta brincadeira vai me custar os olhos da cara. Mas, pelo menos, farei uma visita à minha pretensa prima de uma maneira solidamente aristocrática. O pai Goriot já está me custando pelo menos dez francos, o bandido! Palavra de honra que vou contar minha aventura à sra. de Beauséant. Talvez eu a faça rir. Ela deve conhecer o mistério das ligações criminosas desse rato sem cauda com aquela bela mulher. É preferível agradar a minha prima que estar a empurrar-me contra essa mulher imoral, que me dá a impressão de ser muito dispendiosa. Se o nome da bela viscondessa pode tanto, que poder não terá sua pessoa! Para cima, portanto. Quando se quer alguma coisa do céu, deve-se ir diretamente a Deus.”

Essas palavras resumem, numa breve fórmula, as mil e uma ideias entre as quais ele flutuava. Recuperou um pouco de calma e de confiança, contemplando a chuva cair. Pensou que se ia gastar duas das preciosas moedas de cem soldos que lhe restavam, felizmente elas estavam sendo bem empregadas em poupar o traje, os sapatos e o chapéu. E foi com sentimento de hilaridade que ouviu o cocheiro gritar: “O portão, por favor!”. Um criado, com uniforme encarnado e dourado, fez ranger nos gonzos o portão do palacete, e Rastignac viu,

com doce satisfação, a carruagem passar sob o pórtico, dar uma volta pelo pátio e estacionar sob a coberta da escadaria externa.

O cocheiro, envergando uma grossa sobrecasaca azul com bordados dourados, foi baixar o estribo. Ao descer do carro Eugênio ouviu risos abafados que vinham do peristilo. Três ou quatro criados divertiam-se com aquela carruagem de casamento. Seu riso abriu os olhos do estudante quando ele comparou seu carro com um dos mais elegantes cupês de Paris, ao qual estavam atrelados dois cavalos fogosos com rosas nas orelhas, que mordiam o freio e que um cocheiro de cabeleira empoada, bem-vestido, sustentava pelas rédeas como se quisessem escapar. Na Chaussée-d'Antin, a sra. de Restaud tinha no pátio o fino cabriolé do homem de vinte e seis anos. Em Saint-Germain, uma equipagem que não se compraria nem por trinta mil francos esperava o luxo de um grão-senhor.

"Quem estará aí?", pensou Eugênio, compreendendo um pouco tardiamente que seria difícil encontrar em Paris uma mulher que não tivesse o tempo tomado e que a conquista de uma dessas rainhas custava mais do que sangue. "Que diabo! Minha prima, sem dúvida, também tem seu Máximo."

Galgou a escadaria com a morte na alma. À sua chegada, a porta envidraçada se abriu. Os criados estavam sérios como asnos maltratados. A festa a que assistira se realizara nos grandes salões de recepção do pavimento térreo do palacete de Beauséant. Como não tivera tempo, entre o convite e o baile, de fazer uma visita à prima, ainda não entrara nos aposentos da sra. de Beauséant. Ia ver assim, pela primeira vez, as maravilhas dessa elegância pessoal que denuncia a alma e os costumes de uma senhora distinta. Estudo tanto mais curioso, porque os aposentos da sra. de Restaud lhe ofereciam um termo de comparação. Às quatro e meia, a condessa podia ser vista. Cinco minutos mais cedo não teria recebido o primo. Eugênio, que nada sabia dos cerimoniais parisienses, foi conduzido à residência da sra. de Beauséant por uma grande escada branca cheia de flores, com corrimão dourado e tapete vermelho. Ignorava sua biografia verbal, uma dessas histórias inconstantes que se contam, todas as tardes, de ouvido a ouvido, nos salões de Paris.

A viscondessa estava ligada havia três anos com um dos mais famosos e mais ricos senhores portugueses, o marquês d'Ajuda-Pinto. [41] Era uma dessas ligações inocentes, tão cheias de atrativos para os que assim se ligam, que não podem tolerar um terceiro. O próprio visconde de Beauséant dera um exemplo ao público, respeitando, com ou sem vontade, essa união morganática. As pessoas que, nos primeiros dias dessa amizade, foram visitar a viscondessa às duas horas, encontraram lá o marquês d'Ajuda-Pinto. A sra. de Beauséant, não podendo fechar a porta da casa a essa hora, porque isso seria muito inconveniente, passou a receber tão friamente, contemplando tão atentamente sua cornija, que todos compreendiam o quanto estavam sendo importunos... Quando se soube, em Paris, que se aborrecia a sra. de Beauséant, indo visitá-la entre as duas e as quatro horas, ela ficou na mais completa solidão. Ia aos Bouffon ou à Ópera em companhia do sr. de Beauséant e do sr. d'Ajuda-Pinto; mas, como homem conhecedor da vida, o sr. de Beauséant retirava-se após acomodar a esposa e o português no teatro. O sr. d'Ajuda ia casar-se com uma srta. de Rochefide.[42] Em toda a alta sociedade, uma única pessoa ainda ignorava esse casamento, e essa pessoa era a sra. de Beauséant. Algumas amigas haviam lhe falado vagamente nisso; ela sorrira, convencida de que essas amigas queriam apenas perturbar uma felicidade invejada. Entretanto, os proclamas de casamento iam ser publicados. O belo português, que nesse dia fora disposto a notificar o casamento à viscondessa, ainda não ousara dizer uma palavra sequer. Por quê? Nada, sem dúvida, é mais difícil do que formular a uma mulher semelhante *ultimatum*. Certos homens sentem-se mais à vontade, no campo da honra, diante de um indivíduo que lhes ameaça o coração com uma espada, do que diante de uma mulher que, após ter chorado suas mágoas durante duas horas, desmaia e pede sais. Justamente naquele momento, o sr. d'Ajuda-Pinto estava sobre brasas e ansioso por sair, dizendo para si mesmo que a sra. de Beauséant seria informada, ele escreveria, seria mais cômodo praticar esse galante assassínio por correspondência do que de viva voz. Quando o criado de quarto da viscondessa anunciou o sr. Eugênio de Rastignac, o marquês d'Ajuda-Pinto estremeceu de alegria. Podeis

ficar certos de que uma mulher apaixonada é ainda mais engenhosa em criar motivos de dúvida para si do que em variar o prazer, e, quando está prestes a ser abandonada, descobre o significado de um gesto mais rapidamente do que o corcel de Virgílio[43] farejava os corpúsculos distantes que lhe anunciavam o amor. Assim, não estranheis que a sra. de Beauséant tenha surpreendido esse sobressalto involuntário, leve mas simplesmente espantoso. Eugênio ignorava que, em Paris, nunca se deve ir à casa de quem quer que seja sem antes pedir que um amigo da casa nos conte a história do marido, da mulher ou dos filhos, a fim de não cometer nenhuma dessas asneiras, em face das quais se diz pitorescamente na Polônia: *Atrele cinco bois a seu carro!*,[44] certamente para tirar a vítima do atoleiro em que se meteu. Se esses desastres da palestra ainda não têm nome na França é porque, sem dúvida, eles são considerados impossíveis neste país, em virtude da enorme publicidade que as maledicências alcançam. Após ter se metido no atoleiro, na casa da sra. de Restaud, que nem mesmo lhe deu tempo de atrelar os cinco bois ao carro, Eugênio não iria fazer mais que recomeçar seu trabalho de vaqueiro, ao apresentar-se na casa da sra. de Beauséant. Mas se ele importunara terrivelmente a sra. de Restaud e o sr. de Trailles, agora vinha tirar de um embaraço o sr. d'Ajuda.

— Adeus — disse o português, apressando-se em alcançar a porta, quando Eugênio entrou numa pequena e encantadora sala de visitas, pintada de cinza e rosa, onde o luxo parecia apenas elegância.

— Ora, até logo — disse a sra. de Beauséant, voltando a cabeça e lançando um olhar ao marquês. — Não vamos aos Bouffons?

— Não posso — disse ele, com a mão no trinco da porta.

A sra. de Beauséant levantou-se e chamou-o para junto de si, sem prestar a menor atenção a Eugênio que, de pé, aturdido pelas cintilações de uma riqueza maravilhosa, acreditava na veracidade dos contos árabes e não sabia onde se meter, ao sentir-se em presença daquela mulher sem ser notado por ela. A viscondessa erguera o indicador da mão direita e, com um gesto gracioso, designava ao marquês um lugar diante dela. Havia nesse movimento uma cólera tão poderosa e tão violento despotismo de paixão, que o marquês soltou o trinco da porta e aproximou-se. Eugênio contemplou-o com inveja.

“É esse o homem do cupê!”, pensou. “Será mesmo preciso ter cavalos fogosos, lacaios e dinheiro em abundância para merecer o olhar de uma mulher de Paris?”

O demônio do luxo mordeu-lhe o coração, a febre do ganho dominou-o e a sede de riqueza secou-lhe a garganta. Tinha apenas cento e trinta francos por trimestre. Seu pai, sua mãe, suas irmãs e sua tia não gastavam, juntos, duzentos francos por mês! Essa rápida comparação entre sua situação presente e a meta que precisava atingir contribuiu para atordoá-lo.

— Por que não pode ir aos Italiens?[45] — perguntou a viscondessa, sorrindo, ao português.

— Negócios! Vou jantar com o embaixador da Inglaterra.

— Você os deixará.

Quando um homem engana, vê-se forçado, de maneira invencível, a acumular mentiras sobre mentiras. O sr. d’Ajuda disse então, sorrindo:

— Exige-o?

— Certamente!

— Oh! Eis o que eu queria que me dissesse — respondeu ele, lançando um desses olhares sutis que teriam tranquilizado qualquer outra mulher.

Tomou a mão da viscondessa, beijou-a e partiu.

Eugênio passou a mão pelos cabelos e retorceu-se todo para cumprimentar, certo de que a sra. de Beauséant ia ocupar-se com ele; ela, porém, saiu quase a correr, precipitou-se para a galeria, chegou à janela e ficou a olhar para o sr. d’Ajuda, enquanto este subia na carruagem. Prestou atenção à ordem que ele deu e ouviu o lacaio repetir ao cocheiro:

— Para a casa do sr. de Rochefide.

Essas palavras e a maneira pela qual o sr. d’Ajuda mergulhou na carruagem foram o raio e o trovão para a pobre mulher, que voltou cheia de mortais apreensões. Na alta sociedade, as mais horríveis catástrofes não são mais que isso. A viscondessa dirigiu-se ao quarto de dormir, sentou-se diante de uma mesa e tomou um belo papel de cartas. Escreveu:

> Uma vez que vais jantar na casa dos Rochefide, e não na embaixada inglesa, deves-me uma explicação. Espero-te.

Após ter emendado algumas letras desfiguradas pelo tremor convulso da mão, acrescentou um C, que queria dizer: “Clara de Borgonha”, e tocou a campainha.

— Jacques — disse ao criado de quarto que apareceu em seguida — , vai às sete e meia à casa do sr. de Rochefide e pergunta pelo sr. d’Ajuda. Se o marquês estiver lá, manda entregar-lhe este bilhete sem esperar resposta. Se não estiver, traze-me isto de volta.

— Há um senhor esperando a sra. viscondessa na sala de visitas.

— Ah, é verdade! — disse ela, abrindo a porta.

Eugênio começava a sentir-se muito embaraçado. Finalmente percebeu a viscondessa, que lhe disse com uma voz trêmula de emoção que lhe sacudiu as fibras do coração:

— Desculpe-me, eu precisava escrever uma carta. Agora, estou a seu dispor...

Ela não sabia o que estava dizendo, pois estava pensando o seguinte: “Ah! Ele quer casar-se com a srta. de Rochefide! Mas acaso ele é livre? Esta noite o noivado será rompido, ou eu... eu... Ora, amanhã não se falará mais nisso”.

— Prima... — respondeu Eugênio.

— Hein! — interrompeu a viscondessa, lançando-lhe um olhar cuja insolência enregelou o estudante.

Eugênio compreendeu esse *hein*. Aprendera tantas coisas nas últimas três horas que ficara com o espírito alerta.

— Senhora... — emendou, corando. Hesitou e depois continuou: — Desculpe-me. Preciso tanto de proteção que uma pontinha de parentesco não me faria mal.

A sra. de Beauséant sorriu. Foi, porém, um sorriso triste, pois já começava a sentir a desgraça que a ameaçava.

— Se a senhora conhecesse a situação em que se encontra minha família — continuou ele —, certamente gostaria de representar o papel de uma dessas fadas benfazejas, que sentem prazer em dissipar os obstáculos que cercam seus afilhados.

— Pois bem, primo — disse ela, sorrindo —, em que posso servi-lo?

— Eu é que sei? Estar ligado à senhora por um laço de parentesco que se perde no passado já é uma completa riqueza. A senhora perturbou-me, não sei mais o que queria dizer-lhe. A senhora é a única pessoa que conheço em Paris... Ah! Eu queria pedir-lhe que me aceite como uma criança pobre, que se agarra a sua saia e que seria capaz de morrer pela senhora.

— Seria capaz de matar uma pessoa por mim...?

— Até duas! — replicou Eugênio.

— Criança! Sim, você é uma criança — disse ela, reprimindo as lágrimas. — Você, sim, é capaz de amar sinceramente!

— Oh! — murmurou ele, sacudindo a cabeça.

A viscondessa interessou-se vivamente pelo estudante, devido à sua resposta de ambicioso. O meridional aplicava um cálculo pela primeira vez. Entre o gabinete azul da sra. de Restaud e a sala de visitas cor-de-rosa da sra. de Beauséant, ele cursara três anos desse *direito parisiense*, de que não se fala, embora constitua uma elevada jurisprudência social que, bem aprendida e bem praticada, consegue tudo!

— Agora me lembro — disse Eugênio. — Vi a sra. de Restaud no seu baile e fui visitá-la esta manhã.

— Deve tê-la aborrecido muito — disse, sorrindo, a sra. de Beauséant.

— E aborreci mesmo! Sou um ignorante, que meterá o mundo inteiro contra si, se a senhora me recusar seu apoio. Acho muito difícil encontrar em Paris uma mulher jovem, bela, rica e elegante, que tenha seu tempo livre, e preciso de uma que me ensine essa coisa que as senhoras, mulheres, sabem explicar tão bem: a vida. Por toda parte encontrarei um sr. de Trailles. Por isso vim a sua casa pedir-lhe a solução de um enigma e implorar-lhe que me diga de que natureza é a tolice que cometi. Falei num certo pai...

— A sra. duquesa de Langeais — disse Jacques, cortando a palavra ao estudante, que fez gesto de viva contrariedade.

— Se quiser vencer na vida — disse a condessa em voz baixa —, para começar não seja tão demonstrativo.

— Oh! Bom dia, querida — disse ela, levantando-se e indo ao encontro da duquesa. Apertou-lhe as mãos com uma efusão carinhosa, que não teria demonstrado por sua irmã, e à qual a duquesa respondeu com os mais encantadores afagos.

“Eis aí duas boas amigas!”, pensou Rastignac. “De agora em diante, terei duas protetoras. As duas mulheres devem ter as mesmas afeições e aquela certamente se interessará por mim.”

— A que feliz ideia devo a ventura desta visita, minha querida Antonieta? — perguntou a sra. de Beauséant.

— Vi o sr. d’Ajuda-Pinto entrando na casa do sr. de Rochefide e pensei que estivesses só.

A sra. de Beauséant não mordeu os lábios, não corou, seu olhar permaneceu inalterado, sua fronte pareceu iluminar-se, enquanto a duquesa pronunciava essas palavras fatais.

— Se eu soubesse que estavas ocupada... — acrescentou a duquesa, voltando-se para Eugênio.

— É o sr. Eugênio de Rastignac, um dos meus primos — disse a viscondessa. —Tens tido notícias do general Montriveau? — perguntou. — Sérisy[46] me disse, ontem, que ele não tem aparecido. Não esteve em tua casa, hoje?

A duquesa, que diziam ter sido abandonada pelo sr. de Montriveau, por quem estava perdidamente apaixonada, sentiu no coração a estocada da pergunta e corou ao responder:

— Ontem ele estava no Élysée.[47]

— A serviço — disse a sra. de Beauséant.

— Já sabes, Clara — replicou a duquesa, lançando ondas de malignidade pelos olhares —, que amanhã serão publicados os proclamas do sr. d’Ajuda e da srta. de Rochefide?

O golpe foi demasiado violento. A viscondessa empalideceu e respondeu, sorrindo:

— Esse é um dos boatos com que se divertem os tolos. Por que o sr. d’Ajuda-Pinto levaria para a família dos Rochefide um dos mais belos nomes de Portugal? Os Rochefide entraram para a nobreza há muito pouco tempo.

— Mas dizem que Berta terá duzentos mil francos de renda.

— O sr. d'Ajuda-Pinto é muito rico e não se casaria por interesse.

— Mas, querida, a srta. de Rochefide é encantadora.

— Ah!

— E ele vai jantar hoje lá. As condições já estão fixadas. Muito me admira que estejas tão pouco informada.

— Qual foi a tolice que fez? — perguntou a sra. de Beauséant voltando-se para Eugênio. E acrescentou: — Esse pobre menino entrou há tão pouco tempo para a sociedade que não compreende nada do que estamos dizendo, querida Antonieta. Seja bondosa para com ele, deixemos para falar nessas coisas amanhã. Sim, amanhã tudo estará oficializado e então poderás ser oficiosa[48] com toda a segurança.

A duquesa lançou a Eugênio um desses olhares insolentes que envolvem um homem dos pés à cabeça, o achatam e o reduzem a zero.

— Minha senhora, enterrei, sem o saber, um punhal no coração da sra. de Restaud. Sem o saber, aí é que está minha falta — disse o estudante, que estava sendo bastante auxiliado pela inteligência e que descobrira os mordazes epigramas ocultos sob as frases afetuosas das duas mulheres. — Qualquer pessoa continua a receber em sua casa e talvez tema aqueles que conhecem o segredo do mal que lhe causam, ao passo que aquele que ofende ignorando a profundidade da ofensa é considerado um tolo, um desastrado, que não sabe tirar proveito de nada e é desprezado.

A sra. de Beauséant lançou ao estudante um desses olhares fundentes, nos quais as almas grandes sabem reunir a gratidão e a dignidade. Esse olhar foi como um bálsamo, que acalmou a chaga aberta em seu coração pelo olhar de leiloeiro com que a duquesa o tinha avaliado.

— Imagine — disse Eugênio, continuando — que eu acabara de captar a simpatia do conde de Restaud. E, a propósito — acrescentou, voltando-se para a duquesa, com uma expressão ao mesmo tempo humilde e maliciosa —, preciso dizer-lhe, minha senhora, que ainda não sou mais que um pobre-diabo de estudante, muito só, muito pobre...

— Não diga isso, sr. de Rastignac. Nós, as mulheres, nunca queremos aquilo que ninguém quer.

— Ora! — retomou Eugênio. — Tenho apenas vinte e dois anos e é preciso saber suportar os infortúnios próprios da idade. Além disso, estou em confissão e é impossível ajoelhar-se diante de um mais belo confessionário: aqui cometem-se os pecados de que a gente se acusa no outro.

A duquesa acolheu com ar frio esta frase antirreligiosa, cujo mau gosto proscreveu dizendo à viscondessa:

— Este senhor acaba de chegar…

A sra. de Beauséant pôs-se a rir francamente do primo e da duquesa.

— Acaba de chegar, querida, e procura uma mestra que lhe ensine boas maneiras…

— Senhora duquesa — continuou Eugênio —, não é natural que nós desejemos iniciar nos segredos daquilo que nos encanta? — ("Diabo", pensou, "tenho a certeza de que estou falando como um barbeiro.")

— Mas creio que a sra. de Restaud é aluna do sr. de Trailles — disse a duquesa.

— Eu o ignorava — replicou o estudante. — Por isso lancei-me loucamente entre ambos. Por fim, conseguira entender-me bem com o marido e já estava sendo tolerado por algum tempo pela mulher, quando tive a ideia de dizer-lhe que conhecia um homem que eu acabara de ver sair por uma escada de serviço e que, ao fundo do corredor, beijara a condessa.

— Quem é? — perguntaram as duas mulheres.

— Um velho que vive à razão de três luíses por mês, lá no fim do Faubourg Saint-Marceau, como eu, pobre estudante. Um verdadeiro desgraçado que serve de troça a toda gente e a quem chamamos de pai Goriot!

— Mas como você é criança! — exclamou a viscondessa. — A sra. de Restaud é filha do sr. Goriot.

— A filha de um fabricante de massas — disse a duquesa —, uma mulherzinha que se apresentou à sociedade no mesmo dia que a filha de um confeiteiro? Não te lembras, Clara? O rei pôs-se a rir e proferiu em latim um chiste sobre a farinha. São gente… como é mesmo? São gente…

— *Eiusdem farinae*[49] — disse Eugênio.

— É isso mesmo — replicou a duquesa.

— Ah, é seu pai! — exclamou o estudante, fazendo um gesto de pavor.

— Pois é. O bom velho tinha duas filhas e é louco por elas, embora ambas o tenham quase renegado.

— A outra não se casou com um banqueiro que tem um nome alemão, um barão de Nucingen? — disse a viscondessa, olhando para a sra. de Langeais. — Chamada Delfina, uma loura que tem um camarote na ópera e também frequenta os Bouffons, rindo muito alto, para chamar a atenção?

A duquesa sorriu ao dizer:

— Mas, querida, estou admirada de ti. Por que te preocupas com essa gente? Era preciso estar loucamente apaixonado, como estava Restaud, para se ter enfarinhado com a srta. Anastácia. Oh! Mas ela não lhe dará senão aborrecimentos. Ela está entre as mãos do sr. de Trailles, que a arruinará.

— Elas renegaram o pai! — repetia Eugênio.

— É verdade, seu pai, o pai! Um pai — continuou a viscondessa —, um bom pai que, segundo dizem, deu a cada uma delas quinhentos ou seiscentos mil francos para torná-las felizes, casando-as bem, e não reservou para si mesmo mais que oito ou dez mil francos de renda, confiando que suas filhas continuariam sendo suas filhas, certo de que criara para si duas vidas nas casas delas, onde seria adorado, mimado. Em dois anos, os genros o expulsaram de seu convívio como o último dos miseráveis...

Algumas lágrimas rolaram dos olhos de Eugênio, recentemente purificado pelas nobres e santas emoções da família, ainda sob o fascínio das crenças juvenis e que apenas estava em sua primeira jornada no campo de batalha da civilização parisiense. As emoções sinceras são tão comunicativas que durante um momento os três se entreolharam em silêncio.

— Realmente, meu Deus! — disse a sra. de Langeais. — Isso parece muito horrível, e, no entanto, vemo-lo todos os dias. Qual será a causa? Dize-me, querida, já pensaste alguma vez no que é um genro? Um

genro é um homem para quem educaremos, tu ou eu, uma criaturazinha querida à qual nos afeiçoaremos por mil braços, que será, durante dezessete anos, a alegria da família, sua alma branca, como diria Lamartine, e que se transformará na peste da família. Quando esse homem a tiver tomado, começará por apoderar-se de seu amor como de um machado para cortar rente, no coração desse anjo, todos os sentimentos pelos quais ela se ligava à família. Ontem, nossa filha era tudo para nós e éramos tudo para ela. Amanhã, ela será nossa inimiga. Não vemos essa tragédia repetindo-se todos os dias? Aqui, é a nora demonstrando a maior insolência para com o sogro, que tudo sacrificou pelo filho. Ali, um genro expulsa a sogra de casa. Ouço muitas vezes perguntarem o que há de dramático na sociedade atual. Ora, o drama do genro é uma coisa pavorosa, sem contar nossos casamentos, que se tornaram acontecimentos de uma tolice sem nome. Compreendo perfeitamente o que aconteceu a esse velho fabricante de massas. Recordo-me de que esse Foriot...

— Goriot, minha senhora.

— Sim, esse Moriot foi presidente de sua seção durante a Revolução. Estava metido na famosa escassez de gêneros alimentícios e começou sua fortuna vendendo, naquele tempo, a farinha por um preço dez vezes superior ao do custo. E conseguiu a quantidade de farinha que quis. O administrador de minha avó vendeu-lhe enormes partidas. Esse Goriot, como toda aquela gente, certamente repartia os lucros com o Comitê de Salvação Pública. Lembro-me de que o administrador dizia a minha avó que ela podia ficar com toda a segurança em Grandvilliers, pois seu trigo representava uma excelente carta cívica. Pois bem, esse Loriot, que vendia trigo aos cortadores de cabeças, só teve uma paixão. Dizem que adora as filhas. Empoleirou a mais velha na casa de Restaud e enxertou a outra no barão de Nucingen, um rico banqueiro que se faz de realista. Vocês compreendem que, no Império, os dois genros não se incomodaram muito de ter esse velho noventa-e-três[50] em casa. Com Bonaparte, ainda era possível. Mas quando os Bourbon voltaram, o bom homem começou a incomodar o sr. de Restaud e ainda mais o banqueiro. As filhas, que talvez ainda amassem o pai, não quiseram descontentar a

este nem aos maridos. Passaram a receber esse Goriot quando estavam sós. E inventaram, para isso, os mais carinhosos pretextos. "Vem quando eu estiver só, papai, assim ficaremos mais à vontade etc." Creio, querida, que os sentimentos sinceros têm olhos e inteligência: o coração do pobre noventa-e-três sangrou. Compreendeu que as filhas tinham vergonha dele e que se elas amavam aos maridos, ele importunava os genros. Era, pois, necessário sacrificar-se. E se sacrificou, pois era pai: baniu-se espontaneamente. O pai e as filhas foram cúmplices desse pequeno crime. Vemos isso por toda a parte. Esse pai Doriot seria uma nódoa na sala de visitas das filhas. Aborreceria aos outros e se aborreceria. O que hoje acontece a esse velho pode acontecer à mais formosa mulher com o homem a quem ela mais ame: se ela o enfada com seu amor, ele se afasta, comete todas as infâmias para evitá-la. O mesmo se dá com todos os sentimentos. Nosso coração é um tesouro: esvaziem-no de um golpe e ficarão arruinados. Consideramos tão imperdoável um sentimento que se mostra em toda sua extensão como um homem sem dinheiro. Esse pai dera tudo que possuía. Durante vinte anos, dera suas entranhas, seu amor; num dia, deu toda a fortuna. Espremido o limão, as filhas atiraram o bagaço na rua.

— O mundo é infame — disse a viscondessa, desfiando o xale sem levantar os olhos, pois fora atingida ao vivo pelas palavras que a duquesa dissera, para ela, contando essa história.

— Infame? Não — replicou a duquesa. — O mundo segue seu rumo, aí está. Se te falo assim, é para mostrar que não me deixo lograr por ele. Penso como tu — disse, apertando a mão da viscondessa. — O mundo é um lodaçal. Tratemos de ficar em cima do barranco.

Levantou-se, beijou a sra. de Beauséant na fronte e disse-lhe:

— Como estás bonita agora, querida. Tens as mais belas cores que já vi.

Em seguida, saiu, após ter inclinado ligeiramente a cabeça na direção do estudante.

— O pai Goriot é sublime! — disse Eugênio, recordando-se de tê-lo visto amassando os utensílios de prata à noite.

A sra. de Beauséant não ouviu. Estava pensativa. Passaram-se alguns momentos de silêncio, e o pobre estudante, que o constrangimento lançara num estado de estupor, não ousava sair, nem ficar, nem falar.

— O mundo é infame e mau — disse, por fim, a viscondessa. — Logo que nos sucede uma desgraça, sempre aparece um amigo pronto a trazê-la ao nosso conhecimento e a nos enterrar no coração um punhal, fazendo-nos admirar o cabo. Começa o sarcasmo, começam as zombarias! Ah, mas eu me defenderei!

Ergueu a cabeça, como fidalga que era, e seus olhos altivos expediram raios.

— Ah — exclamou, ao ver Eugênio —, você está aí!

— Ainda — disse ele, com uma expressão de lástima.

— Pois bem, sr. de Rastignac, trate este mundo como ele o merece. Você quer triunfar, eu o ajudarei. Você sondará o quanto é profunda a corrupção feminina e medirá a extensão da miserável vaidade dos homens. Embora eu tenha lido muito no livro da vida, ainda havia páginas que eu desconhecia. Agora sei tudo. Quanto mais friamente você calcular, mais longe irá. Fira sem piedade e será temido. Considere os homens e as mulheres apenas como cavalos do correio que você abandonará estafados em cada estação de muda e assim atingirá o auge de suas ambições. Fique sabendo, você não será nada aqui se não tiver uma mulher que se interesse por você. É preciso que ela seja jovem, rica e elegante. Mas se tiver uma afeição sincera, esconda-a como um tesouro; não permita que suspeitem dela, senão você estará perdido. E, assim, você não seria o carrasco, e sim a vítima. Se amar algum dia, guarde bem seu segredo! Não o revele antes de saber perfeitamente a quem está abrindo o coração. Para preservar antecipadamente esse amor que ainda não existe, aprenda a desconfiar deste mundo. Escute-me, Miguel... (Ela trocava inconscientemente o nome do estudante.) Há uma coisa mais pavorosa do que o abandono

do pai por suas duas filhas, que desejariam vê-lo morto: é a rivalidade entre as duas irmãs. Restaud é ilustre pelo nascimento e, assim, sua esposa foi admitida na alta sociedade. Mas sua irmã, sua rica irmã, a bela sra. Delfina de Nucingen, esposa de um homem rico, morre de desgosto. A inveja a devora, ela está a cem léguas da irmã. Sua irmã já não é a sua irmã. As duas mulheres se renegam mutuamente, como renegam ao pai. Assim, a sra. de Nucingen lamberia toda a lama que existe entre a rue de Saint-Lazare e a de Grenelle para ser recebida em minha casa. Ela pensou que o sr. de Marsay lhe facilitaria a realização desse desejo e por isso tornou-se escrava do sr. de Marsay, vive a importunar o sr. de Marsay. Este, porém, pouco se importa com ela. Se você a introduzir em minha casa, passará a ser seu Benjamim, ela o adorará. Ame-a, depois, se puder. Ou, então, sirva-se dela! Eu a receberei uma vez ou duas, nas horas de visita, quando houver bastante movimento aqui. Mas nunca pela manhã. Eu a cumprimentarei, será suficiente. Você fechou para si a porta da condessa por ter pronunciado o nome do pai Goriot. Sim, meu caro, se você for vinte vezes à casa da sra. de Restaud, vinte vezes lhe dirão que ela está ausente. Você está marcado. Pois bem, que o pai Goriot o leve à presença da sra. Delfina de Nucingen. A bela sra. de Nucingen será sua tabuleta. Faça-se seu preferido e as mulheres se apaixonarão por você. Suas rivais, suas amigas, suas melhores amigas, quererão arrebatá-lo de suas mãos. Há mulheres que amam o homem escolhido por outra, como há pobres burguesas que, usando nossos chapéus, esperam adquirir nossas maneiras. Você terá êxitos. Em Paris, o êxito é tudo, é a chave do poder. Se as mulheres o julgarem espirituoso e inteligente, os homens acreditarão nisso, se você não os decepcionar. Então, poderá desejar tudo, poderá ir onde quiser. E ficará sabendo o que é a sociedade, uma reunião de incautos e de velhacos. Não se misture a uns nem aos outros. Dou-lhe meu nome como um fio de Ariadne[51] para entrar nesse labirinto. Não o comprometa — disse ela, curvando o pescoço e dirigindo um olhar de rainha ao estudante —, devolva-mo imaculado. E, agora, pode ir. Deixe-me só. Nós, as mulheres, também temos nossas batalhas a travar.

— Se precisar de um homem de boa vontade para lançar fogo a uma

mina… — disse Eugênio, interrompendo-a.

— Sim? — disse ela.

Ele bateu no peito, correspondeu ao sorriso da prima e saiu. Eram cinco horas. Eugênio estava com fome. Ficou com receio de não chegar a tempo para o jantar e isso fez com que ele saboreasse a ventura de ser transportado rapidamente através de Paris. Esse prazer puramente maquinal deixou-o entregue aos pensamentos que o assaltavam. Quando um rapaz de sua idade é ferido pelo desprezo, fica furioso, enraivecido, ameaça a sociedade inteira com o punho cerrado, quer vingar-se e ao mesmo tempo duvida de si mesmo. Rastignac, nesse momento, estava acabrunhado por aquelas palavras:

— *Você fechou para si a porta da casa da condessa.*

“Irei!”, pensou, “e se a sra. de Beauséant tem razão, se estou marcado… eu… A sra. de Restaud me encontrará em todos os salões onde for. Aprenderei a manejar as armas, a atirar com pistola e matarei seu Máximo! E o dinheiro”, gritou-lhe a consciência, “onde irás buscá-lo?”

Subitamente, a riqueza que se ostentava na casa da condessa de Restaud brilhou diante de seus olhos. Vira lá o luxo que uma srta. Goriot devia prezar, dourados, objetos de valor postos em evidência, o luxo sem inteligência do plebeu enriquecido, o desperdício próprio da mulher que vive à custa de um homem. Essa imagem fascinante foi rapidamente ofuscada pelo grandioso palacete de Beauséant. Sua imaginação, transportada às altas regiões da sociedade parisiense, inspirou a seu coração mil pensamentos perversos, alargando-lhe o cérebro e a consciência. Viu a sociedade tal qual é: as leis e a moral impotentes para com os ricos e viu na fortuna a *ultima ratio mundi*. [52]

“Vautrin tem razão, a fortuna é a virtude!”, pensou.

Chegando à rue Neuve-Sainte-Geneviève, subiu rapidamente ao quarto, desceu para dar dez francos ao cocheiro e entrou na nauseabunda sala de refeições, onde viu, como animais numa manjedoura, os dezoito convivas entregues ao jantar. O espetáculo daquelas misérias e o aspecto da sala deram-lhe uma impressão horrível. A transição fora excessivamente brusca, o contraste

demasiado completo, fazendo com que se ampliasse desmesuradamente seu sentimento de ambição. De um lado, as frescas e encantadoras imagens da mais elegante natureza social, rostos jovens, cheios de vida, emoldurados pelas maravilhas da arte e do luxo, cabeças apaixonadas, cheias de poesia; de outro, os sinistros quadros tarjados de lodo, rostos nos quais as paixões não haviam deixado senão suas cordas e seus mecanismos. As informações que a cólera de mulher abandonada arrancara à sra. de Beauséant e seus oferecimentos capciosos voltaram-lhe à memória e a miséria lhe sugeriu que os aceitasse. Rastignac resolveu abrir duas valas paralelas para atingir a fortuna, apoiar-se sobre a ciência e o amor, ser um sábio doutor e um homem de sociedade. Como ainda era criança! Essas duas linhas são assíntotas[53] que nunca se podem encontrar.

— Está muito triste, senhor marquês — disse-lhe Vautrin, lançando-lhe um desses olhares, pelos quais parecia desvendar os segredos mais ocultos do coração.

— Não estou disposto a tolerar os gracejos dos que me chamam de “senhor marquês” — respondeu. — Aqui, para ser verdadeiramente marquês, é preciso ter cem mil francos de renda e, quando se mora na Casa Vauquer, não se é precisamente o favorito da Fortuna.

Vautrin olhou para Rastignac com uma expressão paternal e desdenhosa, como se dissesse: “Fedelho! Eu te liquidaria numa passada!”.

E depois respondeu:

— O senhor está de mau humor, talvez porque não tenha tido sorte com a bela condessa de Restaud.

— Ela me fechou a porta porque eu lhe disse que seu pai comia na nossa mesa — exclamou Rastignac.

Os comensais se entreolharam. O pai Goriot baixou os olhos e voltou o rosto para enxugá-los.

— O senhor me atirou rapé nos olhos — disse ao vizinho.

— De hoje em diante, quem ofender o pai Goriot terá de se entender comigo — disse Eugênio, encarando o vizinho do antigo fabricante de massas. — Ele vale mais que todos nós. Não falo nas senhoras — acrescentou, voltando-se para a srta. Taillefer.

Essa frase foi como um ponto final. Eugênio pronunciou-a com uma expressão que impôs silêncio aos convivas. Somente Vautrin disse num tom brincalhão:

— Para tomar conta do pai Goriot e fazer-se seu editor responsável é preciso saber manejar a espada e atirar bem com pistola.

— Assim o farei — disse Eugênio.

— Começa então sua campanha, hoje?

— Talvez — respondeu Rastignac. — Mas não tenho que dar conta de meus negócios a ninguém, uma vez que não procuro descobrir o que os outros andam fazendo a altas horas da noite.

Vautrin olhou de soslaio para Rastignac.

— Olhe, menino, quem não quiser ser logrado pelos fantoches precisa entrar na barraca e não se contentar em espiar pelos buracos da lona. E basta de conversa — acrescentou, ao ver Eugênio prestes a irritar-se. — Daremos dois dedos de prosa quando você quiser.

O jantar tornou-se sombrio e frio. O pai Goriot, absorto pela profunda dor que lhe causara aquela frase do estudante, não percebeu que as disposições dos espíritos se haviam modificado a seu respeito e que um rapaz em condições de impor silêncio à perseguição assumira sua defesa.

— O sr. Goriot será mesmo pai de uma condessa? — perguntou a sra. Vauquer, em voz baixa.

— E de uma baronesa— replicou Rastignac.

— Ele não tem outra coisa a fazer — disse Bianchon a Rastignac. — Examinei-lhe a cabeça. Ele tem apenas uma bossa, a da paternidade. Será um *padre eterno*.[54]

Eugênio estava sério, e o gracejo de Bianchon não lhe provocou o riso. Queria aproveitar os conselhos da sra. de Beauséant e se perguntava onde arranjaria dinheiro. Ficou preocupado ao contemplar as savanas do mundo que se estendiam ante seus olhos, ao mesmo tempo vazias e cheias.

— Então o senhor viu minha filha? — perguntou-lhe Goriot com uma voz comovida.

Despertado de sua meditação pelo velhote, Eugênio tomou-lhe a mão e contemplando-o com uma certa ternura:

— O senhor é um homem corajoso e digno — respondeu. — Falaremos mais tarde sobre suas filhas.

Levantou-se sem querer escutar o pai Goriot e retirou-se para o quarto, onde escreveu à mãe a seguinte carta:

> Minha querida mãe,
>
> Vê se tens, por acaso, um terceiro seio para abrir para mim. Estou na situação de poder enriquecer rapidamente. Necessito de mil e duzentos francos a qualquer preço. Não fales neste pedido a meu pai, que provavelmente se oporia, e se eu não conseguir esse dinheiro, ficarei num desespero que me levará ao suicídio. Explicarei os motivos disso logo que nos encontrarmos, pois teria de escrever vários volumes para fazer-te compreender a situação em que me encontro. Não joguei, minha boa mãe, nem devo nada; mas se desejas conservar a vida que me deste, precisas arranjar-me essa quantia. Para dar-te uma ideia do que se passa, informo-te que passei a visitar a viscondessa de Beauséant, que me tomou sob sua proteção. Preciso frequentar a sociedade e não tenho um soldo para comprar umas luvas novas. Sou capaz de comer apenas pão, beber apenas água e até jejuar se for necessário; não posso, porém, privar-me dos instrumentos com que a gente faz a vindima nesta terra. Ou realizo minha carreira ou terei de permanecer na lama. Bem sei quantas esperanças vocês puseram em mim e quero realizá-las rapidamente. Minha querida mãe, vende algumas de tuas antigas joias e em breve eu as restituirei. Conheço suficientemente a situação da nossa família para saber apreciar tais sacrifícios e podes crer que não te peço que os faças em vão: nesse caso eu seria um monstro. Peço-te que não vejas na minha súplica mais que o brado de uma necessidade imperiosa. Nosso futuro inteiro está nesse subsídio, com o qual devo iniciar a campanha, pois esta vida de Paris é um combate contínuo. Se, para completar essa quantia, não houver outro recurso senão vender as rendas de minha tia, dize-lhe que em breve eu lhe remeterei outras mais bonitas etc.

Escreveu também a cada uma das irmãs pedindo-lhes suas economias e, para arrancá-las sem que elas falassem ao resto da família do sacrifício que certamente fariam alegremente por ele, serviu-se de sua fraqueza, tocando-lhes nas cordas da honra, sempre tensas, e que vibram tão bem nos corações jovens. Quando acabou de escrever as cartas, experimentou uma trepidação involuntária: palpitava, tremia. O jovem ambicioso conhecia muito bem a nobreza imaculada daquelas

almas mergulhadas na solidão, percebia os sacrifícios que imporia às irmãs e sabia, também, que esses sacrifícios seriam suas alegrias. Sabia com que prazer elas se ocupariam em segredo com o irmão muito amado, no isolamento de sua granja. Sua consciência ergueu-se, luminosa, e mostrou-lhe as irmãs contando secretamente seus pequenos tesouros; viu-as, depois, empregando o engenho malicioso das moças para enviarem o dinheiro *incógnito*, ensaiando um primeiro embuste para se tornarem sublimes.

"O coração de uma irmã é um diamante de pureza, um abismo de ternura!", pensou.

Envergonhava-se por ter escrito. Como seriam poderosos seus votos, como seria puro arrebatamento de suas almas em direção ao céu! Com que volúpia elas se sacrificariam! Que dor sofreria a mãe se não pudesse enviar-lhe a quantia inteira! Esses belos sentimentos, esses prodigiosos sacrifícios lhe serviriam de escada para chegar a Delfina de Nucingen. Quantas lágrimas, últimos grãos de incenso lançados ao sagrado altar da família, lhe brotaram dos olhos! Começou a andar de um lado para outro numa agitação desesperada. O pai Goriot, vendo-o assim pela porta, que ficara entreaberta, entrou e disse-lhe:

— Que tem o senhor?

— Ah, meu bom vizinho, sou também filho e irmão, como o senhor é pai! O senhor tem razão de recear pela condessa Anastácia: ela está entregue a um tal sr. Máximo de Trailles que a perderá.

O pai Goriot retirou-se balbuciando algumas palavras, cujo sentido Eugênio não compreendeu. No dia seguinte, Rastignac foi pôr as cartas no correio. Hesitou até o último momento e por fim atirou-as à caixa dizendo: "Hei de vencer!". Frase do jogador e do grande capitão, que perde mais homens do que salva.

Alguns dias depois, Eugênio foi à casa da sra. de Restaud e não foi recebido. Três vezes voltou lá e três vezes também encontrou a porta fechada, embora chegasse em horas em que o conde Máximo de Trailles não estava lá. A viscondessa tinha razão. O estudante não estudou mais. Ia às aulas para responder à chamada e, uma vez atestada a presença, retirava-se. Raciocinara como a maioria dos

estudantes. Deixaria o estudo para época dos exames. Acumularia as matrículas do segundo e do terceiro anos e depois estudaria seriamente todo o direito, de uma só vez, à última hora. Dispunha, assim, de quinze meses de folga para navegar no oceano de Paris, entregar-se ao tráfico das mulheres ou pescar a fortuna. Naquela semana, visitou duas vezes a sra. de Beauséant, indo à casa dela somente no momento em que saía a carruagem do marquês d'Ajuda. Durante alguns dias ainda a ilustre senhora, a mais poética figura do Faubourg Saint-Germain, manteve-se vitoriosa e fez suspender o casamento da srta. de Rochefide com o marquês d'Ajuda-Pinto. Os últimos dias, porém, que o receio de perder a felicidade tornou os mais febris de todos, deviam precipitar a catástrofe. O marquês d'Ajuda, de acordo com os Rochefide, considerara aquele arrufo e a consequente reconciliação como uma circunstância favorável: esperavam que a sra. de Beauséant se habituaria à ideia daquele casamento e acabaria por sacrificar suas manhãs a um futuro já previsto na vida dos homens. Apesar das mais sagradas promessas diariamente renovadas, o sr. d'Ajuda representava uma comédia, e a viscondessa estava gostando de ser iludida. "Em vez de atirar-se nobremente pela janela, rola pela escada", dizia a duquesa de Langeais, sua melhor amiga. Esses derradeiros clarões, porém, brilharam o tempo suficiente para que a viscondessa permanecesse em Paris e auxiliasse o jovem parente, a quem dedicava uma afeição supersticiosa. Eugênio mostrara-se cheio de dedicação e de compreensão para com ela, numa circunstância em que as mulheres não encontram compaixão nem sincera consolação em nenhum olhar. Em tais ocasiões, se um homem lhe diz palavras amáveis, é por especulação que o faz.

No desejo de ficar conhecendo perfeitamente o terreno, antes de tentar a abordagem da casa de Nucingen, Rastignac procurou inteirar-se da vida anterior de pai Goriot e recolheu informações seguras, que podem ser resumidas no seguinte.

João Joaquim Goriot era, antes da Revolução, um simples operário numa fábrica de massas, hábil, econômico e bastante arrojado para comprar o estabelecimento do patrão, que o acaso tornou vítima da primeira sublevação em 1789. Instalara-se à rue de Jussienne, próximo

do mercado de cereais, e tivera o grande bom-senso de aceitar a presidência de sua seção, a fim de fazer com que as personagens mais influentes daquela época perigosa protegessem seu comércio. Essa perspicácia fora a origem de sua fortuna, que começou durante a escassez, falsa ou real, de gêneros, em consequência da qual os cereais subiram extraordinariamente de preço em Paris. Enquanto o povo se matava à porta das padarias, certas pessoas iam comprar, livres do tumulto, massas nas mercearias. Durante esse ano, o cidadão Goriot acumulou um capital que, mais tarde, lhe permitiu dedicar-se ao comércio, com a superioridade que uma grande soma de dinheiro confere a quem a possui. Aconteceu-lhe o que acontece a todos os homens que têm apenas uma relativa capacidade: sua mediocridade o salvou. Além disso, como sua fortuna só foi conhecida no momento em que já não havia mais perigo em ser rico, não excitou a inveja de ninguém. O comércio de cereais parecia ter absorvido toda sua inteligência. Em tudo que se relacionasse com trigo, farinhas, refugos de cereais, como reconhecer sua qualidade e sua procedência, tomar medidas para sua conservação, prever as saídas, profetizar a abundância ou a penúria das colheitas, adquirir cereais por preços baixos, fazer provisões na Sicília e na Ucrânia, não havia um homem igual a Goriot. Ao vê-lo dirigir seus negócios, interpretar as leis sobre a exportação e a importação de cereais, estudar o espírito de suas determinações e apontar suas falhas, alguém o teria julgado capaz de ser um bom ministro de Estado. Era paciente, dinâmico, enérgico, constante, rápido nas expedições, tinha um golpe de vista aquilino, antecipava tudo, previa tudo, sabia tudo e ocultava tudo. Era um diplomata para planejar e um soldado para executar. Fora de sua especialidade, de seu singelo e obscuro armazém, à porta do qual permanecia nas horas de folga com o ombro apoiado ao batente, voltava a ser o operário estúpido e vulgar, incapaz de compreender um raciocínio, insensível a todos os prazeres do espírito, o homem que dorme no teatro, um desses Dolibans[55] parisienses que só são fortes em estupidez. Quase todas essas naturezas se assemelham. Em quase todas elas encontrareis um sentimento sublime no coração. Dois sentimentos exclusivos haviam enchido o coração do fabricante de

massas e absorvido sua afeição, como o comércio dos cereais consumia toda inteligência de seu cérebro. Sua esposa, filha única de um rico agricultor de Brie, fora para ele objeto de uma admiração religiosa, de um amor sem limites. Goriot admirara nela uma natureza ao mesmo tempo frágil e forte, sensível e encantadora, que contrastava vigorosamente com a sua. Se há um sentimento inato no coração do homem, não será ele o orgulho de exercer a todo o momento sua proteção em favor de ser um débil? Acrescentai a isso o amor, essa intensa gratidão de todas as almas francas para com a fonte de seus prazeres e compreendereis então uma multidão de extravagâncias morais. Após sete anos de ventura sem nuvens, Goriot, para sua desgraça, perdeu a esposa: ela começava a dominá-lo fora da esfera dos sentimentos. Talvez ela tivesse cultivado aquela natureza inerte, talvez viesse a derramar nela a compreensão das coisas do mundo e da vida. Nessa situação, o sentimento de paternidade assumiu, em Goriot, o caráter de um delírio. Transferiu suas afeições frustradas pela morte para as duas filhas, que, no início, satisfizeram plenamente a todos os seus sentimentos. Apesar das brilhantes propostas que lhe fizeram negociantes ou agricultores ricos, desejosos de lhe darem as filhas, quis conservar-se viúvo. Seu sogro, o único homem pelo qual ele demonstrava alguma inclinação, explicava essa atitude como resultante de um juramento que Goriot teria feito de jamais ser infiel à mulher, mesmo morta. Seus colegas do mercado, incapazes de compreender essa sublime obsessão, zombaram dela e deram a Goriot um apelido grotesco. O primeiro deles que, enquanto bebia um copo de vinho, teve a ideia de pronunciá-lo, recebeu do fabricante de massas um soco no ombro que o lançou de cabeça contra um marco de pedra da rue Oblin. A dedicação irrefletida, o amor desconfiado e delicado que Goriot dedicava às filhas tornaram-se tão conhecidos de todos que, um dia, um de seus concorrentes, a fim de fazê-lo retirar-se do mercado para ficar senhor da cotação, disse-lhe que Delfina fora atropelada por um carro. O fabricante de massas, com o rosto lívido, abandonou imediatamente o mercado. Ficou doente durante vários dias, em consequência dos sentimentos contraditórios a que o submeteu aquele falso alarme. E se não aplicou seu soco mortífero ao ombro daquele

homem, expulsou-o do mercado, forçando-o, numa circunstância crítica, a falir. A educação das duas filhas foi, naturalmente, a mais absurda. Possuindo mais de sessenta mil francos de renda e não gastando nem mil e duzentos francos consigo, a felicidade de Goriot consistia em satisfazer todos os caprichos das filhas: os mais excelentes mestres foram encarregados de ministrar-lhes os conhecimentos que caracterizam uma boa educação; tiveram uma governanta que, para felicidade delas, era uma mulher inteligente e de bom gosto; montavam a cavalo, andavam de carruagem, viviam como viveriam as amantes de um velho fidalgo rico; bastava-lhes manifestar os mais dispendiosos desejos para verem o pai correr para atendê-los: e em troca de seus presentes ele não pedia mais que um carinho. Goriot colocava as filhas na categoria dos anjos e, portanto, acima dele, o desgraçado! Amava até o mal que elas lhe faziam. Quando as filhas chegaram à idade de se casarem, puderam escolher os maridos de acordo com seu gosto: cada um levaria como dote a metade da fortuna do pai. Cortejada por sua beleza pelo conde de Restaud, Anastácia, que tinha inclinações aristocráticas, deixou a casa paterna para lançar-se às altas esferas sociais. Delfina gostava de dinheiro; casou-se com Nucingen, banqueiro de origem alemã que se tornou barão do Santo Império. Quanto a Goriot, continuou fabricante de massas. Logo as filhas e os genros se sentiram chocados ao verem-no permanecer naquele ramo de comércio, embora isso constituísse toda a sua vida. Após ter suportado durante dois anos suas instâncias, concordou em retirar-se da atividade com o produto da venda da fábrica e os lucros daqueles últimos anos: capital que a sra. Vauquer, em cuja casa se instalara, avaliara que asseguraria oito a dez mil francos de renda. Fora para aquela pensão em consequência do desespero que o assaltara, ao ver as duas filhas obrigadas pelos maridos a se recusarem não só a hospedá-lo em suas casas, como até a recebê-lo ostensivamente.

Essas informações eram tudo quanto sabia o sr. Muret a respeito do pai Goriot, de quem comprara o estabelecimento. As suposições que Rastignac ouvira a duquesa de Langeais fazer estavam, assim, confirmadas.

Aqui termina a exposição dessa obscura mas pavorosa tragédia

parisiense.

III – A ENTRADA NA SOCIEDADE

No fim da primeira semana de dezembro, Rastignac recebeu duas cartas, uma da mãe e outra da irmã mais velha. Aquelas caligrafias tão conhecidas fizeram-no palpitar de alegria e tremer de pavor ao mesmo tempo. As delgadas folhas de papel continham uma sentença de vida ou de morte para suas esperanças. Se, por um lado, a recordação da pobreza dos pais lhe autorizava temores, estava, por outro lado, bastante seguro da predileção que sempre desfrutava para não ter receio de lhes haver aspirado às derradeiras gotas de sangue. A carta da mãe estava assim redigida:

> Meu querido filho,
>
> Envio-te o que pediste. Emprega bem esse dinheiro. Mesmo que se tratasse de salvar-te a vida, eu não poderia conseguir novamente uma quantia tão grande sem que teu pai ficasse sabendo, o que perturbaria a harmonia de nosso lar. Para obtê-la, teríamos de hipotecar nossas terras. Não posso julgar o mérito de projetos que não conheço. De que natureza são eles, para que temas confiá-los a tua mãe? Sua explicação não exigiria volumes; para as mães, basta uma palavra, e essa palavra me teria poupado as angústias da incerteza. Não posso ocultar a impressão dolorosa que tua carta me causou. Meu querido, que sentimento é esse que te constrange a lançar tais temores no meu coração? Deves ter sofrido muito ao escrever-me, pois muito sofri ao ler-te. Em que carreira te vais meter? Tua vida e tua felicidade dependerão de parecer o que não és, de frequentar uma sociedade à qual não poderias comparecer sem despesas que não podes sustentar, perdendo nisso um tempo precioso aos teus estudos? Meu bom Eugênio, acredita no coração de tua mãe, os caminhos tortuosos não conduzem a grandes coisas. A paciência e a resignação devem ser as virtudes dos moços que estão na tua situação. Não te censuro, pois não quero misturar amargura ao que te enviamos. Minhas palavras são as de uma mãe tão confiante quão previdente. Se bem sabes quais são teus deveres, eu, de minha parte, bem sei como teu coração é puro e como tuas intenções são excelentes. Por isso posso dizer-te sem receio: “Vai, meu querido, toca para a frente!”. Temo porque sou sua mãe. Mas cada um de teus passos será ternamente acompanhado de nossos

votos e de nossas bênçãos. Sê prudente, querido. Deves ser sensato como um homem. Os destinos de cinco pessoas que te são caras repousam sobre tua cabeça. Sim, toda a nossa riqueza está em ti, do mesmo modo que tua felicidade é a nossa. Pedimos a Deus que te auxilie em teus empreendimentos. Tua tia Marcillac mostrou-se, nesta circunstância, de uma bondade admirável: foi até a ponto de concordar com o que me dizes sobre tuas luvas. Além disso, ela tem um fraco pelo sobrinho mais velho, segundo disse alegremente. Meu Eugênio, ama muito tua tia. Não te direi o que ela fez por ti antes que tenhas vencido. Se o fizesse agora, seu dinheiro queimaria teus dedos. Os filhos não sabem o que é sacrificar recordações! Mas o que não sacrificaríamos por ti? Ela manda dizer-te que te beija na testa e que deseja transmitir-te, nesse beijo, a força necessária para que sejas muitas vezes feliz. A boa e excelente senhora também te escreveria se não estivesse com gota nos dedos. Teu pai vai bem. A colheita de 1819 ultrapassa as nossas esperanças. Adeus, querido filho. Não te direi nada de tuas irmãs, pois Laura te escreve. Deixo-lhe o prazer de tagarelar sobre os pequenos acontecimentos da família. Queira Deus que triunfes! Sim, triunfa, meu Eugênio. Fizeste-me conhecer uma dor demasiado intensa para que eu possa suportá-la novamente. Conheci a tristeza de ser pobre, ao desejar possuir riquezas para dá-las a meu filho. Agora, adeus. Não nos deixes sem notícias e recebe com esta o beijo que tua mãe te envia.

Quando Eugênio acabou de ler a carta, estava banhado em lágrimas. Pensava no pai Goriot retorcendo seus utensílios de prata dourada para pagar a letra de câmbio da filha.

“Tua mãe também amassou suas joias!”, dizia-se intimamente. “Tua tia certamente chorou ao vender algumas relíquias! Com que direito amaldiçoarás Anastácia? Acabas de imitar, para o egoísmo de teu futuro, o que ela fez pelo amante! Quem de vocês dois é melhor?”

O estudante sentiu as entranhas roídas por uma intolerável sensação de calor. Teve vontade de renunciar à sociedade, sentiu desejos de não aceitar aquele dinheiro. Experimentou esses nobres e belos remorsos secretos cujo mérito é raramente apreciado pelos homens, ao julgarem seus semelhantes, e que muitas vezes fazem absolver pelos anjos do céu o criminoso condenado pelos juristas da terra. Rastignac abriu a carta da irmã, cujas expressões inocentemente graciosas lhe refrescaram o coração:

Tua carta veio bem a tempo, querido irmão. Ágata e eu queríamos empregar nosso dinheiro de tantas maneiras diferentes que não sabíamos o que comprar. Fizeste como o criado do rei da Espanha quando derrubou os relógios do patrão, puseste-nos de acordo. Realmente, vivíamos constantemente a discutir sobre qual de nossos desejos deveríamos preferir e ainda não tínhamos descoberto, querido Eugênio, uma aplicação que abrangesse todos os nossos desejos. Ágata saltou de alegria. Ficamos como duas loucas durante o resto do dia. E com tais indícios (estilo da titia) que mamãe nos dizia severamente: “Que têm vocês, senhoritas?”. Se tivéssemos sido repreendidas um pouquinho, creio que teríamos ficado ainda mais contentes. Uma mulher deve sentir muito prazer em sofrer por aquele a quem ama! Eu, porém, fiquei pensativa e triste no meio de minha alegria. Serei uma péssima esposa, sou muito mão-aberta. Comprei dois cintos, um belo perfurador para abrir os ilhoses de meus espartilhos e mais algumas futilidades, de modo que fiquei com menos dinheiro que a gorducha da Ágata, que é econômica e guarda seus escudos como uma pega. Ela tinha duzentos francos e eu, meu pobre amigo, tenho apenas cinquenta escudos.[56] Fui bem castigada, tive vontade de atirar meu cinto no poço, pois sempre me será penoso usá-lo. Eu te roubei. Ágata mostrou-se encantadora. Disse-me: “Enviemos os trezentos e cinquenta francos em nome das duas!”. Eu, porém, não pude deixar de contar-te as coisas como se passaram. Sabes como fizemos para obedecer tuas ordens? Tomamos nosso glorioso dinheiro e saímos a passear juntas. Quando chegamos à estrada real, corremos a Ruffec[57] e entregamos sem cerimônia aquela quantia ao sr. Grimbert, que dirige o escritório das Messageries Royales. Estávamos leves como as andorinhas quando voltam. “Será que nossa felicidade nos deixou mais leves?”, perguntou-me Ágata. Dissemos uma à outra mil coisas que não te repetirei, senhor parisiense, falamos muito em ti. Oh!, querido irmão, amamos-te muito, eis tudo em duas palavras. Quanto à discrição, duas pequenas fingidas como nós, como diz titia, são capazes de tudo, mesmo de calar. Mamãe foi, misteriosamente, a Angoulême, com titia, e ambas guardaram silêncio sobre a alta política de sua viagem, que só se realizou após longas conferências, das quais fomos banidas, bem como o senhor barão. Grandes conjecturas ocupam os espíritos no estado de Rastignac. O vestido de musselina enfeitado de flores recortadas, que as infantas estão bordando para Sua Majestade, a rainha, vai se adiantando no mais profundo segredo. Faltam apenas dois panos. Decidiu-se que não se construirá muro ao lado de Verteuil. Plantaremos, ali, uma sebe. A gente miúda perderá, com isso, os frutos das latadas de árvores, mas ganharemos uma bela vista para as redondezas. Como o herdeiro presuntivo necessitava de lenços, informa-se que a viúva de Marcillac, remexendo seus tesouros e suas malas,

designadas sob os nomes de Pompeia e de Herculanum, descobriu uma peça de bela fazenda de Holanda, que ela não sabia possuir. As princesas Ágata e Laura puseram a sua disposição o fio, a agulha e as mãos, sempre um pouco vermelhas. Os dois jovens príncipes, dom Henrique e dom Gabriel, conservam o funesto hábito de empanturrar-se de arrobe, de impacientar as irmãs, de não querer aprender nada, de divertir-se em furtar os ninhos dos pássaros, de fazer barulho e de cortar, desobedecendo as leis do estado, os vimes para fazer bengalas. O núncio do papa, vulgarmente chamado senhor cura, ameaça excomungá-los se eles continuarem a deixar os santos cânones da gramática pelos canudos do sabugueiro belicoso. Adeus, querido irmão. Nunca uma carta transportou tantos votos feitos por tua felicidade nem tanto amor satisfeito. Terás muitas coisas para nos contar quando vieres! Hás de contar-me tudo, a mim, que sou a mais velha. Minha tia deixou-nos suspeitar que tens tido êxito na sociedade.

Falam numa mulher e calam quanto ao resto…[58] Conosco, bem entendido! Dize uma coisa, Eugênio: se quiseres, poderíamos dispensar os lenços, e assim faríamos camisas para ti. Responde-me logo a esse respeito. Se necessitares imediatamente de belas camisas bem-feitas, seremos obrigadas a tratar disso em seguida. E se houver em Paris modas que não conhecemos, manda-nos um modelo, principalmente para vermos como são os punhos. Adeus, por hoje! Beijo-te na testa, no lado direito, na têmpora que me pertence exclusivamente… Deixo o outro lado do papel para Ágata, que me prometeu nada ler do que escrevi. Mas, para ter maior certeza, ficarei junto dela enquanto ela estiver escrevendo. Tua irmã que te ama.

laura de rastignac

— Sim — exclamou Eugênio —, sim, a fortuna a qualquer preço! Não há tesouros que paguem essa dedicação. Eu gostaria de dar-lhes todas as felicidades juntas. “Mil quinhentos e cinquenta francos!”, pensou, após uma pausa: “É preciso que cada moeda consiga alguma coisa! Laura tem razão. É verdade, só tenho camisas de fazenda ordinária. Para a felicidade alheia, uma moça torna-se astuciosa como um ladrão. Inocente para si e previdente para mim, ela é como o anjo do céu que perdoa as faltas da terra sem compreendê-las.”

Sentia-se senhor do mundo! O alfaiate já tinha sido abordado, sondado, conquistado. Ao ver o sr. de Trailles, Rastignac compreendera a influência que os alfaiates excercem sobre a vida dos

rapazes. Infelizmente! Não existe meio-termo: o alfaiate é um inimigo mortal ou um amigo feito por intermédio da conta. Eugênio encontrou no seu um homem que compreendera o caráter paternal de seu comércio e que se considerava um traço de união entre o presente e o futuro dos moços. Por sua vez, Eugênio, agradecido, fez a fortuna daquele homem, com uma daquelas frases pelas quais se distinguiu mais tarde:

— Sei de duas calças feitas por ele — dizia — que proporcionaram casamentos de vinte mil francos de renda.

Mil e quinhentos francos e trajes à vontade! Naquele momento, o pobre meridional não duvidou de mais nada e desceu para almoçar com essa expressão indefinível que a posse de uma quantia qualquer confere a um rapaz. No momento em que o dinheiro escorre para dentro do bolso de um estudante, ergue-se intimamente nele uma coluna fantástica, sobre a qual se apoia. Caminha melhor que antes, sente que tem um ponto de apoio para sua alavanca, fica com o olhar cheio, reto, e os movimentos ágeis. Na véspera, humilde e tímido, deixaria que lhe batessem; no dia seguinte, ele próprio bateria num primeiro-ministro. Passam-se, nele, fenômenos extraordinários: tudo quer e tudo pode, deseja a torto e a direito, mostra-se alegre, generoso, expansivo. Numa palavra, o pássaro até então sem asas recupera sua envergadura. O estudante sem dinheiro apanha um bocado de prazer como um cão que furta um osso através de mil perigos, quebra-o, chupa-lhe o tutano e continua a correr; o rapaz que faz tilintar no bolso algumas fugitivas moedas de ouro degusta, porém, os prazeres, corta-os em pedacinhos, delicia-se com eles, embala-se no céu e já não sabe mais o que significa a palavra *miséria*. Paris inteira lhe pertence. Idade em que tudo é brilhante, tudo cintila e flameja! Idade de força alegre que ninguém aproveita, nem o homem nem a mulher! Idade das dívidas e dos agudos temores que decuplicam todos os prazeres! Quem não frequentou a margem esquerda do Sena, entre a rue Saint-Jacques e a dos Saints-Pères, não conhece nada da vida humana!

“Ah! Se as mulheres de Paris soubessem”, dizia-se Rastignac, devorando as baratíssimas peras cozidas, servidas pela sra. Vauquer, “viriam fazer-se amar aqui!”

Nesse momento, um carregador das Messageries Royales entrou na sala de jantar, após ter feito soar a campainha da porta de claraboia. Chamou o sr. Eugênio de Rastignac, a quem entregou duas bolsas, apresentando-lhe um certificado de registro para assinar. Rastignac recebeu, então, como uma chicotada, um olhar penetrante de Vautrin.

— Terá agora com que pagar lições de esgrima e sessões de tiro ao alvo — disse-lhe este.

— Os galeões chegaram — disse-lhe a sra. Vauquer, olhando para as bolsas.

A srta. Michonneau ficou com receio de olhar para o dinheiro, para não revelar sua cobiça.

— O senhor tem uma boa mãe — disse a sra. Couture.

— Tem uma boa mãe — repetiu Poiret.

— Sim, a mamãe se sangrou — disse Vautrin. — Agora poderá representar suas farsas, frequentar a sociedade, pescar dotes e dançar com condessas que usam flores de pessegueiro na cabeça. Mas aceite um conselho, rapaz: aprenda a atirar.

Vautrin fez o gesto de apontar a arma para o adversário. Rastignac quis dar uma gorjeta ao carregador e não achou nada no bolso. Vautrin meteu a mão no seu e atirou vinte soldos ao homem.

— Você tem crédito — disse, dirigindo-se ao estudante.

Rastignac foi obrigado a agradecer, embora, desde aquelas palavras asperamente trocadas no dia em que voltou da casa da sra. da Beauséant, aquele homem lhe fosse insuportável. Durante aqueles oito dias, Eugênio e Vautrin se haviam defrontado em silêncio e se observavam mutuamente. Inutilmente o estudante se interrogava sobre a causa disso. As ideias, sem dúvida, projetam-se na razão direta da força com que são concebidas e vão bater no lugar para onde o cérebro as envia, seguindo uma lei matemática comparável à que dirige as bombas ao saírem do morteiro. Os efeitos que causam são variáveis. Assim como há naturezas tenras, nas quais as ideias se alojam, devastando-as, há também naturezas vigorosamente couraçadas, crânios com paredes de bronze, de encontro às quais a vontade dos outros se achata e cai como os projéteis de encontro a uma muralha. Além disso, há também naturezas flácidas e acolchoadas, onde as

ideias alheias vêm morrer como as peças de artilharia se amortecem na terra mole dos redutos. Rastignac possuía uma dessas cabeças cheias de pólvora, que explodem ao menor choque. Era muito ardentemente jovem para não ser acessível a essa projeção das ideias, a esse contágio dos sentimentos cujos fenômenos singulares nos ferem sem que o percebamos. Sua visão moral tinha a lúcida agudeza de seus olhos de lince. Todos os seus duplos sentidos tinham essa extensão misteriosa, essa flexibilidade de ir e voltar que nos maravilha entre as pessoas superiores, espadachins hábeis em descobrir o ponto fraco de todas as couraças. No último mês, aliás, haviam se desenvolvido em Eugênio tantas qualidades quantos defeitos. Seus defeitos foram exigidos pela sociedade e a realização de seus crescentes desejos. E entre suas qualidades figurava essa vivacidade meridional que faz marchar em linha reta rumo à dificuldade para resolvê-la e que não permite a um homem de além-Loire permanecer numa incerteza qualquer. Qualidade que as pessoas do Norte chamam de defeito: para elas, se isso foi a origem da ventura de Murat,[59] foi também a causa de sua morte. Deve-se concluir daí que quando um meridional sabe unir o embuste do Norte à audácia do além-Loire, fica completo e torna-se rei da Suécia.[60] Assim, Rastignac não podia permanecer por mais tempo sob o fogo das baterias de Vautrin, sem saber se esse homem era seu amigo ou seu inimigo. Parecia-lhe, cada vez mais, que aquele homem desvendava suas paixões e lia em seu coração, ao passo que nele tudo era tão fechado que parecia ter a profundidade imóvel de uma esfinge que sabe tudo, vê tudo e não diz nada. Sentindo a bolsa cheia, Eugênio alvorotou-se.

— Faça-me o favor de esperar — disse a Vautrin, que se levantava para sair após ter saboreado os últimos goles do café.

— Por quê? — respondeu o quarentão, enfiando o chapéu de abas largas e tomando uma bengala de ferro com a qual frequentemente fazia floreios, como um homem que não temeria ser assaltado por quatro ladrões.

— Quero pagar-lhe — respondeu Rastignac, que abriu uma bolsa e contou cento e quarenta francos para a sra. Vauquer. — As boas contas fazem os bons amigos — disse à viúva. — Estamos quites até São

Silvestre. Troque-me estes cem soldos.

— Os bons amigos fazem as boas contas — disse Poiret, olhando para Vautrin.

— Aqui estão vinte soldos — disse Rastignac, entregando uma moeda à esfinge de peruca.

— Parece que você tem medo de ficar me devendo alguma coisa — observou Vautrin, cravando um olhar adivinhador na alma do rapaz e dirigindo-lhe um desses sorrisos folgazões e diogênicos,[61] com os quais Rastignac já estivera cem vezes a ponto de se zangar.

— É isso mesmo — respondeu o estudante, segurando as duas bolsas e levantando-se para subir ao quarto.

Vautrin saiu pela porta que dava para a sala de estar e o estudante dirigiu-se à que levava à escada.

— Sabe, sr. marquês de Rastignacorama, que o que acaba de me dizer não é exatamente cortês? — disse então Vautrin, golpeando com a bengala a porta da sala de estar, e encaminhou-se para o estudante, que o fitou friamente.

Rastignac fechou a porta da sala de refeições, levando Vautrin até o patamar que separava a sala de refeições da cozinha, onde havia uma porta que dava para o jardim e era encimada por uma vidraça guarnecida de barras de ferro. Ali, diante de Sílvia, que apareceu na porta da cozinha, o estudante disse:

— Sr. Vautrin, não sou marquês nem me chamo Rastignacorama.

— Vão brigar — disse a srta. Michonneau num tom indiferente.

— Brigar — repetiu Poiret.

— Nada disso! — disse a sra. Vauquer, acariciando sua pilha de escudos.

— Lá vão eles sob as tílias! — exclamou a srta. Vitorina, levantando-se para olhar para o jardim. — E, no entanto, o pobre rapaz tem razão.

— Vamos subir, queridinha — disse a sra. Couture. — Não temos nada com isso.

Quando a sra. Couture e Vitorina se levantaram, encontraram, na porta, a gorda Sílvia, que lhes barrou a passagem.

— Que é isso? — perguntou. — O sr. Vautrin disse ao sr. Eugênio: “Expliquemo-nos!”. Depois, tomou-o pelo braço e lá vão eles

caminhando por cima das alcachofras.

Nesse momento, Vautrin apareceu.

— Mamãe Vauquer — disse sorrindo —, não se assuste. Vou experimentar minhas pistolas debaixo das tílias.

— Oh! — disse Vitorina, juntando as mãos —, por que quer matar o sr. Eugênio?

Vautrin recuou dois passos e contemplou Vitorina.

— Isso agora é outra coisa! — exclamou, com uma voz brincalhona que fez a pobre moça corar. — Esse rapaz é muito gentil, não é? — acrescentou.— A senhorita me deu uma ideia. Vou fazer a felicidade de ambos, minha bela criança.

A sra. Couture tomara a pupila pelo braço e arrastara-a consigo, dizendo-lhe ao ouvido:

— Mas, Vitorina, estás incrível esta manhã.

— Não quero saber de tiros de pistola em minha casa — disse a sra. Vauquer. — Não vai assustar toda a vizinhança e atrair a polícia, a esta hora.

— Vamos, tenha calma, mamãe Vauquer — respondeu Vautrin. — Não é nada, apenas vamos ao tiro ao alvo.

Foi ao encontro de Rastignac e agarrou-o familiarmente pelo braço.

— Mesmo que eu lhe provasse que a trinta e cinco passos meto cinco vezes seguidas uma bala num às de espadas — disse-lhe —, isso não lhe tiraria a coragem. Você me dá a impressão de ser um pouco zangado e se deixaria matar como um imbecil.

— O senhor está fugindo — disse Eugênio.

— Não me esquente a bílis — respondeu Vautrin. — Não faz frio esta manhã. Vamos nos sentar ali — disse, mostrando as cadeiras pintadas de verde. — Ali ninguém nos ouvirá. Preciso falar com você. Você é um bom rapazinho, a quem não quero mal. Quero-lhe bem, palavra de Engan... (puxa!) palavra de Vautrin. Mais tarde lhe direi por que o estimo. Entretanto, conheço-o como se fosse seu pai e vou prová-lo. Deixe aí suas bolsas — acrescentou, mostrando-lhe a mesa redonda.

Rastignac pôs o dinheiro sobre a mesa e sentiu-se tomado de uma curiosidade que lhe permitiu sentir no mais alto grau a súbita mudança operada na atitude daquele homem que, após ter falado em matá-lo, se

colocava como seu protetor.

— Certamente você quer saber o que sou, o que fiz e o que faço — acrescentou Vautrin. — Você é muito curioso, meu menino. Vamos, tenha calma. Tem muito que ouvir! Tenho tido infortúnios. Escute-me primeiro e responda-me depois. Aqui está minha vida anterior, em três palavras. Quem sou? Vautrin. Que faço? O que me agrada. Dito isso, vamos adiante. Quer conhecer meu caráter? Sou bom com os que me fazem o bem ou cujo coração fala ao meu. A esses, tudo é permitido. Podem dar-me pontapés nas canelas sem que eu lhes diga: "Tenham cuidado!". Mas, palavra de honra! Sou mau como o diabo com aqueles que me incomodam ou que não me agradam. E é bom que você saiba que me importo tanto de matar um homem como disto! — declarou, dando uma cuspida. — Apenas, esforço-me por matá-lo corretamente, quando é absolutamente necessário. Sou o que vocês chamam um artista. Li as *Memórias* de Benvenuto Cellini,[62] tal como você me vê, e em italiano! Pois aprendi com esse homem, que era um notável gracejador, a imitar a Providência, que nos mata a torto e a direito, e a amar o belo, por toda a parte onde ele se encontre. Não acha que é um belo jogo enfrentar sozinho todos os homens e ter sorte? Refleti muito na constituição atual da desordem social de vocês. Meu menino, o duelo é um brinquedo de crianças, uma bobagem. Quando, de dois homens vivos, um deve desaparecer, é preciso ser imbecil para confiar no acaso. Que é um duelo? Cara ou coroa! É apenas isso. Meto cinco balas seguidas num ás de espadas enfiando todas as balas pelo mesmo buraco, a trinta e cinco passos de distância! Quando se é dotado dessa pequena habilidade, pode-se estar certo de abater o adversário. Pois bem, atirei contra um homem a vinte passos e errei. O patife nunca tinha manejado uma pistola. Olhe aqui! — disse o extraordinário homem, desabotoando o colete e mostrando o peito peludo como o dorso de um urso, no meio do qual se destacava um tufo de pelos ruivos que davam uma espécie de repugnância misturada a medo. — Aquele fedelho me chamuscou o pelo — acrescentou, metendo o dedo de Rastignac num buraco que tinha no peito. — Naquele tempo, porém, eu era uma criança, tinha sua idade, vinte e um anos. Acreditava ainda em alguma coisa, no amor de uma mulher, num

montão de tolices com que você ainda há de se atrapalhar. Podíamos ter-nos batido em duelo, não é? Você poderia me matar. Suponha que eu esteja enterrado, que faria você? Teria que fugir, ir para a Suíça, comer o dinheiro do papai, que quase não tem nada. Vou esclarecer-lhe, eu mesmo, a posição em que você está. Vou fazê-lo, porém, com a superioridade de um homem que, após ter examinado as coisas desse mundo, viu que há somente dois partidos a tomar: uma estúpida obediência ou a revolta. Eu não obedeço a nada, está claro? Sabe que é que lhe falta no passo em que você vai? Um milhão, e imediatamente. Sem isso, com a pequena cabeça que tem, poderia ir passear nas redes de Saint-Cloud[63] para ver se existe um Ser Supremo. Vou dar-lhe esse milhão.

Fez uma pausa, olhando para Eugênio.

— Ah! Ah! Já está fazendo uma cara melhor para seu papaizinho Vautrin. Ao ouvir essa frase, você faz como uma mocinha a quem a gente diz: “Até logo mais!”, e que se enfeita, lambendo os lábios como um gato que bebe leite. Assim seja! Vamos, pois! A ambos! Aqui está sua história, rapaz. Você tem, lá embaixo, pai, mãe, tia-avó, duas irmãs (dezoito e dezessete anos), dois irmãozinhos (quinze e dez anos), aí está o controle da equipagem. A tia educa as irmãs. O cura ensina latim aos irmãos. A família come mais mingau de castanhas do que pão branco, o papai poupa as calças, mamãe usa apenas um vestido de inverno e um de verão — as irmãs fazem o que podem. Sei de tudo, estive no Sul. Assim são as coisas em sua casa e, no entanto, mandam-lhe mil e duzentos francos por ano, embora sua herdade não renda mais de três mil francos. Temos uma cozinheira e um criado, pois é preciso guardar o decoro: papai é barão. Quanto a você, tem ambição, conta com os Beauséant como aliados e anda a pé; deseja a riqueza e não tem dinheiro; come a boia da mamãe Vauquer e gosta dos belos jantares do Faubourg Saint-Germain; dorme numa pocilga e sonha com um palacete! Não censuro seus desejos. Ter ambição, meu coraçãozinho, não é dado a qualquer um. Pergunte às mulheres quais são os homens que elas procuram. Os ambiciosos! Os ambiciosos têm o dorso mais forte, o sangue mais rico em ferro, o coração mais quente que os dos outros homens. E a mulher fica tão feliz e tão bela nas horas

em que se sente forte, que prefere a todos os homens aqueles cuja força é enorme, mesmo com o risco de ser despedaçada por eles. Estou fazendo um inventário de seus desejos, a fim de formular-lhe uma questão. E a questão é esta: temos uma fome de lobo, nossos dentes de leite são incisivos, como faremos para abastecer a marmita? Temos, em primeiro lugar, o Código para devorar. Isso não é agradável nem ensina nada, mas é necessário. Seja. Fazemo-nos advogados para nos tornarmos presidente de um tribunal, enviar às galés pobres-diabos melhores do que nós, com um t.f.[64] nas costas, a fim de provar aos ricos que eles podem dormir tranquilamente. Isso não é divertido e, além do mais, muito demorado. Para começar, dois anos a vegetar em Paris, admirando, sem tocar, os *petiscos* que tanto apreciamos. É fatigante estar sempre a desejar sem nunca se satisfazer. Se você fosse pálido e da natureza dos moluscos, nada teria a temer; mas temos o sangue febril dos leões e um apetite capaz de fazer cometer vinte tolices por dia. Você sucumbirá nesse suplício, o mais horrível que já vimos no inferno do bom Deus. Admitamos que você fosse sensato, que bebesse leite e fizesse elegias; seria necessário, generoso como você é, começar, após muitos aborrecimentos e privações capazes de enfurecer um cão, por tornar-se substituto de algum patife, num fim de mundo onde o governo lhe atiraria mil francos de vencimentos, como se atira uma sopa a um cão de açougueiro. Gritar atrás dos ladrões, defender o rico, mandar guilhotinar os homens de coragem! Muito obrigado! Se não tiver proteção, apodrecerá no seu tribunal de província. Aos trinta anos, será juiz com mil e duzentos francos por ano, se até lá não tiver atirado a toga às urtigas. Quando tiver atingido os quarenta anos, casará com alguma filha de moleiro, com seis mil francos de renda mais ou menos. Agradecido! Tendo proteção, será procurador do rei aos trinta anos, com mil escudos de vencimentos e se casará com a filha do administrador municipal. Se cometer alguma dessas pequenas baixezas políticas, como ler numa lista de eleições Villèle em vez de Manuel[65] (isso rima, deixa a consciência em paz) será, aos quarenta anos, procurador-geral e poderá chegar a deputado. Note, meu caro menino, que teremos feito alguns rasgões em nossa conscienciazinha, teremos passado vinte anos de aborrecimentos e misérias secretas, e

nossas irmãs terão ficado para pentear santa Catarina.[66] Tenho a honra de observar-lhe, além disso, que há apenas vinte procuradores-gerais na França e que vocês são vinte mil candidatos ao cargo, entre os quais figuram tratantes que venderiam a própria família para subir um ponto. Se esse trabalho lhe desagrada, vejamos outra coisa. O barão de Rastignac quer ser advogado? Muito bonito! É preciso sofrer durante dez anos, gastar mil francos por mês, ter uma biblioteca, um escritório, frequentar a sociedade, beijar a toga de um procurador-geral para conseguir causas, varrer Paris com a língua. Se esse ofício o levasse ao triunfo, eu não me oporia. Mas aponte-me em Paris cinco advogados que, aos cinquenta anos, ganhem mais de cinquenta mil francos por ano! Ora! Preferiria tornar-me corsário a apequenar assim minha alma. E, além disso, onde iria buscar o dinheiro? Tudo isso não tem nada de alegre. Temos ainda o recurso do dote de uma mulher. Quer se casar? Seria o mesmo que amarrar uma pedra ao pescoço. E se você se casar por dinheiro, onde ficarão seus sentimentos de honra, sua nobreza? Melhor, então, começar hoje mesmo a revoltar-se contra as convenções humanas. Não seria nada arrastar-se como uma serpente diante de uma mulher, lamber os pés da mãe, cometer baixezas capazes de repugnar a uma porca, se pelo menos você encontrasse a felicidade. Mas, com uma mulher com que se tenha casado assim, você seria infeliz como uma pedra de esgoto. É preferível guerrear com os homens a lutar com a esposa. Eis a encruzilhada da vida, rapaz; escolha! Você já escolheu: você foi à casa do nosso primo de Beauséant e lá farejou o luxo. Foi à casa da sra. de Restaud, filha do pai Goriot, e lá farejou a parisiense. Nesse dia, você voltou para cá com uma palavra escrita na testa e que eu li muito bem: *Subir!* Subir a qualquer preço. "Bravo!", pensei. "Eis um sujeito que me agrada." Precisou de dinheiro. Onde buscá-lo? Então você sangrou suas irmãs. Todos os irmãos *furtam* mais ou menos das irmãs. Seus mil e quinhentos francos, arrancados, sabe Deus como, numa região onde é mais fácil encontrar castanhas que moedas de cem soldos, desaparecerão um depois do outro como soldados em pilhagem. E depois, que fará? Vai trabalhar? O trabalho, tal como você o encara neste momento, dá, para os dias da velhice, um quarto na casa da mamãe Vauquer, para rapazes da força

de Poiret. Uma fortuna rápida é o problema que se propõem resolver agora mesmo cinquenta mil rapazes que se acham na mesma situação que você. Você é uma unidade desse número. Avalie os esforços que terá de fazer e a ferocidade do combate. Como não há cinquenta mil bons lugares, vocês terão de se devorar uns aos outros como aranhas num frasco. Sabe como é que a gente faz carreira aqui? Pelo brilho da inteligência ou pela habilidade da corrupção. É preciso penetrar nessa massa humana, como um projétil de canhão, ou insinuar-se no meio dela como uma peste. A honestidade não serve para nada. Todos se curvam ao poder do gênio; odeiam-no, tratam de caluniá-lo, porque ele recebe sem partilhar; mas curvam-se, se ele persiste. Numa palavra, adoram-no de joelhos quando não o podem enterrar na lama. A corrupção representa uma força, porque o talento é raro. Assim, como a corrupção é a alma da mediocridade que abunda, você sentirá sua picada por toda parte. Verá mulheres, cujos maridos têm só seis mil francos de vencimentos, gastarem mais de dez mil em vestidos. Verá empregados de mil e duzentos francos comprarem terras. Verá mulheres prostituírem-se para passar na carruagem do filho de um par da França, que pode correr em Longchamp pela avenida do centro. Você viu esse pobre animal do pai Goriot obrigado a pagar a letra de câmbio endossada pela filha, cujo marido tem cinquenta mil francos de renda. Desafio-o a dar dois passos em Paris sem encontrar trapaças infernais. Aposto minha cabeça contra essa salada, como você irá encontrar um vespeiro na casa da primeira mulher que lhe agradar, mesmo que seja rica, bela e jovem. Todas elas vivem procurando iludir as leis, em guerra com os maridos a propósito de tudo. Eu não acabaria mais de falar se fosse preciso explicar-lhe os negócios indecorosos que se fazem por amantes, por vestidos, pelos filhos, pelo lar ou pela vaidade, raramente por virtude, pode estar certo. Assim, o homem honesto é o inimigo comum. Mas que pensa você que seja um homem honesto? Em Paris, o homem honesto é aquele que se cala e se recusa a partilhar. Não falo desses pobres hilotas que em toda a parte cumprem seu dever sem jamais serem recompensados por seus trabalhos e que eu denomino a santa-confraria-dos-sapatos-velhos-do-bom-Deus. É certo que neles reside a virtude em todo o esplendor de sua estupidez,

mas neles também reside a miséria. Estou vendo já as caretas dessas honradas pessoas, se Deus nos fizesse a brincadeira de mau gosto de não comparecer ao julgamento final. Portanto, se você quiser obter fortuna imediatamente, é preciso já ser rico ou parecê-lo. Para enriquecer, é preciso jogar grandes paradas; senão, a gente fica num joguinho mesquinho e boa noite! Se, nas cem profissões que você pode abraçar, existem dez homens que vencem rapidamente, o público os chama de ladrões. Tire daí suas conclusões! Assim é a vida. Não é mais bela que a cozinha, cheira mal como a cozinha e é preciso sujar as mãos para fazer um guisado. Basta saber lavar bem a cara. Nisso reside toda a moral da nossa época. Se lhe falo assim do mundo é porque ele me deu direito a isso, pois o conheço. Julga que eu o estou censurando? Absolutamente. Sempre foi assim. Os moralistas nunca o mudarão. O homem é imperfeito. Às vezes ele é hipócrita em grau maior ou menor e então os tolos dizem que ele tem ou não tem boa conduta. Não acuso os ricos em favor do povo: o homem é sempre o mesmo, no alto, embaixo, no meio. Em cada milhão desse ilustre gado encontram-se dez sujeitos decididos que se colocam acima de tudo, mesmo das leis. Sou um desses. Quanto a você, se é um homem superior, siga em linha reta e com a cabeça erguida. Mas terá de lutar contra a inveja, a calúnia, a mediocridade, contra todo o mundo. Napoleão encontrou um ministro da Guerra que se chamava Aubry e que por pouco não o mandou para as colônias.[67] Examine-se! Veja se poderá levantar-se todas as manhãs com mais vontade do que no dia anterior. Nessas conjunturas, vou fazer-lhe uma proposta que ninguém recusaria. Preste atenção. Veja, tenho um plano. E ele consiste em ir viver uma existência patriarcal no meio de um grande domínio, de cem mil jeiras de terra, por exemplo, nos Estados Unidos, no Sul. Quero fazer-me plantador, ter escravos, ganhar alguns bons milhõezinhos vendendo bois, fumo, madeiras, vivendo como um soberano, satisfazendo minhas vontades, levando uma vida que não se concebe nesta terra onde a gente vive agachada entre quatro paredes. Sou um grande poeta. Não escrevo minhas poesias: elas consistem em ações e em sentimentos. Possuo, neste momento, cinquenta mil francos, que dariam para comprar apenas quarenta negros. Preciso de duzentos mil francos,

quero ter duzentos negros, a fim de satisfazer meu gosto pela vida patriarcal. Os negros são crianças grandes com as quais a gente faz o que quer, sem que um curioso procurador do rei nos peça explicações sobre isso. Com esse capital negro, em dez anos terei três ou quatro milhões. Se eu triunfar, ninguém me perguntará: "Quem és?". Serei o Senhor-Quatro-Milhões, cidadão dos Estados Unidos. Estarei com cinquenta anos, ainda não terei apodrecido e me divertirei a meu modo. Em duas palavras, se eu lhe arranjar um dote de um milhão, você me dará duzentos mil francos? Vinte por cento de comissão, hein! É muito caro? Você se fará amar por sua mulherzinha. Uma vez casado, você manisfestará inquietações, remorsos, fingirá que está triste durante quinze dias. Uma noite, após algumas hipocrisias, você contará à esposa, entre dois beijos, que deve duzentos mil francos, dizendo-lhe: "Meu amor!". Essa comédia é representada todos os dias pelos rapazes mais distintos. Uma mulher nunca recusa a bolsa a quem lhe tomou o coração. Pensa que perderá esse dinheiro? Não. Você encontrará meios de recuperar seus duzentos mil francos em algum negócio. Com seu dinheiro e sua inteligência, acumulará uma fortuna tão considerável como desejar. *Ergo*,[68] você terá realizado, num prazo de seis meses, sua felicidade, a de uma mulher amável e a de seu papai Vautrin, sem contar a de sua família, que vive assoprando nos dedos, no inverno, por falta dele. Não se admire do que lhe proponho nem do que lhe peço! Entre sessenta belos casamentos que se fazem em Paris, quarenta e sete dão lugar a transações dessa natureza. A câmara dos tabeliães forçou o senhor...

— Que preciso fazer? — disse avidamente Rastignac, interrompendo Vautrin.

— Quase nada — respondeu ele, deixando escapar uma manifestação de alegria, semelhante à do pescador que sente um peixe na extremidade da linha. — Preste atenção! O coração de uma pobre moça infeliz e miserável é a esponja mais ávida a se encher de amor, uma esponja seca que se dilata logo que nela cai uma gota de afeição. Fazer a corte a uma moça que se encontra em condições de solidão, de desespero e de pobreza, sem que ela suspeite de sua fortuna futura, caramba!, é ter todos os triunfos na mão, é conhecer os números da

loteria, é jogar na Bolsa sabendo as últimas notícias. Você construirá sobre estacas um casamento indestrutível. Quando os milhões chegarem a essa moça, ela os atirará a seus pés como se fossem cascalhos. "Toma, meu querido! Toma, Adolfo! Toma, Alfredo! Toma, Eugênio!", dirá ela, se Adolfo, Alfredo ou Eugênio teve o bom-senso de se sacrificar por ela. O que entendo por sacrifício é vender um traje velho para ir ao Cadran Bleu[69] comer com ela empadas de cogumelo; de lá, ir à noite, ao Ambigu-Comique;[70] é empenhar o relógio na Casa de Penhor para dar-lhe um xale. Não falo nas garatujas amorosas nem nos artifícios de que as mulheres gostam tanto, como, por exemplo, espalhar gotas d'água no papel de carta como se fossem lágrimas, quando se está longe delas: você me dá a impressão de conhecer perfeitamente a gíria do coração. Paris, veja, é como uma floresta do Novo Mundo, onde se agitam vinte espécies de tribos selvagens, que vivem do produto das diferentes classes sociais. Você é um caçador de milhões. Para apanhá-los, você usará ciladas, engodos, chamarizes. Há várias maneiras de caçar. Uns caçam dotes, outros caçam liquidações. Estes pescam consciências, aqueles vendem seus assinantes com os pés e os punhos amarrados. Os que voltam com o alforje bem cheio são saudados, festejados, recebidos na alta sociedade. Façamos justiça a esse solo hospitaleiro. Você tem como campo de ação a cidade mais complacente do mundo. Se as altivas aristocracias de todas as capitais da Europa se recusam a admitir em seu seio um milionário infame, Paris estende-lhe os braços, corre a suas festas e ergue brindes a sua infâmia.

— Mas onde achar uma moça? — perguntou Eugênio.

— Você já a tem, está a sua frente!

— A srta. Vitorina?

— Justamente!

— E como?

— Ela já o ama, sua baronesazinha de Rastignac!

— Ela não tem nada! — replicou Eugênio, admirado.

— Aí é que está a coisa! Duas palavras mais — disse Vautrin — e tudo se esclarecerá. Taillefer é um velho patife que dizem ter assassinado um amigo durante a Revolução.[71] É um desses sujeitos

atrevidos de que falei, que têm independência de opinião. É banqueiro, sócio principal da casa Frederico Taillefer & Cia. Tem um filho único, a quem quer deixar seus bens, em prejuízo de Vitorina. Eu não gosto dessas injustiças. Sou como Dom Quixote, gosto de assumir a defesa do fraco contra o forte. Se a vontade de Deus fosse tirar-lhe o filho, Taillefer retomaria a filha; haveria de querer um herdeiro qualquer, isso é uma tolice que está na natureza, e sei que ele não pode mais ser pai. Vitorina é meiga, gentil, bem depressa reduzirá o pai e o fará rodopiar como um pião por meio da afeição. Como ela ficará muito sensibilizada com seu amor, não o esquecerá e você se casará com ela. Quanto a mim, encarrego-me do papel da Providência. Farei o bom Deus querer. Tenho um amigo por quem me devotei, um coronel do exército do Loire,[72] que acaba de ser incluído na guarda real. Ele ouve meus conselhos, e se fez ultrarrealista, pois não é um desses imbecis que se apegam a opiniões. Se ainda tenho um conselho a lhe dar, meu anjo, é de que você não se deve apegar a suas opiniões nem a suas palavras. Quando lhas pedirem, venda-as. Quem se jacta de nunca mudar de opinião é como quem se propõe a seguir sempre em linha reta, um idiota que crê na infabilidade. Não há princípios, há apenas acontecimentos; não há leis, há apenas circunstâncias: o homem superior abraça os acontecimentos e as circunstâncias para conduzi-los. Se houvesse princípios e leis fixas, os homens não os mudariam como mudamos de camisa. O homem não é obrigado a ser mais sensato que uma nação inteira. O homem que prestou menos serviços à França é um ídolo venerado, por ter sido sempre visto vestido de encarnado, e que quando muito poderia servir para ser exposto no conservatório, entre os instrumentos, com um letreiro: La Fayette.[73] Enquanto isso, o príncipe a quem todos atiram pedras e que despreza suficientemente a humanidade para cuspir-lhe na cara tantos juramentos quantos ela lhe pede, impediu a partilha da França no Congresso de Viena: devem-lhe coroas e atiram-lhe lama.[74] Oh, conheço os negócios públicos, sei os segredos de muitos homens! Isso basta. Eu teria uma opinião inabalável no dia em que encontrasse três cérebros de acordo sobre o emprego de um princípio. Teria de esperar muito por isso! Não se encontram nos tribunais três juízes com a

mesma opinião sobre um artigo da lei. Agora volto ao meu homem. Ele crucificaria Jesus Cristo novamente se eu lhe pedisse isso. A uma simples palavra do papai Vautrin, ele provocará aquele velhaco que não manda nem cem soldos à pobre irmã e...

Nesse ponto, Vautrin levantou-se e assumiu a atitude de um esgrimista que ataca.

— E adeus! — acrescentou.

— Que horror! — exclamou Eugênio. — Está brincando, sr. Vautrin?

— Vamos mais devagar, tenha calma! — replicou ele. — Não se faça de criança! Mas, se é do seu agrado, pode enfurecer-se, encolerizar-se! Diga que sou um infame, um celerado, um patife, um bandido, mas não me chame de gatuno nem de espião! Vamos, diga, descarregue sua artilharia. Eu o perdoo, isso é muito natural na sua idade! Sempre foi assim! Mas reflita um momento. Você fará pior que isso, algum dia. Tentará seduzir alguma bela mulher e receberá dinheiro por isso. Você já pensou nisso? — disse Vautrin. — Sim, pois como pensa triunfar a não ser sacando contra o amor? A virtude, meu caro estudante, não pode ser dividida: existe ou não existe. Falam-nos de fazermos penitência por nossas faltas. É um belo sistema, sem dúvida, em virtude do qual a gente se absolve de um crime por um ato de contrição! Seduzir uma mulher para galgar alguns degraus da escada social, lançar discórdia entre os filhos de uma família, enfim, todas as infâmias que se praticam às escondidas ou de outra forma, com uma finalidade de prazer ou de interesse pessoal, acha que essas coisas sejam atos de fé, esperança e caridade? Por que condenam a dois meses de prisão um rapaz elegante que numa noite subtrai a uma criança a metade de sua fortuna e mandam para as galés o pobre-diabo que furta uma nota de mil francos com circunstâncias agravantes? Eis o que são as leis. Não há um só artigo que não leve ao absurdo. O homem de luvas e palavras amarelas cometeu assassínios nos quais não se derrama sangue, mas onde se dá sangue; o assassino abriu a porta com um pé de cabra: duas coisas noturnas. Entre o que lhe proponho e o que você fará um dia, há de menos apenas o sangue. Você acredita em coisas fixas neste mundo! Despreze, portanto, os homens, e procure as malhas por onde se pode passar através da rede do

Código. O segredo das grandes fortunas sem causa aparente é um crime esquecido porque o serviço foi bem-feito.

— Não diga mais nada. Não quero ouvir mais nada, pois assim o senhor me faria duvidar de mim mesmo. Neste momento, o sentimento é toda a minha sabedoria.

— Como quiser, bela criança. Pensei que fosse mais forte — disse Vautrin. — Não lhe direi mais nada. Apenas uma palavra ainda.

Encarou o estudante:

— Você tem meu segredo — disse-lhe.

— Um rapaz que recusa sua proposta é bem capaz de esquecê-la.

— Muito bem! Isso me agrada. Se fosse outro, seria menos escrupuloso. Lembre-se do que quero fazer por você. Dou-lhe quinze dias. Responda sim ou não.

"Que cabeça de ferro tem esse homem!", pensou Rastignac, ao ver Vautrin afastar-se tranquilamente, com a bengala sob o braço. "Disse-me cruamente o mesmo que a sra. de Beauséant me disse com belas palavras. Rasgou-me o coração com garras de aço. Por que quero ir à casa da sra. de Nucingen? Ele descobriu os motivos logo que os concebi. Em duas palavras, esse bandido me disse mais coisas sobre a virtude do que me haviam dito os homens e os livros. Se a virtude não tolera capitulação, terei então furtado de minhas irmãs?", disse para si mesmo, atirando as bolsas na mesa.

Sentou-se e mergulhou numa meditação aterradora.

"Ser fiel à virtude, martírio sublime! Ora! Todos acreditam na virtude. Mas quem é virtuoso? Os povos têm como ídolo a liberdade. Mas em que lugar da Terra existe um povo livre? Minha mocidade ainda é azul como um céu sem nuvens: querer ser grande ou rico não é decidir-se a mentir, curvar-se, rastejar, reerguer-se, bajular, dissimular? Não é consentir em tornar-se criado daqueles que mentiram, que rastejaram, que se curvaram? Sim, pois antes de ser seu cúmplice é preciso servi-los. Pois bem, desisto. Quero trabalhar nobremente, honestamente. Quero trabalhar dia e noite, quero dever minha riqueza a meu próprio trabalho. Será essa a mais lenta das fortunas, mas, todas as noites, minha cabeça repousará sobre o travesseiro sem maus pensamentos. Que há de mais belo que

contemplar a própria vida e achá-la pura como um lírio? Eu e a vida somos como um moço e sua noiva. Vautrin mostrou-me o que acontece após dez anos de casamento. Que diabo! Minha cabeça já não funciona direito. Não quero pensar em nada, o coração é um bom guia."

Eugênio foi arrancado de sua meditação pela voz da gorda Sílvia, que anunciou a chegada do alfaiate, diante do qual ele se apresentou com as duas bolsas de dinheiro na mão, sem se preocupar com isso. Quando acabou de experimentar os trajes para a noite, vestiu a nova roupa para a manhã que o metamorfoseou completamente.

"Valho tanto quanto o sr. de Trailles", pensou. "Tenho a perfeita aparência de um fidalgo!"

— O senhor me perguntou se eu sabia a que casas vai a sra. de Nucingen? — perguntou o pai Goriot entrando no quarto de Eugênio.

— Sim.

— Pois bem, na próxima segunda-feira ela vai ao baile do marechal de Carigliano. Se o senhor for para lá, depois me dirá se minhas filhas se divertiram, como estavam vestidas, tudo, enfim.

— Como soube disso, meu bom pai Goriot? — perguntou Eugênio fazendo-o sentar-se diante da estufa.

— Foi sua criada de quarto que me disse. Sei tudo o que elas fazem por Teresa e Constância — acrescentou, com uma expressão de contentamento.

O velho parecia um amante, ainda suficientemente jovem para sentir-se feliz com um estratagema que o põe em comunicação com a amada sem que ela o suspeite.

— O senhor vai vê-las! — exclamou, exprimindo com toda a naturalidade uma inveja dolorosa.

— Não sei — respondeu Eugênio. — Vou à casa da sra. de Beauséant perguntar-lhe se ela pode me apresentar à marechala.

Eugênio queria, com uma espécie de alegria interior, mostrar-se na casa da viscondessa vestido como o faria doravante. O que os moralistas chamam de abismos do coração humano são apenas os pensamentos falazes, os impulsos involuntários do interesse pessoal. Essas peripécias, motivo de tantas declamações, esses súbitos recuos são cálculos feitos em proveito de nossos prazeres. Ao ver-se bem-

vestido, bem enluvado, bem calçado, Rastignac esqueceu sua virtuosa resolução. A mocidade não ousa mirar-se no espelho da consciência quando ela se inclina para a injustiça, ao passo que a idade madura já se mirou nele: aí reside toda a diferença entre essas duas fases da vida.

Havia alguns dias os dois vizinhos, Eugênio e o pai Goriot, haviam se tornado bons amigos. Sua secreta amizade resultava das mesmas razões psicológicas que haviam gerado sentimentos opostos entre Vautrin e o estudante. O audacioso filósofo que quiser constatar os efeitos de nossos sentimentos sobre o mundo físico encontrará, sem dúvida, mais do que uma prova de sua afetiva materialidade nas relações que eles estabelecem entre nós e os animais. Haverá um fisiognomonista mais rápido em julgar um caráter do que um cão em saber se um desconhecido o estima ou não? Os *átomos ganchosos*,[75] expressão proverbial de que todos se servem, constituem um desses fatos que permanecem na linguagem para desmentir as tolices filosóficas de que se ocupam aqueles que gostam de joeirar o lixo das expressões primitivas. Sentimos que somos amados. O sentimento estampa-se em todas as coisas e transpõe os espaços. Uma carta é uma alma, é um eco tão fiel da voz que fala, que os espíritos delicados a incluem entre os mais ricos tesouros do amor. O pai Goriot, que seu sentimento irrefletido elevava até a sublimidade da natureza canina, havia pressentido a compaixão, a bondade cheia de admiração, as simpatias juvenis que se haviam formado por ele no coração do estudante. Essa união nascente, entretanto, ainda não levara a nenhuma confidência. Quando manifestou o desejo de ver a sra. de Nucingen, Eugênio não contara com o velho para introduzi-lo na casa dela, mas esperava que alguma indiscrição lhe pudesse ser útil. O pai Goriot só lhe dissera, a respeito das filhas, aquilo que se permitira dizer em público nos dias de suas duas visitas.

— Meu caro senhor — dissera-lhe no dia seguinte —, como pôde crer que a sra. de Restaud tenha ficado zangada consigo ao ouvi-lo pronunciar meu nome? Minhas duas filhas me amam muito. Sou um pai feliz. Aconteceu, apenas, que meus dois genros se comportaram mal comigo. Não quis que aquelas queridas criaturas sofressem por causa de minhas desavenças com os maridos e preferi passar a vê-las

em segredo. Esse mistério me proporciona mil prazeres, que os pais que podem ver as filhas quando querem não compreendem. Eu não posso fazê-lo, ouviu? Por isso, quando o tempo está bom, vou aos Champs-Élysées após ter perguntado às criadas de quarto se minhas filhas vão sair. Espero sua passagem, e meu coração palpita quando as carruagens se aproximam. Admiro-as em seus vestidos, e elas me dirigem, ao passar, um rápido sorriso que me doura a natureza como se nela caísse o raio de algum belo sol. E fico parado ali, pois elas devem voltar. Vejo-as ainda uma vez, o ar puro faz-lhes bem, elas voltam coradas. Ouço dizerem em torno de mim: "Que mulher linda!". Isso me alegra o coração. Não é, acaso, meu próprio sangue? Amo os cavalos que as puxam, gostaria de ser o cãozinho que elas levam sobre os joelhos. Vivo de seus prazeres. Cada um tem sua maneira de amar. E como a minha não faz mal a ninguém, por que se preocupam comigo? Sou feliz a meu modo. Será contrário às leis ir ver minhas filhas, à noite, no momento em que saem de casa para um baile? Como sofro quando chego tarde e me dizem: "A senhora já saiu!". Uma vez, esperei até as três da madrugada para ver Anastácia que não via havia dois dias. Quase estourei de alegria! Peço-lhe, não fale em mim a não ser para dizer o quanto minhas filhas são boas. Elas querem me cumular de toda espécie de presentes; sou eu que impeço, dizendo-lhes: "Guarda teu dinheiro! Que queres que eu faça com ele? Não preciso de nada". Na verdade, meu caro senhor, que sou eu? Um simples cadáver, cuja alma está em toda a parte onde estão minhas filhas. Depois de ter visto a sra. de Nucingen, o senhor me dirá a qual das duas prefere — disse o velho após um momento de silêncio, enquanto observava Eugênio preparando-se para sair, para ir passear nas Tulherias, à espera da hora de chegar à casa da sra. de Beauséant.

Esse passeio foi fatal ao estudante. Algumas mulheres o observaram. Ele estava muito bonito, muito jovem e com uma elegância de muito bom gosto! Ao ver-se alvo de uma atenção quase admirativa, não pensou mais nas irmãs nem na tia espoliadas, nem em suas virtuosas repugnâncias. Vira passar por cima de sua cabeça esse demônio que é tão fácil tomar por um anjo, esse satã de asas multicores que espalha rubis, que lança flechas douradas à fachada dos

palácios, cobre de púrpura as mulheres e reveste de um tolo brilho os tronos tão simples em sua origem. Escutara o deus dessa vaidade crepitante, cujos ouropéis nos parecem um símbolo de poder. As palavras de Vautrin, por cínicas que fossem, haviam se alojado em seu coração como na recordação de uma virgem se grava o ignóbil perfil de uma velha regateira que lhe disse um dia: “Ouro e amor, em torrentes!”. Após ter perambulado indolentemente, Eugênio chegou, pelas cinco horas, à casa da sra. de Beauséant e lá recebeu um desses golpes terríveis contra os quais os corações jovens se sentem indefesos. Até então ele havia encontrado a condessa cheia dessa amenidade polida, dessa graça melíflua, conferida pela educação aristocrática, e que só é completa quando provém do coração.

Quando ele entrou, a sra. de Beauséant fez um gesto seco e disse-lhe rapidamente:

— Sr. de Rastignac, não posso recebê-lo, pelo menos neste momento! Estou ocupada...

Para um observador, e Rastignac passara a sê-lo rapidamente, aquela frase, o gesto, o olhar e a inflexão da voz encerravam a história do caráter e dos hábitos da casta. Percebeu a mão de ferro sob a luva de veludo; a personalidade, o egoísmo, sob a polidez; a madeira sob o verniz. Ouviu, enfim, o *Eu, o Rei*, que começa sob os penachos do trono e termina sob o cimeiro do último fidalgo. Eugênio confiara demais em sua palavra, acreditando na nobreza da mulher. Além disso, como todos os infelizes, firmara de boa-fé o pacto delicioso que deve ligar o benfeitor ao beneficiado, e cujo primeiro artigo estabelece entre os corações grandes uma completa igualdade. A beneficência que une dois seres num só é uma paixão celestial, tão incompreendida e tão rara como o verdadeiro amor. Um e outro constituem a prodigalidade das belas almas. Rastignac queria ir ao baile da duquesa de Carigliano e sufocou seus sentimentos de revolta.

— Minha senhora — disse, com uma voz comovida —, se não se tratasse de uma coisa importante, eu não viria importuná-la. Tenha a bondade de permitir que eu volte mais tarde. Esperarei.

— Pois bem, venha jantar comigo — disse ela, um pouco confusa pela aspereza que pusera em suas palavras, pois era, realmente, tão

bondosa quanto nobre.

Embora sensibilizado por essa súbita mudança, Eugênio pensou, ao retirar-se: “Humilha-te, suporta tudo! Como não devem ser os outros, se, num momento, a melhor das mulheres esquece as promessas de amizade e te deixa a um canto como um sapato velho? Cada um por si, não é? É verdade que sua casa não é um armazém e que não tenho razão de recorrer a ela. Como diz Vautrin, preciso transformar-me num projétil de artilharia”.

As amargas reflexões do estudante foram logo dissipadas pelo prazer que ele se prometia em jantar na casa da viscondessa. Assim, por uma espécie de fatalidade, os menores acontecimentos de sua vida conspiravam para empurrá-lo para sua carreira, onde, segundo as observações da terrível esfinge da Casa Vauquer, ele devia, como num campo de batalha, matar para não ser morto, enganar para não ser enganado; onde devia deixar de lado, à entrada, a consciência e o coração, enfiar uma máscara, zombar impiedosamente dos homens e, como na Lacedemônia,[76] apanhar a fortuna sem ser visto para merecer a coroa. Quando voltou à casa da viscondessa, encontrou-a cheia dessa amável bondade que ela sempre lhe testemunhara. Dirigiram-se ambos para uma sala de refeições, onde o visconde esperava a esposa e onde resplandecia esse luxo de mesa que, sob a Restauração, foi, como todos sabem, elevado ao mais alto grau. O sr. de Beauséant, como muitas pessoas entendidas da vida, quase não tinha outros prazeres além do dos bons pratos; era, em matéria de glutonaria, da escola de Luís xviii e do duque d’Escars.[77] Sua mesa oferecia, assim, um duplo luxo, o do continente e o do conteúdo. Jamais semelhante espetáculo havia impressionado tanto os olhos de Eugênio, que jantava pela primeira vez numa dessas casas onde as grandezas sociais são hereditárias. A moda acabara de suprimir as ceias que encerravam, outrora, os bailes do Império e nas quais os militares precisavam adquirir forças para enfrentar todos os combates que os esperavam no interior e no exterior. Eugênio, até então, assistira apenas a bailes. O desembaraço que mais tarde o distinguiu, e que ele já começava a adquirir, livrou-o de embasbacar-se como um tolo. Mas, ao ver aquela prataria lavrada e os mil requintes de uma

mesa suntuosa, ao admirar pela primeira vez um serviço feito sem ruído, era difícil, para um homem de ardente imaginação, não preferir aquela vida constantemente elegante à existência de privações que pela manhã decidira abraçar. Transportou-se em pensamento, num instante, à sua pensão burguesa; e ficou de tal modo horrorizado com ela que resolveu deixá-la no mês de janeiro, tanto para ir morar numa casa asseada como para evitar Vautrin, cuja larga mão sentia sobre o ombro. Refletindo sobre as mil formas que assume, em Paris, a corrupção, muda ou falante, um homem de bom-senso é levado a interrogar-se por que aberração o Estado ali funda escolas e agrupa os moços, como as belas mulheres podem ser respeitadas, como o ouro exposto à venda pelos cambistas não desaparece de seus balcões. Mas se pensamos como são raros os exemplos de crimes, mesmo de delitos cometidos por jovens, como nos parecem dignos de respeito esses pacientes Tântalos[78] que se combatem a si mesmos e quase sempre vencem! Se tivesse sido bem retratado em sua luta com Paris, o pobre estudante forneceria um dos assuntos mais dramáticos de nossa civilização moderna. A sra. de Beauséant olhava inutilmente para Eugênio a fim de animá-lo a falar. Ele não quis dizer nada na presença do visconde.

— Levas-me aos Italiens esta noite? — perguntou a viscondessa ao marido.

— Não podes duvidar do prazer que eu teria em obedecer-te — respondeu ele, com um galanteio gracejador que iludiu o estudante. — Mas preciso encontrar-me com alguém nas Varietés.[79]

“A amante”, pensou ela.

— D’Ajuda não virá esta noite? — perguntou o visconde.

— Não — respondeu ela com naturalidade.

— Pois bem, se precisas de quem te acompanhe, vai com o sr. de Rastignac.

A viscondessa olhou, sorrindo, para Eugênio.

— Seria muito comprometedor para você — disse-lhe.

— *O francês ama o perigo porque nele encontra a glória*, disse Chateaubriand — respondeu Eugênio, fazendo uma reverência.

Pouco depois, foi conduzido, ao lado da sra. de Beauséant, num

cupê rápido, ao teatro mais em moda e julgou estar nalgum país de fadas ao entrar num camarote de frente e ao sentir-se, junto com a viscondessa, cujo vestido era delicioso, o alvo de todos os binóculos. Avançava de encantamento em encantamento

— Você disse que precisava falar comigo — disse-lhe a sra. de Beauséant. — Ah! Olhe, a sra. de Nucingen está no terceiro camarote adiante do nosso. Sua irmã e o sr. de Trailles estão no outro lado.

Ao pronunciar essas palavras, a viscondessa olhava para o camarote no qual devia encontrar-se a sra. de Rochefide e, não vendo lá o sr. d'Ajuda, sua fisionomia adquiriu um brilho extraordinário.

— É encantadora — disse Eugênio, após ter contemplado a sra. de Nucingen.

— Tem os cílios brancos.

— Sim, mas que belo corpo esbelto!

— Tem mãos muito grandes.

— Mas que lindos olhos!

— Tem o rosto muito comprido.

— Mas o rosto comprido dá distinção.

— É uma sorte para ela que assim seja. Veja como ela segura a luneta! A gente está vendo o Goriot em todos os seus gestos — disse a viscondessa, ante o grande espanto de Eugênio.

A sra. de Beauséant percorria o teatro com a luneta e parecia não prestar atenção à sra. de Nucingen, sem perder, entretanto, um só de seus movimentos. A reunião estava singularmente bela. Delfina de Nucingen ficou muito lisonjeada por ocupar exclusivamente o jovem, belo e elegante primo da sra. de Beauséant: ele só olhava para ela.

— Se continuar a cobri-la com seus olhares, dará um escândalo, sr. de Rastignac. Não triunfará na vida se se atirar desse modo ante os olhos de todos.

— Querida prima — disse Eugênio —, a senhora já me protegeu muito. Se quiser completar sua obra, preste-me um serviço que lhe dará pouco trabalho e me fará muito bem. Estou apaixonado.

— Já?

— Sim.

— Por essa mulher?

— Minhas pretensões seriam escutadas em outro lugar? — disse, dirigindo um olhar penetrante à prima. — A sra. duquesa de Carigliano dá-se muito com a sra. duquesa de Berry[80] — acrescentou, após uma pausa. — Certamente a senhora a encontrará. Tenha a bondade de introduzir-me na casa dela e de me levar ao baile que ela dará na segunda-feira. Encontrarei lá a sra. de Nucingen e farei minha primeira escaramuça.

— Com muito prazer — disse ela. — Se você já gosta dela, seus assuntos sentimentais vão muito bem. Lá está de Marsay no camarote da princesa Galathionne.[81] A sra. de Nucingen está num verdadeiro suplício, cheia de ciúme. Não há melhor momento para abordar uma mulher, principalmente uma mulher de banqueiro. Todas essas senhoras da Chaussée-d'Antin gostam de vingança.

— Que faria a senhora no seu lugar?

— Sofreria em silêncio.

Nesse momento o marquês d'Ajuda entrou no camarote da sra. de Beauséant.

— Resolvi meus negócios às pressas para encontrá-la — disse — e conto-lhe isso para que não seja um sacrifício.

As cintilações da fisionomia da viscondessa ensinaram a Eugênio a reconhecer as expressões de um verdadeiro amor e a não confundi-las com os fingimentos dos galanteios parisienses. Admirou a prima, ficou em silêncio e cedeu o lugar ao sr. d'Ajuda, suspirando.

"Como é nobre, como é sublime uma mulher que ama assim!", pensou. "E esse homem vai traí-la por uma boneca! Como se pode traí-la?"

Sentiu no coração uma raiva pueril. Teve vontade de lançar-se aos pés da sra. de Beauséant, desejou possuir a força dos demônios a fim de conduzi-lo ao coração da prima, como uma águia arrebata da planície para as altitudes onde mora a cabritinha branca que ainda mama. Sentia-se humilhado por achar-se naquele museu de beleza sem uma amante.

"Ter uma amante", pensava, "constitui uma posição quase real, é o símbolo do poder!"

Olhou para a sra. de Nucingen como um homem insultado olha

para o adversário. A viscondessa voltou-se para ele, para dirigir-lhe mil agradecimentos por sua discrição, piscando um olho. Acabara o primeiro ato.

— Conhece bastante a sra. de Nucingen para apresentar-lhe o sr. de Rastignac? — perguntou ao sr. d'Ajuda.

— Ela ficará encantada em conhecê-lo — disse o marquês.

O belo português ergueu-se e tomou o braço do estudante, que num momento se viu junto da sra. de Nucingen.

— Senhora baronesa — disse o marquês —, tenho a honra de apresentar-lhe o cavalheiro Eugênio de Rastignac, primo da viscondessa de Beauséant. A senhora causou-lhe uma impressão tão forte que eu quis completar sua felicidade, aproximando-o de seu ídolo.

Essas palavras foram pronunciadas com uma entonação brincalhona, que dissimulava a ideia, um pouco brutal, mas que, bem apresentada, nunca desagrada a uma mulher. A sra. de Nucingen sorriu e ofereceu a Eugênio o lugar do marido, que acabava de sair.

— Não ouso propor-lhe que fique junto de mim — disse-lhe. — Quando se tem a ventura de estar junto da sra. de Beauséant, não se troca esse lugar por outro.

— Ora — respondeu Eugênio em voz baixa—, parece-me que, se eu quiser agradar a minha prima, devo permanecer ao lado da senhora. Antes da chegada do marquês, falávamos na senhora, comentando a distinção que se irradia de sua pessoa — acrescentou em voz alta.

O sr. d'Ajuda retirou-se.

— Vai ficar mesmo? — perguntou a baronesa. — Então ficaremos conhecidos. A sra. de Restaud já me dera o mais vivo desejo de conhecê-lo.

— Mas então ela é muito falsa! Ela me fechou a porta de sua casa.

— Como?

— Minha senhora, terei a franqueza de dizer-lhe a razão disso. Mas reclamo toda sua indulgência ao confiar-lhe tal segredo. Sou vizinho de quarto do senhor seu pai. Ignorava que a sra. de Restaud fosse filha dele. Tive a imprudência de falar nele de modo muito inocente e assim desgostei a senhora sua irmã e o marido. A senhora não pode imaginar o quanto a duquesa de Langeais e minha prima acharam de mau gosto

essa apostasia filial. Descrevi-lhes a cena e elas riram como loucas. Foi então que, fazendo um paralelo entre a senhora e sua irmã, a sra. de Beauséant me falou de maneira muito amável a seu respeito, dizendo-me o quanto a senhora é boa para meu vizinho, o sr. Goriot. E, realmente, como a senhora não o amaria? Ele a adora tão apaixonadamente que chego a ter ciúmes. Falamos na senhora esta manhã, durante duas horas. Depois, ainda com o espírito cheio do que seu pai me falou, eu disse à minha prima, enquanto jantava com ela esta noite, que a senhora não poderia ser tão bela quanto era amorosa. Então, querendo favorecer uma admiração tão ardente, a sra. de Beauséant me trouxe aqui, dizendo-me, com sua graça habitual, que eu a encontraria.

— Quer dizer que já lhe devo gratidão? — disse a mulher do banqueiro. — Daqui a pouco já seremos velhos amigos.

— A simples amizade pela senhora deve ser um sentimento muito vulgar — disse Rastignac. — Não quero, de modo algum, ser seu amigo.

Essas futilidades, estereotipadas para uso dos estreantes, exercem sempre uma grande fascinação sobre as mulheres. Somente quando lidas a frio parecem pobres. O gesto, a inflexão da voz e o olhar de um rapaz emprestam-lhes incalculáveis méritos. A sra. de Nucingen achou Rastignac encantador. Depois, como todas as mulheres, não podendo contestar a questões tão vivamente formuladas como as do estudante, ela respondeu a outra coisa.

— É verdade, minha irmã se prejudica pela maneira como se conduz com esse pobre pai, que, realmente, tem sido para nós um deus. Foi preciso que o sr. de Nucingen me ordenasse categoricamente que só recebesse meu pai pela manhã, para que eu cedesse nesse ponto. Mas isso me tornou infeliz por muito tempo. Chorei. Essas violências, sucedendo às brutalidades do casamento, foram uma das razões que mais perturbaram minha vida conjugal. Sou, com toda a certeza, a mulher de Paris mais feliz aos olhos do mundo e a mais infeliz na realidade. O senhor pensará que sou louca por falar-lhe assim. Mas o senhor conhece meu pai e, nessas condições, não pode considerar-me uma estranha.

— Asseguro-lhe que a senhora nunca encontrou ninguém animado

de um desejo mais vivo de pertencer-lhe do que eu — disse-lhe Eugênio. — Que é que todos procuram? A felicidade — acrescentou ele, com uma voz que penetrava até a alma. — Pois bem, se, para uma mulher, a felicidade consiste em ser amada, adorada, ter um amigo a quem possa confiar seus desejos, suas fantasias, seus pesares e suas alegrias; mostrar-se na nudez de sua alma, com seus encantadores defeitos e suas belas qualidades, sem receio de ser traída; acredite-me, então, esse coração dedicado, sempre ardente, só se pode encontrar num rapaz cheio de ilusões, capaz de morrer a um simples gesto seu, que ainda não sabe nada do mundo e nada quer saber porque para ele a senhora representa o mundo inteiro. A senhora certamente vai achar graça na minha ingenuidade, mas deixe que lhe diga que estou chegando do interior de uma província, completamente ignorante, não tenho conhecido senão belas almas, e esperava conservar-me sem amor. Aconteceu-me, porém, ir visitar minha prima, que se afeiçoou muito a mim. Ela me fez descobrir os mil tesouros da paixão. Sou, como Querubim,[82] o apaixonado de todas as mulheres, à espera de poder devotar-me a alguma delas. Ao vê-la, quando entrei no teatro, senti-me atraído para a senhora como por um ímã. Já pensara tanto em si! Mas não a imaginava tão bela como é na realidade. A sra. de Beauséant ordenou-me que não a fitasse tanto. Ela não compreende a atração de seus belos lábios rubros, sua tez clara, seus olhos tão doces... Eu também estou dizendo-lhe loucuras, mas deixe-me dizê-las.

Nada agrada tanto às mulheres como ouvir elogiá-las com essas amáveis palavras. A mais severa devota as escuta, mesmo sabendo que não pode respondê-las. Após ter começado assim, Rastignac continuou a falar com uma voz velada e cheia de sedução. E a sra. de Nucingen o encorajava com sorrisos, olhando, de vez em quando, para de Marsay, que não deixava o camarote da princesa Galathionne. Rastignac ficou ao lado da sra. de Nucingen até o momento em que seu marido veio buscá-la.

— Terei o prazer de ir visitá-la antes do baile da duquesa de Carigliano — disse-lhe Eugênio.

— *Chá que a zenhorra o convita* — disse o barão, espesso alsaciano, cujo rosto redondo denunciava uma astúcia perigosa —, *pode estar*

zecurro de zer pem recepido. [83]

“As coisas vão muito bem, pois ela não se assustou ao ouvir-me perguntar-lhe se gostaria de mim. Meu animal já está com o freio. Saltemos em cima e governemo-lo”, pensou Eugênio, indo cumprimentar a sra. de Beauséant, que se levantava e se retirava com d’Ajuda.

O pobre estudante ignorava que a baronesa estava distraída e esperava do sr. de Marsay uma dessas cartas decisivas que despedaçam a alma. Radiante com seu falso triunfo, acompanhou a viscondessa até o peristilo, onde todos esperavam suas carruagens.

— Seu primo já não parece mais o mesmo — disse o português, sorrindo para a viscondessa, quando Eugênio os deixou. — Vai acabar quebrando o banco. Ele é ágil como uma enguia e creio que irá longe. Só mesmo você para escolher-lhe a dedo uma mulher no momento exato em que precisa de consolo.

— Mas — disse a sra. de Beauséant — é preciso saber se ela ama ainda aquele que a abandona.

O estudante voltou a pé do Théâtre des Italiens à rue Neuve-Sainte-Geneviève, fazendo os mais doces projetos. Observara perfeitamente a atenção com que a sra. de Restaud o examinara, tanto no camarote da viscondessa como no da sra. de Nucingen, e pôde presumir que a porta da casa da condessa não seria mais fechada para ele. E, como tinha a certeza de agradar à marechala, contava já com quatro ilustres relações no seio da alta sociedade parisiense. Sem explicar muito claramente os meios de que se serviria, compreendia antecipadamente que, no complicado mecanismo dos interesses do mundo, precisava agarrar-se a uma engrenagem para alcançar o alto da máquina, cuja roda ele sentia forças suficientes para entravar. “Se a sra. de Nucingen se interessa por mim, eu lhe ensinarei a governar o marido. E como o marido lida com dinheiro, poderá ajudar-me a enriquecer rapidamente.”

Não se diziam essas coisas cruamente. Não era ainda bastante político para reduzir uma situação a algarismos, avaliá-la e calculá-la. Essas ideias flutuavam no horizonte sob a forma de nuvens leves e, embora não tivessem a aspereza das de Vautrin, se fossem submetidas

ao crisol da consciência não dariam nada de muito puro. É por uma sucessão de concessões dessa natureza que os homens chegam a essa moral relaxada, professada pela época atual, onde são mais raros do que em qualquer outra era esses homens retangulares, essas belas vontades que nunca se curvam perante o mal e às quais o menor desvio da linha reta parece um crime: magníficas imagens da probidade, que nos deram duas obras-primas: Alceste[84] de Molière e, mais recentemente, Jenny Deans e o pai,[85] na obra de Walter Scott. É possível que a obra oposta a essa, o quadro das sinuosidades nas quais um homem da sociedade, um ambicioso, faz rolar sua consciência, numa tentativa de contornar o mal, não seja menos bela nem dramática. Ao chegar à pensão, Rastignac estava apaixonado pela sra. de Nucingen. Achava-a esbelta, fina como uma andorinha. Recordava-se de tudo: a inebriante doçura de seus olhos, a pele delicada e sedosa, sob a qual acreditara ver circular o sangue, o som encantador da voz, os cabelos louros. E é possível que a marcha, apresentando os movimentos de seu sangue, tivesse contribuído para essa fascinação. O estudante bateu fortemente à porta do pai Goriot.

— Vizinho — disse —, vi a sra. Delfina.

— Onde?

— Nos Italiens.

— Ela se divertiu bastante...? Entre.

E o bom velho, que se levantara em camisa de dormir, abriu a porta e tornou a deitar-se.

— Diga-me alguma coisa sobre ela! — pediu.

Eugênio, que entrara pela primeira vez no quarto do pai Goriot, não pôde evitar um gesto de estupefação ao ver o quarto miserável onde vivia o pai, após ter admirado o luxo da filha. A janela não tinha cortinas. O papel que forrava as paredes estava desbotado em vários lugares, devido à umidade, e enrugado, deixando ver o reboco da parede amarelada pela fumaça. O velho estava deitado num catre, tendo sobre o corpo um cobertor fino e sobre os pés um acolchoado feito com os pedaços aproveitáveis de vestidos velhos da sra. Vauquer. O assoalho era úmido e cheio de poeira. Diante da janela, havia uma dessas velhas cômodas em pau-rosa, mais grossas na parte média, e

com puxadeiras de cobre torcido em forma de ramos, ornados de folhas ou flores; um velho móvel, servindo de mesa, sobre o qual havia um jarro d'água dentro da bacia e todos os utensílios necessários para fazer a barba. A um canto, os sapatos. Ao lado da cama, uma mesinha de cabeceira sem porta nem tampo de mármore. A um canto da lareira, onde não havia o menor vestígio de fogo, achava-se a mesa quadrada, de nogueira, cuja travessa servira para o pai Goriot amassar sua sopeira de prata dourada. Uma secretária em mau estado, sobre a qual estava o chapéu do velho, uma poltrona com o assento afundado e duas cadeiras completavam o lastimável mobiliário. A haste do leito, presa ao assoalho por um trapo, sustentava um velho cortinado de xadrez encarnado e branco. O mais humilde criado vive, certamente, muito melhor na sua água-furtada do que o pai Goriot na casa da sra. Vauquer. O aspecto do quarto causava frio e apertava o coração, parecia mais a cela triste de uma prisão. Felizmente, Goriot não notou a expressão que se estampou na fisionomia de Eugênio, quando ele pôs o candeeiro sobre a mesinha de cabeceira. O velho deitou-se de lado, com a coberta até o queixo.

— E então, qual delas lhe agrada mais? A sra. de Restaud ou a sra. de Nucingen?

— Prefiro a sra. Delfina — respondeu o estudante —, porque ela gosta mais do senhor.

Ao ouvir essa frase, pronunciada com calor, o bom velho estendeu o braço para fora da coberta e apertou a mão de Eugênio.

— Obrigado, obrigado — respondeu o velho, comovido. — Que lhe disse ela de mim?

O estudante repetiu as frases da baronesa, embelezando-as, e o velho as escutou como se estivesse ouvindo a palavra de Deus.

— Filha querida! Sim, sim, ela me ama muito. Mas não acredite no que ela lhe disse de Anastácia. As duas irmãs têm ciúmes uma da outra, repare! Isso é mais uma prova de sua afeição. A sra. de Restaud também gosta muito de mim. Tenho certeza disso. Um pai é, para os filhos, como Deus para nós, vai até o fundo dos corações e julga as intenções. Ambas são igualmente amorosas. Oh, se eu tivesse bons genros, seria muito feliz. Mas é certo que não há felicidade completa na

terra. Se eu vivesse na casa delas, só ao ouvir sua voz, sabê-las ali, vê-las andar, sair, como quando eu as tinha em minha casa, meu coração pularia de alegria...! Estavam bem-vestidas?

— Sim — disse Eugênio. — Mas, sr. Goriot, como é que, tendo filhas tão ricas como as suas, pode o senhor morar numa pocilga destas?

— Ora — respondeu, com uma expressão aparentemente despreocupada —, de que me serviria estar mais bem instalado? Não posso explicar-lhe essas coisas. Não sei dizer corretamente duas palavras seguidas. Tudo está aqui — acrescentou, batendo no peito. — A vida, para mim, está nas minhas duas filhas. Se elas se divertem, se elas se sentem felizes, elegantemente vestidas, se pisam sobre tapetes, que importam os andrajos com que eu me vista e o lugar onde me deite? Não sinto frio se elas estão com calor, não me aborreço se elas riem. Só fico triste quando elas se entristecem. Quando o senhor for pai, quando pensar, ao ouvir os filhos tagarelarem, “Isso saiu de mim!”, quando sentir que essas criaturazinhas foram feitas com as gotas de seu sangue, do qual são a fina flor, pois é justamente assim!, o senhor se sentirá ligado à sua pele, pensará que é o senhor mesmo ao vê-los andar. Onde quer que estejam, sua voz chega aos meus ouvidos. Um olhar delas, quando triste, me enregela o sangue. Um dia o senhor sentirá que a felicidade deles nos faz mais felizes do que a nossa própria felicidade. Não posso explicar-lhe isso: são movimentos íntimos que espalham contentamento por toda a parte. Enfim, vivo três vezes. Quer que eu lhe conte uma coisa engraçada? Pois bem, quando me tornei pai, compreendi Deus. Ele está inteiro em toda parte, pois a criação saiu dele. Assim sou eu com relação a minhas filhas. A única diferença é que eu amo mais minhas filhas do que Deus ama o mundo, porque o mundo não é tão belo como Deus e minhas filhas são mais belas do que eu. Elas estão sempre tão presentes em minha alma que eu tive um pressentimento de que o senhor as veria esta noite. Meu Deus! Se um homem tornasse minha Delfina tão feliz como o é uma mulher ao sentir-se amada, eu lhe lustraria os sapatos, faria recados para ele. Soube pela criada de quarto que esse pequeno sr. de Marsay é um cão. Tive vontade de torcer-lhe o pescoço. Não amar uma joia de mulher, uma voz de rouxinol, e com um corpo que é um modelo! Que

ideia foi essa de casar-se com esse estúpido alsaciano? O de que ambas precisavam é de belos rapazes amorosos. Enfim, elas o fizeram por gosto.

O pai Goriot estava sublime. Eugênio ainda não o vira iluminado pelos clarões de sua paixão paternal. É notável o poder de impregnação dos sentimentos. Por mais vulgar que seja uma criatura, basta que ela exprima uma afeição forte e sincera para exalar um fluido particular que modifica a fisionomia, anima o gesto, dá cor à sua voz. Muitas vezes o mais estúpido dos indivíduos atinge, sob o influxo da paixão, a mais alta eloquência na ideia, e mesmo na linguagem, e parece mover-se numa esfera luminosa. Havia, naquele momento, na voz e no gesto do velho, a força comunicativa que distingue um grande ator. Os nossos belos sentimentos não são, na verdade, os poemas da vontade?

— Creio que o senhor não ficará aborrecido de saber — disse-lhe Eugênio — que ela vai, sem dúvida, romper com esse de Marsay. O belo rapaz deixou-a para ligar-se à princesa Galathionne. Quanto a mim, fiquei apaixonado pela sra. Delfina esta noite.

— Ora! — murmurou o pai Goriot.

— Sim. Não lhe desagradei. Falamos de amor durante uma hora e vou visitá-la depois de amanhã, sábado.

— Oh, como eu o estimaria, meu caro, se o senhor fosse de seu agrado! O senhor é tão bom, não a atormentaria. Se a traísse, eu lhe cortaria o pescoço. Uma mulher não tem dois amores, fique certo! Meu Deus! Estou dizendo tolices, sr. Eugênio. Está muito frio aqui para o senhor. Meu Deus! Então ouviu-a? Que foi que ela me mandou dizer?

"Nada", pensou Eugênio.

— Disse-me — respondeu em voz alta — que lhe mandava um bom beijo de filha.

— Boa noite, vizinho! Durma bem e tenha bons sonhos. Eu já tenho os meus, graças a essa frase. Que Deus o proteja em todos os seus desejos! O senhor foi para mim, esta noite, como um bom anjo, pois trouxe minha filha para junto de mim!

"Coitado!", pensou Eugênio ao deitar-se. "É de comover um coração de mármore. Sua filha pensou tanto nele como no grão-turco."

Depois daquela palestra, o pai Goriot passou a ver no vizinho um

confidente inesperado, um amigo. Haviam se estabelecido entre eles as únicas relações pelas quais o velho poderia ligar-se a outro homem. As paixões nunca erram seus cálculos. O pai Goriot via-se um pouco mais perto de sua filha Delfina, via-se mais bem recebido por ela, se Eugênio se tornasse caro à baronesa. Além disso, ele lhe confiara uma de suas dores. A sra. de Nucingen, a quem, mil vezes por dia, ele desejava a felicidade, não conhecera as doçuras do amor. Eugênio era, sem dúvida, para servir-se de sua expressão, um dos moços mais gentis que ele jamais encontrara e parecia pressentir que ele daria à sua filha todos os prazeres de que ela fora privada. O bom velho foi, assim, tomado de uma amizade crescente pelo vizinho, sem a qual não teria sido possível conhecer o desfecho desta história.

Na manhã seguinte, ao almoço, a afetação com que o pai Goriot olhava para Eugênio, junto de quem se sentara, as poucas palavras que lhe disse e a alteração de sua fisionomia, ordinariamente semelhante a uma máscara de gesso, surpreenderam os pensionistas. Vautrin, que encontrava o estudante pela primeira vez depois de sua conferência, parecia querer ler em sua alma. Recordando-se do projeto daquele homem, Eugênio, que, antes de adormecer, medira, durante a noite, o vasto campo que se abria a seus olhares, pensou necessariamente no dote da srta. Taillefer e não se pôde impedir de olhar para Vitorina como o mais virtuoso rapaz olha para uma rica herdeira. Por acaso seus olhares se encontraram. A pobre moça não deixou de achar Eugênio encantador no seu novo traje. O olhar que trocaram foi bastante significativo para que Rastignac não tivesse dúvidas de ser, para ela, o objeto desses confusos desejos que assaltam todas as moças e que elas fixam no primeiro indivíduo um pouco sedutor que se oferece a seus olhares. Uma voz gritava-lhe: “Oitocentos mil francos!”. Imeditamente, porém, voltou-se para as recordações da véspera e pensou que a sua paixão fingida pela sra. de Nucingen seria o antídoto de seus maus pensamentos.

— Ontem levaram nos Italiens *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini. Eu nunca ouvira música tão deliciosa — disse. — Meu Deus! Como se deve ser feliz tendo um camarote nos Italiens!

O pai Goriot apanhou essa palavra no ar, como um cão percebe um

gesto do dono.

— Vocês, os homens, gozam de todas as comodidades — disse a sra. Vauquer —, fazem tudo o que lhes agrada.

— Como voltou? — perguntou Vautrin.

— A pé — respondeu Eugênio.

— Se fosse eu — replicou o tentador —, não quereria saber de prazeres pela metade. Gostaria de ir na minha carruagem, ficar no meu camarote e voltar comodamente. Tudo ou nada! Eis o meu lema.

— E está muito acertado — comentou a sra. Vauquer.

— O senhor deve ir visitar a sra. de Nucingen — disse Eugênio, em voz baixa, a Goriot. — Pode estar certo de que ela o receberá de braços abertos. Quererá saber pelo senhor mil detalhes a meu respeito. Soube que ela seria capaz de tudo para ser recebida na casa de minha prima, a sra. viscondessa de Beauséant. Não se esqueça de dizer-lhe que eu a amo tanto que já pensei em proporcionar-lhe essa satisfação.

Rastignac dirigiu-se em seguida para a Escola de Direito. Queria ficar o menor tempo possível naquela casa odiosa. Andou vagueando pelas ruas durante quase todo o dia, presa dessa febre mental, conhecida de todos os moços assaltados por esperanças muito fortes. Os argumentos de Vautrin faziam-no refletir sobre a vida social, no momento em que encontrou seu amigo Bianchon no Jardin du Luxembourg.

— Que é que te deu esse ar tão sério? — perguntou-lhe o estudante de medicina, tomando-o pelo braço e levando-o a passear diante do palácio.

— Ando atormentado por más ideias.

— De que natureza? As ideias se curam.

— Como?

— Sucumbindo-se a elas.

— Estás rindo sem saber de que se trata. Leste Rousseau?

— Li.

— Lembras-te daquela passagem em que ele pergunta ao leitor que faria se pudesse enriquecer matando, apenas pela vontade, um velho mandarim da China, sem sair de Paris?[86]

— Lembro-me.

— E então?

— Pois já estou no meu trigésimo terceiro mandarim.

— Não gracejes. Dize-me uma coisa: se te provassem que isso é possível e que bastaria fazeres um gesto com a cabeça, tu o farias?

— É muito velho, o mandarim? Mas não, jovem ou velho, paralítico ou sadio, de modo algum... eu não faria esse gesto!

— És um rapaz digno, Bianchon! Mas se amasses uma mulher a ponto de por ela virar a alma pelo avesso e se precisasses de dinheiro, muito dinheiro, para seus vestidos, sua carruagem, para todos os seus caprichos, enfim?

— Mas tu me privas de todo o raciocínio e queres que eu raciocine!

— Pois bem, Bianchon. Estou louco. Cura-me. Tenho duas irmãs que são uns anjos de beleza e de candura e quero que elas sejam felizes. Onde arranjar duzentos mil francos para seu dote, daqui a cinco anos? Há circunstâncias na vida, como vês, em que é preciso jogar forte e não empregar a sorte em ganhar alguns soldos.

— Ora, estás formulando a questão que preocupa a toda gente no começo da vida e queres cortar o nó górdio[87] com a espada. Para agir assim, meu caro, é preciso ser Alexandre. De outro modo, acaba-se na cadeia. Quanto a mim, sinto-me feliz com a existência modesta que levarei na província, onde sucederei simplesmente a meu pai. As afeições do homem podem ser plenamente satisfeitas, tanto no menor círculo, como numa imensa circunferência. Napoleão não jantava duas vezes nem podia ter mais amantes do que um estudante de medicina, que trabalha como interno nos Capuchinhos. Nossa felicidade, meu caro, estará sempre entre a planta dos nossos pés e a nossa cabeça. Quer ela custe um milhão ou cem luíses por ano, sua percepção intrínseca, em nosso íntimo, será sempre a mesma. Concluo pela vida do chinês.

— Muito obrigado. Fizeste-me um grande bem, Bianchon! Seremos sempre amigos.

— Olhe aqui — replicou o estudante de medicina —, ao sair da aula de Cuvier,[88] no Jardin-des-Plantes, vi a Michonneau e o Poiret conversando num banco com um senhor que conheci nos distúrbios do ano passado, perto da Câmara dos Deputados, e que me deu a

impressão de ser um empregado da polícia disfarçado de capitalista. Vamos ficar de olho nesse casal: depois eu te direi por quê. Até logo, vou responder a minha chamada das quatro horas.

Quando Eugênio voltou à pensão, encontrou o pai Goriot a sua espera.

— Tome aqui — disse o velho —, é uma carta dela. Que bela letra, hein?

Eugênio abriu o envelope e leu:

> Senhor,
>
> Meu pai disse-me que o senhor gosta de música italiana. Eu me sentiria feliz se o senhor quisesse dar-me o prazer de aceitar um lugar no meu camarote. Sábado teremos Fodor[89] e Pellegrini.[90] Estou certa de que não recusará este convite. O sr. de Nucingen junta-se a mim para pedir-lhe que venha jantar conosco, sem cerimônia. Aceitando, o senhor lhe dará grande contentamento por não ter de suportar a maçada matrimonial de acompanhar-me. Não me responda. Venha e aceite meus cumprimentos.

d. de n.

— Deixe-me ver — disse o velho a Eugênio quando este terminou a leitura. — O senhor vai, não é? — acrescentou, após ter cheirado o papel. — Que perfume! É porque seus dedos o tocaram.

“Uma mulher não se atira assim nos braços de um homem!”, pensava o estudante. “Ela quer servir-se de mim para recuperar de Marsay. Só mesmo o despeito pode fazer uma coisa dessas.”

— Então? — disse o pai Goriot. — Em que está pensando?

Eugênio ignorava o delírio de vaidade que dominava algumas mulheres naquela época e não sabia que, para abrir-se uma porta no Faubourg Saint-Germain, a mulher de um banqueiro era capaz de todos os sacrifícios. Naquele tempo, a moda começava a colocar acima de todas as mulheres aquelas que eram recebidas na sociedade do Faubourg Saint-Germain, as chamadas senhoras do Petit-Château, entre as quais a sra. de Beauséant, sua amiga a duquesa de Langeais e a duquesa de Maufrigneuse ocupavam a primeira linha. Rastignac era o

único a ignorar o furor que assaltava as mulheres da Chaussée-d'Antin para conseguirem entrar no círculo superior onde brilhavam as constelações de seu sexo. Sua desconfiança, porém, foi-lhe muito útil, emprestou-lhe certa indiferença e conferiu-lhe o triste poder de impor condições em vez de recebê-las.

— Sim, irei — respondeu.

Assim, era a curiosidade que o levava à casa da sra. de Nucingen, ao passo que se ela o tivesse desprezado, talvez tivesse sido conduzido até lá pela paixão. Mesmo assim, não foi sem impaciência que esperou o dia seguinte e a hora de seguir. Para um rapaz, a primeira intriga encerra talvez tanto encanto como um primeiro amor. A certeza de triunfar gera uma infinidade de venturas que os homens não confessam e que constituem todo o fascínio de certas mulheres. O desejo nasce tanto da dificuldade como da facilidade do triunfo. Todas as paixões dos homens são, certamente, excitadas ou nutridas por uma ou outra dessas coisas, que dividem o império amoroso. Essa divisão é, talvez, uma consequência da grande questão dos temperamentos, que, digam o que quiserem, dominam a sociedade. Se os melancólicos necessitam do tônico dos galanteios, os nervosos ou sanguíneos, por sua vez, desistem se a resistência se prolonga muito. Em outros termos, a elegia é tão essencialmente linfática quanto o ditirambo é bilioso. Enquanto se vestia, Eugênio saboreava essas pequenas delícias de que os rapazes não ousam falar, por temor de provocar zombarias, mas que lisonjeiam o amor-próprio. Arranjava os cabelos, pensando que o olhar de uma bela mulher deslizaria por aqueles anéis negros. Permitiu-se trejeitos pueris como os que fariam uma moça vestindo-se para um baile. Examinou complacentemente a cintura delgada, ajustando a casaca.

"É certo que há alguns menos elegantes", pensou.

Depois, desceu no momento em que todos os fregueses da pensão estavam à mesa e recebeu alegremente a chuva de gracejos que sua requintada aparência excitou. Um dos traços particulares das pensões burguesas é o espanto que causa uma pessoa bem-vestida. Ninguém, ali, pode envergar uma casaca nova sem que cada um atire sua frase.

— Tsc, tsc, tsc! — fez Bianchon, estalando a língua contra a abóbada

palatina, como se estivesse excitando um cavalo.

— Garbo de duque e par! — disse a sra. Vauquer.

— O senhor vai se meter em conquista? — perguntou a sra. Michonneau.

— Cocorocó! — gritou o pintor.

— Meus cumprimentos à senhora sua esposa — disse o empregado do museu.

— O senhor é casado? — perguntou Poiret.

— Sim, com uma esposa com compartimentos, que anda sobre a água, cores firmes, valendo de vinte e cinco a quarenta, desenho xadrez da última moda, lavável, portátil, metade linho, metade algodão, metade lã, que cura dor de dentes e outras doenças aprovadas pela Academia de Medicina! Excelente, também, para crianças! Melhor ainda contra dor de cabeça, enfartamentos e outras doenças do esôfago, dos olhos e dos ouvidos! — exclamou Vautrin, com a volubilidade cômica e a acentuação de um propagandista. — E quanto custa essa maravilha? — perguntarão os senhores. — Dois soldos? Não. Absolutamente nada. É um resto dos fornecimentos feitos ao Grão-Mogol e que todos os soberanos da Europa, inclusive o grrrrão-duque de Bade, quiseram ver! Entrem, fica em frente! E passem pela bilheteria. Vamos, música! Brooum, tra tra trinn! la la, boum, boum! — Atenção, senhor de clarineta, está tocando mal — acrescentou com uma voz rouca —, já lhe endireito os dedos!

— Meu Deus! Como esse homem é divertido! — disse a sra. Vauquer à sra. Couture. — Perto dele nunca me aborreceria.

No meio dos risos e dos gracejos que acolheram esse discurso comicamente pronunciado, Eugênio pôde perceber o olhar furtivo da srta. Taillefer, que se inclinou para a sra. Couture dizendo-lhe algumas palavras ao ouvido.

— O carro já está aí — disse Sílvia.

— Onde vai jantar? — perguntou Bianchon.

— Na casa da sra. baronesa de Nucingen.

— A filha do sr. Goriot! — respondeu o estudante.

Ao ser pronunciado esse nome, os olhares dirigiram-se para o antigo fabricante de massas, que contemplava Eugênio com certa

inveja.

Rastignac chegou à rue de Saint-Lazare, diante de uma dessas casas de construção pretensiosa, de colunas finas, pórticos estreitos, que constituem o *belo* em Paris, uma verdadeira casa de banqueiro, cheia de requintes caros, estuques, patamares de mosaico de mármore. Encontrou a sra. de Nucingen numa saleta com quadros italianos, cuja decoração lembrava a dos cafés. A baronesa estava triste. Os esforços que fez para ocultar a tristeza despertaram em Eugênio um interesse tanto maior, porque não tinham nada de fingido. Esperava alegrar uma mulher com sua presença e vinha encontrá-la aflita. Essa decepção feriu seu amor-próprio.

— Tenho muito pouco direito a sua confiança, minha senhora — disse ele após ter gracejado sobre sua preocupação. — Mas, se a aborreço, espero que mo diga francamente.

— Fique — disse ela. — Se o senhor fosse embora eu ficaria só. Nucingen vai jantar na cidade e não desejo estar só, preciso de distração.

— Mas o que tem?

— O senhor seria a última pessoa a quem o diria! — exclamou ela.

— Quero sabê-lo. Se é assim, é porque esse segredo tem alguma coisa a ver comigo.

— Quem sabe! Mas não — replicou ela —, são discórdias conjugais que devem permanecer sepultadas no fundo do coração. Já não lhe disse anteontem? Não sou nada feliz. As cadeias de ouro são as mais pesadas.

Quando uma mulher diz a um rapaz que é infeliz, se esse rapaz é inteligente, bem-vestido e tem mil e quinhentos francos disponíveis no bolso, fica com direito de pensar como pensava Eugênio e torna-se presumido.

— Que pode desejar? — disse ele. — É bela, jovem, amada, rica.

Ela fez um gesto sinistro com a cabeça.

— Não falemos de mim — disse ela. — Jantaremos juntos, intimamente, e depois iremos ouvir a mais deliciosa música. Estou a seu gosto! — acrescentou, levantando-se e mostrando o vestido de casimira branca com desenhos persas da mais luxuosa elegância.

— Eu queria tê-la só para mim. Está encantadora.

— Triste propriedade teria o senhor — disse ela com amargura. — Nada aqui lhe indica a infelicidade e, contudo, apesar destas aparências, estou desesperada. Meus desgostos tiram-me o sono. Ficarei feia.

— Oh, isso é impossível — disse o estudante. — Mas estou curioso por conhecer essas penas que nem um amor devotado podem-na curar.

— Ah! Se eu as confiasse, o senhor me fugiria — disse ela. — O senhor me ama somente por galanteria, como é costume entre os homens; mas, se me amasse verdadeiramente, seria terrível o seu desespero. Como vê, devo calar. Por favor — exclamou ela —, falemos de outra coisa. Venha ver os meus aposentos.

— Não, fiquemos aqui — respondeu Eugênio, sentando-se num sofá, diante do fogo e ao lado da sra. de Nucingen, de quem tomou a mão com segurança.

Ela deixou que a tomasse e ainda a apoiou sobre a do rapaz num desses movimentos de força concentrada que traem as fortes emoções.

— Escute — disse Rastignac —, se tem desgostos, deve confiar-mos. Quero provar-lhe que eu a amo pelo que é. Ou a senhora falará e me dirá suas mágoas para que eu as dissipe, ainda que tenha de matar seis homens, ou sairei para não voltar mais.

— Pois bem! — exclamou ela tomada por uma ideia de desespero que a fez golpear-se na fronte. — Vou pô-lo à prova agora mesmo. “Sim”, disse ela consigo mesma, “só há este meio.” E fez soar a campainha.

— A carruagem do sr. de Nucingen está atrelada? — disse ela ao seu criado de quarto.

— Sim, senhora.

— Vou tomá-la. Dê-lhe a minha e os meus cavalos. Não sirva o jantar antes das sete.

— Vamos, venha — disse ela a Eugênio, que julgou sonhar ao encontrar-se no cupê do sr. de Nucingen, ao lado daquela mulher.

— Ao Palais-Royal[91] — disse ela ao cocheiro. — Ao lado do Teatro Francês.

No caminho, ela parecia agitada e recusou-se a responder às mil

perguntas de Eugênio, que não sabia o que pensar daquela resistência muda, compacta e obtusa.

"Num instante ela me foge", dizia ele consigo.

Quando a carruagem se deteve, a baronesa olhou para o estudante de um modo que impôs silêncio a suas doidas palavras, pois ele se havia arrebatado.

— Ama-me realmente? — perguntou ela.

— Amo-a — respondeu Eugênio escondendo a inquietação que se apoderava dele.

— Não pensará nada de mal a meu respeito, peça-lhe eu o que pedir?

— Não.

— Está disposto a me obedecer?

— Cegamente.

— Tem jogado algumas vezes? — perguntou ela com voz trêmula.

— Nunca.

— Ah, estou descansada. O senhor terá sorte. Eis minha bolsa — disse ela. — Segure-a. Contém cem francos, é tudo o que esta mulher tão feliz possui. Vá a uma casa de jogo, não sei onde ficam, mas sei que há várias no Palais-Royal. Arrisque os cem francos num jogo que chamam de roleta e perca tudo ou me traga seis mil francos. Quando voltar eu lhe contarei os meus desgostos.

— O diabo me leve se eu entendo alguma coisa do que vou fazer, mas obedecerei — disse ele com uma alegria causada por este pensamento: "Ela se compromete comigo, e nada terá a recusar-me".

Eugênio tomou a linda bolsa e correu ao número 9, depois de se ter informado num alfaiate onde ficava a casa de jogo mais próxima. Subiu as escadas e deixou-se tomar o chapéu, mas ao entregá-lo perguntou onde era a roleta. Para admiração dos frequentadores, um empregado conduziu-o para junto de uma mesa comprida. Eugênio, seguido de todos os espectadores, perguntou sem timidez onde se devia pôr a aposta.

— Se o senhor põe um luís num desses trinta e seis números, e der esse número, ficará com trinta e seis luíses — disse-lhe um velho respeitável, de cabelos brancos.

Eugênio lançou os cem francos no número correspondente a sua idade, o vinte e um. Uma exclamação surpresa partiu antes que ele se pudesse aperceber. Tinha ganho sem sabê-lo.

— Retire seu dinheiro — disse-lhe o senhor idoso —; não se ganha duas vezes nesse sistema.

Eugênio empunhou uma pazinha que o velho lhe alcançou, puxou para si os três mil e seiscentos francos e, sempre sem nada a saber do jogo, colocou-os no vermelho. A galeria contemplou-o com inveja, ao ver que ele continuava a jogar. A roda girou, ele tornou a ganhar e o banqueiro empurrou-lhe mais três mil e seiscentos francos.

— O senhor tem sete mil e duzentos francos — disse-lhe ao ouvido o velho. — Se quer acreditar em mim, retire-se. O vermelho já saiu oito vezes seguidas. E, se for caridoso, recompensará este bom conselho, aliviando a miséria de um antigo prefeito de Napoleão, que se acha na extrema pobreza.

Rastignac, aturdido, deu dez luíses ao homem de cabelos brancos e desceu com os sete mil francos, ainda sem nada entender do jogo, mas estupefato com sua sorte.

— Aqui está! Onde me levará agora? — disse, mostrando os sete mil francos à sra. de Nucingen, quando a porta da carruagem se fechou.

Delfina abraçou-o alucinadamente e beijou-o com ardor, mas sem paixão.

— Você me salvou!

Lágrimas de alegria correram em abundância por suas faces.

— Vou contar-lhe tudo, meu amigo. Você será meu amigo, não é? Você me vê rica, opulenta, sem me faltar nada. Pois fique sabendo que o sr. de Nucingen não me deixa dispor de um soldo: ele paga todas as despesas da casa, minhas carruagens, meus camarotes no teatro; destina ao meu vestuário, porém, uma quantia insuficiente, reduzindo-me deliberadamente a uma miséria secreta. Sou muito altiva para implorar-lhe. Seria a última das criaturas se comprasse seu dinheiro pelo preço que ele exige! Como foi que eu, possuindo setecentos mil francos, me deixei espoliar assim? Por orgulho, por indignação. Somos tão jovens, tão ingênuas, quando iniciamos a vida conjugal! A palavra que teria de pronunciar para pedir dinheiro a meu marido dilacerava-

me a boca; e eu não ousava pronunciá-la. Passei a gastar o dinheiro de minhas economias e o que me dava meu pobre pai. Finalmente, contraí dívidas. O casamento, para mim, foi a mais terrível das decepções, nem posso falar-lhe nele: basta que lhe diga que eu me atiraria pela janela se precisasse viver com Nucingen sem ser em quartos separados. Quando tive de declarar-lhe minhas dívidas de mulher jovem, joias, fantasias (meu pobre pai nos habituara a não recebermos nenhuma recusa), sofri um verdadeiro martírio. Tive, contudo, a coragem de confessá-las. Afinal, não tinha eu uma fortuna própria? Nucingen enfureceu-se, disse-me que eu o arruinaria, mil horrores, enfim! Desejei, nesse momento, estar enterrada a cem pés de profundidade. Como ele se apoderara de meu dote, pagou-o, estipulando, porém, para minhas despesas pessoais, uma mensalidade à qual me resignei, para conseguir a paz. Depois disso, quis corresponder ao amor-próprio de alguém que você conhece — disse ela. — Se fui enganada por ele, seria, entretanto, incorreta, se deixasse de render justiça à nobreza de seu caráter. De qualquer modo, porém, ele me deixou indignamente! Nunca se deveria abandonar uma mulher a quem, num momento de necessidade, se atirou um punhado de dinheiro! Deve-se amá-la sempre! Você, bela alma de vinte e um anos, você, jovem e puro, certamente me perguntará como pode uma mulher aceitar dinheiro de um homem! Meu Deus! Não é natural dividir tudo com o ser ao qual devemos nossa felicidade? Quando se deu tudo, que importância pode ter uma parcela desse tudo? O dinheiro só começa a representar alguma coisa no momento em que a afeição já não existe. Não nos ligamos para toda a vida? Como podemos prever uma separação quando nos sentimos muito amadas? Se vocês nos juram um amor eterno, como poderemos ter interesses distintos? Você não sabe o que sofri hoje, quando Nucingen se recusou terminantemente a dar-me seis mil francos, ele que dá uma quantia igual, todos os meses, à amante, uma corista! Tive vontade de me matar. As ideias mais loucas passaram pela minha cabeça. Houve momentos em que invejei a sorte de uma criada, de minha criada de quarto. Ir procurar meu pai seria uma loucura! Anastácia e eu já o arruinamos: meu pobre pai se venderia, se encontrasse quem desse seis mil francos por ele. Eu o teria

desesperado em vão. Você me salvou da vergonha e da morte, pois estava ébria de dor. Ah! Meu senhor, devia-lhe esta explicação, pois fui absurdamente louca com você. Quando você se afastou de mim e eu o perdi de vista, tive desejo de fugir a pé... para onde? Não sei. Assim é a existência da metade das mulheres de Paris: luxo exterior e angústias cruéis na alma. Conheço pobres criaturas ainda mais infelizes do que eu. Há mulheres que se veem obrigadas a pedir falsas contas de gêneros ao armazém. Outras são forçadas a furtar do marido: uns creem que a casimira de cem luíses custa quinhentos francos, outros pensam que a casimira de quinhentos francos vale cem luíses. Há desgraçadas mulheres que fazem os filhos passar fome para, com essa economia, poderem comprar um vestido. Quanto a mim, estou livre dessas odiosas mentiras. Se algumas mulheres se vendem aos maridos para governá-los, eu, pelo menos, sou livre! Poderia fazer Nucingen cobrir-me de ouro e prefiro chorar com a cabeça apoiada sobre o coração de um homem a quem possa estimar! Ah, esta noite, o sr. de Marsay não poderá mais me olhar como uma mulher que ele pagou!

Cobriu o rosto com as mãos para que Eugênio não visse seu pranto. O estudante desembaraçou-lhe o rosto para contemplá-lo: estava sublime assim.

— Não é uma coisa horrível misturar dinheiro com afeição? Você não poderá me amar — disse ela.

Essa associação de bons sentimentos, que tornam as mulheres tão grandes, e de faltas que a constituição atual da sociedade as obriga a cometer transtornava Eugênio, que pronunciava palavras doces e consoladoras, admirando aquela bela mulher, tão ingenuamente imprudente em seu brado de dor.

— Você não se servirá disso contra mim? — perguntou ela. — Prometa-me.

— Ah, sou incapaz disso! — respondeu ele.

Ela tomou-lhe a mão e pousou-a sobre o coração, num gesto cheio de gratidão e de galanteria.

— Graças a você, volto a ser livre e alegre. Eu vivia comprimida por uma mão de ferro. Quero, agora, viver com simplicidade, sem gastos. Você gostará de mim como serei, não é? Guarde isso — acrescentou ela,

ficando apenas com seis notas. — Devo-lhe, na verdade, mil francos, pois considero-o meu sócio nos lucros.

Eugênio defendeu-se como uma virgem. Mas como a baronesa lhe dissesse:

— Considero-o meu inimigo se não quiser ser meu cúmplice — aceitou o dinheiro.

— Ficará como capital para um caso de necessidade — disse ele.

— Eis a frase que eu temia — exclamou ela, empalidecendo. — Se quiser que eu seja alguma coisa para você — disse —, jure que nunca voltará ao jogo. Meu Deus! Eu, corrompê-lo! Morreria de pesar.

Haviam chegado. O contraste daquela miséria com aquela opulência assombrava o estudante, em cujos ouvidos voltaram a ressoar as sinistras palavras de Vautrin.

— Fique aí — disse a baronesa, entrando no quarto e indicando um sofá junto à estufa. — Vou escrever uma carta muito difícil. Aconselhe-me.

— Não escreva — disse-lhe Eugênio. — Ponha o dinheiro num envelope, escreva o endereço e mande-o pela criada.

— Mas você é um amor! — disse ela. — Isto é que é ser bem-educado! É puro Beauséant — acrescentou, sorrindo.

“É encantadora!”, pensou Eugênio, que estava ficando cada vez mais apaixonado.

Contemplou o quarto, onde transparecia a voluptuosa elegância de uma rica cortesã.

— Agrada-o? — perguntou ela, chamando a criada. — Teresa, leve isto, você mesma, ao sr. de Marsay e entregue-lhe em mãos. Se não o encontrar, traga-me a carta de volta.

Teresa não saiu sem ter lançado um olhar malicioso a Eugênio. O jantar estava servido. Rastignac deu o braço à sra. de Nucingen, que o conduziu a uma sala de jantar deliciosa, onde ele tornou a encontrar o luxo de mesa que admirara na casa da prima.

— Nos dias dos ltaliens — disse ela — você virá jantar comigo e me acompanhará.

— Eu me acostumaria a essa doce existência se ela pudesse durar. Mas sou um pobre estudante que ainda tem que fazer sua fortuna.

— Ela se fará — disse ela, sorrindo. — Você está vendo, tudo se arranja: eu já não esperava ser tão feliz.

É próprio da natureza das mulheres provar o impossível pelo possível e destruir os fatos por meio de pressentimentos.

Quando a sra. de Nucingen e Rastignac entraram no camarote dos Bouffons, ela assumiu uma expressão de contentamento, que a tornou tão bela que todos se julgaram autorizados a formular essas pequenas calúnias contra as quais as mulheres não têm defesa e que muitas vezes dão a impressão de simples invencionice. Quando se conhece Paris, não se acredita em nada do que aqui se diz e não se diz nada do que aqui se faz. Eugênio tomou a mão da baronesa e ambos se falaram por meio de pressões mais ou menos fortes, comunicando-se as sensações que a música lhes dava. Para eles, a noitada foi embriagadora. Saíram juntos, e a sra. de Nucingen quis acompanhar Eugênio até a Pont-Neuf, disputando-lhe, durante o trajeto, um dos beijos que tão calorosamente lhe prodigalizara no Palais-Royal. Eugênio censurou-lhe essa inconsequência.

— Naquele momento — respondeu ela — foi a gratidão por uma dedicação inesperada. Agora seria uma promessa.

— E você não me quer fazer promessa alguma, ingrata!

Ele ficou zangado. Com um desses gestos de impaciência que arrebatam um apaixonado, ela lhe deu a mão para beijar e ele aceitou com uma expressão amuada que a encantou.

— Até segunda-feira, no baile — disse ela.

Seguindo a pé, sob um belo luar, Eugênio caiu em sérias reflexões. Sentia-se, ao mesmo tempo, feliz e descontente: feliz pela aventura cujo desfecho provável lhe daria uma das mais belas e mais elegantes mulheres de Paris, objeto de seus desejos; e descontente por ver seus projetos de fortuna transtornados. Sentiu, então, a realidade dos pensamentos indecisos a que se entregara na antevéspera. Todo insucesso nos mostra o poder das nossas pretensões. Quanto mais Eugênio gozava a vida parisiense, menos desejava permanecer obscuro e pobre. Acariciava no bolso a nota de mil francos, fazendo uma infinidade de raciocínios capciosos para justificar sua posse. Finalmente, chegou à rue Neuve-Sainte-Geneviève e, ao atingir o alto

da escada, viu luz. O pai Goriot deixara a porta aberta e o candeeiro aceso, a fim de que o estudante não se esquecesse de *contar-lhe a filha*, segundo sua expressão. Eugênio não lhe ocultou nada.

— Então elas pensam que estou arruinado? — disse o pai Goriot, num violento acesso de ciúme. — Ainda tenho mil e trezentos francos de renda! Meu Deus! A pobrezinha, por que não veio aqui? Eu teria vendido meus títulos, lançaria mão de uma parte do capital e empregaria o resto em renda vitalícia. Por que você não veio me contar o embaraço dela, meu pobre vizinho? Como teve coragem de arriscar no jogo seus pobres cem francos? É de cortar a alma! Veja o que são os genros! Oh, se eu os apanhasse, haveria de estrangulá-los. Meu Deus! Chorar! Ela chorou?

— Com a cabeça sobre meu colete — disse Eugênio.

— Oh! Dê-mo — disse o pai Goriot. — Então ele contém lágrimas de minha filha, de minha querida Delfina que nunca chorava quando pequena? Oh! Comprarei outro para você, não o use mais, deixe-o comigo. De acordo com o contrato, ela tem o direito de desfrutar seu capital. Vou procurar Derville,[92] um advogado, amanhã mesmo. Vou exigir a aplicação de sua fortuna. Conheço as leis, sou um lobo velho. Vou recuperar meus dentes.

— Tome, tio, aqui estão mil francos que ela me deu pelo que ganhamos. Guarde-os no colete. — Goriot fitou Eugênio e tomou-lhe a mão, deixando cair nela uma lágrima.

— Você vencerá na vida — disse-lhe o velho. — Deus é justo, fique certo disso. Sei o que é a probidade e asseguro-lhe que pouquíssimos homens se parecem com você. Quer, então, ser mesmo meu amigo? Pois bem, vá dormir. Você pode dormir, ainda não é pai. Então ela chorou! E eu a comer tranquilamente, como um imbecil, enquanto ela sofria; eu, que seria capaz de vender o Pai, o Filho e o Espírito Santo para poupar uma lágrima a qualquer uma das duas!

“Tenho certeza de que serei honesto durante toda a vida”, pensou Eugênio, ao deitar-se. “A gente sente prazer em seguir as inspirações da dignidade.”

Somente os que creem em Deus fazem o bem em segredo, e Eugênio acreditava em Deus.

No dia seguinte, à hora do baile, Rastignac foi à casa da sra. de Beauséant, que o acompanhou para apresentá-lo à duquesa de Carigliano. Recebeu o mais amável acolhimento da marechala, em cuja casa tornou a encontrar a sra. de Nucingen. Delfina enfeitara-se com a intenção de agradar a todos a fim de melhor agradar a Eugênio, de quem esperava impacientemente um olhar, convencida de estar escondendo a impaciência. Para quem sabe descobrir as emoções de uma mulher, esse momento é cheio de delícias. Quem já não se deleitou em fazer os outros esperarem sua opinião, em disfarçar o prazer, em causar inquietações para arrancar confissões, em gozar os temores que logo depois se dissiparão com um sorriso? Durante a festa, o estudante avaliou rapidamente o alcance de sua situação e compreendeu que o fato de ser primo declarado da sra. de Beauséant lhe assegurava uma posição na sociedade. A conquista da baronesa de Nucingen, que lhe atribuíam, punha-o de tal modo em destaque, que todos os rapazes lhe dirigiam olhares de inveja. Ao surpreender alguns desses olhares, desfrutou as primeiras delícias da fatuidade. Ao passar de um salão para o outro, ao atravessar os grupos, ouvia elogiarem sua sorte. As mulheres prediziam-lhe todos os triunfos. Delfina, temendo perdê-lo, prometeu-lhe não recusar à noite o beijo que tanto negara na antevéspera. Durante o baile, Rastignac recebeu vários convites. Foi apresentado pela prima a algumas senhoras com pretensões a elegância e cujas casas tinham fama de ser agradáveis. Viu-se lançado na mais alta e na mais bela sociedade de Paris. Aquela noitada teve, assim, para ele, os encantos de uma brilhante estreia, e ele se lembraria dela até a velhice, como uma moça se recorda do baile em que obteve triunfos.

No dia seguinte, quando, durante o almoço, contou seus êxitos ao pai Goriot, diante dos pensionistas, Vautrin pôs-se a rir de maneira diabólica.

— E você acha — exclamou o feroz lógico — que um moço da moda pode morar à rue Neuve-Sainte-Geneviève, na Casa Vauquer, pensão infinitamente respeitável sob todos os aspectos, sem dúvida, mas que

não é nada elegante? É farta, distingue-se por sua abundância, orgulha-se de ser habitação momentânea de um Rastignac; mas está localizada na rue Neuve-Sainte-Geneviève e ignora o luxo, porque é puramente *patriarcalorama*. Meu jovem amigo — acrescentou Vautrin, com uma expressão paternalmente escanecedora —, se quiser fazer figura em Paris, precisa de três cavalos e um tílburi para a manhã e um cupê para a tarde, o que dá um total de nove mil francos para veículos. Além disso, será indigno de seu destino se gastar menos de três mil francos com o alfaiate, seiscentos francos com o perfumista, cem francos com o sapateiro e outros cem com o chapeleiro. Quanto à lavadeira, custará mil francos. Os moços da moda não podem dispensar um apuro especial na roupa branca; não é ela o que mais frequentemente se examina neles? O amor e a igreja exigem belas toalhas sobre seus altares. Já estamos em catorze mil francos. Não falo no que perderá no jogo, em apostas, em presentes. É impossível andar com menos de dois mil francos no bolso. Já levei essa vida, sei o quanto custa...! Acrescente a essas necessidades principais trezentos luíses para a boia e mil francos para a toca. Como vê, menino, precisamos de vinte e cinco mil francos por ano no bolso ou então caímos na lama e fazemos com que riam de nós, ficando privados de nosso futuro, de nossos triunfos e de nossas amantes! Esqueci-me do criado e do tratador dos cavalos! Será Cristóvão que há de levar suas cartas de amor? E você as escreverá em papel comum? Isso seria um suicídio. Acredite num velho cheio de experiência — acrescentou, fazendo um *rinforzando*[93] em sua voz de baixo. — Encerre-se numa virtuosa água-furtada e case com o trabalho, ou tome outro caminho.

E Vautrin piscou com um gesto em direção à srta. Taillefer, de maneira a recordar e a resumir nesse olhar os sedutores argumentos que semeara no coração do estudante, para corrompê-lo.

Decorreram vários dias, durante os quais Rastignac levou a vida mais dissipada. Jantava quase diariamente com a sra. de Nucingen, acompanhando-a às festas. Voltava para casa às três ou quatro da madrugada, levantava-se ao meio-dia para vestir-se, ia passear no Bois de Boulogne[94] com Delfina, nos dias bonitos, gastando, assim, descuidadamente o tempo e aspirando todos os ensinamentos e todas

as seduções do luxo com o ardor com que o impaciente cálice de uma tamareira fêmea aspira o pólen fecundante de seu himeneu. Jogava forte, perdia ou ganhava muito e acabou por habituar-se à vida absurda dos moços de Paris. Dos primeiros ganhos, devolveu os mil e quinhentos francos à mãe e às irmãs, acompanhando a devolução de belos presentes. Embora tivesse anunciado que pretendia deixar a Casa Vauquer, ainda permanecia lá nos últimos dias de janeiro e não sabia como sair. Os jovens estão quase todos sujeitos a uma lei aparentemente inexplicável, mas cuja razão reside em sua própria juventude e na fúria com que se lançam aos prazeres. Ricos ou pobres, nunca têm dinheiro para as necessidades da vida, ao passo que o têm sempre para satisfazer os caprichos. Pródigos de tudo quanto se obtém a crédito, são avaros de tudo o que se paga à vista e parecem vingar-se do que não têm, dissipando o que podem conseguir. Assim, para fixar mais nitidamente a questão, um estudante cuida muito mais do chapéu do que do traje. O vulto do lucro torna o alfaiate muito inclinado a conceder crédito, ao passo que a modicidade da quantia faz o chapeleiro um dos seres mais intratáveis com os quais se deve parlamentar. Se o moço instalado no balcão de um teatro oferece aos olhares das belas senhoras coletes formidáveis, é duvidoso que esteja de meias: a loja de artigos para homens é um dos gorgulhos de sua bolsa. Rastignac chegara a esse ponto. Sempre vazia para a sra. Vauquer e sempre cheia para as exigências da vaidade, sua bolsa passava por desastres e triunfos, sempre em desacordo com os pagamentos mais naturais. Para poder deixar a pensão fétida e ignóbil onde se humilhavam periodicamente suas pretensões, não precisava ele pagar um mês à sra. Vauquer e comprar os móveis para o seu apartamento de moço elegante? E aí é que residia o impossível da coisa. Se, para conseguir dinheiro para jogar, Rastignac sabia comprar no seu joalheiro relógios e correntes de ouro, pagando-os prodigamente com os ganhos do jogo, e que depois levava ao monte de socorro esse obscuro e discreto amigo da mocidade, ficava sem iniciativa e sem audácia quando se tratasse de pagar a casa e a comida ou de adquirir os acessórios necessários à sua vida elegante. Um expediente vulgar, como contrair dívidas para atender a necessidades

satisfeitas, nunca lhe ocorria. Como a maioria dos que conheceram essa vida aventurosa, esperava sempre o último momento para saldar débitos sagrados aos olhos dos burgueses, tal como Mirabeau,[95] que só pagava a conta do padeiro quando ela se apresentava sob a forma brutal de uma letra de câmbio. Por essa época, Rastignac havia perdido o dinheiro e contraído dívidas. O estudante começava a compreender que lhe seria impossível continuar naquela vida, sem contar com recursos fixos. Mesmo gemendo, porém, sob os golpes de sua precária situação, sentia-se incapaz de renunciar aos prazeres intensos daquela existência e desejava continuá-la a qualquer preço. Os acasos com que contava para conseguir a fortuna tornavam-se quiméricos, enquanto os obstáculos reais avultavam. Iniciando-se nos segredos domésticos do sr. e da sra. de Nucingen, percebeu que, para converter o amor em instrumento de riqueza é preciso suportar todas as humilhações e renunciar às ideias nobres, que constituem a absolvição das faltas da mocidade. Tal era a vida, aparentemente esplêndida, mas roída por todos os vermes do remorso e cujos prazeres fugazes eram espiados por demoradas angústias, que ele adotara, e na qual rolava, como o Distraído[96] de la Bruyère, fazendo do lodo da fossa seu leito e, como o Distraído, também enlameava apenas as vestes.

— Então, matamos o mandarim? — perguntou-lhe um dia Bianchon, ao saírem da mesa.

— Ainda não — respondeu —, mas está estertorando.

O estudante de Medicina tomou essa frase por uma brincadeira, mas não era. Eugênio, que, pela primeira vez depois de muito tempo, jantara na pensão, conservara-se pensativo durante a refeição. Em vez de sair após a sobremesa, ficou na sala de jantar, sentado ao lado da srta. Taillefer, dirigindo-lhe, de vez em quando, olhares expressivos. Alguns pensionistas ainda estavam à mesa, comendo nozes, enquanto outros passeavam de um lado para o outro, continuando discussões iniciadas. Como quase todas as noites, cada um saía segundo o grau de interesse que tomava na palestra ou segundo a preguiça que lhe causava a digestão. No inverno, era raro que a sala de jantar se esvaziasse inteiramente antes das oito horas, momento em que as quatro mulheres ficavam sós e se vingavam do silêncio que seu sexo lhe

impunha naquela reunião masculina. Impressionado com as apreensões que dominavam Eugênio, Vautrin ficou na sala de refeições, muito embora no começo parecesse apressado em sair, e conservou-se ali, de maneira a não ser visto por Eugênio, a fim de dar-lhe a impressão de já haver saído. Depois, em vez de acompanhar os pensionistas que saíram por último, permaneceu sorrateiramente na sala, pois lera na alma do estudante e pressentia um sintoma decisivo.

Rastignac encontrava-se, realmente, numa situação perplexa, que muitos rapazes devem ter conhecido. Apaixonada ou apenas sedutora, a sra. de Nucingen fizera Rastignac passar por todas as angústias de uma paixão sincera, empregando com ele os recursos da diplomacia feminina em uso em Paris. Após haver se comprometido aos olhos do público para prender a seu lado o primo da sra. de Beauséant, hesitava em conceder-lhe realmente os direitos que ele parecia desfrutar. Havia um mês vinha ela irritando de tal modo os sentidos de Eugênio que acabou por atingir-lhe o coração. Se, nos primeiros momentos de sua ligação, o estudante se julgara o senhor, a sra. de Nucingen acabara por tornar-se a mais forte, graças a essas manobras que despertavam, em Eugênio, todos os sentimentos, bons ou maus, dos dois ou três homens que existem dentro de cada rapaz de Paris. Seria isso, nela, um cálculo? Não. As mulheres são sempre sinceras, mesmo no meio das maiores falsidades, porque cedem a algum impulso natural. É possível que Delfina, após ter deixado o estudante adquirir subitamente tamanho domínio sobre ela e ter lhe demonstrado tanta afeição, obedecesse a um sentimento de dignidade, que fazia com que recuasse em suas concessões ou se contentasse em suspendê-las. É muito comum a uma parisiense, no momento preciso em que sua paixão a arrebata, hesitar em cair, submeter à prova o coração daquele a quem vai entregar seu futuro! Todas as esperanças da sra. de Nucingen haviam sido traídas na primeira vez e sua fidelidade para com um jovem egoísta fora retribuída com o desprezo. Tinha, portanto, o direito de desconfiar. É possível que tivesse percebido nas maneiras de Eugênio, a quem seu rápido sucesso tornara enfatuado, um certo menosprezo pelas singularidades de sua situação. Ela desejava, certamente, mostrar-se imponente diante de um rapaz daquela idade e sentir-se grande diante

dele, após se ter mostrado pequena durante tanto tempo diante daquele que a abandonara. Não queria que Eugênio a considerasse uma conquista fácil, justamente porque ele sabia que ela pertencera a de Marsay. E, finalmente, após ter suportado o amor degradante de um verdadeiro monstro, de um jovem libertino, ela experimentava tamanha doçura em deixar-se conduzir às regiões floridas do amor, que constituía um encanto para ela admirar todos os seus aspectos, escutar demoradamente seus frêmitos e deixar-se acariciar por suas castas brisas. O amor sincero pagava pelo mau. Esse absurdo continuará, infelizmente, a ser frequente enquanto os homens ignorarem quantas flores ceifam na alma de uma mulher jovem os primeiros golpes de traição. Quaisquer que fossem suas razões, Delfina continuava a iludir Rastignac e divertia-se com isso, sem dúvida por se saber amada e por estar certa de que poria fim às tristezas de seu apaixonado, segundo seu capricho soberano de mulher. Por respeito próprio, Eugênio não queria que seu primeiro embate amoroso terminasse por um fracasso e persistia em sua perseguição, como um caçador que faz questão de matar uma perdiz em sua primeira festa de santo Huberto.[97] Suas ansiedades, seu amor-próprio ferido, seus desesperos, falsos ou reais, ligavam-no cada vez mais àquela mulher. Toda Paris dava-lhe a sra. de Nucingen, junto de quem ele não fizera mais progressos do que no primeiro dia em que a vira. Ignorando ainda que os caprichos de uma mulher nos oferecem algumas vezes mais benefícios do que o prazer que nos dá seu amor, ele era acometido de tolos acessos de fúria. Se a estação durante a qual uma mulher se recusa ao amor proporcionava a Rastignac a conquista de suas primícias, estas se lhe tornavam muito caras, porque estavam verdes, aciduladas e deliciosas de saborear. Vendo-se, às vezes, sem dinheiro e sem futuro, punha-se a pensar, apesar da voz da consciência, nas possibilidades de fortuna que Vautrin lhe demonstrara através de um casamento com a srta. Taillefer. E, agora, achava-se numa situação em que sua miséria falava tão alto, que cedeu quase involuntariamente aos artifícios da terrível esfinge, cujos olhares muitas vezes o haviam fascinado.

No momento em que Poiret e a srta. Michonneau subiram para seus

quartos, Rastignac, julgando-se só entre a sra. Vauquer e a sra. Couture, que tricotava mantas de lã, cochilando diante da estufa, olhou para a srta. Taillefer com uma expressão suficientemente terna para fazer-lhe baixar os olhos.

— Tem algum desgosto, sr. Eugênio? — perguntou-lhe Vitorina, após um momento de silêncio.

— Qual é o homem que não tem desgostos? — respondeu Rastignac. — Se nós, os jovens, estivéssemos certos de ser amados verdadeiramente, com uma dedicação que nos recompensasse os sacrifícios que sempre estamos dispostos a fazer, é possível que nunca tivéssemos pesares.

Como única resposta, a srta. Taillefer dirigiu-lhe um olhar nada equívoco.

— A senhorita acredita estar bem segura de seu coração hoje. Mas tem certeza de que nunca mudará?

Um sorriso errou sobre os lábios da pobre moça, como um raio de luz que brotasse de sua alma, e fez resplandecer de tal modo seu rosto que Eugênio ficou assustado por ter provocado tão forte explosão de sentimento.

— Pense bem! Se amanhã a senhorita se tornasse rica e feliz, se uma fortuna lhe caísse das nuvens, continuaria a amar o rapaz pobre de quem se soubesse agradado nos dias de pobreza?

Ela fez um gesto encantador com a cabeça.

— Um rapaz muito infeliz?

Ela repetiu o gesto.

— Que bobagens estão dizendo aí? — exclamou a sra. Vauquer.

— Deixe-nos — respondeu Eugênio. — Nós nos entendemos.

— Então haveria noivado entre o sr. cavalheiro de Rastignac e a srta. Vitorina Taillefer? — disse Vautrin, com sua voz grossa, aparecendo subitamente à porta de refeições.

— Ah, o senhor assustou-me! — disseram, ao mesmo tempo, as sras. Couture e Vauquer.

— Eu podia ter feito escolha pior — respondeu, sorrindo, Eugênio, a quem a voz de Vautrin causou a mais cruel emoção de sua vida.

— Deixem de brincadeiras de mau gosto, senhores! — disse a sra.

Couture. — Minha filha, vamos subir para o quarto.

A sra. Vauquer acompanhou as duas pensionistas, a fim de economizar o candeeiro e o fogo, indo conversar no quarto delas. Eugênio ficou só diante de Vautrin.

— Eu tinha certeza de que você chegaria a isso! — disse-lhe o homem, com um imperturbável sangue-frio. — Mas escute! Sou escrupuloso como qualquer um. Não decida agora, você não está na sua disposição normal. Está endividado. Não quero que seja a paixão nem o desespero, e sim a razão, que o decida a me seguir. Quem sabe se precisa de uns milhares de escudos? Aqui estão. Quer?

O demônio sacou do bolso uma carteira, tirou dela três notas e agitou-as diante dos olhos do estudante. Eugênio estava na mais cruel das situações. Devia ao marquês d'Ajuda e ao conde de Trailles cem luíses perdidos sob palavra e, como não os tinha, não ousava ir aquela noite à casa da sra. de Restaud, onde o esperavam. Era uma dessas reuniões sem cerimônia nas quais a gente come bolinhos e toma chá e nas quais também pode perder seis mil francos no uíste.

— Depois do que me disse — contestou Eugênio, ocultando com esforço um tremor convulso —, deve compreender que não posso ter obrigações consigo.

— Muito bem. Você me desagradaria se respondesse de outro modo! — replicou o tentador. — Você é um belo rapaz, delicado, orgulhoso como um leão e doce como uma moça. Seria uma bela presa para o diabo. Gosto de moços assim. Permita-me ainda duas ou três reflexões sobre a alta política e verá, então, o mundo tal modo ele é. Representando algumas pequenas cenas de virtude, o homem superior satisfaz todas as fantasias relativamente aos aplausos dos tolos da plateia. Dentro de poucos dias você estará conosco. Ah, se quisesse tornar-se meu aluno, teria o que quisesse! Não conceberia um desejo que não fosse imediatamente satisfeito, qualquer que fosse: honras, fortunas, mulheres. Transformaríamos a civilização em ambrosia para você. Seria nosso garoto mimado, nosso Benjamin. Nós todos nos exterminaríamos com prazer por você. Tudo o que se opusesse a seus desejos seria arrasado. Uma vez que conserva escrúpulos, considera-me um celerado? Pois bem, um homem tão probo quanto você pensa

ser ainda, o sr. de Turenne,[98] fazia, sem se considerar comprometido, pequenos negócios com salteadores. Não quer dever-me favores, hein? — acrescentou Vautrin, deixando escapar um sorriso. — Pois não seja essa a dúvida. Fique com este dinheiro e escreva o seguinte — acrescentou, tirando um selo da carteira: — *Recebi a quantia de três mil e quinhentos francos, que pagarei no prazo de um ano*. Date e assine! O juro é bastante elevado para que você não tenha escrúpulos de aceitar. Pode considerar-me um judeu e sentir-se dispensado de qualquer gratidão. Permito-lhe que me despreze ainda hoje, pois estou certo de que mais tarde me estimará. Encontrará em mim esses imensos abismos, esses vastos sentimentos concentrados que os tolos chamam de vícios; mas nunca me verá covarde nem ingrato. Não sou um pião nem um bispo, e sim uma torre,[99] meu caro.

— Que espécie de homem é o senhor? — exclamou Eugênio. — O senhor foi criado para atormentar-me.

— Nada disso. Sou um bom sujeito que se quer enlamear para que você fique ao abrigo da lama para o resto da vida. Quer saber a causa desta dedicação? Pois bem, um dia eu lhe contarei, ao ouvido. Surpreendi-o, no começo, mostrando-lhe o carrilhão da ordem social e o funcionamento do maquinismo. Bah! Seu primeiro susto se dissipará, como o do recruta no campo de batalha, e você se habituará à ideia de considerar os homens como soldados decididos a perecer a serviço daqueles que se sagraram reis a si mesmos. Os tempos mudaram muito. Antigamente, dizia-se a um bravo: aqui tem cem escudos, vá matar Fulano de Tal; e ia-se jantar tranquilamente, após ter mandado um homem para o outro mundo, com um simples sim ou não. Hoje, proponho-lhe dar uma bela fortuna com um simples sinal com a cabeça, que não o compromete em nada, e você hesita! Este século está muito frouxo!

Eugênio assinou a promissória e entregou-a em troca do dinheiro.

— Muito bem. Vamos conversar razoavelmente — acrescentou Vautrin. — Quero partir dentro de alguns meses para a América, para plantar fumo. De lá eu lhe enviarei os charutos da amizade. Se eu ficar rico, hei de ajudá-lo. Se não tiver filhos (o que é bem provável, pois não

tenho curiosidade de replantar-me aqui por estacas), muito bem! Eu lhe deixarei minha fortuna. Isso não é ser amigo? Pois então? Gosto de você! Tenho a mania de sacrificar-me por outrem. Já o tenho feito. Veja, meu pequeno, vivo numa esfera mais elevada do que a dos outros homens. Considero as ações como meios e só viso o fim. O que representa para mim um homem? Isto! — exclamou, fazendo a unha do polegar estalar sob um dente. — Um homem é tudo ou nada. E menos que nada quando se chama Poiret: pode-se esmagá-lo como a um percevejo, pois também é chato e tem mau cheiro. Mas um homem é um deus quando se parece com você: então, já não é um maquinismo coberto de pele, e sim um teatro onde se agitam os mais belos sentimentos, e eu vivo apenas pelos sentimentos. Um sentimento não é o mundo num pensamento? Veja o pai Goriot: as duas filhas são para ele o universo inteiro, são o fim com o qual ele se dirige na criação. Pois bem! Para mim, que tenho sondado muito a vida, só existe um sentimento real, que é a amizade de homem para homem. Pierre e Jaffier, eis a minha paixão. Sei *Veneza salva*[100] de cor. Já viu muitas pessoas suficientemente corajosas para, quando um camarada lhe diz: "Vamos enterrar um cadáver!", acompanhá-lo sem lhe dizer nada e sem lhe pregar moral? Pois eu já fiz isso! Eu não falaria assim com qualquer um. Mas você é um homem superior, pode-se dizer-lhe tudo, pois você sabe compreender as coisas. Você não continuará por muito tempo a patinhar no lodaçal em que vivem esses infelizes que nos cercam aqui. Muito bem! Está dito. Você se casará. Toquemos para diante! Eu sou de ferro, nunca desisto...! Hé! Hé!

Vautrin afastou-se sem querer ouvir a resposta negativa do estudante, a fim de deixá-lo à vontade. Parecia conhecer os segredos dessas pequenas resistências, desses combates em que os homens se defendem de si mesmos e que servem para que se justifiquem suas ações condenáveis.

"Faça ele o que quiser, não me casarei com a srta. Taillefer!", pensou Eugênio.

Após ter sofrido o mal-estar de uma febre interior, causada pela ideia de um pacto com aquele homem, que lhe inspirava horror e que ao mesmo tempo se engrandecia diante de seus olhos pelo próprio

cinismo de suas ideias e pela audácia com que cingia a sociedade com os braços, Rastignac vestiu-se, pediu um carro e dirigiu-se à casa da sra. de Restaud. Havia alguns dias aquela mulher redobrara as atenções para com o rapaz que, a cada passo, fazia novos progressos no seio da alta sociedade e cuja influência prometia ser um dia formidável. Ele pagou os srs. de Trailles e d'Ajuda, jogou uíste durante uma parte da noite e recuperou o que perdera. Supersticioso como a maioria dos homens cuja carreira ainda está por fazer e que são mais ou menos fatalistas, atribuiu sua sorte a uma recompensa do céu, por sua perseverança em conservar-se no bom caminho. Na manhã seguinte, apressou-se em perguntar a Vautrin se ele ainda tinha a promissória. Diante da resposta afirmativa, devolveu-lhe os três mil francos, manifestando um prazer bem natural.

— Tudo vai bem — disse-lhe Vautrin.

— Mas não sou seu cúmplice — replicou Eugênio.

— Eu sei, eu sei — respondeu Vautrin, interrompendo-o. — Você continua a fazer criancices. Detém-se ante os obstáculos da entrada.

Dois dias depois, Poiret e a srta. Michonneau estavam sentados num banco, ao sol, numa alameda solitária do Jardin-des-Plantes, e conversavam com o homem que parecera justamente suspeito ao estudante de medicina.

— Senhorita — dizia o sr. Gondureau —, não vejo razão para seus escrúpulos. Sua Excelência o senhor ministro da polícia geral do reino...

— Ah! Sua Excelência o senhor ministro da polícia geral do reino... — repetiu Poiret.

— Sim, Sua Excelência está interessado neste caso — disse Gondureau.

A quem não parecerá inverossímil que o sr. Poiret, antigo funcionário, homem de virtudes burguesas, sem dúvida, embora destituído de ideias, continuasse a escutar o pretenso capitalista da rue Buffon, no momento em que ele pronunciou a palavra "polícia", revelando, assim, a fisionomia de um agente da rue de Jérusalem[101] através da máscara de homem de bem? Nada, entretanto, era mais natural. Todos compreenderão melhor a espécie particular a que

pertencia o sr. Poiret na grande família dos tolos, com o auxílio de uma formulação já feita por certos observadores, mas que, até agora, ainda não foi publicada. Há uma nação plumígera*, localizada, no orçamento, entre o primeiro grau de latitude, que comporta os ordenados de mil e duzentos francos, espécie de Groenlândia administrativa, e o terceiro grau, onde começam os ordenados mais quentes, de três a seis mil francos. É uma região temperada, onde a gratificação se aclimata e floresce apesar das dificuldades da cultura. Um dos traços característicos que melhor denuncia a estreiteza mórbida dessa gente subalterna é uma espécie de respeito involuntário, maquinal, instintivo por esse grão-lama de todos os ministérios, conhecido dos empregados por uma assinatura ilegível e sob o nome de Sua Excelência o sr. ministro, cinco palavras que equivalem a *Il bondo cani* do *Califa de Bagdad*[102] e que, aos olhos dessa gente achatada, representa um poder sagrado, inapelável. Como o papa para os cristãos, o sr. ministro é administrativamente infalível aos olhos dos funcionários. O brilho que projeta comunica-se a seus atos e suas palavras, bem como às pronunciadas em seu nome. Cobre tudo com seus bordados e legaliza os atos que ordena. Seu título de excelência, que atesta a pureza de suas intenções e a retidão de seus desejos, serve de passaporte às ideias menos admissíveis. O que aquela pobre gente não faria em seu próprio interesse, apressa-se a fazer logo que ouve a expressão *Sua Excelência*. As repartições públicas, como o exército, têm sua obediência passiva: sistema que abate a consciência, aniquila um homem e, com o decorrer do tempo, acaba por adaptá-lo como um parafuso ou uma porca à máquina governamental. Assim, o sr. Gondureau, que parecia conhecedor dos homens, distinguiu imediatamente em Poiret um desses tolos burocráticos e fez sair o *deus ex machina*,[103] a expressão talismânica de *Sua Excelência*, no momento em que, desvendando suas baterias, precisou deslumbrar Poiret, que lhe parecia o macho da Michonneau como Michonneau lhe parecia a fêmea de Poiret.

— Uma vez que Sua Excelência em pessoa, Sua Excelência o senhor... Ah! Então é diferente — disse Poiret.

— A senhora está ouvindo o que lhe diz este cavalheiro, em cuja

opinião a senhora parece confiar — acrescentou o falso capitalista, dirigindo-se à srta. Michonneau. — Pois bem, Sua Excelência tem, agora, a mais completa certeza de que o pretenso Vautrin, que reside na Casa Vauquer é um condenado que fugiu da prisão de Toulon, onde é conhecido pelo nome de *Engana-a-Morte.*

— Ah! Engana-a-Morte — disse Poiret. — Ele é muito feliz, se mereceu esse nome.

— É isso mesmo — replicou o agente. — Esse apelido provém da sorte que tem tido de nunca perder a vida nos empreendimentos mais audaciosos que tem executado. Esse homem é perigoso, fiquem certos disso! Tem qualidades que o tornam extraordinário. Sua condenação constituiu entre seus colegas, para ele, uma honra infinita...

— Então é um homem honrado? — indagou Poiret.

— A seu modo. Consentiu em assumir a responsabilidade de um crime praticado por outro, uma falta cometida por um belo rapaz de quem ele gostava muito, um jovem italiano muito jogador, que depois ingressou no serviço militar, onde se tem comportado muito bem.

— Mas se Sua Excelência o ministro da polícia está certo de que o sr. Vautrin é o Engana-a-Morte, por que precisaria de mim? — perguntou a srta. Michonneau...

— Justamente — disse Poiret. — Se, com efeito, o ministro, como o senhor nos deu a honra de declarar, tem alguma certeza...

— Certeza não é bem o termo; suspeita-se, apenas. Os senhores vão compreender a questão. Jacques Collin, cognominado Engana-a-Morte, goza de toda a confiança nas três prisões que o escolheram como agente e banqueiro. Ele ganha muito nesse gênero de negócios, que, realmente, exige um homem de marca.

— Ah! Ah! Compreendeu o trocadilho, senhorita? — perguntou Poiret. — Aqui o senhor diz que ele é um homem de marca, porque está *marcado*.

— O falso Vautrin — disse o agente, continuando — recebe dinheiro dos senhores galerianos, emprega-o, guarda-o e conserva-o à disposição dos que fogem ou de suas famílias, quando eles assim determinam em testamento, ou das amantes, quando aqueles sacam sobre ele a favor delas.

— Das amantes? O senhor quer dizer das esposas? — observou Poiret.

— Não, senhor. O galeriano, geralmente, tem somente esposas ilegítimas, que denominamos concubinas.

— Então eles todos vivem em estado de concubinato?

— Naturalmente.

— Pois bem — disse Poiret —, aí está um horror que Sua Excelência não devia tolerar. E, uma vez que o senhor tem a honra de privar com o sr. ministro, é justamente ao senhor, que me parece ter ideias filantrópicas, que cabe o dever de esclarecê-lo sobre a conduta imoral dessa gente, que dá um péssimo exemplo ao resto da sociedade.

— Mas, meu senhor, o governo não os mete na prisão para apresentá-los como modelos de todas as virtudes.

— É justo. Entretanto, meu senhor, permita...

— Ora, deixe o senhor falar, meu queridinho! — disse a srta. Michonneau.

— A senhorita compreende — acrescentou Gondureau. — O governo tem grande interesse em apreender uma caixa ilícita que, segundo se diz, encerra uma quantia enorme. Engana-a-Morte guarda valores consideráveis, ocultando não só as importâncias pertencentes a alguns de seus camaradas, como também as que provêm da Sociedade dos Dez Mil...

— Dez mil ladrões! — exclamou Poiret, assustado.

— Não, a Sociedade dos Dez Mil é uma associação de grandes ladrões, de gente que trabalha por grosso e que só se mete em negócios em que haja mais de dez mil francos a ganhar. Essa sociedade compõe-se do que há de mais distinto entre aqueles de nossos homens que vão direitinho para o júri. Eles conhecem o Código e nunca se arriscam a receber a pena de morte, quando são apanhados. Collin é seu homem de confiança, seu conselheiro. Graças a seus imensos recursos, esse homem pôde formar uma polícia própria, através de relações muito extensas, que ele cerca de um mistério impenetrável. Embora o tenhamos rodeado de espiões há um ano, nada pudemos descobrir ainda a seu respeito. Sua caixa e sua inteligência servem, assim, constantemente, para assalariar o vício, financiar o crime e mantém de

prontidão um exército de malfeitores que estão em constante estado de guerra com a sociedade. Agarrar Engana-a-Morte e apoderar-se de seu estabelecimento bancário será cortar o mal pela raiz. Assim, esta captura transformou-se num negócio do Estado e de alta política, capaz de honrar os que cooperarem para seu triunfo. O senhor mesmo poderia voltar a ser empregado da administração e tornar-se secretário de um delegado de polícia, funções que não impediriam que recebesse sua aposentadoria.

— Mas por que Engana-a-Morte não foge com a caixa? — perguntou a srta. Michonneau.

— Oh! — exclamou o agente. — Onde quer que ele fosse, seria acompanhado de um homem encarregado de matá-lo, se ele enganasse os forçados. Além disso, uma caixa não é tão fácil de roubar como uma moça de boa família. E, finalmente, Collin é um sujeito incapaz de uma coisa dessas: ele se sentiria desonrado.

— O senhor tem razão — disse Poiret. — Ficaria completamente desonrado.

— Tudo isso não nos explica por que o senhor não vem, simplesmente, prendê-lo — observou a srta. Michonneau.

— Pois bem, senhorita, respondo... Mas — disse-lhe ao ouvido — impeça seu cavaleiro de interromper-me, senão nunca acabaremos. — Para ser considerado como é, ele deve estar muito rico. Ao vir para cá, Engana-a-Morte vestiu a pele de um homem honesto, tornou-se um bom burguês de Paris e instalou-se numa pensão modesta. Veja como é astuto! Não podemos prendê-lo sem certeza definitiva, pois o sr. Vautrin é um homem considerado, que faz negócios consideráveis.

— Naturalmente — disse Poiret para si mesmo.

— O ministro não quer atirar contra si o comércio de Paris nem a opinião pública, no caso de nos enganarmos e prendermos um verdadeiro Vautrin. O prefeito da polícia não está muito firme, tem inimigos. Se se cometesse um erro, os que ambicionam o cargo aproveitariam os comentários e as gritarias para fazê-lo saltar do posto. Precisamos proceder como na questão de Cogniard, o falso conde de Santa-Helena.[104] Se ele fosse um verdadeiro conde de Santa-Helena, ficaríamos mal colocados. Por isso, é preciso verificar![105]

— Sim, mas então os senhores precisam de uma bela mulher — disse animadamente a srta. Michonneau.

— Engana-a-Morte não se deixaria abordar por uma mulher — disse o agente. — Sabem de um segredo? Ele não gosta das mulheres.

— Então não vejo como seria útil para semelhante verificação, na hipótese de que eu consentisse em fazê-la por dois mil francos.

— Nada mais fácil — disse o desconhecido. — Eu lhe mandarei um frasco contendo uma dose de licor, preparado para provocar uma congestão, que não tem o menor perigo e que simula uma apoplexia. A droga pode ser misturada ao vinho ou ao café. Logo que ela tiver produzido seu efeito, a senhora levará o homem para uma cama e o despirá a fim de socorrê-lo. Quando tiver certeza de estar só, dê-lhe uma palmada nas costas, paf!, e verá reaparecerem as letras.

— Ora, isto é muito fácil — disse Poiret.

— Então, aceita? — perguntou Gondureau à solteirona.

— Mas, meu caro senhor — disse a srta. Michonneau —, no caso de não haver letras, receberei os dois mil francos?

— Não.

— E que indenização terei?

— Quinhentos francos.

— Fazer uma coisa dessas por tão pouco! O mal é o mesmo, na consciência, e preciso acalmar minha consciência.

— Garanto-lhe — disse Poiret — que esta senhorita tem muita consciência, além de ser uma pessoa muito amável e inteligente.

— Pois bem — volveu a srta. Michonneau — , dê-me três mil francos se for Engana-a-Morte e nada se for um burguês.

— Está bem! — disse Gondureau. — Mas com a condição de que isso seja feito amanhã.

— Ainda não, meu caro senhor. Preciso consultar meu confessor.

— Esperta! — disse o agente, erguendo-se. — Então, até amanhã! E, se tiver urgência de falar comigo, vá à ruazinha de Sainte-Anne na extremidade do pátio da Sainte-Chapelle. Há apenas uma porta sob o arco. Pergunte pelo sr. Gondureau.

Bianchon, que voltava da aula do sr. Cuvier,[106] ficou surpreso ao ouvir o estranho nome de Engana-a-Morte e ouviu o “Está bem!” do famoso chefe da polícia de segurança.

— Por que não resolve logo? Seriam trezentos francos de renda vitalícia — disse Poiret à srta. Michonneau.

— Por quê? — replicou ela. — Ora, é preciso refletir. Se o sr. Vautrin

fosse o Engana-a-Morte, talvez houvesse mais vantagem em arranjar-me com ele. Por outro lado, pedir-lhe dinheiro seria preveni-lo, e ele seria capaz de fugir *grátis*. E isso seria um calote abominável.

— Mesmo que ficasse prevenido — observou Poiret —, esse senhor não nos disse que ele está sendo vigiado? Mas, assim, você perderia tudo.

"Por outro lado", pensou a srta. Michonneau, "não gosto desse homem! Só sabe dizer-me coisas desagradáveis."

— Além disso — continuou Poiret —, seria o melhor para você. Como disse esse senhor, que me parece muito correto, além de se vestir muito decentemente, é um ato de obediência às leis desembaraçar a sociedade de um criminoso, por mais virtuoso que seja. Quem bebeu beberá. E se ele tivesse a ideia de nos assassinar a todos? Sim, seríamos culpados desses assassínios, sem levar em conta que seríamos, também, suas primeiras vítimas.

As preocupações da srta. Michonneau não lhe permitiam ouvir as frases que caíam, uma a uma, da boca de Poiret como as gotas d'água que pingam de uma torneira mal fechada. Quando aquele velho começava sua série de frases, enquanto a srta. Michonneau não o interrompia, ele continuava a falar como se fosse uma máquina em funcionamento. Depois de abordar um primeiro assunto, era levado, pelos parênteses que estabelecia, a tratar de outros inteiramente opostos, sem nada concluir. Ao chegarem à Casa Vauquer, ele havia se metido numa infinidade de passagens e citações transitórias, que o haviam conduzido a narrar seu depoimento no caso do sr. Ragoulleau e da sra. Morin,[107] do qual participara como testemunha de defesa. Ao entrarem, sua companheira não deixou de perceber Eugênio de Rastignac, empenhado com a srta. Taillefer numa palestra íntima, cujo interesse era tão palpitante que o par de jovens não prestou a menor atenção à passagem dos dois velhos pensionistas, quando atravessaram a sala de refeições.

— Isto tinha que acabar assim — disse a srta. Michonneau a Poiret. — Há oito dias que trocavam olhares de arrancar a alma um ao outro.

— Exatamente — respondeu ele. — E, por isso, foi condenada.

— Quem?

— A sra. Morin.

— Estou falando da srta. Vitorina — disse a Michonneau, entrando, sem dar pela coisa, no quarto de Poiret — e você me responde com a sra. Morin. Quem é essa mulher?

— De que seria então culpada a srta. Vitorina? — indagou Poiret.

— É culpada de amar o sr. Eugênio de Rastignac, e segue adiante sem saber onde isso a levará, a pobre inocente! Todas as louras são assim. A menor aparência as lança de joelhos aos pés de um homem. [108]

Durante a manhã, Eugênio fora levado ao desespero pela sra. de Nucingen. Em seu foro íntimo, abandonara-se inteiramente a Vautrin, sem querer sondar os motivos da amizade que lhe dedicava aquele homem extraordinário, nem o futuro de semelhante união. Só mesmo um milagre poderia arrancá-lo do abismo onde já se metera havia uma hora, trocando com a srta. Taillefer as mais doces promessas. Vitorina julgava estar ouvindo a voz de um anjo, os céus abriram-se para ela, a Casa Vauquer adquirira as cores fantásticas que os decoradores dão aos palácios de teatro; amava e era amada, pelo menos assim acreditava! E que mulher não teria pensado o mesmo, vendo Rastignac e escutando-o durante aquela hora furtada a todos os Argos[109] da casa? Debatendo-se contra a consciência, sabendo que estava agindo mal, e desejando fazer o mal, prometendo-se resgatar aquele pecado venial pela felicidade de uma mulher, tornara-se ainda mais belo graças ao seu desespero e resplandecia com todos os fogos do inferno que tinha no coração. Felizmente, para ele, realizou-se o milagre: Vautrin entrou alegremente e leu na alma dos jovens que unira pelas combinações de seu gênio infernal, mas logo perturbou-lhes a alegria, cantando com sua voz grossa e brincalhona:

Minha Fanchette é formosa
Em sua simplicidade...[110]

Vitorina fugiu, levando consigo uma felicidade tão grande como a tristeza que até então tivera na vida. Pobre moça! Um aperto de mão, o aflorar dos cabelos de Rastignac em seu rosto, uma palavra

pronunciada tão perto da orelha que chegara a sentir o calor dos lábios do estudante, o aperto de sua cintura por um braço trêmulo, um beijo no pescoço foram os esponsais de sua paixão, que a proximidade da gorda Sílvia, ameaçando entrar naquela radiosa sala de refeições, tornou mais ardentes, mais vivos e mais insinuantes que os mais belos testemunhos de dedicação descritos nas mais célebres histórias de amor. Essas provas miúdas, segundo uma bela expressão de nossos antepassados, pareciam crimes a uma moça devota que se confessava todas as quinzenas! Prodigalizaram naquela hora mais tesouros de alma do que mais tarde, rica e feliz, não teria dado, entregando-se completamente.

— O negócio está feito! — disse Vautrin a Eugênio. — Nossos dois elegantes trocaram sopapos. Tudo decorreu convenientemente. Questão de opinião. Nosso pombinho insultou meu falcão. Será amanhã, no reduto de Clignancourt. Às oito e meia, a srta. Taillefer herdará o amor e a fortuna do pai, enquanto estiver aqui a molhar tranquilamente suas fatias de pão com manteiga no café. Não é engraçado? Esse pequeno Taillefer é muito bom na espada, está confiante como quem tem todo o jogo na mão. Mas será sangrado com um novo golpe que eu inventei, uma forma de erguer a espada e atingir-lhe a fronte. Vou ensinar-lhe essa estocada, pois é tremendamente útil.

Rastignac ouvia com uma expressão estúpida e nada podia responder. Nesse momento, chegaram o pai Goriot, Bianchon e alguns outros pensionistas.

— É assim que eu o quero — disse-lhe Vautrin. — Você sabe o que faz. Muito bem, minha aguiazinha! Você governará os homens: é forte, sensato, corajoso. Tem minha estima.

Quis tomar-lhe a mão. Rastignac retirou energicamente a sua e caiu numa cadeira, empalidecendo. Parecia-lhe estar vendo um mar de sangue.

— Ah! Ainda temos uns cuerozinhos manchados de virtude — disse Vautrin em voz baixa. — Papai Doliban tem três milhões, conheço sua fortuna. O dote o tornará branco como um vestido de noiva, até a seus próprios olhos...

Rastignac não hesitou mais. Resolveu ir prevenir, durante a tarde, os srs. Taillefer, pai e filho. Como Vautrin o deixasse só, o pai Goriot disse-lhe ao ouvido:

— Está triste, meu filho! Vou alegrá-lo, venha.

E o antigo fabricante de massas acendeu sua vela num dos lampiões. Eugênio seguiu-o, cheio de curiosidade.

— Entremos no seu quarto — disse o bom velho, que pedira a chave do estudante a Sílvia. — Esta manhã você pensou que ela não o amasse mais, hein? — acrescentou. — Ela o mandou embora por necessidade e você saiu zangado, desesperado. Que bobagem! Ela estava à minha espera. Compreende? Tínhamos que ir terminar a arrumação de um belo apartamento, onde você irá morar dentro de três dias. Não me traia. Ela quer fazer-lhe uma surpresa. Mas não posso ocultar-lhe por mais tempo o segredo. Você ficará à rue d'Artois, a dois passos da rue Saint-Lazare. Viverá lá como um príncipe. Conseguimos para você uns móveis que parecem os de uma recém-casada, pois fizemos muitas coisas neste último mês, sem dizer-lhe nada. Graças à intervenção do advogado, minha filha receberá trinta e seis mil francos por ano, de juros do dote, e vou exigir o emprego de seus oitocentos mil francos em bens visíveis.

Eugênio conservava-se mudo e passeava, com os braços cruzados, de um lado para o outro, no pobre quarto em desordem. O pai Goriot aproveitou um momento em que o estudante lhe voltou as costas e colocou sobre a estufa uma caixa de marroquim vermelho, sobre a qual estavam impressas em dourado as armas de Rastignac.

— Meu querido filho — disse o pobre velho —, estou metido nisso até o pescoço. Mas, fique sabendo, em grande parte foi por egoísmo que o fiz, pois estou interessado em sua mudança de bairro. Você não me recusará, hein, se eu lhe pedir uma coisa?

— Que quer?

— Acima de seu apartamento, no quinto andar, há um quarto que lhe pertence. Irei morar lá, não é? Estou ficando velho, vivo muito afastado de minhas filhas. Não o incomodarei. Isso não o contrariará, não é? Quando você voltar e eu estiver deitado, ouvirei você chegar e pensarei: "Ele acaba de ver minha pequena Delfina. Levou-a ao baile,

ela é feliz graças a ele”. Se eu adoecer, sentirei um bálsamo no coração, só ao ouvi-lo voltar, andar, sair. Haverá, mesmo, tanto de minha filha em você! Não terei de dar mais de um passo para chegar aos Champs-Élysées, onde elas passam todos os dias. Poderei vê-las sempre, ao passo que agora chego tarde algumas vezes. E, depois, talvez ela venha a sua casa! Vou ouvi-la e vê-la em seus trajes matinais, andando para cá e para lá como uma gatinha. Neste último mês voltou a ser o que era, moça alegre, faceira. Sua alma está em convalescença e é a você que deve a felicidade. Oh, eu faria o impossível por você! Ela me disse há pouco, ao voltar: “Papai, estou tão feliz!”. Quando elas me dizem cerimoniosamente *Meu pai*, deixam-me frio; mas, quando me chamam de *papai*, parece-me vê-las ainda pequeninas e me devolvem todas as minhas recordações. Sinto-me ainda mais pai. Fico a pensar que elas não pertencem a ninguém mais!

O bom velho enxugou os olhos. Chorava.

— Há muito tempo que eu não ouvia essa frase, há muito tempo que ela não me dava o braço. Sim, faz bem dez anos que não ando ao lado de uma das minhas filhas. Como é bom roçar-se em seu vestido, acompanhar-lhe o passo, partilhar seu calor. Finalmente, esta manhã, levei Delfina a toda parte. Entrei com ela nas lojas. E acompanhei-a à casa. Oh, deixe-me ficar junto de si! Se algum dia precisar de alguém para fazer-lhe um serviço, estarei lá. Oh, se esse estúpido alsaciano morresse, se sua gota tivesse a feliz ideia de subir para o estômago, minha filhinha seria muito feliz! Você seria o meu genro, seria ostensivamente seu marido. Ué! Ela é tão infeliz por ignorar os prazeres deste mundo que lhe perdoo tudo. O bom Deus deve estar ao lado dos pais que amam muito! Ela o ama muito — disse ele, sacudindo a cabeça, depois de uma pausa. — Enquanto caminhávamos, falava-me em você: “Ele é bom, não é? Tem bom coração! Fala em mim?”. Bá! Da rue d’Artois à passagem dos Panoramas, falou volumes inteiros. Numa palavra, derramou o coração no meu. Durante toda esta bela manhã, não me senti velho, não pesava mais de uma onça. Disse-lhe que você me entregara a nota de mil francos. Queridinha! Comoveu-se até as lágrimas. Que é que você tem aí em cima da estufa? — perguntou, por fim, o pai Goriot, que estava morrendo de impaciência por ver

Rastignac imóvel.

Eugênio, inteiramente aturdido, olhou para o vizinho com uma expressão embrutecida. O duelo, anunciado por Vautrin para a manhã seguinte, contrastava tão violentamente com a realização de suas mais caras esperanças, que ele experimentava todas as sensações de um pesadelo. Voltou-se para a estufa e percebeu ali a caixinha quadrada, abriu-a e encontrou dentro dela um pedaço de papel que cobria um relógio de Bréguet. Nesse papel estavam escritas as seguintes palavras:

> Quero que pense em mim a todo o momento, *porque*...
>
> delfina

Essa última palavra fazia alusão, sem dúvida, a alguma cena que tivera lugar entre eles. Eugênio enterneceu-se com isso. Na parte interna, suas armas estavam gravadas no ouro da caixa. Aquela joia, desejada durante tanto tempo, a corrente, a chave, o feitio, os desenhos, tudo correspondia a seus desejos. O pai Goriot estava radiante. Certamente, ele prometera à filha descrever-lhe os mínimos efeitos da surpresa que o presente causaria a Eugênio, pois ele participava daquelas ternas emoções e não parecia ser o menos feliz entre eles. Já gostava de Rastignac, tanto por sua filha como por si mesmo.

— Vá visitá-la esta noite, ela o espera. O estúpido do alsaciano vai cear com a bailarina. Ah! Ah! Ficou com uma cara de bobo quando meu advogado lhe disse umas verdades. E teve a coragem de dizer que ama e até adora minha filha! Ele que a toque e eu o matarei. A ideia de saber minha Delfina nas mãos de... (suspirou) me faria cometer um crime. Não seria propriamente um homicídio, pois aquilo é uma cabeça de bezerro num corpo de porco! Irei morar com você, não é? ·

— Sim, meu bom pai Goriot. O senhor sabe que gosto do senhor...

— Bem o vejo. Você não se envergonha de mim. Deixe-me abraçá-lo.

E apertou o estudante nos braços.

— Você vai fazê-la muito feliz, promete-me? Irá lá esta noite, não é?

— Oh! Sim. Preciso sair para tratar de um negócio inadiável.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

— Pode, sim! Enquanto eu for à casa da sra. de Nucingen, o senhor irá à casa do sr. Taillefer pai pedir-lhe que me conceda uma hora esta noite para falar-lhe de um assunto da máxima importância.

— Então é verdade, rapaz — exclamou o pai Goriot, mudando de fisionomia —, que você namora a filha dele, como dizem esses imbecis lá embaixo...? Com mil raios! Você ainda não sabe o que é uma tapona de Goriot. E, se você nos enganasse, seria caso para uma bofetada...! Oh, não é possível!

—Juro-lhe que só amo a uma mulher no mundo — disse o estudante. — Faz apenas um momento que descobri isso.

— Ah, que felicidade! — exclamou o pai Goriot.

— Acontece — acrescentou o estudante — que o filho de Taillefer vai bater-se em duelo amanhã e ouvi dizer que seria morto.

— E que é que você tem com isso? — perguntou Goriot.

— Preciso dizer-lhe que impeça o filho de cair nas mãos de... — disse Eugênio.

Foi interrompido pela voz de Vautrin, que se fez ouvir no limiar da porta, cantando:

Oh! Ricardo. Oh! meu rei.
O *mundo te abandona...*[111]

— Brum! brum! brum! brum! brum!

Por muitos anos pelo mundo andei
E chamei a atenção... trá-lá-lá-lá...

— Senhores — gritou Cristóvão —, a sopa está esperando e todos estão à mesa.

— Venham beber uma garrafa de meu vinho de Bordeaux — disse Vautrin.

— Acha bonito o relógio? — perguntou o pai Goriot. — Ela tem bom gosto, hein?

Vautrin, o pai Goriot e Rastignac desceram juntos e, devido ao

atraso, ficaram juntos na mesa.

Eugênio demonstrou a maior indiferença por Vautrin durante o jantar, embora aquele homem, tão amável aos olhos da sra. Vauquer, nunca tivesse mostrado tanto espírito como nesse dia. Foi cintilante em piadas e movimentou todos os presentes. Sua segurança e seu sangue-frio consternaram Eugênio.

— Por onde andou hoje? — perguntou-lhe a sra. Vauquer. — Está alegre como um passarinho.

— Sempre que faço bons negócios fico alegre.

— Negócios? — perguntou Eugênio.

— E então? É isso mesmo. Despachei uma partida de mercadorias que me dará boas comissões. Srta. Michonneau — acrescentou, ao ver que a solteirona o examinava —, terei no rosto algum traço que lhe desagrade, para que a senhorita me olhe desse modo? Diga logo! Posso trocá-lo para ser-lhe agradável. Poiret, você não se incomoda com isso, não é? — disse piscando para o velho funcionário.

— Caramba! Você devia servir de modelo para um Hércules Farsante[112] — disse o jovem pintor a Vautrin.

— Só se a srta. Michonneau servir de modelo para uma Vênus de cemitério — respondeu Vautrin.

— E Poiret? — disse Bianchon.

— Poiret servirá de modelo para Poiret. Será o deus dos jardins. Poiret vem de *poire*...[113]

— Mole — lançou Bianchon. — Então você ficaria entre a pera e o queijo.[114]

— Vamos deixar de tolices — disse a sra. Vauquer. — É melhor que o senhor nos sirva seu vinho de Bordéus, pois já estou vendo uma garrafa com o pescoço de fora! Isso nos conservará alegres, além de nos garantir uma boa *estomagada*.

— Meus senhores — disse Vautrin —, a sra. presidente chama-nos à ordem. A sra. Couture e a srta. Vitorina não se escandalizarão com seus discursos alegres. Respeitem, porém, a inocência do pai Goriot. Proponho-lhes uma pequena *garrafarama* de vinho de Bordéus, que o nome de Laffitte[115] torna duplamente ilustre, seja dito sem alusão política. Vamos, pateta! — disse, olhando para Cristóvão, que nem se

mexeu. — Aqui, Cristóvão. Como é isso, não ouves teu nome? Pateta, traze os líquidos.

— Aqui estão, meu senhor — disse Cristóvão, alcançando a garrafa.

Depois de encher o copo de Eugênio e o do pai Goriot, serviu-se lentamente de umas gotas, que provou enquanto os vizinhos bebiam, e em seguida fez uma careta.

— Que diabo! Está com gosto de rolha. Fica com esta para ti, Cristóvão, e vai buscar outra. Sabes onde estão? Somos dezesseis, traze oito garrafas.

— Já que está tão generoso — disse o pintor —, pago um cento de castanhas.

— Oh! Oh!

— Booououh!

— Prrr!

De todos os lados partiram exclamações como foguetes de uma girândola.

— Mande vir duas de champanhe, mamãe Vauquer — gritou Vautrin.

— Eu? Ora essa! Por que não pede logo a casa inteira? Duas de champanhe? Mas custam doze francos! E eu não ganho isso! Mas se o sr. Eugênio quiser pagá-las, ofereço *cassis*.

— Vamos ver seu *cassis*, que purga como maná — disse o estudante de medicina em voz baixa.

— Cala-te, Bianchon! — exclamou Rastignac. — Não posso ouvir falar em maná sem que o coração... Está bem, pago o champanhe — acrescentou o estudante.

— Sílvia — disse a sra. Vauquer —, traze os biscoitos e os bolinhos.

— Seus bolinhos já estão muito crescidos — disse Vautrin —, já têm até barba. Mas, quanto aos biscoitos, vamos a eles!

Num instante, o vinho de Bordéus começou a circular, os comensais ficaram mais animados, a alegria redobrou. Ouviram-se risos ferozes, no meio dos quais se destacaram algumas imitações de diversas vozes de animais. Como o empregado do museu tivesse tido a ideia de reproduzir um pregão de Paris que tinha analogia com o mio do gato amoroso, imediatamente oito vozes berraram simultaneamente as

frases seguintes:

— Facas para afiar!

— Olha o alpiste pros passarinhos!

— Roupas velhas, chapéus velhos, sapatos velhos!

— Quem tem louças para consertar?

— Garrafas vazias!

— Vai sair a barca! Vamos entrar!

— Olha o doce! Olha a bala!

— Cereja bonita e barata!

A vitória coube a Bianchon, pelo tom fanhoso com que gritou:

— Olha o guarda-chuva!

Formou-se, em poucos segundos, uma algazarra de estourar a cabeça, em que as frases mais disparatadas partiam de todas as direções, uma verdadeira ópera que Vautrin regia como um maestro, vigiando Eugênio e o pai Goriot, que já pareciam embriagados. Com as costas apoiadas nas cadeiras, ambos contemplavam aquela desordem insólita com uma expressão séria, bebendo pouco. Estavam ambos preocupados com o que tinham de fazer à noite e, ao mesmo tempo, sentiam-se incapazes de levantar-se. Vautrin, que observava as alterações de suas fisionomias, lançando-lhes olhares de soslaio, aproveitou o momento em que seus olhos pareciam prestes a fechar para chegar ao ouvido de Rastignac e dizer-lhe:

— Meu rapazinho, você não é suficientemente astuto para lutar contra o papai Vautrin e ele gosta muito de você para que lhe deixe cometer asneiras. Quando resolvo uma coisa, só o bom Deus é capaz de barrar-me o caminho. Ah, você queria avisar o pai Taillefer, cometer faltas de colegial! O forno está quente, a farinha está amassada, o pão está na pá. Amanhã faremos saltar as migalhas por cima de nossas cabeças, enquanto o comermos; e você queria impedir que o pão fosse para o forno...? Não, não, ele será bem cozido! Se tiver alguns remorsozinhos, a digestão os levará embora. Enquanto você estiver dormindo seu soninho, o coronel conde Franchessini lhe abrirá a herança de Miguel Taillefer com a ponta da espada. Herdando do irmão, Vitorina terá quinze mil francos de renda. Já tomei informações e fiquei sabendo que a herança da mãe sobe a mais de trezentos mil.

Eugênio ouvia essas palavras sem poder respondê-las. Sentia a língua colada à abóbada palatina e achava-se entregue a uma sonolência invencível. A mesa e os rostos dos comensais já lhe apareciam através de um nevoeiro. Logo depois o ruído cessou e os comensais retiraram-se, um a um. E por fim, quando já não havia na sala mais que as sras. Vauquer e Couture, a srta. Vitorina, Vautrin e o pai Goriot, Rastignac viu, como se estivesse sonhando, a sra. Vauquer ocupada em encher algumas garrafas com os restos do vinho.

— Ah, são loucos, são moços! — dizia a viúva.

Foi a última frase que Eugênio pôde entender.

— Só mesmo o sr. Vautrin para fazer uma brincadeira dessas — disse Sílvia. — Lá está Cristóvão dormindo com um pião.

— Adeus, mamãe — disse Vautrin. — Vou ao teatro ver o sr. Marey no *Monte selvagem*, uma grande peça tirada de *O solitário*...[116] Se quiser, posso levá-la, assim como a essas senhoras...

— Muito obrigada — disse a sra. Couture.

— Como, vizinha? — exclamou a sra. Vauquer. — Então não quer assistir a uma peça tirada de *O solitário*, uma obra escrita por Atala de Chateaubriand e que tanto gostamos de ler,[117] que é tão bela que nos fez chorar como Madalena d'Elodia sob as *tíias* no verão passado, enfim, uma obra moral capaz de instruir sua menina?

— Estamos proibidas de assistir a comédias — respondeu Vitorina.

— Vamos, estes já estão longe — disse Vautrin, sacudindo de maneira cômica a cabeça do pai Goriot e de Eugênio.

Descansando a cabeça do estudante sobre a cadeira, para que ele pudesse dormir comodamente, beijou-o calorosamente na testa, cantando:

Amores, adormecei,
Que por vós eu velarei![118]

— Receio que ele esteja doente — disse Vitorina.

— Então, fique cuidando dele — replicou Vautrin. — É seu dever de esposa obediente — segredou-lhe. — Ele a adora e a senhorita será sua mulherzinha, garanto. E por fim — acrescentou em voz alta — *foram*

respeitados em todo o país, viveram felizes e tiveram muitos filhos. É assim que terminam todos os romances de amor. Vamos, mamãe — disse, voltando-se para a sra. Vauquer e abraçando-a. — Ponha o chapéu, o belo vestido de flores e o xale da condessa. Vou buscar-lhe um carro... verdade!

E saiu cantando:

Sol, oh! Sol, divino Sol
Que as abóboras amadureces...[119]

— Meu Deus! Esse homem me faria viver feliz mesmo na miséria, não acha, sra. Couture? Vamos — disse ela, olhando para o fabricante de massas —, o pai Goriot já está longe. Esse velho caranguejo nunca teve a ideia de me levar a parte alguma. Meu Deus! Ele vai cair! Como é indecente um homem velho perder a razão! A senhora me dirá que a gente não pode perder aquilo que não tem... Sílvia, leva-o para cima.

Sílvia tomou o velho pelas axilas, arrastou-o até o quarto e deitou-o completamente vestido, como um fardo, atravessado na cama.

— Pobre rapaz! — dizia a sra. Couture, afastando os cabelos de Eugênio que caíam sobre os olhos. — É como uma moça, não está acostumado a nenhum excesso.

— Ah! Nesses trinta e um anos em que mantenho esta pensão — disse a sra. Vauquer — posso dizer que muitos moços passaram pelas minhas mãos. Mas nunca vi um tão delicado, tão distinto como o sr. Eugênio. Como fica bonito dormindo! Descanse a cabeça dele no seu ombro, sra. Couture. Repare! Está caindo sobre o da srta. Vitorina: há um Deus para as crianças. Por pouco que não feriu a cabeça na cadeira. Esses dois dariam um belo casal.

— Cale-se, vizinha! — exclamou a sra. Couture. — A senhora diz cada coisa...

— Ora! — replicou a sra. Vauquer. — Ele não está ouvindo. Sílvia, vem me vestir. Vou pôr o espartilho grande.

— Quê? O espartilho grande, depois do jantar? — disse Sílvia. — Não, vá procurar outro para apertar os cordões. Não quero ser sua assassina. A senhora cometeria uma imprudência que poderia custar-

lhe a vida.

— Para mim é a mesma coisa. Não posso fazer feio ao lado do sr. Vautrin.

— Gosta dos seus herdeiros?

— Vamos, Sílvia, deixa de discutir — disse a viúva, saindo.

— Na sua idade! — disse a cozinheira, mostrando a patroa a Vitorina.

A sra. Couture e a pupila, sobre cujo ombro Eugênio dormia, ficaram na sala de refeições. O ressonar de Cristóvão enchia a casa silenciosa, tornando ainda mais belo o sono tranquilo de Eugênio, que dormia graciosamente como uma criança. Feliz por se poder permitir um desses atos de caridade pelos quais se expandem os sentimentos da mulher e que fazia com que o coração do rapaz batesse impunemente sobre o seu, Vitorina tinha na fisionomia algo de maternalmente protetor que a tornava soberba. Entre os mil pensamentos que jorravam de seu coração insinuava-se uma tumultuosa sensação de volúpia, excitada pela troca de um calor moço e puro.

— Pobre menina querida! — disse a sra. Couture, apertando-lhe a mão.

A velha senhora admirava aquela fisionomia cândida e sofredora sobre a qual descera a auréola da felicidade. Vitorina assemelhava-se a um desses quadros simples da Idade Média, nos quais todos os acessórios são negligenciados pelo artista, que reserva a magia de uma arte calma e extraordinária para o rosto de tom amarelado no qual, porém, o céu parece refletir-se com seus raios dourados.

— Não bebeu nem dois copos, mamãe — disse Vitorina, passando os dedos pela cabeleira de Eugênio.

— Pois é. Se ele fosse um depravado, teria suportado o vinho como os outros. A embriaguez é um elogio para ele.

Veio da rua o ruído de um carro.

— Mamãe — disse a moça —, aí está o sr. Vautrin. Fique com o sr. Eugênio. Não quero ser vista nesta atitude por esse homem. Ele tem expressões que mancham a alma e olhares que perturbam uma mulher, como se lhe tirassem o vestido.

— Estás enganada! — disse a sra. Couture. — O sr. Vautrin é um

homem às direitas, um pouco do tipo do finado Couture, brusco, mas bom, um casmurro benfazejo.

Nesse momento, Vautrin entrou mansamente e contemplou o quadro formado pelas duas crianças, que a luz do lampião parecia acariciar.

— Muito bem — disse, cruzando os braços. — Aí está uma cena que inspiraria belas páginas àquele bom Bernardin de Saint-Pierre, o autor de *Paulo e Virgínia*. Como é bela a mocidade, sra. Couture! Pobre menino, dorme! — disse, olhando para Eugênio. — Às vezes, a felicidade chega enquanto dormimos. Minha senhora — acrescentou, dirigindo-se à viúva —, o que me afeiçoa a esse moço, o que me comove, é saber que a beleza de sua alma está em harmonia com a de seu rosto. Veja, não é um querubim reclinado sobre o ombro de um anjo? Ele é digno de ser amado! Se eu fosse mulher, quereria morrer (não, não seria tão tolo!), quereria viver por ele. Ao vê-los assim, minha senhora — disse em voz baixa, aproximando-se da viúva —, não posso deixar de pensar que Deus criou um para o outro. A Providência segue caminhos muito disfarçados, sonda os corpos e os corações — exclamou em voz alta. — Vendo-os unidos, meus filhos, unidos por uma mesma pureza, por todos os sentimentos humanos, digo para mim mesmo que é impossível que vocês se separem daqui por diante. Deus é justo! Mas — disse à moça — creio ter visto em sua mão a linha da prosperidade. Dê-me sua mão, srta. Vitorina. Entendo de quiromancia, já li a sorte muitas vezes. Vamos, não tenha medo! Oh, que vejo! Palavra de honra, dentro de pouco tempo será uma das mais ricas herdeiras de Paris. Cumulará de felicidade aquele que a ama. Seu pai a chama para junto de si. A senhorita se casará com um homem diplomado, moço, belo, que a adora.

Nesse momento, os passos pesados da viúva que descia toda faceira interromperam as profecias de Vautrin.

— Aí vem mamãe Vauquer bela como um astro, espigadinha como uma cenoura. Não estamos um pouquinho sufocados? — perguntou-lhe, metendo a mão pela parte superior do espartilho. — Os peitinhos estão muito apertados, mamãe! Se chorarmos, haverá uma explosão. Mas juntarei os restos com a solicitude de um antiquário...

— Ele conhece a linguagem da galanteria francesa, está vendo? — disse a viúva ao ouvido da sra. Couture.

— Adeus, meus filhos! — disse Vautrin, voltando-se para Eugênio e Vitorina. — Dou-lhes minha bênção — disse, espalmando as mãos sobre suas cabeças. — Acredite-me, senhorita, os votos de um homem de bem valem alguma coisa, devem trazer felicidade, pois Deus os ouve.

— Adeus, querida amiga — disse a sra. Vauquer à pensionista. — Acha que o sr. Vautrin tem algumas intenções a meu respeito? — acrescentou em voz baixa.

— Sei lá!

— Ah! Querida mãe — disse Vitorina, suspirando e olhando para as mãos, quando ficaram sós —, se o bom sr. Vautrin acertasse!

— Ora, não é preciso muita coisa para isso — respondeu a velha senhora. — Basta que o monstro do teu irmão caia do cavalo.

— Mamãe!

— Meu Deus! Deve ser pecado desejar o mal ao inimigo — replicou a viúva. — Pois bem, farei penitência por isso! Na verdade, levarei de muito bom grado flores a seu túmulo. Coração mau! Não tem coragem de falar em favor da mãe, cuja herança conserva por meio de intrigas, em teu prejuízo. Minha prima tinha uma bela fortuna. Para tua desgraça, nunca se falou em seus bens, no contrato.

— Minha felicidade seria penosa se custasse a vida de alguém — disse Vitorina. — E se fosse preciso, para eu ser feliz, que meu irmão desaparecesse, preferiria ficar sempre aqui.

— Meu Deus! Como diz esse bom sr. Vautrin, que, como vês, é muito religioso — disse a sra. Couture —, pois tive o prazer de saber que ele não é incrédulo como os outros, que falam em Deus com menos respeito do que teria o diabo. Pois bem, quem pode saber por que caminhos a Providência quer conduzir-nos?

Com o auxílio de Sílvia, as duas mulheres acabaram levando Eugênio para o quarto. Deitaram-no sobre o leito e a cozinheira desabotoou-lhe as roupas para deixá-lo mais à vontade. Antes de sair, enquanto sua protetora mantinha as costas voltadas para ela, Vitorina deu um beijo na testa de Eugênio, com a imensa alegria que lhe devia

causar esse furto criminoso. Contemplou seu quarto, reuniu, por assim dizer, num único pensamento, as mil venturas daquele dia, compôs com elas um quadro que admirou demoradamente e adormeceu como a criatura mais feliz de Paris.

A festinha que permitira a Vautrin fazer com que Eugênio e o pai Goriot bebessem vinho narcotizado causou sua perda. Bianchon, meio bêbado, esqueceu-se de interrogar a srta. Michonneau sobre o Engana-a-Morte. Se ele tivesse pronunciado esse nome, teria, certamente, despertado a prudência de Vautrin, ou, para dar-lhe o verdadeiro nome, de Jacques Collin, uma das celebridades das galés. Além disso, o apelido de Vênus de cemitério decidiu a srta. Michonneau a entregar o condenado, no momento preciso em que, confiante na generosidade de Collin, estava calculando se não seria preferível preveni-lo e fazer com que fugisse durante a noite. Ela acabava de sair, acompanhada de Poiret, para ir à procura do famoso chefe da polícia de segurança, na pequena rue de Sainte-Anne, convencida ainda de que estava tratando com um empregado superior chamado Gondureau. O diretor da polícia judiciária recebeu-a com grande amabilidade. Depois de uma palestra em que tudo foi combinado, a srta. Michonneau pediu a poção com a qual devia fazer a verificação da marca. Diante do gesto de contentamento que fez o grande homem da pequena rue Sante-Anne, ao procurar um frasco numa gaveta da secretária, a srta. Michonneau percebeu que havia naquela captura, algo mais importante do que a prisão de um simples condenado. À força de remexer as ideias, suspeitou que a polícia esperava, graças a algumas revelações feitas pelos traidores das prisões, chegar a tempo para deitar a mão sobre valores consideráveis. Quando manifestou suas conjecturas àquela raposa, ele começou a rir e quis desviar as suspeitas da solteirona.

— Está enganada — respondeu.— Collin é a *sorbonne* mais perigosa que já esteve a serviço dos ladrões. Eis tudo. Os velhacos sabem muito bem. Ele é sua bandeira, sua garantia, seu Bonaparte, enfim. Todos gostam dele. Esse patife nunca deixará o *quengo* na Place de Grève. [120]

Como a srta. Michonneau não compreendesse, Gondureau lhe explicou as duas palavras de gíria que acabava de empregar. *Sorbonne*

e *quengo* são duas expressões enérgicas da língua dos ladrões, que foram os primeiros a sentir a necessidade de considerar a cabeça humana sob dois aspectos. *Sorbonne* é a cabeça do homem vivo, seu conselho, seu pensamento. *Quengo* é um termo depreciativo, destinado a exprimir como a cabeça passa a não valer nada, quando cortada.

— Collin brinca conosco — continuou. — Quando encontramos homens como esse, que são como barras de aço temperadas à inglesa, temos o recurso de matá-los se, durante a captura, têm a ideia de oferecer qualquer resistência. Contamos com alguns elementos para matar Collin amanhã pela manhã. Evitam-se, assim, o processo, as despesas de vigilância, a alimentação e se desembaraça a sociedade. As diligências, as citações das testemunhas, suas indenizações, a execução, tudo isso com que habitualmente nos desfazemos desses tratantes, custa mais do que os mil escudos que a senhorita receberá. Há, também, a economia de tempo. Com um bom golpe de baioneta na barriga de Engana-a-Morte, impediremos uma centena de crimes e evitaremos a corrupção de cinquenta malandros que, muito sensatamente, ficarão de olho nas galés. Isso é que é policialmente bem-feito. Segundo os verdadeiros filantropos, agir assim é prevenir crimes.

— E servir à pátria! — disse Poiret.

— Muito bem — replicou o chefe —, o senhor está dizendo coisas sensatas esta noite. Sim, na verdade, servimos à pátria. E mesmo assim o mundo é muito injusto para conosco! Prestamos à sociedade muitos grandes serviços ignorados. Enfim, é próprio de um homem superior colocar-se acima dos preconceitos, e de um cristão aceitar os males que o bem traz consigo, quando não é praticado de acordo com as ideias aceitas. Paris é Paris, fique certo disso! Esta frase explica a minha vida. Tenho a honra de cumprimentá-la, senhorita. Estarei com meus empregados no Jardin du Roi, amanhã. Mande Cristóvão à rue de Buffon, à casa do sr. Gondureau, na casa onde eu estava. Meu senhor, a suas ordens. Se alguma vez lhe roubarem alguma coisa, sirva-se de mim para que tornem a encontrá-la. Estou a seu inteiro dispor.

— Está vendo? — disse Poiret à srta. Michonneau. — Há imbecis que se atrapalham todos ao ouvir falar em polícia. Esse senhor é muito

amável e o que lhe pede é o que pode haver de mais simples.

O dia seguinte devia ficar assinalado como um dos mais extraordinários da Casa Vauquer. Até então, o acontecimento mais saliente daquela vida tranquila fora a aparição meteórica da falsa condessa de Ambermesnil. Isso, porém, ia empalidecer diante das peripécias daquele grande dia, que passaria a ser um assunto permanente nas palestras da sra. Vauquer. Para começar, Goriot e Eugênio de Rastignac dormiram até as onze horas. A sra. Vauquer, que voltara à meia-noite da Gaîté, ficou até as dez e meia na cama. O sono prolongado de Cristóvão, que bebera o resto de vinho oferecido por Vautrin, causou atrasos no serviço da casa. Poiret e a srta. Michonneau não se queixaram do retardamento do almoço. Quanto a Vitorina e sra. Couture, dormiram toda a manhã. Vautrin saiu antes das oito horas e voltou no momento preciso em que se servia o almoço. Assim, ninguém reclamou quando, pelas onze e um quarto, Sílvia e Cristóvão foram bater em todas as portas, dizendo que o almoço estava servido. Enquanto Sílvia e o criado estiveram ausentes da sala de refeições, a srta. Michonneau, descendo antes dos outros, deitou o licor na taça de prata pertencente a Vautrin e na qual o creme para o café estava sendo aquecido em banho-maria, no meio dos outros. A solteirona contava com essa particularidade da pensão para agir. Não foi sem alguma dificuldade que os sete pensionistas se acharam reunidos. No momento em que Eugênio, espreguiçando-se, descia depois de todos os outros, um mensageiro entregou-lhe uma carta da sra. de Nucingen. A carta dizia o seguinte:

> *Não tenho falsa vaidade nem cólera para você, meu amigo. Esperei-o até as duas horas da madrugada. Esperar uma criatura que se ama! Quem já passou por esse suplício não o impõe a ninguém. Vejo muito bem que é a primeira vez que ama. Que aconteceu? Fiquei cheia de inquietação. Se não receasse revelar os segredos do meu coração, teria ido saber o que lhe acontecera de bem ou de mal. Mas sair àquela hora, a pé ou de carro, não seria perder-me? Senti a desventura de ser mulher. Tranquilize-me, explique-me por que não veio depois do que meu pai lhe disse. Ficarei zangada, mas perdoarei. Está doente? Por que mora tão longe? Bastará uma frase, se estiver ocupado. Diga: “Irei” ou “Estou doente”. Mas, se estivesse enfermo, meu pai teria vindo me avisar!*

— Sim, o que aconteceu? — perguntou Eugênio, que se precipitou para a sala de refeições, amarrotando a carta sem terminá-la. — Que horas são?

— Onze e meia — disse Vautrin, adoçando o café.

O condenado evadido lançou sobre Eugênio o olhar friamente fascinador que certos homens eminentemente magnéticos têm o dom de lançar e que, segundo se diz, acalma os loucos agitados nos hospitais de alienados. Eugênio tremeu da cabeça aos pés. Ouviu-se o ruído de um carro na rua e um criado do sr. Taillefer, que reconheceu imediatamente a sra. Couture, entrou apressadamente com uma expressão de pavor.

— Senhorita — exclamou —, o senhor seu pai a chama... Aconteceu uma grande desgraça. O sr. Frederico bateu-se em duelo, recebeu um golpe de espada na testa e os médicos o desenganaram. A senhorita apenas terá tempo de despedir-se, pois ele já não conhece ninguém.

— Pobre rapaz! — comentou Vautrin. — Como é que a gente pode brigar quando tem trinta mil bons francos de renda? Decididamente a mocidade não sabe comportar-se.

— Senhor! — exclamou Eugênio.

— E então, que há, rapaz!? — disse Vautrin, acabando de beber o café tranquilamente, operação que a srta. Michonneau vigiava com demasiada atenção para que se pudesse comover com o extraordinário acontecimento, que abalou a todos. — Acaso não há duelos todas as manhãs, em Paris?

— Vou contigo, Vitorina — dizia a sra. Couture.

E as duas mulheres saíram correndo, sem xale nem chapéu. Antes de sair, Vitorina, com os olhos cheios de lágrimas, dirigiu a Eugênio um olhar que dizia: “Eu não julgava que nossa felicidade devesse causar-me lágrimas!”.

— Ué, então o senhor é profeta, sr. Vautrin? — perguntou a sra. Vauquer.

— Sou tudo — disse Collin.

— Que coisa estranha! — acrescentou a sra. Vauquer, pronunciando

uma série de frases insignificantes sobre o acontecimento. — A morte nos apanha sem nos consultar. Muitas vezes os moços vão embora antes dos velhos. Nós, as mulheres, somos felizes por não estarmos sujeitas aos duelos; mas temos outras doenças que os homens não têm. Fazemos os filhos e ficamos indispostas muito tempo! Que sorte para Vitorina! Seu pai é obrigado a adotá-la!

— Aí está! — disse Vautrin, olhando para Eugênio. — Ontem ela estava na miséria e esta manhã possui vários milhões.

— Muito bem, sr. Eugênio! — exclamou a sra. Vauquer. — O senhor acertou a mão.

Ao ouvir essa interpelação, o pai Goriot olhou para o estudante e viu em sua mão a carta amarrotada.

— O senhor não terminou a leitura! Que quer dizer isso? Será igual aos outros? — perguntou-lhe.

— Minha senhora — disse Eugênio, dirigindo-se à sra. Vauquer com um sentimento de horror e de desgosto que surpreendeu aos presentes —, nunca me casarei com a srta. Vitorina.

O pai Goriot tomou a mão do estudante e apertou-a. Teve vontade de beijá-la.

— Oh! Oh! — fez Vautrin. — Os italianos têm um bom ditado: *col tempo!*

— Estou esperando a resposta — disse a Rastignac o mensageiro da sra. de Nucingen.

— Diga que irei.

O homem saiu. Eugênio estava num violento estado de agitação que não lhe permitiu ser prudente.

— Que fazer? — dizia em voz alta, falando sozinho. — Não há provas!

Vautrin pôs-se a rir. A poção absorvida pelo estômago começava a operar. Mesmo assim, o condenado era tão robusto que se levantou, olhou para Rastignac e disse-lhe com voz rouca:

— Rapaz, o bem nos vem enquanto dormimos.

E caiu pesadamente, como um morto.

— Existe, mesmo, a justiça divina! — disse Eugênio.

— Que é que aconteceu ao caro sr. Vautrin?

— Uma apoplexia! — gritou a srta. Michonneau.

— Sílvia, apressa-te, minha filha, vai chamar o médico — disse a viúva. — Ah! Sr. Rastignac, vá buscar depressa o sr. Bianchon, porque pode ser que não encontre nosso médico, o sr. Grimprel.

Rastignac, contente por ter um pretexto para deixar aquela pavorosa caverna, saiu correndo.

— Cristóvão, corra ao boticário para pedir alguma coisa contra apoplexia.

Cristóvão saiu.

— Pai Goriot, ajude-nos a levá-lo para o quarto, lá em cima!

Vautrin foi agarrado, manobrado pela escada acima e deitado no leito.

— Não posso ser útil em nada, vou visitar minha filha — disse o sr. Goriot.

— Velho egoísta! — exclamou a sra. Vauquer. —Vai! Tomara que morras como um cão!

— Vá ver se encontra éter — disse à sra. Vauquer a srta. Michonneau, que, ajudada por Poiret, desabotoara as roupas de Vautrin.

A sra. Vauquer desceu ao seu quarto e deixou a srta. Michonneau senhora do terreno.

— Depressa, tire a camisa e vire-o de bruços! Sirva para alguma coisa, poupando-me de ver a nudez — disse a Poiret. — Fica parado aí feito um estafermo.

Quando Vautrin ficou de bruços, a srta. Michonneau aplicou sobre as costas do doente uma forte palmada e as duas letras fatais apareceram em branco no meio da mancha vermelha.

— Olhe, ganhou muito habilmente sua gratificação de três mil francos — disse Poiret sustentando Vautrin de pé, enquanto a srta. Michonneau lhe vestia a camisa. — Puxa. É pesado! — acrescentou, deitando-o.

— Cale-se. E se houvesse uma caixa? — disse animadamente a solteirona, cujos olhos pareciam atravessar as paredes, tão avidamente examinavam todos os móveis do quarto. — Se se pudesse abrir essa escrivaninha sob um pretexto qualquer?! — perguntou ela.

— Talvez não fosse direito — respondeu Poiret.

— Não — disse ela. — O dinheiro, tendo sido roubado de toda a gente, não pertence mais a ninguém. Mas não temos tempo. Estou ouvindo a Vauquer.

— Aqui está o éter — disse a sra. Vauquer. — Hoje é mesmo o dia das aventuras. Meu Deus! Esse homem não pode estar doente, está branco como um pombinho.

— Como um pombinho? — repetiu Poiret.

— O coração bate regularmente — disse a viúva, pondo a mão no peito.

— Regularmente? — disse Poiret, espantado.

— Ele está muito bem.

— Acha? — perguntou Poiret.

— Ora essa! Parece que está dormindo. Sílvia foi buscar um médico. Olhe, srta. Michonneau, o cheiro do éter lhe repugna. Ora! É um *pasmo* (espasmo). O pulso está bom. É forte como um turco. Repare, senhorita, o pelego que tem sobre o estômago. Esse homem viverá cem anos! E com tudo isso a peruca ficou no lugar. Veja! É colada! E a cor dos cabelos é falsa, pois ele é ruivo. Dizem que os ruivos são extremamente bons ou extremamente maus! Será bom, ele?

— Bom para pendurar pelo pescoço — disse Poiret.

— Você quer dizer ao pescoço de uma bela mulher — exclamou animadamente a srta. Michonneau. — Saia, sr. Poiret! É a nós que compete cuidar de vocês quando adoecem. Além disso, pelo muito que o senhor está fazendo, bem pode ir passear. A sra. Vauquer e eu cuidaremos bem do caro sr. Vautrin.

Poiret retirou-se mansamente e sem murmurar, como um cão que recebe um pontapé do dono.

Rastignac saíra para andar um pouco, para tomar ar. Estava sufocado. Quisera impedir na véspera aquele crime premeditado. O que acontecera? O que devia fazer? Receava ser cúmplice. O sangue-frio de Vautrin continuava a espantá-lo.

“Se pelo menos Vautrin morresse sem falar!”, pensava ele.

Atravessava as alamedas do Jardin du Luxembourg, como se tivesse sido encurralado por uma matilha de cães e ainda ouvisse os latidos.

— Que tal? — gritou-lhe Bianchon. — Leste o *Le Pilote*?[121]

Le Pilote era um jornal radical dirigido pelo sr. Tissot, que publicava, algumas horas antes dos jornais da manhã, uma edição destinada ao interior, contendo as notícias do dia, que assim chegavam aos departamentos com uma antecedência de vinte e quatro horas sobre as demais folhas.

— Há nele uma notável história — disse o interno do Hospital Cochin. — O filho de Taillefer bateu-se em duelo com o conde Franchessini, da velha guarda, que lhe enterrou duas polegadas de ferro na testa. Vitorina é agora um dos mais ricos partidos de Paris. Se a gente soubesse, hein? A morte é um verdadeiro jogo de azar! É verdade que ela te via com bons olhos?

— Cala-te, Bianchon. Nunca me casarei com ela. Amo uma mulher deliciosa, sou amado e...

— Dizes isso como se quisesses provar que não és infiel. Mostra-me, então, uma mulher que valha o sacrifício da fortuna do sr. Taillefer.

— Será que todos os diabos deram para me perseguir? — exclamou Rastignac.

— Que é que tens? Estás louco? Dá-me a mão — disse Bianchon —, deixa-me tomar-te o pulso. Puxa! Estás com febre.

— Ora, vai à casa da mamãe Vauquer! Aquele bandido do Vautrin acaba de cair como morto.

— Ah! — disse Bianchon, deixando Rastignac só. — Estás confirmando suspeitas que eu quero verificar.

O longo passeio do estudante de direito foi solene. Fez mais ou menos um exame de consciência. Se vacilou, se se examinou, se hesitou, pelo menos sua probidade saiu dessa rude e terrível discussão experimentada como uma barra de ferro que resiste a todas as provas. Recordou-se das confidências que o pai Goriot lhe fizera na véspera, lembrou-se do apartamento escolhido para ele perto de Delfina na rue d’Ardois. Retomou a carta, releu-a e beijou-a.

— Um amor assim é a minha tábua de salvação — disse para si mesmo. — Esse pobre velho tem sofrido muito pelo coração. Não conta nada de seus pesares, mas quem não os adivinha? Pois bem, cuidarei dele como de um pai, dar-lhe-ei muitas alegrias. Se ela gostar de mim,

virá muitas vezes à minha casa passar o dia junto dele. Essa condessa de Restaud é uma infame, faria do pai um porteiro. Querida Delfina! Ela é melhor para o velho, merece ser amada. Ah, esta noite serei feliz!

Tirou o relógio do bolso e admirou-o.

— Tudo me tem saído bem! Quando se ama para sempre, a gente se pode ajudar, e assim posso aceitar isto. Certamente vencerei na vida e poderei retribuir-lhe tudo centuplicado. Nesta ligação não há crime nem nada que possa fazer franzir a sobrancelha à mais severa virtude. Quantas pessoas de bem contraem uniões semelhantes! Não enganamos ninguém. E o que nos avilta é a mentira! Mentir não é renunciar? Há muito tempo que ela está separada do marido. Além disso, eu mesmo direi àquele alsaciano que me entregue a mulher que ele não pode tornar feliz.

O combate de Rastignac durou muito tempo. Embora a vitória devesse caber às virtudes da mocidade, uma invencível curiosidade, entretanto, arrastou-o, pelas quatro e meia, ao cair a noite, à Casa Vauquer, que ele jurara deixar para sempre. Queria saber se Vautrin morrera. Após ter tido a ideia de ministrar-lhe um vomitivo, Bianchon fizera levar para seu hospital o material expelido por Vautrin, a fim de analisá-lo quimicamente. Ao ver a insistência com que a srta. Michonneau queria jogá-lo fora, suas dúvidas se fortaleceram. Além disso, Vautrin restabeleceu-se demasiado rapidamente para que Bianchon não suspeitasse de uma conspiração contra o animador da pensão. Quando Rastignac entrou, Vautrin achava-se de pé, junto à estufa, na sala de refeições. Atraídos mais cedo do que de costume pela notícia do duelo de Taillefer filho, os pensionistas, curiosos por detalhes do fato e querendo conhecer a influência que este teria sobre o destino de Vitorina, estavam reunidos, com exceção do pai Goriot, e palestravam sobre o acontecimento. Quando Eugênio entrou, seus olhos encontraram os do imperturbável Vautrin, cujo olhar penetrou tão profundamente no seu coração e lá fez vibrar tão intensamente algumas cordas más que estremeceu.

— Pois é isso, meu caro menino, a magra terá muito que fazer para derrotar-me. Segundo dizem estas senhoras, aguentei vitoriosamente uma congestão que seria capaz de matar um boi.

— O senhor bem podia dizer um touro — exclamou a viúva Vauquer.

— Estaria contrariado por encontrar-me com vida? — perguntou Vautrin ao ouvido de Rastignac, cujos pensamentos julgou adivinhar. — Seria preciso ser terrivelmente forte para isso!

— Sem dúvida! — disse Bianchon. — Anteontem a srta. Michonneau estava falando num homem cognominado *Engana-a-Morte*. Esse nome lhe ficaria bem.

Essa frase produziu sobre Vautrin o efeito de um trovão: empalideceu e vacilou; seu olhar magnético desceu como um raio de sol sobre a srta. Michonneau, que, sob esse jato de vontade, sentiu as pernas afrouxarem e caiu numa cadeira. Poiret meteu-se rapidamente entre ela e Vautrin, compreendendo que ela estava em perigo, ao ver o rosto do condenado tornar-se ferozmente significativo, retirando a máscara afável sob a qual ocultava sua verdadeira natureza.

Sem nada compreenderem ainda desse drama, todos os pensionistas ficaram atônitos. No mesmo momento, ouviram-se os passos de vários homens e o ruído de alguns fuzis que os soldados fizeram ressoar no calçamento da rua. Enquanto Collin procurava maquinalmente uma saída olhando para as janelas e as paredes, quatro homens apareceram na porta da sala. O primeiro era o chefe da polícia de segurança e os outros três eram oficiais de paz.

— Em nome da lei e do rei! — disse um dos oficiais, cuja voz foi coberta por um murmúrio de espanto.

Logo depois reinou o silêncio na sala de refeições, e os pensionistas dispersaram-se para dar passagem a três daqueles homens, que tinham a mão no bolso onde levavam pistolas engatilhadas. Dois policiais que acompanhavam os agentes ocuparam a porta da sala e dois outros ficaram na que dava para a escada. Os passos e os fuzis de vários soldados ressoaram na calçada empedrada diante da casa. Toda a esperança de fuga foi interditada a Engana-a-Morte, sobre quem todos os olhares se fixaram irresistivelmente. O chefe dirigiu-se a ele e começou por aplicar-lhe na cabeça uma tapona tão violenta que fez saltar a peruca e descobriu a cabeça de Collin em todo seu horror. Com os cabelos vermelho-tijolo curtos que lhe davam um pavoroso aspecto de força aliada a astúcia, a cabeça e o rosto, em harmonia com o busto,

iluminaram-se inteligentemente como se os clarões do inferno se tivessem comunicado a eles. Todos, então, compreenderam Vautrin, seu passado, seu presente, seu futuro, suas doutrinas implacáveis, sua religião de gozador, a dignidade que lhe emprestava o cinismo de suas ideias e de seus atos e a energia de uma constituição disposta a tudo. O sangue subiu-lhe ao rosto e os olhos brilharam como os de um gato selvagem. Deu saltos com um movimento cheio de vigor tão feroz e rugiu de tal modo que arrancou gritos de terror de todos os pensionistas. Diante desse gesto de leão e apoiando-se sobre o clamor geral, os agentes empunharam as pistolas. Collin compreendeu o perigo ao ver brilharem os gatilhos das armas e deu, imediatamente, uma prova do mais elevado poder humano. Horrível e majestoso espetáculo! Sua fisionomia exibiu um fenômeno que só pode ser comparado ao da caldeira cheia de vapor capaz de erguer montanhas e que uma gota d'água fria dissolve num instante. A gota d'água que resfriou sua raiva foi uma reflexão rápida como um raio. Pôs-se a rir e olhou para a peruca.

— Não estás nos teus dias de polidez — disse ao chefe da polícia de segurança.

Estendeu as mãos aos policiais, chamando-os com um gesto de cabeça.

— Senhores policiais, ponham-me as algemas ou amarrem-me. Os presentes são testemunhas de que não ofereço resistência.

Um murmúrio de admiração, provocado pela rapidez com que a lava e o fogo saíram e reentraram naquele vulcão humano, ressoou na sala.

— Foste logrado, senhor arrombador — acrescentou o condenado, olhando para o famoso diretor da polícia judiciária.

— Vamos despi-lo! — disse o homem da pequena rue de Sainte-Anne, com uma expressão cheia de desprezo.

— Para quê? — disse Collin. — Há senhoras, aqui. Não nego nada e me entrego.

Fez uma pausa, olhando para a assembleia como um orador que vai dizer coisas surpreendentes.

— Escreva, papai Lachapelle — disse, dirigindo-se a um velhinho de

cabelos brancos que se sentara à extremidade da mesa após ter tirado de uma carteira o processo verbal da captura. — Reconheço ser Jacques Collin, chamado Engana-a-Morte, condenado a vinte anos de trabalhos forçados, e acabo de provar que não me apossei indebitamente desse apelido. Se eu tivesse apenas levantado a mão — disse aos pensionistas —, esses três esbirros espalhariam meu sangue no lar da mamãe Vauquer. Esses patifes gostam de armar ciladas!

Ao ouvir tais palavras, a sra. Vauquer sentiu-se mal.

— Meu Deus! É de se ficar doente. Ainda ontem estive na Gaîté com ele! — disse ela a Sílvia.

— Tenha mais filosofia, mamãe! — replicou Collin. — Será uma desgraça ter estado ontem no meu camarote, na Gaîté? — exclamou. — A senhora é melhor do que nós? Temos menos infâmia nas costas do que vocês no coração, membros frouxos de uma sociedade gangrenada! O melhor de vocês não me resistia!

Seus olhos fixaram-se em Rastignac, a quem dirigiu um sorriso amável que contrastava singularmente com a expressão do rosto.

— Nosso negócio continua de pé, meu anjo! No caso de aceitar, já sabe!

Cantou:

Minha Fanchette é formosa
Em sua simplicidade...

— Não fique atrapalhado — acrescentou. — Sei cobrar minhas contas. Sou temido demais para que me embrulhem.

As galés, com seus costumes e sua linguagem, com suas bruscas transições do agradável ao horrível, sua espantosa grandeza, sua familiaridade, sua baixeza, foram subitamente representadas naquela interpelação e por aquele homem que deixou então de ser um homem para constituir o símbolo de toda uma nação degenerada, de um povo selvagem e lógico, brutal e flexível. Num momento, Collin transformou-se num poema infernal, onde se retrataram todos os sentimentos humanos, exceto um, o arrependimento. Seu olhar era o do arcanjo vencido que continua a querer guerra. Rastignac baixou os

olhos, aceitando esse parentesco criminoso como uma expiação de seus maus pensamentos.

— Quem me traiu? — perguntou Collin, correndo o olhar terrível pela assembleia.

E, fixando-o na srta. Michonneau:

— Tu, velha prostituta! Deste-me uma falsa congestão! Com duas palavras, eu poderia fazer com que te cortassem o pescoço dentro de oito dias. Perdoo-te, sou cristão. Além disso, não foste tu propriamente quem me vendeu. Mas quem foi? Ah! Ah! Estão remexendo lá em cima! — exclamou, ao ouvir os oficiais da polícia judiciária abrindo os armários e apoderando-se de seus trastes.— Os passarinhos saíram do ninho, partiram ontem! E não ficarão sabendo de nada. Meus livros comerciais estão aqui — disse, batendo na testa. — Agora sei quem me traiu. Só pode ter sido aquele velhaco do Fio-de-Seda![122] Não é, tio agarrador de gente? — disse ao chefe da polícia. — Isso coincide muito bem com a permanência do nosso dinheiro lá em cima. Não há mais nada, seus esbirrozinhos! Quanto a Fio-de-Seda, será *liquidado* em quinze dias, mesmo que vocês o guardem por todo o batalhão da polícia. Quanto deram à Michonnette? — perguntou aos funcionários da polícia. — Mil escudos! Eu valia mais do que isso, Ninon cariada! Pompadour[123] de trapos! Vênus de cemitério! Se me tivesses avisado, receberias seis mil francos. Ah! Nem pensaste nisso, velha marafona, senão eu teria tido a preferência. Sim, eu teria pago para evitar uma viagem que me desagrada e que me faz perder dinheiro — dizia Collin, enquanto lhe punham as algemas. — Essa gente vai procurar amolar-me o maior tempo possível, pois se me mandassem em seguida para a prisão, eu voltaria logo às minhas ocupações, apesar dos basbaques do cais dos Ourives. Lá, todos hão de fazer o impossível para dar fuga a seu general, este bom Engana-a-Morte! Há alguém, entre vocês, que tenha, como eu, mais de dez mil irmãos prontos a tudo fazer por vocês? — perguntou com orgulho. — Isto aqui é o que há de bom — acrescentou, batendo sobre o coração. — Nunca traí ninguém! Olha para eles, prostituta! — disse à solteirona. — Eles olham para mim com terror, mas tu lhes causa repugnância. Recebe teu prêmio.

Fez uma pausa, contemplando os pensionistas.

— Vocês são idiotas? Nunca viram um condenado? Um condenado da têmpera de Collin, aqui presente, é um homem menos covarde que os outros e que protesta contra as profundas decepções do contrato social, como disse Jean-Jacques,[124] de quem me orgulho de ser discípulo. Numa palavra, sou sozinho contra o governo com sua infinidade de tribunais, polícias e orçamentos, e embrulho a todos.

— Arre! — disse o pintor. — Como está belo para um desenho.

— Diga-me, fidalgo senhor carrasco, governador da viúva (nome cheio de terrível poesia, que os condenados dão à guilhotina) — acrescentou ele, voltando-se para o chefe da polícia de segurança —, seja um bom menino, diga-me se foi Fio-de-Seda que me traiu. Eu não gostaria que ele pagasse por outro, não seria justo.

Nesse momento, os agentes, que haviam aberto tudo e tudo inventariado em seu quarto, voltaram e falaram em voz baixa ao chefe da expedição. A ata estava encerrada.

— Meus senhores — disse Vautrin, dirigindo-se aos pensionistas —, vão levar-me. Todos foram muito amáveis comigo durante minha permanência aqui. Serei grato por isso. Recebam minhas despedidas. E permitam-me que lhes mande figos de Provance.[125]

Deu alguns passos e voltou-se para olhar para Rastignac.

— Adeus, Eugênio — disse, com uma voz doce e triste que contrastava singularmente com o tom brusco de suas frases. — Deixo-te um amigo dedicado, para o caso de precisares.

Apesar das algemas, pôde colocar-se em guarda, fez um chamamento de esgrimista, gritou “Uma, duas!” e fez o gesto de lançar-se a fundo.

— Em caso de dificuldade, dirige-te a ele. Podes dispor de tudo, homem e dinheiro.

O singular personagem deu a essas últimas palavras uma aparência de brincadeira, de modo que só Eugênio e ele puderam compreendê-las. Quando a casa foi evacuada pelos policiais, soldados e agentes da polícia, Sílvia, que friccionava as têmporas da patroa com vinagre, olhou para os pensionistas assombrados.

— Pois é! — disse. — Mesmo assim, era um bom homem!

Essa frase rompeu o assombro produzido pela afluência e pela

diversidade dos sentimentos provocados por essa cena. Os pensionistas, após se terem examinado mutuamente, viram, todos ao mesmo tempo, a srta. Michonneau, franzina, seca e fria como uma múmia, agachada perto da estufa, com os olhos baixos como se temesse que a sombra da pala que usava não fosse bastante forte para ocultar a expressão de seus olhares. Aquela mulher, que lhes era antipática havia muito tempo, foi imediatamente decifrada. Um murmúrio que, pela perfeita unidade de som, denunciava uma repugnância unânime ergueu-se surdamente. A srta. Michonneau ouviu-o e ficou imóvel. Bianchon aproximou-se do vizinho.

— Vou embora se essa prostituta continuar a jantar conosco — disse à meia-voz.

Num instante, todos, menos Poiret, aprovaram a proposta do estudante de medicina, que, apoiado pela adesão geral, avançou em direção do velho aposentado.

— O senhor, que está particularmente ligado com a srta. Michonneau — disse-lhe —, fale com ela, faça com que ela compreenda que deve ir embora agora mesmo.

— Agora mesmo? — repetiu Poiret, espantado.

Aproximou-se da velha e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Mas minha pensão está paga, estou aqui graças ao meu dinheiro, como todos os outros — disse ela, lançando um olhar de víbora sobre os pensionistas.

— Não importa! Nós nos cotizaremos para devolver o dinheiro — disse Rastignac.

— O senhor está defendendo Collin? — respondeu ela, dirigindo ao estudante um olhar venenoso e interrogativo. — Não é difícil descobrir o motivo disso.

Ao ouvir essa frase, Eugênio saltou como se quisesse lançar-se sobre a solteirona para estrangulá-la. Aquele olhar, cujas perfídias compreendeu, acabava de lançar uma luz horrível em sua alma.

— Deixe-a! — gritaram os pensionistas.

Rastignac cruzou os braços e ficou em silêncio.

— Vamos acabar com a srta. Judas — disse o pintor, dirigindo-se à sra. Vauquer. — Se a senhora não puser na rua a Michonneau, nós

todos deixaremos esta choça e sairemos a dizer por toda a parte que aqui só há espiões e condenados. No caso contrário, nós todos nos calaremos sobre o fato que, afinal de contas, poderia ocorrer nas melhores sociedades, até que resolvam marcar os condenados na testa e proibir-lhes que se disfarcem de burgueses de Paris e que se façam de farsistas, como são todos.

Diante desse discurso, a sra. Vauquer recuperou milagrosamente a saúde, ergueu-se, cruzou os braços e abriu os olhos claros sem o menor sinal de pranto.

— Mas, meu caro senhor, então quer arruinar minha casa? Eis que o sr. Vautrin... Oh, meu Deus! — disse, interrompendo-se. — Não posso evitar de chamá-lo por seu nome de homem honesto! Nem bem um quarto se esvaziou e o senhor quer que eu fique com mais dois para alugar, numa época em que toda a gente já está instalada!

— Meus senhores, tomemos os chapéus e vamos jantar na Place Sorbonne, no Flicoteaux[126] — disse Bianchon.

A sra. Vauquer calculou, num rápido instante, o partido mais vantajoso e encaminhou-se para a srta. Michonneau.

— Paciência, querida, você não quer a morte da minha casa, não é? Está vendo os extremos a que esses senhores me obrigam. Suba ao seu quarto, por hoje.

— Nada disso, nada disso! — gritaram os pensionistas. — Queremos que ela saia já.

— Mas a pobre senhorita ainda não jantou — disse Poiret, com uma expressão de compaixão.

— Ela que vá jantar onde quiser — gritaram várias vozes. — Rua, espiã!

— Rua, espiões!

— Meus senhores — exclamou Poiret, elevando-se subitamente à altura da coragem que o amor empresta aos carneiros —, respeitem uma pessoa do sexo frágil.

— Os espiões não têm sexo — disse o pintor.

— Notável sexorama!

— Ruorama!

— Meus senhores, isso é indecente. Quando se manda alguém

embora, deve-se fazê-lo com jeito. Pagamos e ficamos — disse Poiret, pondo o boné na cabeça e sentando-se numa cadeira ao lado da srta. Michonneau, a quem a sra. Vauquer estava pregando um sermão.

— Mau — disse-lhe o pintor com uma expressão cômica. — Mauzinho, vá embora!

— Pois bem, se vocês não forem, iremos nós — disse Bianchon.

Os pensionistas movimentaram-se em massa em direção à sala de estar.

— Que quer que faça, senhorita? — exclamou a sra. Vauquer. — Estou arruinada. Não pode ficar, eles vão praticar violências.

A srta. Michonneau levantou-se.

— Ela vai!

— Não vai!

— Vai

— Não vai!

Essas frases pronunciadas alternadamente e a hostilidade dos comentários que começavam a surgir sobre ela obrigaram a srta. Michonneau a partir, após algumas estipulações feitas em voz baixa com a dona da pensão.

— Vou para a casa da sra. Buneaud — disse ela, com uma atitude ameaçadora.

— Vá para onde quiser, senhorita — disse a sra. Vauquer, que viu uma injúria na escolha que ela fizera de uma casa que era rival da sua e que, consequentemente, lhe era odiosa. — Vá para a Buneaud, terá vinho de fazer dançar macacos e pratos de segunda mão.

Os pensionistas formaram alas no mais profundo silêncio. Poiret contemplou tão ternamente a srta. Michonneau e pareceu tão indeciso sobre se devia acompanhá-la ou ficar que os pensionistas, contentes com a saída da srta. Michonneau, puseram-se a rir olhando uns para os outros.

— Upa! Upa! Vamos, Poiret! — gritou-lhe o pintor.

O empregado do museu pôs-se a cantar comicamente este começo de uma romança conhecida:

Partindo para a Síria,

O belo e jovem Dunois...[127]

— Pode ir, você está doido por isso. *Trahit sua quemque que voluptas!* [128] — disse Bianchon.

— Cada um acompanha quem lhe agrada, tradução livre de Virgílio — disse o explicador.

Tendo a srta. Michonneau feito o gesto de tomar o braço de Poiret ao fitá-lo, ele não pôde resistir ao apelo e deu apoio à solteirona. Retumbaram aplausos e houve uma explosão de risos.

— Bravo, Poiret!

— Este velho Poiret!

— Apolo-Poiret!

— Marte-Poiret!

— Corajoso Poiret!

Nesse momento, um mensageiro entrou e entregou uma carta à sra. Vauquer, que caiu sobre uma cadeira depois que a leu.

— Só falta queimar minha casa e ainda desaba um trovão! O filho de Taillefer morreu às três horas! Fui bem castigada por ter desejado o bem a essas senhoras em prejuízo do pobre rapaz. A sra. Couture e Vitorina mandaram buscar as bagagens, pois vão morar na casa do pai da moça. O sr. Taillefer consentiu que a filha fique com a viúva Couture como dama de companhia. Quatro quartos vazios! Cinco pensionistas a menos!

Sentou-se e pareceu prestes a chorar.

— A desgraça entrou em minha casa! — exclamou.

Imediatamente depois veio da rua o ruído de um carro que parou à frente da casa.

— Aí vem mais alguma coisa! — disse Sílvia.

Subitamente apareceu Goriot, com uma fisionomia brilhante e corada de contentamento, que parecia ter passado por uma reforma.

— Goriot de carro? — disseram os pensionistas. — É o fim do mundo!

O bom velho encaminhou-se para Eugênio, que estava pensativo num canto, e tomou-o pelo braço.

— Venha — disse-lhe, com uma expressão alegre.

— Então o senhor não sabe o que se passa? — disse-lhe Eugênio. — Vautrin era um condenado que acabam de prender, e o filho de Taillefer morreu.

— E então, que temos com isso? — respondeu o pai Goriot. — Eu e minha filha vamos jantar consigo, em sua casa, está ouvindo? Ela está esperando, venha!

Puxou Rastignac tão violentamente pelo braço que o fez andar à força e pareceu arrebatá-lo como se fosse sua amante.

— Vamos jantar! — gritou o pintor.

Imediatamente, cada um tomou sua cadeira e sentou-se à mesa.

— Pois é para ver — disse a gorda Sílvia —, hoje tudo sai mal. Meu guisado de carneiro grudou no fundo da panela. Os senhores terão que comê-lo queimado, tanto pior!

A sra. Vauquer, ao ver apenas dez pessoas em vez de dezoito em torno da mesa, não teve coragem de pronunciar uma palavra. Todos procuraram consolá-la e alegrá-la. Se, no início, os externos se ocuparam de Vautrin e dos acontecimentos do dia, logo depois, seguindo o rumo sinuoso habitual de sua palestra, começaram a falar em duelos, trabalhos forçados, justiça, leis por modificar e prisões. Em seguida, viram-se a mil léguas de distância de Jacques Collin, de Vitorina e do irmão. Embora fossem apenas dez, gritaram como vinte e pareciam mais numerosos que de costume. Foi essa a única diferença que houve entre aquele jantar e o da véspera. A despreocupação habitual daquela gente egoísta que, no dia seguinte, teria nos acontecimentos cotidianos de Paris uma nova presa a devorar, voltou à tona; até a sra. Vauquer deixou-se acalmar pela esperança, que tomou emprestada a voz da gorda Sílvia.

Aquele dia devia ser, até o fim, uma fantasmagoria para Eugênio, que, apesar da força de caráter e da bondade de espírito, não sabia como classificar suas ideias, quando se viu no carro, ao lado do pai Goriot, cuja conversa denunciava uma alegria extraordinária e ressoava em seu ouvido, após tantas emoções, como as palavras que ouvimos em sonho.

— Ficou pronta esta manhã. Vamos jantar os três juntos, juntos! Compreende? Há quatro anos que não janto com minha Delfina,

minha pequena Delfina! Vou tê-la comigo durante uma noite inteira. Estamos na sua casa desde esta manhã. Trabalhei como um operário, em mangas de camisa. Ajudei a carregar os móveis. Ah! Ah! Você não sabe como ela é gentil à mesa. Ela se ocupará de mim: “Olhe, papai, coma disto, está bom”. E eu acabarei sem poder jantar. Oh, há muito tempo que não fico tranquilo com ela, como vamos ficar!

— O mundo está hoje de pernas para o ar? — disse-lhe Eugênio.

— De pernas para o ar? — disse o pai Goriot. — Mas ele nunca esteve tão direito como hoje. Só vejo rostos alegres na rua, pessoas que apertam as mãos e se abraçam. Criaturas felizes, como se todas fossem jantar com a filha e saborear um bom jantarzinho, que ela encomendou, em minha presença, ao gerente do Café des Anglais. Ora, perto dela até o aloé seria doce como o mel!

— Parece-me estar voltando à vida — disse Eugênio.

— Ande, cocheiro! — gritou o pai Goriot, abrindo o vidro da frente. — Vá mais depressa! Eu lhe darei cem soldos de gorjeta se me levar em dez minutos àquele lugar.

Ouvindo essa promessa, o cocheiro atravessou Paris com a rapidez do raio.

— Esse cocheiro não anda — dizia o pai Goriot.

— Mas, aonde vai me levar? — perguntou-lhe Rastignac.

— À sua casa — disse o pai Goriot.

O carro parou na rue d’Artois. O bom velho desceu em primeiro lugar e atirou dez francos ao cocheiro, com a prodigalidade de um viúvo que, no paroxismo do prazer, não presta atenção a nada.

— Vamos subir — disse a Rastignac, levando-o através de um pátio e conduzindo-o à porta de um apartamento situado no terceiro andar, na parte posterior de uma casa nova e de bela aparência.

O pai Goriot não teve necessidade de bater. Teresa, a criada da sra. Nucingen, abriu-lhe a porta. Eugênio viu-se num delicioso apartamento de rapaz, composto de sala de espera, saleta, quarto de dormir e gabinete com vista para um jardim. Na saleta, cujo mobiliário e cuja decoração podiam suportar uma comparação com o que havia de mais belo e gracioso, percebeu, à luz das velas, Delfina, que se levantou de um sofá junto ao fogo, pôs o guarda-fogo sobre a lareira e disse-lhe

com uma entonação de voz cheia de ternura:

— Então foi preciso ir buscá-lo, senhor-que-não-compreende-nada?

Teresa saiu. O estudante tomou Delfina nos braços, estreitou-a fortemente e chorou de alegria. Esse último contraste entre o que via e o que acabara de ver, num dia em que tantas excitações haviam fatigado seu coração e seu cérebro, causou a Rastignac um acesso de nervosismo.

— Eu tinha certeza de que ele te amava! — disse baixinho o pai Goriot à filha, enquanto Eugênio, abatido, permanecia no sofá sem poder pronunciar uma palavra e ainda sem poder avaliar o quanto aquela surpresa o impressionara.

— Venha ver — disse-lhe a sra. de Nucingen, tomando-o pela mão e conduzindo-o a um quarto, cujos tapetes, móveis e outros detalhes menores lhe fizeram recordar o de Delfina em proporções menores.

— Falta um leito — disse Rastignac.

— Sim — disse ela, corando e apertando-lhe a mão. Eugênio fitou-a e compreendeu, moço ainda, o quanto há de verdadeiro pudor no coração de uma mulher apaixonada.

— Você é uma dessas criaturas que se deve adorar sempre — disse-lhe ela ao ouvido. — Sim, tenho coragem de dizer-lhe isso, pois nós nos compreendemos muito bem: quanto mais intenso e sincero é o amor, mais ele deve ser velado, misterioso. Não revelemos o nosso segredo a ninguém.

— Oh! Então eu não sou alguém? — resmungou o pai Goriot.

— O senhor sabe muito bem que também faz parte de *nós*...

— Ah! É isso mesmo que eu queria. Vocês não se incomodarão comigo, não é? Sairei e voltarei como um bom espírito que está em toda a parte e que se sabe estar presente mesmo sem vê-lo. Então Delphinette, Ninette, Dedel, não andei acertado ao dizer-te: “Há um belo apartamento na rue d’Artois, vamos mobiliá-lo para ele?”. Não querias. Eu é que sou o autor de tua alegria, como sou o autor de teus dias. Os pais devem dar continuamente, para serem felizes. Dar sempre é o que a gente faz quando é pai.

— Como? — disse Eugênio.

— Sim, ela não queria, tinha medo de que dissessem tolices, como

se o mundo valesse a felicidade! Mas todas as mulheres sonham fazer o que ela está fazendo...

O pai Goriot falava sozinho. A sra. de Nucingen levara Eugênio para o gabinete, onde ecoou o ruído de um beijo, por mais levemente que tivesse sido dado. Aquela peça estava em harmonia com a elegância do apartamento, onde nada faltava.

— Adivinhamos bem seus desejos? — disse ela, voltando para a saleta a fim de sentar-se à mesa.

— Sim — disse ele —, demasiado bem. Oh! Este luxo tão completo, estes belos sonhos realizados, todas as poesias de uma vida moça e elegante, sinto-as tão intensamente que bem as mereço. Mas não posso aceitá-las de você e sou ainda muito pobre para...

— Ah! Ah! Você já está opondo dificuldades — disse ela, com uma expressão de autoridade brincalhona, fazendo uma dessas encantadoras caretas que as mulheres fazem quando querem zombar de algum escrúpulo para melhor dissipá-lo.

Eugênio examinara-se muito solenemente durante aquele dia, e a prisão de Vautrin, mostrando-lhe a profundidade do abismo no qual estava prestes a cair, acabava de corroborar fortemente seus sentimentos nobres e sua delicadeza, para que cedesse àquela acariciadora refutação de suas ideias generosas. Uma profunda tristeza apoderou-se dele.

— Como? — disse a sra. de Nucingen. — Recusa? Sabe o que significa uma recusa dessas? Não tem confiança no futuro, não tem coragem de ligar-se a mim? Receia, então, trair minha afeição? Se me ama, se eu... o amo, por que recua diante de tão insignificantes favores? Se soubesse o prazer que senti em ocupar-me do arranjo deste apartamento, não hesitaria e me pediria perdão. Eu tinha dinheiro para ti e empreguei-o bem, eis tudo. Pensa ser generoso e está sendo muito mesquinho. Você pede muito mais... (Ah! — disse, surpreendendo um olhar apaixonado de Eugênio) está fazendo cerimônia por ninharias. Se não me ama, está bem, não aceite. Minha sorte está numa frase. Fale! Mas, papai, apresente-lhe algumas boas razões — acrescentou ela, voltando-se para o pai depois de uma pausa. — Pensa ele que somos menos suscetíveis que ele no que se refere à

nossa honra?

O pai Goriot conservava um sorriso fixo de *teriaki*,[129] enquanto assistia àquela encantadora discussão.

— Menino! Você ainda está no começo da vida — continuou ela, segurando a mão de Eugênio. — Encontra uma barreira intransponível para muitos, uma mão de mulher a abre para você e você recua! Há de vencer na vida, fazer uma brilhante fortuna, o triunfo está escrito em sua bela fronte. Não poderá, então, devolver-me o que hoje lhe empresto? Antigamente, as damas não davam a seus cavaleiros armaduras, espadas, elmos, cotas de malha e cavalos, a fim de que pudessem ir combater em seus nomes nos torneios? Pois bem, Eugênio, as coisas que lhe ofereço são as armas da época, os recursos necessários a quem quer ser alguma coisa. Deve ser muito bonito seu quartinho, se for parecido com o de papai! Então, não vamos jantar? Quer deixar-me triste? Por que não responde? — disse, sacudindo-lhe a mão.

Eugênio continuava imóvel.

— Meu Deus! Papai, faze com que ele se decida, senão irei embora e não o verei mais.

— Vou resolver isso — disse o pai Goriot, saindo de seu êxtase. — Meu caro sr. Eugênio, você vai pedir dinheiro emprestado aos judeus, não é?

— É necessário — disse ele.

— Muito bem, agora não pode escapar — replicou o velho, tirando do bolso uma carteira de couro muito velha. — Serei seu judeu. Paguei todas as faturas, aqui estão. Você não deve nada por tudo o que existe aqui. Não é muita coisa, cinco mil francos, no máximo. Pois lhos empresto! Você não recusará, eu não sou mulher. Você me fará uma declaração de dívida num pedaço de papel e me restituirá mais tarde.

Algumas lágrimas rolaram ao mesmo tempo dos olhos de Eugênio e Delfina, que se fitaram com surpresa. Rastignac estendeu a mão ao velho e apertou a dele.

— Então, que é que tem? Vocês não são meus filhos? — disse Goriot.

— Mas, meu pobre pai — disse a sra. de Nucingen —, como foi que fez isso?

— Ah! Aí é que está — respondeu ele. — Quando me decidi a instalá-lo perto de ti e te vi comprando coisas como se fossem para uma noiva, disse para mim mesmo: “Ela vai ficar atrapalhada!”. O advogado acha que o processo a mover contra teu marido para obrigá-lo a restituir tua fortuna levará mais de seis meses. Então, vendi meus mil trezentos e cinquenta francos de renda perpétua. Empreguei quinze mil francos em constituir mil e duzentos francos de renda vitalícia em boas hipotecas e paguei suas coisas com o resto do capital, meus filhos. Tenho lá em cima um quarto por cinquenta escudos por ano, posso viver como um príncipe com quarenta soldos por dia e ainda me sobra dinheiro. Não gasto nada, quase não preciso de roupa. Há quinze dias que ando rindo sozinho, pensando: “Vão ser felizes!”. E então, não são felizes?

— Oh papai, papai! — disse a sra. de Nucingen, atirando-se sobre o pai, que a recebeu nos joelhos.

Ela cobriu-o de beijos, acariciou-lhe as faces com os cabelos louros e derramou lágrimas sobre o velho rosto risonho e brilhante.

— Paizinho querido, o senhor é um paizinho querido! Não, não há dois pais como o senhor neste mundo. Eugênio já o amava, quanto mais agora!

— Mas, meus filhos — disse o pai Goriot, que havia dez anos não sentia o coração da filha bater junto ao seu —, mas, Delphinette, queres matar-me de alegria! Meu pobre coração vai estourar. Pronto, sr. Eugênio, já estamos quites!

E o velho estreitou a filha num abraço tão selvagem, tão delirante, que ela disse:

— Ai! Tu me machucas!

— Eu te machuco! — disse ele, empalidecendo.

E fitou-a com uma expressão sobre-humana de dor. Para bem descrever a fisionomia desse Cristo da paternidade, seria preciso ir buscar comparações nas imagens que os príncipes da paleta criaram para representar a paixão sofrida em benefício do mundo pelo Salvador dos homens. O pai Goriot beijou com extrema doçura a cintura que seus dedos haviam apertado excessivamente.

— Não, não, não te machuquei — replicou ele, interrogando-a com

um sorriso. — Tu é que me fizeste sofrer com teu grito. — Isto custou mais caro — disse ao ouvido da filha, beijando-a com precaução —, mas é preciso enganá-lo, senão ele se zangará.

Eugênio estava petrificado pela inesgotável dedicação daquele homem e o contemplava exprimindo aquela admiração natural que, na mocidade, constitui a fé.

— Serei digno de tudo isso — exclamou.

— Oh, meu Eugênio, como é belo o que acabas de dizer!

E a sra. de Nucingen beijou o estudante na fronte.

— Por ti, ele recusou a srta. Taillefer e seus milhões — disse o pai Goriot. — Sim, a pequena o amava. E, tendo morrido o irmão, ficou rica como Creso.[130]

— Oh, por que contou isso? — exclamou Rastignac.

— Eugênio — disse-lhe Delfina ao ouvido —, agora tenho um motivo de desgosto para esta noite. Mas eu o amarei muito e sempre.

— Este é o dia mais belo que vivi desde que vos casastes! — exclamou o pai Goriot. — O bom Deus pode fazer-me sofrer quanto quiser, desde que não seja por vós, e eu pensarei: "Em fevereiro deste ano, fui, num momento, mais feliz do que pode ser um homem durante toda a sua vida". Olha para mim, Fifina! — disse à filha. — Ela é muito bonita, não é? Diga-me, já viu muitas mulheres com tão belas cores e com umas covinhas no rosto como as dela? Não, não é? Pois bem, fui eu quem fiz esse amor de mulher. De agora em diante, sentindo-se feliz por você, ela se tornará mil vezes mais bela. Agora posso ir para o inferno, meu vizinho — disse. — Se precisar de minha parte de paraíso, pode ficar com ela. Vamos jantar! Vamos jantar! — acrescentou, sem saber mais o que dizia. — Tudo isso é nosso.

— Pobre pai!

— Se soubesses, minha filha — disse ele, levantando-se e encaminhando-se para ela, tomando-lhe a cabeça e beijando-a no meio das tranças —, como me podes fazer feliz com pouca coisa! Vai visitar-me algumas vezes, estarei lá em cima, a um passo daqui. Promete-me!

— Sim, querido pai.

— Repete.

— Sim, meu bom pai.

— Cala-te, senão eu te farei repetir cem vezes essas palavras. Vamos jantar.

Toda a noite foi empregada em infantilidades, e o pai Goriot não foi o menos louco dos três. Deitava-se aos pés da filha para beijá-los. Fitava-a demoradamente nos olhos. Roçava a cabeça em seu vestido. Fazia, enfim, loucuras como o mais jovem e mais terno dos amantes.

— Veja — disse Delfina a Eugênio —, quando meu pai está conosco, precisamos pertencer-lhe inteiramente. Isso será incômodo, algumas vezes.

Eugênio, que já sentira várias vezes impulsos de ciúme, não podia censurar aquela frase, que encerrava o princípio de todas as ingratidões.

— E quando ficará pronto o apartamento? — disse Eugênio, olhando em torno do quarto. — Teremos que nos deixar esta noite?

— Sim. Mas, amanhã, você irá jantar comigo — disse ela com uma expressão astuciosa. — Amanhã é dia dos Italiens.

— Irei para a plateia! — disse o pai Goriot.

Era meia-noite. O carro da sra. de Nuncingen esperava. O pai Goriot e o estudante voltaram à Casa Vauquer falando em Delfina com um entusiasmo crescente, que produziu um curioso combate de expressões entre aquelas duas violentas paixões. Eugênio não se podia dissimular que o amor do pai, que nenhum interesse pessoal maculava, esmagava o seu em persistência e extensão. O ídolo era sempre puro e belo para o pai e sua adoração se acrescia de todo o passado, como do futuro. Encontraram a sra. Vauquer a um canto da estufa, entre Sílvia e Cristóvão. A velha dona da pensão estava lá como Mário[131] sobre as ruínas de Cartago. Esperava os dois únicos pensionistas que lhe restavam, desolando-se em companhia de Sílvia. Embora Lord Byron tenha atribuído belíssimas lamentações a Tasso,[132] estas estão longe da profunda sinceridade das que escapavam à sra. Vauquer.

— Amanhã de manhã só precisa fazer três taças de café, Sílvia! Imagina! Minha casa vazia! Não é de cortar o coração? Que será a vida sem meus pensionistas? Absolutamente nada. Aí está minha casa desmobilizada de seus homens. A vida está toda nos móveis. Que fiz eu para merecer todos esses desastres? Nossas provisões de feijão e

batatas foram feitas para vinte pessoas. A polícia em minha casa! Vamos passar a comer somente batatas! E terei de despedir Cristóvão!

O saboiano, que dormia, despertou subitamente e disse:

— Pronto, patroa!

— Pobre rapaz! É como um cão de guarda — disse Sílvia.

— Uma temporada perdida! Todos já se instalaram. De onde me virão pensionistas? Vou enlouquecer. E essa bruxa da Michonneau ainda me leva Poiret! Que terá feito ela para prender assim aquele homem que a seguiu como um cãozinho?

— Ora! — disse Sílvia, sacudindo a cabeça. — Essas solteironas conhecem manhas!

— E esse pobre sr. Vautrin, que transformaram num galeriano! — acrescentou a viúva.— Isso é superior às minhas forças, Sílvia. Ainda não posso acreditar. Um homem alegre como ele, que tomava ponche por quinze francos por mês e pagava pontualmente!

— E era generoso! — disse Cristóvão.

— Deve haver um engano — disse Sílvia.

— Não há, ele se confessou culpado — replicou a sra. Vauquer. — E dizer que todas essas coisas aconteceram em minha casa, num bairro tão quieto! Garanto que estou sonhando. Repara, vimos Luís xvi sofrer seu acidente,[133] vimos cair o imperador, vimo-lo voltar e tornar a cair,[134] tudo isso estava na ordem das coisas possíveis. Às pensões burguesas, porém, nada pode acontecer. Pode-se viver sem rei, mas sempre é preciso comer. E quando uma mulher às direitas, uma Conflans, fornece jantares com pratos tão bons, a não ser que seja o fim do mundo... Mas, é isso mesmo, é o fim do mundo!

— E pensar que a srta. Michonneau, que lhe causou esse prejuízo, vai receber, segundo dizem, escudos de prêmio! — exclamou Sílvia.

— Não me fale dela. É uma celerada — disse a sra. Vauquer. — E, além de tudo, vai para a Buneaud! Mas ela é capaz de tudo, deve ter cometido horrores, assassinado, roubado, na sua época. Ela é que devia ir para a prisão, no lugar daquele infeliz homem...

Nesse momento, Eugênio e o pai Goriot bateram à porta.

— Ah, aí estão meus dois fiéis! — disse a viúva suspirando.

Os dois fiéis, que não tinham mais que uma leve recordação dos

desastres da pensão burguesa, anunciaram, sem cerimônia, à dona da casa, que iam morar na Chaussée-d'Antin.

— Ah, Sílvia — disse a viúva —, esta é a minha última desgraça! Os senhores me deram o golpe de morte! Isto me atingiu o estômago. Sinto uma barra de ferro aqui. Um dia destes nos mete dez anos a mais em cima da cabeça. Vou acabar louca, palavra de honra! Que hei de fazer com o feijão? Muito bem! Já que vou ficar sozinha aqui, irás embora amanhã, Cristóvão. Adeus, senhores, boa noite.

— Que é que ela tem? — perguntou Eugênio a Sílvia.

— Ora essa! Todos foram embora por causa do que aconteceu. Isso transtornou-lhe a cabeça. Escute, está chorando. E bom para ela *choramingar* um pouco. É a primeira vez que esvazia os olhos desde que sou sua empregada.

No dia seguinte, a sra. Vauquer estava, segundo sua expressão, *arrazoada*. Se parecia aflita por ter perdido todos os pensionistas e ficado com a vida desordenada, conservava, entretanto, o raciocínio e mostrou o que é a verdadeira dor, uma dor profunda, a dor causada pelo interesse ferido, pelos hábitos desorganizados. O olhar que um apaixonado lança aos lugares habitados pela amante, ao deixá-la, não é, por certo, mais triste do que o da sra. Vauquer para sua mesa vazia. Eugênio consolou-a, dizendo-lhe que Bianchon, cujo internato terminaria dentro de alguns dias, certamente viria substituí-lo; que o empregado do museu manifestara muitas vezes o desejo de ocupar o apartamento da sra. Couture e que, em poucos dias, ela teria recuperado seus hóspedes.

— Que Deus o ouça, meu caro senhor! Mas a desgraça anda por aqui. Antes de dez dias, a morte virá aqui, o senhor vai ver — acrescentou, dirigindo um olhar lúgubre à sala de refeições. — A quem de nós levará?

— Então é bom darmos o fora — disse Eugênio, em voz baixa, ao pai Goriot.

— Minha senhora — disse Sílvia, chegando assustada —, há três dias que não vejo Mistigris.

— É o cúmulo! Se meu gato morreu, se ele nos deixou, eu...

A pobre viúva não terminou a frase. Juntou as mãos e atirou-se a

uma poltrona, vencida pelo terrível prognóstico.

V – AS DUAS FILHAS

Ao meio-dia, hora em que os carteiros chegavam do bairro do Panthéon, Eugênio recebeu uma carta em elegante envelope, timbrada com as armas de Beauséant. Continha um convite endereçado ao sr. e à sra. de Nucingen para o grande baile, anunciado havia um mês, e que se devia realizar na casa da viscondessa. Junto ao convite, vinha um bilhete para Eugênio:

> Creio que terá prazer em encarregar-se de ser o intérprete de meus sentimentos junto da sra. de Nucingen. Envio-lhe o convite que pediu e terei muito prazer em conhecer a irmã da sra. de Restaud. Traga-me, pois, essa bela criatura e não deixe que ela absorva toda sua afeição, pois você me deve muita em retribuição da que lhe dedico.

viscondessa de beauséant

"Mas", pensou Eugênio, relendo o bilhete, "a sra. de Beauséant me diz bem claramente que não quer a presença do barão de Nucingen."

Foi imediatamente à casa de Delfina, feliz por poder proporcionar-lhe uma alegria da qual certamente receberia o prêmio. A sra. de Nucingen estava no banho. Rastignac esperou no gabinete, entregue às impaciências naturais a um rapaz ardente e apressado em apossar-se de uma amante, objeto de dois anos de desejos. Tais emoções não se repetem na vida dos moços. A primeira mulher realmente mulher a que um homem se liga, isto é, aquela que se apresenta a ele no esplendor do cerimonial exigido pela sociedade parisiense, nunca tem rival. O amor de Paris não se assemelha em nada aos outros amores. Tanto os homens como as mulheres não se deixam iludir pelas aparências adornadas de lugares-comuns com que todos revestem, por decência, suas afeições ditas desinteressadas. Neste país, a mulher não deve satisfazer apenas o coração e os sentidos. Ela sabe perfeitamente que tem maiores obrigações a cumprir para com as mil vaidades de que

se compõe a vida. Nelas, sobretudo, o amor é essencialmente arrogante, atrevido, perdulário, vaidoso e faustoso. Se todas as mulheres da corte de Luís xvi invejaram à srta. de La Vallière o impulso de paixão que fez esse grande príncipe esquecer que seus punhos custavam mil escudos cada um, quando os rasgou para felicitar ao duque de Vermandois[135] sua entrada no palco do mundo, que se pode exigir do resto da humanidade? Sede jovens, ricos e nobres. Sede mais ainda, se puderdes. Quanto mais incenso trouxerdes para queimar diante do ídolo, mais ele nos será favorável, no caso de terdes um ídolo. O amor é uma religião, e seu culto deve custar mais caro que o de todas as outras religiões. Desvanece-se rapidamente, passa por nós como um gaiato que faz questão de assinalar sua passagem por devastações. O luxo do sentimento é a poesia das águas-furtadas; sem essa riqueza, que fim levaria o amor lá dentro? Se há exceções a essas leis draconianas do código parisiense, é na solidão que elas moram, entre as almas que não se deixaram arrastar pelas doutrinas sociais, que vivem perto de alguma fonte de águas claras, fugitivas, mas incessantes; e que, fiéis às verdes ramadas que lhes dão sombra, felizes por escutarem a linguagem do infinito, escrita em todas as coisas para elas e que elas tornam a encontrar em si mesmas, esperam pacientemente suas asas, lamentando as almas da Terra. Rastignac, como a maioria dos jovens que provaram antecipadamente o gosto das grandezas, queria apresentar-se perfeitamente armado na liça do mundo. Enchera-se da febre das grandezas e sentia-se, talvez, capaz de dominá-las, sem, porém, conhecer os meios nem o fim dessa ambição. Na falta de um amor puro e sagrado, que enche a vida, essa sede de domínio pode constituir uma bela coisa. Basta despojar-se de todo o interesse pessoal e escolher a grandeza de um país como objetivo. O estudante, porém, não chegara ainda ao ponto em que o homem pode contemplar o curso da vida e julgá-la. Até então, nem mesmo havia sacudido completamente o encanto das frescas e suaves ideias que envolvem como uma folhagem as crianças educadas na província. Hesitara continuamente em transpor o Rubicão[136] parisiense. Apesar de suas ardentes curiosidades, conservara sempre alguns preconceitos da vida feliz que o verdadeiro fidalgo leva em seu castelo.

Seus escrúpulos, porém, haviam desaparecido na véspera, quando se vira em seu apartamento. Saboreando as vantagens materiais da fortuna, como havia muito saboreava as vantagens morais da nobreza, despira sua pele de provinciano e instalara-se docemente numa posição de onde vislumbrava um belo futuro. Assim, enquanto esperava Delfina, sentado displicentemente naquele belo gabinete que já era um pouco seu, ele se via tão longe do Rastignac que chegara a Paris no ano retrasado que, examinando-se por um fenômeno de ótica moral, ele se interrogava se naquele momento se parecia consigo mesmo.

— A senhora está no quarto — veio dizer-lhe Teresa fazendo-o estremecer.

Encontrou Delfina reclinada no sofá, junto à estufa, fresca, repousada.

Ao vê-la assim estendida sobre ondas de musselina, era-lhe impossível deixar de compará-la a essas belas plantas da Índia cujo fruto nasce na flor.

— E então? Aqui estamos! — disse ela com emoção.

— Sabe o que eu lhe trago? — perguntou Eugênio, sentando-se junto dela e tomando-lhe o braço para beijar-lhe a mão.

A sra. de Nucingen fez um gesto de contentamento ao ler o convite. Voltou para Eugênio os olhos úmidos e lançou-lhe os braços ao pescoço para atraí-lo a si num delírio de satisfação vaidosa.

— E é ao senhor (a ti — disse-lhe ao ouvido. — Mas Teresa está no gabinete, sejamos prudentes!), é ao senhor que devo esta felicidade? Sim, ouso chamar isso de felicidade! Conseguida pelo senhor, não é mais que uma vitória do amor-próprio? Ninguém me quis apresentar àquela sociedade. Talvez neste momento o senhor me ache mesquinha, frívola, leviana como uma parisiense. Pense, porém, meu amigo, que estou pronta a tudo sacrificar por você e que se desejo mais ardentemente do que nunca ir ao Faubourg Saint-Germain, é porque você o frequenta.

— Não acha que a sra. de Beauséant dá a impressão de nos dizer que não espera o sr. de Nucingen no baile? — perguntou Eugênio.

— É claro — disse a baronesa, devolvendo a carta a Eugênio. —

Aquelas mulheres têm o gênio da insolência. Não importa, eu irei. Minha irmã deve ir, sei que está preparando um vestido delicioso. Eugênio — acrescentou em voz baixa —, ela vai lá para dissipar terríveis suspeitas. Não sabe dos boatos que correm a respeito dela? Nucingen disse-me, esta manhã, que ontem falavam abertamente dela, no clube. Meu Deus! De que depende a honra das mulheres e das famílias! Senti-me atacada, ferida, na minha pobre irmã. Segundo dizem alguns, o sr. de Trailles teria assinado letras de câmbio no valor de cem mil francos, quase todas vencidas e pelas quais ia ser perseguido. Nessa situação extrema, minha irmã teria vendido seus diamantes a um judeu, aqueles belos diamantes que você teve ocasião de ver e que haviam pertencido à mãe de Restaud. Enfim, há dois dias só se fala nisso. Compreendo, assim, que Anastácia tenha mandado fazer um vestido de lamê e queira atrair todos os olhares, na casa da sra. de Beauséant, apresentando-se em todo o seu brilho e com os diamantes. Mas não quero ficar abaixo dela. Ela sempre procurou me esmagar, nunca foi boa para mim, embora tenha-lhe prestado tantos serviços e emprestado tanto dinheiro quando ela se viu em necessidade... Mas deixemos os outros! Hoje quero ser completamente feliz!

À uma hora da madrugada, Rastignac ainda estava na casa da sra. de Nucingen que, prodigalizando-lhe a despedida dos amantes, essas despedidas cheias de promessas de alegria, disse com uma expressão de melancolia:

— Sou tão medrosa, tão supersticiosa — pode dar aos meus sentimentos o nome que quiser — que receio pagar minha felicidade com alguma terrível catástrofe...

— Criança! — disse Eugênio.

— Ah! Eu é que sou criança, esta noite — disse ela, sorrindo.

Eugênio voltou à Casa Vauquer com a certeza de deixá-la no dia seguinte. Assim, durante o trajeto, entregou-se a esses belos sonhos que animam todos os moços quando ainda conservam sobre seus lábios o sabor da felicidade.

— Então? — perguntou-lhe o pai Goriot, quando Rastignac passou pela sua porta.

— Muito bem! — respondeu Eugênio. — Amanhã lhe contarei tudo.

— Tudo, não é? — exclamou o velho. — Vá dormir. Amanhã começaremos nossa vida feliz.

No dia seguinte, o sr. Goriot e Rastignac esperavam apenas a chegada de um carregador para partirem da pensão burguesa, quando, pelo meio-dia, o ruído de uma carruagem que parou justamente à porta da Casa Vauquer ressoou na rue Neuve-Sainte-Geneviève. A sra. de Nucingen desceu do carro e perguntou se seu pai ainda estava na pensão. Diante da resposta afirmativa de Sílvia, subiu rapidamente a escada. Eugênio estava em seu quarto sem que o vizinho o soubesse. Durante o almoço, pedira ao pai Goriot que levasse sua bagagem, dizendo-lhe que se encontrariam às quatro horas à rue d’Artois. Mas, enquanto o velho saíra para procurar carregadores, Eugênio, tendo respondido à chamada na Escola, voltara, sem que ninguém o visse, para acertar contas com a sra. Vauquer, pois não quisera incumbir disso o pai Goriot que, em seu fanatismo, teria certamente pago por ele. A dona da pensão saíra. Eugênio subiu ao quarto para ver se não se esquecera de nada e felicitou-se por ter tido essa ideia, ao ver, na gaveta da mesa, a declaração de dívida, assinada em favor de Vautrin, que displicentemente deixara lá quando a saldou. Como não tivesse fogo aceso, ia rasgá-la em pedacinhos quando, reconhecendo a voz de Delfina, evitou fazer ruído e deteve-se para ouvi-la, achando que ela não devia ter nenhum segredo para ele. E desde as primeiras palavras achou a conversa entre o pai e a filha demasiado interessante para que se privasse de escutá-la.

— Ah! meu pai — disse ela. — Queira Deus que o senhor tenha tido a ideia de pedir explicações sobre a minha fortuna com tempo suficiente para que eu não fique arruinada! Posso falar?

— Sim. A casa está vazia — disse o pai Goriot com a voz alterada.

— Que tem, meu pai? — perguntou a sra. de Nucingen.

— Acabas de dar-me um golpe terrível — respondeu o velho. — Deus te perdoe, minha filha! Não sabes quanto te amo. Se o soubesses, não me terias dito bruscamente uma coisa dessas, principalmente não havendo, como não há, nada de desesperador. Que aconteceu de tão urgente, então, para que venhas me procurar aqui, sabendo que dentro

de alguns instantes estaremos à rue d'Artois?

— Ora, meu pai, quem é que pode dominar seus primeiros impulsos numa catástrofe? Estou louca! Seu advogado nos fez descobrir um pouco mais cedo a desgraça que sem dúvida desabará mais tarde. Vamos precisar de sua antiga experiência comercial e corri para o senhor como a gente se agarra a um galho quando se está afogando. Quando o sr. Derville viu o sr. de Nucingen opor-lhe uma infinidade de trapaças, ameaçou-o de processo, dizendo-lhe que a autorização do presidente do tribunal seria rapidamente conseguida. Nucingen veio esta manhã ao meu quarto perguntar-me se eu queria sua ruína e a minha. Respondi-lhe que nada sabia do que se passava, que tinha uma fortuna que devia estar em meu poder e que tudo quanto se relacionava com essa questão estava confiado ao meu advogado, pois eu ignorava tudo e não podia entender nada do assunto. Não foi isso que o sr. me recomendou que eu dissesse?

— Isso mesmo — respondeu o pai Goriot.

— Então — continuou Delfina — ele me pôs a par de seus negócios. Empregou seu capital e o meu em empresas apenas começadas e para as quais foi necessário despender grandes quantias. Se eu o obrigasse a exibir meu dote, ele seria forçado a requerer falência. Ao passo que se eu quiser esperar um ano, ele se compromete, sob palavra de honra, a restituir-me uma soma duas ou três vezes superior a meu dote, empregando-o em operações territoriais, no fim das quais eu entraria na posse de todos os meus bens. Meu querido pai, ele falava com sinceridade e me assustou. Pediu-me perdão por sua conduta, concedeu-me liberdade, permitiu que eu me conduzisse como quisesse, sob a condição de que o autorize a gerir os negócios sob meu nome. Prometeu-me, para provar sua boa-fé, chamar o sr. Derville sempre que eu quisesse, para julgar se os atos, em virtude dos quais ele me instituiria proprietária, estavam convenientemente redigidos. Numa palavra, entregou-se-me de mãos e pés atados. Pediu-me ainda a direção da casa durante dois anos e suplicou-me que não gaste comigo mais do que o que ele estipular. Provou-me que tudo quanto ele podia fazer era conservar as aparências, que mandara embora a bailarina e que seria forçado à mais estrita, à mais rigorosa economia, para poder

chegar ao termo de suas especulações sem alterar o crédito. Tratei-o rudemente, duvidei de tudo o que me disse, a fim de obrigá-lo a contar tudo e de saber ainda mais: ele me mostrou os livros e, por fim, chorou. Nunca tinha visto um homem em tal situação. Ele perdera a cabeça, falava em matar-se, delirava. Deu-me pena.

— E acreditas nesses fingimentos?! — exclamou o pai Goriot. — Ele é um farsante! Tenho encontrado alemães em negócios: são quase todos de muita boa-fé, cheios de candura; mas, quando, com sua aparência de franqueza e de simplicidade, se metem a astutos e impostores, eles o são mais ainda que os outros. Teu marido está abusando de ti. Sente-se apertado, finge-se de morto. Quer ficar mais senhor de tudo em teu nome do que o é no dele. Vai aproveitar-se dessa circunstância para colocar-se ao abrigo dos azares de seu comércio. É tão astuto como pérfido. É um malandro. Não, não, não hei de morrer deixando minhas filhas na miséria. Ainda entendo um pouco de negócios. Diz ele que empregou seu capital em empresas; pois bem, sua parte nesses negócios deve estar representada por valores, documentos, tratados! Pois ele que os mostre e liquide as contas contigo. Escolheremos os melhores negócios, correremos os riscos e teremos os títulos de reconhecimento em nome de *Delfina Goriot*, *esposa separada*, *quanto aos bens*, *do barão de Nucingen*. Será que ele nos está tomando por imbecis? Pensa que suportarei durante dois dias a ideia de deixar-te sem dinheiro, sem pão? Eu não a suportaria nem um dia, nem uma noite, nem duas horas! Se isso acontecesse, eu não sobreviveria. Ora essa! Então eu teria trabalhado durante quarenta anos de minha vida, carregando sacos nas costas, suando em bicas, privando-me a vida inteira por vós, meus anjos, que me tornastes leves todos os trabalhos, todos os fardos, para agora ver minha fortuna, minha existência se perderem como fumaça? Isso me faria morrer furioso. Por tudo quanto há de mais sagrado na terra e no céu, vamos tirar isso a limpo, verificar os livros, a caixa, as empresas! Não durmo, não me deito nem como, enquanto não tiver provas de que tua fortuna está intacta. Graças a Deus casaste com separação de bens. Terás como advogado o sr. Derville, que, felizmente, é um homem honesto. Palavra de honra! Hás de conservar teu bom milhãozinho,

teus cinquenta mil francos de renda, até o fim de teus dias, ou farei em Paris um barulho dos diabos, ah, ah! Recorrerei às Câmaras, se os tribunais nos prejudicarem. Saber-te tranquila e feliz no que se refere ao dinheiro foi sempre um pensamento que abrandou todos os meus males e acalmou todos os meus sofrimentos. O dinheiro é a vida. O dinheiro faz tudo! Que é que nos diz esse gordo e estúpido alsaciano? Delfina, não faças a mínima concessão a esse animal que te aprisionou e te tornou infeliz. Se ele precisar de ti, nós o traremos de rédea curta e o faremos andar direito. Meu Deus! Estou com a cabeça em fogo, tenho no crânio alguma coisa que me queima. Minha Delfina na miséria! Oh! Minha Fifina, tu! Arre! Onde estão minhas luvas? Vamos sair! Quero ver tudo, os livros, os negócios, a caixa, a correspondência, agora mesmo! Não ficarei calmo enquanto não me for provado que tua fortuna não corre mais riscos e enquanto não a tiver visto com meus próprios olhos.

— Querido pai, seja prudente...! Se o senhor puser a menor veleidade de vingança nesse negócio e mostrar intenções muito hostis, estarei perdida. Ele o conhece, achou muito natural que, a conselho seu, eu me preocupasse com a minha fortuna, mas juro que ele a guarda consigo e sempre quis guardá-la. Ele é capaz de fugir com todo o dinheiro e nos deixar aqui, o celerado! Sabe muito bem que eu não o perseguiria para não desonrar o nome que uso. Ele está ao mesmo tempo forte e fraco. Examinei tudo muito bem. Se o forçarmos a esses extremos, serei arruinada.

— Então ele é um ladrão?

— Pois é isso mesmo, meu pai — disse, atirando-se a uma cadeira, chorando. — Eu não queria confessá-lo, para poupar-lhe o desgosto de saber que me casou com um homem dessa espécie! Hábitos secretos e caráter, a alma e o corpo, tudo nele se harmoniza! É espantoso! Odeio-o e desprezo-o. Sim, não posso mais estimar esse vil Nucingen depois do que ele me disse. Um homem capaz de meter-se nos conchavos comerciais de que me falou não pode ter a mínima delicadeza, e meus temores provêm do que li perfeitamente em sua alma. Propôs-me claramente, ele, meu marido, a liberdade — sabe o senhor o que isso significa? — se eu quisesse ser, em caso de dificuldade, um instrumento

em suas mãos, enfim, se eu quisesse servir-lhe de testa de ferro.

— Mas as leis estão aí mesmo! Há uma Place de Grève para os genros dessa espécie! — exclamou o pai Goriot. — Eu mesmo o guilhotinaria, se não houvesse carrasco.

— Não, meu pai, não há leis contra ele. Ouça, em duas palavras, sua linguagem, despida dos circunlóquios com que ele a envolveu: ou tudo está perdido e neste caso não tens mais nada, estás arruinada, porque eu não poderia escolher por cúmplice outra pessoa; ou me deixarás dirigir com êxito minhas empresas. Está claro? Ele conta comigo. Minha probidade de mulher o tranquiliza. Sabe que eu lhe deixarei sua fortuna e me contentarei com a minha. É uma sociedade ímproba e ladra, com a qual devo concordar sob pena de ficar na miséria. Ele compra minha consciência e a paga, deixando-me ser livremente mulher de Eugênio. Permito que cometas faltas, deixa-me praticar crimes arruinando os pobres! Esta linguagem está bem clara? Sabe o senhor o que é que ele chama fazer operações? Compra terrenos baldios em seu nome e depois faz construir neles casas para indivíduos que são seus testas de ferro. Estes concluem as negociações sobre as construções com os empreiteiros, a quem pagam com letras de câmbio a longo prazo, e consentem, mediante uma pequena quantia, a dar quitação a meu marido, que então se torna proprietário das casas. Enquanto isso, os testas de ferro liquidam seus negócios com os empreiteiros por meio de uma falência. O nome da casa de Nucingen tem servido para engambelar os pobres construtores. Compreendi isso. Compreendi, também, que para comprovar, em caso de necessidade, o pagamento de somas enormes, Nucingen enviou consideráveis quantias para Amsterdã, Londres, Nápoles e Viena. Como os apanharemos?

Eugênio ouviu o som pesado dos joelhos do pai Goriot, que, sem dúvida, caíra sobre o assoalho do quarto.

— Meu Deus, que te fiz? Minha filha nas mãos desse miserável! Ele exigirá tudo dela, se quiser! Perdão, minha filha! — exclamou o velho.

— Sim, se estou num abismo, talvez seja por culpa sua — disse Delfina. — Somos tão ignorantes quando nos casamos! Acaso conhecemos a sociedade, os negócios, os homens, os costumes? Os pais

deveriam pensar por nós. Querido pai, não lhe censuro nada. Perdoe-me esta expressão! Nisto, a culpa foi inteiramente minha. Não, não chore, papai! — disse, beijando-lhe a fronte.

— Não chores tu também, minha Delphinette! Dá-me teus olhos para que eu os enxugue beijando-os. Não há de ser nada! Vou recuperar minha cabeça e deslindar essa atrapalhada de negócios que teu marido fez.

— Não, deixe-me fazê-lo. Saberei manobrá-lo. Como ele me ama, aproveitarei o meu domínio sobre ele para fazer com que empregue imediatamente algum dinheiro em propriedades. Talvez consiga que ele torne a comprar, em meu nome, a propriedade de Nucingen, na Alsácia, de que ele gosta muito. Mas vá somente amanhã examinar os livros e os negócios. O sr. Derville nada sabe do que é comercial... Não, não vá amanhã. Não quero envenenar meu sangue. O baile da sra. de Beauséant se realizará depois de amanhã e quero cuidar-me para aparecer bonita e descansada, para honrar meu querido Eugênio... Vamos ver o quarto dele.

Nesse momento, um carro parou na rue Neuve-Sainte-Geneviève e ouviu-se na escada a voz da sra. de Restaud, que perguntava a·Sílvia:

— Meu pai está?

Essa circunstância salvou felizmente Eugênio, que já pensava em atirar-se na cama e fingir que estava dormindo.

— Ah! Meu pai, falaram-lhe na Anastácia? — disse Delfina, reconhecendo a voz da irmã. — Parece que também estão acontecendo coisas estranhas com seu casamento.

— Que é? — perguntou o pai Goriot. — Isso seria o meu fim! Minha pobre cabeça não resistirá a uma dupla desgraça.

— Bom dia, meu pai — disse a condessa entrando. — Ah! Estás aqui, Delfina?

A sra. de Restaud pareceu contrariada por encontrar a irmã.

— Bom dia, Anastácia. — disse a baronesa. — Estranhas a minha presença? Visito meu pai todos os dias.

— Desde quando?

— Se viesses aqui, saberias.

— Não me aborreças, Delfina — disse a condessa, com uma voz

lastimosa. — Sou muito infeliz, estou perdida, meu pobre pai! Sim, completamente perdida desta vez!

— Que tens, Nacinha? — perguntou o pai Goriot. — Conta-nos tudo, minha filha. — Empalideceu. — Vamos, Delfina, socorre-a, sê boa para ela e eu te amarei ainda mais, se isso for possível!

— Pobre Anastácia — disse a sra. de Nucingen, acomodando-a numa cadeira. — Fala. Nós dois somos as únicas pessoas que te amarão sempre bastante para perdoar-te tudo. Olha, as afeições de família são as mais sinceras.

Deu-lhe sais para cheirar e a condessa recuperou os sentidos.

— Isso me mata! — disse o pai Goriot. — Vamos — disse, remexendo o fogo —, aproximem-se. Estou com frio. Que tens, Nastácia? Conta logo. Assim me matas...

— Pois bem — disse a pobre mulher —, meu marido sabe tudo. O senhor se lembra daquela letra de câmbio de Máximo? Não foi a primeira. Eu já pagara muitas. No começo de janeiro, o sr. de Trailles pareceu-me muito triste. Não me dizia nada, mas é muito fácil ler no coração daqueles que amamos, basta um nada: e, além disso, sempre temos pressentimentos. Ele estava mais apaixonado, mais terno do que nunca, e eu me sentia cada vez mais feliz. Pobre Máximo! Em pensamento, despedia-se de mim, segundo disse. Queria suicidar-se. Finalmente, insisti tanto, supliquei tanto, durante duas horas ajoelhada diante dele, que ele acabou por confessar que devia cem mil francos! Oh, papai, cem mil francos! Fiquei como louca. O senhor não tinha mais dinheiro, eu gastara tudo...

— É verdade — disse o pai Goriot —, eu não poderia consegui-los, a menos que fosse roubar. Mas eu o faria, Nastácia! Eu iria!

Ao ouvirem essa frase lugubremente pronunciada como o estertor de um moribundo, e que denunciava a agonia do sentimento paternal reduzido à impotência, as duas irmãs fizeram uma pausa. Que egoísmo poderia permanecer indiferente a este clamor de desespero que, como uma pedra lançada num abismo, revelava sua profundidade?

— Pois eu os consegui, lançando mão do que não me pertencia, meu pai — disse a condessa, desfazendo-se em lágrimas.

Delfina comoveu-se e chorou, deitando a cabeça sobre o colo da

irmã.

— Então tudo é verdade? — perguntou-lhe.

Anastácia baixou a cabeça. A sra. de Nucingen abraçou-a, beijou-a meigamente e, apoiando-a sobre seu coração:

— Aqui, serás amada sempre sem ser julgada — disse.

— Meus anjos — disse Goriot com uma voz débil —, foi necessária uma desgraça para que vos tornásseis amigas...

— Para salvar a vida de Máximo, isto é, para salvar toda a minha felicidade — acrescentou a condessa, encorajada por esses testemunhos de uma ternura calorosa e palpitante —, levei à casa daquele agiota que vocês conhecem, um homem fabricado pelo inferno, a quem nada pode comover, aquele sr. Gobseck, os diamantes de família de que Restaud tanto gostava, os seus, os meus, tudo, eu os vendi. Vendi! Compreendem? Ele está salvo, mas estou morta. O sr. de Restaud soube de tudo.[137]

— Por quem? Como? Eu o mato! — exclamou o pai Goriot.

— Ontem, ele me chamou a seu quarto. Fui lá... “Anastácia”, disse-me, com uma voz... (Oh! Sua voz bastou, compreendi tudo), “onde estão teus diamantes?” “No meu quarto.” “Não”, disse-me ele, encarando-me. “Estão em cima da minha cômoda.” E mostrou-me o cofre, que cobrira com um lenço. “Sabes de onde vieram?”, disse-me. Caí a seus pés... chorei, perguntei-lhe de que morte ele queria ver-me morrer.

— Disseste isso! — exclamou o pai Goriot. — Pelo santo nome de Deus, quem fizer mal a qualquer uma de vós, pode ficar certo, enquanto eu for vivo, de que o queimarei em fogo lento! Sim, eu o cortarei em pedacinhos, como...

O pai Goriot calou-se, as palavras morriam-lhe na garganta.

— Enfim, querida, ele me pediu uma coisa mais difícil do que morrer. Que Deus livre todas as mulheres de ouvir o que eu ouvi!

— Assassinarei este homem — disse o pai Goriot, tranquilamente. — Mas ele tem somente uma vida e me deve duas. Mas, enfim, que foi que disse? — perguntou, fitando Anastácia.

— Pois bem — disse a condessa, continuando —, depois de uma pausa, ele me fitou: “Anastácia”, disse-me. “Sepultarei tudo isso no

silêncio, ficaremos juntos, pois temos filhos. Não matarei o sr. de Trailles. Poderia errar o alvo e, para desfazer-me dele por outro modo, talvez ofendesse a justiça humana. Matá-lo em teus braços seria desonrar os filhos. Mas, para não veres morrerem teus filhos, nem seu pai, nem a mim, imponho-te duas condições. Responde: tenho um filho?" Respondi que sim. "Qual é?", perguntou. "Ernesto, nosso primogênito." "Muito bem", disse. "E agora, jura que me obedecerás de hoje em diante num único ponto?" Jurei. "Pois bem, aprovarás a venda de teus bens quando eu te pedir."

— Não aproves! — exclamou o pai Goriot —, não aproves isso nunca. Ah! Ah! Sr. de Restaud, não sabes como é que se faz feliz uma mulher, ela vai procurar a felicidade onde pode encontrá-la e queres castigá-la por tua tola impotência...? Alto lá, estou aqui! Hás de encontrar-me em teu caminho. Nastácia, fica descansada. Ah! Ele ama seu herdeirozinho! Bom, bom. Eu lhe arrancarei o filho, que também é meu neto. Posso visitar o pequerrucho! Levo-o para minha aldeia e cuidarei dele, pode ficar tranquilo. Farei esse monstro capitular, dizendo-lhe: "Agora é comigo! Se queres teu filho, devolve à minha filha seus bens e deixa-a conduzir-se livremente".

— Meu pai!

— Sim, teu pai! Ah, sou um verdadeiro pai! Que esse patife de grão-senhor não maltrate minhas filhas. Arre! Já não sei o que tenho nas veias. Deve ser sangue de tigre, pois sinto vontade de devorar esses dois homens. Oh, minhas filhas! Então é essa a vossa vida? Mas isso é a minha morte... Que será de vós quando eu morrer? Os pais deveriam viver tanto quanto os filhos. Meu Deus! Como está mal organizado o teu mundo! E, no entanto, tens um filho, segundo dizem. Devias impedir que sofrêssemos nos nossos filhos. Meus anjos queridos! É somente às vossas dores que devo vossa presença. Não me dais a conhecer senão vossas lágrimas. Pois bem, sim, vós me amais, estou vendo. Vinde, vinde queixar-vos aqui! Meu coração é grande e pode receber tudo... Sim, mesmo que o despedaçásseis, seus retalhos ainda seriam corações de pai. Quisera tomar para mim as vossas penas, sofrer por vós... Ah! Quando pequeninas, éreis bem felizes...

— Foi a única época boa que tivemos — disse Delfina. — Onde estão

os momentos em que rolávamos de cima dos sacos, no grande celeiro?

— Meu pai, isso não é tudo — disse Anastácia ao ouvido de Goriot, que deu um salto. — Os diamantes não foram vendidos por cem mil francos. Máximo está sendo perseguido. Ainda temos que pagar doze mil francos. Ele me prometeu ser ajuizado, não jogar mais. Nada mais me resta no mundo além do seu amor e eu o paguei tão caro que morreria se ele me fugisse. Sacrifiquei por ele fortuna, honra, descanso, filhos. Oh! Faça pelo menos com que Máximo fique livre, honrado, e possa continuar na sociedade, onde há de conquistar uma posição. Agora, não é só a felicidade que ele me deve, pois temos filhos que ficariam na miséria. Tudo estará perdido se ele for preso.

— Não tenho dinheiro, Nastácia! Nada mais! Nada mais! Isto é o fim do mundo. Oh! O mundo vai desabar, garanto. Saí, salvai-vos enquanto é tempo. Ah! Ainda tenho minhas fivelas de prata e seis talheres, os primeiros que tive na vida. Enfim, tenho apenas mil e duzentos francos de renda vitalícia.

— O que fez de suas rendas perpétuas?

— Vendi-as, reservando-me este pequeno rendimento para minhas necessidades. Precisei de doze mil francos para arranjar um apartamento para Fifina.

— Em tua casa, Delfina? — perguntou a sra. Restaud à irmã.

— E que tem isso? — replicou o pai Goriot. — Os doze mil francos estão empregados.

— Percebo — disse a condessa. — É para o sr. de Rastignac. Ah! Minha pobre Delfina, detém-te enquanto é tempo. Estás vendo a que ponto cheguei?

— Minha querida, o sr. de Rastignac é um rapaz incapaz de arruinar a amante.

— Obrigada, Delfina...! Na crise em que me encontro, esperava coisa melhor de ti. Mas nunca me estimaste.

— Sim, ela te estima, Nastácia! — exclamou o pai Goriot. — Agora mesmo estava dizendo isso. Falávamos de ti e ela afirmava que és bela, enquanto ela é apenas bonita!

— Sim — disse a condessa —, ela tem uma beleza fria.

— Mesmo que fosse assim — disse Delfina, corando —, como foi que

te comportaste comigo? Renegaste-me, fizeste com que se fechassem para mim as portas de todas as casas onde eu desejava ir, enfim nunca perdeste a menor ocasião de me prejudicar. E acaso vim, como tu, arrancar deste pobre pai mil francos em cima de mil francos, toda a sua fortuna, e reduzi-lo ao que hoje é? Eis tua obra, minha irmã. Quanto a mim, visitei meu pobre pai sempre que pude, não o pus para fora de casa e não vim lamber-lhe as mãos quando precisei dele. Nem mesmo sabia que ele empregara esses doze mil francos por mim. E tenho como pagá-los, bem sabes! Além disso, quando papai me dá presentes, não é porque eu os tenha pedido.

— Foste mais feliz do que eu: o sr. de Marsay era rico, sabias disso. Sempre foste vil como o dinheiro, interesseira... Adeus! Não tenho irmã nem...

— Cala-te, Nastácia! — exclamou o pai Goriot.

— Só mesmo uma irmã como tu poderia repetir uma coisa em que ninguém mais acredita! És um monstro! — disse Delfina.

— Minhas filhas, minhas filhas! Calai-vos ou eu me mato diante de vós!

— Está bem, Nastácia. Perdoo-te — disse a sra. de Nucingen, continuando —, és uma desgraçada. Sou melhor do que tu. Vens me dizer uma coisa dessas no momento em que eu me sentia capaz de tudo para socorrer-te, mesmo de entrar no quarto de meu marido, coisa que eu nunca faria nem por mim nem por... Isso fica à altura de todo o mal que me fizeste nesses nove anos.

— Minhas filhas, minhas filhas, abraçai-vos! — disse o pai Goriot. — Sois dois anjos.

— Não, deixe-me — exclamou a condessa, repelindo Goriot, que a tomara pelo braço e queria abraçá-la. — Ela tem menos piedade de mim do que meu marido. Não se diria que ela é a imagem de todas as virtudes?

— Prefiro que digam que devo dinheiro ao sr. de Marsay a confessar que o sr. de Trailles me custa mais de duzentos mil francos — respondeu a sra. de Nucingen.

— Delfina! — exclamou a condessa, avançando em sua direção.

— Digo-te a verdade, em troca de tuas calúnias — respondeu

friamente a baronesa.

— Delfina! És uma...

O pai Goriot correu, segurou a condessa e impediu-a de falar, cobrindo-lhe a boca com a mão.

— Meu Deus! Meu pai, onde andou metendo as mãos esta manhã? — perguntou Anastácia.

— Oh! Desculpa-me, fiz mal — disse o pobre pai, limpando as mãos nas calças. — Eu não sabia que viríeis. Estou de mudança.

Sentia-se feliz por se ter atraído uma censura, que desviava para si a cólera da filha.

— Ah! — suspirou, sentando-se. — Partiste-me o coração. Morro, minhas filhas! O crânio me ferve por dentro como se tivesse fogo. Sede boazinhas, sede amigas uma da outra! Senão eu morro. Delfina, Nastácia, vamos, as duas têm e não têm razão. Vamos ver, Dedel — acrescentou, fixando na baronesa os olhos cheios de lágrimas —, ela precisa de doze mil francos. Vamos procurá-los. Não vos olheis desse modo.

Ajoelhou-se diante de Delfina.

— Pede-lhe perdão, para dar-me uma alegria — disse-lhe ao ouvido. — Ela é a mais infeliz, anda!

— Pobre Nastácia — disse Delfina assustada com a expressão louca e selvagem que o sofrimento imprimia ao rosto do pai —, andei mal, abraça-me...

— Ah! Vós me acalmais o coração! — exclamou o pai Goriot. — Mas onde encontraremos doze mil francos? Se eu me oferecesse como substituto?[138]

— Ah! Meu pai — disseram as duas filhas, cercando-o. — Isso não.

— Deus o recompensará por essa ideia, pois nossa vida não bastaria para isso, não é, Nastácia? — disse Delfina.

— E além disso, pobre pai, isso seria uma gota d'água — observou a condessa.

— Mas, então, não podemos fazer nada com o nosso sangue? — disse o velho desesperado. — Eu me consagrarei inteiramente a quem te salvar, Nastácia. Matarei um homem por ele. Farei como Vautrin, irei para a prisão, eu ...

Interrompeu-se, como se tivesse sido fulminado.

— Nada! — disse, arrancando os cabelos. — Se eu soubesse aonde ir para roubar, mas é difícil encontrar o que roubar. Além disso, precisaria de gente e de tempo para assaltar um banco. Só me resta morrer. Sim, já não presto para nada, já não sou mais pai! Ela pede, precisa! E eu, miserável, não tenho nada! Ah! Adquiriste renda vitalícia, velho celerado, tendo filhas! Então não as ama? Empanturra-te, empanturra-te como um cão que és! Sim, sou menos que um cão, pois um cão não agiria dessa maneira! Oh, minha cabeça... está fervendo!

— Mas, papai — gritaram as duas jovens mulheres, que o cercavam para impedir que ele batesse com a cabeça nas paredes —, seja razoável.

O velho soluçava. Eugênio, horrorizado, tomou a letra de câmbio assinada em favor de Vautrin e cujo selo comportava uma quantia maior. Alterou os algarismos, transformando-a numa correta letra de câmbio de doze mil francos em favor de Goriot e entrou.

— Aqui está o dinheiro, minha senhora — disse ele, apresentando-lhe o papel. — Estava dormindo. Sua conversa acordou-me e assim fiquei sabendo quanto eu devia ao sr. Goriot. Aqui tem um título que poderá negociar. Pagarei pontualmente.

A condessa permaneceu imóvel, com o papel na mão.

— Delfina — disse, pálida e trêmula de cólera, de furor, de raiva —, eu te perdoaria tudo, Deus é testemunha. Mas isto! Este senhor estava aqui, tu o sabias! E tiveste a baixeza de vingar-te, deixando-me revelar-lhe meus segredos, minha vida e a de meus filhos, minha vergonha, minha honra! Some-te daqui! Não és mais nada para mim. Odeio-te, hei de causar-te o maior mal possível... e...

A cólera cortou-lhe a palavra. Tinha a garganta seca.

— Mas Eugênio é meu filho, nosso filho, teu irmão, teu salvador! — exclamou o pai Goriot. — Abraça-o, Nastácia! Olha, eu o abraço — acrescentou, abraçando Eugênio com furor.— Oh, meu filho! Serei mais que um pai para ti. Quero ser uma família inteira. Quisera ser Deus, para arrojar o universo a teus pés. Beija-o, Nastácia. Ele não é um homem, é um anjo, um verdadeiro anjo.

— Deixe-a, papai. Ela agora está louca — disse Delfina.

— Louca! Louca! E tu, que és? — perguntou a sra. de Restaud.

— Minhas filhas, morro se isso continuar — exclamou o velho, caindo sobre o leito, como se tivesse sido atingido por uma bala. — Elas me matam! — disse para si mesmo.

A condessa voltou os olhos para Eugênio, que permaneceu imóvel, aturdido pela violência da cena.

— O senhor...? — disse ela, interrogando-o com um gesto, a voz e o olhar, sem prestar atenção ao pai, cujo colete foi rapidamente desabotoado por Delfina.

— Minha senhora, pagarei e silenciarei — respondeu, sem esperar a pergunta.

— Mataste papai, Nastácia — disse Delfina, mostrando o pai desmaiado à irmã que se retirou.

— Perdoo-lhe completamente — disse o velho, abrindo os olhos. — Sua situação é terrível e transtornaria mesmo uma cabeça mais forte. Consola Nastácia, sê boa para ela, promete-o a teu pai, que está morrendo — pediu a Delfina, apertando-lhe a mão.

— Mas, que tem? — perguntou ela, assustada.

— Nada, nada — respondeu o velho. — Isso passa. Tenho uma coisa que me aperta a cabeça, uma enxaqueca... Pobre Nastácia, que futuro!

A condessa voltou ao quarto e atirou-se aos pés do pai.

— Perdão! — exclamou.

— Levanta-te — disse o pai Goriot. — Causas-me maior mal assim.

— Meu senhor — disse a condessa a Rastignac, com os olhos cheios de lágrimas —, a dor tornou-me injusta. O senhor será um irmão para mim? — acrescentou, estendendo-lhe a mão.

— Nastácia — disse-lhe Delfina, abraçando-a —, minha Nastácia, esqueçamos tudo.

— Não — disse ela —, sempre me lembrarei disso!

— Meus anjos — exclamou o pai Goriot —, dissipastes a nuvem que eu tinha diante dos olhos. Vossa voz me reanima. Abraçai-vos outra vez. Então, Nastácia, esta letra de câmbio te salvará?

— Espero que sim. Uma coisa, papai, queres pôr a tua assinatura?

— Ah! É mesmo! Que idiota que fui em esquecer-me disto! É que

me senti muito mal. Nastácia, não fiques zangada por isso. Manda-me dizer que estás fora de dificuldade. Não, eu mesmo irei! Não, não irei, não posso mais ver teu marido, pois o mataria friamente. Quanto a alterar a natureza de teus bens, não tenhas medo, pois estarei lá. Vai, vai depressa, minha filha, e faze com que o sr. Máximo se torne sensato.

Eugênio estava estupefato.

— Pobre Anastácia — disse a sra. de Nucingen. — Sempre foi violenta, mas tem um bom coração.

— Ela voltou só por causa do endosso — disse Eugênio ao ouvido de Delfina.

— Acha?

— Preferia estar enganado. Desconfie dela — respondeu, erguendo os olhos como para confiar a Deus pensamentos que não ousava exprimir.

— Sim, ela sempre foi um pouco fingida, e meu pai se deixa levar por suas dissimulações.

— Como vai meu bom pai Goriot? — perguntou Rastignac ao velho.

— Estou com sono — respondeu.

Eugênio ajudou o sr. Goriot a deitar-se. E quando o velho adormeceu, segurando a mão de Delfina, a filha saiu.

— Esta noite nos Italiens — disse a Eugênio — e me dirás como vai ele. Amanhã o senhor se mudará. Vamos ver seu quarto... Oh, que horror! — exclamou ao entrar. — Mas você está pior que meu pai. Eugênio, tu te conduziste bem. Eu o amaria mais ainda se fosse possível. Mas, meu filho, se quer enriquecer, não deve atirar doze mil francos pela janela, como fez. O sr. conde de Trailles é um jogador. Minha irmã não quer ver isso. Ele deveria ter ido procurar os doze mil francos lá onde costuma perder ou ganhar montes de dinheiro.

Um gemido fê-los voltar ao quarto do pai Goriot, que parecia dormir. Mas quando os dois amantes se aproximaram, ouviram estas palavras:

— Elas não são felizes!

Dormindo ou acordado, o acento dessa frase feriu tão vivamente o coração da filha que ela se acercou do catre onde jazia o pai e beijou-o

na fronte.

Ele abriu os olhos, dizendo:

— É Delfina?

— E então, como vais? — perguntou ela.

— Bem. Não fiques preocupada. Vou sair. Podeis ir, meus filhos. Sede felizes.

Eugênio acompanhou Delfina até a casa dela, mas, inquieto com o estado em que deixara Goriot, recusou-se a jantar com ela e voltou à Casa Vauquer. Encontrou o pai Goriot de pé e pronto para sentar-se à mesa. Bianchon colocara-se de modo a poder examinar o rosto do fabricante de massas. Quando o viu pegar o pão e cheirá-lo para descobrir com que farinha fora feito, o estudante, tendo observado nesse movimento uma ausência total do que se poderia denominar de consciência do ato, fez um gesto sinistro.

— Venha cá para perto de mim, senhor interno de Cochin — disse Eugênio.

Bianchon mudou de lugar, satisfeito porque assim ficaria mais perto do antigo pensionista.

— Que tem ele? — perguntou Rastignac.

— A não ser que me engane, está liquidado! Deve ter acontecido algo de extraordinário com ele. Parece-me estar na iminência de uma apoplexia serosa. Embora a parte inferior do rosto esteja calma, os traços da parte superior estão repuxados para a fronte sem que ele o sinta. Além disso, os olhos estão nesse estado particular que denota a invasão do cérebro pelo sérum. Não parecem cheios de uma poeira fininha? Amanhã de manhã saberei melhor.

— Haverá algum remédio?

— Nenhum. Talvez se possa retardar a morte, conseguindo provocar uma reação para as extremidades, para as pernas. Mas se os sintomas não desaparecerem até amanhã à noite, o pobre homem está perdido. Sabes qual foi a causa da doença? Deve ter recebido um choque violento, que tenha feito o moral sucumbir.

— Sim — disse Eugênio, recordando-se de que as filhas haviam ferido sem trégua o coração do pai.

“Pelo menos Delfina ama o pai”, pensava.

À noite, nos Italiens, Rastignac tomou algumas precauções para não alarmar a sra. de Nucingen.

— Não se preocupe — respondeu ela às primeiras palavras de Eugênio —, papai é forte. Apenas o agitamos um pouco esta manhã. Nossas fortunas estão ameaçadas. Já pensou na extensão dessa desgraça? Eu já não estaria viva se sua afeição não me tivesse tornado insensível ao que até então considerei como angústias mortais. Hoje só há um receio, uma única desgraça, para mim: é perder o amor que me fez sentir o prazer de viver. Fora deste sentimento, tudo me é indiferente, não prezo mais nada neste mundo. Você é tudo para mim. Se sinto a ventura de ser rica, é para melhor agradar-lhe. Sou, para minha vergonha, mais amante do que filha. Por que isso? Não sei. Toda a minha vida está em você. Meu pai deu-me um coração, mas você o fez pulsar. Que me importa que o mundo me censure, se você, que não tem o direito de me querer mal por isso, me perdoa os crimes a que um sentimento irresistível me condena? Acha que sou uma filha desnaturada? Oh, não! É impossível não amar um pai tão bom como o nosso. Como poderia eu impedir que ele assistisse às consequências naturais de nossos deploráveis casamentos? Por que não os impediu? Não tinha a obrigação de pensar por nós? Sei que agora sofre tanto quanto nós. Mas que poderemos fazer? Consolá-lo! Não o consolaríamos de nada. Nossa resignação lhe causaria mais dor do que nossas censuras e nossa queixas. Há situações na vida em que tudo é amargura.

Eugênio permaneceu em silêncio, cheio de ternura pela confissão ingênua de um sentimento sincero. Se as parisienses são muitas vezes falsas, ébrias de vaidade, egoístas, faceiras, frias, é certo que, quando amam realmente, sacrificam mais sentimentos que as outras por suas paixões. Engrandecem-se através de todas as suas mesquinhezas e tornam-se sublimes. Além disso, Eugênio surpreendera-se com o espírito profundo e judicioso que a mulher emprega para julgar os sentimentos mais naturais, quando uma afeição privilegiada a separa deles, colocando-a à distância. A sra. de Nucingen sentiu-se chocada com o silêncio de Eugênio.

— Em que está pensando? — perguntou-lhe.

— Ainda estou ouvindo o que me disse. Até agora, sempre pensei que a amasse mais do que você me ama.

Ela sorriu e armou-se contra o prazer que experimentou, para poder manter a palestra nos limites impostos pelas conveniências. Nunca ouvira as expressões brilhantes de um amor jovem e sincero. Com mais algumas palavras, não se teria contido.

— Eugênio — disse, mudando de assunto —, então não sabe o que há? Paris inteira estará amanhã na casa da sra. de Beauséant. Os Rochefide e o marquês d'Ajuda arranjaram as coisas de modo que nada transpire; mas, amanhã, o rei assinará o contrato de casamento e sua pobre prima ainda não sabe de nada. Ela não poderá adiar a festa e o sr. d'Ajuda não comparecerá. É só no que se fala.

— E o povo ri de uma infâmia dessas e ainda a prestigia! Não sabe que isso matará a sra. de Beauséant?

— Não — disse Delfina sorrindo. — Você não conhece essa espécie de mulheres. Mas Paris inteira irá à sua casa e eu também! E é a você que devo essa ventura.

— Ora — disse Rastignac —, não será um desses boatos absurdos tão comuns em Paris?

— Saberemos a verdade amanhã.

Eugênio não voltou à Casa Vauquer. Não pôde resolver-se a deixar de desfrutar o novo apartamento. Se, na véspera, fora obrigado a deixar Delfina à uma da madrugada, dessa vez foi Delfina que o deixou às duas horas, para voltar para casa. Eugênio dormiu no dia seguinte até muito tarde e esperou ao meio-dia a sra. de Nucingen, que foi almoçar com ele. Os moços são tão ávidos dessas encantadoras alegrias que ele quase esquecera o pai Goriot. Foi uma longa festa, para ele, habituar-se a cada uma daquelas coisas elegantes que lhe pertenciam. A sra. de Nucingen estava lá, dando realce a tudo. Pelas quatro horas, entretanto, os dois amantes pensaram no pai Goriot, falando na felicidade que ele se permitia indo morar naquela casa. Eugênio observou que seria necessário transportar imediatamente o velho, se estivesse doente, e deixou Delfina para correr à Casa Vauquer. Nem o pai Goriot nem Bianchon estavam à mesa.

— Sim senhor! — disse o pintor. — O pai Goriot está mal. Bianchon

está lá em cima, junto dele. O velho viu uma das filhas, a condessa de Restorama. Depois, ele quis sair e a doença piorou. A sociedade vai ficar privada de um de seus mais belos ornamentos.

Rastignac encaminhou-se rapidamente para a escada.

— Hé! Sr. Eugênio.

— Sr. Eugênio! A patroa está chamando — gritou Sílvia.

— Meu senhor — disse a viúva. — O sr. Goriot e o senhor deviam sair em 15 de fevereiro. Já se passaram três dias, pois estamos em 18. Precisam pagar-me um mês pelo senhor e por ele. Mas, se garantir pelo sr. Goriot, sua palavra será suficiente.

— Por quê? Não tem confiança?

— Confiança! Se o velho perdesse a cabeça e morresse, suas filhas não me dariam coisa alguma e seus trastes não valem dez francos. Esta manhã levou embora os últimos talheres, não sei por quê. Vestiu-se como um rapaz. Deus que me perdoe, mas acho que pintou o rosto. Parecia um moço.

— Respondo por tudo — disse Eugênio, estremecendo de horror e pressentindo uma catástrofe.

Subiu ao quarto do pai Goriot. O ancião jazia no leito e Bianchon estava ao seu lado.

— Bom dia, pai — disse-lhe Eugênio.

O velho sorriu-lhe docemente e respondeu voltando para ele os olhos vidrados:

— Como vai ela?

— Bem. E o senhor?

— Nada mal.

— Não o canses — disse Bianchon, levando o estudante para um canto do quarto.

— Então? — perguntou Rastignac.

— Só um milagre poderá salvá-lo. Deu-se a congestão serosa. Está com sinapismos e felizmente ainda os sente, o que mostra que estão agindo.

— Pode-se transportá-lo?

— Impossível. É preciso deixá-lo aqui e poupar-lhe qualquer esforço físico e qualquer emoção...

— Meu bom Bianchon, cuidaremos dele juntos.

— Já chamei o diretor do meu hospital.

— E então?

— Amanhã dará sua opinião. Prometeu vir depois do serviço. Infelizmente, o idiota cometeu uma imprudência da qual não quer dar explicações. É cabeçudo como uma mula. Quando falo com ele, finge não ouvir e dorme para não responder; ou então, se está com os olhos abertos, põe-se a gemer. Saiu esta manhã, andou a pé por Paris, não se sabe onde. Levou tudo quanto possuía de valioso, foi fazer algum negócio danado, em que ultrapassou as forças. Uma das filhas veio aqui.

— A condessa? — perguntou Eugênio. — Uma morena alta, de olhar vivo, pés belos e cintura flexível?

— Essa mesma.

— Deixe-me um momento a sós com ele — disse Rastignac. — Vou ouvi-lo em confissão, ele me contará tudo.

— Enquanto isso, vou jantar. Trate de não agitá-lo. Ainda temos alguma esperança.

— Pode ficar tranquilo.

— Amanhã elas se divertirão bastante — disse o pai Goriot a Eugênio, quando ficaram a sós. — Vão a um grande baile.

— Que fez esta manhã, papai, para estar agora tão doente que precisa ficar na cama?

— Nada.

— Anastácia veio aqui? — perguntou Rastignac.

— Sim — respondeu o pai Goriot.

— Muito bem, não me esconda nada. Que foi que ela ainda lhe pediu?

— Ah! — replicou, reunindo as forças para falar. — Sentia-se muito infeliz, a minha filha! Nastácia não tem mais nada desde o caso dos diamantes. Encomendara, para o baile, um vestido de lamê que deve sentar-lhe como uma joia. A costureira, uma infame, não quis fiar e a criada pagou mil francos por conta do vestido. Pobre Nastácia, a que ponto chegou! Isso despedaçou-me o coração. A criada, vendo Restaud retirar toda a confiança a Nastácia, ficou com medo de perder o

dinheiro e convenceu a costureira de não entregar o vestido enquanto não lhe fossem restituídos os mil francos. O baile é amanhã, o vestido está pronto e Nastácia está desesperada. Pediu-me emprestados os talheres para empenhá-los. O marido quer que ela vá ao baile para mostrar a Paris inteira os diamantes que dizem que ela vendeu. Pode ela dizer àquele monstro: “Devo dois mil francos, paga-os”? Não. Compreendi tudo. Sua irmã Delfina irá com um vestido magnífico. Anastácia não pode ficar atrás da irmã mais moça. Estava banhada em lágrimas, minha pobre filha! Fiquei tão humilhado por não ter doze mil francos ontem que daria o resto da minha miserável vida para corrigir esse erro. Você sabe, tive forças para suportar tudo. Mas essa última falta de dinheiro despedaçou-me o coração. Oh! Oh! Não hesitei um momento. Vesti a melhor roupa, enfeitei-me e fui vender por seiscentos francos os talheres e as fivelas. Depois, empenhei por um ano meu título de renda vitalícia, por quatrocentos francos, ao papai Gobseck. Ora, comerei somente pão! Isso me bastava, quando era moço, e posso tornar a fazê-lo. Pelo menos, minha Nastácia terá uma bela noitada. Irá toda elegante. Estou com a nota de mil francos debaixo do travesseiro. Como me reconforta ter sob a cabeça aquilo que vai dar prazer a minha pobre Nastácia. Ela poderá despedir sua má Vitória. Onde é que se viu criados não terem confiança nos patrões? Amanhã, estarei bem. Nastácia virá às dez horas. Não quero que pensem que estou doente, senão elas não iriam ao baile, ficariam cuidando de mim. Amanhã, Nastácia me abraçará como a um filho, suas carícias me curarão. De qualquer forma, não teria de gastar mil francos na farmácia? Prefiro dá-los ao meu Cura-Tudo, a minha Nastácia. Pelo menos, eu a consolarei na sua miséria. Isso me absolve da falta de ter empregado o dinheiro em renda vitalícia. Ela está no fundo de um abismo e não me sinto bastante forte para tirá-la de lá. Oh! Vou voltar ao comércio. Irei a Odessa comprar cereais. O trigo de lá custa três vezes menos que o nosso. Se é verdade que a importação de cereais está proibida, os indivíduos que fazem as leis não se lembraram de proibir a entrada dos artigos fabricados com trigo. Eh! Eh! Fui eu que descobri isso esta manhã! Há negócios formidáveis para fazer com o amido.

“Está louco”, pensou Eugênio, olhando para o velho. “Fique quieto, não fale...”

Eugênio desceu para jantar quando Bianchon subiu. Ambos passaram a noite cuidando do doente, cada um por seu turno, Bianchon lendo livros de medicina e Eugênio escrevendo para a mãe e as irmãs.

No dia seguinte, os sintomas que se declararam no doente foram, para Bianchon, de prognóstico favorável. Exigiram, porém, cuidados contínuos, de que só os dois estudantes eram capazes e em cuja narrativa é impossível comprometer a pudibunda fraseologia da época. As sanguessugas aplicadas ao esgotado corpo do velho foram acompanhadas de cataplasmas, escalda-pés, manobras médicas para a realização das quais eram necessárias a força e a dedicação dos dois moços. A sra. de Restaud não apareceu. Mandou buscar o dinheiro por um mensageiro.

— Pensei que ela mesma viesse. Mas foi melhor assim, pois ficaria preocupada — disse o pai Goriot, parecendo sentir-se feliz por essa circunstância.

Às sete horas da noite, Teresa levou para Eugênio uma carta de Delfina.

> Que está fazendo meu amigo? Terei sido esquecida quando apenas começo a ser amada? Nas confidências feitas de coração para coração, você mostrou uma alma tão bela que não posso duvidar que seja daquelas que permanecem sempre fiéis, vendo quantas gradações encerram os sentimentos. É como você disse ao ouvir a oração de Moisés: para uns, é uma nota só; para outros, é o infinito da música![139] Lembre-se de que o espero esta noite para irmos ao baile da sra. de Beauséant.
>
> O contrato do sr. d’Ajuda foi realmente assinado esta manhã, na corte, e a pobre viscondessa só soube disso às duas horas. Paris inteira acorrerá à casa dela, como o povo enche a Place de Grève quando há uma execução. Não é horrível ir ver se essa mulher ocultará sua dor, se saberá sucumbir corretamente? Eu certamente não iria, meu amigo, se já tivesse estado na casa dela; mas ela, sem dúvida, não receberá outra vez e então todos os esforços que tenho feito terão sido em vão. Minha situação é completamente diferente da das outras. Além disso, é também por você que irei lá. Espero-o. Se não estiver junto de mim dentro de duas horas, não sei se lhe perdoarei essa traição.

Rastignac tomou uma pena e respondeu:

> Estou esperando um médico, para saber se seu pai ainda viverá. Está moribundo. Irei levar-lhe a decisão e receio que seja uma sentença de morte. Você verá, então, se pode ir ao baile. Muitos carinhos.

O médico chegou às oito e meia e, sem fazer um prognóstico favorável, achou que a morte não devia estar iminente. Previu alternativas de melhoras e recaídas, das quais dependeria a vida e a razão do velho.

— Seria melhor que morresse imediatamente — foi a última frase do doutor.

Eugênio confiou o pai Goriot aos cuidados de Bianchon e saiu para levar à sra. de Nucingen as tristes notícias que, em seu espírito ainda penetrado dos deveres de família, eram de natureza a suspender qualquer alegria.

— Diga-lhe que se divirta assim mesmo! — gritou-lhe o pai Goriot, que parecia entorpecido, mas se recostou quando Rastignac saiu.

O rapaz apresentou-se a Delfina com o coração lacerado de dor e encontrou-a penteada e calçada, faltando apenas enfiar o vestido de baile. Mas, à semelhança das pinceladas com as quais os pintores terminam os quadros, os últimos retoques exigiam mais tempo do que o próprio fundo da tela.

— E então? Não está vestido? — perguntou ela.

— Mas, senhora, seu pai...

— Outra vez meu pai! — exclamou ela, interrompendo-o. — Certamente não quer ensinar-me o que devo a meu pai. Conheço meu pai há muito tempo. Nem mais uma palavra, Eugênio. Só o escutarei quando estiver pronto. Teresa preparou tudo em sua casa. Meu carro está pronto, vá e volte nele. Falaremos em meu pai enquanto formos para o baile. Precisamos sair cedo. Se tivermos que ficar na fila dos carros, seremos muito felizes se entrarmos às onze horas.

— Mas...

— Vá! E nem mais uma palavra!

Ela encaminhou-se para o gabinete para apanhar um colar.

— Mas vá de uma vez, sr. Eugênio! O senhor desgostará a patroa —

disse Teresa empurrando o rapaz espantado com aquele elegante parricídio.

Foi vestir-se, fazendo as mais tristes e mais desalentadoras reflexões. Via a sociedade como um oceano de lama, onde quem mete o pé, se atola até o pescoço.

"Aqui só se cometem crimes mesquinhos!", pensou. "Vautrin é mais nobre."

Eugênio vira três grandes expressões da sociedade: a obediência, a luta e a revolta; a família, a humanidade e Vautrin. E não ousava decidir-se. A obediência era fastidiosa, a revolta impossível e a luta incerta. O pensamento transportou-o ao seio da família. Recordou-se das puras emoções daquela vida calma, reviveu os dias passados no meio dos seres que o amavam. Conformadas com as leis naturais da vida doméstica, aquelas queridas criaturas achavam nela uma felicidade completa, contínua, sem angústias. Apesar de suas boas intenções, não teve coragem de confessar a fé das almas puras a Delfina, ordenando-lhe a virtude em nome do amor. A educação que iniciara já produzira frutos. Já amava egoisticamente. Seu tato permitira-lhe reconhecer a natureza do coração de Delfina. Pressentia que ela seria capaz de pisar sobre o corpo do pai para ir ao baile e não tinha forças para representar o papel de um argumentador, nem a coragem de desgostá-la, nem a virtude de deixá-la.

"Ela nunca me perdoaria ter ficado com a razão nesta circunstância", pensou. .

Depois, pôs-se a analisar as palavras dos médicos. Procurou convencer-se de que o pai Goriot não estava tão doente como pensava. Finalmente, amontoou argumentos para justificar Delfina. Ela não conhecia o estado em que se achava o pai. Ele mesmo a mandaria ao baile, se ela fosse visitá-lo. Muitas vezes a lei social, implacável na fórmula, condena onde o crime aparente é desculpado pelas inúmeras alterações que a diferença dos caracteres e a diversidade dos interesses e das situações introduzem no seio das famílias. Eugênio procurava enganar-se a si mesmo e estava pronto a sacrificar a consciência à amante. Há dois dias tudo estava mudado em sua vida. A mulher lançara nela a desordem, fazendo empalidecer a ideia de família e

confiscando tudo em seu benefício. Rastignac e Delfina haviam se encontrado nas condições exigidas para que um experimentasse pelo outro os mais vivos prazeres. Sua paixão, bem preparada, se engrandecera justamente por aquilo que mata as paixões, os prazeres. Ao possuir aquela mulher, Eugênio percebeu que até então apenas a desejara. Só depois de satisfazer-se é que a amou, pois o amor é talvez a gratidão pelo prazer. Infame ou sublime, adorava aquela mulher pelas voluptuosidades que ele lhe trouxera como dote e pelas que dela recebera. Por outro lado, Delfina amava Rastignac como Tântalo amaria ao anjo que tivesse vindo satisfazer sua fome ou mitigar a sede de sua garganta ressequida.

— Então, como vai meu pai? — perguntou-lhe a sra. de Nucingen, quando o viu de volta, já vestido para o baile.

— Muito mal — respondeu. — Se você me quer dar uma prova de afeição, vamos vê-lo numa corrida.

— Está bem — disse ela —, mas depois do baile. Meu bom Eugênio, sê gentil, não me pregues moral. Vem!

Saíram. Eugênio permaneceu em silêncio durante uma parte do trajeto.

— Que tens? — perguntou ela.

— Estou ouvindo os estertores de seu pai — respondeu ele, com um acento amuado.

Pôs-se a contar, com a calorosa eloquência da mocidade, a ação feroz a que a sra. de Restaud fora arrastada pela vaidade e a crise moral que a última dedicação do velho custara e que pagaria o vestido prateado de Anastácia. Delfina chorava.

“Vou ficar feia”, pensou.

E as lágrimas cessaram.

— Vou cuidar de papai e não sairei de sua cabeceira — disse.

— Ah, era assim que eu queria te ver! — exclamou Rastignac.

As lanternas de quinhentas carruagens brilhavam nas cercanias do palacete de Beauséant. De cada lado da porta iluminada ostentava-se um policial. A alta sociedade afluía em tal abundância e todos estavam tão apressados em ver aquela grande mulher no momento da queda que as dependências do pavimento térreo já estavam cheias quando a

sra. de Nucingen e Rastignac chegaram. Desde o momento em que toda a corte se precipitou para a casa da grande senhorita,[140] a quem Luís xiv arrancou o amante, não ocorrera ainda um desastre sentimental tão ruidoso como o da sra. de Beauséant. Em tal circunstância, a última filha da quase real casa de Borgonha mostrou-se superior ao infortúnio e dominou até o fim a sociedade, cujas vaidades aceitara apenas para fazê-las servir à vitória de sua paixão. As mais belas mulheres de Paris animavam os salões com seus vestidos e seus sorrisos. Os homens mais distintos da corte, embaixadores, ministros, pessoas ilustres de toda espécie, adornados de cruzes, condecorações, cordões multicores, comprimiam-se em torno da viscondessa. A orquestra derramava suas melodias sob os tetos dourados do palácio, vazio para a sua rainha. A sra. de Beauséant conservava-se de pé, no salão da frente, para receber os falsos amigos. Vestida de branco, sem um só enfeite nos cabelos trançados, parecia calma. Não ostentava dor, nem orgulho, nem alegria fingida. Ninguém podia ler em sua alma. Era uma Níobe[141] de mármore. Algumas vezes, o sorriso que dirigia aos íntimos parecia zombeteiro. Mas de tal modo se mostrou como sempre fora, mesmo nos dias em que a felicidade a adornava com seus raios, que até os mais insensíveis a admiraram, como os jovens romanos aplaudiam o gladiador que sabia sorrir ao expirar. A sociedade parecia ter se engalanado para apresentar despedidas a uma de suas soberanas.

— Estava com receio de que não viesse — disse a Rastignac.

— Vim para ser o último a sair — respondeu ele, com uma voz comovida, tomando a frase por uma censura.

— Muito bem — disse ela, tomando-lhe a mão. — Creio que você é a única pessoa em quem posso confiar. Meu amigo, ame somente a mulher que puder amar sempre. E nunca a abandone.

Tomou o braço de Eugênio e levou-o para um sofá, no salão onde se jogava.

— Vá à casa do marquês — disse-lhe. — Jacques, meu criado, o conduzirá e lhe entregará uma carta para ele. Peça-lhe minha correspondência. Ele lha entregará toda, segundo espero. Se trouxer as cartas, suba ao meu quarto. Serei avisada.

Levantou-se para ir ao encontro da duquesa de Langeais, sua melhor amiga, que também chegara. Rastignac retirou-se, dirigiu-se ao palacete de Rochefide, onde o sr. d'Ajuda devia passar o serão, e mandou chamá-lo. O marquês levou-o a sua casa, entregou uma caixa ao estudante e disse-lhe:

— Estão todas aqui.

O marquês pareceu querer falar a Eugênio, para interrogá-lo sobre o baile e a viscondessa, ou para confessar-lhe que talvez já se sentisse desesperado pelo casamento, como o seria mais tarde. Um clarão de orgulho, porém, brilhou em seus olhos e ele teve a deplorável coragem de silenciar seus mais nobres sentimentos.

— Não lhe diga nada a meu respeito, meu caro Eugênio.

Apertou a mão de Rastignac, num gesto afetuosamente triste, e despediu-se. Eugênio voltou ao palacete Beauséant e foi introduzido no quarto da viscondessa, onde surpreendeu os preparativos para uma partida. Sentou-se diante da estufa, contemplou a caixinha de cedro e caiu numa profunda melancolia. A seus olhos a sra. de Beauséant assumia as proporções das deusas da *Ilíada*.

— Ah! meu amigo… — disse a viscondessa, entrando e pousando a mão sobre o ombro de Rastignac.

Viu a prima banhada em pranto, com os olhos voltados para cima, uma mão trêmula e a outra erguida. Ela tomou bruscamente a caixa, jogou-a ao fogo e viu-a arder.

— Estão dançando! Todos vieram pontualmente, enquanto a morte só virá tarde. Psiu! meu amigo — disse, colocando um dedo sobre a boca de Rastignac, que ia falar. — Nunca mais verei Paris nem a sociedade. Às cinco horas da manhã, partirei para encerrar-me no interior da Normandia. Desde as três da tarde tenho estado ocupada em preparativos, assinando documentos, tratando de negócios. Não podia mandar ninguém à casa de…

Interrompeu-se.

— Era certo que o encontrariam na casa de…

Interrompeu-se novamente, acabrunhada pela dor. Em tais momentos, tudo é sofrimento e há palavras impossíveis de pronunciar.

— Enfim — continuou —, contava com você esta noite, para este

último favor. Quisera dar-lhe uma prova de minha amizade. Pensarei sempre em você, que se mostrou bom e nobre, jovem e cândido no meio deste mundo onde tais qualidades são raras. Quero que pense algumas vezes em mim. Veja — disse, lançando um olhar em torno —, aqui está o cofre onde eu guardava minhas luvas. Sempre que o abria, antes de sair para o baile ou um espetáculo, sentia-me bela, porque era feliz. E todas as vezes deixava com ele um pensamento alegre: há muito de mim aí dentro, há toda uma sra. de Beauséant que já não existe. Aceite-o. Mandarei levá-lo a sua casa, à rue d'Artois. A sra. de Nucingen está muito linda esta noite. Ame-a muito. Se não nos encontrarmos mais, meu amigo, fique certo de que farei votos por você, que foi bom para mim. Desçamos, não quero que pensem que estou chorando. Tenho a eternidade toda diante de mim. Lá estarei sozinha e ninguém me pedirá explicações de minhas lágrimas. Deixe-me olhar ainda uma vez para este quarto.

Deteve-se. E depois de ter ocultado por um momento os olhos com a mão, enxugou-os, lavou-os com água fresca e tomou o braço do estudante.

— Vamos! — disse.

Rastignac nunca sentira ainda emoção tão violenta como a que lhe deu o contato daquela dor tão nobremente contida. Voltando para o baile, Eugênio deu uma volta pelos salões com a sra. de Beauséant, derradeira e delicada atenção daquela amável mulher.[142]

Logo depois, avistou as duas irmãs, sras. de Restaud e de Nucingen. A condessa estava magnífica, exibindo aqueles diamantes que, sem dúvida, a queimavam, e que usava pela última vez. Por mais fortes que fossem seu orgulho e seu amor, não podia sustentar os olhares do marido. Esse espetáculo não era de natureza a tornar menos tristes os pensamentos de Rastignac. Reviu, sob os diamantes das irmãs, o catre em que jazia o pai Goriot. Sua atitude melancólica foi mal interpretada pela viscondessa, que lhe retirou o braço.

— Vá! Não quero custar-lhe um prazer — disse.

Eugênio foi logo reclamado por Delfina, feliz pela sensação que causava e ansiosa por lançar aos pés do estudante as homenagens que recolhia naquela sociedade, onde esperava ser admitida.

— Que tal acha Nastácia? — perguntou ela.

— Descontou até a morte do pai — disse Rastignac.

Pelas quatro da madrugada, a multidão dos salões começou a diminuir. Logo depois, a música deixou de tocar. A duquesa de Langeais e Rastignac ficaram a sós no salão principal. A viscondessa, julgando que só encontraria o estudante, dirigiu-se para lá, depois de se ter despedido do sr. de Beauséant, que foi se deitar, repetindo-lhe:

— Não tens razão para te enclausurares na tua idade! Fica conosco.

Ao ver a duquesa, a sra. de Beauséant não pôde conter uma exclamação.

— Adivinhei, Clara — disse a sra. de Langeais. — Vais partir para não mais voltar. Mas não partirás sem me ouvires e sem que nós nos tenhamos compreendido.

Tomou a amiga pelo braço, levou-a para o salão contíguo e ali, fitando-a com lágrimas nos olhos, estreitou-a nos braços e beijou-a nas pálpebras.

— Não quero deixar que partas friamente, minha querida. Sentiria imensos remorsos. Podes contar comigo como contigo mesma. Estiveste grandiosa esta noite, senti-me digna de ti e quero prová-lo. Tenho cometido faltas para contigo, nem sempre me conduzi bem. Perdoa-me, querida. Desdigo-me de tudo que tenha podido ferir-te, quisera poder retomar minhas palavras. Uma dor igual reuniu nossas almas e não sei qual de nós será mais infeliz. O sr. de Montriveau não estava aqui esta noite, compreendes? Quem te viu durante o baile, Clara, nunca mais te esquecerá. Quanto a mim, vou tentar um derradeiro esforço. Se fracassar, irei para um convento. Para onde vais?

— Para a Normandia, em Courcelles, amar e orar até o dia em que Deus me leve deste mundo.

— Venha, sr. de Rastignac — disse a viscondessa com a voz comovida, ao ver que o rapaz estava esperando.

O estudante dobrou o joelho, tomou a mão da viscondessa e beijou-a.

— Adeus, Antonieta — disse a sra. de Beauséant —, sê feliz. Quanto a você, é feliz porque é jovem! Ainda pode acreditar em alguma coisa —

disse ao estudante. — Como alguns moribundos privilegiados, parto deste mundo cercada de sagradas e sinceras emoções!

Rastignac retirou-se pelas cinco horas, após ter visto a sra. de Beauséant na berlinda de viagem e após ter recebido seu último adeus regado de lágrimas, que provavam que nem as pessoas de posição mais elevada se subtraem às leis do coração nem vivem sem desgostos, como algumas cortesãs da plebe querem fazer crer. Eugênio voltou a pé para a Casa Vauquer, sob um tempo úmido e frio. Sua educação chegava ao fim.

— Não salvaremos o pobre pai Goriot — disse-lhe Bianchon quando Rastignac entrou no quarto do vizinho.

— Meu amigo — disse-lhe Eugênio, após ter contemplado o ancião adormecido —, vai. Continua no destino modesto a que limitas teus desejos. Quanto a mim, estou no inferno e preciso permanecer nele. Por piores que sejam as coisas que te contem do mundo, acredita! Não há Juvenal capaz de descrever o que há nele de horror coberto de ouro e pedrarias.

VI – A MORTE DO PAI

No dia seguinte, Rastignac foi despertado às duas horas da tarde por Bianchon que, precisando sair, pediu-lhe que ficasse cuidando do pai Goriot, cujo estado piorara consideravelmente durante a manhã.

— O velho não tem dois dias e talvez nem seis horas de vida — disse o estudante de medicina — e, no entanto, não podemos deixar de combater o mal. Vai precisar de tratamentos dispendiosos. Seremos seus enfermeiros, está certo, mas não tenho um soldo. Revirei seus bolsos, remexi nos armários: quociente, zero. Aproveitei um momento de lucidez para interrogá-lo e ele respondeu que não tem nem um soldo. E, tu, quanto tens?

— Restam-me vinte francos — respondeu Rastignac. — Vou jogá-los e ganharei.

— E se perderes?

— Pedirei dinheiro aos genros e às filhas.

— E se eles não te derem nada? — replicou Bianchon. — O mais

urgente, no momento, não é encontrar dinheiro: é preciso envolver o velho num sinapismo bem quente, dos pés à metade das coxas. Se gritar, é sinal de que a aplicação está agindo. Sabes como é que se faz isso. E Cristóvão te ajudará. Vou passar pela farmácia para mandar debitar para mim os medicamentos que pedirmos. É uma pena que o pobre homem não tenha sido transportado para o hospital. Lá estaria melhor. Vamos, vou deixar-te ao lado dele e não o abandones enquanto eu não tiver voltado.

Os dois rapazes entraram no quarto onde jazia o velho. Eugênio ficou espantado com a alteração daquela face convulsa, branca e profundamente débil.

— Que tal, papai? — disse-lhe, inclinando-se sobre o catre.

O sr. Goriot ergueu para Eugênio os olhos baços e fitou-o atentamente sem reconhecê-lo. O estudante não pôde suportar o espetáculo, e as lágrimas umedeceram-lhe os olhos.

— Bianchon, não é preciso pôr cortinas nas janelas?

— Não, as variações atmosféricas não o atingem. Seria ótimo se ele sentisse frio ou calor. Mesmo assim, precisamos de fogo para fazer as tisanas e preparar muitas coisas. Mandar-te-ei gravetos que nos servirão até termos lenha. Ontem e esta noite queimei a tua lenha e os torrões de turfa do velho. Estava úmido, as paredes vertiam água. Consegui apenas secar o quarto. Depois, Cristóvão varreu, pois isso parecia uma estrebaria. Queimei bagas de zimbro porque o cheiro era horrível.

— Meu Deus! — disse Rastignac. — E as filhas?

— Olha, se pedir água, dá-lhe isto — disse o interno, mostrando a Rastignac um grande vaso branco. — Se se queixar e o ventre estiver quente e duro, chama Cristóvão para ajudar-te a administrar-lhe... já sabes. Se, por acaso, ele ficar exaltado, falando muito e mesmo com um pouco de demência, não te importes! Não será mau sinal. Mas manda Cristóvão ao hospital Cochin. Nosso médico, meu companheiro ou eu viremos aplicar-lhe pontas de fogo. Fizemos esta manhã, enquanto dormias, uma grande conferência com um discípulo do sr. Gall, um chefe de serviço no Hôtel-Dieu[143] e do nosso. Esses senhores descobriram sintomas curiosos e vamos acompanhar a marcha da

doença a fim de obter esclarecimentos sobre várias questões científicas muito importantes. Um desses senhores acha que a pressão do sérum, exercendo-se mais sobre um órgão que sobre outro, pode determinar fatos particulares. Escuta bem o que ele disser, no caso de falar, a fim de constatar com que gênero de ideias se relacionam suas frases: se são efeitos de memória, de penetração, de julgamento, se se ocupa com materialidades ou sentimentos; se faz planos ou se volta para o passado; enfim, trata de ficar em condições de fazer-nos um relatório exato. É possível que a invasão se dê em bloco, e então morrerá imbecil, como está agora. Tudo é tão singular nessas doenças! Quando a bomba estoura por ali — disse Bianchon, mostrando o occipício do doente — há exemplos de fenômenos estranhos: o cérebro recobra algumas de suas faculdades e a morte se declara mais lentamente. As serosidades podem desviar-se do cérebro e seguir direções cujo curso só se poderá conhecer pela autópsia. Há, nos Incuráveis, um velho embrutecido em quem o derrame seguiu a coluna vertebral; sofre horrivelmente, mas continua vivo.

— Divertiram-se bastante? — perguntou o pai Goriot, reconhecendo Eugênio.

— Oh! Só pensa nas filhas — disse Bianchon. — Disse-me mais de cem vezes esta noite: “Estão dançando! Ela está com o vestido!”. Chamava-as pelos nomes. Fazia-me chorar com suas entonações: “Delfina! Minha Fininha! Nastácia!”. Garanto-te que era mesmo de fazer chorar — disse o estudante de medicina.

— Delfina! — disse o velho. — Ela está aqui, não é? Eu bem sabia.

E os olhos adquiriram uma vivacidade doida para olhar para as paredes e a porta.

— Vou descer para mandar Sílvia preparar os sinapismos — disse Bianchon. — O momento é favorável.

Rastignac ficou só, junto do velho, sentado ao pé do leito, com os olhos fitos naquela cabeça de aspecto horrível e lamentável.

“A sra. de Beauséant foi embora, este está morrendo”, pensou Eugênio. “As almas belas não podem ficar muito tempo neste mundo. Realmente, como se poderiam aliar os grandes sentimentos a uma sociedade mesquinha, pequena, superficial?”

As imagens da festa a que assistira acorreram-lhe à lembrança, contrastando com o espetáculo daquele leito de morte. Logo depois, Bianchon reapareceu.

— Olha, Eugênio, acabo de encontrar nosso diretor e voltei correndo. Se aparecerem sintomas de razão, se falar, deita-o num sinapismo comprido, de modo a envolvê-lo de mostarda desde a nuca até a curva dos rins e em seguida manda-nos chamar.

— Meu caro Bianchon! — disse Eugênio.

— Oh! Trata-se de um fato científico — replicou o estudante de medicina, com todo o ardor de um neófito.

— Pelo que vejo — disse Eugênio —, sou o único a cuidar por afeição deste pobre velho.

— Se me tivesses visto esta manhã, não falarias assim — contestou Bianchon sem se ofender com as palavras do amigo. — Os médicos formados só consideram a doença. Mas eu considero também o doente, meu caro.

Saiu, deixando Eugênio a sós com o velho e na apreensão de uma crise que não tardou a declarar-se.

— Ah! É você, querido filho — disse o pai Goriot, reconhecendo Eugênio.

— Está melhor? — perguntou o estudante, tomando-lhe a mão.

— Sim. Estava com a cabeça apertada como se tivesse num torno, mas agora está afrouxando. Viu minhas filhas? Elas virão em seguida, virão correndo logo que souberem que estou doente. Cuidaram tanto de mim, na rue de la Jussienne! Meu Deus! Quisera que o quarto estivesse limpo para recebê-las. Um rapaz queimou todos os meus torrões de turfa.

— Aí vem Cristóvão — disse Eugênio. — Veio trazer a lenha que o rapaz mandou.

— Bem! Mas como hei de pagar a lenha? Não tenho mais nada, meu filho. Dei tudo, tudo. Estou na indigência. O vestido de lamê estava bonito, pelo menos? (Ah! Como sofro!) Obrigado, Cristóvão! Deus te recompensará, meu rapaz. Quanto a mim, não tenho mais nada.

— Pagarei a ti e a Sílvia — disse Eugênio ao ouvido do rapaz.

— Minhas filhas disseram que virão, não é Cristóvão? Vai lá outra

vez, eu te darei cem soldos. Dize-lhes que não me sinto bem e queria abraçá-las, vê-las ainda uma vez antes de morrer. Dize-lhes isso, mas não as assustes.

A um gesto de Eugênio, Cristóvão saiu.

— Elas virão — continuou o velho. — Conheço minhas filhas. Se eu morrer, que desgosto causarei à boa Delfina! E à Nastácia também. Não queria morrer para não fazê-las chorar. Morrer, meu bom Eugênio, é não mais vê-las. Lá para onde a gente vai, vou ficar muito aborrecido. Para um pai, o inferno é ficar privado dos filhos, e já fiz meu aprendizado desde que elas se casaram. Meu paraíso era na rue de la Jussienne. Acha que se eu for para o céu poderei voltar à terra em espírito, para perto delas? Ouvi dizer essas coisas. Será verdade? Parece-me vê-las, neste momento, tais como eram na rue de la Jussienne. Desciam pela manhã. “Bom dia, papai”, diziam. Eu as colocava sobre os joelhos e fazia-lhes mil afagos. Elas me acariciavam. Almoçávamos e jantávamos juntos todos os dias, eu era um verdadeiro pai, era dono de minhas filhas. Quando estavam na rue de la Jussienne, não raciocinavam, não sabiam nada deste mundo, gostavam muito de mim. Meu Deus! Por que é que não ficaram sempre pequeninas? (Oh, como sofro! Minha cabeça vai estourar!) Ah! Ah! Perdão, minhas filhas! Estou sofrendo horrivelmente, deve ser uma dor de verdade, pois vós me tornastes bem duro para o sofrimento. Meu Deus! Se ao menos tivesse suas mãos nas minhas, não sentiria dor. Acha que virão? Cristóvão é tão estúpido! Eu mesmo é que devia ter ido. Ele vai vê-las. Agora me lembro que ontem você estava no baile. Como estavam? Não sabiam nada da minha doença, não é? Senão não teriam dançado, as pobrezinhas! Oh, não quero mais estar doente! Ainda precisam muito de mim. Suas fortunas ainda estão ameaçadas. E em mãos de que maridos foram cair! Cure-me, cure-me! (Oh, como sofro...! Ah! Ah! Ah!) Preciso curar-me, pois elas necessitam de dinheiro e eu sei onde ir ganhá-lo. Vou fabricar amido, em Odessa. Sou muito esperto, ganharei milhões. (Oh, estou sofrendo demais!)

Goriot ficou em silêncio durante um momento, parecendo fazer os maiores esforços para reunir energias a fim de suportar a dor.

— Se elas estivessem aqui, não me queixaria — disse. — Então, para

que me queixar?

Caiu num leve entorpecimento, que se prolongou por muito tempo. Cristóvão voltou. Rastignac, julgando o pai Goriot adormecido, deixou o rapaz contar em voz alta o resultado de sua missão.

— Meu senhor — disse ele —, primeiro, fui à casa da senhora condessa, com quem não pude falar por estar ocupada em importantes assuntos com o marido. Como insistisse, o sr. de Restaud veio pessoalmente e me disse: "O sr. Goriot está morrendo? Muito bem, é o melhor que tem a fazer. Preciso da sra. de Restaud para concluir uns negócios importantes. Ela irá quando tudo estiver terminado". Parecia encolerizado o homem. Quando eu ia saindo, a senhora entrou na sala de espera por uma porta que eu não tinha percebido e disse-me: "Cristóvão, dize a papai que estou discutindo com meu marido e não posso deixá-lo. É um assunto de vida ou morte para meus filhos. Logo que tudo estiver acabado, irei". Quanto à sra. baronesa, nada consegui. Não pude vê-la nem falar-lhe. "A senhora voltou do baile às cinco e um quarto — disse a criada — e está dormindo. Se eu a acordar antes do meio-dia, ela me repreenderá. Direi que seu pai está mal, quando ela me chamar. Para dar uma notícia ruim, sempre é tempo." Não adiantou implorar! Pedi para falar com o sr. barão, mas ele tinha saído.

— Nenhuma das filhas virá! — exclamou Rastignac. — Vou escrever a ambas.

— Nenhuma! — respondeu o velho, recostando-se na cama. — Têm negócios, estão dormindo, não virão. Eu bem sabia. É preciso morrer para saber o que são os filhos... Ah, meu amigo, não se case, não tenha filhos! Você lhes dá a vida e eles lhe dão a morte. Você os põe no mundo e eles o expulsam daqui. Não, elas não virão. Há dez anos que o sei. Algumas vezes eu pensava nisso, mas não tinha coragem de acreditar. —

Uma lágrima brotou de cada um de seus olhos e permaneceu, sem cair, nas pálpebras avermelhadas.

— Ah, se eu fosse rico, se tivesse conservado minha fortuna, se não lhes tivesse dado tudo, elas estariam aqui, lamberiam minhas faces com beijos! Moraria num palacete, teria belos quartos, criados e estufa. E elas estariam chorando, com os maridos e os filhos. Teria isso tudo.

Mas não tenho nada. O dinheiro dá tudo, até filhas! Oh! Onde está meu dinheiro? Se eu tivesse tesouros para deixar, elas tratariam de mim, cuidariam de mim. Eu as ouviria e veria. Ah! Meu caro filho, meu único filho, prefiro meu abandono e minha miséria. Pelo menos, quando um desgraçado é amado, tem certeza de que o amam. Não, quisera ser rico, pois assim as veria. E, mesmo assim, quem sabe? Ambas têm o coração de rocha. Tive demasiado amor por elas, para que elas o tivessem por mim. Quem é pai deve ser sempre rico e manter os filhos com a rédea curta, como se fossem cavalos passarinheiros. Em vez disso, sempre estive ajoelhado diante delas. Estou morrendo. Miseráveis! Estão coroando dignamente sua conduta comigo nesses dez anos. Se você soubesse como eram desveladas comigo logo que se casaram! (Oh, estou sofrendo um martírio cruel!) Eu acabara de dar cerca de oitocentos mil francos a cada uma. Não podiam, e muito menos os maridos, ser rudes comigo. Recebiam-me em suas casas: "Meu bom pai, para cá; meu querido pai, para lá". Em suas casas sempre havia um lugar para mim à mesa. Jantava com seus maridos, que me tratavam com consideração. Eu tinha o aspecto de possuir ainda alguma coisa. Por que isso? Nunca falei a ninguém sobre meus negócios. Um sujeito que dá oitocentos mil francos às filhas deve ser bem tratado. E cercavam-me de atenções, mas era pelo meu dinheiro. O mundo não é nobre. Bem o vi! Levavam-me de carruagem ao teatro e eu ficava quanto queria em seu serões. Elas se declaravam minhas filhas e me reconheciam como pai. Ainda conservo minha perspicácia e nada me escapou. Compreendi tudo e isso me trespassou o coração. Via muito bem que tudo era apenas aparência. Mas o mal não tinha remédio. Na casa delas eu não ficava à vontade como na mesa lá embaixo. Não sabia dizer nada. E quando aquelas pessoas de sociedade perguntavam ao ouvido dos meus genros: "Quem é aquele senhor?". "É o papai rico, tem muito dinheiro." "Ah! Diabo!", diziam, fitando-me com o respeito devido ao dinheiro. Se algumas vezes eu os aborreci, paguei bem caro minhas faltas! Mas, também, quem é perfeito neste mundo? (Minha cabeça é uma chaga!) Estou sofrendo agora o suficiente para morrer de dor, meu caro sr. Eugênio, e mesmo assim isso não é nada em comparação com a dor que me causou o primeiro olhar pelo qual

Anastácia me fez compreender que eu dissera uma tolice que a envergonhou; esse olhar dilacerou-me todas as veias. Senti desejo de aprender tudo para não mais envergonhá-la, mas a única coisa que fiquei sabendo é que era demais no mundo. No dia seguinte, fui à casa de Delfina para consolar-me e lá cometi uma asneira que a encolerizou. Fiquei como louco. Andei oito dias sem saber o que fazer. Não tive coragem de ir visitá-las, receando suas censuras. E, assim, fui posto para fora da casa de minhas filhas. Oh, meu Deus! Tu que conheces as misérias e os sofrimentos por que passei; que contaste as punhaladas que recebi, durante todos esses anos que me envelheceram, transformaram, mataram, embranqueceram, por que me fazes sofrer ainda? Já expiei bastante o pecado de amá-las demais. Elas se vingaram completamente de minha afeição, torturaram-me como se fossem verdugos. Pois bem, os pais são tão estúpidos e eu as amava tanto, que voltei lá, como um jogador volta à mesa de jogo. Minhas filhas eram meu vício. Eram donas de mim, eram tudo, enfim! Quando precisavam de alguma coisa, algum enfeite, as criadas me diziam e eu as satisfazia, para ser bem recebido! Mesmo assim, deram-me umas liçõezinhas sobre a maneira de me comportar na sociedade. Mas não esperaram o resultado. Começaram a envergonhar-se de mim. Aí está no que dá educar bem os filhos. Na minha idade, não podia mais ir à escola. (Estou sofrendo horrivelmente, meu Deus! Médicos! Médicos! Se me abrissem a cabeça sofreria menos.) Minhas filhas! Minhas filhas! Anastácia, Delfina! Quero vê-las. Mandem buscá-las à força, pela polícia! A justiça está a meu favor, tudo está a meu favor, a natureza e o Código Civil. Protesto! A pátria perecerá se os pais forem pisoteados. É claro. A sociedade e o mundo estão baseados sobre a paternidade. Tudo desabará se os filhos não amarem os pais. Oh! Vê-las, ouvi-las, não importa o que me digam, contanto que ouça sua voz. Isso acalmaria minhas dores. Principalmente Delfina. Mas, diga-lhes, quando chegarem, que não me olhem friamente como costumam fazer. Ah! Meu bom amigo; sr. Eugênio, não sabe o que é ver o ouro do olhar subitamente transformado em chumbo escuro. Desde o dia em que seus olhos perderam sua ternura por mim, tenho tido um inverno aqui dentro. Só tive mágoas para devorar e as devorei! Vivi apenas para ser

humilhado, insultado. Amo-as tanto, que suportei todas as afrontas com que me cobravam alguma alegriazinha humilhante. Imagine um pai ter de esconder-se para olhar as filhas! Dei-lhes minha vida, e hoje não podem me dar uma hora! Estou com sede e fome, meu coração está ardendo e elas não vêm amenizar minha agonia, pois estou morrendo, sinto que estou... Mas elas não sabem o que é pisar sobre o cadáver do pai! ... Há um Deus nos céus que, mesmo contra a nossa vontade, nos vinga. Oh! Elas virão! Vinde, queridas, vinde beijar-me ainda uma vez, um último beijo, o viático de vosso pai que pedirá a Deus por vós, que lhe dirá que fostes boas filhas, que intercederá por vós! Afinal, sois inocentes! São inocentes, meu amigo! Diga-o a todo mundo, para que ninguém as aborreça por minha causa. A culpa foi toda minha, pois habituei-as a me maltratarem. Eu gostava disso. Ninguém tem nada com isso, nem a justiça humana nem a justiça divina. Deus seria injusto se as condenasse por minha causa. Não soube conduzir-me, cometi a tolice de abdicar de meus direitos. Seria capaz de aviltar-me por elas! Que quer? Mesmo o mais nobre temperamento, as melhores almas, teriam sucumbido à corrupção destas fraquezas paternais. Sou um miserável, estou sendo castigado justamente. Sou o único culpado pela conduta de minhas filhas, arruinei-as. Hoje querem os prazeres, como antigamente queriam doces. Sempre permiti que satisfizessem seus caprichos de moças. Aos quinze anos, tinham carruagens! Nunca tiveram a mínima contrariedade. Sou o único culpado, mas culpado por amor. Sua voz me abriria o coração... Ouço seus passos, vêm vindo. Oh! Sim, elas virão. A lei manda que se assista à morte do pai... a lei está a meu favor. Além disso, não custará mais que uma corrida de carro. Eu a pagarei. Escreva-lhes dizendo que tenho milhões para deixar para elas. Palavra de honra! Vou fabricar massas em Odessa. Descobri um novo sistema. Com meu projeto, ganharei milhões. Ainda ninguém pensou nisso. Não se estragará com o transporte, como acontece com o trigo e a farinha. Eh! Eh! O amido! Isso me dará milhões! Você não mentirá, pode dizer que são milhões, e mesmo que venham só por cobiça, prefiro ser enganado, quero vê-las. Quero minhas filhas! Eu as fiz, pertencem a mim! — disse, recostando-se na cama, mostrando a Eugênio uma

cabeça com cabelos brancos desgrenhados e com a expressão mais ameaçadora que podia assumir.

— Está bem — respondeu Eugênio. — Deite-se, meu bom pai Goriot. Vou escrever. Se não vierem, irei lá logo que Bianchon chegar.

— Se não vierem? — repetiu o velho, soluçando. — Mas então já estarei morto, num acesso de raiva! Estou ficando com raiva! Estou vendo, agora, minha vida inteira. Sou um otário. Elas não me amam, nunca me amaram! É claro. Se ainda não vieram, não virão mais. Quanto mais tardarem, menos se decidirão a dar-me essa alegria. Conheço-as. Nunca souberam prever meus desgostos, minhas dores, nem minhas necessidades. Também não saberão prever minha morte. Nem ao menos chegaram a perceber minha afeição por elas. Sim, estou vendo, o hábito de abrir minhas entranhas por elas tirou completamente o valor de tudo o que eu fazia. Se tivessem pedido para furar-me os olhos, eu lhes teria dito: “Furai-os!”. Sou muito estúpido! Elas acham que todos os pais são como o delas. A gente precisa fazer-se valer. Seus filhos me vingarão. Elas mesmas têm interesse em vir aqui. Avise-lhes que estão comprometendo sua própria agonia. Estão cometendo todos os crimes num só… Mas vá e diga-lhes que se não vierem cometerão um parricídio. Elas já o cometeram bastante, mesmo sem acrescentar este. Grite-lhes como eu: “Hé, Nastácia! Hé, Delfina! Ide ver vosso pai, que foi tão bom para vós e que está sofrendo!”. Nada, ninguém! Vou morrer como um cão! Eis a minha recompensa, o abandono. São umas infames, umas celeradas. Abomino-as, amaldiçoo-as. Hei de sair, à noite, do túmulo, para tornar a amaldiçoá-las, porque, enfim, meus amigos, não tenho razão? Elas estão se conduzindo muito mal, hein…! Que estou dizendo? Não me avisou que Delfina está aqui? É a melhor das duas… Você é que é meu filho, Eugênio! Ame-a, seja um pai para ela! A outra é muito infeliz. E suas fortunas! Ah, meu Deus! Morro! Estou sofrendo demais! Corte-me a cabeça, deixe-me somente o coração.

— Cristóvão, vai chamar Bianchon — gritou Eugênio, assustado com o caráter que tomavam as queixas e as exclamações do velho — e traga-me um carro. Vou buscar suas filhas, meu bom pai Goriot.

— À força! À força! Chame a polícia, o exército, tudo! Tudo! — disse

dirigindo a Eugênio um derradeiro olhar no qual brilhou a razão. — Diga ao governo, ao procurador do rei, que as tragam aqui, exijo-o!

— Mas o senhor as amaldiçoou.

— Quem foi que disse isso? — respondeu o velho, estupefato. — Você bem sabe que as amo. Adoro-as… Ficarei curado, vendo-as… Vá, meu bom vizinho, meu querido filho, vá! Você é bom. Quisera poder agradecer-lhe. Mas nada tenho para lhe dar, a não ser as bênçãos de um moribundo. Ah! Quisera ao menos ver Delfina, para dizer-lhe que o recompense por mim. Se a outra não puder vir, traga-me essa. Diga-lhe que não a amará mais se ela não vier. Ela gosta tanto de você, que há de vir. Água! Estou com as entranhas em fogo! Ponha alguma coisa na minha cabeça. As mãos de minhas filhas é que me salvariam, tenho certeza… Meu Deus! Quem lhes restituirá a fortuna, se eu desaparecer? Quero ir a Odessa por causa delas; a Odessa, fabricar massas.

— Beba — disse Eugênio, soerguendo o moribundo e amparando-o com o braço esquerdo, enquanto mantinha na mão direita uma taça cheia de tisana.

— Vê-se que você ama seus pais — disse o velho, apertando nas mãos débeis a mão de Eugênio. — Vou morrer sem ver minhas filhas, está vendo? Ter sempre sede e não poder beber, eis como tenho vivido há dez anos… Meus genros mataram minhas filhas. Sim, não tive mais filhas desde que se casaram. Pais, dizei às câmaras que façam uma lei sobre o casamento! Não caseis vossas filhas se as amais. O genro é um celerado que estraga tudo numa filha, tudo profana! Acabem-se os casamentos. São eles que nos tiram as filhas e ficamos sem elas na hora da morte. Baixai uma lei sobre a morte dos pais. Isso é pavoroso! Vingança! São os genros que não deixam que elas venham… Matai-os… Morra Restaud! Morra o alsaciano! São meus assassinos…! A morte ou minhas filhas…! Ah! É o fim. Morro sem elas…! Elas…! Nastácia! Fifina! Vinde logo! Vosso papai vai…

— Acalme-se, meu bom pai Goriot. Fique quieto, não se agite, não pense.

— Não poder vê-las é minha agonia.

— O senhor vai vê-las.

— É mesmo! — gritou o velho, desvairado. — Oh, vê-las! Vou vê-las,

ouvir sua voz. Morrerei feliz. Está bem, não peço mais para viver, não me interessava mais, meu sofrimento ia aumentando. Mas vê-las, tocar em seus vestidos, ah! Nem que seja só nos vestidos! É muito pouco, mas quero sentir alguma coisa delas! Deixe-me apalpar seus cabelos... cabe... be...

Caiu com a cabeça no travesseiro, como se tivesse recebido uma bordoada. As mãos agitaram-se sob as cobertas, como se procurassem os cabelos das filhas.

— Abençoo-as — disse, fazendo um esforço — aben... ben... ben... be...

E desfaleceu. Nesse momento, Bianchon entrou.

— Encontrei Cristóvão. Vai trazer-te um carro.

Depois, olhou para o doente, ergueu-lhe as pálpebras, e dois estudantes viram um olho embaciado e sem calor.

— Não tem mais volta — disse Bianchon.

Tomou-lhe o pulso, pôs a mão sobre o coração do velho.

— A máquina continua trabalhando. Mas, na sua situação... é uma desgraça. É preferível morrer.

— Também acho — disse Rastignac.

— Que tens? Estás pálido como a morte.

— Meu amigo, acabo de ouvir tais gritos e lamentos... É verdade que Deus existe! Sim, há um Deus, que criou um mundo melhor para nós, ou então esta vida é um absurdo. Se não tivesse sido tão trágico, teria desandado a chorar. Mas estou com um aperto horrível no coração e no estômago.

— Olha, vamos precisar de muitas coisas. Onde arranjaremos dinheiro?

Rastignac tirou o relógio.

— Toma, empenha isto. Não quero parar no caminho, para não perder tempo. Estou esperando Cristóvão. Não tenho dinheiro algum e preciso pagar o cocheiro na volta.

Rastignac precipitou-se para a escada e dirigiu-se à rue du Helder, à casa da sra. de Restaud. Durante o trajeto, sua imaginação, chocada com o horrível espetáculo que testemunhara, excitou sua indignação. Quando chegou à antecâmara e pediu para falar com a sra. de Restaud,

responderam-lhe que ela não podia receber.

— Mas venho da parte de seu pai que está morrendo — disse ao criado.

— Meu senhor, temos as ordens mais severas do senhor conde...

— Se o sr. de Restaud está em casa, conte-lhe o estado em que se acha o sogro e avise que preciso falar-lhe agora mesmo.

Eugênio esperou durante muito tempo.

“Talvez esteja morrendo agora!”, pensava.

O criado introduziu-o no salão da frente, onde o sr. de Restaud recebeu o estudante de pé, sem convidá-lo a sentar-se, diante de uma estufa sem fogo.

— Senhor conde — disse-lhe Rastignac —, o senhor seu sogro está expirando agora mesmo num quarto infame, sem poder comprar lenha. Está à morte e pede para ver a filha.

— Meu senhor — respondeu-lhe com indiferença o conde de Restaud —, já deve ter percebido que tenho muito pouca estima pelo sr. Goriot. Ele comprometeu seu caráter com a sra. de Restaud, fez a infelicidade da minha vida e vejo nele o inimigo da minha tranquilidade. Que ele morra ou viva, isso me é completamente indiferente. São esses os meus sentimentos para com ele. Podem censurar-me, desprezo a opinião dos outros. Tenho, agora, coisas mais importantes para resolver do que ocupar-me com o que pensarão de mim os tolos e os indiferentes. Quanto à sra. de Restaud, não pode sair. Por outro lado, não quero que ela deixe a casa. Diga a seu pai que, logo que tiver cumprido seus deveres para comigo e para com meu filho, ela irá vê-lo. Se ela ama o pai, pode estar livre em poucos instantes...

— Senhor conde, não me compete julgar sua conduta. O senhor é dono de sua esposa. Mas posso contar com sua lealdade? Então, prometa-me solenemente dizer-lhe que seu pai não tem mais nem um dia de vida e já a amaldiçoou por não vê-la a sua cabeceira!

— Diga-o, pessoalmente — respondeu o sr. de Restaud, impressionado pelos sentimentos de indignação que a voz de Eugênio denunciava.

Rastignac entrou, acompanhado pelo conde, no salão onde a condessa habitualmente ficava; encontrou-a banhada em lágrimas e

atirada a uma poltrona, como quem quisesse morrer. Causou-lhe dó. Antes de olhar para Rastignac, ela dirigiu ao marido olhares medrosos que anunciavam uma prostração completa das forças esmagadas por uma tirania moral e física. O conde fez um gesto com a cabeça e ela sentiu-se encorajada a falar.

— Meu senhor, ouvi tudo. Diga a meu pai que se ele conhecesse a situação em que me encontro, me perdoaria... Não esperava este suplício, que é superior às minhas forças! Mas resistirei até o fim — disse ao marido. — Sou mãe. Diga a meu pai que, apesar das aparências, sou irrepreensível para com ele! — exclamou, desesperada, ao estudante.

Eugênio cumprimentou os esposos, compreendendo a horrível crise em que se achava a condessa e retirou-se estupefato. O tom da voz do sr. de Restaud demonstrara-lhe a inutilidade de sua tentativa e compreendeu que Anastácia não era livre. Correu para a casa da sra. de Nucingen e encontrou-a acamada.

— Estou doente, meu pobre amigo — disse-lhe. — Apanhei um frio ao sair do baile e tenho medo de uma congestão pulmonar. Estou esperando o médico...

— Mesmo que você estivesse com a morte nos lábios — disse Eugênio, interrompendo-a — devia arrastar-se até junto de seu pai. Ele está chamando! Se pudesse ouvir o mais leve de seus gritos, nem se lembraria de que está doente.

— Eugênio, meu pai talvez não esteja tão doente como você diz. Mas ficaria desesperada se achasse que agi mal e por isso farei o que você quiser. Sei que ele morreria de desgosto se, por causa desta saída, minha doença se tornasse mortal! Pois bem! Irei depois que o médico vier... Ah, por que você não está com o relógio? — disse ela, vendo-o sem a corrente.

Eugênio corou.

— Eugênio, Eugênio, se você já o vendeu ou perdeu... oh! seria uma pena!

O estudante inclinou-se sobre o leito de Delfina e disse-lhe ao ouvido:

— Quer saber? Pois bem, é bom que saiba! Seu pai não tem nem

com que comprar a mortalha em que ficará esta noite. Empenhei o relógio, não tinha mais nada.

Delfina saltou imediatamente da cama, correu para a escrivaninha, apanhou a bolsa e entregou-a a Rastignac. Chamou a criada e gritou:

— Vou lá. Vou lá, Eugênio. Deixe-me vestir-me. Seria um monstro se não fosse! Vá, chegarei antes de você! Teresa — gritou para a criada —, dize ao sr. de Nucingen que deixe tudo e suba para falar comigo agora mesmo.

Eugênio, contente por poder anunciar ao moribundo a presença de uma das filhas, chegou quase alegre à rue Neuve-Sainte-Geneviève. Revisou a bolsa para pagar imediatamente o cocheiro. A bolsa daquela mulher, tão rica e tão elegante, continha apenas setenta francos. Ao chegar ao alto da escada, encontrou o pai Goriot amparado por Bianchon e sendo operado pelo cirurgião do hospital na presença do médico. Queimavam-lhe as costas com pontas de fogo, o último remédio da ciência, remédio inútil.

— Está sentindo? — perguntou o médico.

O pai Goriot, tendo visto o estudante, respondeu:

— Elas vêm, não é?

— Pode ser que escape — disse o cirurgião. — Está falando.

— Sim — respondeu Eugênio. — Delfina vem vindo.

— Olhe — disse Bianchon —, estava falando sobre as filhas, gritando por elas como os empalados gritam, segundo dizem, por água...

— Pare! — disse o médico ao cirurgião. — Não há mais nada a fazer, não o salvaremos.

Bianchon e o cirurgião estenderam o moribundo sobre o catre infecto.

— Mesmo assim é preciso trocar-lhe a roupa. Embora não haja nenhuma esperança, deve-se respeitar a natureza humana. Voltarei, Bianchon — disse ao estudante. — Se tornar a queixar-se, aplique-lhe ópio sobre o diafragma.

O cirurgião e o médico saíram.

— Coragem, meu filho! — disse Bianchon a Rastignac, quando ficaram sós. — Precisamos vestir-lhe uma camisa branca e mudar a roupa da cama. Vai dizer a Sílvia que traga lençóis para cima e venha

nos ajudar.

— Eugênio desceu e encontrou a sra. Vauquer ocupada em pôr a mesa com Sílvia. Às primeiras palavras que lhe disse Rastignac, a viúva dirigiu-se a ele tomando a atitude acremente dulcorosa de uma comerciante desconfiada que não quisesse perder dinheiro nem desgostar o freguês.

— Meu caro sr. Eugênio — respondeu —, o senhor sabe, tão bem como eu, que o pai Goriot não tem mais nada. Dar lençóis a um homem que já está revirando os olhos é perdê-los, mesmo porque será preciso sacrificar um para a mortalha. Além disso, o senhor já me deve cento e quarenta e quatro francos e com mais quarenta francos de lençóis e outras coisinhas, como a vela que Sílvia lhe dará, são pelo menos duzentos francos, que uma pobre viúva como eu não está em condições de perder. Seja justo, sr. Eugênio. Já perdi bastante, nesses cinco dias, depois que o azar entrou aqui. Teria dado dez escudos para que o homem tivesse ido embora antes, como o senhor queria. Isso impressiona os pensionistas em meu lugar. Meu estabelecimento acima de tudo! É a minha vida, mesmo!

Eugênio voltou rapidamente ao quarto do pai Goriot.

— Bianchon, onde está o dinheiro do relógio?

— Em cima da mesa. Sobraram trezentos e sessenta e poucos francos. Com o dinheiro que me deram, paguei tudo quanto devíamos. O recibo da Casa de Penhor está debaixo do dinheiro.

— Aqui está, minha senhora — disse Rastignac, após ter descido correndo pela escada, horrorizado —, liquide nossas contas! O sr. Goriot não ficará muito tempo em sua casa e eu...

— Sim, sairá com os pés juntos, o pobre velho — disse ela, contando duzentos francos com uma expressão metade alegre e metade triste.

— Acabemos com isso! — disse Rastignac.

— Sílvia, leva os lençóis e vai ajudar os senhores lá em cima.

— Não se esqueça de Sílvia — disse a sra. Vauquer ao ouvido de Eugênio. — Há duas noites que não dorme.

Logo que Eugênio voltou as costas, a velha correu para a cozinheira:

— Leva os lençóis velhos do número 7. Para um morto, estão até bons demais — disse-lhe ao ouvido.

Eugênio, que já subira alguns degraus da escada, não ouviu as palavras da dona da pensão.

— Vamos enfiar-lhe a camisa — disse Bianchon. — Sustenta-o sentado!

Eugênio colocou-se à cabeceira do leito e ergueu o moribundo. Bianchon tirou-lhe a camisa e o velho fez um gesto como se quisesse segurar alguma coisa no peito e lançou gritos queixosos e inarticulados, como animais que procuram exprimir uma dor violenta.

— Oh! Oh! — disse Bianchon. — Ele quer uma correntinha de cabelos e um medalhão, que lhe tiramos há pouco para aplicar-lhe as pontas de fogo. Coitado! É preciso colocá-la de novo. Está em cima da estufa.

Eugênio foi buscar uma corrente trançada com cabelos de um louro acinzentado, certamente os da sra. Goriot. Num lado do medalhão, leu Anastácia e, do outro, Delfina. Imagem de seu coração, que repousava sempre sobre seu peito. Os anéis de cabelo contidos no medalhão eram tão finos que deviam ter sido cortados na primeira infância das filhas. Quando o medalhão tocou seu peito, o velho emitiu um *âhn* prolongado que denunciava uma satisfação espantosa. Foi uma das derradeiras ressonâncias de sua sensibilidade, que parecia recolher-se para o centro desconhecido de onde partem e para onde se dirigem nossas simpatias. O rosto convulso assumiu uma expressão e alegria mórbida. Os estudantes, comovidos com a terrível explosão de uma reserva de afeição que sobrevivia ao pensamento, derramaram lágrimas quentes sobre o moribundo, que lançou um grito de agudo prazer.

— Anastácia, Fifina! — disse.

— Ainda vive — disse Bianchon.

— Para quê? — comentou Sílvia.

— Para sofrer — respondeu Rastignac.

Após ter feito ao camarada um gesto para dizer-lhe que o imitasse, Bianchon ajoelhou-se para passar os braços por debaixo das coxas do doente, enquanto Rastignac o imitava do outro lado do leito, para suspendê-lo pelas costas. Sílvia estava ali, pronta para retirar os lençóis quando o moribundo fosse erguido, a fim de substituí-los pelos que

trouxera. Enganado, certamente, pelas lágrimas, Goriot empregou suas últimas forças para estender as mãos e, encontrando de cada lado da cama as cabeças dos estudantes, segurou-as violentamente pelos cabelos, dizendo com uma voz débil:

— Ah, meus anjos!

Duas palavras, dois murmúrios acentuados pela alma que se escapou com essa frase.

— Coitado! — disse Sílvia, comovida por essa exclamação, onde se retratava um sentimento supremo que a mais terrível e a mais involuntária das mentiras exaltava uma última vez.

O derradeiro suspiro daquele pai devia ser um suspiro de alegria. E foi a expressão de toda sua vida, pois ainda uma vez se enganava. O pai Goriot foi respeitosamente estendido no leito. A partir desse momento, sua fisionomia conservou a marca dolorosa do combate que se travava entre a vida e a morte numa máquina que já não possuía aquela espécie de consciência cerebral de que resulta o sentimento do prazer e da dor para o ser humano. A destruição não seria mais que uma questão de tempo.

— Vai ficar assim algumas horas e morrerá sem que a gente o perceba. Nem terá estertores. O cérebro deve estar completamente invadido.

Nesse momento, ouviram-se na escada os passos de uma jovem mulher ofegante.

— Chegou tarde demais — disse Rastignac.

Não era Delfina, e sim Teresa, sua criada.

— Sr. Eugênio — disse —, houve uma cena violenta entre o patrão e a patroa, a propósito do dinheiro que a pobre senhora pediu para ajudar o pai. Ela desmaiou, chamou-se um médico e foi preciso sangrá-la. Ela gritava: “Meu pai está morrendo, quero ver papai!”. Eram gritos de cortar a alma...

— Basta, Teresa. Mesmo que viesse, seria inútil. O sr. Goriot já não conhece ninguém.

— Coitado! Está tão mal assim? — disse Teresa.

— Se não precisam de mim, vou preparar o jantar, já são quatro e meia — disse Sílvia, que quase se chocou no alto da escada com a sra.

de Restaud.

A aparição da condessa foi grave e terrível. Contemplou o leito de morte, mal iluminado por uma única vela, e chorou, ao perceber o rosto do pai, onde palpitavam ainda os últimos estremecimentos de vida. Por discrição, Bianchon retirou-se.

— Não pude sair de casa a tempo — disse a condessa a Rastignac.

O estudante concordou, com um gesto de cabeça cheio de tristeza. A sra. de Restaud tomou a mão do pai e beijou-a.

— Perdoe-me, papai! O senhor dizia que minha voz o ergueria do túmulo. Pois volte um momento à vida para abençoar sua filha arrependida. Escute-me. Isso é horrível! Sua bênção é a única que posso receber neste mundo, de agora em diante. Todos me odeiam, só o senhor me ama. Até meus filhos me odiarão. Leve-me consigo, hei de amá-lo, cuidarei do senhor! Não ouve mais... estou louca!

Caiu ajoelhada e contemplou aqueles destroços humanos com uma expressão de delírio.

— Não falta nada para minha desgraça! — disse, olhando para Eugênio. — O sr. de Trailles foi embora, deixando aqui dívidas enormes, e além disso soube que me enganava. Meu marido não me perdoará nunca e deixei-o senhor de minha fortuna. Perdi todas as minhas ilusões. Por quem fui trair o único coração (mostrou o pai) no qual eu era adorada? Fui injusta para com ele, repeli-o, causei-lhe uma infinidade de males. Sou uma infame!

— Ele o sabia — disse Rastignac.

Nesse momento, o pai Goriot abriu os olhos, mas apenas por efeito de uma convulsão. O gesto que revelou a esperança da condessa não foi menos horrível do que os olhos do moribundo.

— Estará ouvindo? — exclamou a condessa. — Não — disse para si mesma, sentando-se junto do leito.

Tendo a sra. de Restaud manifestado o desejo de ficar cuidando do pai, Eugênio desceu para comer alguma coisa. Os pensionistas já estavam reunidos.

— Então — disse o pintor —, será que vamos ter um mortoramazinho lá em cima?

— Carlos — respondeu Eugênio —, acho que você devia gracejar

sobre alguma coisa menos lúgubre.

— Então não mais podemos rir aqui? — replicou o pintor. — Que mal há nisso, já que Bianchon disse que o velho perdeu o conhecimento?

— Como podia perdê-lo, se nunca o tivera? — disse o funcionário do museu.

— Papai morreu! — gritou a condessa.

Ao ouvirem esse grito terrível, Sílvia, Rastignac e Bianchon subiram e encontraram a sra. de Restaud desmaiada. Depois que a reanimaram, levaram-na para o carro que a esperava. Eugênio confiou-a aos cuidados de Teresa, mandando que a conduzissem à casa da sra. de Nucingen.

— Sim, morreu mesmo! — disse Bianchon, descendo.

— Vamos para a mesa, senhores! — disse a sra. Vauquer. — A sopa vai esfriar.

Os dois estudantes sentaram-se juntos.

— Que é preciso fazer agora? — perguntou Eugênio a Bianchon.

— Já lhe fechei os olhos e o arranjei convenientemente. Quando o médico da prefeitura tiver constatado o óbito que iremos comunicar, será envolvido numa mortalha e enterrado. Que mais queres que lhe aconteça?

— Não cheirará mais o pão desse jeito! — disse um pensionista, imitando a careta do velho.

— Que diabo, senhores! — disse o explicador. — Deixem o pai Goriot e não nos obriguem mais a comê-lo, que já faz uma hora que o estão servindo com todos os molhos possíveis. Um dos privilégios desta boa cidade de Paris é que aqui a gente pode nascer, viver e morrer sem que ninguém preste atenção. Aproveitemos as vantagens da civilização. Morreram hoje sessenta pessoas. Querem compadecer-se das hecatombes parisienses? Se o pai Goriot arrebentou, tanto melhor para ele! E se os senhores o adoram, vão velar o corpo e deixem-nos comer tranquilamente.

— É isso mesmo — disse a viúva. — Tanto melhor para ele ter morrido! Parece que o coitado teve uma vida bem atormentada.

Tal foi a única oração fúnebre de um ser que, para Eugênio,

simbolizava a paternidade. Os quinze pensionistas puseram-se a comer como de costume. Quando Eugênio e Bianchon terminaram de jantar, o ruído dos garfos e colheres, os risos da palestra, as diversas expressões daqueles rostos glutões e indiferentes, sua impassibilidade, tudo aquilo gelou-os de horror. Saíram para buscar um padre que velasse e orasse durante a noite junto do morto. Tiveram de medir os últimos deveres a prestar ao velho pelo pouco dinheiro de que poderiam dispor. Às nove da noite, o corpo foi colocado entre duas velas, naquele quarto vazio, e um padre sentou-se junto dele. Antes de deitar-se, Rastignac, tendo pedido informações ao eclesiástico sobre o preço de seu serviço e do enterro, escreveu um bilhete ao barão de Nucingen, solicitando-lhe que mandasse seus procuradores a fim de atender às despesas do sepultamento. Encarregou Cristóvão de levar o recado e depois deitou-se e adormeceu, vencido pela fadiga.

Na manhã seguinte, Bianchon e Rastignac tiveram de ir comunicar o óbito, que foi constatado ao meio-dia. Duas horas depois, nenhum dos genros havia mandado dinheiro e ninguém se apresentou em seu nome, de modo que Rastignac foi obrigado a pagar os serviços do padre. Como Sílvia pedisse dez francos para amortalhar o velho, Eugênio e Bianchon calcularam que, como os parentes do morto não queriam auxiliar em nada, teriam apenas com que atender às despesas. O estudante de Medicina encarregou-se, portanto, de colocar o cadáver num caixão de pobre, que mandou buscar no hospital, onde o conseguiu mais barato.

— Prega uma peça àqueles patifes — disse a Eugênio. — Compra um terreno, por cinco anos, no cemitério do Père-Lachaise e encomenda um serviço de terceira classe à igreja e à casa funerária. Se os genros e as filhas se recusarem a reembolsar-te os gastos, manda gravar sobre o túmulo: “Aqui jaz o sr. Goriot, pai da condessa de Restaud e da baronesa de Nucingen, sepultado a expensas de dois estudantes”.

Eugênio só seguiu o conselho do amigo depois de ter ido inutilmente à casa dos Nucingen e à dos Restaud. Não foi além da porta. Os porteiros tinham ordens severas:

— Os patrões não recebem ninguém — disseram. — Seu pai morreu e eles estão mergulhados na mais profunda dor.

Eugênio tinha suficiente experiência da sociedade parisiense para compreender que não devia insistir. Sentiu um estranho aperto no coração quando se viu na impossibilidade de avisar a própria Delfina.

Venda um adorno — escreveu-lhe pelo porteiro — *para que seu pai seja decentemente conduzido à última morada.*

Fechou o bilhete e pediu ao porteiro do barão que mandasse Teresa entregá-lo à patroa. O porteiro, porém, entregou-o ao barão de Nucingen, que o lançou ao fogo.

Após ter feito todas as suas diligências, Eugênio voltou às três horas à pensão burguesa e não pôde conter uma lágrima ao perceber, à porta, o caixão coberto apenas com um pano preto, sobre duas cadeiras, na rua deserta. Um aspersório ordinário, no qual ninguém ainda tocara, estava de molho num prato de cobre prateado, cheio de água benta. Não havia nem cortinas pretas na porta. Era a morte dos pobres, que não tem fausto, nem cortejo, nem parentes, nem amigos. Bianchon, tendo que comparecer ao hospital, escrevera um bilhete a Rastignac para dar-lhe conta do que combinara com a igreja. O interno informava-lhe que uma missa era muito cara e que precisavam contentar-se com um serviço de vésperas, mais barato, e que mandara Cristóvão com um bilhete à casa funerária. Quando Eugênio acabou de ler os rabiscos de Bianchon, viu entre as mãos da sra. Vauquer o medalhão com aro de ouro que continha os cabelos das duas filhas.

— Como teve a coragem de tirar isso? — perguntou-lhe.

— Ora! Será preciso enterrá-lo com ele? — replicou Sílvia. — É de ouro.

— Claro que sim! — disse Eugênio, indignado. — Que leve consigo ao menos a única coisa que lhe possa representar as filhas.

Quando o carro fúnebre chegou, Eugênio fez levar o caixão para cima, abriu-o e colocou religiosamente sobre o peito do velho uma imagem que se relacionava com o tempo em que Delfina e Anastácia eram jovens, virgens e puras e não *raciocinavam*, como ele dissera em seus gritos de agonizante.

Rastignac e Cristóvão, além de dois gatos-pingados, foram os únicos que acompanharam o carro que levou o pobre homem a Saint-Etienne du Mont, igreja pouco distante da rue Neuve-Sainte-Geneviève. Ao

chegarem lá, o corpo foi exposto numa capelinha baixa e escura, em torno da qual o estudante procurou em vão as filhas ou os genros do pai Goriot. Ficou só com Cristóvão, que se julgava obrigado a prestar as últimas homenagens a um homem que lhe proporcionara boas gorjetas. Enquanto esperavam os dois padres, o sacristão e o menino do coro, Rastignac apertou a mão de Cristóvão, sem poder pronunciar uma palavra.

— É verdade, sr. Eugênio — disse Cristóvão. — Era um homem bom e honesto, que nunca disse uma palavra mais alta que outra, nunca prejudicou ninguém nem fez mal algum.

Os dois padres, o sacristão e o menino do coro chegaram e deram tudo quanto se pode obter por setenta francos, numa época em que a religião não é bastante rica para rezar gratuitamente. Os religiosos cantaram um salmo, o *Libera* e o *De profundis*. O ofício durou vinte minutos. Havia apenas uma carruagem de enterro, para um padre e um sacristão, que consentiram em levar consigo Eugênio e Cristóvão.

— Não há acompanhamento — disse o padre. — Podemos ir depressa, para não nos atrasarmos. São cinco e meia.

No momento em que o corpo foi colocado no carro fúnebre, duas carruagens com insígnias da nobreza, mas vazias, a do conde de Restaud e a do barão de Nucingen, apareceram e acompanharam o enterro até o Père-Lachaise.

Às seis horas, o corpo do pai Goriot desceu à cova, em torno da qual estavam os criados das filhas, que desapareceram com os religiosos logo que foi pronunciada a curta oração devida ao bom velho pelo dinheiro do estudante. Os dois coveiros, depois de atirarem algumas pás de terra em cima do caixão, para ocultá-lo, ergueram-se, e um deles, dirigindo-se a Rastignac, pediu-lhe uma gorjeta. Eugênio revistou os bolsos e, não tendo encontrado nada, foi obrigado a pedir vinte soldos emprestados a Cristóvão. Esse fato, tão insignificante em si mesmo, causou a Rastignac um horrível acesso de tristeza. Caía a tarde. Um crepúsculo úmido irritava os nervos. Eugênio contemplou a sepultura e enterrou nela sua derradeira lágrima de rapaz, aquela lágrima arrancada pelas puras emoções de um coração puro, uma dessas lágrimas que, da terra onde caem, se elevam até o céu. Cruzou

os braços e admirou as nuvens. Vendo-o nessa atitude, Cristóvão o deixou.

Ficando só, Rastignac encaminhou-se para a parte alta do cemitério e de lá viu Paris, tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos fixaram-se quase avidamente entre a coluna da Place Vendôme e os Invalides, no ponto em que vivia aquela bela sociedade na qual quisera penetrar. Lançou àquela colmeia sussurrante um olhar que parecia sugar-lhe antecipadamente o mel e proferiu esta frase suprema:

— Agora, é entre nós dois!

E como num primeiro ato de desafio à sociedade, Rastignac foi jantar à casa da sra. de Nucingen.

Saché, setembro de 1834

O CORONEL CHABERT

TRADUÇÃO DE VIDAL DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

O coronel Chabert (em francês: *Le colonel Chabert*), publicado primeiro em revista, em 1832, teve em suas sucessivas reedições vários títulos, a saber: *A transação*, *O conde Chabert* e *A condessa de dois maridos*. Foi na edição de 1844 que recebeu o título atual.

A ideia inicial desta novela justamente famosa, Balzac tê-la-ia encontrado em Angoulême, em casa dos Carraud, seus bons amigos, cuja vida provavelmente lhes forneceu alguns elementos para as *Memórias de duas jovens esposas*. Um amigo do comandante Carraud, o sr. Dupac, antigo oficial de Napoleão, fora deixado como morto num campo de batalha; ao voltar mais tarde à França, teve dificuldades em fazer-se identificar. Foi desse episódio que Balzac tirou *A transação*. "É ainda apenas uma grande novela, mas, pela riqueza da ação, pela dramaticidade que nasce, de página em página, de situações novas, é quase um desses romances em que, mais tarde, Balzac fará caber uma sociedade, uma época inteiras", escreve L. J. Arrigon em *Os anos românticos de Balzac* (1927).

A história do soldado deixado por morto e que, voltando anos depois, não encontra seu lugar na sociedade é um antigo assunto da literatura, ao qual os casos produzidos por novas guerras conferem atualidade periódica. Entre outros, seria aproveitado por Tenagron em *Enoch Arden*, ulterior a *O coronel Chabert*. Foi Balzac o primeiro que a situou num cenário essencialmente real: o escritório de advocacia, cenário inevitável dos dramas modernos mais empolgantes. Nisso é que consiste a essencial orginalidade do escritor que transformaria um gênero. Seus heróis, por mais patéticos, por mais gigantescos que sejam, vivem no mesmo mundo em que nós vivemos, gastam, trajam e

comem da mesma forma, obedecem ou não obedecem ao mesmo código.

Três novelas deste volume — *O coronel Chabert*, *A interdição* e *O contrato de casamento* — têm como assunto casos da vida judiciária; como molas, parágrafos do Código Civil; como personagens, advogados, juízes e tabeliães. Por aí se vê o extraordinário proveito que Balzac tirou dos anos "perdidos" de sua mocidade, que ele passou, mau grado seu, como escrevente de cartório.

Fernand Roux, que, em *Balzac jurisconsulto e criminalista* (1906), livro aliás fraco, examinou *A comédia humana* do ponto de vista jurídico, assinala que *O coronel Chabert* contém uma interpretação errada do Código Civil e que, por conseguinte, o próprio ponto de partida da novela é falso. Nesta, o advogado Derville propõe a seu cliente, o coronel ressuscitado, que transija com a esposa casada em segundas núpcias por ser o Código omisso quanto a seu caso. Roux mostra que, ao contrário, as disposições da lei são da maior clareza e que Derville aconselhou mal seu constituinte; Chabert ganharia seu processo de qualquer maneira. Mas Chabert provavelmente não iria até o fim do processo como não vai até o fim da transação. Esse veterano que volta de entre os mortos tem uma consciência, uma delicadeza, uma probidade pouco aproveitáveis no mundo dos vivos. Revoltado, no começo, ao ver que o querem empurrar de novo para o túmulo — por fim, cheio de nojo e desprezo pela humanidade —, vai-se enterrar vivo ele próprio.

Não tem, pois, importância decisiva o erro provavelmente intencional de Balzac, uma vez que tudo o mais é rigorosamente exato: as figuras do coronel, da esposa e do advogado, a descrição do escritório de advocacia, as observações do escritor sobre a experiência trágica do advogado, comparada à do médico e à do sacerdote. Estando quase no começo de sua verdadeira carreira de escritor, contudo Balzac já possui plenamente um de seus dotes característicos: a gradação. A história, iniciada por uma cena grotesca, com pilhérias de escreventes (cena que faz réplica a outro quadro de escritório, igualmente bem apanhado, de *Uma estreia na vida*), vai progressivamente adquirindo uma intensidade dramática.

Repare-se, sobretudo, no vigor com que Balzac soube traçar o retrato da condessa Ferraud, ex-condessa Chabert, uma das figuras mais terríveis de sua vasta galeria de gozadoras. Para tornar sua atitude mais compreensível, teve Balzac a feliz ideia de inspirar a seu segundo marido arrependimento de ter casado com ela. Se não estivesse ameaçada de ver o segundo esposo aproveitar a possibilidade de uma separação, decerto a condessa não trataria o primeiro de maneira tão abjeta. Disposta a renegar o coronel Chabert para conservar as vantagens de sua segunda união, a intrigante se transforma numa fúria desde o momento em que Chabert se lembra de evocar, na presença de um terceiro, seu passado de meretriz. Desde então não recua diante de nenhum crime e acaba por matar o veterano uma segunda vez, e melhor do que na primeira.

O pessimismo de Balzac, que em *O pai Goriot* se expandiu na filípica de Vautrin contra a sociedade, exprime-se aqui nas conclusões desoladoras do advogado Derville, graves e incisivas como um epitáfio. As leis são impotentes contra os crimes disfarçados que encontramos cada dia no seio das famílias. Pessoas da integridade de um Chabert têm de procurar uma evasão seja no que for, até na loucura ou na apatia entre as paredes de um hospício.

paulo rónai

O CORONEL CHABERT

À SRA. CONDESSA IDA DE BOCARMÉ,[144]
"NÉE" DU CHASTELER.

I – UM ESCRITÓRIO DE ADVOGADO

— Bolas! Outra vez o velho do capote!

Essa exclamação soltou-a um praticante, pertencente ao gênero dos que nos escritórios são chamados mandadeiros, e que naquele momento mastigava, com ótimo apetite, um pedaço de pão; com um pouco de miolo fez uma bolinha que, a rir, atirou pelo postigo da janela na qual se apoiava. Bem atirada, a bolinha ricochetou quase à altura do parapeito depois de ter batido no chapéu de um desconhecido que vinha atravessando o pátio de uma casa da rue Vivienne, onde morava o sr. Derville,[145] advogado.

— Vamos, Simonin, deixe-se de picardias com os outros, do contrário ponho-o na rua. Que diabo, por mais pobre que seja um cliente, é sempre um homem — disse o primeiro praticante, interrompendo a adição de um memorando de gastos.

O mandalete é geralmente, como era Simonin, um rapazinho de treze para catorze anos, que, em todas as bancas de advocacia, acha-se sob as ordens especiais do primeiro praticante, cujas mensagens e cartinhas de amor constituem um de seus encargos, ao mesmo tempo que leva as citações para os oficiais de justiça e as petições ao Tribunal.

É aparentado com o garoto de Paris pelos costumes e está ligado à chicana por seu destino. É um diabrete quase sempre sem piedade, sem freio, indisciplinado, rimador de quadrinhas, trocista guloso e preguiçoso. Entretanto, quase todos esses aprendizes têm uma velha mãe que mora num quinto andar e com a qual dividem os trinta ou quarenta francos de seu ordenado mensal.

— Se é um homem, por que o chama de *velho do capote*? — disse Simonin com o ar do colegial que pegou o mestre num erro.

E continuou a comer seu pão com queijo, encostando o ombro no marco da janela, pois descansava de pé, do mesmo modo que os cavalos das tipoias, com uma das pernas encolhidas e apoiada na outra, sobre a ponta do sapato.

— Que peça poderemos pregar a esse pobre-diabo? — disse em voz baixa o terceiro praticante, chamado Godeschal,[146] detendo-se em meio de um arrazoado que estava engendrando para um requerimento que ditava ao quarto praticante e cujas cópias eram feitas por dois neófitos vindos da província. Depois, continuou sem improviso: — *Mas, na sua nobre e benevolente sabedoria, Sua Majestade Luís Dezoito* (escrevera por extenso, senhor Desroches, sábio, que está fazendo a primeira via), *no momento em que retomou as rédeas do seu reino, compreendeu...* (que é que esse pândega terá compreendido?) *a alta missão que lhe fora confiada pela Divina Providência!...* (ponto de exclamação e três pontinhos: o pessoal do Tribunal é bastante religioso para aguentar isso), *e seu primeiro pensamento foi, como o prova a data da ordenação abaixo especificada, reparar os infortúnios causados pelos horríveis e tristes desastres desses nossos tempos revolucionários, restituindo aos seus fiéis e numerosos servidores* (numerosos é uma lisonja que deverá agradar ao Tribunal) *todos os seus bens que não foram vendidos, quer se encontrassem no domínio público, quer no domínio ordinário ou extraordinário da Coroa, quer, enfim, se achassem nas dotações de estabelecimentos públicos, porque somos e nos julgamos aptos a sustentar que tal é o espírito e o sentido da famosa e tão leal ordenança expedida em...*

— Esperem — disse Godeschal aos três últimos praticantes —, esta frase malvada encheu-me o fim da página. Bem! — continuou, depois

de umedecer com a língua as costas do caderno a fim de poder virar a página grossa do papel selado. — Bem, se vocês quiserem pregar-lhe uma peça, não têm mais do que dizer-lhe que o patrão só pode falar com os seus clientes entre duas e três horas da madrugada; quero ver se esse velho celerado vem! — E Godeschal continuou a frase começada: — *Expedida em*... Já estão? — perguntou.

— Sim — gritaram os três copistas.

Tudo marchava junto, o requerimento, a palestra e a conspiração.

— *Expedida em*... Hein, tio Boucard, qual é a data da ordenança? É preciso pôr os pontos nos ii, caramba! Isso ajuda a encher a página.

— Caramba! — repetiu um dos copistas antes que Boucard, chefe dos praticantes, respondesse.

— Como! Você escreveu *caramba*? — exclamou Godeschal, olhando para um dos recém-vindos com ar ao mesmo tempo severo e trocista.

— Sim, senhor — disse Desroches, o quarto praticante, curvando-se para a cópia do vizinho —, ele escreveu: *É preciso pôr os pontos nos ii*, e *karamba* com k.

Todos os praticantes soltaram uma estrondosa gargalhada.

— Como! Sr. Huré, o senhor toma *caramba* por um termo de direito e diz que é de Mortagne![147] — exclamou Simonin.

— Apague isso! — disse o chefe dos praticantes. — Se o juiz encarregado de calcular a taxa dos autos visse semelhante coisa, diria que estamos troçando da autoridade, das coisas mais sérias! Você com isso daria dores de cabeça ao patrão. Vamos, sr. Huré, não me faça mais asneiras dessas! Um normando não deve escrever desatentamente um requerimento. Isto é o *Apresentar armas!* da vida forense.

— *Expedida em*... *em?* — perguntou Godeschal. — Diga-me, Boucard, em que data?

— Junho de 1814 — respondeu o primeiro praticante sem deixar seu trabalho.

Uma batida à porta do escritório interrompeu a frase do prolixo requerimento. Cinco praticantes ávidos, com olhos vivos e zombeteiros, de cabelos encarapinhados, levantaram o nariz para a porta, depois de terem todos gritado: — Entre. — Boucard conservou o

rosto mergulhado num monte de atas, denominadas *broutille*[148] na linguagem forense, e continuou a redigir o memorial de custas no qual estava trabalhando.

O escritório era uma peça grande, com a tradicional lareira que decora todos os antros da chicana. Os canos atravessavam diagonalmente a sala e iam ter a uma chaminé condenada, sobre cujo mármore viam-se vários pedaços de pão, fatias triangulares de queijo de Brie, costeletas de porco frescas, copos, garrafas e a xícara de chocolate do chefe dos praticantes. O cheiro desses comestíveis mesclava-se tão bem com a fetidez da lareira superaquecida, com o odor peculiar aos escritórios e às papeladas, que ali o fedor de uma raposa não seria sentido. O assoalho já estava coberto de lama e de neve trazidas pelos praticantes. Junto à janela estava a secretária com tampa do chefe, e à qual estava encostada a pequena mesa do segundo praticante. O segundo, naquele momento, estava ocupado no serviço do Tribunal. Podiam ser oito horas da manhã. O escritório tinha, como único ornamento, grandes cartazes amarelos anunciando penhores imobiliários, vendas, licitações entre adultos e menores, adjudicações definitivas ou preparatórias, a glória das bancas! Por trás do chefe via-se uma enorme estante que ocupava a parede de alto a baixo e de cujos compartimentos, cheios de papéis, pendia um número infinito de etiquetas e de fios vermelhos que dão uma fisionomia especial aos autos dos processos. As prateleiras inferiores da estante estavam cheias de pastas de papelão, amarelecidas pelo uso, com o dorso de papel azul, nas quais se liam os nomes dos clientes importantes cujas questões rendosas estavam sendo "cozinhadas" naquele momento. Os vidros sujos da janela deixavam filtrar pouca claridade. Aliás, em Paris, existem poucos escritórios nos quais se possa escrever, no mês de fevereiro, antes das dez horas, sem o auxílio de uma lâmpada, porque todos eles são objeto de uma negligência bem compreensível: todos vão lá, mas ninguém neles permanece, nenhum interesse pessoal se prende ao que é tão banal; nem o advogado, nem os pleiteantes, nem os praticantes fazem questão da elegância de um lugar que, para uns é uma aula, para outros um ponto de passagem, e para o dono um laboratório. O mobiliário sovado transmite-se de advogado para

advogado com um escrúpulo tão religioso que certos escritórios conservam ainda caixões de *resíduos*, moldes para atilhos, sacos provenientes dos procuradores do *chlet*, abreviação do châtelet, jurisdição que na antiga ordem correspondia ao atual Tribunal de Primeira Instância. O escritório de que nos ocupamos, escuro, coberto de pó, tinha, pois, como todos os outros, qualquer coisa de repulsivo para os demandistas, o que o tornava uma das mais hediondas monstruosidades parisienses. É certo que, se não existissem as sacristias úmidas onde se pesam e pagam as preces como especiarias, nem as lojas de belchior onde se veem dependurados farrapos que fazem murchar as ilusões da vida — mostrando-nos ao que vão ter as nossas festas —, se não existissem essas duas cloacas da poesia, um escritório de advocacia seria a mais horrível de todas as lojas sociais. Mas o mesmo acontece com a casa de jogo, com o tribunal, com a agência de loterias e com as casas mal-afamadas. Por quê? Talvez porque nesses lugares em que o drama se passa na alma dos seres, os acessórios se lhes tornam indiferentes, o que também explicaria a simplicidade dos grandes pensadores e dos grandes ambiciosos.

— Onde está o meu canivete?

— Estou almoçando!

— Vai te catar. Bonito! Um pastel em cima do requerimento!

— Xi, senhores!

Essas múltiplas exclamações explodiram ao mesmo tempo, no momento em que o velho pleiteante fechou a porta com a humildade que desnatura os movimentos de um homem infeliz. O desconhecido tentou sorrir, mas os músculos de seu rosto distenderam-se quando ele, debalde, procurou sinais de amenidade nas fisionomias inexoravelmente indiferentes dos seis praticantes. Habituado, sem dúvida, a julgar os homens, dirigiu-se muito cortesmente ao mandadeiro, na esperança de que aquele mártir lhe respondesse delicadamente.

— Diga-me, senhor, posso ver seu patrão?

O malicioso mandadeiro respondeu ao pobre do homem apenas com um gesto, dando com os dedos da mão esquerda pequeninos golpes na orelha, como para dizer-lhe: “Sou surdo”.

— Que deseja, senhor? — perguntou Godeschal, que, ao mesmo tempo que fazia essa pergunta, engolia um pedaço de pão com o qual ter-se-ia podido carregar um canhão de quatro, esgrimia com a faca e cruzava as pernas, levando o pé que estava no ar quase à altura dos olhos.

— É a quinta vez que venho aqui, senhor — respondeu o paciente. — Desejo falar ao sr. Derville.

— Para algum negócio?

— Sim, mas só o posso explicar a ele...

— O patrão está dormindo, e, se o senhor deseja consultá-lo sobre alguma dificuldade, ele só trabalha seriamente depois da meia-noite. Mas, se quiser nos dizer do que se trata, nós poderíamos, tão bem como ele, lhe...

O desconhecido permaneceu impassível. Pôs-se a olhar modestamente em torno, como um cão que, tendo penetrado numa cozinha estranha, tem medo de levar pancada. Os praticantes, pelas próprias condições de seu estado, não têm medo de ladrões, razão pela qual não tiveram suspeitas do homem da capa e o deixaram examinar o local, onde ele, em vão, procurou uma cadeira para descansar, pois estava visivelmente fatigado. Por sistema, os advogados põem poucas cadeiras em seus escritórios. O cliente vulgar, cansado de esperar, de pé, vai embora resmungando, mas não toma um tempo que, segundo a expressão de um velho procurador, não é lançado na *conta*.

— Senhor — respondeu —, já tive a honra de preveni-lo de que só podia explicar meu caso ao sr. Derville, e por isso esperarei que ele acorde.

Boucard terminara sua adição. Sentiu o perfume de seu chocolate, levantou-se da poltrona de vime, dirigiu-se à lareira, mediu com o olhar o homem, de alto a baixo, olhou a capa e fez um trejeito indescritível. Pensou consigo mesmo que, provavelmente, de qualquer maneira que se espremesse aquele cliente, seria impossível tirar dele um cêntimo que fosse, e interveio, então, com palavras concisas, com a intenção de desembaraçar o escritório de um mau cliente.

— Disseram-lhe a verdade, senhor. O patrão só trabalha durante a noite. Se seu assunto é muito importante, aconselho-o a voltar à uma

hora da madrugada.

O pleiteante olhou para o chefe dos praticantes com ar estúpido e permaneceu um instante imóvel. Acostumados às modificações fisionômicas e aos singulares caprichos provocados pela indecisão ou pela meditação que caracteriza os demandistas, os praticantes continuaram a comer, fazendo tanto barulho com suas mandíbulas quanto o devem fazer cavalos na manjedoura, não mais dando atenção ao velho.

— Senhor, voltarei à noite — disse por fim o velho, que, pela tenacidade peculiar aos desgraçados, queria livrar-se de qualquer culpa, atirando-a sobre a humanidade.

O único epigrama permitido à miséria é o de obrigar a justiça e a beneficência a recusas injustas. Quando os infelizes conseguem inculpar a sociedade de mentira, eles se atiram com mais ardor no seio de Deus.

— E que me dizem desta *ostra?* — exclamou Simonin antes de o velho ter fechado a porta.

— Tem ares de um desenterrado — disse um praticante.

— Deve ser algum coronel que quer reclamar os atrasados — conjecturou o primeiro praticante.

— Não — disse Godeschal —, é um porteiro aposentado.

— Aposto que é um nobre! — exclamou Boucard.

— Pois eu aposto que foi porteiro — replicou Godeschal. — Só os porteiros recebem da natureza capas usadas, gordurosas e esfiapadas nas bordas como a desse pobre-diabo. Vocês não repararam nas botinas cambaias e furadas, nem na gravata que lhe serve de camisa? Garanto que ele dorme embaixo de uma ponte.

— Ora essa, ele pode ser nobre e ter sido porteiro — disse Desroches. — Já se tem visto isso.

— Não — replicou Boucard, no meio dos risos —, afirmo que ele foi cervejeiro em 1789 e coronel na República.

— Pois eu aposto um espetáculo para todos em como ele nunca foi soldado — disse Godeschal.

— Topo — aceitou Boucard.

— Senhor! Senhor! — gritou o mandadeiro, abrindo a janela.

— Que é isso, Simonin? — perguntou Boucard.

— Estou chamando o velho para perguntar se é coronel ou porteiro; ele tem de saber.

Todos os praticantes começaram a rir. O velho, este já vinha subindo a escada.

— Que iremos dizer a ele? — exclamou Godeschal.

— Deixe por minha conta! — respondeu Boucard.

O pobre homem entrou timidamente com os olhos abaixados, talvez para não deixar perceber a fome, ao olhar com demasiada avidez para os comestíveis.

— Cavalheiro — disse Boucard —, quer ter a bondade de nos dizer seu nome, para que o patrão saiba se…

— Chabert…

— É o coronel que foi morto em Eylau?[149] — perguntou Huré, que, nada tendo dito até então, ardia em desejos de acrescentar mais um motejo aos outros.

— Ele mesmo, senhor — respondeu o pobre-diabo com uma simplicidade antiga.

E retirou-se.

— Chuit!

— Liquidado!

— Puf!

— Oh!

— Ah!

— Bum!

— Olhem o velho patife!

— Trim, trim, trim.

— Na cabeça!

— Sr. Desroches, o senhor vai ao teatro sem pagar — disse Huré ao quarto praticante, dando-lhe no ombro um tapa capaz de abater um rinoceronte.

Foi uma torrente de gritos, de risos e de exclamações, para cuja reprodução seriam necessárias todas as onomatopeias da língua.

— A que teatro iremos?

— À Ópera — disse o chefe.

— Primeiro que tudo — reclamou Godeschal —, não combinou a que teatro seria. Posso, se quiser, levá-los à casa da sra. Saqui.[150]

— A sra. Saqui não é um espetáculo — disse Desroches.

— Que é um espetáculo? — replicou Godeschal. — Estabeleçamos primeiro a *questão de fato*. Que apostei eu, senhores? Um espetáculo. Que é um espetáculo? Uma coisa que se vê...

— Por essa teoria você ficaria quite com levar-nos a ver a água correr embaixo da Pont Neuf! — exclamou Simonin, interrompendo-o.

— ...que se vê por dinheiro — concluiu Godeschal.

— Mas por dinheiro a gente vê muitas coisas que não são um espetáculo — disse Desroches. — A definição não é exata.

— Mas ouçam-me.

— Você está delirando, meu caro — disse Boucard.

— Curtius[151] é um espetáculo? — perguntou Godeschal.

— Não — respondeu o primeiro praticante —, é uma sala de figuras de cera.

— Aposto cem francos contra um vintém — retrucou Godeschal — em como o gabinete de Curtius constitui o conjunto de coisas ao qual se atribui a denominação de espetáculo. Compõe-se de uma coisa que se vê por vários preços, segundo os lugares em que as pessoas se colocam.

— E *berliques e berloques* — disse Simonin.

— Olha tu, cuidado, porque senão te dou uma bofetada — disse Godeschal.

Os praticantes deram de ombros.

— De resto, não está provado que esse macaco velho não se tenha rido à nossa custa — disse ele, terminando sua argumentação, que foi abafada pelas gargalhadas dos outros praticantes. — Em consciência, o coronel Chabert está morto e bem morto, tanto assim que a viúva dele casou-se com o conde Ferraud, conselheiro de Estado. A sra. Ferraud é cliente do escritório.

— A causa está adiada para amanhã — disse Boucard. — Toca a trabalhar, corja de vagabundos! Não se faz nada aqui! Tratem de acabar essa petição, que ela deve ser apresentada antes da audiência da Quarta Câmara. O processo vai ser julgado hoje. Vamos, a galope.

— Se fosse o coronel Chabert, ele não teria dado um pontapé no traseiro desse pândego de Simonin, quando se fez de surdo? — disse Desroches, considerando essa observação como sendo mais concluente do que a de Godeschal.

— Uma vez que nada está decidido ainda — disse Boucard —, vamos combinar ir nos camarotes de segunda no Français, para ver Talma em Nero.[152] Simonin irá na plateia.

E, ao dizer isso, o primeiro praticante sentou-se a sua secretária, sendo imitado por todos.

— *Expedida em junho de mil oitocentos e catorze* (por extenso) — disse Godeschal. — Pronto?

— Sim — responderam os dois copistas e o escrivão, cujas penas começaram a correr em cima do papel selado, fazendo no escritório o ruído de cem besouros encerrados por colegiais em cartuchos de papel.

— E *esperamos que os senhores que compõem o Tribunal*... — disse o improvisador. — Alto! Preciso reler minha frase; nem eu me compreendo mais.

— Quarenta e seis... Isso deve acontecer seguidamente...! e três, quarenta e nove — disse Boucard.

— *Esperamos* — continuou Godeschal depois de ter relido tudo — *que os senhores que compõem o Tribunal não serão menores do que o augusto autor da ordenança, e que farão justiça quanto às miseráveis pretensões da administração da grande chancelaria da Legião de Honra, fixando a jurisprudência no sentido amplo que aqui estabelecemos*...

— Sr. Godeschal, quer um copo d'água? — perguntou o pequeno praticante.

— É um farsante este Simonin — disse Boucard. — Toma, prepara teus cavalos de dupla sola, pega este embrulho e dança até aos Invalides.

— *Que aqui estabelecemos* — continuou Godeschal. — Acrescente: *no interesse da senhora*... (por extenso) *viscondessa de Grandlieu.* [153]

— Como! — exclamou o praticante-chefe. — Você se mete a fazer petições na questão da viscondessa de Grandlieu contra a Legião de

Honra, uma questão do escritório, contratada a preço certo? Você é um grande trouxa! Faça-me o obséquio de pôr de lado suas cópias e sua minuta e deixe isso para a questão Navarreins contra os Asilos. É tarde, vou fazer uma petição com considerandos e irei eu mesmo ao Tribunal...

Essa cena representa um dos mil prazeres que, mais tarde, fazem dizer, ao pensar na mocidade: — Bons tempos!

Cerca de uma hora da madrugada, o pretenso coronel Chabert veio bater à porta do sr. Derville, advogado perante o Tribunal de Primeira Instância do departamento do Sena. O porteiro respondeu-lhe que o sr. Derville ainda não voltara. O velho alegou a entrevista e subiu ao escritório daquele célebre legista que, não obstante sua mocidade, passava por ser uma das mais sólidas inteligências do Tribunal. Depois de ter tocado a sineta, não foi pequena a surpresa do desconfiado solicitante ao ver o primeiro praticante ocupado em dispor, sobre a mesa da sala de jantar do patrão, os numerosos autos das questões a serem tratadas no dia seguinte, em ordem útil. O praticante, não menos admirado, cumprimentou o coronel, convidando-o a sentar-se, o que o pleiteante fez.

— Francamente, senhor, pensei que estivesse gracejando, ontem, quando me marcou uma hora tão matinal para uma consulta — disse o velho com a falsa alegria de um homem arruinado que se esforça por sorrir.

— Os praticantes estavam gracejando e ao mesmo tempo diziam a verdade — replicou o chefe, continuando seu trabalho. — O sr. Derville escolheu esta hora para examinar as suas causas, resumir-lhes as razões, orientar o processo e preparar as defesas. A esta hora sua prodigiosa inteligência sente-se mais livre, porque é o único momento em que ele consegue o silêncio e a tranquilidade necessários para a concepção de boas ideias. O senhor, desde que ele advoga, é o terceiro exemplo de uma consulta fixada para uma hora tão tardia. Quando chegar, o patrão discutirá cada questão, lerá tudo, ficará, talvez, quatro ou cinco horas trabalhando; depois me chamará para explicar-me suas intenções. Pela manhã, das dez horas às duas da tarde, ele ouve seus clientes; depois dedica o resto do dia às suas entrevistas. À tarde

frequenta a sociedade para manter suas relações. Resta-lhe, pois, só a noite para esmiuçar seus processos, esquadrinhar os arsenais do Código e formular seus planos de combate. Não quer perder uma única de suas causas; tem a paixão de sua arte. Não faz como os colegas, que aceitam qualquer questão. Eis a sua vida, que é singularmente ativa. Mas também ganha muito dinheiro.

Ao ouvir essa exposição, o velho ficou silencioso e sua estranha fisionomia tomou uma expressão tão desprovida de inteligência que o praticante, depois de o ter observado, não mais se preocupou com ele. Poucos momentos após, Derville chegou, em traje de baile. Seu primeiro praticante abriu-lhe a porta e continuou a classificação dos autos.

O jovem advogado ficou durante um momento estupefato ao entrever na penumbra o singular cliente que o estava esperando. O coronel Chabert estava tão perfeitamente imóvel quanto uma figura de cera daquela sala Curtius a que Godeschal quisera levar seus camaradas. Aquela imobilidade não teria sido talvez motivo de espanto se não completasse o espetáculo sobrenatural que o conjunto da personagem apresentava. O velho soldado era magro e seco. Sua fronte, propositalmente oculta sob os cabelos de sua peruca lisa, dava-lhe um aspecto misterioso. Seus olhos pareciam recobertos por uma névoa transparente: era como um nácar embaciado cujos reflexos azulados cintilassem ao clarão das velas. O rosto pálido, lívido, em lâmina de faca, se me é permitido usar essa expressão vulgar, parecia morto. O pescoço estava envolvido numa gravata ordinária de seda preta. A sombra escondia tão bem o corpo a partir da linha escura que aquele trapo limitava que um homem de imaginação teria podido tomar aquela velha cabeça por uma silhueta devida a um acaso ou por um retrato de Rembrandt, sem moldura. A aba do chapéu que cobria a cabeça do velho projetava um sulco negro sobre o alto do rosto. Esse efeito estranho, embora natural, fazia ressaltar, pela subitaneidade do contraste, as rugas brancas, as sinuosidades frias, o sentimento desbotado daquela fisionomia cadavérica. Enfim, a ausência de qualquer movimento no corpo, de qualquer calor no olhar ajustava-se com uma certa expressão de demência triste, com os degradantes

sintomas pelos quais o idiotismo se caracteriza, para fazer daquele rosto não sei quê de funesto que nenhuma palavra humana pode exprimir. Mas um observador, e sobretudo um advogado, teria achado também, nesse homem aniquilado, os sinais de uma dor profunda, os indícios da miséria, que desfigurara aquele rosto, como as gotas de água caídas do céu sobre um belo mármore acabam com o tempo estragando-o. Um médico, um autor, um magistrado teriam pressentido um drama completo no aspecto daquele sublime horror, cujo menor mérito era o de se parecer com as fantasias que os pintores, por divertimento, desenham na base de suas pedras litográficas enquanto conversam com os amigos.

Ao ver o advogado, o desconhecido estremeceu, com um movimento convulsivo semelhante ao que escapa aos poetas quando um ruído inesperado vem desviá-los de uma fecunda meditação, em meio ao silêncio da noite. O velho descobriu-se logo e levantou-se para saudar o rapaz; estando sem dúvida muito gorduroso o couro que guarnecia o interior de seu chapéu, a peruca ficou colada nele sem que o velho o percebesse e deixou ver a nu seu crânio horrivelmente mutilado por uma cicatriz transversal que partia do occipício e vinha terminar no olho direito, formando em seu percurso uma costura saliente. A súbita retirada daquela peruca suja que o pobre homem usava para ocultar seu ferimento não deu nenhuma vontade de rir aos dois homens da lei, de tão espantosa que era a vista daquele crânio fendido. O primeiro pensamento que o aspecto daquele ferimento sugeria era este: “Por ali fugiu a inteligência!”.

“Se não é o coronel Chabert, é em todo o caso um valente soldado!”, pensou Boucard.

— Senhor — disse-lhe Derville —, a quem tenho a honra de falar?

— Ao coronel Chabert.

— Qual deles?

— O que morreu em Eylau — respondeu o ancião.

Ao ouvir essa frase singular, advogado e praticante trocaram um olhar que significava: “É um louco” .

— Senhor — tornou o coronel —, eu desejaria confiar exclusivamente ao senhor o segredo de minha situação.

Uma coisa digna de nota é a intrepidez natural dos advogados. Seja pelo hábito de receber um grande número de pessoas, seja pelo sentimento profundo da proteção que as leis lhes concedem, seja ainda por confiança em seu ministério, eles entram por toda a parte sem nada temer, como os padres e os médicos. Derville fez um sinal a Boucard, o qual desapareceu.

— Senhor — disse o advogado —, durante o dia não sou muito avaro do meu tempo, mas no meio da noite os minutos me são preciosos. Assim, pois, seja breve e conciso. Vamos ao caso, sem digressões. Eu mesmo pedirei os esclarecimentos que julgar necessários. Fale.

Depois de ter feito sentar seu singular cliente, o rapaz sentou-se diante da mesa, mas, enquanto prestava atenção às palavras do finado coronel, folheava os autos.

— Senhor — disse o defunto —, talvez saiba que eu comandava um regimento de cavalaria em Eylau. Muito contribuí para o êxito da célebre carga que Murat[154] fez e que decidiu a vitória. Infelizmente para mim, minha morte é um fato histórico consignado nas *Victoires et conquêtes*,[155] onde ela é referida minuciosamente. Cortamos em duas as três linhas russas, as quais, tendo se reconstituído, obrigaram-nos a tornar a atravessá-las em sentido contrário. No momento em que voltávamos para o lado do imperador, depois de termos dispersado os russos, encontrei um troço de cavalaria inimiga. Precipitei-me sobre esses teimosos. Dois oficiais russos, dois verdadeiros gigantes, atacaram-me ao mesmo tempo. Um deles deu-me na cabeça uma cutilada que cortou tudo, até um gorro de seda preta que eu usava, e abriu-me profundamente o crânio. Caí do cavalo. Murat veio em meu socorro, passando por sobre mim, ele e toda a sua gente, mil e quinhentos homens apenas! Minha morte foi comunicada ao imperador, o qual, por prudência (ele gostava um pouco de mim, o patrão), quis saber se não haveria nenhuma probabilidade de salvar o homem a quem devia aquele vigoroso ataque. Mandou dois cirurgiões, a fim de me reconhecerem e trazerem para a ambulância, dizendo-lhes talvez um pouco negligentemente, pois tinha muito em que se ocupar: "Vão ver se, por acaso, meu pobre Chabert ainda vive...". Esses malditos açougueiros, que acabavam de me ver pisoteado pelos cavalos

de dois regimentos, dispensaram-se com certeza de me tomar o pulso e disseram que eu estava bem morto. A certidão de meu falecimento, portanto, foi provavelmente lavrada de acordo com as regras da jurisprudência militar.

Ao ouvir seu cliente expressar-se com perfeita lucidez e contar fatos tão verossímeis, embora estranhos, o jovem advogado pôs de lado os autos, apoiou o cotovelo na mesa, amparando a cabeça com a mão, e olhou fixamente para o coronel.

— Sabe, senhor, que sou o advogado da condessa Ferraud, viúva do coronel Chabert?

— Minha mulher! Sei, sim, senhor. Por isso, depois de cem tentativas infrutuosas junto a legistas, os quais, todos, me tomaram por louco, resolvi vir procurá-lo. Mais tarde lhe contarei minhas desditas. Deixe-me primeiro precisar os fatos, explicar-lhe antes como eles devem ter se passado, do que como realmente se passaram. Certas circunstâncias, que só o Padre Eterno deve conhecer, obrigam-me a referir vários deles como hipóteses. Assim, pois, senhor, os ferimentos que recebi devem ter me causado um tétano ou, então, me deixado numa crise análoga a uma doença chamada, creio eu, catalepsia. Como admitir, do contrário, que eu tivesse sido, de acordo com os usos da guerra, despojado da minha roupa e atirado na fossa dos soldados pelas pessoas encarregadas de enterrar os mortos? Permita que inclua aqui um detalhe que só vim a conhecer posteriormente ao acontecimento que sou forçado a designar por minha morte. Encontrei em 1914, em Stuttgart, um antigo quartel-mestre do meu regimento. Esse bom sujeito, que foi o único que me quis reconhecer e do qual dentro em pouco lhe falarei, explicou-me o fenômeno da minha sobrevivência, dizendo que meu cavalo recebera uma bala de canhão na ilharga no momento em que fui ferido. Cavalo e cavaleiro caíram, assim como cartas dobradas postas de pé. Estivesse eu à direita ou à esquerda, o fato é que fui protegido pelo corpo da minha montaria, o que me impediu fosse esmagado pelos cavalos ou atingido pelas balas de canhão. Quando recuperei os sentidos, encontrei-me, senhor, numa posição e numa atmosfera da qual, nem que eu a descrevesse até amanhã, lhe poderia dar uma ideia. O ar escasso que eu respirava era

mefítico. Quis mover-me, e não tinha espaço para isso. Ao abrir os olhos, nada vi. O ar rarefeito foi o acidente mais ameaçador e que melhor me esclareceu quanto à minha situação. Compreendi que no lugar em que me achava o ar não se renovava e que eu ia morrer. Esse pensamento fez-me esquecer a dor inexprimível que me despertara. Meus ouvidos zumbiam com violência. Ouvi, ou pareceu-me ouvir, nada afirmo, gemidos que vinham do montão de cadáveres no meio dos quais eu jazia. Conquanto a lembrança desses momentos seja bem tenebrosa, conquanto minhas recordações sejam bem confusas, não obstante as impressões da dor profunda que eu devia sentir, e que perturbava minhas ideias, há noites em que julgo ouvir ainda esses suspiros abafados! Mas havia algo todavia mais horrível do que os lamentos: um silêncio que jamais tornei a encontrar onde quer que fosse, o verdadeiro silêncio do túmulo. Enfim, ao erguer as mãos, ao tatear os mortos, descobri um vazio entre minha cabeça e o lixo humano que tinha por cima de mim. Pude assim medir o espaço que me fora deixado por um acaso cuja causa ignorava. Parece que, graças à indiferença ou à precipitação com que nos tinham atirado de cambulhada, dois mortos tinham-se atravessado por cima de mim, de maneira a descrever um ângulo semelhante ao de duas cartas arrimadas uma à outra, por uma criança que inicia a construção de um castelo. Ao investigar com presteza, pois não havia tempo a perder, encontrei felizmente um braço que estava solto, o braço de um Hércules!, um osso magnífico ao qual devi minha salvação. Sem esse auxílio inesperado eu teria morrido! Com uma impetuosidade que o senhor bem pode imaginar, pus-me a trabalhar os cadáveres que me separavam da camada da terra que deviam ter atirado em cima de nós... digo nós, como se ali houvesse vivos! Trabalhei com vontade, senhor, e tanto assim que aqui estou! Mas não sei até hoje como pude conseguir atravessar a capa de carne que punha uma barreira entre mim e a vida! O senhor dirá que eu tinha três braços! Aquela alavanca, de que me servia com habilidade, proporcionava-me sempre um pouco do ar que havia entre os cadáveres que eu ia deslocando, e eu respirava parcamente. Finalmente, vi a claridade do dia, mas através da neve, senhor! Nesse momento percebi que estava com a cabeça fendida. Por

felicidade, meu sangue, ou o dos meus camaradas, ou talvez o couro esfacelado do meu cavalo, que sei eu, ao coagular-se tinha me feito como que um emplastro natural. Não obstante aquela crosta, desmaiei quando meu crânio tomou contato com a neve. Entretanto, o escasso calor que me restava fez derreter a neve em torno de mim, e me achei, quando recuperei os sentidos, no meio de uma pequena abertura, pela qual gritei enquanto pude. Mas a esse tempo o sol se erguia, e eu tinha muito poucas probabilidades de ser ouvido. Já haveria gente no campo? Ergui-me apoiando os pés nos cadáveres que tinham os rins sólidos e esticando as pernas como molas. Bem deve compreender o senhor que não era o momento de dizer aos mortos: *Respeito à coragem infeliz!* Em resumo, senhor, depois de ter experimentado a dor, se é que o termo pode traduzir minha raiva, de ver durante muito tempo, sim, muito tempo, esses malditos alemães fugirem ao ouvir uma voz num lugar onde não viam ninguém, fui afinal socorrido por uma mulher bastante audaz, ou então bastante curiosa, para se aproximar de minha cabeça, que parecia ter nascido do chão como um cogumelo. A mulher foi buscar o marido, e os dois levaram-me para a sua pobre choupana. Segundo parece, tive uma recaída de catalepsia, consinta-me o termo para pintar-lhe um estado do qual não tenho a menor recordação, mas que, conforme o que me disseram meus hóspedes, julguei dever ser uma consequência dessa doença. Durante seis meses fiquei entre a vida e a morte, sem falar ou então delirando, quando falava. Finalmente meus hóspedes conseguiram minha admissão no hospital de Heilsberg.[156] Como deve ter percebido, senhor, saí da cova tão nu como saí do ventre de minha mãe; de modo que, seis meses depois, quando, por uma bela manhã, me lembrei de ter sido o coronel Chabert e que, ao recuperar a razão, quis obter da enfermeira um pouco mais de respeito do que ela concedia a um pobre-diabo, todos os meus companheiros de enfermaria puseram-se a rir. Felizmente para mim, o cirurgião, por amor-próprio, responsabilizara-se por minha cura e, naturalmente, interessava-se pelo seu doente. Quando lhe falei de modo coerente da minha antiga existência, esse honrado cavalheiro, chamado Sparchmann, fez atestar dentro das normas jurídicas exigidas pelas leis do país o modo milagroso pelo qual

eu tinha saído da fossa dos mortos, o dia e a hora em que eu fora encontrado por minha benfeitora e por seu marido, o gênero e a posição exata dos meus ferimentos, acrescentando a esse auto de corpo de delito uma descrição da minha pessoa. Pois bem, senhor, não tenho nem essas peças importantes, nem a declaração que fiz num cartório de Heilsberg, visando estabelecer minha identidade! Desde o dia em que fui expulso daquela cidade, pelos acontecimentos da guerra, vaguei continuamente como um vagabundo, mendigando o alimento, chamado de louco todas as vezes que narrava a minha aventura e sem ter achado nem ganho um vintém para poder conseguir os documentos capazes de confirmarem minhas declarações e de me restituírem à vida social. Frequentemente, as dores que eu sofria retinham-me durante semestres inteiros nas pequenas cidades onde se prodigalizavam cuidados ao francês doente, mas onde riam na cara desse homem assim que ele dizia ser o coronel Chabert. Durante muito tempo esses risos, essas dúvidas punham-me num estado de furor que me prejudicou e fez com que me encerrassem, por louco, em Stuttgart. Realmente, o senhor poderá julgar, pela minha narrativa, que havia razão de sobra para encarcerar um homem! Depois de dois anos de prisão que tive de suportar, depois de ter ouvido mil vezes meus guardas dizerem: “Aí está um pobre-diabo que pensa ser o coronel Chabert” a pessoas que respondiam: “Pobre homem!”, eu mesmo me convenci da impossibilidade da minha própria aventura. Tornei-me triste, resignado, tranquilo e renunciei a declarar ser o coronel Chabert, a fim de poder sair da prisão e voltar à França. Oh! senhor, rever Paris! Era um delírio que eu não...

O coronel Chabert não terminou a frase e mergulhou numa cisma profunda que Derville respeitou.

— Um belo dia, senhor — continuou o cliente —, um dia de primavera, abriram-me as portas’ da prisão e deram-me dez táleres, sob pretexto de que eu falava muito sensatamente sobre qualquer assunto e não mais dizia ser o coronel Chabert. Com franqueza, naquela época, e mesmo hoje, por vezes, meu nome me é desagradável. Quisera não ser eu. A consciência dos meus direitos me mata. Se minha doença me tivesse tirado completamente a memória de minha

existência passada, eu teria sido feliz! Ter-me-ia reengajado sob outro nome qualquer e, quem sabe?, hoje seria *feld-marechal* na Áustria ou na Rússia.

— O senhor embaralha-me todas as ideias — disse o advogado. — Ao ouvi-lo, pareço estar sonhando. Por favor, detenhamo-nos por um momento.

— O senhor — disse o coronel com ar melancólico — foi a única pessoa que me ouviu com tanta paciência. Nunca nenhum advogado quis adiantar-me dez napoleões para fazer vir da Alemanha os papéis necessários para dar início ao meu processo...

— Que processo? — perguntou o advogado, que esquecera a dolorosa situação de seu cliente, ao ouvir a relação de suas misérias passadas.

— Esquece, senhor, que a condessa Ferraud é minha esposa? Ela possui trinta mil libras de renda que me pertencem e não me quer dar um real. Quando conto essas coisas a advogados, a homens de bom-senso; quando eu, um mendigo, proponho litigar contra um conde e uma condessa; quando eu, que estou morto, me rebelo contra uma certidão de óbito, contra casamentos e contra nascimentos, eles se desembaraçam de mim, segundo seu caráter, ou com esse ar friamente cortês, que os senhores sabem tomar para se descartarem de um infeliz, ou com brutalidade, como quem julga estar tratando com um intrigante ou com um louco. Eu estive soterrado debaixo de mortos, agora estou enterrado debaixo de vivos, de atos, de fatos, da sociedade toda, que me quer fazer voltar para o fundo da terra!

— Senhor, queira continuar agora — disse o advogado.

— *Queira!* — exclamou o infeliz ancião, segurando a mão do jovem legista. — Eis a primeira palavra cortês que ouço desde...

O coronel chorou. A gratidão embargou-lhe a voz. A penetrante e indizível eloquência que existe no olhar, no gesto, no próprio silêncio acabou de convencer Derville e comoveu-o muito.

— Ouça, senhor — disse ele a seu cliente —, ganhei hoje trezentos francos no jogo; não é demais que eu empregue a metade dessa quantia para fazer a felicidade de um homem. Vou começar as pesquisas de diligências necessárias para lhe conseguir os documentos de que me

falou, e até que cheguem eu lhe darei cinco francos por dia. Se é o coronel Chabert, saberá perdoar a modicidade do empréstimo a um rapaz que ainda tem de fazer fortuna. Continue.

O pretenso coronel permaneceu um instante imóvel e estupefato; a desgraça extremada destruíra-lhe, sem dúvida, a confiança. Se ele ia empós de sua ilustração militar, de sua fortuna, de si mesmo, seria talvez em obediência a esse sentimento inexplicável, em germe no coração de todos os homens, e ao qual devemos as pesquisas dos alquimistas, a paixão da glória, as descobertas da astronomia, da física, tudo o que impele o homem a se engrandecer, desdobrando-se pelos fatos ou pelas ideias. O *ego*, no seu pensamento, não era mais que um objeto secundário, da mesma forma que a vaidade do triunfo ou o prazer do lucro tornam-se mais desejados pelo apostador do que o objeto da aposta. As palavras do jovem advogado foram pois como um milagre para aquele homem repelido durante dez anos pela esposa, pela justiça, por toda a organização social. Encontrar em casa de um advogado as dez moedas de ouro que lhe tinham sido recusadas durante tanto tempo, por tantas pessoas, de tantos modos! O coronel estava como aquela dama que, tendo vivido com febre durante quinze anos, julgou ter mudado de doença no dia em que ficou boa. Existem felicidades nas quais não mais se crê; se chegam, são como o raio, consomem. Assim é que a gratidão do pobre homem era demasiado intensa para que pudesse exprimi-la. Aos olhos das pessoas superficiais, ele pareceria frio. Derville, porém, naquele esturpor, adivinhou uma probidade integral. Um tratante teria tido voz.

—Em que ponto estava eu? — perguntou o coronel com a ingenuidade de uma criança ou de um soldado, pois que no verdadeiro soldado há sempre muito de criança, e, quase sempre, na criança, muito de soldado, sobretudo na França.

— Na sua saída da prisão, em Stuttgart — respondeu o advogado.

— Conhece minha esposa? — perguntou o coronel.

— Sim — replicou Derville, acenando com a cabeça.

— Como está ela?

— Sempre encantadora.

O velho fez um gesto com a mão e pareceu tragar uma secreta dor,

com a resignação grave e solene dos homens que foram temperados no sangue e no fogo dos campos de batalha.

— Senhor — disse ele, com uma espécie de alegria, porquanto esse pobre coronel respirava, saía uma segunda vez do túmulo, acabava de derreter uma capa de neve menos fusível do que aquela que em outra ocasião lhe gelara a cabeça e aspirava o ar como quem saísse de um calabouço. — Senhor — disse ele —, se eu então fosse um rapaz bonito, não teria sofrido nenhuma das desgraças que se abateram sobre mim. As mulheres acreditam nos homens quando eles recheiam suas frases com a palavra "amor". Aí então elas correm, agem, desdobram-se, intrigam, afirmam as coisas, fazem o diabo por aquele que lhes agrada. Como poderia eu interessar uma mulher? Tinha uma cara de réquiem, vestia-me como um *sans-culotte*,[157] parecia mais um esquimó do que um francês, eu outrora considerado o mais belo *muscadin*,[158] em 1799! Eu, Chabert, conde do Império! Enfim, no mesmo dia em que me puseram no olho da rua, como um cão, encontrei o quartel-mestre de que já lhe falei. O camarada chamava-se Boutin. O pobre-diabo e eu constituíamos o mais belo par de espantalhos que jamais vi. Encontrei-o num passeio; se eu o reconheci, a ele foi-lhe impossível adivinhar quem eu era. Fomos juntos a uma taberna. Uma vez lá, quando disse quem era, a boca de Boutin arreganhou-se numa gargalhada que parecia um morteiro quando explode. Essa alegria, senhor, causou-me um dos mais vivos desgostos que já tive. Revelava-me claramente todas as mudanças sobrevindas em mim. Assim, pois, eu estava irreconhecível, mesmo aos olhos do mais humilde e do mais grato dos meus amigos! Em outros tempos eu salvara a vida de Boutin, conquanto fosse isso uma dívida que eu lhe pagara. Não lhe contarei como ele me prestou esse serviço. A cena passou-se na Itália, em Ravena. A casa em que Boutin impediu que me apunhalassem não era muito decente. Nessa época eu não era coronel, mas simples soldado de cavalaria como ele. Felizmente havia nessa história detalhes que só podiam ser conhecidos por nós dois; e, quando os referi, sua incredulidade diminuiu. Depois contei-lhe os incidentes da minha estranha existência. Conquanto meus olhos e minha voz estivessem, segundo me disse, singularmente alterados, embora eu não tivesse

mais cabelos, nem dentes, nem sobrancelhas, além de estar branco como um albino, acabou reconhecendo o seu coronel num mendigo, depois de me ter feito mil perguntas, a que respondi vitoriosamente. Contou-me suas aventuras, que não eram menos extraordinárias do que as minhas. Voltava dos confins da China, onde quisera penetrar depois de ter escapado da Sibéria. Deu-me a conhecer os desastres da campanha da Rússia e a primeira abdicação de Napoleão. Esta notícia foi uma das coisas que mais mal me fizeram! Éramos dois destroços curiosos depois de termos rolado pelo globo como rolam no oceano as pedras levadas de uma praia a outra pelas tempestades. Entre os dois tínhamos visto o Egito, a Síria, a Espanha, a Rússia, a Holanda, a Alemanha, a Itália, a Dalmácia, a Inglaterra, a China, a Tartária, a Sibéria; só nos faltara ir à Índia e à América! Enfim, mais disposto do que eu, Boutin encarregou-se de vir a Paris o mais prontamente possível, a fim de avisar minha mulher da situação em que eu me achava. Escrevi à sra. Chabert uma carta bem minuciosa. Era a quarta, senhor! Se eu tivesse tido parentes, nada disso, talvez, teria acontecido; mas devo confessar-lhe que sou um filho do acaso, um soldado que por patrimônio tinha a coragem, por família, o mundo, por pátria, a França, e por único protetor, Deus. Engano-me! Tinha um pai, o imperador! Ah, se ele ainda estivesse de pé,[159] o querido homem, e se ele visse o *seu Chabert*, como me chamava, no estado em que estou, como ficaria furioso! Que quer? Nosso sol já se pôs, todos agora sentimos frio. Afinal de contas, os acontecimentos políticos bem podiam justificar o silêncio de minha mulher! Boutin partiu. Ele sentia-se bem feliz; tinha dois ursos brancos superiormente amestrados que lhe davam com que viver. Eu não podia acompanhá-lo; as dores que sentia não me permitiam longas jornadas. Quando nos separamos, chorei, depois de ter acompanhado a ele e aos seus ursos, tanto quanto minhas forças o permitiram. Em Carlsruhe, tive um acesso de nevralgia na cabeça e fiquei durante seis semanas numa taberna, atirado em cima de um montão de palha! Não acabaria nunca, senhor, se lhe fosse contar todas as desgraças de minha vida de mendigo. Os sofrimentos morais, ante os quais as dores físicas empalidecem, despertam, entretanto, menos piedade, porque não os

vemos. Lembro-me de ter chorado na frente de um palacete, em Strasbourg, onde outrora eu dera uma festa, e onde não consegui nem sequer um pedaço de pão. Tendo estabelecido, de acordo com Boutin, o itinerário que eu devia seguir, ia a todas as agências de correio perguntar se havia carta ou dinheiro para mim. Vim até Paris sem nada ter recebido. Quanto desespero tive de tragar! “Boutin deve ter morrido”, dizia a mim mesmo. Efetivamente, o pobre-diabo sucumbira em Waterloo. Mais tarde, por acaso, tive notícias de sua morte. Com certeza a missão junto à minha mulher fora infrutífera. Enfim, entrei em Paris ao mesmo tempo que os cossacos.[160] Para mim, era uma dor após outra. Ao ver os russos na França, não me lembrei mais de que não tinha sapatos nos pés nem dinheiro no bolso. Sim, senhor, minha roupa estava em frangalhos. Na véspera de minha chegada fui forçado a bivacar nas matas de Claye.[161] O frescor da noite causou-me, sem dúvida, um acesso de não sei que doença, que se apoderou de mim quando passei pelo Faubourg Saint-Martin. Caí quase desmaiado na porta de um ferreiro. Quando despertei, estava numa cama do Hôtel-Dieu.[162] Fiquei nele durante um mês, bastante feliz. Logo depois me deram alta; não tinha dinheiro, mas estava bem de saúde e pisava o querido calçamento de Paris. Com que alegria e com que pressa fui à rue du Mont-Blanc, onde minha mulher devia estar morando, num palacete meu! Ora, a rue du Mont-Blanc tornara-se a rue de Chaussée d’Antin! Não vi mais meu palacete; fora vendido e demolido. Alguns especuladores tinham construído várias casas nos meus jardins. Ignorando que minha mulher tivesse desposado o sr. Ferraud, eu não podia obter nenhuma informação. Finalmente fui à casa de um velho advogado que, antigamente, era o encarregado dos meus negócios. O bom do homem morrera tendo antes cedido a clientela a um rapaz. Este disse-me, com grande surpresa para mim, que fora aberta e liquidada a minha sucessão, que minha mulher casara e tinha dois filhos. Quando lhe disse que era o coronel Chabert, pôs-se a rir de tão boa vontade que o deixei sem lhe fazer a menor observação. Minha detenção em Stuttgart fez-me pensar em Charenton,[163] e resolvi agir com prudência. Aí, então, senhor, sabendo onde residia minha mulher, dirigi-me para o seu palacete,

com o coração cheio de esperanças. Pois bem — disse o coronel com um gesto de raiva concentrada —, não fui recebido quando me apresentei com um nome de empréstimo, e no dia em que me fiz anunciar sob o meu verdadeiro nome bateram-me com a porta na cara. Passei noites inteiras encostado ao marco do portão da casa de minha mulher, para vê-la, ao amanhecer, de volta de um baile ou espetáculo. Meu olhar mergulhava no interior do carro que passava por diante de mim com a rapidez de um relâmpago e no qual eu mal entrevia aquela mulher que é minha e que não mais me pertence! Oh, desde esse dia vivi para a vingança! — exclamou o ancião com voz abafada e erguendo-se de repente diante de Derville. — Ela sabe que existo; depois da minha volta recebeu duas cartas escritas por mim mesmo. Não me ama mais! Quanto a mim, não sei se a amo ou se a detesto! Ora a desejo, ora a amaldiçoo. Ela deve-me sua fortuna, sua felicidade; pois bem, mesmo assim não me mandou o mais insignificante auxílio! Há momentos em que não sei o que será de mim!

A essas palavras, o velho soldado tornou a sentar-se e permaneceu imóvel. Derville ficou silencioso, ocupado em contemplar o cliente.

— O caso é grave — disse ele, enfim, maquinalmente. — Mesmo admitindo a autenticidade dos documentos que devem estar em Heilsberg, nada me prova que possamos triunfar desde logo. O processo irá sucessivamente perante três tribunais. Precisamos refletir serenamente sobre uma tal coisa, pois é excepcional.

— Oh — respondeu friamente o coronel, erguendo a cabeça num gesto altivo —, se eu sucumbir, saberei morrer, mas acompanhado!

Nesse momento desaparecera o ancião. Os olhos do homem enérgico brilhavam incendiados pelo fogo do desejo e da vingança.

— Será talvez preciso transigir — disse o advogado.

— Transigir! — repetiu o coronel Chabert. — Estou eu vivo ou morto?

— Senhor — replicou o advogado —, espero que atenda aos meus conselhos. Sua causa será a minha causa. Breve vai aperceber-se do interesse que tomo por sua situação, que quase não tem exemplo nos fatos judiciários. Enquanto isso, vou dar-lhe um bilhete para o meu procurador, que lhe entregará, mediante recibo, cinquenta francos a

cada dez dias. Não seria conveniente que viesse aqui buscar auxílio. Se o senhor é o coronel Chabert, não deve estar à mercê de ninguém. Darei a esses adiantamentos a forma de empréstimo. O senhor tem bens a recuperar, é rico.

Essa última delicadeza arrancou lágrimas ao ancião. Derville ergueu-se bruscamente, pois não era de regra que um advogado se mostrasse comovido; foi a seu gabinete, de lá voltando com uma carta não lacrada que entregou ao conde Chabert. Quando o pobre-diabo a teve nas mãos, sentiu através do papel duas moedas de ouro.

— Quer indicar-me os documentos, bem como o nome da cidade, do reino? — pediu o advogado.

O coronel ditou os dados pedidos, verificando a ortografia dos nomes de localidades; depois, com uma mão pegou o chapéu, olhando Derville, estendeu-lhe a outra, uma mão calosa, e disse-lhe com voz simples:

— Francamente, depois do imperador é o senhor o homem a quem mais deverei. *É um valente*.

O advogado apertou a mão do coronel e acompanhou-o até a escada, iluminando-lhe o caminho.

— Boucard — disse Derville a seu primeiro praticante —, acabo de ouvir uma história que talvez me venha a custar vinte e cinco luíses. Mas, se for roubado, darei meu dinheiro por bem empregado, pois nesse caso terei visto o mais hábil comediante da nossa época.

Quando o coronel se viu na rua e em frente a um lampião, tirou da carta as duas moedas de vinte francos que o advogado lhe dera e considerou-as durante um momento, à luz. Pela primeira vez, após nove anos, tornava a ver uma moeda de ouro.

“Afinal vou poder fumar charutos!”, disse consigo.

II – A TRANSAÇÃO

Cerca de três meses depois dessa consulta feita à noite pelo coronel Chabert a Derville, o notário encarregado de pagar o meio soldo que o advogado outorgava a seu singular cliente veio ver aquele para tratar de um assunto grave e começou por cobrar-lhe seiscentos francos

dados ao velho militar.

— Com que então te estás divertindo em sustentar o antigo exército? — disse-lhe rindo o notário, chamado Crottat,[164] rapaz moço que acabava de comprar o cartório, de que fora primeiro praticante e cujo patrão acabava de pôr-se ao fresco, depois de uma falência espantosa.

— Agradeço-te, meu caro notário — respondeu-lhe Derville — por me lembrares esse assunto. Minha filantropia não irá além de vinte e cinco luíses; receio, mesmo, ter sido vítima de meu patriotismo.

No momento em que Derville terminava a frase, viu em cima da secretária os pacotes que seu primeiro praticante ali depusera. Chamou-lhe logo a atenção o aspecto dos selos alongados, quadrados, triangulares, encarnados, azuis, colados numa carta pelos correios prussiano, austríaco, bávaro e francês.

— Ah — disse ele rindo —, aqui está o desenlace da comédia; vamos ver se eu fui ludibriado!

Pegou a carta, abriu-a, mas não a pôde ler, pois estava escrita em alemão.

— Boucard, vá você mesmo fazer traduzir esta carta e volte em seguida — disse Derville, entreabrindo a porta de seu gabinete e dando a carta ao praticante.

O notário de Berlim, a quem o advogado se dirigia, comunicava-lhe que os documentos, cujo envio lhe era pedido, seguiriam alguns dias depois daquela carta de aviso. Tais documentos, afirmava ele, estavam perfeitamente em regra e revestidos das necessárias legalizações para fazer fé em juízo. Além disso, assegurava que quase todas as testemunhas dos fatos consignados no inquérito viviam em Prussich-Eylau; e que a mulher à qual o sr. conde Chabert devia a vida vivia ainda num dos arrabaldes de Heilsberg.

— A coisa está ficando séria — exclamou Derville quando Boucard acabou de lhe comunicar o conteúdo da carta. — Mas escuta aqui, meu velho — disse ele, dirigindo-se ao notário —, vou precisar de elementos que devem existir em teu cartório. Não foi em casa daquele velho larápio do Roguin...[165]

— Nós dizemos: o infeliz, o desditoso Roguin — interrompeu-o

Alexandre Crottat, rindo.

— Não foi em casa desse desditoso, que acaba de raspar-se com oitocentos mil francos dos clientes, deixando várias famílias desesperadas, que se fez a liquidação da sucessão Chabert? Parece-me ter visto isso no nosso processo Ferraud.

— Sim — respondeu Crottat —, eu era então terceiro praticante: copiei e estudei bem essa liquidação. Rosa Chapotel, esposa e viúva de Jacinto, dito Chabert, conde do Império, grande oficial da Legião de Honra; tinham se casado sem contrato, havendo entre eles, portanto, comunhão de bens. Tanto quanto me posso lembrar, o ativo alcançava seiscentos mil francos. Antes do casamento, o conde Chabert fez um testamento em benefício dos asilos de Paris, pelo qual lhes legava a quarta parte da fortuna que possuísse na época de seu falecimento; a fazenda pública herdaria a outra quarta parte. Houve licitação, venda e partilha, porque os solicitadores não perderam tempo. Por ocasião da liquidação, o monstro que então governava a França expediu um decreto restituindo à viúva a parte que tocava ao fisco.

— Assim, pois, a fortuna pessoal do conde Chabert não passaria de trezentos mil francos?

— Lógico, meu velho! — respondeu Crottat. — Assim mesmo, vocês, solicitadores, às vezes têm o espírito certo, se bem que muitos os acusem de corrompê-los patrocinando tanto o pró como o contra...

O conde Chabert, cujo endereço lia-se embaixo do recibo da primeira entrega que lhe fizera o notário, morava no Faubourg Saint-Marceau, na rue Petit-Banquier, em casa de um velho quartel-mestre da guarda imperial, chamado Vergniaud,[166] que abrira uma leitaria. Tendo chegado lá, Derville foi obrigado a ir a pé à procura de seu cliente, pois o cocheiro recusou embrenhar-se numa rua sem calçamento e cujos buracos eram demasiado profundos para as rodas de seu cabriolé. Olhando para todos os lados, o advogado acabou por achar, na parte da rua próxima ao bulevar entre dois muros construídos com terra e ossadas, dois rústicos pilares de pedra bruta, rachados pela passagem dos carros, apesar dos dois pedaços de madeira em forma de marcos. Os dois pilares sustentavam uma viga coberta por um alpendre de telha, sobre a qual estava escrito em letras

vermelhas: vergniaud, nouriceure.[167] À direita do nome viam-se ovos e, à esquerda, uma vaca, tudo pintado a tinta branca. A porta estava aberta e, provavelmente, conservava-se assim todo o dia. No fundo de um pátio bastante espaçoso erguia-se, em frente à porta, uma casa, se é que se pode dar tal nome a esses pardieiros dos arrabaldes de Paris, que não se podem comparar a nada, nem mesmo às mais simples casas de campo, das quais possuem a miséria, mas não a poesia. Efetivamente, no campo, as cabanas têm pelo menos a graça que lhes dão a pureza do ar, o verde, o aspecto das lavouras, uma colina, um caminho tortuoso, as vinhas, uma sebe viva, o musgo dos telhados de palha e os utensílios campestres; mas em Paris a miséria sobressai somente por seu horror. Embora recentemente construída, essa casa parecia prestes a cair em ruínas. Nenhum dos materiais empregados tivera seu verdadeiro destino, todos provinham das demolições que se fazem diariamente em Paris. Sobre os postigos de uma janela feita com as tábuas de uma tabuleta, Derville leu: bazar de novidades. As janelas em nada se pareciam umas com as outras e todas estavam estranhamente colocadas. O rés do chão, que parecia ser a parte habitável, estava acima do solo, em um lado, enquanto do outro os quartos estavam enterrados por uma elevação do terreno. Entre o portão de entrada e a casa havia um charco de estrume para onde corriam as águas da chuva e do serviço doméstico. O muro sobre o qual se apoiava aquela precária habitação e que parecia ser mais sólido do que os demais, estava cheio de gaiolas nas quais proliferavam ninhadas de coelhos. À direita da porta de entrada achava-se o estábulo, por sobre o qual havia um celeiro para forragem e que comunicava com a casa por uma leitaria. À esquerda um galinheiro, uma estrebaria e um telheiro para porcos que, como o da casa, fora rematado com tábuas ordinárias de pinho branco pregadas umas sobre as outras e mal cobertas com junco. Como quase todos os lugares onde se cozinham os elementos do grande festim que Paris devora diariamente, o pátio em que Derville pôs os pés apresentava os traços da precipitação exigida pela necessidade de chegar à hora fixa. As grandes vasilhas de folha amolgadas nas quais se transporta o leite e os potes que contêm a nata batida estavam atirados sem ordem, em frente à leitaria, com suas

tampas de pano. Os trapos esburacados que serviam para enxugá-los flutuavam ao sol, estendidos sobre cordéis amarrados em postes. O cavalo pacífico cuja raça só é encontrada nas leitarias dera alguns passos à frente da carrocinha e freara diante da estrebaria, cuja porta estava fechada. Uma cabra mordiscava as folhas da parreira raquítica e coberta de pó que guarnecia a parede amarela e rachada da casa. Um gato, agachado junto aos potes de nata, lambia-os. As galinhas, assustadas com a aproximação de Derville, voaram cacarejando, e o cão de guarda latiu.

“E dizer que o homem que decidiu a vitória, na batalha de Eylau, mora aqui”, pensou Derville, abrangendo com um só olhar o conjunto daquele ignóbil espetáculo.

A casa ficava sob a guarda de três garotos. Um, trepado sobre o toldo de uma carroça carregada de forragem verde, atirava pedras no cano da chaminé de uma casa vizinha, na esperança de que fossem cair dentro da marmita. Outro forcejava por levar um porco para dentro de uma carroça cuja extremidade tocava no chão, enquanto o terceiro esperava que o porco entrasse para levantá-lo fazendo gangorra. Quando Derville lhes perguntou se era mesmo ali que morava o sr. Chabert, nenhum deles respondeu, e os três o olharam com estupidez espirituosa, se é que se podem juntar essas duas palavras. Derville repetiu a pergunta, sem êxito. Impacientado com o ar trocista dos três patifes, Derville disse-lhes algumas dessas injúrias pilhéricas que os rapazes se julgam autorizados a dirigir às crianças, e os garotos romperam o silêncio com uma gargalhada brutal. Derville zangou-se. O coronel, que o ouvira, saiu de um pequeno quarto baixo, situado junto à leitaria, e apareceu na soleira da porta, com uma impassibilidade militar inexprimível. Pendia-lhe da boca um cachimbo admiravelmente *culotté*[168] (expressão técnica dos fumantes), um desses humildes cachimbos de barro denominados *brûle-gueule*.[169] Ergueu a viseira do boné, horrivelmente seboso, viu Derville e atravessou o charco de imundície para aproximar-se mais depressa de seu benfeitor, gritando aos garotos com voz amistosa: “Silêncio nas fileiras!”. Os pequenos imediatamente guardaram um silêncio respeitoso que revelava o domínio exercido sobre eles pelo velho soldado.

— Por que não me escreveu? — disse ele a Derville. — Siga ao correr do estábulo! Olhe, ali o caminho é calçado — exclamou ao notar a hesitação do advogado, que não queria sujar os pés no estrume.

Aos saltos daqui para ali, Derville chegou junto à porta por onde saíra o coronel. Chabert pareceu aborrecido por ser obrigado a receber o advogado no quarto que ocupava. De fato, Derville viu ali apenas uma cadeira. A cama do coronel consistia em alguns molhos de palha por sobre os quais a dona da pensão estendera dois ou três farrapos dessas velhas tapeçarias, apanhadas Deus sabe onde, que as leiteiras usam para amaciar os bancos de suas carrocinhas. O chão era de terra batida. As paredes, cobertas de salitre, esverdeadas e rachadas, transudavam tal umidade, que a do lado em que dormia o coronel fora forrada com uma esteira de junco. O famoso capote estava pendurado num prego. Dois velhos pares de botas estavam atirados num canto. Nem sinal de roupa branca. Em cima da mesa carunchada estavam abertos os Boletins do Grande Exército, reimpressos por Blancher, os quais pareciam ser a leitura do coronel, cuja fisionomia era calma e serena no meio daquela miséria. A visita que fizera à casa de Derville parecia ter transformado o caráter de suas feições, nelas achando o advogado traços de pensamentos felizes e um clarão particular derramado pela esperança.

— Incomoda-o o cheiro do cachimbo? — perguntou ele ao advogado, oferecendo-lhe a cadeira meio desempalhada.

— Mas, coronel, o senhor aqui está muito mal acomodado!

Essa frase foi arrancada a Derville pela desconfiança natural dos advogados, bem como pela deplorável experiência que lhes dão os os espantosos dramas ignorados que contemplam.

“Aqui está”, pensou ele, “um homem que, com toda a certeza, empregou meu dinheiro em satisfazer as três virtudes teologais do soldado: o jogo, o vinho e as mulheres!”

— Tem razão, senhor, não brilhamos aqui pelo luxo. É um bivaque temperado pela amizade; mas... — aqui o soldado dirigiu um olhar profundo ao homem da lei — não faço mal a ninguém, nunca repeli ninguém e durmo tranquilo.

O advogado pensou que seria indelicado pedir contas a seu cliente

das quantias que lhe adiantara e contentou-se em dizer-lhe:

— Por que motivo não quis ficar em Paris, onde poderia viver com o pouco com que aqui vive, mas onde estaria melhor?

— Mas — respondeu o coronel — esta boa gente com quem moro tinha-me abrigado, alimentado *grátis* fazia um ano! Como deixá-los no momento em que me vi com um pouco de dinheiro? Além disso, o pai desses três garotos é um velho *egípcio*.

— Como, um egípcio?

— Denominamos assim os soldados que voltaram da expedição do Egito,[170] na qual tomei parte. Não somente todos os que lá estiveram são um pouco irmãos, mas, ademais, Vergniaud era do meu regimento, tínhamos repartido a água no deserto. E, afinal, ainda não acabei de ensinar esses guris a ler.

— Ele bem poderia tê-lo alojado melhor, com o dinheiro que o senhor tem.

— Ora — disse o coronel —, os filhos dele dormem como eu em cima da palha! A cama dele e da mulher não é melhor. Eles são muito pobres; o estabelecimento de que tomaram conta está acima dos seus recursos. Mas se eu recuperar a minha fortuna...! Enfim, veremos!

— Coronel, devo receber, amanhã ou depois, os documentos de Heilsberg. Sua salvadora ainda vive!

— Maldito dinheiro! E dizer que não o tenho! — exclamou ele, atirando o cachimbo no chão.

Um cachimbo *culotté* é um cachimbo precioso para um fumante; mas o que aconteceu foi devido a um gesto tão natural, a um movimento tão generoso que todos os fumadores e mesmo a *régie*[171] lhe teriam perdoado esse crime de lesa-tabaco. Talvez os anjos tivessem juntado os fragmentos.

— Coronel, seu caso é excessivamente complicado — disse-lhe Derville, ao sair do quarto para caminhar ao sol, em frente à casa.

— A mim — disse o soldado —, ele me parece perfeitamente simples. Julgaram-me morto, e eu aqui estou! Restitua-me minha mulher e minha fortuna; dê-me o posto de general ao qual tenho direito, porque fui nomeado coronel na guarda imperial na véspera da batalha de Eylau.

— No mundo judiciário as coisas não vão assim — replicou Derville. — Ouça-me. Admito que o senhor é o conde Chabert, mas é preciso prová-lo judicialmente a pessoas que terão interesse em negar sua existência. Assim, seus documentos serão discutidos. Essa discussão acarretará dez ou doze questões preliminares. Todas irão contraditoriamente até a corte suprema e constituirão outros tantos processos dispendiosos, que se arrastarão, por mais que eu me esforce. Seus adversários pedirão um inquérito que não poderemos recusar e que talvez exija uma carta rogatória à Prússia. Suponhamos, porém, tudo pelo melhor, admitamos que a Justiça reconheça prontamente que o senhor é o coronel Chabert. Sabemos nós como será julgada a questão provocada pela bigamia, aliás inocente, da condessa Ferraud? No seu caso, a questão de direito está fora do Código e não pode ser julgada pelos juízes senão segundo as leis da consciência, como o júri faz nas questões delicadas que as singularidades sociais de alguns processos criminais apresentam. Ora, o senhor não tem filhos do seu matrimônio, ao passo que o conde Ferraud tem dois do dele; os juízes podem declarar nulo o casamento em que os laços são mais fracos, em favor do casamento que os tem mais fortes, uma vez que tenha havido boa-fé nos contratantes. Acha que será uma situação moral invejável querer, custe o que custar, ter na sua idade e nas circunstâncias em que se acha uma mulher que não mais o ama? Terá contra o senhor sua mulher e o marido, duas pessoas poderosas que poderão influenciar o tribunal. Assim, o processo possui elementos para se prolongar. O senhor terá tempo de envelhecer entre os mais cruéis desgostos.

— E minha fortuna?

— Julga então que tem uma grande fortuna?

— Pois não tinha eu trinta mil libras de renda?

— Meu caro coronel, em 1799, antes de seu casamento, o senhor fez um testamento pelo qual legava a quarta parte de sua fortuna aos asilos, não foi?

— Sim, é verdade.

— Pois bem, tendo sido o senhor considerado morto, foi necessário proceder a um inventário, a fim de dar essa quarta parte aos asilos. Sua mulher não teve escrúpulos em ludibriar os pobres. O inventário, no

qual sem dúvida nenhuma ela se absteve de mencionar o dinheiro em espécie e as joias, no qual ela apresentou pouca prataria e em que o mobiliário foi avaliado dois terços abaixo do preço real, quer para favorecê-la, quer para pagar menores direitos ao fisco, e também porque os peritos avaliadores são responsáveis por suas estimativas, o inventário feito dessa forma fixou a fortuna em seiscentos mil francos. A parte de sua esposa correspondia à metade. Tudo foi vendido e arrematado por ela, ela auferiu vantagens em tudo, e os asilos receberam os seus setenta e cinco mil francos. Depois, como o fisco também herdava, visto que o senhor não tinha mencionado sua esposa no seu testamento, o imperador, por um decreto, restituiu à sua mulher a parte que tocava ao domínio público. Agora, a que tem direito o senhor? A trezentos mil francos somente, deduzidas as custas.

— E chama a isso justiça? — disse o coronel, assombrado.

— Mas, certamente...

— Bela justiça!

— Mas é assim, meu pobre coronel. Vê o senhor que o que julgava ser fácil está longe de o ser. A sra. Ferraud pode mesmo querer conservar a parte que lhe foi dada pelo imperador.

— Mas não sendo ela viúva, o decreto é nulo...

— De acordo. Mas tudo se questiona. Ouça-me. Creio que, nestas circunstâncias, quer para o senhor, quer para ela, uma transação é o melhor desfecho para o processo. O senhor ganhará uma fortuna mais considerável do que aquela a que tem direito.

— Isso seria vender minha mulher!

— Com vinte e quatro mil francos de renda, na situação em que se acha, o senhor terá mulheres que lhe convirão mais do que a sua e que o tornarão mais feliz. Tenho a intenção de ir hoje mesmo ver a sra. Ferraud, para sondar o terreno; mas não quis tomar essa iniciativa sem primeiro preveni-lo.

— Vamos juntos à casa dela...

— Nas condições em que o senhor está? — disse o advogado. — Não, não, coronel, não! O senhor poderia perder completamente seu processo.

— Meu processo pode ser ganho?

— Em todos os pontos — respondeu Derville. — Mas, meu caro coronel Chabert, o senhor não presta atenção a uma coisa. Eu não sou rico, ainda não paguei de todo a minha banca. Se os tribunais lhe concederem uma *provisão*, isto é, uma quantia adiantada sobre a sua fortuna, eles não o farão senão depois de ter reconhecido sua identidade como conde Chabert, grande oficial da Legião de Honra.

— É mesmo, sou grande oficial da Legião, nem me lembrava — disse ingenuamente o coronel.

— Pois bem — disse Derville —, até chegarmos a esse ponto, teremos de pleitear, pagar advogados, custear os gastos judiciais, remunerar oficiais de Justiça e viver. As custas das instâncias preparatórias elevar-se-ão, calculadas por alto a mais de doze ou quinze mil francos. Eu não os tenho, pois vivo esmagado pelos juros enormes que pago à pessoa que me emprestou o dinheiro para comprar a minha banca. E o senhor, onde os encontrará?

Grossas lágrimas caíram dos olhos sumidos do pobre soldado e rolaram por suas faces enrugadas. Ante tanta dificuldade, sentiu-se desanimado. O mundo social e judiciário pesava-lhe sobre o peito como um pesadelo.

— Irei — exclamou — ao pé da coluna da praça Vendôme e de lá gritarei: "Sou o coronel Chabert, que rompeu o grande quadrado dos russos em Eylau!". O bronze, esse me reconhecerá!

— E imediatamente o encerrarão no hospício de Charenton.

Ao ouvir o nome temido, a exaltação do militar esfriou.

— E no Ministério da Guerra, não haverá probabilidades para mim?

— Nas secretarias! — disse Derville. — Vá, mas com uma sentença bem em regra, que declare nula a certidão de seu falecimento. As secretarias fazem o possível para aniquilar a gente do Império.

O coronel ficou por um momento coibido, imóvel, olhando sem ver, mergulhado num desespero sem fim. A justiça militar é franca e rápida, decide à moda turca e quase sempre julga bem. Era essa a única justiça que Chabert conhecia. Ao ver o dédalo de dificuldades em que tinha de embrenhar-se, ao ver quanto dinheiro era preciso para percorrer suas sendas, o pobre soldado recebeu um golpe mortal nessa faculdade peculiar ao homem e que se denomina *vontade*. Pareceu-lhe

impossível viver pleiteando; achou ser mil vezes mais simples conservar-se pobre, mendigando, engajar-se na cavalaria, se algum regimento o aceitasse. Os sofrimentos físicos e morais já lhe haviam estragado o corpo em alguns dos mais importantes órgãos. Estava à beira de uma dessas doenças para as quais a medicina não tem nome, cuja sede é de certa maneira móvel como o sistema nervoso, que parece ser o mais atacado de entre todos os de nossa máquina, afecção que se deveria denominar o *spleen* da desgraça. Por grave que já fosse aquele mal invisível, mas real, ainda era curável por meio de uma feliz conclusão. Para abalar completamente aquela vigorosa organização, bastava um novo obstáculo, um fato imprevisto que lhe rompesse as molas enfraquecidas e produzisse essas hesitações, esses atos incompreendidos, incompletos, que os fisiologistas observam nos indivíduos arruinados pelos desgostos.

Tendo verificado os sintomas de um profundo abatimento em seu cliente, Derville disse-lhe:

— Anime-se, que a solução deste assunto não pode deixar de ser-lhe favorável. Apenas deve procurar ver se é capaz de confiar absolutamente em mim e aceitar cegamente a solução que eu julgar preferível para o senhor.

— Faça o que quiser — disse Chabert.

— Mas o senhor parece entregar-se a mim como um homem que caminha para a morte!

— Eu não vou ficar sem estado civil, sem nome? É isso tolerável?

— Não é o meu modo de ver — disse o advogado. — Nós demandaremos amigavelmente uma decisão para anular a declaração de seu óbito e seu casamento, a fim de que o senhor readquira seus direitos. Até mesmo, por influência do conde Ferraud, o senhor será incorporado nos quadros do exército como general, obtendo dessa forma uma pensão.

— Faça o que entender; confio inteiramente no senhor.

— Vou mandar-lhe então uma procuração para o senhor assinar — disse Derville. — Adeus, tenha coragem! Se precisar de dinheiro, conte comigo.

Chabert apertou calorosamente a mão do advogado e ficou

encostado na parede, sem forças para segui-lo a não ser com os olhos. Como todos os que pouco entendem de assuntos judiciais, estava atemorizado por aquela luta imprevista. Durante a conferência entre o coronel e Derville, por várias vezes, a figura de um homem destacara-se do pilar do portão da entrada, para espiar a saída do advogado e abordá-lo quando ele saísse. Era um homem velho, vestido com uma blusa azul e um casaco justo, pregueado semelhante aos dos cervejeiros, e com um gorro de lontra na cabeça; de rosto moreno, encovado, enrugado, mas com as maçãs coradas pelo excesso de trabalho e crestadas pelo ar livre.

— Queira desculpar, cavalheiro — disse a Derville, detendo-o pelo braço —, se tomo a liberdade de lhe falar; mas desconfiei, ao vê-lo, que o senhor era amigo do nosso general.

— E daí, em que se interessa por ele? Quem é o senhor? — perguntou o desconfiado advogado.

— Sou Luís Vergniaud — foi a resposta. — Preciso dizer-lhe duas palavras.

— E foi o senhor que alojou o conde Chabert assim como ele está?

— Perdão, desculpas, senhor; dei-lhe o melhor quarto. Eu lhe daria o meu se fosse o único que tivesse e iria dormir na estrebaria. Um homem que sofreu como ele, que ensina os meus guris a ler, um general, um egípcio, o primeiro-tenente sob cujas ordens servi... Não faltava mais nada! De modo nenhum; é ele quem está mais bem acomodado. Dividi com ele o que tinha. Infelizmente não era grande coisa, pão, leite, ovos; enfim, guerra é guerra! Foi dado de boa vontade. Mas ele nos vexou.

— Ele?

— Sim, senhor. Vexou o que se chama vexar. Eu me meti numa empresa acima das minhas forças e ele viu bem a coisa. E isso o contrariava; e, vai daí, começou a cuidar do cavalo! Eu então disse a ele: “Meu general!”. “Ora!”, me disse, “não quero estar aqui como um preguiçoso, faz muito tempo que eu sei pegar no pesado.” Eu tinha assinado uns vales para a compra da minha leitaria a um tal Grados... Conhece?

— Mas, meu caro, não tenho tempo para ouvi-lo. Diga-me apenas

por que forma o coronel o vexou.

— Ele nos vexou, senhor; isso é tão verdade como eu me chamar Luís Vergniaud e como minha mulher chorou. Ele soube pelos vizinhos que nós não tínhamos nem um vintém para pagar o vale. O nosso veterano, sem dizer nada, foi juntando tudo o que o senhor dava para ele, esperou e caçou o vale, e pagou. Que pilhéria! E eu e minha mulher, que sabíamos que ele não tinha fumo, que se privava de fumar! Oh, agora todas as manhãs ele tem seus charutos! Nem que eu tivesse de me vender...! Não, ficamos vexados. Assim é que eu queria lhe propor para o senhor nos emprestar, visto que é um homem de bem, uma centena de escudos com garantia do nosso estabelecimento, a fim de nós lhe mandarmos fazer umas roupas e de lhe mobiliar o quarto. Ele pensou nos pagar, não é? Pois bem, ao contrário, vê o senhor, o velho nos endividou... e vexou! Ele não devia nos fazer essa afronta. Ele nos vexou, a nós que somos amigos dele! Palavra de honra, tão certo como eu me chamar Luís Vergniaud, prefiro sentar praça a deixar de lhe pagar esse dinheiro...

Derville contemplou o velho e deu alguns passos atrás para rever a casa, o pátio, o estrume, o estábulo, os coelhos, as crianças.

— Palavra — disse —, creio que um dos caracteres da virtude é não ser proprietário. Descansa, terás os teus cem escudos, e mesmo mais. Mas não serei eu quem tos dará; o coronel vai ser bastante rico para te ajudar, e eu não quero privá-lo desse prazer.

— E vai ser em breve?

— Sim.

— Ah, meu Deus, como minha mulher vai ficar contente!

E o rosto crestado do hospedeiro pareceu expandir-se.

— Agora — disse Derville para si mesmo, ao subir a seu cabriolé —, vamos à casa do nosso adversário. Não lhe deixemos ver nosso jogo e busquemos conhecer o dele, para assim ganharmos a partida com um único golpe. Seria bom assustá-lo? É mulher. Vejamos, do que mais têm medo as mulheres? Ora, as mulheres só se assustam de...

Pôs-se a estudar a situação da condessa e caiu numa dessas meditações a que costumam entregar-se os grandes políticos quando elaboram seus planos, procurando adivinhar o segredo dos gabinetes

inimigos. Não são os advogados de algum modo homens de Estado encarregados de interesses privados? Uma olhada sobre a situação do conde Ferraud e de sua mulher torna-se necessária aqui para fazer compreender o talento do advogado.

O conde Ferraud era filho de um antigo conselheiro no Parlamento de Paris, que imigrara durante o Terror e que, se salvara a cabeça, perdera, entretanto, a fortuna. Voltou sob o consulado e permaneceu constantemente fiel aos interesses de Luís xviii, entre cujos cortesãos vivera o pai antes da Revolução. Pertencia, pois, àquela parte do Faubourg Saint-Germain que resistiu nobremente às seduções de Napoleão. A reputação de capacidade granjeada pelo jovem conde, que era então simplesmente sr. Ferraud, tornou-o alvo das atenções do imperador, que, às vezes, sentia-se tão ufano de suas conquistas sobre a aristocracia quanto da vitória de uma batalha. Prometeram ao conde a restituição de seu título, a de seus bens vendidos, e deixaram-lhe entrever ao longe um ministério ou uma senatoria. O imperador fracassou. O sr. Ferraud, por ocasião da morte do conde Chabert, era um rapaz de vinte e seis anos, sem fortuna, possuidor de um físico agradável, que tinha êxitos e que o Faubourg Saint-Germain adotara como uma de suas glórias; mas a condessa Chabert soubera valorizar tão bem a sucessão do marido que, depois de dezoito meses de viuvez, possuía cerca de quarenta mil libras de renda. Seu casamento com o jovem não foi uma novidade para as rodas do Faubourg Saint-Germain. Feliz por aquele casamento que atendia a suas ideias de aliança, Napoleão restituiu à sra. Chabert a parte dos bens que cabia ao fisco pela sucessão do coronel; mas a esperança de Napoleão foi outra vez frustrada. A sra. Ferraud não amava no moço apenas o amante; fora seduzida também pela ideia de entrar naquela sociedade desdenhosa que, não obstante sua humilhação, dominava a corte imperial. Sua vaidade tanto como suas paixões satisfaziam-se com aquele casamento. Ia tornar-se uma mulher *“comme il faut”*.[172] Quando o Faubourg Saint-Germain soube que o casamento do jovem conde não importava uma defecção, os salões abriram-se para sua esposa. Veio a Restauração. A ascensão política do conde Ferraud não foi rápida. Ele compreendia as exigências da posição na qual se achava

Luís xviii. Fazia parte do grupo dos iniciados que esperavam *se fechasse o abismo das revoluções*, porquanto essa frase da realeza, da qual tanto zombaram os liberais, ocultava um sentido político. Não obstante, a ordenança citada na longa fase clerical em que se inicia esta história havia-lhe restituído duas florestas e uma propriedade rural, cujo valor aumentara consideravelmente durante o sequestro. Nessa ocasião, conquanto o conde Ferraud fosse conselheiro de Estado e diretor-geral, considerava sua posição apenas como o começo de sua carreira política. Absorvido pelas preocupações de uma ambição extremada, ligara a sua pessoa, na qualidade de secretário, um antigo advogado arruinado, chamado Delbecq, homem mais do que hábil, que conhecia admiravelmente os recursos da chicana e ao qual entregara a direção de seus negócios particulares. O manhoso prático compreendera bastante bem sua posição na casa do conde, para ser probo em especulação. Esperava guindar-se a um posto qualquer, pelo prestígio do patrão, cuja fortuna era objeto de todos os seus cuidados. Seu procedimento desmentia de tal forma sua vida passada que era tido por um homem caluniado. Com o tato e a finura de que todas as mulheres são mais ou menos dotadas, a condessa, que compreendera seu intendente, vigiava-o habilmente e sabia manejá-lo tão bem que já tirara dele um bom partido para o aumento de sua fortuna particular. Soubera persuadir Delbecq de que ela governava o sr. Ferraud e prometera fazê-lo nomear presidente de um tribunal de primeira instância numa das mais importantes cidades da França, se ele se dedicasse inteiramente a seus interesses. A promessa de um cargo inamovível que lhe permitiria casar-se vantajosamente e conquistar mais tarde uma alta posição na carreira política como deputado fizera de Delbecq a alma danada da condessa. Não lhe deixou perder nem uma das oportunidades favoráveis que as oscilações da Bolsa e a alta das propriedades forneceram, em Paris, às pessoas espertas durante os três primeiros anos da Restauração. Triplicara o capital de sua protetora, com tanto maior facilidade por parecerem bons à condessa todos os meios para engrossar sua fortuna. Ela empregava os emolumentos dos postos ocupados pelo marido nas despesas da casa a fim de poder capitalizar seus lucros, e Delbecq prestava-se aos cálculos

dessa avareza sem lhes indagar os motivos. Essa espécie de gente só se preocupa com os segredos cuja descoberta é necessária aos próprios interesses. Aliás, ele achava tão naturalmente esses motivos na sede de ouro de que são possuídas quase todas as parisienses, e era preciso uma tão grande fortuna para apoiar as pretensões do conde Ferraud, que o intendente julgava, às vezes, entrever, na avidez da condessa, um efeito de sua dedicação ao homem pelo qual estava continuamente apaixonada. A condessa enterrara os segredos de sua conduta no fundo do coração. Lá existiam segredos de vida e de morte para ela, e lá estava precisamente o nó desta história. Nos começos de 1818, a Restauração firmou-se em bases na aparência inabaláveis; suas doutrinas governamentais, compreendidas pelos espíritos superiores, pareceram a estes dever trazer para a França uma nova era de prosperidade, mudando então a face da sociedade parisiense. Assim, pois, quis o acaso que a condessa Ferraud tivesse feito ao mesmo tempo um casamento de amor, de dinheiro e de ambição. Jovem ainda e bela, a sra. Ferraud representou o papel de uma mulher na moda e viveu na atmosfera da corte. Rica por sua parte, rica pelo marido, o qual, apontado como um dos homens mais competentes do partido realista e amigo do rei, parecia destinado a algum ministério, ela pertencia à aristocracia, da qual partilhava o esplendor. No meio desse triunfo, invadiu-a um câncer moral. Existem sentimentos que as mulheres adivinham, por maiores que sejam os cuidados empregados pelos homens para ocultá-los. Por ocasião da primeira volta do rei, o conde Ferraud começara a ter arrependimentos por seu matrimônio. A viúva do coronel Chabert não lhe trouxera alianças com ninguém e ele se via só e sem apoio para orientar-se numa carreira em que abundavam escolhos e inimigos. E, também, talvez, depois de ter julgado friamente sua esposa, verificasse nela alguns vícios de educação que a tornavam imprópria a secundá-lo em seus projetos. Uma palavra dita por ele a propósito do casamento de Talleyrand[173] esclareceu a condessa, para a qual ficou provado que, se seu casamento ainda estivesse por se realizar, jamais ela seria a condessa Ferraud. Qual mulher perdoaria esse arrependimento? Não estão nele, por acaso, em germe, todas as injúrias, todos os crimes, todos os repúdios?

Imagine-se a chaga que essa palavra devia abrir no coração da condessa, se supusermos que ela temesse a volta de seu primeiro marido! Ela o soubera vivo, ela o tinha repelido. Depois, durante o tempo em que não mais ouvira falar nele, comprouve-se em acreditá-lo morto em Waterloo com as águias imperiais, em companhia de Boutin. Não obstante, ela concebeu o projeto de ligar o conde a si pelo mais forte dos laços, a corrente de ouro, e quis ser tão rica que sua fortuna tornasse seu segundo casamento indissolúvel, se por acaso o conde Chabert tornasse a aparecer. E ele reaparecera, sem que ela pudesse explicar-se o motivo pelo qual a luta que temia não se tivesse iniciado ainda. Era admissível que os sofrimentos, a doença a tivessem liberado daquele homem. Ou senão, talvez, estivesse ele meio louco e nesse caso Charenton seria um bom aliado. Não quisera pôr nem Delbecq nem a polícia a par de seu segredo, pelo receio de assim pôr-se à mercê de um homem ou de precipitar a catástrofe. Existem, em Paris, muitas mulheres que, como a condessa Ferraud, vivem com um monstro moral ignorado ou beiram um abismo; provocam uma calosidade no lugar da afecção e podem ainda rir e divertir-se.

— Há algo de muito singular na situação do conde Ferraud — murmurou Derville para seus adentros, ao sair de sua demorada cisma, no momento em que o cabriolé detinha-se na rue de Varennes, à porta do palacete Ferraud. — Por que será que, rico, amigo do rei, ainda não é par de França? É verdade que talvez entre na política do rei, como me dizia a sra. de Grandlieu, atribuir grande importância ao pariato, não o prodigalizando. De resto, o filho de um conselheiro junto ao Parlamento não é um Crillon ou um Rohan.[174] O conde Ferraud não pôde entrar na Câmara alta a não ser sub-repticiamente. Mas se seu casamento fosse anulado, não poderia ele fazer recair sobre si — com grande satisfação do rei — o pariato de um desses velhos senadores que têm somente filhas? "Aqui está certamente uma boa história para explorar, a fim de assustar nossa condessa", pensou ele ao subir a escadaria exterior.

Sem saber, Derville pusera o dedo na chaga secreta, mergulhara a mão no câncer que corroía a sra. Ferraud. Ela o recebeu numa bonita sala de jantar de inverno, onde se estava divertindo com um macaco

preso por uma corrente a uma espécie de poste guarnecido de varas de ferro. A condessa estava envolta num elegante *peignois*; os cachos de seus cabelos, negligentemente penteados, escapavam de dentro de uma touca que lhe dava um ar brejeiro. Apresentava-se risonha e bem-disposta. A prata, os dourados, o nácar cintilavam sobre a mesa, e em torno dela havia flores raras, plantadas em magníficos vasos de porcelana. Ao ver a esposa do conde Chabert, rica pelos despojos do marido, no seio do luxo, no cimo da sociedade, enquanto o infeliz vivia em casa de um pobre leiteiro entre animais, o advogado disse a si mesmo: "A moral de tudo isto é que uma linda mulher jamais quererá reconhecer seu marido, nem mesmo seu amante, num homem vestido com uma velha capa, com uma peruca de grama e com as botinas furadas". Um sorriso malicioso e sarcástico exprimiu as ideias meio filosóficas e meio zombeteiras que deviam acudir a um homem tão bem colocado para conhecer o fundo das coisas, apesar das mentiras sob as quais a maioria das famílias parisienses oculta sua existência.

— Bom dia, sr. Derville — disse ela, continuando a dar café ao macaco.

— Senhora — disse ele bruscamente, pois o tom frívolo com que a condessa lhe dissera "Bom dia, sr. Derville" o havia chocado —, venho falar-lhe de um assunto bastante grave.

— Isso *desespera-me*, porque o conde está ausente...

— E a mim me encanta, senhora. Seria *desesperador* que ele assistisse à nossa conferência. De resto, sei por Delbecq que a senhora gosta de fazer seus negócios por si mesma, sem aborrecer o senhor conde.

— Nesse caso, vou mandar chamar Delbecq — disse ela.

— Não obstante a sua habilidade, ele lhe seria inútil. Ouça, senhora, uma palavra bastará para deixá-la séria. O conde Chabert está vivo.

— E é dizendo-me semelhantes chocarrices que quer que eu fique séria? — disse ela, soltando uma gargalhada.

Mas dentro em pouco a condessa foi domada pela estranha lucidez do olhar fixo com o qual Derville a interrogava, parecendo ler-lhe no fundo da alma.

— Senhora — disse ele com fria gravidade —, ignora com certeza a

extensão dos perigos que a ameaçam. Não lhe falarei da incontestável autenticidade dos documentos, nem da certeza das provas que atestam a existência do conde Chabert. Não sou homem que se encarregue de uma causa má, a senhora o sabe. Se a senhora se opuser à anulação que pretendemos da declaração do óbito, perderá esse primeiro processo, e essa questão, resolvida a nosso favor, nos fará ganhar os outros.

— Mas então de que pretende falar-me?

— Nem do coronel, nem da senhora. Não lhe falarei tampouco dos memoriais que advogados espirituosos poderiam fazer, armados com os fatos curiosos desta causa, e do partido que tirariam das cartas que a senhora recebeu de seu primeiro marido antes da celebração de seu segundo casamento.

— Isso é falso! — disse ela com toda a violência de uma mulher presumida. — Nunca recebi carta do conde Chabert; e se alguém diz ser o coronel, não pode ser senão um aventureiro, algum grilheta liberado, como Cogniard,[175] talvez. Fico arrepiada só de pensar nisso. Como pode o coronel ressuscitar, senhor? Bonaparte apresentou-me, por um ajudante de campo, pêsames pela morte de meu marido, e hoje recebo três mil francos de pensão, concedidos à sua viúva pelas Câmaras. Tive mil vezes razão de repelir todos os Chabert que têm surgido, como, de resto, repelirei todos os que surgem.

— Felizmente estamos sós, senhora. Podemos mentir à vontade — disse ele friamente, divertindo-se em espicaçar a cólera que agitava a condessa, a fim de lhe arrancar algumas indiscrições, por meio de uma manobra familiar aos solicitadores, habituados a se conservarem calmos enquanto seus adversários ou clientes se arrebatam. “A nós dois”, disse a si próprio, ideando no mesmo momento uma armadilha para demonstrar à condessa sua fraqueza.

— A prova da entrega da primeira carta existe, senhora — disse ele —, pois continha valores...

— Oh! Quanto a valores, não é verdade.

— Quer isso, pois, dizer que recebeu essa primeira carta — disse Derville sorrindo. — Já se deixou cair no primeiro laço que lhe arma um solicitador e julga poder lutar com a Justiça...

A condessa corou, empalideceu, escondeu o rosto nas mãos. Depois,

sacudiu o pejo e com o sangue-frio peculiar às mulheres dessa espécie replicou:

— Uma vez que é o solicitador do suposto Chabert, queira ter a bondade de…

— Senhora — disse Derville, interrompendo-a —, neste momento sou seu solicitador tanto como do coronel. Acredita que eu queira perder uma clientela tão valiosa quanto a sua? Mas não me está ouvindo…

— Fale, senhor — disse ela graciosamente.

— Sua fortuna veio-lhe do conde Chabert e a senhora o repeliu. Sua fortuna é colossal e a senhora o deixa mendigar. Senhora, os advogados são muito eloquentes quando as causas são eloquentes por si mesmas; existem aqui circunstâncias capazes de sublevar contra a senhora a opinião pública.

— Mas, senhor — disse a condessa, impacientada pelo modo por que Derville a virava e revirava sobre a grelha —, admitindo que o seu Chabert exista, os tribunais manterão meu segundo matrimônio por causa das crianças e ficarei quite restituindo ao sr. Chabert duzentos e vinte e cinco mil francos.

— Senhora, não sabemos por que lado os tribunais vão encarar a questão sentimental. Se por um lado temos uma mãe e seus filhos, temos, por outro, um homem acabrunhado pela desgraça, envelhecido pela senhora, por suas recusas. Onde poderá ele encontrar uma esposa? E, ademais, podem os juízes ir de encontro à lei? Seu casamento com o coronel tem, por direito, a prioridade. Mas se a senhora for apresentada com cores odiosas, poderá ter um adversário que não espera. É aí, senhora, que está o perigo do qual a quero preservar.

— Um novo adversário? — disse ela. — Quem?

— O sr. conde Ferraud.

— O conde Ferraud tem por mim grande afeição e imenso respeito pela mãe de seus filhos…

— Não diga tais tolices a solicitadores habituados a ler no fundo dos corações — disse Derville, interrompendo-a. — Neste momento o sr. Ferraud não tem a menor vontade de desmanchar seu casamento, e

estou convencido de que a adora; mas se alguém fosse dizer-lhe que seu casamento pode ser anulado, que sua esposa vai ser levada como criminosa ao tribunal da opinião pública...

— Ele me defenderia, senhor!

— Não, minha senhora.

— Que motivo teria ele para abandonar-me?

— O de desposar a filha única de um par de França, cujo pariato lhe seria transmitido por ordenança do rei.

A condessa empalideceu.

"Cheguei ao que queria", disse Derville consigo mesmo. "Bem, tenho-te segura, a questão do pobre coronel está ganha."

Continuou em voz alta:

— Ademais, senhora, os remorsos dele seriam pequenos, pois que um homem coberto de glória, general, conde, grande oficial da Legião de Honra não deixa de ter o seu valor; de modo que se esse homem lhe reclamasse a esposa...

— Basta! Basta! Senhor! — disse ela. — Nunca terei outro solicitador que não o senhor. Que fazer?

— Transigir — disse Derville.

— Ele ainda me ama? — perguntou ela.

— Mas não creio que pudesse ser de outra forma.

A essas palavras, a condessa ergueu a cabeça. Um clarão de esperança brilhou em seus olhos; talvez contasse especular com a ternura de seu primeiro marido, a fim de ganhar o processo por meio de algum ardil feminino.

— Esperarei suas ordens, senhora, para saber se devemos notificá-la ou se quer vir ao meu escritório para estabelecermos as bases de uma transação — disse Derville, saudando a condessa.

Oito dias depois das duas visitas feitas por Derville, numa bela manhã de junho, os esposos, separados por um acaso quase sobrenatural, partiram dos dois extremos de Paris para se encontrar no escritório do advogado de ambos. Os adiantamentos largamente feitos por Derville ao coronel Chabert tinham permitido a este apresentar-se vestido de acordo com sua categoria social. Assim é que o defunto veio num cabriolé muito decente. Cobria-lhe o crânio uma peruca

apropriada a sua fisionomia, vestia um fraque de pano azul, com roupa branca, e por baixo do colete a fita vermelha dos grandes oficiais da Legião de Honra. Ao readquirir a abastança, recuperara sua antiga elegância marcial. Mantinha-se ereto. Seu semblante grave e misterioso, no qual se estampavam a felicidade e todas as suas esperanças, parecia rejuvenescido e mais cheio. Não se parecia mais com o Chabert da velha capa do que uma moeda de cobre se parece com uma de quarenta francos, recentemente cunhada. Ao vê-lo, os transeuntes facilmente reconheceriam nele um desses belos destroços de nosso antigo exército, um desses homens heroicos nos quais se reflete nossa glória nacional e que a representam como um fragmento de espelho iluminado pelo sol parece refletir todos os seus raios. Esses velhos soldados são ao mesmo tempo quadros e livros. Quando o conde desceu do carro para subir ao gabinete de Derville, saltou agilmente como o faria um rapaz. Logo depois de se ter retirado o cabriolé em que viera, chegou um formoso cupê com brasões. A condessa Ferraud saiu dele com uma *toilette* simples, mas habilmente calculada para mostrar a mocidade de seu busto. Cobria-lhe a cabeça uma bonita capota forrada de seda cor-de-rosa que lhe emoldurava perfeitamente o rosto, dissimulando-lhe os contornos e reavivando-os. Mas se os clientes haviam remoçado, o escritório permanecera o que era e apresentava, naquele momento, o quadro descrito no começo desta história. Simonin merendava, com o ombro apoiado na janela, que agora estava aberta, e olhava o azul do céu pela abertura do pátio cercado por quatro edifícios.

— Ah, — exclamou o garoto — quem quer apostar um espetáculo em como o coronel Chabert é general e condecorado?

— O patrão é um notável feiticeiro — disse Godeschal.

— Então desta vez não podemos fazer-lhe nenhuma brincadeira? — perguntou Desroches.

— A mulher dele se encarregará disso — comentou Boucard.

— Mas então — disse Godeschal — a condessa Ferraud vai ser obrigada a repartir-se entre dois...

— Aí vem ela! — exclamou Simonin.

Nesse instante o coronel entrou e perguntou por Derville.

— Ele está, senhor conde — disse Simonin.

— Com que então não és surdo, meu patife? — disse Chabert, pegando Simonin pela orelha e torcendo-a, com grande satisfação dos praticantes, que se puseram a rir, contemplando o coronel com a curiosa consideração devida àquele estranho personagem.

O conde Chabert estava no gabinete de Derville no momento em que sua esposa entrou pela porta do escritório.

— Hein! Boucard, que cena vai se passar no gabinete do patrão! Aqui está uma mulher que pode ir nos dias pares à casa do conde Ferraud e nos ímpares à do conde Chabert!

— Nos·anos bissextos — disse Godeschal — a conta está certa.

— Calem-se, senhores! Olhem que podem ouvi-los — disse severamente Boucard. — Nunca vi escritório em que se faça troça dos clientes como aqui.

Derville fizera o conde passar para seu quarto, quando a condessa se apresentou.

— Senhora — disse-lhe ele —, como não sabia se lhe seria agradável encontrar-se com o conde Chabert, separei-os. Contudo, se deseja...

— Senhor, é uma atenção que lhe agradeço.

— Preparei a minuta de um convênio cujas condições poderão ser discutidas pela senhora e pelo sr. Chabert agora mesmo. Irei alternativamente, de um para o outro, apresentar-lhes as respectivas opiniões.

— Vamos ver, senhor — disse a condessa, deixando escapar um gesto de impaciência.

Derville leu:

— “Entre os abaixo assinados: O sr. Jacinto, por apelido Chabert, conde, marechal de campo e grande oficial da Legião de Honra, residente em Paris, na rue Petit-Banquier, por um lado; E a sra. Rosa Chapotel, esposa do sr. conde Chabert, acima citado, nascida...”

— Leia mais adiante — disse ela —; deixemos os preâmbulos e vamos às condições.

— Senhora — disse o advogado —, o preâmbulo explica sucintamente a situação em que ambos se encontram. Depois, pela cláusula primeira, a senhora reconhece, na presença de três

testemunhas, que são dois tabeliães e o leiteiro em cuja casa reside seu marido, às quais confiei a questão sob compromisso de segredo e que portanto o guardarão religiosamente; a senhora reconhece, dizia eu, que o indivíduo designado nas atas juntas à assinatura, e cujo estado está de resto estabelecido por um ato público preparado no cartório de Alexandre Crottat, seu notário, é o conde Chabert, seu primeiro esposo. Pela cláusula segunda, o conde Chabert, no interesse da felicidade da senhora, compromete-se a não fazer uso de seus direitos a não ser nos casos previstos pela própria ata. E esses casos — continuou Derville, fazendo uma espécie de parêntese — não são outros mais do que a não execução das cláusulas deste convênio secreto. Por seu lado, o sr. Chabert consente em demandar de pleno acordo com a senhora um julgamento que anulará a declaração de seu óbito e estipulará a dissolução de seu casamento.

— Isso não me convém absolutamente — disse a condessa, admirada —; não quero processos. E o senhor sabe por quê.

— Pela cláusula terceira — disse o advogado, continuando com fleuma imperturbável — a senhora se compromete a constituir em nome de Jacinto, conde Chabert, uma renda vitalícia de vinte e quatro mil francos, inscrita no Grande-Livro da dívida pública, mas cujo capital lhe será devolvido por morte dele...

— Mas é muito caro! — disse a condessa.

— Acha que pode transigir por menos?

— Talvez.

— Que quer então a senhora?

— Eu quero, eu não quero processos, eu quero...

— Que ele continue morto — disse Derville com veemência, interrompendo-a.

— Senhor, se é preciso vinte e quatro mil libras de renda, questionaremos.

— Sim, questionaremos! — exclamou com voz abafada o coronel, que abriu a porta e surgiu, de repente, diante da esposa, com uma mão no colete e a outra estendida para o chão, gesto ao qual a recordação de sua ventura dava uma horrível energia.

— É ele! — disse a condessa para si mesma.

— Muito caro! — continuou o velho soldado. — Dei-lhe cerca de um milhão e a senhora regateia com a minha desgraça. Pois bem! Quero agora a senhora e a sua fortuna. Há comunhão de bens entre nós, nosso casamento não foi anulado...

— Mas este senhor não é o coronel Chabert! — exclamou a condessa, fingindo surpresa.

— Ah! — disse o ancião em tom profundamente irônico. — Quer provas? Recolhi-a no Palais-Royal...[176]

A condessa empalideceu. Vendo-a empalidecer sob a pintura, o velho soldado, impressionado com o sofrimento que impunha a uma mulher outrora amada com ardor, deteve-se; mas ela dirigiu-lhe um olhar tão venenoso que ele recomeçou:

— A senhora estava em casa de...

— Por favor, cavalheiro — disse a condessa ao advogado —, permita que me retire. Não vim aqui para ouvir tais horrores.

Levantou-se e saiu. Derville precipitou-se no escritório. A condessa como que achara asas e voara. Ao voltar a seu gabinete, o solicitador encontrou o coronel num violento acesso de ira e caminhando de um lado para outro, a largos passos.

— Naquele tempo cada um ia buscar sua mulher onde quisesse — dizia ele —, mas errei escolhendo-a tão ruim, fiando-me nas aparências. Ela não tem coração!

— E então, coronel, não tinha eu razão ao pedir-lhe que não viesse? Tenho agora certeza da sua identidade. Quando o senhor se mostrou, a condessa fez um gesto cuja significação não era equívoca. Mas perdeu seu processo; sua mulher sabe agora que o senhor é irreconhecível.

— Eu a matarei.

— Loucura! Será preso e guilhotinado como um miserável. Ademais, é bem possível que erre o golpe e isso seria imperdoável, por quanto nunca se deve falhar quando se quer matar a esposa. Deixe-me reparar suas tolices, criança grande! Vá embora. Tome cuidado consigo, pois ela seria capaz de fazê-lo cair numa armadilha e fazê-lo encerrar em Charenton. Vou notificá-la da nossa ação, para pô-lo ao abrigo de qualquer surpresa.

O velho coronel obedeceu a seu jovem benfeitor e saiu balbuciando

desculpas. Ia descendo lentamente os degraus da escada escura, abismado em sombrios pensamentos, talvez acabrunhado pelo golpe que acabara de receber, o qual fora para ele o mais cruel, o que mais profundamente lhe penetrara no coração, quando ouviu, ao chegar ao último patamar, o ruge-ruge de um vestido, e a esposa se lhe apresentou.

— Venha, senhor — disse-lhe ela, tomando-lhe o braço com um gesto semelhante aos que lhe eram familiares noutros tempos.

O ato da condessa e a tonalidade de sua voz, que volvera a ser graciosa, bastaram para acalmar a cólera do coronel, o qual se deixou levar até o carro.

— Vamos, suba! — disse-lhe a condessa, depois que o lacaio baixou estribo.

E, como por encanto, ele se viu sentado no cupê, junto à esposa.

— Aonde quer ir, senhora? — perguntou o lacaio.

— A Groslay — respondeu ela.

Os cavalos partiram e atravessaram Paris.

— Senhor! — disse a condessa ao coronel, com um som de voz que revelava uma dessas emoções raras na vida e pelas quais tudo se agita em nós. Nesses momentos, coração, fibras, nervos, fisionomia, alma e corpo, tudo, mesmo cada poro, estremece. Parece que a vida não existe mais em nós: sai e jorra, comunica-se como um contágio, transmite-se pelo olhar, pelo acento da voz, pelos gestos, impondo nossa vontade aos outros. O velho soldado estremeceu ao ouvir aquela única palavra, aquele primeiro e terrível “Senhor!”. E que era ao mesmo tempo uma exprobação, uma prece, um perdão, uma esperança, um desespero, uma interrogação, uma resposta. Aquela palavra encerrava tudo. Era preciso ser uma comediante para pôr tanta eloquência, tanto sentimento numa palavra só. O verdadeiro não é tão completo em sua expressão, não exterioriza tudo; ele deixa ver tudo o que está no interior. O coronel sentiu mil remorsos de suas suspeitas, de suas exigências, de sua cólera, e baixou os olhos para não deixar perceber sua perturbação.

— Senhor — continuou a condessa após uma pausa imperceptível —, eu o reconheci perfeitamente!

— Rosina — disse o velho soldado —, essas palavras são o único bálsamo capaz de me fazer esquecer minhas desgraças.

Duas grossas lágrimas caíram, ainda quentes, nas mãos de sua esposa, que ele apertava com carinho paternal.

— Senhor — disse ela —, como é possível que não compreendesse o quanto me doía aparecer ante um estranho numa posição tão falsa como era a minha! Se devo corar da minha situação, que ao menos seja em família! Não acha que este segredo deve permanecer sepultado em nossos corações? O senhor me absolverá, assim o espero, da minha aparente indiferença pelas desgraças de um Chabert em cuja existência eu não devia crer. Recebi suas cartas — disse ela com vivacidade, ao ler nas feições do marido a objeção que nelas transparecia —, mas chegaram-me às mãos treze meses depois da batalha de Eylau; estavam abertas, sujas, a letra era irreconhecível e tive de acreditar, depois de ter obtido a assinatura de Napoleão no mesmo novo contrato de casamento, que um hábil explorador quisesse ludibriar-me. Para não perturbar a tranquilidade do conde Ferraud e não alterar os laços da família, tive, pois, de tomar precauções contra um falso Chabert. Não lhe parece que eu tinha razão? Diga.

— Sim, tinha razão; eu é que sou um idiota, um animal, uma besta por não ter calculado melhor as consequências de semelhante situação. Mas aonde vamos? — perguntou o coronel ao ver-se na barreira de La Chapelle.

— A minha casa de campo, perto de Groslay, no vale de Montmorency. Lá, senhor, refletiremos juntos sobre a resolução que deveremos tomar. Conheço meus deveres. Se sou sua de direito, não lhe pertenço mais de fato. Quererá, acaso, que nos tornemos objeto de chacota de toda Paris? Não ponhamos o público a par desta situação, que tem para mim um lado ridículo, e saibamos resguardar nossa dignidade. O senhor ainda me ama — disse ela, dirigindo ao coronel um olhar triste e meigo —, mas não estava eu autorizada a estabelecer outros laços? Nesta situação singular, diz-me uma voz secreta que eu tenha fé na sua bondade, que tão bem reconheço. Estarei em erro por tomá-lo como único e exclusivo árbitro da minha sorte? Seja ao mesmo tempo parte e juiz. Confio-me à nobreza de seu caráter. Sei que terá a

bondade de me perdoar os resultados de faltas inocentes. Confesso-lhe, pois, que amo o sr. Ferraud. Julguei-me com o direito de amá-lo. Não coro desta confissão que lhe faço; se ela o ofende, não nos desonra. Não lhe posso ocultar os fatos. Quando o acaso me fez viúva, eu não era mãe.

O coronel fez com a mão um sinal à esposa para lhe impor silêncio, e ficaram sem proferir uma única palavra durante um percurso de meia légua. Chabert como que via as duas crianças diante dele.

— Rosina!

— Senhor?

— É então um erro os mortos voltarem?

— Oh, não, senhor, não! Não me julgue ingrata. Acontece apenas que o senhor encontra uma amiga, uma mãe, onde tinha deixado uma esposa. Se não depende mais de minha vontade amá-lo, sei o quanto lhe devo e posso ainda oferecer-lhe os carinhos de uma filha.

— Rosina — disse o velho com voz meiga —, não tenho mais nenhum ressentimento contra ti. Esqueceremos tudo — acrescentou com um desses sorrisos cuja doçura é sempre o reflexo de uma alma bela. — Sou bastante delicado para não exigir simulacros de amor numa mulher que não mais me ama.

A condessa dirigiu-lhe um olhar tão cheio de gratidão que o pobre Chabert quisera voltar para a fossa de Eylau. Certos homens têm uma alma bastante forte para tais dedicações, nas quais, para eles, a recompensa reside na certeza de terem feito a felicidade da pessoa amada.

— Meu amigo, falaremos de tudo isto mais tarde, com o coração descansado — disse a condessa.

A conversação tomou outro rumo, pois era impossível continuar por muito tempo naquele assunto. Conquanto os dois esposos se referissem com frequência a sua estranha situação, fosse por meio de alusões ou seriamente, fizeram uma viagem encantadora, recordando os acontecimentos de sua vida passada e as coisas do Império. A condessa soube imprimir uma doce sedução a essas recordações e matizou a palestra com uma tinta de melancolia necessária para manter-lhe a gravidade. Fazia reviver o amor sem excitar nenhum

desejo e deixava que seu primeiro marido entrevisse todas as riquezas morais que ela adquirira, procurando acostumá-lo à ideia de restringir sua felicidade exclusivamente aos gozos que um pai experimenta perto de uma filha querida. O coronel conhecera a condessa do Império, via agora uma condessa da Restauração. Finalmente, o casal chegou por um atalho a um grande parque situado no pequeno vale que separa as alturas de Magency da bonita aldeia de Groslay. A condessa possuía ali uma casa deliciosa, onde o coronel viu, ao chegar, todos os preparativos exigidos por sua estada e a de sua mulher. A desgraça é uma espécie de talismã cuja virtude consiste em fortalecer nossa primitiva constituição: em certos homens aumenta-lhes a desconfiança e a maldade, assim como amplia a bondade dos que têm um coração excelente. O infortúnio tornara o coronel mais prestativo e melhor do que antes fora; ele podia, pois, iniciar-se no segredo dos sofrimentos femininos ignorados pela maioria dos homens. Não obstante, apesar de sua pouca desconfiança, não pôde deixar de dizer à esposa:

— Pelo que vejo, tinha certeza de me trazer aqui.

O tom da verdade que ela soube pôr nessa resposta dissipou as leves suspeitas que o coronel se envergonhou de ter nutrido. Durante três dias a condessa foi admirável ao lado de seu primeiro marido. Por seus ternos cuidados e constante doçura, ela parecia querer apagar a recordação dos sofrimentos que ele suportara e se fazer perdoar as desgraças que, segundo suas confissões, ela inocentemente causara. Comprazia-se em ostentar para ele os encantos a que o sabia sensível, embora dando-lhe a perceber uma certa melancolia; porque somos mais particularmente acessíveis a certas maneiras, a certas graças do coração ou do espírito às quais não resistimos. Ela queria interessá-lo em sua situação, enternecê-lo o suficiente para apoderar-se de seu espírito e dispor dele soberanamente. Decidida a tudo para alcançar seus fins, ainda não sabia o que fazer daquele homem, mas estava resolvida a aniquilá-lo socialmente. Na tarde do terceiro dia, ela sentiu que, apesar de seus esforços, não podia ocultar a inquietação que lhe causava o resultado de seus manejos. Para estar um momento à vontade, subiu a seus aposentos, sentou-se a sua secretária, tirou a máscara de tranquilidade que conservava diante do conde, tal como

uma atriz que, ao voltar cansada para o seu camarim, depois de um penoso quinto ato, cai semimorta e deixa de si, na sala, uma imagem que em nada se lhe assemelha. Pôs-se a terminar uma carta começada que escrevia a Delbecq, ao qual pedia que fosse em seu nome ao escritório de Derville pedir uma vista dos autos concernentes ao coronel Chabert, copiá-los e vir imediatamente encontrá-la em Groslay. Mal tinha acabado, quando ouviu no corredor o ruído dos passos do coronel, que, muito inquieto, vinha procurá-la.

— Ai de mim! — disse ela em voz alta. — Quisera estar morta! Minha situação é intolerável...

— Então, que é isso? Que tem? — perguntou o pobre-diabo.

— Nada, nada — disse ela.

Ergueu-se, deixou o coronel e desceu para falar, sem testemunhas, com sua criada de quarto, a qual mandou a Paris, recomendando-lhe que ela própria entregasse a Delbecq a carta que acabara de escrever e que a trouxesse de volta logo que ele a tivesse lido. Depois disso, a condessa foi sentar-se num banco onde ficou bem à vista, para que o coronel viesse ter com ela logo que quisesse. Este, que já andava em busca da esposa, veio imediatamente e sentou-se ao lado dela.

— Rosina — disse-lhe —, que tem?

Ela não respondeu. A tarde era uma dessas tardes magníficas e calmas cujas secretas harmonias esparzem, no mês de junho, tanta suavidade no pôr do sol. O ar era puro e o silêncio, profundo, de modo que se podiam ouvir, nos confins do parque, as vozes de algumas crianças que acrescentavam uma espécie de melodia às sublimidades da paisagem.

— Não me responde? — perguntou o coronel.

— Meu marido... — disse a condessa, que se deteve, fez um gesto e perguntou-lhe ruborizando-se: — Como devo dizer, quando me refiro ao sr. conde Ferraud?

— Chama-o de teu marido, minha pobre filha — respondeu o coronel com voz bondosa —; não é ele o pai de teus filhos?

— Pois bem! — continuou ela. — Se ele me perguntar o que eu vim fazer aqui, se ele vier a saber que me encerrei com um desconhecido, que lhe direi? Ouça, senhor — disse ela, tomando uma atitude cheia de

dignidade —, decida da minha sorte, estou resignada a tudo...

— Minha querida — disse o coronel, apoderando-se das mãos da esposa —, resolvi sacrificar-me completamente à sua felicidade...

— Isso é impossível! — exclamou ela, deixando escapar um movimento convulsivo. — Pense que teria de renunciar a si mesmo e de um modo autêntico...

— Como — disse o coronel —, não lhe basta a minha palavra?

O *autêntico* caíra no coração do velho despertando nele desconfianças involuntárias. Dirigiu à esposa um olhar que a fez corar; ela baixou os olhos, e ele receou ver-se obrigado a desprezá-la. A condessa tinha medo de assustar o pudor selvagem, a severa probidade de um homem cujo caráter generoso e cujas virtudes primitivas conhecia. Embora essas ideias tivessem enuviado suas frontes, a boa harmonia logo se restabeleceu entre eles. Eis como. Um grito de criança repercutiu ao longe.

— Júlio, deixa a tua irmã em paz! — exclamou a condessa.

— Como! Seus filhos estão aqui? — perguntou o coronel.

— Sim, mas proibi-lhes que o importunassem.

O velho soldado compreendeu a delicadeza, o tato de mulher que havia naquele procedimento tão gracioso e tomou a mão da condessa para beijá-la.

— Mande-os vir — disse ele.

A menina subia correndo para queixar-se do irmão.

— Mamãe!

— Mamãe!

— Foi ele que...

— Foi ela.

As mãos estavam estendidas para a mãe, e as duas vozes infantis se misturavam. Foi um quadro repentino e delicioso!

— Pobres crianças! — exclamou a condessa, não retendo mais as lágrimas. — Terei de deixá-los. A quem as dará o tribunal? Não se divide um coração de mãe, eu os quero para mim!

— É o senhor que está fazendo a mamãe chorar? — disse Júlio, dirigindo um olhar colérico ao coronel.

— Cale-se, Júlio! — exclamou a mãe em tom imperioso.

As duas crianças ficaram de pé e silenciosas, examinando a mãe e o desconhecido com uma curiosidade que não há palavras que a possam exprimir.

— Oh, sim! — continuou ela. — Se me separarem do conde, que me deixem as crianças, e me submeterei a tudo...

Foi uma palavra decisiva, que obteve todo o êxito que ela esperava.

— Sim — exclamou o coronel como se terminasse uma frase mentalmente iniciada —, devo sumir-me! Já o tinha dito a mim mesmo.

— Posso aceitar tal sacrifício? — respondeu a condessa. — Se alguns homens morreram para salvar a honra da mulher a quem amavam, deram a vida somente uma vez. Mas aqui o senhor daria a sua todos os dias! Não, não, é impossível. Se se tratasse apenas da sua existência, ainda vá lá; mas assinar que não é o coronel Chabert, admitir que é um impostor, dar sua honra, mentir a todo momento, não, a dedicação humana não pode chegar a esse ponto. É demais! Não. Se não fossem os meus pobres filhos, eu já teria fugido com o senhor para o fim do mundo.

— Mas — perguntou Chabert — não poderia eu viver aqui, no seu pequeno pavilhão, como um parente seu? Estou estragado como um canhão refugado; não preciso mais do que um pouco de fumo e do *Constitutionnel*.[177]

A condessa rompeu em prantos. Houve entre a condessa Ferraud e o coronel Chabert uma luta de generosidade da qual o soldado saiu vencedor. Uma tarde, ao ver aquela mãe entre os filhos, o soldado sentiu-se seduzido pelas comoventes graças de um quadro de família, no campo, na sombra e no silêncio; tomou a resolução de permanecer morto, e, não se assustando mais da autenticidade de um ato, perguntou que deveria fazer para assegurar irrevogavelmente a felicidade daquela família.

— Faça como quiser! — respondeu-lhe a condessa. — Declaro-lhe que não me envolverei absolutamente nesse assunto. Não devo fazê-lo.

Delbecq chegara fazia alguns dias e, seguindo as instruções verbais da condessa, soubera conquistar a confiança do velho militar. Na manhã seguinte, portanto, o coronel Chabert partiu com o antigo

solicitador para Saint-Leu-Taverny, onde Delbecq fizera preparar pelo notário um documento concebido em termos tão crus que o coronel saiu bruscamente do cartório depois de ouvir a leitura do mesmo.

— Com mil raios! Ficarei sendo um famoso pulha! Mas assim passarei por um falsário! — exclamou.

— Senhor — disse-lhe Delbecq —, não o aconselho a assinar precipitadamente. Em seu lugar eu tiraria, pelo menos, trinta mil libras de renda desse processo, porque a senhora condessa os pagaria.

Depois de ter fulminado o emérito patife com o olhar luminoso do homem de bem indignado, o coronel retirou-se apressadamente, impelido por mil sentimentos contraditórios. Voltou desconfiado, indignou-se, acalmou-se, alternativamente. Finalmente penetrou no parque de Groslay pela brecha dum muro e veio a passos lentos repousar e refletir a sua vontade, num gabinete disposto sob um quiosque de onde se podia ver a estrada de Saint-Leu. Estando a alameda areada com essa espécie de terra amarela com a qual se substitui o cascalho do rio, a condessa, que estava sentada no pequeno salão daquela espécie de pavilhão, não ouviu a chegada do coronel, por achar-se muito preocupada com o êxito de seu caso, o que a impedia de prestar a menor atenção ao leve ruído feito pelo esposo. O velho soldado tampouco viu a mulher, que estava acima dele no pequeno pavilhão.

— E, então, sr. Delbecq, ele assinou? — perguntou a condessa ao intendente, a quem, por sobre uma sebe que vedava um valado, ela viu vir sozinho pela estrada.

— Não, minha senhora. Nem mesmo sei o que é feito do nosso homem. O velho cavalo empinou-se.

— Creio que não haverá outro remédio senão encerrá-lo em Charenton — disse ela —, pois que o temos em nossas mãos.

O coronel, que recuperou a elasticidade da juventude para saltar o valado, num abrir e fechar de olhos surgiu ante o intendente, ao qual aplicou o mais belo par de bofetadas que jamais faces de solicitador receberam.

— Acrescenta que os velhos cavalos também sabem dar coices — disse-lhe.

Dissipado aquele acesso de cólera, o coronel não se sentiu mais com forças para saltar novamente o valado. A verdade se lhe apresentara em toda a sua nudez. As palavras da condessa e a resposta de Delbecq tinham desvendado o conluio do qual ia ser vítima. As atenções que lhe haviam sido prodigalizadas eram uma isca para fazê-lo cair numa armadilha. Aquelas palavras, como uma gota de um veneno sutil, provocaram no velho o reaparecimento de suas dores físicas e morais. Voltou ao quiosque pela porta do parque, caminhando lentamente, como um homem deprimido. Não havia, pois, nem paz, nem tréguas para ele! Desde aquele momento era preciso iniciar contra aquela mulher a guerra odiosa de que lhe falara Derville, entrar numa vida de processos, nutrir-se de fel, beber todas as manhãs um cálice de amargura! Ademais, pensamento horrível, onde encontrar o dinheiro necessário para pagar as custas das primeiras instâncias? Sentiu tão grande nojo da vida que se houvesse um lago perto ter-se-ia jogado nele, se tivesse uma pistola teria arrebentado os miolos. Recaiu, depois, na incerteza de ideias que, desde a sua conversa com Derville em casa de seu hospedeiro, lhe havia modificado o moral. Finalmente, tendo chegado em frente ao quiosque, subiu ao gabinete aéreo, cujas rosáceas de vidro ofereciam a vista de cada uma das encantadoras perspectivas do vale e onde encontrou a mulher sentada numa cadeira. A condessa examinava a paisagem e mantinha uma atitude muito calma, exibindo a fisionomia impenetrável que sabem tomar as mulheres resolvidas a tudo. Enxugou os olhos como se tivesse chorado, e com um gesto distraído brincou com a comprida fita vermelha do cinto. Não obstante, apesar de sua aparente tranquilidade, não pôde deixar de estremecer ao ver diante de si seu venerável benfeitor, de pé, com os braços cruzados, o rosto pálido, a fronte severa.

— Senhora — disse ele depois de a ter fitado fixamente durante um momento e de a ter obrigado a corar —, senhora, não a amaldiçoo, desprezo-a. Agradeço agora ao acaso que nos separou. Não sinto desejo de vingança, não a amo mais. Nada quero da senhora. Pode viver tranquila, confiada na minha palavra, que vale mais do que todas as garatujas de quantos notários há em Paris. Jamais reivindicarei o nome que talvez eu tenha ilustrado. Nada mais sou do que um pobre-diabo

chamado Jacinto, que nada pede além de um lugar ao sol. Adeus...

A condessa atirou-se aos pés do coronel e quis retê-lo segurando-lhe as mãos, mas ele a repeliu com nojo, dizendo-lhe:

— Não me toque!

A condessa fez um gesto intraduzível, quando ouviu o ruído dos passos do marido, que se afastava. Depois, com a perspicácia profunda que dá uma extrema perversidade ou o feroz egoísmo social, julgou que poderia viver em paz sob a promessa e o desprezo daquele soldado leal.

Chabert desapareceu, efetivamente. Seu hospedeiro abriu falência e tornou-se cocheiro de cabriolé. É possível que o coronel a princípio se tivesse dedicado a um ofício semelhante, ou que então, tal como uma pedra atirada num abismo, tivesse, de salto em salto, mergulhado na legião andrajosa que abunda nas ruas de Paris.

III – O HOSPÍCIO DA VELHICE

Seis meses depois desse acontecimento, Derville, que não mais ouvira falar nem no coronel Chabert nem na condessa Ferraud, pensou que deviam, sem dúvida, ter feito qualquer transação, que, por vingança, a condessa fizera redigir em outro escritório.

Uma manhã, pois, calculou as quantias adiantadas ao supradito Chabert, acrescentou as despesas e pediu à condessa Ferraud que reclamasse ao sr. conde Chabert a importância daquela conta, presumindo que soubesse onde se achava seu primeiro marido.

Já no dia seguinte, o intendente do conde Ferraud, que fora recentemente nomeado presidente do tribunal de Primeira Instância numa cidade importante, escreveu a Derville este bilhete desolador:

> Senhor,
>
> A sra. condessa Ferraud encarregou-me de preveni-lo de que seu cliente abusou completamente da sua confiança e que o indivíduo que dizia ser o conde Chabert reconheceu ter-se, indevidamente, atribuído falsas qualidades.
>
> Aceite, pois etc. etc.

— Palavra que se encontram indivíduos que abusam do direito de ser burros! Roubaram o batismo! — exclamou Derville. — E seja-se humano, generoso, filantropo e advogado! O resultado é que a gente se vê embrulhado! Aqui está um negócio que me custa dois mil francos!

Algum tempo depois do recebimento dessa carta, Derville procurava no Tribunal um advogado com quem queria falar e que advogava na polícia correcional. Quis o acaso que Derville entrasse na Sexta Câmara no momento em que o presidente condenava a dois meses de prisão, como vagabundo, o chamado Jacinto e ordenava que ele fosse em seguida levado ao depósito de mendigos de Saint-Denis, sentença que, segundo a jurisprudência dos comissários de polícia, equivalia a uma detenção perpétua. Ao ouvir o nome de Jacinto, Derville olhou para o delinquente sentado entre dois policiais, no banco dos réus, e reconheceu na pessoa do condenado seu falso coronel Chabert. O velho soldado estava calmo, imóvel, quase distraído. Não obstante seus farrapos, não obstante a miséria estampada em sua fisionomia, esta evidenciava uma nobre altivez. Seu olhar tinha uma expressão de estoicismo que não deveria passar despercebida para um magistrado; mas, assim que um homem cai nas mãos da Justiça, nada mais é do que um ser moral, uma questão de direito ou de fato, da mesma forma pela qual, aos olhos de um estatístico, torna-se um algarismo. Quando o soldado foi reconduzido à sala de espera para mais tarde ser levado com uma turma de vagabundos que estava sendo julgada naquele momento, Derville fez uso do direito que os solicitadores têm de entrar por toda parte no Tribunal, seguiu-o e contemplou-o durante alguns instantes, bem como aos curiosos mendigos que estavam com ele. A antecâmara da sala oferecia então um desses espetáculos que, infelizmente, nem os legisladores, nem os filantropos, nem os pintores, nem os escritores vêm estudar. Como todos os laboratórios da chicana, essa antecâmara é uma peça escura e fedorenta, em cujas paredes se apoia um banco de madeira enegrecida pelo perpétuo roçar dos desgraçados que vêm a esse *rendez-vous* de todas as misérias sociais, e ao qual nenhum deles falta. Um poeta diria que o dia tem vergonha de iluminar esse terrível esgoto por onde

passam tantos infortúnios! Não há um único lugar onde não se tenha sentado algum crime, em germe ou consumado; nem um único lugar onde não tenha estado um homem que, desesperado pela leve mácula impressa pela Justiça a sua primeira falta, não tenha começado uma existência no fim da qual devia erguer-se a guilhotina ou detonar a pistola do suicídio. Todos os que caem nas ruas de Paris ressaltam contra essas paredes amareladas, nas quais um filantropo que não fosse um especulador poderia decifrar a justificação dos numerosos suicídios de que se queixam os escritores hipócritas, incapazes de dar um passo para evitá-los, e que se acha escrita nessa antecâmara, espécie de prefácio para os dramas da Morgue ou para os da praça de Grève.[178] Naquele momento o coronel Chabert sentou-se no meio daqueles homens de rosto enérgico, trajando as horríveis librés da miséria, umas vezes silenciosos, outras conversando em voz baixa, porque três policiais de sentinela passeavam por ali fazendo seus sabres retinirem em cima do assoalho.

— Reconhece-me? — perguntou Derville ao velho soldado, colocando-se diante dele.

— Sim, senhor — respondeu Chabert, levantando-se.

— Se o senhor é um homem de bem — disse Derville em voz baixa —, como pôde ficar meu devedor?

O velho soldado corou, como o teria feito uma moça acusada pela mãe de ter um amor clandestino.

— Como! A sra. Ferraud não o pagou? — exclamou ele em voz alta.

— Pagou! — disse Derville. — O que ela fez foi escrever-me uma carta na qual dizia que o senhor era um impostor.

O coronel ergueu os olhos, movido por um sublime ímpeto de horror e de imprecação, como para tomar o céu por testemunha dessa nova mentira.

— Senhor — disse ele com voz que, de tão alterada, parecia calma —, consiga dos policiais o favor de me deixar entrar no escritório e eu assinarei uma ordem que estou certo será paga.

Tendo Derville dito algumas palavras ao cabo, foi-lhe permitido levar seu cliente ao escritório ao lado, onde Jacinto escreveu algumas linhas dirigidas à condessa Ferraud.

— Mande isto à casa dela — disse o soldado — e o senhor será reembolsado de seus gastos e do que me emprestou. Creio, senhor, que se não lhe testemunhei a gratidão que lhe devo por tudo o que fez por mim, nem por isso deixo de tê-la aqui — disse, pondo a mão no coração. — Sim, tenho-a aqui plena e inteira. Mas que podem os infelizes? Amar, e mais nada.

— Como — perguntou Derville —, não estipulou alguma renda para o senhor?

— Não me fale nisso! — respondeu o velho militar. — O senhor não pode imaginar até que ponto vai o meu desprezo por essa vida exterior da qual a maioria dos homens faz tanta questão. Fui atacado subitamente por uma doença, o nojo da humanidade. Quando me lembro de que Napoleão está em Santa Helena, tudo neste mundo me é indiferente. Toda a minha desgraça consiste em que não posso mais ser soldado. Enfim — acrescentou, fazendo um gesto infantil —, vale mais ter luxo nos sentimentos do que na roupa. Eu é que não temo o desprezo de ninguém.

E o coronel voltou a seu banco. Derville saiu. Quando chegou a seu escritório, mandou Godeschal, então seu segundo praticante, à casa da condessa Ferraud, a qual, ao ler o bilhete, mandou imediatamente pagar a importância devida ao advogado do conde Chabert.

Em 1840, pelo fim de junho, Godeschal, já então solicitador, ia a Ris,[179] em companhia de Derville, seu predecessor. Quando chegaram à avenida que conduz da estrada real a Bicêtre, viram, sob um dos olmos do caminho, um desses pobres velhos encanecidos e alquebrados que obtiveram o bastão de marechal da mendicância, vivendo em Bicêtre como as mulheres indigentes vivem na Salpêtrière[180]. Esse homem, um dos dois mil infelizes alojados no Asilo da Velhice, estava sentado num marco e parecia concentrar toda a sua inteligência numa operação bastante conhecida dos inválidos, que consiste em fazer secar ao sol o rapé de seus lenços, para evitar, talvez, que fiquem brancos. Esse ancião tinha uma fisionomia atraente. Vestia o camisolão de pano avermelhado que o asilo dá a seus hóspedes — uma espécie de libré horrível.

— Repare, Derville — disse Godeschal ao companheiro de viagem

—, aquele velho. Não o acha parecido com aquelas figuras grotescas que nos vêm da Alemanha? E isso vive, e, talvez, é feliz!

Derville pôs a luneta, olhou para o pobre, teve um gesto de surpresa e disse:

— Esse velho, meu caro, é um poema completo, ou, como dizem os românticos, um drama. Nunca encontraste a condessa Ferraud?

— Sim, é uma mulher de espírito e muito agradável, mas um pouco devota demais — disse Godeschal.

— Pois esse velho hóspede de Bicêtre é seu marido legítimo, o conde Chabert, o antigo coronel, que ela, com certeza, colocou aí. Se ele está nesse asilo em vez de morar num palacete, é simplesmente por ter recordado à bela condessa Ferraud que ele a tomara na rua, como se toma um fiacre. Lembro-me ainda do olhar de tigre que ela lhe dirigiu nesse momento.

Tendo esse prelúdio excitado a curiosidade de Godeschal, Derville contou-lhe a história que narramos. Dois dias depois, na segunda-feira pela manhã, ao voltar para Paris, os dois amigos dirigiram um olhar a Bicêtre, e Derville propôs que fossem ver o coronel Chabert. Na metade do caminho da avenida, os dois advogados encontraram o velho, sentado no tronco de uma árvore derrubada, tendo na mão um bastão com o qual se divertia traçando riscos no chão. Olhando-o atentamente, perceberam que ele tinha almoçado em outro lugar que não o estabelecimento.

— Bom dia, coronel Chabert — disse-lhe Derville.

— Nada de Chabert! Nada de Chabert! Chamo-me Jacinto — respondeu o ancião. — Não sou mais um homem, sou o número 164, sétima sala — acrescentou, olhando para Derville com ansiedade temerosa, com um medo de velho e de criança. — Os senhores vão ver o condenado à morte? — disse depois de uma pausa. — Esse não é casado! Ele tem muita sorte!

— Pobre homem — disse Godeschal. — Quer dinheiro para comprar rapé?

Com a ingenuidade de um garoto de Paris, o coronel estendeu avidamente a mão para os dois desconhecidos, que lhe deram uma moeda de vinte francos. Ele agradeceu-lhes com um olhar estúpido,

dizendo: — Valentes soldados! — Perfilou-se, fingiu apontar-lhes a arma e bradou sorrindo: — Fogo com as duas peças! Viva Napoleão! — E descreveu no ar, com o bastão, um arabesco imaginário.

— A natureza do seu ferimento trouxe-lhe a caduquice — disse Derville.

— Ele, caduco? — exclamou um velho internado que os estava observando. — Ah, tem dias em que é perigoso pisar-lhe os calos. É um velho astucioso, com muita filosofia e imaginação. Mas, que querem, hoje ele fez a sua segunda-feira. Saibam, senhores, que em 1820 ele já estava aqui. Nessa ocasião, um oficial prussiano, cuja caleça vinha subindo a encosta de Villejuif, passou por aqui a pé. Eu estava com Jacinto à beira da estrada. Esse oficial vinha conversando com um outro, um russo, ou um animal da mesma espécie, quando, ao ver o velho, o prussiano, para fazer pilhéria, disse-lhe: "Eis aqui um velho *voltigeur*[181] que devia estar em Rosbach".[182] "Eu era ainda muito moço para estar lá", respondeu este velho, "mas já tinha idade bastante para estar em Iena."[183] Com essa, o prussiano escafedeu-se sem fazer mais perguntas.

— Que destino! — exclamou Derville. — Saído do Asilo das Crianças Abandonadas, vem morrer no Asilo da Velhice, depois de ter, nesse meio-tempo, ajudado Napoleão a conquistar o Egito e a Europa. Sabes, meu caro — continuou Derville após uma pausa —, que há na nossa sociedade três homens, o padre, o médico e o legista, que não podem estimar o mundo? Trajam vestes pretas, talvez por carregarem o luto de todas as virtudes de todas as ilusões. O mais infeliz dos três é o advogado. Quando um homem vai em busca do padre, ele o faz impelir pelo arrependimento, pelo remorso ou por crenças que o tornam interessante, que o engrandecem e que consolam a alma do mediador, cuja tarefa é exercida com uma espécie de gozo: ele purifica, conserta, reconcilia. Mas nós, advogados, vemos os mesmos sentimentos maus se repetirem; nada os corrige; nossos escritórios são esgotos que se não podem limpar. Quanta coisa aprendi eu no exercício da minha função! Vi um pai morrer num celeiro, sem cheta, abandonado pelas duas filhas a quem dera quarenta mil francos de renda![184] Vi queimarem testamentos; vi mães despojando os filhos, aproveitando-se do amor

que lhes inspiravam para deixá-los loucos ou imbecis, a fim de poderem viver em paz com seus amantes. Vi mulheres dando ao filho do primeiro leito hábitos que lhes deviam acarretar a morte, a fim de enriquecerem o filho do amor. Não lhe posso dizer tudo o que vi, porque vi crimes contra os quais a Justiça é impotente. Enfim, todos os horrores que os romancistas pensam que inventam estão sempre aquém da verdade. Você vai conhecer essas belas coisas; quanto a mim, vou viver no campo, com minha mulher. Paris horroriza-me.

— Eu também já vi coisas no gabinete de Desroches — respondeu Godeschal.

Paris, fevereiro-março de 1832[185]

A MISSA
DO ATEU

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

“Obra concebida, escrita e impressa dentro de uma só noite”, *A missa do ateu* (em francês: *La messe de l’athée*) é um dos contos mais perfeitos e mais sugestivos de Balzac.

Teve o autor visível empenho em ligar esta novela a outras narrativas de *A comédia humana*, e os dois protagonistas, sobretudo Bianchon, desempenham papel importante em todo o ciclo. No entanto, esta breve narrativa é tão independente, tão inteira em si como, por exemplo, *A mensagem*, que já conhecemos.

O assunto é a contradição entre os princípios e as ações de um homem eminente, mistério que excita a curiosidade do leitor. O autor faz explicar o mistério pelo próprio protagonista; depois de obtida essa explicação é que entrevemos, atrás dela, outro enigma, bem mais profundo que o primeiro.

Além de abrir grandes perspectivas ante o pensamento do leitor, Balzac o cativa pela sua serenidade. O respeito de Balzac católico ao ateísmo de Desplein não é menor que o de Desplein à fé do seu pobre e humilde benfeitor. Essa imparcialidade, uma das qualidades mais notáveis do romancista, faz com que o sigamos com inteira confiança em suas tortuosas peregrinações pelas consciências humanas como a um guia leal e seguro.

Paul Bourget, um dos melhores conhecedores de Balzac, julga com acerto (em *Études et portraits*, vol. III) essa novela um modelo do gênero. “A novela”, escreve ele , “é o gênero menos apropriado para demonstrar. Em compensação é o gênero mais capaz de inquietar o pensamento. Releiam *A missa do ateu*, por exemplo. Admirarão com que vigor Balzac faz brotar de um incidente o problema de consciência

que nele se esconde... Balzac não disserta. Não é um silogismo que expõe. Mas, ao acabar a leitura dessas poucas páginas, um mundo de ideias tem-se agitado em nós. Todo o problema do além se levantou ante nosso espírito: a fé simples e humilde vale mais do que a ciência orgulhosa? Até que ponto um ímpio tem o direito de tocar em crenças que despreza, mas de que outros vivem? Não existe uma reversibilidade da graça que age sobre nós à nossa revelia?”

É raro uma personagem balzaquiana ter, na realidade, um modelo identificável; o romancista instintivamente formava suas criaturas mais importantes com traços pedidos emprestados a vários contemporâneos. Não é esse o caso de Desplein, em quem os leitores facilmente reconheciam o famoso dr. Guillaume Dupuytren (1777-1835), renovador da cirurgia e cirurgião da família real, figura marcante morta havia menos de um ano e ainda presente a todas as memórias. Vários itens do seu vasto anedotário estão aqui atribuídos pelo autor à pessoa fictícia de Desplein. (Guy Sagnes, prefácio à novela na edição Pléiade.)

Quanto à figura do dr. Bianchon, das que mais vezes reaparecem no decorrer de *A comédia humana*, da qual é um dos persongens mais atraentes, Herbert J. Hunt lembra oportunamente que ele não é protagonista de nenhum conto ou romance. Seu caráter vai se revelando aos poucos em aparições sucessivas e se gravando com relevo numa sucessão de obras. Segundo a lenda, foi a ele que Balzac teria invocado em sua agonia.

paulo rónai

A MISSA DO ATEU

DEDICADO A AUGUSTE BORGET[186]
por seu amigo
DE BALZAC.

Um médico a quem a ciência deve uma bela teoria fisiológica e que, jovem ainda, se colocou entre as celebridades da Escola de Paris, centro de luzes ao qual todos os médicos da Europa prestam homenagem, o dr. Bianchon[187] praticou durante muito tempo a cirurgia antes de se dedicar à medicina. Seus primeiros estudos foram dirigidos por um dos grandes cirurgiões franceses, o ilustre Desplein,[188] que passou como um meteoro pela ciência. Segundo declaram seus inimigos, ele levou para o túmulo um método intransmissível. Como todas as pessoas de gênio, não tinha herdeiros; carregava tudo consigo e tudo consumia. A glória dos cirurgiões assemelha-se à dos atores, que só existem por sua própria vida e cujo talento deixa de ser apreciado logo que desaparecem. Os atores e os cirurgiões, bem como os grandes cantores, os grandes artistas que por sua execução decuplicam o poder de música, são todos heróis do momento. Desplein dá a prova da semelhança entre os destinos desses gênios transitórios. Seu nome, ontem tão famoso, hoje quase esquecido, permanecerá dentro da especialidade sem lhe transpor os limites. Não são necessárias, aliás, circunstâncias excepcionais para que o nome dum

sábio passe do domínio da ciência para a história geral da humanidade? Tinha Desplein essa universalidade de conhecimentos que faz dum homem o *verbo* e o *vulto* dum século? Desplein possuía uma visão divina; penetrava o doente e sua doença por uma intuição adquirida ou natural que lhe permitia surpreender os diagnósticos particulares ao indivíduo, determinar o momento preciso, a hora, o minuto em que era necessário operar, levando em conta as circunstâncias atmosféricas e as peculiaridades do temperamento. Para acompanhar assim a natureza, estudara ele a incessante conjugação dos seres e das substâncias elementares contidas na atmosfera ou fornecidas pela terra ao homem, que as absorve e as elabora para tirar delas uma expressão particular? Procedia ele com essa potência de dedução e de analogia a que se deve o gênio de Cuvier?[189] Como quer que fosse, esse homem fizera-se o confidente da carne, surpreendia-a no passado como no futuro, apoiando-se no presente. Mas resumiu ele toda a ciência em sua pessoa, como fizera Hipócrates,[190] Galeno,[191] Aristóteles?[192] Conduziu ele toda uma escola para mundos novos? Não. Se é impossível negar a esse constante observador da química humana a antiga ciência do magismo, isto é, o conhecimento dos princípios em fusão, as causas da vida, a vida antes da vida, o que ela será por suas preparações antes de ser, é preciso confessar, para ser justo, que infelizmente nele tudo foi pessoal; isolado em sua vida pelo egoísmo, o egoísmo hoje mata sua glória. Seu túmulo não está encimado pela estátua eloquente que revela para o futuro os mistérios que o gênio busca por seu próprio esforço. Talvez o talento de Desplein fosse solidário com suas crenças e, consequentemente, mortal. Para ele, a atmosfera terrestre era uma bolsa geradora; via a terra como um ovo dentro da casca e, como não pudesse saber qual dos dois aparecera primeiro, se o ovo ou a galinha, não admitia o galo nem o ovo. Não acreditava nem no animal anterior nem no espírito posterior ao homem. Não vivia na dúvida, afirmava. Seu ateísmo puro e franco assemelhava-se ao de muitos outros sábios, as melhores criaturas do mundo, mas, invencivelmente ateus, ateus como as pessoas religiosas não admitem que possa havê-los. Esta opinião era natural num homem habituado desde a mocidade a

dissecar o ser por excelência, antes, durante e depois da vida, a sondar-lhe todos os órgãos sem neles encontrar essa alma única, tão necessária às teorias religiosas. Reconhecendo nele um centro cerebral, um centro nervoso e um centro aerossanguíneo, os dois primeiros dos quais se substituem a tal ponto um ao outro que o cirurgião, nos últimos dias da vida, chegou à convicção de que o sentido do ouvido não é absolutamente necessário para ouvir nem o sentido da vista absolutamente necessário para ver, e que o plexo solar indubitavelmente os substituía, Desplein, ao encontrar duas almas no homem, corroborou seu ateísmo por esse fato, embora ele ainda nada prejulgue sobre Deus. Esse homem morreu, segundo dizem, na impenitência final em que desgraçadamente morreram muitos belos gênios, a quem Deus queira perdoar.

A vida desse homem tão grande apresentava muitas pequenezas, para empregar a expressão de que se serviam seus inimigos, desejosos de diminuir sua glória, mas que seria mais conveniente denominar absurdos aparentes. Na falta completa de conhecimento das determinações pelas quais agem os espíritos superiores, os invejosos e os tolos logo se armam de algumas contradições superficiais para estabelecer um libelo pelo qual fazem julgá-los no momento. Se, mais tarde, o êxito coroa as combinações atacadas, mostrando as correlações entre os preparativos e os resultados, sempre subsiste um pouco das calúnias anteriores. Assim, Napoleão foi condenado por nossos contemporâneos quando estendia as asas de sua águia sobre a Inglaterra; foi necessário 1822 para explicar 1804 e as barcaças de Boulogne.[193]

Em Desplein, como a glória e a ciência fossem inatacáveis, seus inimigos criticavam seu temperamento singular, seu caráter, embora ele possuísse apenas essa qualidade que os ingleses denominam *excentricity*. Vestindo-se soberbamente, algumas vezes, como Crébillon, o Trágico,[194] manifestava, dum momento para o outro, uma singular indiferença em matéria de vestuário; era visto ora em carruagem, ora a pé. Ora brusco, ora bondoso, aparentemente ríspido e avarento, mas capaz de oferecer sua fortuna a seus patrões[195] exilados, que lhe deram a honra de aceitá-la por alguns dias, nenhum

homem inspirou maior número de julgamentos contraditórios. Embora fosse capaz, para conseguir uma condecoração que um médico não precisaria disputar, de deixar cair do bolso, na Corte, um livro de orações, podeis estar certo de que intimamente zombava de tudo. Tinha um profundo desprezo pelos homens, após havê-los observado de alto a baixo, após tê-los surpreendido em sua verdadeira expressão, no meio dos atos mais solenes e mais mesquinhos da existência. Num grande homem, frequentemente as qualidades são solidárias. Se, entre esses colossos, um tem mais talento que espírito, seu espírito ainda é mais amplo do que o daqueles de quem se diz simplesmente: tem espírito. Todo gênio supõe uma visão moral. Essa visão pode-se aplicar a alguma especialidade; mas quem vê a flor também vê o sol. Aquele que ao ouvir um diplomata salvo por ele perguntar “Como vai o imperador?”, lhe responde: “O cortesão reaparece, o homem continuará!” não é apenas cirurgião ou médico, é também prodigiosamente espirituoso. Assim, o observador paciente e assíduo da humanidade legitimará as pretensões exorbitantes de Desplein e o julgará, como ele próprio se julgava, capaz de ser tão grande ministro como cirurgião.

Entre os enigmas que a vida de Desplein apresenta aos olhos de vários contemporâneos, escolhemos um dos mais interessantes, porque sua chave se encontrará no fim da narrativa e o vingará de algumas acusações tolas.

De todos os alunos que Desplein teve no hospital, Horácio Bianchon foi um daqueles a que mais intensamente se ligou. Antes de ser interno do Hôtel-Dieu,[196] Horácio Bianchon era um estudante de medicina que morava numa miserável pensão do Quartier Latin, conhecida sob o nome de Casa Vauquer. O pobre rapaz sofria lá os golpes dessa ardente miséria, espécie de crisol do qual os grandes talentos devem sair puros e incorruptíveis como diamantes que podem ser submetidos a todos os choques sem se quebrar. Ao fogo violento de suas paixões desenfreadas, eles adquirem a mais inalterável probidade e contraem o hábito das lutas que preparam o gênio, pelo trabalho constante dentro do qual aprisionaram seus apetites frustrados. Horácio era um rapaz correto, incapaz de tergiversar nas questões de honra, que ia

diretamente aos fatos, pronto a pôr a capa no prego pelos amigos, como a dar-lhes seu tempo e suas vigílias; Horácio era, enfim, um desses amigos que não se preocupam com o que recebem em troca do que dão, certos de que receberão, por sua vez, mais do que deram. A maioria de seus amigos tinha por ele esse respeito íntimo inspirado por uma virtude sem ênfase, e muitos dentre eles temiam sua censura. Essas qualidades, porém, Horácio as manifestava sem pedantismo. Nem puritano nem moralista, discordava amavelmente dando um conselho e gostava de tomar parte numa *patuscada* quando se apresentava uma ocasião. Bom companheiro, não mais recatado que um couraceiro, sincero e franco, não como um marinheiro, pois o marinheiro de hoje é um diplomata finório, mas como um bravo rapaz que não tem nada a esconder na vida, caminhava de cabeça erguida e mente alegre. Enfim, para tudo resumir numa frase, Horácio era o Pílades de mais de um Orestes,[197] nesta época em que os credores são considerados a personificação mais real das fúrias antigas. Carregava sua pobreza com essa jovialidade que é, talvez, um dos maiores elementos de coragem e, como todos os que nada têm, contraía poucas dívidas. Sóbrio como um camelo, alerta como um cervo, era firme nas ideias e na conduta. A vida feliz de Bianchon começou no dia em que o ilustre cirurgião adquiriu a prova das qualidades e dos defeitos que, tanto uns como os outros, tornam o dr. Horácio Bianchon duplamente precioso para seus amigos. Quando um chefe de clínica toma um rapaz sob sua proteção, esse rapaz fica, como se diz, com o pé no estribo. Desplein não deixava de levar Bianchon para ajudá-lo nas casas opulentas, onde, quase sempre, caía alguma gratificação no bolso do interno e onde insensivelmente se desvendavam ao provinciano os mistérios da vida parisiense: conservava-o no gabinete durante as consultas e dava-lhe ocupações; às vezes, mandava-o acompanhar um doente rico às águas; preparava-lhe, enfim, uma clientela. Disso resulta que ao fim dum certo tempo o tirano da cirurgia passou a ter um dedicado admirador. Os dois homens, um no apogeu das honrarias e da ciência, desfrutando uma imensa fortuna e uma imensa glória, o outro, modesto ômega, sem fortuna nem glória, tornaram-se íntimos. O grande Desplein contava

tudo a seu interno; o interno sabia se tal mulher se sentara numa cadeira junto ao mestre ou sobre o famoso canapé que havia no gabinete e no qual Desplein dormia; Bianchon conhecia os mistérios daquele temperamento de leão e de touro que acabou por alargar, ampliar exageradamente o busto do homem e causou sua morte por hipertrofia do coração. Estudou as singularidades daquela vida tão atarefada, os projetos daquela avareza tão sórdida, as esperanças do político oculto sob o sábio; pôde prever as decepções que esperavam o único sentimento oculto naquele coração menos de bronze que bronzeado.

Um dia Bianchon disse a Desplein que um pobre carregador de água do Faubourg Saint-Jacques estava com uma doença horrível causada pelas fadigas e pela miséria; o pobre auvernês comera somente batatas durante o rigoroso inverno de 1821. Desplein deixou todos os seus doentes. Com risco de inutilizar seu cavalo, correu, acompanhado de Bianchon, à casa do pobre homem e ele mesmo o transportou para a casa de saúde fundada pelo famoso Dubois, no Faubourg Saint-Denis. Tratou do homem, a quem deu, quando se restabeleceu, a quantia necessária para comprar um cavalo e uma pipa. O auvernês distinguiu-se por uma ação original. Um de seus amigos adoeceu e ele o levou imediatamente a Desplein, dizendo a seu benfeitor:

— Eu não admitiria que ele fosse procurar outro médico.

Por mais rabugento que fosse, Desplein apertou a mão do carregador de água e disse-lhe:

— Traga todos para cá.

E internou o homem de Cantal[198] no Hôtel-Dieu, onde o tratou com o maior desvelo. Bianchon já notara várias vezes no chefe uma predileção pelos auverneses e sobretudo pelos carregadores de água; mas, como Desplein se orgulhava de seus casos do Hôtel-Dieu, o aluno não via nisso nada de estranho.

Um dia, ao atravessar a praça de Saint-Sulpice, Bianchon viu seu mestre entrando na igreja às nove horas da manhã. Desplein, que então não dava um passo sem o cabriolé, ia a pé e esgueirava-se pela rue Petit-Lion como quem tivesse entrado numa casa suspeita. Naturalmente tomado de curiosidade, o interno, que conhecia as

opiniões do mestre e que era cabanista endyabrado, com y (o que em Rabelais[199] representa um diabo em alto grau), introduziu-se furtivamente na igreja e não ficou pouco admirado ao ver o grande Desplein, esse ateu sem compaixão pelos anjos que não oferecem campo aos bisturis nem podem ter fístulas nem gastrites, enfim, esse intrépido *trocista*, humildemente ajoelhado, e onde...? no altar da Virgem, diante do qual ouviu missa, deu dinheiro para as despesas do culto e para os pobres, mantendo-se sério como se se tratasse duma operação.

"Certamente ele não veio cá para esclarecer as questões relativas ao parto da Virgem", dizia consigo Bianchon, cujo espanto não teve limites. "Se eu o visse segurando um dos cordões do pálio na procissão de Corpus Christi, a coisa seria apenas para rir; mas, a esta hora, sozinho, sem testemunhas, não há dúvida de que isso dá que pensar!"

Bianchon não quis dar a impressão de andar espionando o primeiro cirurgião do Hôtel-Dieu e saiu. Por acaso, nesse mesmo dia, Desplein o convidou para jantar num restaurante. Entre um prato e outro, Bianchon conseguiu, por hábeis preparativos, falar sobre a missa, qualificando-a de palhaçada e de farsa.

— Uma farsa — disse Desplein — que custou mais sangue à cristandade que todas as batalhas de Napoleão e todas as sanguessugas de Broussais![200] A missa é uma invenção papal que não data de antes do século vi e que se baseia sobre o *Hoc est corpus*. Quantas torrentes de sangue não foi preciso derramar para instituir a festa de Corpus Christi, com a qual a corte de Roma quis comprovar sua vitória na questão da presença real, cisma que durante três séculos agitou a Igreja! As guerras do conde de Tolosa[201] e os albigenses foram os últimos episódios do caso. Os valdenses e os albigenses[202] recusavam-se a reconhecer essa inovação.

Desplein divertiu-se, enfim, em dar largas a seu ateísmo, do que resultou uma torrente de gracejos "voltaireanos" ou, para ser mais exato, uma detestável imitação do *Citateur*.[203]

"Ué!", disse Bianchon consigo. "Onde está meu devoto desta manhã?"

Ficou em silêncio, duvidando se realmente vira seu chefe em Saint-

Sulpice. Desplein não se teria dado ao trabalho de mentir a Bianchon; conheciam-se ambos muito bem, já haviam trocado ideias sobre assuntos igualmente graves, discutindo sistemas *de natura rerum*, [204] sondando-os ou dissecando-os com as facas e o escalpelo da incredulidade. Passaram-se três meses. Bianchon nunca falou no fato, embora ele continuasse gravado em sua memória. Um dia, no mesmo ano, um médico do Hôtel-Dieu tomou Desplein pelo braço, diante de Bianchon, para interrogá-lo.

— Então, que foi fazer em Saint-Sulpice, meu caro mestre? — disse-lhe.

— Ver um padre que tem uma cárie no joelho e a quem a sra. duquesa d'Angoulême[205] me deu a honra de me recomendar — disse Desplein.

O médico deu-se por satisfeito com a resposta, mas não Bianchon.

"Ah! Então vai ver joelhos doentes na igreja!", pensou Bianchon. "Ele vai é assistir à missa!"

Bianchon resolveu espiar Desplein. Lembrou-se do dia e da hora em que o surpreendera entrando em Saint-Sulpice e decidiu ir lá no ano seguinte, no mesmo dia e na mesma hora, para ver se o encontraria novamente. Em tal caso, a periodicidade de sua devoção autorizaria uma investigação científica, pois num homem como aquele não podia haver uma contradição direta entre o pensamento e a ação. No ano seguinte, no dia e na hora marcados, Bianchon, que já não era mais interno de Desplein, viu o cabriolé do cirurgião parar à esquina da rua Tournon com a do Petit-Lion, de onde o amigo se esgueirou jesuiticamente ao longo das paredes de Saint-Sulpice, onde tornou a ouvir a missa no altar da Virgem. Era realmente Desplein, o cirurgião-chefe, o ateu *in petto*,[206] o devoto inesperado. O caso complicava-se. A persistência do ilustre sábio atrapalhava tudo. Quando Desplein saiu, Bianchon aproximou-se do sacristão e perguntou-lhe se aquele senhor costumava frequentar a igreja.

— Estou aqui há vinte anos — disse o sacristão — e desde esse tempo o sr. Desplein vem quatro vezes por ano ouvir esta missa. Foi ele que a instituiu.

— Missa instituída por ele! — disse Bianchon, afastando-se. — É tão

grave como o mistério da Imaculada Conceição, uma coisa que, por si só, basta para tornar um médico incrédulo.

Decorreu algum tempo sem que o dr. Bianchon, embora fosse amigo de Desplein, tivesse uma oportunidade de falar-lhe nessa particularidade de sua vida. Encontravam-se em conferências médicas e em reuniões sociais, onde era difícil estabelecer um desses momentos de confiança e de solidão em que, com os pés à borda da estufa, a cabeça apoiada no encosto da poltrona, dois homens fazem confidências. Finalmente, sete anos mais tarde, após a revolução de 1830, quando o povo se arremessava contra o arcebispado, quando as inspirações republicanas o incitavam a destruir as cruzes douradas que brilhavam, como focos de luz, na imensidade daquele oceano de casas, quando a incredulidade aliada à revolta agitava as ruas, Bianchon surpreendeu novamente Desplein entrando em Saint-Sulpice. O doutor seguiu-o e colocou-se a seu lado, sem que o amigo lhe fizesse o mínimo gesto ou testemunhasse a mínima surpresa. Ambos ouviram a missa instituída por Desplein.

— Quer dizer-me, meu caro — disse Bianchon a Desplein, quando saíram da igreja —, a razão dessa sua devoção fingida? Já é a terceira vez que o surpreendo na missa! O senhor vai esclarecer-me esse mistério e explicar-me o flagrante desacordo entre suas opiniões e sua conduta. O senhor não acredita em Deus e vai à missa! Meu caro mestre, está obrigado a responder-me.

— Faço como muitos devotos, homens profundamente religiosos na aparência, mas tão ateus como possamos ser eu e você.

E desencadeou uma torrente de epigramas sobre algumas personalidades políticas, a mais conhecida das quais nos oferece, neste século, uma nova edição do Tartufo,[207] de Molière.

— Não é isso que estou perguntando — disse Bianchon. — Quero saber apenas o que é que vem fazer aqui e por que instituiu esta missa.

— Está bem, meu caro — disse Desplein. — Já me encontro à beira da sepultura e posso muito bem falar-lhe sobre o começo da minha vida.

Nesse momento, Bianchon e o grande homem passavam pela rue Quatre-Vents, uma das mais horríveis de Paris. Desplein mostrou o

sexto andar duma dessas casas que parecem um obelisco, cuja porta bastarda dá para uma área no fim da qual existe uma escada tortuosa iluminada por minúsculas janelas erroneamente denominadas óculos, pois, na verdade, não deixam ver quase nada. Era uma casa esverdeada, em cujo pavimento térreo morava um comerciante de móveis e que parecia hospedar em cada pavimento uma miséria diferente. Erguendo o braço num gesto enérgico, Desplein disse a Bianchon:

— Morei lá em cima dois anos!

— Eu sei. D’Arthez[208] morou lá também e eu ia lá quase todos os dias, quando rapazinho. Nós chamávamos essa casa de *toca dos grandes homens*! E então?

— A missa que acabo de ouvir está ligada aos acontecimentos que se verificaram quando eu morava na mansarda onde você me diz que morou d’Arthez, aquela em cuja janela se balança uma corda com roupa por cima dum vaso de flores. Tive um começo de vida tão duro, meu caro Bianchon, que posso disputar a qualquer um a palma dos sofrimentos parisienses. Suportei tudo: fome, sede, falta de dinheiro, falta de roupa, de calçado e de camisas, tudo o que a miséria tem de mais rude. Assoprei nos dedos entorpecidos de frio nessa *toca dos grandes homens* que eu gostaria de rever com você. Trabalhei durante um inverno vendo minha cabeça fumegar e distinguindo o ar de minha respiração como se vê a dos cavalos num dia de geada. Não sei onde é que se toma um ponto de apoio para suportar uma vida dessas. Era sozinho, sem recursos, sem dinheiro para comprar livros nem para pagar as despesas do meu curso médico; como não tinha amigos, meu gênio irascível, sombrio, inquieto, me prejudicava. Ninguém queria ver nas minhas irritações a penúria e o esforço dum homem que, do fundo da situação social em que está, se agita para chegar à superfície. Tinha, porém, e posso dizê-lo a você, diante de quem não tenho necessidade de fingir, essa reserva de bons sentimentos e de intensa sensibilidade que será sempre o apanágio dos homens suficientemente fortes para galgar uma elevação qualquer, após ter patinhado durante muito tempo nos lodaçais da miséria. Eu não podia arrancar nada da minha família nem da minha terra além da insuficiente pensão que me

enviavam. Naquela época, portanto, eu comia pela manhã um pãozinho que o padeiro da rue Petit-Lion me vendia mais barato porque era da véspera ou da antevéspera e que eu amolecia no leite; assim, minha refeição da manhã não me custava mais de dois *sous*. [209] Jantava somente de dois em dois dias, numa pensão onde o jantar custava dezesseis *sous*. Desse modo, não gastava mais de nove *sous* por dia. Você pode calcular, tão bem como eu, o cuidado que podia dar à roupa e ao calçado! Não sei se mais tarde experimentamos tanto pesar pela traição dum colega como o que sentimos, você e eu, ao ver a ridícula careta dum sapato que se descose, ao ouvir ranger a cava duma sobrecasaca. Só bebia água, tinha o maior respeito pelos cafés. Zoppi[210] me aparecia como uma terra prometida onde somente os Lúculos[211] da terra latina tinham direito de presença. “Poderei alguma vez”, dizia comigo, “ir lá tomar uma taça de café com creme e jogar uma partida de dominós?” Assim, aplicava aos meus estudos a raiva que a miséria me inspirava. Tratava de adquirir conhecimentos positivos a fim de conquistar um imenso valor pessoal, para merecer o lugar que atingiria no dia em que saísse do meu nada. Gastava mais óleo que pão; a luz que me iluminava durante essas noites obstinadas custava mais que minha alimentação. Esse duelo foi longo, teimoso, sem consolo. Não despertava simpatia alguma em torno de mim. Para ter amigos, é preciso juntar-se com os moços, possuir algum dinheiro para ir beber com eles, acompanhá-los a todos os lugares onde vão os estudantes! Eu não tinha nada! E ninguém em Paris compreende que *nada* é *nada*. Quando tinha de pôr a descoberto minha miséria, sentia na garganta a contração nervosa que lembra esses doentes que se queixam duma bola que sobe do estômago à laringe. Encontrei mais tarde muita gente nascida rica e que, nunca tendo sentido falta de nada, não conhece este problema da regra de três: *Um rapaz está para o crime como uma moeda de cem* sous *está para x*. Esses imbecis pintados de ouro me diziam: “Mas por que fazia dívidas? Por que contraía obrigações onerosas?”. Fazem-me pensar naquela princesa que, ao saber que o povo estava morrendo de fome, dizia: “Mas por que é que não compram brioches?”. Eu gostaria de ver um desses ricos que se queixam de que cobro muito caro para operá-los, sim, gostaria de

vê-lo sozinho em Paris, sem eira nem beira, sem um amigo, sem crédito, e obrigado a trabalhar com os cinco dedos para viver. Que faria? Onde iria acalmar a fome? Bianchon, se algumas vezes você me viu amargo e ríspido é porque nessas ocasiões eu sobrepunha meus antigos sofrimentos à insensibilidade, ao egoísmo de que tenho milhares de provas nas altas esferas ou porque estava pensando nos obstáculos que o ódio, a inveja, o ciúme e a calúnia ergueram entre o êxito e mim. Em Paris, quando certa gente nos vê prontos a pôr o pé no estribo, uns nos puxam pela aba do casaco, outros afrouxam a barrigueira, para que quebremos a cabeça ao cair; este arranca as ferraduras do cavalo, aquele nos rouba o chicote; o menos pérfido é aquele que fica à nossa espera para dar-nos um tiro à queima-roupa. Você tem talento suficiente, meu caro, para que logo venha a conhecer a batalha terrível, incessante, que a mediocridade move ao homem superior. Se você perder vinte e cinco luíses numa noite, no dia seguinte será acusado de ser jogador e seus melhores amigos dirão que você perdeu na véspera vinte e cinco mil francos. Se estiver com dor de cabeça, passará por louco. Se tiver um pouco de vivacidade, dirão que é insaciável. Se, para enfrentar esse batalhão de pigmeus, você se armar de forças superiores, seus melhores amigos sairão a gritar que você quer devorar tudo, que tem a pretensão de dominar, de tiranizar. Enfim, suas qualidades se transformarão em defeitos, seus defeitos se transformarão em vícios e suas virtudes serão crimes. Se salvar alguém, dirão que poderia tê-lo matado; se seu doente se restabelece, constará que você conseguiu curá-lo à custa de sua saúde futura; se não morreu, há de morrer um dia. Cometa um erro e ficará liquidado! Invente o que quiser, reclame seus direitos, e será considerado um sujeito intratável, um finório, que não quer deixar os jovens subir. Por isso, meu caro, se não creio em Deus, muito menos nos homens. Você não conhece em mim um Desplein inteiramente diferente do Desplein que todos imaginam? Mas não vamos remexer este montão de lodo. Como estava dizendo, morava nessa casa, estava estudando para fazer meu primeiro exame e não tinha dinheiro algum. Você compreende! Chegara a um desses extremos em que a gente se diz: *Vou alistar-me!* Tinha uma esperança. Esperava de minha terra uma mala cheia de

roupa branca, um presente dessas velhas tias que, como não conhecem nada de Paris, pensam em nossas camisas, imaginando que com trinta francos por mês seu sobrinho vive a pão de ló. A mala chegou numa ocasião em que eu estava na escola. O frete custara quarenta francos, e o porteiro, um sapateiro alemão que morava num sótão, os pagara e ficara com a mala em seu poder. Saí a passear pela rue Fossés-Saint-Germain-des-Prés e pela rue de l'École de Médecine sem poder descobrir um estratagema que fizesse a mala vir ter a minhas mãos sem ser obrigado a entregar os quarenta francos que, naturalmente, eu pagaria após vender a roupa. Minha estupidez me convenceu de que minha única vocação era a cirurgia. Meu caro, as almas delicadas, cuja energia se exerce numa esfera elevada, não possuem esse espírito de intriga, fértil em expedientes, em planos; seu engenho é o acaso; elas não procuram, encontram. Finalmente, voltei para casa à noite, no momento em que também voltava meu vizinho, um carregador de água chamado Bourgeat, um homem de Saint-Flour. Nós nos conhecíamos como se conhecem dois locatários que têm os quartos no mesmo andar, que se ouvem ressonar, tossir, vestir-se, e que acabam habituando-se um ao outro. Meu vizinho informou-me que o proprietário, a quem eu devia três aluguéis, me mandara embora e que eu devia abandonar a casa no dia seguinte. Ele próprio tinha sido expulso devido à sua profissão. Passei a noite mais penosa da minha vida. Onde arranjar um carregador para levar meus pobres trastes, meus livros? Como pagar o carregador e o porteiro? Para onde ir? Estas perguntas sem respostas, eu as repetia entre lágrimas, como os loucos repetem seus estribilhos. Dormi. A miséria tem a seu favor um sono divino, cheio de belos sonhos. Na manhã seguinte, enquanto comia minha tigela de pão molhado no leite, Bourgeat entrou e me disse:

— Sr. estudante, sou um homem pobre, criança achada no hospital de Saint-Flour, sem pai nem mãe, e não tenho dinheiro que chegue para me casar. O senhor não é mais cheio de parentes do que eu, nem tem dinheiro. Escute, tenho lá embaixo um carrinho de mão que aluguei a dois *sous* por hora e as nossas coisas todas podem caber dentro dele; se o senhor quiser, daremos um jeito para morar juntos,

pois fomos postos para fora daqui. Isto aqui, afinal, não é nenhum paraíso terrestre.

— Sei disso — respondi —, meu bravo Bourgeat, mas estou muito embaraçado, porque tenho lá embaixo uma mala que contém uns cem escudos em roupa branca, com os quais poderia pagar o senhorio e o porteiro, e não tenho cem *sous*.

— Ora! Tenho uns cobres — respondeu-me alegremente Bourgeat, mostrando uma velha e suja bolsa de couro. — Fique com sua roupa.

Bourgeat pagou meus três aluguéis, o seu, e deu o dinheiro do porteiro. Depois, meteu meus trastes e minha roupa no carrinho e saiu a empurrá-lo pelas ruas, detendo-se diante de cada casa que tivesse um letreiro. Eu subia para ver se o quarto nos convinha. Ao meio-dia errávamos ainda pelo Quartier Latin sem ter encontrado nada. O preço era um grande obstáculo. Bourgeat convidou-me para almoçar na casa dum comerciante de vinho, e deixamos o carrinho à porta. À tarde, descobri no beco de Rohan, passage du Commerce, num sobrado, logo abaixo do telhado, dois quartos separados pela escada. E os alugamos, por sessenta francos anuais cada um. E eis-nos instalados, eu e meu humilde amigo. Jantamos juntos. Bourgeat, que ganhava cerca de cinquenta *sous* por dia, possuía uns cem escudos e logo ia poder realizar sua ambição, comprando uma pipa e um cavalo. Ao saber da minha situação, pois arrancou meus segredos com uma astúcia admirável e uma simplicidade cuja recordação ainda hoje me sacode o coração, renunciou por algum tempo ao sonho de toda sua vida: Bourgeat vendia água carregando os baldes nas costas, havia vinte e dois anos, e sacrificou seus cem escudos a meu futuro. ‘

Nesse ponto, Desplein apertou violentamente o braço de Bianchon.

— Deu-me o dinheiro necessário para meus exames! Esse homem, meu amigo, compreendeu que eu tinha uma missão, que as necessidades da minha inteligência eram mais importantes que as dele. Ocupou-se de mim, chamava-me seu *menino*, emprestou-me dinheiro para comprar livros e às vezes vinha de mansinho espiar-me estudar. Tomou precauções maternais para que eu substituísse a alimentação insuficiente e má a que estava condenado por uma alimentação sadia e abundante. Bourgeat, homem de cerca de quarenta anos, tinha uma

fisionomia burguesa da Idade Média, uma fronte arqueada, uma cabeça que um pintor poderia aproveitar para modelo dum Licurgo.[212] O pobre homem sentia o coração transbordante de afeição a empregar; nunca fora estimado a não ser por um cachorro, morto havia pouco tempo e do qual sempre me falava, perguntando-me se eu achava que a Igreja consentiria em rezar missas pelo repouso da alma do animal. Seu cachorro, dizia ele, era um verdadeiro cristão que, durante doze anos, o acompanhara à igreja sem nunca ter latido, ouvindo o órgão sem abrir a boca e permanecendo agachado ao lado dele numa atitude que dava a impressão de estar rezando com ele. Esse homem transferiu para mim toda sua afeição; acolheu-me como uma criatura solitária e sofredora; tornou-se para mim a mãe mais atenciosa, o benfeitor mais delicado, o ideal, enfim, dessa virtude que se satisfaz por si mesma. Quando eu o encontrava na rua, ele me dirigia um olhar de inteligência, cheio duma inconcebível dignidade; fingia, então, caminhar como se não carregasse nada nas costas e mostrava-se contente por me ver sadio e bem-vestido. Foi uma dedicação como a do povo, uma afeição de rapariga transportada para uma esfera elevada. Bourgeat levava meus recados, despertava-me à noite às horas marcadas, limpava meu lampião, esfregava o patamar da escada; era tão bom criado como bom pai, e asseado como uma criada inglesa. Tomava conta de casa. Como Filopêmen,[213] cortava nossa lenha e comunicava a todos os seus atos uma simplicidade absoluta, conservando a dignidade, pois parecia compreender que o objetivo enobrecia tudo. Quando deixei esse bravo homem para ingressar no Hôtel-Dieu como interno, ele ficou triste, porque não poderia continuar vivendo comigo; consolou-se, porém, com a perspectiva de juntar dinheiro para custear minha tese e me fez prometer que iria visitá-lo nos dias de saída. Bourgeat orgulhava-se de mim, estimava-me por mim e por ele. Se você examinar minha tese, verá que é dedicada a ele. No último ano do meu internato, eu já ganhara dinheiro suficiente para pagar tudo quanto devia a esse digno auvernês e comprei-lhe um cavalo e uma pipa; ele ficou furioso por ver que eu me privava de meu dinheiro e, contudo, estava encantado por ver seus sonhos realizados; ria e censurava-me, olhava para a pipa e o cavalo e

enxugava uma lágrima ao dizer-me: “Não é direito! Ah! que bela pipa! O senhor fez mal... O cavalo é forte como um auvernês”. Nunca vi nada mais patético que essa cena. Bourgeat fez questão cerrada de comprar para mim aquele estojo de cirurgião guarnecido de prata que você viu no meu consultório e que é a coisa mais preciosa para mim. Embora ele ficasse inebriado pelos meus primeiros êxitos, nunca lhe escapou a mínima palavra, o mínimo gesto que quisessem dizer: *É a mim que se deve esse homem!* E, no entanto, se não fosse ele, a miséria teria acabado comigo. O pobre homem consumira-se por mim: não comera mais que pão com alho para que eu pudesse ter café a fim de suportar minhas vigílias. Caiu doente. Como você bem pode imaginar, passei as noites à sua cabeceira e consegui salvá-lo na primeira vez; mas teve uma recaída dois anos mais tarde, e, a despeito dos cuidados mais constantes, dos maiores esforços da ciência, sucumbiu. Nunca um rei foi tratado como ele o foi. Sim, Bianchon, para arrancar aquela vida à morte, tentei coisas incríveis. Queria que ele vivesse o suficiente para ser testemunha de sua obra, para realizar-lhe todos os desejos, para satisfazer a única gratidão que até agora me encheu o coração, para extinguir uma chama que ainda hoje me queima.

— Bourgeat — continuou Desplein após uma pausa, visivelmente comovido —, meu segundo pai, morreu nos meus braços, deixando-me tudo quanto possuía, por um testamento que fizera num cartório e datado do ano em que fomos morar juntos no beco de Rohan. Esse homem tinha uma fé inabalável, amava a Santa Virgem como teria amado sua esposa. Católico ardoroso, nunca me disse uma única palavra sobre minha religião. Quando percebeu que ia morrer, pediu-me que não poupasse nada para que ele tivesse o socorro da Igreja. Mandei rezar missa por ele todos os dias. Muitas vezes, durante a noite, manifestava receios pelo futuro, temia que não tivesse levado uma vida suficientemente santa. O pobre homem! Trabalhava da manhã à noite. A quem mais há de pertencer o paraíso, se é que há um paraíso? Recebeu os últimos sacramentos como um santo que era e sua morte foi digna de sua vida. Seu enterro foi acompanhado apenas por mim. Quando acabei de sepultar meu único benfeitor, comecei a pensar num meio de saldar minha dívida com ele. Verifiquei que ele

não tinha família, nem amigos, nem esposa, nem filhos. Mas tinha fé! Possuía uma convicção religiosa, e teria eu o direito de discuti-la? Ele me falara timidamente em missas celebradas pelo repouso dos mortos, mas não queria impor-me esse encargo, considerando que isso seria exigir um pagamento por seus favores. Logo que consegui dinheiro suficiente para um legado, dei à igreja de Saint-Sulpice a quantia necessária para mandar rezar quatro missas por ano. Como a única coisa que posso oferecer a Bourgeat é a satisfação de seus desejos piedosos, no dia em que se reza essa missa no começo de cada estação, vou lá em seu nome e recito para ele as orações de costume. Digo com a boa-fé do médico: "Meu Deus, se há uma esfera onde colocas depois da morte os que foram perfeitos, pensa no bom Bourgeat; e, se ele tem de sofrer alguma coisa, dá-me seus sofrimentos, para que ele entre mais depressa nisso que se chama paraíso". Aí está, meu caro, tudo quanto um homem que tem minhas opiniões se pode permitir. Deus deve ser um bom diabo, não há de me querer mal por isso. Juro-lhe que daria minha fortuna para que a crença de Bourgeat entrasse na minha cabeça.

Bianchon, que atendeu Desplein em sua última enfermidade, não ousa afirmar hoje que o ilustre cirurgião tenha morrido ateu. Os crentes não gostarão de imaginar que o humilde auvernês lhe tenha aberto a porta do céu, como outrora lhe abriu a porta do templo terrestre em cujo pórtico se lê: *Aos grandes homens a pátria agradecida?*[214]

Paris, janeiro de 1836

A INTERDIÇÃO

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

A interdição (em francês: *L'Interdiction*), apesar de sua extensão reduzida, contém por assim dizer todas as características da arte de Balzac; é dessas gotas de água que, colocadas sob o microscópio, revelam a infinita riqueza da natureza pródiga.

O início prende imediatamente o leitor. Que boa surpresa encontrar outra vez os dois comensais da Casa Vauquer, Rastignac e Bianchon! Depois da morte do pai Goriot, passaram-se vários anos e os dois amigos fizeram ambos o seu caminho. Seu caráter não se alterou, apenas se desenvolveu em conformidade com as suas tendências dominantes: em Rastignac a ambição tomou conta de tudo, Bianchon se deixou subjugar pela sua vocação de médico e engrandeceu-se pelo devotamento contínuo a que esta o obriga. Ambos tiveram a sua aprendizagem e agora estão igualmente desiludidos a respeito da humanidade; mas o conhecimento que adquiriram dos homens inspira desprezo ao primeiro, compaixão ao segundo.

É bem natural, também, que os dois, uma vez juntos, evoquem, mesmo sem querer, as figuras e os acontecimentos da Casa Vauquer; essa evocação coincide perfeitamente com a expectativa do leitor, que também não esqueceu, nem esquecerá tão cedo, aquele conglomerado patético de dores, crimes e alegrias. O autor, como suas personagens e seus leitores, está também lembrado das lições de Vautrin; mais ainda, ele fornece, no drama do casal d'Espard, uma ilustração a mais, uma nova exemplificação dessas lições.

Nem aqui Balzac se preocupa com os leitores apressados. Leva-nos à porta do gabinete do juiz Popinot: alto lá, temos de ouvir uma dissertação sobre este. Introduzi-lo na casa da sra. d'Espard: paremos

lá, a ouvir um retrato dela. Aí então, como para mostrar que possui todos os métodos, o escritor caracteriza a sra. Jeanrenaud, nos dois minutos de uma conversa rápida, de um modo completo. Quanto ao sr. d'Espard, ele nos é revelado, "como o molusco, pela concha", numa descrição de seu interior.

Ao depor a novela, esquecemos que lemos uma obra de ficção. É a realidade que sentimos palpitar nestas páginas, com espantosa força sugestiva. Esta impressão é poderosamente reforçada pelo aparente inacabamento da novela. Qualquer outro romancista nos faria assistir à audiência do tribunal em que se julga o pedido de interdição da sra. d'Espard contra o marido, aumentando progressivamente a nossa impaciente expectativa.

Poder-se-ia dizer que em suas maiores obras Balzac está constantemente preocupado com a ideia da teodiceia, da manifestação da justiça divina nas coisas humanas. Apesar do seu catolicismo tão frequentemente proclamado, conclui sistematicamente pela inoperância da mesma. Um romancista para moças teima em fazer triunfar os virtuosos; se Balzac teimasse em fazer o contrário, não se tornaria muito mais convincente. As suas conclusões são bem mais desesperadas: a justiça e a injusiça das ações humanas nada têm a ver com o resultado delas; não há castigo nem recompensa. *A interdição* termina em um ponto onde a maldade parece triunfar em toda a linha. Mais tarde, noutro lugar da *Comédia*, saberemos que o pedido de interdição foi rejeitado — mas esta solução, puramente casual, em vez de nos oferecer a consolação de um sistema de compensações justas, serve apenas para nos fazer estremecer em face de uma fatalidade incalculável e cega.

Um trecho do *Diário* de Gide, sobre a *A interdição*, mostra que Balzac, em todas as suas obras, como que acessoriamente espalhou em profusão pensamentos surpreendentes e novos sobre os assuntos mais variados, que cada leitor tem a possiblidade de descobrir para si e fazer deles o seu tesouro. "Relida em voz alta *A interdição* de Balzac...", nota o autor de *Imoralista*, com um interesse constante e mais de uma vez com admiração. "Gostaria de ter bastante memória para não esquecer um espantoso elogio dos chineses, povo 'no qual as revelações são

impossíveis', e um trecho muito notável sobre a revogação do Édito de Nantes que vale a pena ser citado."

Com razão Maurice Bardèche, em *Une lecture de Balzac*, 1964, chama a atenção para o fato de *O coronel Chabert* e *A interdição*, essas duas novelas perfeitas, serem talvez as mais cruéis de toda *A comédia humana*. Poderíamos não percebê-lo devido ao excesso de pormenores pitorescos do início de ambas: o ex-escrevente Balzac não resistira à tentação de descrever as mistificações a que são expostos os clientes pobres dos cartórios e o antiquário amador aproveitara a ocasião de evocar algumas das casas mais antigas de Paris. Mas em ambas assistimos a duelos de inexcedível crueldade, nos quais duas belas mulheres da alta sociedade de Paris enfrentam com todas as armas da perfídia os maridos, probos e dignos de toda estima, para apossarem-se de todo o patrimônio familiar a fim de satisfazer seu imoderado apetite de luxo.

paulo rónai

A INTERDIÇÃO

DEDICADO AO SR. CONTRA-ALMIRANTE BAZOCHE,
Governador da Ilha Bourbon, pelo autor agradecido

DE BALZAC.[215]

I – OS DOIS AMIGOS

Em 1828, à uma hora da madrugada, duas pessoas saíam dum palacete situado no Faubourg Saint-Honoré, perto do Élysée-Bourbon;[216] uma delas era um médico famoso, Horácio Bianchon; a outra, um dos homens mais elegantes de Paris, o barão de Rastignac,[217] ambos amigos havia muito tempo. Tinham dispensado suas carruagens e não havia nenhuma no bairro; mas a noite estava bela e as calçadas secas.

— Vamos a pé até a avenida — disse Eugênio de Rastignac a Bianchon. — Tomarás um carro na praça, eles ficam lá até o amanhecer. Assim me acompanharás até minha casa.

— Com muito prazer.

— E então, meu caro, que dizes?

— Dessa mulher? — respondeu friamente Bianchon.

— Sempre o mesmo Bianchon! — exclamou Rastignac.

— Como assim?

— Mas, meu caro, falas da marquesa d'Espard[218] como duma enferma a internar em teu hospital.

— Queres saber o que penso, Eugênio? Se deixares a sra. de Nucingen[219] por essa marquesa, trocarás teu cavalo caolho por um cego.

— A sra. de Nucingen tem trinta e seis anos, Bianchon.

— E essa tem trinta e três — replicou vivamente o doutor. — Suas mais cruéis inimigas não lhe dão mais de vinte e seis. Meu caro, quando tiveres interesse em descobrir a idade duma mulher, olha para suas têmporas e para a ponta do nariz. Por mais que as mulheres façam com seus cosméticos, nada conseguem sobre essas incorruptíveis testemunhas de suas agitações. Lá cada um de seus anos de vida deixou seus estigmas. Quando as têmporas duma mulher se mostram murchas, cheias de riscos, enrugadas de certo modo; quando, na ponta de seu nariz, aparecem esses pontinhos que parecem as imperceptíveis partículas negras que as estufas, onde se queima carvão de terra, fazem chover sobre Londres, não há engano possível! A mulher passou dos trinta anos. Pode ser bela e inteligente, amorosa, tudo quanto quiseres; mas terá passado dos trinta anos, está na maturidade. Não censuro os que se afeiçoam a essa classe de mulheres; penso, apenas, que o homem distinto como tu não deve tomar uma maçã reineta de fevereiro por uma tenra maçãzinha que sorri no ramo e pede uma dentada. O amor não consulta nunca o registro civil; ninguém ama uma mulher porque ela tenha esta ou aquela idade, porque seja bonita ou feia, porque seja estúpida ou inteligente; a gente ama porque ama.

— Bem, mas, quanto a mim, amo por muitas outras razões. Ela é marquesa d'Espard, é Blamont-Chauvry, está na moda, tem alma, tem um pé tão lindo como o da duquesa de Berry, tem talvez cem mil francos de renda e é possível que eu venha a desposá-la um dia! Enfim, ela me colocará numa situação que me permitirá pagar minhas dívidas.

— Eu te julgava rico — disse Bianchon, interrompendo Rastignac.

— Ora! Tenho quinze mil francos de renda, justamente o que preciso para custear minha cavalariça. Arruinei-me, meu caro, no caso Nucingen.[220] Um dia te contarei essa história. Casei minhas irmãs, eis a única coisa real que ganhei desde que nos conhecemos e prefiro vê-las arrumadas na vida a ter cem mil escudos de renda. Agora, que queres que eu faça? Tenho ambição. Até onde poderá levar-me a sra.

de Nucingen? Com mais um ano, estarei preso, amarrado, como um *homem casado*. Tenho todos os aborrecimentos do casamento e do celibato sem ter as vantagens de um nem de outro, situação falsa a quem chegam todos aqueles que ficam muito tempo agarrados à mesma saia.

— Ora! E achas que encontraste aqui a cama feita? — disse Bianchon. — Tua marquesa, meu caro, não me agrada absolutamente.

— Tuas opiniões liberais te perturbam a visão. Se a sra. d'Espard fosse uma sra. Rabourdin...[221]

— Escuta, meu caro, nobre ou burguesa, ela será sempre uma mulher sem alma, será sempre o tipo mais completo do egoísmo. Acredita-me, os médicos estão habilitados a julgar os homens e as coisas: os mais hábeis entre nós confessam a alma enquanto confessam o corpo. A despeito dessa linda saleta onde estivemos até agora, a despeito do luxo desse palacete, é bem possível que a marquesa esteja endividada.

— Que é que te faz pensar assim?

— Não afirmo, apenas suponho. Ela falou de sua alma como o falecido Luís xviii falava de seu coração. Escuta-me: essa mulher franzina, pálida, de cabelos castanhos e que se lamenta para se fazer lamentar, goza uma saúde de ferro, possui um apetite de lobo, uma força e uma perversidade de tigre. Jamais a gaze, a seda e a musselina envolveram mais habilmente uma mentira! *Ecco!*[222]

— Tu me assustas, Bianchon! Então aprendeste muitas coisas depois que estivemos na Casa Vauquer?

— Sim, depois daquela época tenho visto fantoches, bonecas e bonecos! Conheço um pouco os costumes dessas belas damas de quem tratamos o corpo e o que elas têm de mais precioso, o filho, quando o amam, ou o rosto, que sempre adoram. Passamos a noite à sua cabeceira, extenuamo-nos para salvar a mais leve alteração de sua beleza, não importa onde; somos bem-sucedidos, guardamos seu segredo como se estivéssemos mortos, elas mandam pedir a conta e a acham horrivelmente cara. Quem as salvou? A natureza! Longe de elogiar-nos, falam mal de nós, temem recomendar-nos como médicos às amigas. Meu caro, essas mulheres de que vocês dizem: "São anjos!",

eu as vi despidas dessas delicadas aparências com que cobrem a alma, assim como das roupas com que disfarçam suas imperfeições, isto é, sem afetações e sem espartilho; elas não são nada bonitas. Começamos a ver muito cascalho, muito lodo sob as ondas do mundo, quando estávamos encalhados no rochedo da Casa Vauquer; o que vimos lá não era nada. Desde que frequento a alta sociedade, tenho encontrado monstruosidades vestidas de cetim, as Michonneau de luvas brancas, os Poiret[223] cobertos de condecorações, os homens eminentes fazendo agiotagem melhor que o *papa* Gobseck![224] Para vergonha dos homens, sempre que quis dar um aperto de mão à virtude, encontrei-a tiritando de frio numa água-furtada, perseguida pelas calúnias, vegetando com mil e quinhentos francos de renda ou de ordenado e passando por louca, ridícula ou estúpida. Enfim, meu caro, a marquesa é uma mulher da moda e é justamente dessa espécie de mulheres que tenho horror. Queres saber por quê? Uma mulher que tem a alma elevada, a inteligência pura, um espírito meigo, o coração rico de sentimentos, que leva uma vida simples, não tem a mínima possibilidade de ser da moda. Conclusão? Uma mulher da moda e um homem do poder são duas coisas análogas; com a diferença, apenas, de que as qualidades pelas quais um homem se eleva acima dos outros o engrandecem e fazem sua glória, ao passo que as qualidades pelas quais uma mulher consegue seu domínio de um dia são vícios pavorosos; torna-se falsa para ocultar seu temperamento e, para levar a vida militante da sociedade, precisa ter uma saúde de ferro sob uma aparência doentia. Como médico, sei que um bom estômago exclui um bom coração. Tua mulher da moda não sente nada, sua ânsia de prazer tem como causa o desejo de aquecer sua natureza fria, procura emoções e alegrias como um velho que se planta nas primeiras filas da Ópera. Como tem mais cabeça que coração, sacrifica a seu triunfo as paixões sinceras e os amigos, como um general manda para a linha de fogo seus mais dedicados tenentes para ganhar uma batalha. A mulher da moda deixa de ser mulher: não é mãe, nem esposa, nem amante; é um sexo localizado no cérebro, medicamente falando. Tua marquesa tem todos os sintomas de sua monstruosidade, o bico da ave de rapina, o olhar claro e frio, a palavra doce; é polida como o aço duma máquina,

movimenta tudo, exceto o coração.

— Há algo de verdade no que dizes, Bianchon.

— Algo de verdade! — replicou Bianchon. — Tudo é verdade. Pensas que não me senti ferido no fundo do coração pela insultante cortesia com que ela me fazia medir a distância ideal que a nobreza coloca entre nós? Que eu não tenha sido acometido duma profunda compaixão por suas carícias de gata interesseira? Daqui a um ano, ela será incapaz de escrever um bilhete para prestar-me o mais insignificante favor, e esta noite me crivou de sorrisos, certa de que eu possa influenciar meu tio Popinot, de quem depende o bom resultado de seu processo.

— Meu caro, preferirias que ela te fizesse tolices? Admito tua catilinária contra as mulheres da moda; mas não estás metido na questão. Eu preferiria sempre para esposa uma marquesa d'Espard à mais casta, à mais recatada, à mais amorosa criatura da terra. Case-se alguém com um anjo! Tem de ir enterrar-se em sua felicidade no meio do campo. A esposa dum político é uma máquina de governar, um autômato de belos salamaleques — é o principal, o mais fiel dos instrumentos de que se serve um ambicioso; é, enfim, um amigo que se pode comprometer sem perigo e que a gente desmente sem consequências. Imagina Maomé em Paris no século xix! Sua esposa seria uma Rohan[225] — fina e aduladora como uma embaixadora, astuta como Fígaro.[226] Tua esposa amorosa não serve para nada; uma esposa sociável serve para tudo, é um diamante com o qual o homem corta todas as vidraças, quando não tem a chave de ouro com a qual se abrem as portas. Aos burgueses, as virtudes burguesas; aos ambiciosos, os vícios da ambição. Além disso, meu caro, pensas que o amor duma duquesa de Langeais ou de Maufrigneuse, duma *lady* Dudley[227] não proporciona imensos prazeres? Se soubesses quanto valor a atitude fria e severa dessas mulheres dá à mínima prova de sua afeição! Que alegria ver uma pervinca brotar de sob a neve! Um sorriso por detrás do leque desmente a reserva duma atitude imposta e vale todos os carinhos desenfreados de tuas burguesas de dedicação hipotética, pois, no amor, a dedicação está muito próxima da especulação. E depois, uma mulher da moda, uma Blamont-Chauvry, também tem suas virtudes! Suas virtudes são a fortuna, o poder, o

brilho, um certo desprezo por tudo quanto está abaixo dela...

— Obrigado — disse Bianchon.

— Velho Bonifácio![228] — respondeu Rastignac, rindo. — Vamos, não sejas vulgar, faze como teu amigo Desplein;[229] sê barão, sê cavalheiro da ordem de São Miguel, torna-te par da França e casa tuas filhas com duques.

— Por mim, quero que os quinhentos mil diabos...

— Ora, ora, só tens superioridade em medicina; realmente tenho muita pena de ti.

— Odeio essa espécie de gente, quero que venha uma revolução que nos livre deles para sempre.

— Quer dizer, meu caro Robespierre de bisturi, que não irás amanhã à casa de teu tio Popinot?

— Irei, sim — disse Bianchon. — Por ti, iria buscar água no inferno...

— Caro amigo, assim me comoves; jurei que o marquês seria interditado! Olha, ainda encontro uma velha lágrima para agradecer-te...

— Mas — disse Horácio, continuando — não te prometo obter resultado nesse teu assunto junto de João Júlio Popinot; não o conheces; mas depois de amanhã eu o levarei à casa da tua marquesa e ela que o seduza, se puder. Duvido. Mesmo que todas as trufas, todas as duquesas, todas as franguinhas gordas e todas as lâminas de guilhotina estivessem lá na graça de suas seduções; e mesmo que o rei lhe prometesse o pariato, e o bom Deus lhe desse a investidura do paraíso e as rendas do purgatório; nenhum desses poderes conseguiria que ele fizesse passar um argueiro dum prato de sua balança para o outro. Ele é juiz como a morte é a morte.

Os dois amigos haviam chegado à frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na esquina do Boulevard des Capucines.

— Estás em casa — disse rindo Bianchon, indicando-lhe o palácio do ministro. — E aqui está meu carro — acrescentou, apontando para um fiacre. — Assim se resume para cada um de nós o futuro.

— Serás feliz até debaixo d’água, ao passo que sempre terei de lutar na superfície contra as tempestades, até que, soçobrando, eu vá pedir-te um lugarzinho na tua gruta, meu velho!

— Até sábado — replicou Bianchon.

— Combinado — disse Rastignac. — Prometes-me o Popinot?

— Sim, farei tudo quanto minha consciência me permitir fazer. Talvez essa questão de interdição esconda algum pequeno *dramorama*[230] para recordar por uma palavra o nosso mau bom tempo.

“Pobre Bianchon! Nunca passará dum homem honesto”, disse consigo Rastignac, ao ver o fiacre afastar-se.

II – UM JUIZ MAL JULGADO

“Rastignac encarregou-me da mais difícil de todas as negociações”, disse consigo Bianchon, lembrando-se, ao levantar-se, da delicada missão que lhe fora confiada. “Mas nunca pedi a meu tio o mínimo favor no tribunal e lhe fiz mais de mil visitas grátis. Por outro lado, entre nós não há cerimônia. Ele me dirá sim ou não, e tudo estará acabado.”

Após esse pequeno monólogo, o famoso doutor dirigiu-se, às sete horas da manhã, à rue du Fouarre, onde morava o sr. João Júlio Popinot, juiz do tribunal de primeira instância do departamento do Sena. A rue du Fouarre, palavra que significava antigamente *palha*, foi, no século xiii, a rua mais ilustre de Paris. Lá estavam as escolas da Universidade quando as vozes de Abelardo e de Gerson[231] ressoavam no mundo científico. Hoje é uma das ruas mais sujas do décimo segundo distrito, o quarteirão mais pobre de Paris, aquele onde dois terços da população não têm lenha no inverno, o que lança mais pequerruchos à Roda dos Expostos, mais enfermos ao Hôtel-Dieu[232] e mais mendigos às ruas, o que manda mais trapeiros às esquinas, mais velhos doentes para junto das paredes onde brilha o sol, mais operários sem trabalho para as praças e mais acusados à polícia correcional. No meio dessa rua sempre úmida e cuja valeta encaminha para o Sena as águas escuras de algumas tinturarias, há uma velha casa, sem dúvida restaurada na época de Francisco i e construída de tijolos mantidos por fileiras de pedra de cantaria. Sua solidez parece atestada por uma configuração externa que não é raro ver-se em algumas casas de Paris.

Possui uma espécie de ventre — se é que se pode arriscar essa palavra — produzido pela intumescência que descreve seu primeiro andar esmagado sob o peso do segundo e o terceiro, mas apoiado pela forte muralha do pavimento térreo. À primeira vista parece que os entremeios das janelas, embora reforçados por suas cercaduras de pedra de cantaria, vão estourar, mas o observador não tarda a perceber que acontece com essa casa o mesmo que com a torre de Bolonha:[233] os velhos tijolos e as velhas pedras carcomidas conservam invencivelmente seu centro de gravidade. Em qualquer estação, os sólidos alicerces do pavimento térreo apresentam a coloração amarelada e a imperceptível ressudação que a umidade dá à pedra. O transeunte sente frio ao caminhar ao longo dessas paredes mal protegidas pelos marcos de pedra das esquinas contra a lama jogada pelos cabriolés. Como em todas as casas construídas antes da invenção das carruagens, o vão da porta forma uma arcada extremamente baixa muito semelhante ao pórtico duma prisão. À direita dessa porta há três janelas guarnecidas externamente de grades de ferro, de malhas tão cerradas que é impossível aos curiosos ver o destino interior das peças úmidas e sombrias, tão sujas e empoeiradas são, por outro lado, as vidraças. À esquerda há outras duas janelas iguais, uma das quais, às vezes aberta, deixa ver o porteiro, sua esposa e seus filhos movimentando-se, trabalhando, cozinhando, comendo e gritando no centro duma sala assoalhada, forrada de madeira, onde tudo está caindo aos pedaços e à qual se desce por dois degraus, o que parece iniciar a progressiva elevação que tem sofrido o calçamento parisiense. Se, num dia de chuva, algum transeunte se abrigar sob a longa abóbada de vigas salientes e caiadas que vai da porta até a escada, é difícil que não contemple o quadro que o interior da casa apresenta. À esquerda há um jardinzinho quadrado que não permite dar mais de quatro passos em qualquer sentido, jardim de terra negra onde existem latadas de caniços sem ramos e onde, na falta de vegetação, surgem, à sombra de duas árvores, papéis, roupas velhas, cacos, ciscos, caídos do telhado; terra infértil onde o tempo espalhou sobre as paredes, sobre os troncos das árvores e seus ramos, manchas poeirentas semelhantes às da fuligem fria. As duas moradias em esquadria de que se compõe a

casa recebem a luz desse jardinzinho limitado por duas casas vizinhas construídas com barrotes, decrépitas, ameaçando ruir e nas quais se vê, em cada andar, algum atestado grotesco da profissão exercida pelo locatário. Aqui, longas varas sustentam imensos novelos de lã tinta que secam; ali, balançam-se nas cordas camisas lavadas; mais adiante, livros deitados mostram sobre uma prancha suas capas recentemente marmorizadas; as mulheres cantam, os maridos assobiam, os filhos gritam; o marceneiro corta suas tábuas, um torneiro trabalhando em cobre faz ranger seu metal; todas as indústrias se juntam para produzir um barulho que o número dos instrumentos torna furibundo. O sistema geral da decoração interior dessa paisagem, que não é um pátio, nem um jardim, nem uma abóbada e que tem um pouco de todas essas coisas, consiste em pilares de madeira apoiados sobre bases de pedra e que formam ogivas. Duas arcadas dão para o jardinzinho; duas outras, fronteiras ao portão principal, deixam ver uma escada de madeira cujo corrimão foi outrora uma maravilha de serralharia, como se pode ver pela originalidade da forma do ferro, e cujos degraus gastos tremem sob os pés. As portas de cada apartamento têm as ombreiras pardacentas de sujeira, de graxa, de pó e são guarnecidas de postigos revestidos de veludo de Utrecht, pontilhadas de pregos que já perderam a douradura e dispostos em losangos. Esses restos de esplendor indicam que, no reinado de Luís xiv, essa casa era habitada por algum conselheiro do Parlamento, por eclesiásticos ricos ou por algum tesoureiro de emolumentos. Esses vestígios do antigo luxo, porém, provocam um sorriso nos lábios pelo ingênuo contraste que oferecem entre o presente e o passado. O sr. João Júlio Popinot morava no primeiro andar dessa casa, onde a obscuridade natural dos primeiros andares das casas parisienses era duplicada pela estreiteza da rua. A velha habitação era conhecida de todo o décimo segundo distrito, ao qual a Providência dera esse magistrado, como dá uma planta benéfica para curar ou aliviar cada doença. Eis um esboço dessa personagem a quem a brilhante marquesa d’Espard queria seduzir.

Na qualidade de magistrado, o sr. Popinot vestia-se sempre de preto, costume que contribuía para torná-lo ridículo aos olhos das pessoas habituadas a tudo julgar por um exame superficial. Os homens

que quiserem manter a dignidade que essa roupa impõe precisam submeter-se a cuidados contínuos e minuciosos; mas o caro sr. Popinot era incapaz de conseguir o asseio puritano exigido pelo preto. Suas calças sempre gastas pareciam feitas desse tecido com que se fazem becas; a sua postura habitual acabava desenhando nelas um tão grande número de pregas que apareciam, num e noutro lugar, linhas esbranquiçadas, vermelhas ou lustrosas, que anunciavam uma sórdida avareza ou a mais despreocupada pobreza. Suas grossas meias de lã enrugavam-se nos sapatos deformados. Sua roupa interior tinha esse tom encardido adquirido no armário por uma longa permanência e que denunciava na falecida sra. Popinot a mania da roupa de baixo; segundo a moda flamenga, ela certamente não se dava ao trabalho de fazer a barrela mais de duas vezes por ano. O casaco e o colete do magistrado estavam em harmonia com as calças, os sapatos, as meias e a roupa interior. Sua falta de cuidado era uma sorte, pois, no dia em que envergava um casaco novo, adaptava-o ao conjunto do vestuário, enchendo-o de manchas com uma inexplicável rapidez. O velhote esperava que a cozinheira o advertisse do envelhecimento do chapéu para substituí-lo. Sua gravata estava sempre torcida e ele nunca corrigia a desordem em que seu cabeção de juiz deixava o colarinho de sua camisa encarquilhada. Não tinha o mínimo cuidado com sua cabeleira grisalha e só fazia a barba duas vezes por semana. Nunca usava luvas e habitualmente metia as mãos nas algibeiras vazias do colete, cujas bordas sujas, quase sempre puídas, acrescentavam um traço a mais à negligência de sua pessoa. Quem já frequentou o Ministério da Justiça, em Paris, local onde se observam todas as variedades das vestes pretas, pode imaginar o aspecto do sr. Popinot. O hábito de passar sentado dias inteiros modifica muito o corpo, do mesmo modo que o aborrecimento causado por intermináveis arengas age sobre a fisionomia dos magistrados. Encerrado em salas ridiculamente estreitas, sem majestade de arquitetura e onde o ar fica logo viciado, o juiz parisiense adquire obrigatoriamente uma fisionomia carrancuda, desfigurada pela atenção, entristecida pelo desgosto; a cor do rosto torna-se desbotada, adquire tonalidades esverdeadas ou terrosas, segundo o temperamento do indivíduo.

Finalmente, dentro de certo tempo, o mais florescente rapaz torna-se uma pálida máquina de *considerandos*, um autômato que aplica o Código em todos os casos, com a fleuma dos ponteiros dum relógio. Assim, se a natureza dotara o sr. Popinot de um aspecto pouco agradável, a magistratura não o havia aformoseado. Sua ossatura apresentava linhas contraditórias. Seus grossos joelhos, seus grandes pés e suas enormes mãos contrastavam com um rosto sacerdotal que se assemelhava vagamente a uma cabeça de bezerro insípida de tão meiga, mal iluminada por olhos de cores diversas, desprovida de sangue, dividida por um nariz reto e chato, encimada por uma fronte sem protuberâncias e enfeitada de duas imensas orelhas que se dobravam sem graça. O cabelo muito fino e escasso deixava ver o crânio através de vários sulcos irregulares. Basta um traço para recomendar esse rosto a um fisionomista. Esse homem tinha uma boca de cujos lábios emanava uma bondade divina. Eram grossos lábios vermelhos, cheios de pregas, sinuosos, móveis, nos quais a natureza exprimia belos sentimentos; lábios que falavam ao coração e denunciavam nesse homem a inteligência, a lucidez, a intuição, um espírito angélico; assim, estaria enganado quem o julgasse apenas por sua testa deprimida, seus olhos sem calor e sua lamentável maneira de andar. Sua vida estava de acordo com sua fisionomia, era cheia de trabalhos secretos e ocultava a virtude de um santo. Importantes estudos sobre Direito o haviam recomendado tão bem, quando Napoleão reorganizou a Justiça em 1806 e 1811, que, por indicação de Cambacérès,[234] foi um dos primeiros nomeados para ocupar um lugar na Corte imperial de Paris. Popinot não era intrigante. A cada nova exigência, a cada nova solicitação, o ministro rebaixava Popinot, que nunca pôs os pés na casa do chanceler-mor nem na do grande juiz. Da Corte, foi transferido para o Tribunal e mais tarde rebaixado até os postos mais inferiores pelas intrigas de pessoas ativas e turbulentas. Foi nomeado juiz suplente. Um clamor geral ergueu-se no Tribunal: — Popinot, juiz suplente! Essa injustiça chocou o mundo judiciário, os advogados, os oficiais de Justiça, todos, enfim, exceto Popinot, que não se queixou. Passado o primeiro clamor, todos acharam que tudo estava correndo da melhor maneira no melhor dos mundos,[235] que,

certamente, deve ser o mundo judiciário. Popinot foi juiz suplente até o dia em que o mais famoso ministro da Justiça da Restauração vingou as injustiças feitas a esse homem modesto e silencioso pelos grandes juízes do Império. Após ter sido juiz suplente durante doze anos, o sr. Popinot certamente acabaria seus dias como simples juiz do Tribunal do Sena.

Para explicar a obscura carreira dum dos homens mais eminentes da classe judiciária, é necessário entrar aqui em algumas considerações que servirão para revelar sua vida e seu caráter e que demonstrarão, por outro lado, algumas das engrenagens dessa grande máquina denominada justiça. O sr. Popinot foi classificado pelos três presidentes que teve sucessivamente o Tribunal do Sena numa categoria de *juizada*, única palavra capaz de traduzir a ideia a exprimir. Não alcançou nessa companhia a reputação de capacidade que seus trabalhos lhe haviam antecipadamente granjeado. Do mesmo modo como um pintor é invariavelmente encerrado na categoria dos paisagistas, dos retratistas, dos pintores de história, de marinha ou de gênero pela classe dos artistas, dos conhecedores ou dos tolos que por inveja, por onipotência crítica ou por preconceito o bloqueiam em sua inteligência, crendo todos que há calosidades em todos os cérebros, estreiteza de julgamento que o mundo aplica aos escritores, aos homens de Estado, a todos os que começam por uma especialidade antes de serem proclamados universais; assim, Popinot teve seu destino e foi murado em seu gênero. Os magistrados, os advogados, os procuradores, todos quantos labutam no terreno judiciário distinguem dois elementos numa causa: o direito e a equidade. Somente a equidade resulta dos fatos; o direito é a aplicação dos princípios aos fatos. Um homem pode ter razão por equidade e não ter razão por justiça, sem que o juiz seja censurável. Entre a consciência e o fato há um abismo de razões determinantes desconhecidas do juiz e que condenam ou legitimam um fato. O juiz não é Deus, sua missão consiste em adaptar os fatos aos princípios, julgar espécies variáveis ao infinito servindo-se duma medida determinada. Se o juiz tivesse o poder de ler na consciência e deslindar os motivos a fim de proferir sentenças justas, cada juiz seria um grande homem. A França necessita

de cerca de seis mil juízes; nenhuma geração tem seis mil grandes homens a seu serviço e com mais forte razão não pode encontrá-los para sua magistratura. No meio da civilização parisiense, Popinot era um habilíssimo cádi que, pela natureza de seu espírito e à força de confrontar a letra da lei com o espírito dos fatos, acabara percebendo o desacerto das aplicações espontâneas e violentas. Auxiliado por sua intuição judiciária, atravessava o invólucro da dupla mentira sob o qual os litigantes ocultam o interior dos processos. Juiz como o ilustre Desplein[236] era cirurgião, penetrava nas consciências como aquele sábio penetrava nos corpos. Sua vida e seus hábitos o haviam levado à descoberta dos pensamentos mais secretos através do exame dos fatos. Esquadrinhava um processo como Cuvier[237] escavava o húmus do globo. Como esse grande pensador, avançava de dedução em dedução antes de concluir e reproduzir o passado da consciência como Cuvier reconstruía um anoplotério.[238] A propósito de uma informação, despertava às vezes à noite, surpreendido por um filão de verdade que brilhava subitamente em seu pensamento. Impressionado com as profundas injustiças que coroam essas lutas em que tudo prejudica os homens de bem e beneficia os patifes, concluía muitas vezes contra o direito em favor da equidade em todas as causas em que se tratasse de questões de algum modo divinatórias. Passou, assim, entre seus colegas, por um espírito pouco prático; suas razões demoradamente deduzidas retardavam as deliberações. Quando Popinot percebeu o desgosto com que o ouviam, passou a dar sua opinião sucintamente. Dizem que julgava mal os casos dessa natureza; mas, como sua capacidade de apreciação era notável, seu julgamento lúcido e sua penetração profunda, foi considerado possuidor duma vocação especial para as penosas funções de juiz de instrução. Ficou, pois, como juiz de instrução durante a maior parte de sua vida judiciária. Embora suas qualidades o tornassem eminentemente apto para essa difícil carreira e ele tivesse a reputação de ser um profundo criminalista que gostava de suas funções, a bondade de seu coração constantemente o torturava e ele ficava esmagado entre sua consciência e a compaixão como um torno. Embora mais bem retribuídas que as de juiz civil, as funções de juiz de instrução não tentam a ninguém; são muito incômodas.

Popinot, homem modesto e de virtuoso saber, sem ambição, trabalhador infatigável, não se queixou de sua sorte; fez ao bem público o sacrifício de suas inclinações e de sua bondade e deixou-se remover para as águas tranquilas da instrução criminal, onde soube ser, ao mesmo tempo, servo e benfazejo. Às vezes, seu escrivão levava ao acusado dinheiro para comprar tabaco ou uma roupa quente no inverno, ao acompanhá-lo do gabinete do juiz à Souricière,[239] prisão temporária onde se conservam os acusados à disposição do instrutor. Sabia ser juiz inflexível e homem caridoso. Assim, ninguém obtinha confissões mais facilmente que ele sem recorrer aos ardis judiciários. Tinha, por outro lado, a perspicácia do observador. Esse homem, aparentemente de uma bondade tola, simplório e distraído, descobria as manhas dos crispins[240] das galés, desmascarava as criadas mais astuciosas e subjugava os celerados. Circunstâncias pouco comuns haviam aguçado sua perspicácia; mas, para descrevê-las, é necessário penetrar em sua vida íntima, pois o juiz era apenas o seu lado social; havia nele um outro homem, maior e menos reconhecido.

Doze anos antes do dia em que esta história começa, em 1816, durante a terrível carestia de gêneros que coincidiu fatalmente com a permanência na França dos chamados aliados,[241] Popinot foi nomeado presidente da comissão extraordinária instituída para socorrer os indigentes de seu bairro, no momento em que projetava abandonar a rua do Fouarre, onde a casa que ocupava o desgostava tanto quanto à esposa. O grande jurisconsulto, o profundo criminalista, cuja superioridade parecia aos colegas uma aberração, tinha, havia cinco anos, percebido os resultados judiciários sem lhes ver as causas. Subindo as águas-furtadas, vendo as misérias, estudando as cruéis necessidades que conduzem gradualmente os pobres a ações reprováveis, avaliando, enfim, suas longas lutas, foi acometido de compaixão. O juiz tornou-se então o São Vicente de Paulo[242] dessas crianças grandes, desses trabalhadores enfermos. Sua transformação não foi completa desde o primeiro momento. A beneficência, como os vícios, tem seu atrativo. A caridade consome a bolsa dum santo como a roleta devora as posses dum jogador, gradualmente. Popinot começou de infortúnio em infortúnio, de esmola em esmola; e, após ter

levantado todos os farrapos que formam uma espécie de curativo sob o qual supura uma chaga febril, tornou-se, ao fim de um ano, a providência de seu bairro. Fez-se membro do comitê de beneficência e do escritório de caridade. Em qualquer lugar em que as funções devessem ser exercidas gratuitamente, ele as aceitava e agia sem ostentação, à maneira do *homem da capinha*[243] que passa a vida a levar sopa aos mercados e aos lugares onde há gente faminta. Popinot tinha a ventura de agir num círculo mais vasto e numa esfera mais elevada; vigiava tudo, prevenia o crime, dava trabalho aos operários desocupados, fazia internar os inválidos, distribuía seus recursos com discernimento por todos os pontos ameaçados, constituindo-se o conselheiro da viúva, o protetor das crianças desamparadas, o comanditário dos pequenos negócios. Ninguém, no Tribunal nem em Paris, conhecia essa vida secreta de Popinot. Há virtudes tão luminosas que comportam a obscuridade; os homens se apressam a ocultá-las. Quanto aos favorecidos do magistrado, trabalhando todos durante o dia e estando fatigados à noite, eram pouco indicados para fazer-lhe o elogio; tinham a ingratidão própria das crianças, que nunca podem pagar suas dívidas porque devem demais. Há ingratidões forçadas; mas nenhum coração pode considerar-se grande semeando o bem para colher a gratidão. A partir do segundo ano de seu apostolado secreto, Popinot acabara convertendo em sala de visitas o salão do pavimento térreo de sua casa, que era iluminado pelas três janelas com grades de ferro. As paredes e o teto dessa grande peça haviam sido caiados e o mobiliário constava de bancos de madeira semelhantes aos das escolas, um armário tosco, uma escrivaninha de nogueira e uma poltrona. No armário ficavam seus registros de beneficência, seus talões de *vales de pão*, seu borrador. Mantinha uma verdadeira escrita comercial, a fim de não se deixar lograr pelo coração. Todas as pobrezas do bairro eram enumeradas, classificadas num livro onde cada infortúnio tinha sua conta, como os diversos devedores na casa dum comerciante. Quando havia dúvida sobre alguma família, sobre um homem a socorrer, o magistrado encontrava às suas ordens as informações da polícia de segurança. Lavienne, criado feito para o patrão, era seu ajudante de campo. Resgatava ou renovava as cautelas do monte de socorro e corria

aos lugares mais necessitados enquanto o patrão trabalhava no Tribunal. Das quatro às sete da manhã, no verão, e das seis às nove, no inverno, a sala enchia-se de mulheres, crianças, indigentes, aos quais Popinot dava audiência. Não havia necessidade de estufa no inverno, pois a multidão era tão compacta que a atmosfera ficava aquecida; Lavienne apenas jogava palha sobre o assoalho muito úmido. Com o decorrer do tempo, os bancos haviam ficado polidos como acaju envernizado; depois, à altura dum homem, a parede recebera uma certa pintura escura feita pelos andrajos e pelas roupas sujas daquela pobre gente. Esses desgraçados estimavam tanto Popinot que, nas manhãs de inverno, enquanto se agrupavam diante de sua porta à espera de que ela se abrisse, as mulheres aquecendo-se com esquentadores e os homens remexendo-se para se aquecer, jamais um murmúrio perturbara seu sono. Os trapeiros, as pessoas de profissões noturnas conheciam aquela casa e frequentemente viam o gabinete do magistrado iluminado em horas tardias. E mesmo os ladrões diziam, ao passar: *Essa é a casa dele*, e a respeitavam. A manhã pertencia aos pobres, a tarde aos criminosos e a noite aos trabalhos judiciários.

O gênio de observação que Popinot possuía era, pois, necessariamente, *bifrons*:[244] descobria as virtudes da miséria, os bons sentimentos ofendidos, as belas ações em princípio, as dedicações ignoradas, como ia procurar no fundo das consciências os mais leves esboços do crime, os fios mais tênues dos delitos, para tudo discernir neles. O patrimônio de Popinot representava mil escudos de renda. Sua esposa, irmã do sr. Bianchon pai, médico em Sancerre, trouxera-lhe outro tanto duas vezes. Morrera havia cinco anos e deixara a fortuna ao marido. Como os vencimentos de juiz substituto não são muito grandes e Popinot era juiz efetivo havia quatro anos apenas, é fácil perceber a causa de sua economia em tudo quanto se referisse à sua pessoa ou a seu modo de vida, tendo em conta o quanto eram medíocres seus rendimentos e grande sua caridade. Por outro lado, a indiferença relativa ao vestuário, que assinalava em Popinot o homem preocupado, não é a característica da alta ciência, da arte cultivada com paixão, do pensamento constantemente em atividade? Para completar este retrato, bastará acrescentar que Popinot fazia parte do pequeno

número de juízes do Tribunal do Sena aos quais a condecoração da Legião de Honra não fora concedida.

Tal era o homem que o presidente da segunda câmara do Tribunal a que pertencia Popinot, incluído havia dois anos entre os juízes civis, incumbira de proceder ao interrogatório do marquês d'Espard, a propósito do requerimento de interdição apresentado por sua esposa.

A rue du Fouarre, onde formigavam tantos infelizes desde cedo, pela manhã, tornava-se deserta às nove horas e retomava seu aspecto sombrio e miserável. Bianchon apressou, portanto, o trote do cavalo a fim de surpreender o tio no meio da audiência. Não foi sem um sorriso que pensou no contraste que faria o juiz ao lado da sra. d'Espard; prometeu-se, porém, convencê-lo a vestir-se de maneira a não ficar muito ridículo.

"Meu tio terá pelo menos um casaco novo?", pensava Bianchon, ao entrar na rue du Fouarre, onde as janelas do salão do pavimento térreo projetavam uma luz amortecida. "Acho bom ir lá em cima entender-me com Lavienne."

Ao ouvir o ruído do cabriolé, uma dezena de pobres surpresos saíram de sob o pórtico e descobriram-se ao reconhecer o médico; pois Bianchon, que tratava gratuitamente os doentes que o juiz lhe recomendava, não era menos conhecido que o tio pelos infelizes que lá se aglomeravam. Bianchon avistou o tio no meio da sala, cujos bancos estavam realmente cheios de indigentes que apresentavam as grotescas singularidades de costumes diante das quais se detêm na rua mesmo os transeuntes menos dotados de temperamento artístico. Certamente um desenhista, um Rembrandt, se algum houvesse atualmente, teria concebido lá uma de suas mais notáveis composições, ao ver aquelas misérias ingenuamente impotentes e silenciosas. Aqui o rosto enrugado dum austero velho de barba branca, de crânio apostólico, representava um perfeito São Pedro. Seu peito, parcialmente descoberto, deixava ver músculos salientes, índice dum temperamento de bronze que lhe servira de ponto de apoio para sustentar todo um poema de desgraças. Lá, uma jovem senhora dava de mamar ao filhinho mais novo para impedi-lo de gritar, enquanto mantinha outro, de cerca de cinco anos, entre os joelhos. Aquele seio cuja alvura

brilhava no meio dos andrajos, aquela criança de carne transparente e seu irmão, cuja atitude revelava um futuro moleque, enterneciam a alma por uma espécie de gracioso contraste com a longa fila de rostos avermelhados pelo frio, no meio da qual aparecia aquela família. Mais longe, uma velha, pálida e abatida, exibia essa máscara repelente de pauperismo revoltado, disposto a vingar num dia de sedição todas as penas passadas. Havia lá também o operário jovem, débil, preguiçoso, cujo olhar cheio de inteligência denunciava elevadas faculdades sufocadas por necessidades inutilmente combatidas, calando-se a propósito de seus sofrimentos e prestes a morrer de fome por não encontrar ocasião de atravessar as grades do imenso viveiro onde se agitam essas misérias que se entredevoram. As mulheres estavam em maioria; os maridos, que tinham de seguir para as oficinas, deixavam-lhes, sem dúvida, a tarefa de advogar a causa do lar com esse espírito que caracteriza a mulher do povo, que é quase sempre a rainha do casebre. Viam-se lenços rasgados sobre todas as cabeças, roupas manchadas de lama, mantas em frangalhos, blusas sujas e esburacadas, mas, em todos eles, olhos que brilhavam como chamas vivas. Conjunto horrível, cujo aspecto inicialmente inspirava desgosto, mas que logo causava um certo terror ao se perceber que, puramente fortuita, a resignação daquelas almas, atormentadas por todas as necessidades da vida, era uma especulação baseada sobre a caridade. As duas velas que iluminavam o salão tremeluziam numa espécie de nevoeiro causado pela atmosfera infecta daquele local mal arejado.

O magistrado não era o personagem menos pitoresco no meio daquela assembleia. Tinha na cabeça um gorro de algodão arruivado. Como estava sem gravata, o pescoço, vermelho de frio e enrugado, destacava-se acima da gola puída do velho roupão. Sua fisionomia fatigada tinha essa expressão meio estúpida conferida pela preocupação. Sua boca, como a de todos os que estão trabalhando, estava contraída como uma bolsa da qual se amarrou o cordão. A testa franzida parecia suportar o fardo de todas as confidências que lhe faziam: ele sentia, analisava e julgava. Atento como um usurário, seus olhos abandonavam os livros e os apontamentos para penetrar no foro íntimo dos indivíduos, aos quais examinava com a rapidez de visão

pela qual os avarentos exprimem suas inquietações. De pé atrás do patrão, pronto para executar suas ordens, Lavienne fazia certamente o policiamento e acolhia os recém-chegados, encorajando-os contra a própria vergonha. Quando o médico apareceu, houve um movimento nos bancos. Lavienne voltou-se e ficou estranhamente surpreso de ver Bianchon.

— Ah, és tu, meu rapaz! — disse Popinot, estendendo os braços. — Que te traz aqui a esta hora?

— Tive medo de que o senhor fizesse hoje, antes de nos encontrarmos, certa visita judiciária a respeito da qual quero falar com o senhor.

— Pois bem — disse o juiz, dirigindo-se a uma gorda mulherzinha que estava de pé diante dele —, se não me diz que lhe sucede, não posso adivinhá-lo, minha filha.

— Decida-se — disse-lhe Lavienne. — Não tome o tempo dos outros.

— Meu senhor — disse por fim a mulher, corando e baixando a voz de maneira a só ser ouvida por Popinot e Lavienne —, sou vendedora ambulante. Tenho meu filho mais novo pelo qual devo pagar a mensalidade de quem o cria. Tinha escondido o meu dinheiro...

— Bem, e seu homem o tirou? — disse Popinot, prevendo o desfecho da confissão.

— Sim, senhor.

— Como se chama?

— Pomponne.

— E seu marido?

— Toupinet.

— Rue du Petit-Banquier? — perguntou Popinot, folheando seu registro. — Ele está preso — acrescentou, lendo uma observação à margem do espaço onde estava inscrito o casal.

— Por dívidas, meu caro senhor.

Popinot fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas, senhor, não tenho com que sortir meu carrinho de mão, o proprietário me procurou ontem e obrigou-me a pagar-lhe, senão eu teria ido para a rua.

Lavienne inclinou-se para o patrão e disse-lhe algumas palavras ao

ouvido.

— Então, de quanto precisa para comprar suas frutas no mercado?

— Ora, meu caro, eu precisaria, para continuar meu comércio, de... sim, precisaria muito de dez francos.

O juiz fez um sinal a Lavienne, que tirou dum grande saco dez francos e os deu à mulher, enquanto o juiz inscrevia o empréstimo em seu registro. Ao ver o transporte de alegria que fez estremecer a vendedora, Bianchon percebeu as ansiedades que sem dúvida haviam agitado a mulher enquanto se dirigia de sua casa à do juiz.

— Para o senhor — disse Lavienne ao velho de barba branca.

Bianchon chamou o criado à parte e perguntou-lhe quanto tempo ainda duraria a audiência.

— O sr. Popinot recebeu duzentas pessoas esta manhã e ainda há oitenta a atender — disse Lavienne. — O doutor tem tempo de fazer suas primeiras visitas.

— Meu rapaz — disse o juiz, voltando-se e segurando Bianchon pelo braço —, aqui tem dois endereços, perto daqui, um à rue de Seine e o outro à rue de l’Arbálète. Dá um pulinho lá. À rue de Seine, uma mocinha acaba de se asfixiar, e à rue de l’Arbálète encontrarás um homem que é preciso mandar para teu hospital. Espero-te para o almoço.

Bianchon voltou uma hora mais tarde. A rue du Fouarre estava deserta, o dia começava a clarear, o juiz subia a seus aposentos, o último pobre cuja miséria o magistrado acabara de mitigar ia saindo e o saco de Lavienne estava vazio.

— Então, como estão eles?

— O homem morreu — respondeu Bianchon —, mas a moça escapará desta.

Desde que ficara privado do olhar e da mão duma mulher, o apartamento onde morava Popinot adquirira uma fisionomia em harmonia com a do morador. O desleixo dum homem absorvido por uma ideia dominante imprimia seu cunho singular a todas as coisas. Por toda a parte, uma poeira inveterada, e os objetos espalhados mostravam a mudança do destino que haviam sofrido, lembrando a desordem duma casa de solteirão. Papéis em vasos de flores, frascos de

tinta vazios em cima dos móveis, pratos esquecidos, isqueiros fosfóricos convertidos em velas no momento em que era preciso fazer uma consulta, mudanças de móveis começadas e abandonadas e, por fim, todos os amontoamentos e os espaços vazios ocasionados por tentativas não realizadas de arrumação. Mas o gabinete do magistrado, particularmente agitado por essa contínua desordem, denunciava sua marcha sem interrupções, a pressa de um homem sobrecarregado de ocupações, perseguido por necessidades que se entrecruzam. A biblioteca dava a impressão de ter sofrido uma pilhagem, os livros espalhavam-se pelo chão, uns empilhados de costas com as páginas abertas, outros caídos com as folhas contra o assoalho; os autos de processo, dispostos em linha ao longo do armário de livros, atulhavam o assoalho. Esse assoalho não se encerava havia dois anos. As mesas e os móveis estavam cobertos de *ex-voto* levados pela pobreza agradecida. Sobre os copos de vidro azul que ornavam a lareira viam-se dois globos de vidro em cujo interior se misturavam diversas cores, o que lhes dava a aparência dum produto da natureza. Ramos de flores artificiais, quadros onde aparecia o monograma de Popinot rodeado de corações e perpétuas decoravam as paredes. Aqui, caixas em pretensioso trabalho de marcenaria e que não podiam servir para nada. Ali, pesos de papéis do tipo das obras executadas nas galés pelos forçados. Essas obras-primas de paciência, esses *rébus* de gratidão, esses ramos murchos davam ao gabinete e ao quarto do juiz o aspecto dum bazar de brinquedos. O velhote usava essas coisas como *memento*, enchia-as de notas, de penas abandonadas e de papéis miúdos. Esses sublimes testemunhos duma caridade divina estavam cobertos de pó, sem brilho. Alguns pássaros perfeitamente empalhados, mas roídos pelas traças, destacavam-se nessa floresta de bagatelas onde dominava um angorá, o gato favorito da sra. Popinot, a quem um naturalista na miséria o restituíra sem dúvida com todas as aparências da vida, pagando assim com um tesouro eterno uma pequena esmola. Algum artista do bairro, a quem o coração desencaminhara os pincéis, fizera igualmente os retratos do sr. e da sra. Popinot. Até na alcova viam-se bordados, paisagens em ponto de marca e cruzes de papel dobrado cujos floreios atestavam um trabalho

insensato. As cortinas das janelas estavam enegrecidas pela fumaça e os cortinados já não tinham cor. Entre a lareira e a longa mesa quadrada sobre a qual trabalhava o magistrado, a cozinheira servira duas taças de café com leite sobre uma mesinha auxiliar. Duas poltronas de acaju estofadas com crina esperavam o tio e o sobrinho. Como a luz interceptada pelas janelas ainda não atingia aquele lugar, a cozinheira deixara duas velas cujo pavio desmesuradamente longo formava um morrão e emitia essa luz avermelhada que faz a vela durar mais, graças à morosidade da combustão, truque descoberto pelos avarentos.

— Meu caro tio, o senhor devia vestir uma roupa mais quente quando desce à sala de visita.

— Não quero deixar a pobre gente esperando! Então, que queres de mim?

— Vim convidá-lo para jantar amanhã na casa da marquesa d'Espard.

— Alguma parenta nossa? — perguntou o juiz, com uma expressão tão ingenuamente preocupada que Bianchon se pôs a rir.

— Não, meu tio, a marquesa d'Espard é uma ilustre e poderosa dama que apresentou um requerimento ao Tribunal pedindo a interdição de seu marido, e o senhor foi incumbido...

— E queres que eu vá jantar com ela! Estás louco? — disse o juiz, empunhando o código do processo. — Toma, lê o artigo que proíbe ao magistrado beber e comer na casa duma das partes a que deve julgar. A tua marquesa que venha me visitar, se tiver alguma coisa para dizer-me. Devo, realmente, ir interrogar seu marido amanhã, após ter examinado o caso esta noite.

Levantou-se, apanhou uns autos que se achavam sob um peso de papéis ao alcance de sua vista e disse, após ter lido o título:

— Aqui estão as peças do processo. Já que essa ilustre e poderosa dama te interessa — disse —, vejamos a petição!

Popinot cruzou o roupão cujas abas estavam sempre caindo e deixavam seu peito descoberto; molhou as fatias de pão no café frio e procurou a petição, que leu, permitindo-se alguns parênteses e algumas discussões nas quais o sobrinho tomou parte.

“Ao senhor presidente do Tribunal civil de primeira instância do departamento do Sena, com sede no Tribunal de Justiça.

“A sra. Joana-Clementina-Athenais de Blamont-Chauvry, esposa do sr. Carlos-Maurício-Maria Andoche, conde de Nègrepelisse, marquês d’Espard (boa nobreza), proprietária; residente a referida sra. d’Espard à rue du Faubourg Saint-Honoré, nº 104, e o referido sr. d’Espard à rue de la Montagne-Sainte-Geneviève, nº 22 (Ah, sim, o presidente me disse que era no meu bairro!), por seu advogado, sr. Desroches...”[245]

— Desroches! Um obscuro agente de negócios, um homem malvisto pelo Tribunal e pelos colegas e que prejudica os clientes!

— Pobre rapaz! — disse Bianchon. — Desgraçadamente, é pobre e se mexe como um diabo numa caldeirinha, eis tudo.

“Tem a honra de expor a V.Sa., senhor presidente, que há um ano as faculdades morais e intelectuais do sr. d’Espard, seu marido, sofreram tão profunda alteração que constituem atualmente o estado de demência e de imbecilidade previsto pelo artigo 486 do Código Civil e reclamam, em defesa de sua fortuna e de sua pessoa e no interesse dos filhos, que conserva em sua companhia, a aplicação das disposições estabelecidas pelo mesmo artigo;

“Que, com efeito, a situação moral do sr. d’Espard, que, há alguns anos, vinha dando lugar a graves receios em vista do sistema que adotou para a gerência dos seus negócios, percorreu, principalmente durante este último ano, uma deplorável escala de depressão; que a vontade foi a primeira a sentir os efeitos do mal e que sua abolição deixou o marquês d’Espard exposto a todos os perigos duma incapacidade constatada pelos fatos seguintes:

“Há muito tempo, todos os rendimentos produzidos pelos bens do marquês d’Espard passam, sem causas plausíveis e sem vantagens mesmo temporárias, às mãos duma velha senhora cuja repelente fealdade é notória, e chamada sra. Jeanrenaud, residente ora em Paris, à rue de la Vrillière, nº 8; ora em Villeparisis, perto de Claye, departamento de Seine-et-Marne, e em favor de seu filho de trinta e seis anos de idade, oficial da ex-guarda imperial, a quem, graças a seu

prestígio, o marquês d’Espard colocou na guarda real como comandante de esquadrão do primeiro regimento de couraceiros. Essas pessoas, reduzidas em 1814 à extrema miséria, têm adquirido sucessivamente imóveis dum valor considerável, entre outros, e ultimamente um grande palacete à rue Verte, onde o sr. Jeanrenaud está fazendo despesas consideráveis a fim de lá se instalar com a sra. Jeanrenaud, sua mãe, para facilitar o casamento que tem em vista, despesas essas que já se elevam a mais de cem mil francos. Esse casamento está sendo promovido pelas negociações do marquês d’Espard junto a seu banqueiro, o sr. Mongenod,[246] a quem pediu a sobrinha em casamento para o referido sr. Jeanrenaud, prometendo empenhar seu prestígio para conseguir-lhe a dignidade de barão. Essa nomeação foi feita, realmente, por decreto de Sua Majestade datado de 29 de dezembro último, a pedido do marquês d’Espard, como pode ser atestado por S. Exª o sr. ministro da Justiça, se o Tribunal julgar conveniente recorrer a seu testemunho;

“Que nenhuma razão, *mesmo aquelas que a moral e a lei igualmente reprovam*, pode justificar o domínio que a viúva Jeanrenaud assumiu sobre o marquês d’Espard, que, por outro lado, a vê muito raramente; nem explicar sua estranha afeição pelo referido senhor barão Jeanrenaud, com quem suas comunicações são pouco frequentes; sua autoridade, contudo, parece tão grande que sempre que eles precisam de dinheiro, mesmo que seja para satisfazer simples fantasias, essa senhora e seu filho…”

— He! He! *Razão que a moral e a lei reprovam!* Que quererá insinuar-nos o escrevente ou o advogado? — disse Popinot.

Bianchon pôs-se a rir.

“… essa senhora *ou seu filho* conseguem do marquês d’Espard, sem nenhuma discussão, o que pedem, e, na falta de dinheiro em moeda corrente, o sr. d’Espard assina letras de câmbio negociadas pelo sr. Mongenod, que se ofereceu à requerente para testemunhá-lo;

“Que, além disso, em apoio desses fatos, aconteceu recentemente que, por ocasião da renovação dos arrendamentos da propriedade d’Espard, tendo os arrendatários dado uma vultosa soma para a continuação de seus contratos, o sr. Jeanrenaud se apoderou

imediatamente dela;

"Que a vontade do marquês d'Espard concorreu tão pouco para a entrega dessa soma que quando lhe falou no caso ele deu a impressão de não se lembrar dele; que todas as vezes que pessoas sérias o interrogaram sobre sua dedicação para com esses dois indivíduos, suas respostas demonstraram uma tão completa abdicação de suas ideias, de seus interesses, que deve existir nesse caso um motivo oculto para o qual a requerente pede a vigilância da justiça, visto ser impossível que esse motivo não seja criminoso, abusivo e extorsivo ou de natureza da alçada da medicina legal, a não ser que se trate duma dessas obsessões que se incluem no abuso das forças morais e que só se pode qualificar servindo-se do termo extraordinário de *possessão*..."

— Diabo! — exclamou Popinot. — Que dizes disso, doutor? Esses fatos são muito estranhos!

— Poderiam ser — respondeu Bianchon — um resultado do poder magnético.

— Acreditas, então, nas bobagens de Mesmer,[247] na sua selha magnética, na visão através das paredes?

— Sim, meu tio — disse gravemente o doutor. — Enquanto o ouvia ler esse requerimento, estava pensando nisso. Declaro-lhe que já verifiquei, em outra esfera de ação, vários fatos análogos, relativamente ao domínio sem limites que um homem pode assumir sobre outro. Contrariamente à opinião de meus colegas, estou convencido do poder da vontade, considerada como uma força motriz.[248] Tenho verificado os efeitos dessa *possessão*, excluída toda a hipótese de combinação e charlatanismo. Os atos prometidos ao *magnetizador* pelo *magnetizado* durante o sono foram escrupulosamente cumpridos no estado de vigília. A vontade de um tornara-se a vontade do outro.

— Qualquer espécie de ato?

— Sim.

— Mesmo criminoso?

— Mesmo criminoso.

— Só te escuto por seres tu.

— Um dia lhe darei provas disso — disse Bianchon.

— Hum! Hum! — fez o juiz. — Suponho que se a causa dessa

pretendida *possessão* pertença a essa ordem de fatos, seria difícil constatá-la e fazer admiti-la perante a justiça.

— Já que essa sra. Jeanrenaud é terrivelmente feia e velha, não vejo que outro meio de sedução poderia ter — disse Bianchon.

— Mas — replicou o juiz — em 1814, época na qual a sedução se teria verificado, essa mulher devia ter catorze anos menos; se ela esteve ligada durante dez anos, antes disso, com o sr. d’Espard, esses cálculos de data nos reportam a vinte e quatro anos atrás, época na qual a senhora podia ser moça e bonita e ter conquistado, por meios muito naturais, tanto para ela como para seu filho, sobre o sr. d’Espard, um domínio a que certos homens não se sabem eximir. Se a causa desse domínio parece repreensível aos olhos da Justiça, é justificável aos olhos da natureza. A sra. Jeanrenaud pode ter se zangado com o casamento contraído provavelmente nessa época pelo marquês d’Espard com a srta. de Blamont-Chauvry e pode ser que no fundo de tudo isso não tenha havido mais que uma rivalidade de mulher, uma vez que o marquês já não mora, há muito tempo, com a sra. d’Espard.

— Mas essa fealdade repelente, meu tio?

— O poder das seduções — replicou o juiz — está na razão direta da fealdade; é uma velha questão! Além disso, e a varíola, doutor? Mas continuemos.

“Que, a partir de 1815, para poder fornecer o dinheiro pedido por essas duas pessoas, o marquês d’Espard foi morar com seus dois filhos à rue de la Montagne-Sainte-Geneviève, num apartamento cuja pobreza é indigna de seu nome e de sua fortuna (a gente vive como quer!); que lá mantém os dois filhos, o conde Clemente d’Espard e o visconde Camilo d’Espard, num sistema de vida em desacordo com seu futuro e sua posição; que muitas vezes a falta de dinheiro é tão grande que recentemente o proprietário, um sr. Maraist, fez a penhora dos móveis que guarneciam o apartamento; que, quando essa penhora foi executada em sua presença, o marquês d’Espard auxiliou o oficial de Justiça, prodigalizando-lhe todas as demonstrações de cortesia e de atenção que teria tido com uma pessoa elevada acima dele em dignidade...”

O tio e o sobrinho entreolharam-se sorrindo.

“Que, além disso, todos os atos de sua vida, afora os fatos alegados com relação à sra. viúva Jeanrenaud e ao barão Jeanrenaud, seu filho, têm características de loucura; que, há uns dez anos pelo menos, ele só se ocupa da China,[249] de seus costumes, de seus modos de vida, de sua história, e que confronta tudo com os hábitos chineses; que, interrogado a esse respeito, confunde as questões do momento, os acontecimentos da véspera com os fatos relativos à China; que censura os atos do governo e a conduta do rei, embora por outro lado pessoalmente o estime, comparando-os com a política chinesa;

“Que essa monomania impeliu o marquês d’Espard a ações destituídas de bom-senso; que, contrariamente aos hábitos de sua classe e às ideias que professava a respeito dos deveres da nobreza, ele se meteu num negócio comercial para o qual subscreve diariamente obrigações à vista que ameaçam atualmente sua honra e sua fortuna, visto que acarretam para ele a qualidade de comerciante e podem, na falta de pagamento, levá-lo à falência; que essas obrigações, contraídas com vendedores de papel, impressores, litógrafos e coloristas, que lhe forneceram os elementos necessários a essa publicação intitulada *História pitoresca da China* e que sai em fascículos, são de tamanho vulto que esses mesmos fornecedores suplicaram à requerente que pedisse a interdição do marquês d’Espard a fim de salvar seus créditos...”

— Esse homem é louco! — exclamou Bianchon.

— Isso é o que pensas! — disse o juiz. — É preciso ouvi-lo. Quem só escuta um sino só ouve um som.

— Mas parece-me...

— Parece-me — disse Popinot — que se algum parente quisesse tomar conta da administração de meus bens e que, em lugar de ser um simples juiz, cuja situação moral os colegas podem examinar todos os dias, eu fosse duque e par, qualquer advogado um pouco astuto, como Desroches, poderia redigir um requerimento semelhante contra mim.

“Que a educação de seus filhos vem sendo prejudicada por essa monomania e que ele os obriga a aprender, contrariamente a todas as normas de ensino, os fatos da história chinesa, que contradizem as doutrinas da religião católica, e os faz estudar dialetos chineses...”

— Neste ponto, Desroches me parece esquisito — disse Bianchon.

— O requerimento foi redigido por seu primeiro ajudante Godeschal,[250] que conheces muito bem e que não é nada chinês — disse o juiz.

“Que frequentemente deixa os filhos privados das coisas mais necessárias; que a requerente, apesar de suas instâncias, não os pode ver; que o marquês d’Espard os leva à sua presença apenas uma vez por ano; que, conhecendo as privações a que eles têm sido submetidos, ela tem feito vãos esforços para dar-lhes as coisas mais necessárias à existência e que lhes faltam...”

— Oh! Senhora marquesa, isso é uma farsa. Quem prova demais não prova nada. Meu caro rapaz — disse o juiz, soltando os autos sobre os joelhos —, onde já se viu uma mãe tão destituída de coração, de inteligência, de sentimentos a ponto de se mostrar inferior às inspirações sugeridas pelo instinto animal? As mães são tão astuciosas para se aproximar dos filhos como as moças são capazes de sê-lo para levar a bom ou mau termo uma intriga amorosa. Se tua marquesa tivesse realmente vontade de alimentar ou vestir os filhos, nem o diabo seria capaz de impedi-la! Hein? É comprida demais essa serpente para um velho juiz engolir! Continuemos.

“Que a idade em que estão os referidos filhos exige, desde já, que sejam tomadas precauções para preservá-los da funesta influência dessa educação, que sejam tratados de acordo com sua posição e que não tenham sob os olhos o exemplo que lhes dá a conduta do pai;

“Que, em apoio dos fatos presentemente alegados, há provas de que o Tribunal facilmente obterá a repetição; frequentemente o sr. d’Espard tem chamado o juiz de paz do décimo segundo distrito de mandarim de terceira classe; muitas vezes tem chamado os professores do Colégio Henrique iv de *letrados* (eles se zangam por isso). A propósito das coisas mais simples, ele costuma dizer que na China isso não aconteceria; ele faz, no curso duma palestra ordinária, alusão seja à sra. Jeanrenaud, seja a fatos ocorridos no reinado de Luís xiv e fica então mergulhado numa negra melancolia; às vezes imagina estar na China. Diversos vizinhos, notadamente os srs. Edmé Becker, estudante de medicina, e Jean-Baptiste Frémiot, professor, domiciliados na

mesma casa, pensam, após ter privado com o marquês d'Espard, que sua monomania em tudo o que se refere à China é a consequência dum plano forjado pelo barão Jeanrenaud e sua mãe para completar a abolição das faculdades morais do marquês d'Espard, visto que o único serviço que a sra. Jeanrenaud parece prestar ao sr. d'Espard é obter-lhe tudo quanto tenha relação com o império da China;

"Que, finalmente, a requerente se propõe provar ao Tribunal que as quantias absorvidas pelo sr. e sra. viúva Jeanrenaud, de 1814 a 1828, não se elevam a menos de um milhão de francos.

"Para confirmação dos fatos precedentes, a requerente oferece ao senhor presidente o testemunho das pessoas que privam frequentemente com o marquês d'Espard, e cujos nomes e profissões figuram abaixo, entre as quais muitos lhe suplicaram que promovesse a interdição do marquês d'Espard como único meio de colocar sua fortuna ao abrigo de sua deplorável administração e os filhos longe de sua funesta influência.

"Isso considerado, senhor presidente, e tendo em vista os documentos anexos, a suplicante requer a V. S.ª que se digne, uma vez que os fatos acima relatados provam evidentemente o estado de demência e de imbecilidade do marquês d'Espard acima citado, qualificado e domiciliado, ordenar que, para efetivar sua interdição, o presente requerimento e os documentos em seu apoio sejam enviados ao sr. procurador do rei, e incumbir um dos srs. juízes do Tribunal de esclarecer o que julgar necessário, para que sobretudo o Tribunal decida, certa de que V. S.ª fará justiça etc."

— E aqui está — disse Popinot — a determinação do presidente encarregando-me disso! Pois bem, que quererá de mim a marquesa d'Espard? Sei tudo. Irei amanhã com meu escrivão à casa do marquês, pois isso absolutamente não me parece claro.

— Ouça, meu caro tio, nunca lhe pedi o menor favor ligado às suas funções judiciárias; pois bem, peço-lhe que tenha para com a sra. d'Espard a benevolência que sua situação merece. Se ela viesse aqui, o senhor a escutaria?

— Sim.

— Pois bem, vá ouvi-la em casa dela! A sra. d'Espard é uma mulher

adoentada, nervosa, delicada, que se sentiria mal em seu ninho de ratos. Vá lá à noite, em vez de aceitar o jantar, já que a lei o proíbe de beber e comer na casa daqueles a quem deve julgar.

— A lei não te proíbe receber donativos de teus mortos? — disse Popinot, julgando perceber um acento de ironia nos lábios do sobrinho.

— Vamos, meu tio, mesmo que seja apenas para descobrir o que há de verdade no caso, atenda meu pedido. O senhor irá lá como juiz de instrução, visto que as coisas não lhe parecem claras. Que diabo! O interrogatório da marquesa não é menos necessário que o do marido.

— Tens razão — disse o magistrado. — Talvez a louca seja ela. Irei.

— Virei buscá-lo; escreva em sua agenda: *Amanhã, às nove horas da noite, ir à casa da sra. d'Espard*. Muito bem — disse Bianchon, ao ver o tio anotar o encontro.

Na noite do dia seguinte, às nove horas, o dr. Bianchon subiu a empoeirada escada do tio e o encontrou trabalhando na redação de algum julgamento difícil. O casaco encomendado por Lavienne não fora remetido pelo alfaiate, de modo que Popinot enfiou seu velho casaco cheio de nódoas e apareceu como o Popinot *incomptus*[251] cujo aspecto provocava um sorriso nos lábios dos que não conheciam sua vida íntima. Bianchon conseguiu, contudo, pôr em ordem a gravata do tio e abotoar-lhe o casaco; escondeu as manchas cruzando as abas do casaco da direita para a esquerda e apresentando assim a parte ainda nova da fazenda. Mas, em poucos instantes, o magistrado escancarou o casaco no peito pela maneira como meteu as mãos no bolso em obediência ao velho hábito. O casaco, extremamente enrugado na frente e nas costas, formou uma gibosidade no meio do dorso e produziu entre o colete e as calças uma solução de continuidade pela qual se mostrou a camisa. Por desgraça, Bianchon só percebeu esse acréscimo de ridículo no momento em que o tio chegou à casa da marquesa.

Um ligeiro esboço da vida da pessoa em cuja casa chegavam naquele momento o doutor e o juiz faz-se necessário aqui para tornar inteligível a conferência que Popinot ia ter com ela.

IV – UMA MULHER NA MODA

A sra. d'Espard estava, havia sete anos, muito em voga em Paris, onde a moda eleva e rebaixa alternadamente personagens que, ora grandes, ora pequenos, isto é, ora em evidência e ora esquecidos, se tornam mais tarde criaturas insuportáveis como o são todos os ministros privados de prestígio e todas as majestades decaídas. Importunos por suas pretensões fanadas, esses saudosistas sabem tudo, maldizem de tudo e, como os dissipadores arruinados, são amigos de todos. Para ter sido abandonada pelo marido no ano de 1815, a sra. d'Espard devia ter se casado no começo do ano de 1812. Seus filhos tinham, pois, necessariamente, um quinze e o outro treze anos. Por que acaso uma mãe de família, de cerca de trinta e três anos de idade, estava na moda? Embora a moda seja caprichosa e ninguém possa designar antecipadamente seus favoritos, embora ela muitas vezes exalte a esposa dum banqueiro ou alguma pessoa de elegância e beleza duvidosas, deve parecer sobrenatural que a moda tenha assumido maneiras constitucionais conferindo a *presidência à idade*. Neste caso, a moda fizera como todos, aceitava a sra. d'Espard como moça. A marquesa tinha trinta e três anos no registro civil e vinte e dois à noite num salão. Mas à custa de quantos cuidados e artifícios! Anéis postiços de cabelo cobriam-lhe as têmporas. Condenava-se a viver em casa numa semiobscuridade, fingindo-se de doente para permanecer num ambiente de luz velada. Como Diane de Poitiers,[252] usava água fria para seus banhos; e, como ela, a marquesa deitava-se sobre colchão de crina e dormia sobre travesseiros de marroquim para conservar a cabeleira, comia pouco, só bebia água, combinava os movimentos para evitar a fadiga e empregava uma exatidão monástica nos menores atos da vida. Esse rude sistema, segundo dizem, foi levado até o emprego do gelo em vez de água e até o uso de alimentos frios por uma ilustre polonesa que, atualmente, alia uma vida já secular às ocupações e aos hábitos duma mulher jovem. Destinada a viver tanto quanto viveu Marion Delorme,[253] a quem os biógrafos dão cento e trinta anos, a antiga vice-rainha da Polônia apresenta, com quase cem anos, um espírito e um coração jovens, um rosto gracioso e um corpo

encantador; em suas palestras, onde as palavras crepitam como sarmentos no fogo, ela pode comparar os homens e os livros da literatura atual aos homens e aos livros do século xvii. De Varsóvia, encomenda suas toucas à Casa Herbault. Grande fidalga, tem a dedicação duma menina; nada, corre como um ginasiano e sabe reclinar-se num sofá como uma moça faceira; insulta a morte e ri da vida. Após ter impressionado outrora o imperador Alexandre, pode atualmente surpreender o imperador Nicolau pela magnificência de suas festas. Ainda faz algum rapaz apaixonado derramar lágrimas, pois tem a idade que lhe apraz e as inefáveis dedicações duma rapariga. Ela é, enfim, um verdadeiro conto de fada, se é que não é a fada do conto. Teria a sra. d'Espard conhecido a sra. Zayonscek?[254] Desejaria ela imitá-la? Seja como for, a marquesa provava a excelência desse regime, sua cútis era pura, sua fronte ainda não tinha rugas, seu corpo conservava, como o da bem-amada de Henrique ii, a flexibilidade, o frescor, atrativos ocultos que trazem e fixam o amor junto duma mulher. As precauções tão simples desse regime indicado pela arte, pela natureza e talvez pela experiência, encontravam nela, por outro lado, um sistema geral que as corroborava. A marquesa era dotada duma profunda indiferença por tudo quanto fosse estranho à sua pessoa; os homens a divertiam, mas nenhum lhe havia causado essas grandes excitações que convulsionam fortemente as duas naturezas e as despedaçam uma pela outra. Não tinha ódio nem amor. Ofendida, vingava-se fria e tranquilamente, à vontade, esperando a ocasião de satisfazer as más intenções que conservava contra quem quer que se tivesse colocado mal em sua lembrança. Não se inquietava, não se agitava; falava, pois sabia que dizendo duas palavras uma mulher pode fazer matar três homens. Vira-se abandonada pelo sr. d'Espard com um singular prazer; não levava ele em sua companhia dois filhos que no momento a aborreciam e que mais tarde poderiam prejudicar suas pretensões? Como seus amigos mais íntimos, do mesmo modo que os adoradores menos perseverantes, nunca viam a seu lado nenhuma dessas joias de Cornélia,[255] que andam dum lado para outro, revelando inocentemente a idade da mãe, todos a consideravam jovem. Os dois filhos, com quem a marquesa parecia tanto se preocupar em

seu requerimento, eram, assim como o pai, tão desconhecidos da sociedade como a rota do Nordeste é desconhecida dos marinheiros. O sr. d'Espard passava por um sujeito excêntrico que havia abandonado a esposa sem ter contra ela o mínimo motivo de queixa. Independente aos vinte e dois anos e senhora de sua fortuna, representada por vinte e seis mil francos de renda, a marquesa hesitou muito tempo antes de tomar uma decisão e de resolver sobre sua existência. Embora desfrutasse as despesas que o marido fizera em seu palacete e conservasse o mobiliário, as equipagens, os cavalos, toda uma casa montada, enfim, levou no início uma vida retirada durante os anos de 1816, 17 e 18, época em que as famílias se refaziam dos desastres ocasionados pelas tormentas políticas. Pertencendo, por outro lado, a uma das casas mais notáveis e mais ilustres do Faubourg Saint-Germain, seus pais a aconselharam a ir morar com a família, após a separação forçada a que a condenava o inexplicável capricho do marido. Em 1820, a marquesa saiu de sua letargia, apareceu na Corte, nas festas e passou a receber em casa. De 1821 a 1827, levou uma vida faustosa e se fez notar por seu bom gosto e seu vestuário; teve seu dia e suas horas de recepção; e logo passou a ocupar o trono onde precedentemente haviam brilhado a sra. viscondessa de Beauséant, a duquesa de Langeais, a sra. Firmiani, que, após seu casamento com o sr. de Camps resignara o cetro em favor da duquesa de Maufrigneuse, [256] de quem a marquesa d'Espard o arrebatou. A sociedade nada mais sabia acerca da vida íntima desta última. Parecia destinada a permanecer por muito tempo no horizonte parisiense, como um sol prestes a desaparecer no poente, mas que nunca desaparecerá. A marquesa ligara-se estreitamente com uma duquesa não menos famosa por sua beleza do que por sua dedicação para com a pessoa dum príncipe então desvalido,[257] mas habituado a sempre entrar como dominador nos governos futuros. A sra. d'Espard era igualmente amiga duma estrangeira junto da qual um ilustre e astuto diplomata russo analisava os negócios públicos.[258] E, por fim, uma velha condessa acostumada a bater as cartas do grande jogo político a adotara maternalmente. Para qualquer homem de elevada visão, a sra. d'Espard preparava-se assim para que ao reinado público e frívolo que

devia à moda sucedesse uma surda mas real influência. Seu salão adquiria uma consistência política. As frases *Que* é *que se diz disso na casa da sra. d'Espard? O salão da sra. d'Espard é contrário a tal medida* começaram a ser repetidas por um número bastante grande de tolos para dar a seu rebanho de fiéis a autoridade dum partido. Alguns políticos derrotados, cuidados, mimados por ela, tais como o favorito de Luís xviii,[259] que não mais podia se fazer tomar em consideração, e antigos ministros prestes a voltar ao poder, diziam-na tão hábil em diplomacia como o era em Londres a esposa do embaixador russo.[260] A marquesa fornecera muitas vezes, a deputados e a pares, frases e ideias que da tribuna haviam repercutido na Europa. Julgara acertadamente muitas vezes alguns acontecimentos sobre os quais os entendidos não ousavam emitir opinião. As principais figuras da Corte iam jogar uíste à noite em sua casa. Tinha, por outro lado, as qualidades de seus defeitos. Passava por discreta e o era. Sua amizade parecia ser a toda prova. Servia seus protegidos com uma persistência que provava que ela se preocupava menos de conquistar criaturas que de aumentar seu prestígio. Essa conduta era inspirada por sua paixão dominante, a vaidade. As conquistas e os prazeres, a que tantas mulheres se apegam, pareciam-lhe apenas meios; queria viver sobre todos os pontos do maior círculo que a vida possa descrever. Entre os homens ainda jovens que tinham futuro e que se comprimiam nos seus salões nos grandes dias, notavam-se os srs. de Marsay, de Ronquerolles, de Montriveau, de la Roche-Hugon, de Sérisy, Ferraud, Máximo de Trailles, de Listomère, os dois Vandenesse, du Châtelet etc.[261] Muitas vezes acolhia um homem sem querer receber sua esposa, e seu poder era já bastante forte para impor essas duras condições a certas pessoas ambiciosas, tais como dois famosos banqueiros realistas, os srs. de Nucingen[262] e Ferdinand du Tillet. Estudara tão bem o forte e o fraco da vida parisiense, que sempre se conduzira de maneira a não deixar a nenhum homem a mínima vantagem sobre ela. Mesmo que se prometesse uma soma enorme por um bilhete ou uma carta em que ela se comprometesse, nunca se encontraria um documento desse gênero. Se a aridez de sua alma lhe permitia desempenhar naturalmente seu papel, sua aparência não a ajudava

menos. Tinha um corpo jovem. Sua voz tinha um tom de comando, macia e vigorosa, clara, dura. Possuía em alto grau os segredos dessa atitude aristocrática pela qual uma mulher apaga o passado. A marquesa conhecia perfeitamente a arte de colocar um espaço imenso entre ela e o homem que após uma aventura casual se julgasse com direito à familiaridade. Seu olhar altivo sabia negar tudo. Em sua palestra, os grandes e belos sentimentos, as nobres determinações pareciam emanar naturalmente duma alma e dum coração puros; mas, na realidade, era toda interesse e muito capaz de infamar um homem inábil no momento de transigir cinicamente em benefício de suas conveniências pessoais. Ao procurar ligar-se a essa mulher, Rastignac soubera descobrir muito bem o mais hábil dos instrumentos, mas ainda não o utilizara; longe de poder manejá-lo, fazia-se esmagar por ele. Esse jovem *condottiere* da inteligência, condenado, como Napoleão, a viver travando batalhas, sabendo que a mínima derrota seria o túmulo de seu prestígio, encontrara em sua protetora um perigoso adversário. Pela primeira vez em sua vida turbulenta, disputava seriamente uma partida com um parceiro digno dele. Via na conquista da sra. d'Espard um ministério; por isso, servia-a antes de se servir dela: perigoso começo.

O palácio d'Espard exigia uma numerosa criadagem, e a despesa da marquesa era considerável. As grandes recepções realizavam-se no pavimento térreo; mas a marquesa morava no primeiro andar da casa. O luxo duma imponente escadaria magnificamente ornada e os apartamentos decorados com o bom gosto aristocrático que antigamente brilhava em Versalhes anunciavam uma imensa fortuna. Quando o juiz viu o portão abrir-se diante do cabriolé do sobrinho, examinou com um rápido olhar o porteiro e sua guarita, o pátio, as cavalariças, as disposições da habitação, as flores que adornavam a escadaria, o primoroso asseio dos corrimões, das paredes, dos tapetes e contou os criados de libré que, ao toque da campainha, acorreram ao patamar. Seus olhos, que, ainda há pouco, no fundo de sua sala do pavimento térreo, sondavam a grandeza das misérias sob as vestes enlameadas do povo, estudaram com a mesma lucidez de visão o mobiliário e a decoração das peças pelas quais passou, para descobrir

ali as misérias da grandeza.

— Sr. Popinot.

— Sr. Bianchon.

Os dois nomes foram pronunciados à entrada do gabinete onde se encontrava a marquesa, bonita peça recentemente mobiliada de novo e que dava para o jardim do palácio. A sra. d'Espard achava-se sentada numa dessas antigas poltronas rococó que Madame[263] pusera em moda. Rastignac ocupava junto dela, à esquerda, uma cadeira baixa, na qual se acomodara como o *primo*[264] de uma italiana. De pé, no ângulo da estufa, achava-se um terceiro personagem. Como o sábio doutor percebera, a marquesa possuía um temperamento seco e nervoso; sem seu regime, sua tez teria adquirido a coloração avermelhada produzida por um constante aquecimento; mas ela acentuava ainda mais sua alvura artificial por meio dos matizes e dos tons vigorosos dos tecidos de que se cercava e com que se vestia. O vermelho-escuro, o pardo e o bistre de reflexos de ouro assentavam-lhe maravilhosamente bem. Seu gabinete, copiado do duma famosa *lady* então na moda em Londres, era de veludo cor de carvalho; ela, porém, acrescentara numerosos ornatos, cujos belos desenhos atenuavam a exagerada suntuosidade dessa cor régia. Estava penteada como uma moça, em bandós terminados em cachos que destacavam o oval um pouco alongado de seu rosto; a forma arredondada é tão ignóbil quanto a forma oblonga é majestosa. Os duplos espelhos facetados que alongam ou achatam à vontade os rostos dão uma prova evidente dessa regra aplicável à fisiognomonia. Ao ver Popinot deter-se à porta como um animal assustado, alongando o pescoço, com a mão esquerda metida no punho e a direita armada dum chapéu com o forro imundo, a marquesa lançou sobre Rastignac um olhar cheio de escárnio. O aspecto um pouco simplório do velhote harmonizava-se tão bem com sua expressão amedrontada que, ao ver a fisionomia contristada de Bianchon, que se sentia humilhado pelo tio, Rastignac não pôde deixar de rir, voltando o rosto. A marquesa cumprimentou com um gesto de cabeça e fez um penoso esforço para se levantar da poltrona, onde tornou a sentar-se não sem graça, parecendo escusar-se de sua descortesia por uma debilidade fingida.

Nesse momento, o personagem que se achava de pé entre a estufa e a porta cumprimentou discretamente e aproximou duas cadeiras, apresentando-as ao doutor e ao juiz; depois, quando os viu sentados, voltou a encostar-se à estufa e cruzou os braços. Uma palavra sobre esse homem. Há um pintor contemporâneo, Decamps,[265] que possui no mais alto grau a arte de tornar interessante tudo quanto apresente a nossos olhos, seja uma pedra ou um homem. Nesse terreno, seu lápis é mais hábil que seu pincel. Desenhe ele um quarto vazio deixando uma vassoura encostada à parede, e, se ele quiser, estremecereis; acreditareis que essa vassoura acaba de ser instrumento dum crime e que está molhada de sangue; será a vassoura de que se serviu a viúva Bancal para varrer a sala onde Fualdès[266] foi degolado. Sim, o pintor desgrenhará a vassoura como um homem encolerizado, eriçará seus fios como se fossem vossos cabelos agitados; ele se fará intérprete entre a poesia secreta de sua imaginação e a poesia que se desenvolverá na vossa. Após ter-vos aterrorizado pelo aspecto dessa vassoura, amanhã desenhará outra, junto à qual um gato adormecido, mas misterioso em seu sono, vos afirmará que essa vassoura serve à esposa dum sapateiro alemão para se dirigir ao Broken.[267] Ou então, será alguma pacífica vassoura na qual se suspenderá o casaco dum funcionário do Tesouro. Decamps tem no pincel o que Paganini[268] possuía no arco, uma força magneticamente comunicativa. Pois bem, seria necessário dar ao estilo esse gênio surpreendente, esse chique do giz, para descrever o homem empertigado, magro e alto, vestido de preto, de longos cabelos negros, que permaneceu de pé sem nada dizer. Esse cavalheiro tinha um rosto em lâmina de faca, frio, ríspido, cuja tez se assemelhava às águas do Sena quando estão turvas e arrastam os detritos escuros de algum barco. Fitava o chão, escutava e julgava. Sua atitude assustava. Estava lá como a famosa vassoura a que Decamps deu o poder acusador de revelar um crime. Algumas vezes, durante a conferência, a marquesa tentou obter um conselho tácito, detendo por um momento os olhos nesse personagem; mas, por mais insistente que fosse a muda interrogação, ele se conservou grave e rijo como a estátua do Comendador.[269]

O bom Popinot, sentado à borda de sua cadeira, diante do fogo, com

o chapéu entre as pernas, observava os candelabros dourados, a amálgama, a pêndula, as curiosidades amontoadas sobre a lareira, enfim, todas aquelas belas ninharias caríssimas de que se cerca uma mulher da moda. Foi arrancado de sua contemplação burguesa pela sra. d'Espard, que lhe dizia, com sua voz suave:

— Senhor, devo-lhe um milhão de agradecimentos...

"Um milhão de agradecimentos", disse consigo o bom homem, "é demais, não há agradecimento algum."

— ... pelo trabalho que se dignou...

"Se dignou!", pensou ele. "Ela está zombando de mim."

— ... se dignou ter vindo visitar uma pobre suplicante, doente demais para poder sair...

Aqui, o juiz cortou a palavra à marquesa, lançando-lhe um olhar inquiridor, pelo qual examinou o estado de saúde da pobre suplicante. "Tem uma saúde formidável!", pensou.

— Minha senhora — respondeu ele, assumindo uma atitude respeitosa —, não me deve nada. Embora esta minha diligência não seja de hábito no Tribunal, não devemos poupar nada para chegar à descoberta da verdade nos casos desta natureza. Em tais questões, nossos julgamentos são ditados menos pelo texto da lei que pelas inspirações da nossa consciência. Que eu procure a verdade no meu gabinete ou aqui, desde que a encontre, tudo será bem-feito.

Enquanto Popinot falava, Rastignac apertava a mão a Bianchon e a marquesa fazia ao doutor uma pequena inclinação de cabeça cheia de amável indulgência.

— Quem é aquele senhor? — disse Bianchon ao ouvido de Rastignac, mostrando-lhe o homem de preto.

— O cavalheiro d'Espard, irmão do marquês.

— O senhor seu sobrinho me disse — respondeu a marquesa a Popinot — o quanto o senhor é atarefado, e também já sei que é suficientemente bondoso para ocultar um benefício a fim de dispensar seus favorecidos da gratidão. Parece que esse tribunal o fatiga extremamente. Por que não se duplica o número de juízes?

— Ah minha senhora, *não é aí que está a dificuldade* — disse Popinot —, embora isso não fosse nada mau. Mas só farão isso quando

as galinhas criarem dentes.

Ao ouvir essa frase, que se harmonizava tão bem com a fisionomia do juiz, o cavalheiro d'Espard mediu-o de alto a baixo e deu a impressão de pensar: "Vencê-lo-emos facilmente".

A marquesa olhou para Rastignac, que se inclinou para ela.

— Aí está — disse o elegante rapaz à marquesa — como são feitos os homens encarregados de se pronunciar sobre os interesses e a vida dos particulares.

Como a maioria dos homens envelhecidos numa profissão, Popinot se deixava voluntariamente arrastar pelos hábitos que nela havia contraído, e que eram, aliás, hábitos de pensamento. Sua palestra denunciava o juiz de instrução. Gostava de interrogar os interlocutores, apertá-los entre consequências inesperadas, a fazer-lhes dizer mais do que queriam. Pozzo di Borgo[270] divertia-se, segundo se diz, em surpreender os segredos de seus interlocutores, em enredá-los em suas ciladas diplomáticas; desenvolvia, assim, por um invencível costume, seu espírito impregnado de astúcia. Logo que Popinot mediu, por assim dizer, o terreno em que se encontrava, julgou necessário recorrer às sutilezas mais hábeis, mais bem disfarçadas e mais confusas em uso no Tribunal para descobrir a verdade. Bianchon conservava-se indiferente e severo como quem resolve sofrer um suplício silenciando suas dores; intimamente, porém, desejava que seu tio tivesse o poder de calcar sob os pés aquela mulher, como se pisa sobre uma víbora; comparação que lhe era inspirada pelo vestido longo, a atitude encurvada, o pescoço alongado, a cabeça pequena e os movimentos ondulantes da marquesa.

— Pois bem, senhor — disse a sra. d'Espard —, por maior que seja minha repugnância *em mostrar-me egoísta*, já sofro há bastante tempo para desejar que o senhor termine rapidamente. Terei logo uma solução favorável?

— Minha senhora, farei tudo quanto depender de mim para isso — disse Popinot, com uma expressão cheia de bonomia. — Ignora a causa que determinou a separação existente entre a senhora e o marquês d'Espard? — perguntou o juiz, fitando a marquesa.

— Sim, senhor — respondeu ela, tomando posição para começar um

discurso preparado. — No começo do ano de 1816, o sr. d'Espard, que, havia três meses, mudara completamente de humor, propôs que eu fosse morar perto de Briançon, numa de suas propriedades, sem a menor consideração para com minha saúde, que aquele clima teria arruinado, e sem levar em conta meus hábitos; recusei-me a acompanhá-lo. Minha recusa inspirou-lhe censuras tão infundadas que, a partir desse momento, passei a suspeitar da retidão de seu espírito. No dia seguinte, abandonou-me, deixando-me seu palácio, a livre disposição de meus rendimentos, e foi morar à rue de la Montagne-Sainte-Geneviève, levando em sua companhia meus dois filhos.

— Com licença, minha senhora — disse o juiz, interrompendo-a —, a quanto montavam esses rendimentos?

— Vinte e seis mil francos de renda — respondeu ela, num parêntese. — Consultei imediatamente o velho sr. Bordin para saber o que era preciso fazer — acrescentou. — Mas parece que são tantas as dificuldades para tirar a um pai o governo dos filhos que tive de me resignar a viver sozinha aos vinte e dois anos, idade em que muitas esposas jovens podem cometer tolices. O senhor, sem dúvida, leu meu requerimento; conhece os principais fatos sobre os quais me baseio para pedir a interdição do sr. d'Espard?

— A senhora — perguntou o juiz — fez todas as tentativas junto dele para obter os filhos?

— Sim, senhor. Mas foram todas inúteis. É muito cruel para uma mãe ser privada da afeição dos filhos, principalmente quando eles podem dar alegrias tão gratas a todas as mulheres.

— O mais velho deve ter dezesseis anos — disse o juiz.

— Quinze! — respondeu vivamente a marquesa.

Bianchon olhou para Rastignac. A sra. d'Espard mordeu os lábios.

— Por que a idade de meus filhos o interessa?

— Ah! minha senhora — disse o juiz, parecendo não dar atenção ao alcance de suas palavras —, um rapaz de quinze anos e seu irmão, certamente de treze, têm pernas e inteligência, poderiam vir visitá-la às escondidas; se não vêm, é porque obedecem ao pai e para obedecer-lhe a esse ponto é preciso que o estimem muito.

— Não o compreendo — disse a marquesa.

— A senhora talvez ignore — respondeu o juiz — que seu advogado pretende, em seu requerimento, que seus queridos filhos são muito infelizes na companhia do pai...

A sra. d’Espard disse com uma encantadora inocência:

— Não sei o que o advogado me fez dizer.

— Perdoe-me essas induções, mas a justiça pesa tudo — replicou Popinot. — O que lhe pergunto, minha senhora, é inspirado pelo desejo de bem conhecer o caso. Segundo a senhora diz, o sr. d’Espard a teria abandonado sob o pretexto mais frívolo. Em vez de ir para Briançon, para onde queria levá-la, ele ficou em Paris. Este ponto não está claro. Conhecia ele a sra. Jeanrenaud antes do casamento?

— Não, senhor — respondeu a marquesa, com certa contrariedade, apenas percebida por Rastignac e o conselheiro d’Espard.

Sentia-se ofendida por ser interrogada por esse juiz, quando o que pretendia era perverter seu julgamento; mas, como a atitude de Popinot continuava aparvalhada devido à preocupação, ela acabou por atribuir suas perguntas ao gênio *bisbilhoteiro* do bailio de Voltaire. [271]

— Meus pais — disse ela, continuando — casaram-me com a idade de dezesseis anos com o sr. d’Espard, cujo nome, fortuna e hábitos correspondiam ao que minha família exigia do homem que seria meu marido. O sr. d’Espard tinha então vinte e seis anos, era gentil-homem na acepção inglesa do termo; suas maneiras agradaram-me, ele parecia muito ambicioso e eu gosto dos ambiciosos — disse ela, olhando para Rastignac. — Se o sr. d’Espard não tivesse encontrado essa sra. Jeanrenaud, suas qualidades, sua cultura, seus conhecimentos o teriam elevado, segundo a opinião de seus amigos de então, ao governo. O rei Carlos x, então *Monsieur*,[272] o tinha em alta estima e o pariato, um cargo na Corte, um elevado posto, o esperava. Essa mulher transtornou-lhe a cabeça e destruiu o futuro de toda uma família.

— Quais eram, então, as opiniões religiosas do sr. d’Espard?

— Ele tinha — disse ela — e ainda tem grande devoção.

— Não acha que a sra. Jeanrenaud tenha agido sobre ele por meio do misticismo?

— Não, senhor.

— A senhora tem um belo palácio — disse bruscamente o juiz, retirando as mãos dos punhos e levantando-se para abrir as abas do casaco e aquecer-se. — Este gabinete é muito elegante, há cadeiras magníficas, seus aposentos são suntuosos. Morando aqui, a senhora deve lamentar-se, realmente, por ver seus filhos mal-instalados, malvestidos e malnutridos. Para uma mãe, não imagino nada mais horrível!

— Sim, senhor. Eu tinha tanta vontade de proporcionar algumas diversões a esses pobrezinhos, a quem o pai faz trabalhar de manhã à noite nessa deplorável obra sobre a China!

— A senhora dá belos bailes, eles aqui se divertiriam, mas talvez adquirissem o gosto da dissipação; contudo, seu pai podia mandá-los aqui umas duas vezes por inverno.

— Ele mos traz somente no dia primeiro do ano e no meu aniversário. Nesses dias, o sr. d'Espard me faz a fineza de jantar com eles em minha companhia.

— Essa conduta é muito singular — disse Popinot, assumindo a atitude dum homem convencido. — Tem visto essa sra. Jeanrenaud?

— Um dia, meu cunhado, que, por interesse pelo irmão...

— Ah! O senhor é irmão do sr. d'Espard? — disse o juiz, interrompendo a marquesa.

O cavalheiro inclinou-se sem dizer uma palavra.

— O sr. d'Espard, que tem acompanhado o caso, levou-me ao Oratório onde essa mulher vai rezar, pois é protestante. Eu a vi, ela não tem nada de atraente, parece a mulher dum açougueiro; é extremamente gorda, horrivelmente marcada pela varíola. Tem mãos e pés de homem, envesga os olhos, é um monstro, enfim.

— Inconcebível! — disse o juiz, parecendo o mais tolo de todos os juízes do reino. — E essa criatura mora perto daqui, na rue Verte, num palácio! Acabaram-se os burgueses!

— Um palácio onde seu filho tem feito despesas loucas.

— Minha senhora — disse o juiz —, moro no Faubourg Saint-Marceau, não conheço essa espécie de despesas. Que é que chama de despesas loucas?

— Ora — disse a marquesa —, uma cavalariça, cinco cavalos, três carruagens, uma caleça, um cupê e um cabriolé.

— Então isso fica muito salgado? — disse Popinot, admirado.

— Enormemente — disse Rastignac, interrompendo-o. — Uma vida assim exige para a cavalariça, para a manutenção das carruagens e o vestuário dos criados entre quinze e dezesseis mil francos.

— A senhora acha? — perguntou o juiz, com uma expressão de surpresa.

— Sim, no mínimo — respondeu a marquesa.

— E o mobiliário do palácio deve ter ficado *salgado* também?

— Mais de cem mil francos — respondeu a marquesa, que não pôde deixar de sorrir da vulgaridade do juiz.

— Os juízes, minha senhora — replicou o bom velho —, são muito incrédulos, são mesmo pagos para sê-lo, e eu o sou. O barão Jeanrenaud e sua mãe, nesse caso, teriam espoliado o sr. d'Espard duma maneira estranha. Têm uma cavalariça que, segundo a senhora, custaria dezesseis mil francos por ano. A mesa, os ordenados dos criados, as despesas grossas da casa deveriam subir ao dobro, o que exigiria cinquenta ou sessenta mil francos por ano. Acha que essa gente, antes tão pobre, possa ter tamanha fortuna? Um milhão dá apenas quarenta mil francos de renda.

— Meu senhor, o filho e a mãe colocaram o capital dado pelo sr. d'Espard em títulos, quando estes se achavam a sessenta ou oitenta. Creio que seus rendimentos devem subir a mais de sessenta mil francos. Além disso, o filho tem ótimos vencimentos.

— Se eles gastam sessenta mil francos — disse o juiz —, quanto gasta a senhora?

— Ora — respondeu a sra. d'Espard —, mais ou menos isso.

O cavalheiro fez um movimento, a marquesa corou, Bianchon olhou para Rastignac; mas o juiz assumiu uma expressão de bonomia que enganou a sra. d'Espard. O cavalheiro não participou da palestra, pois viu tudo perdido.

— Essa gente, minha senhora — disse Popinot —, pode ser intimada a comparecer perante o juiz extraordinário.

— Essa era a minha opinião — replicou a marquesa, encantada. —

Ameaçados pela polícia correcional, teriam entrado num acordo.

— Minha senhora — disse Popinot —, quando o sr. d'Espard a abandonou, não lhe deu uma procuração para gerir e administrar seus bens?

— Não compreendo a finalidade dessas perguntas — disse animadamente a marquesa. — Parece-me que, se o senhor tomasse em consideração a situação em que me coloca a demência de meu marido, deveria se ocupar dele, e não de mim.

— Minha senhora — disse o juiz —, chegaremos lá. Antes de confiar à senhora ou a outrem a administração dos bens do sr. d'Espard, se ele for interditado, o Tribunal precisará saber como tem a senhora administrado os seus. Se o sr. d'Espard lhe deu uma procuração, isso constitui um testemunho de confiança, e o Tribunal apreciará esse fato. A senhora recebeu uma procuração dele? A senhora podia ter comprado e vendido imóveis e colocado capitais?

— Não, senhor. Não é dos hábitos dos Blamont-Chauvry fazer comércio — disse ela, vivamente ferida em seu orgulho nobiliário e esquecendo seu caso. — Meus bens permanecem intatos e o sr. d'Espard não me deu procuração alguma.

O cavalheiro pôs a mão sobre os olhos para não mostrar a contrariedade que lhe causava a verificação da imprevidência da cunhada, que se matava por suas respostas. Popinot encaminhara-se diretamente ao fato, apesar dos rodeios do interrogatório.

— Esse senhor — disse o juiz, indicando o cavalheiro — está ligado à senhora por laços de parentesco? Podemos falar abertamente diante desses senhores?

— Fale — disse a marquesa, espantada dessa precaução.

— Pois bem, minha senhora, admito que não gaste mais de sessenta mil francos por ano e essa soma parecerá bem empregada a quem vê suas cavalariças, seu palácio, sua numerosa criadagem e o modo de vida duma casa cujo luxo me parece superior ao dos Jeanrenaud.

A marquesa fez um gesto de assentimento.

— Ora — continuou o juiz —, como a senhora tem apenas vinte e seis mil francos de renda, diga-se aqui entre nós, a senhora é bem capaz de ter uns cem mil francos de dívidas. O Tribunal terá, pois, o

direito de pensar que existe nos motivos que a levam a requerer a interdição do senhor seu marido um interesse pessoal, uma necessidade de saldar suas dívidas, se… é… que… as… tem. As solicitações que me foram feitas interessam-me muito por sua situação, examine-a bem, confesse-se. Ainda estaria em tempo, no caso de minhas suposições serem justas, de evitar o escândalo duma censura que estaria nas atribuições do Tribunal exprimir nas conclusões de sua sentença, se a senhora não tornar sua posição nítida e clara. Somos obrigados a examinar os motivos dos requerentes assim como a escutar a defesa do homem a interditar, a investigar se os requerentes não são guiados pela paixão, desencaminhados por ambições infelizmente muito comuns…

A marquesa sentia-se sobre brasas.

— … E preciso de explicações a esse respeito — dizia o juiz. — Minha senhora, não peço para fazermos cálculos, mas apenas quero saber como tem podido sustentar um padrão de vida de sessenta mil francos de renda, e isso há vários anos. Há muitas mulheres que realizam esse fenômeno em sua casa, mas a senhora não é dessas mulheres. Fale, é possível que tenha meios muito legítimos, favores reais, alguns recursos provenientes das indenizações recentemente concedidas; mas, neste caso, seria necessária uma autorização de seu marido para recebê-las.

A marquesa estava muda.

— Imagine — disse Popinot — que o sr. d’Espard possa querer defender-se, e seu advogado terá o direito de investigar se a senhora tem credores. Este gabinete foi mobiliado recentemente, seus aposentos não têm mais o mobiliário deixado em 1816 pelo senhor marquês. Se, como a senhora me deu a honra de dizer-me, os móveis são caros para os Jeanrenaud, ainda o são mais para a senhora, que é uma fidalga. Assim como sou juiz, também sou homem e posso enganar-me. Esclareça-me. Pense nos deveres que a lei me impõe, nas rigorosas investigações que ela exige quando se trata de declarar a interdição dum pai de família que se acha no vigor da idade. E, desculpe, senhora marquesa, as objeções que tenho a honra de submeter-lhe e sobre as quais lhe é fácil dar-me algumas explicações.

Quando um homem é interditado por demência, precisa de um curador; quem será o curador?

— Seu irmão — disse a marquesa.

O cavalheiro fez uma inclinação. Houve um momento de silêncio, que foi incômodo para as cinco pessoas presentes. Brincando, o juiz descobrira a chaga daquela mulher. O rosto burguesmente bonachão de Popinot, do qual a marquesa, o cavalheiro e Rastignac estavam inclinados a rir, adquirira a seus olhos a verdadeira expressão. Observando-o furtivamente, os três percebiam as mil significações daquela boca eloquente. O homem ridículo transformava-se num juiz perspicaz. Sua atenção em avaliar o gabinete explicava-se: partira do elefante dourado que sustentava a pêndula para indagar daquele luxo e acabava de ler no fundo do coração daquela mulher.

— Se o marquês d'Espard é louco pela China — disse Popinot, indicando o aparador da lareira —, alegro-me por ver que a senhora também gosta dos produtos desse país. Mas talvez seja ao senhor marquês que a senhora deve estas encantadoras chinesices — disse ele, indicando preciosos bibelôs.

Essa brincadeira de bom gosto fez Bianchon sorrir, petrificou Rastignac e a marquesa mordeu os lábios finos.

— Meu senhor — disse a sra. d'Espard —, em vez de defender uma mulher colocada na cruel alternativa de ver sua fortuna e seus filhos perdidos, ou de passar por inimiga do marido, o senhor me acusa! Desconfia de minhas intenções! Concorde comigo que sua conduta é estranha...

— Minha senhora — respondeu vivamente o juiz —, a circunspeção que o Tribunal impõe nos casos dessa natureza lhe teria dado, em qualquer outro juiz, um crítico talvez menos indulgente do que eu. Por outro lado, acha que o advogado do sr. d'Espard será muito complacente? Não irá ele deturpar intenções que talvez sejam puras e desinteressadas? Sua vida lhe pertencerá, ele a devassará sem empregar em suas investigações a respeitosa deferência que tenho pela senhora.

— Muito obrigada — respondeu ironicamente a marquesa. — Admitamos por um momento que eu deva trinta mil, cinquenta mil

francos. Isso, em primeiro lugar, seria uma bagatela para as casas d'Espard e de Blamont-Chauvry. Mas se meu marido não está mais no gozo de suas faculdades intelectuais, isso seria um obstáculo à sua interdição?

— Não, senhora— disse Popinot.

— Embora o senhor me tenha interrogado com um espírito ardiloso que eu não podia imaginar num juiz, numa circunstância em que bastaria a franqueza para informar-se de tudo — continuou ela — e que eu me sinta autorizada a não lhe dizer mais nada, responderei sem rodeios que minha situação na sociedade, que todos esses esforços para conservar boas relações estão em desacordo com meu temperamento. Comecei a vida permanecendo por muito tempo na solidão; mas o interesse de meus filhos falou mais alto e compreendi que devia substituir seu pai. Recebendo meus amigos, mantendo todas essas relações, contraindo dívidas, garanti seu futuro, preparei-lhes brilhantes carreiras onde eles encontrarão apoio; e, para obter o que eles assim adquiriram, muitos calculistas, magistrados ou banqueiros pagariam de bom grado tudo quanto isso me custou.

— Aprecio sua dedicação, minha senhora — respondeu o juiz. — Ela a dignifica e não censuro em nada sua conduta. O magistrado pertence a todos: deve conhecer tudo, precisa pesar tudo.

O tato da marquesa e seu hábito de julgar os homens convenceram-na de que o sr. Popinot não poderia ser influenciado por nenhuma consideração. Esperara encontrar algum magistrado ambicioso e encontrava um homem de consciência. Imaginou rapidamente outros meios para assegurar o êxito de seu caso. Os criados trouxeram chá.

— A senhora tem outras explicações a dar-me? — disse Popinot, ao ver esses preparativos. — Senhor — respondeu ela com altivez —, cumpra sua missão: interrogue o sr. d'Espard e tenho certeza de que depois me defenderá...

Ergueu a cabeça fitando Popinot com uma dignidade mesclada de insolência, e o velhote a cumprimentou respeitosamente.

— É bem gentil o teu tio! — disse Rastignac a Bianchon. — Será que não compreende nada, que não sabe quem é a marquesa d'Espard, que ignora sua influência e seu poder secreto na sociedade? Amanhã ela

terá em sua casa o ministro da Justiça...

— Que queres que eu faça, meu caro? — disse Bianchon. — Não te preveni? Esse não é um homem perdido.

— Não — disse Rastignac —, é um homem a perder.

O doutor foi obrigado a cumprimentar a marquesa e seu mudo cavalheiro para correr atrás de Popinot, que, como não era homem de se demorar numa situação incômoda, já atravessava apressadamente os salões.

— Essa mulher deve cem mil escudos — disse o juiz, ao subir no cabriolé do sobrinho.

— Que pensa do caso?

— Nunca dou opinião antes de ter examinado tudo — disse o juiz. — Amanhã bem cedo mandarei chamar a sra. Jeanrenaud a meu gabinete, às quatro horas, para pedir-lhe explicações sobre os fatos que lhe dizem respeito, pois ela está envolvida nisto.

— Eu gostaria de saber do desfecho da questão.

— Meu Deus! Não vês que a marquesa é o instrumento desse grande homem seco que não deu uma palavra? Há nele um pouco de Caim, mas do Caim que vai procurar sua arma no Tribunal, onde, infelizmente para ele, temos mais de uma espada de Sansão.[273]

— Ah! Rastignac — exclamou Bianchon —, que estás fazendo nessa galera?[274]

— Estamos habituados a ver essas pequenas conspirações nas famílias; não se passa um ano sem que haja julgamentos de improcedência sobre requerimentos de interdição. De acordo com os nossos costumes, não se fica desonrado por tentativas dessa natureza, e ao mesmo tempo mandamos para as galés um pobre-diabo por ter quebrado a vidraça que o separava duma gamela cheia de ouro. Nosso Código não é isento de falhas!

— Mas e os fatos expostos no requerimento?

— Meu rapaz, então ainda não conheces os romances judiciários que os clientes impingem aos seus solicitadores? Se estes se condenassem a só apresentar a verdade, não ganhariam nem os juros do valor do cargo.

No dia seguinte, às quatro horas da tarde, uma gorda senhora,

muito parecida com um tonel de vinho em que se tivesse posto um vestido e um cinto, suava e resfolegava ao subir a escada do juiz Popinot. Custara a sair dum landau verde que lhe ficava à maravilha; não se concebia a mulher sem o landau nem o landau sem a mulher.

— Sou eu, meu caro senhor — disse ela, apresentando-se à porta do gabinete do juiz —, a sra. Jeanrenaud, a quem o senhor mandou chamar sem mais nem menos como se fosse uma ladra. — Essas palavras vulgares foram pronunciadas num tom de voz natural, escondidas pelos sibilos forçados duma asma e terminadas por um acesso de tosse. — Não imagina quanto sofro ao passar por lugares úmidos. Com seu respeito, não viverei muito. Enfim, aqui estou. .

O juiz ficou pasmo com o aspecto dessa pretensa marechala d'Ancre.[275] A sra. Jeanrenaud tinha o rosto perfurado por uma infinidade de buracos, um rosto redondo como um bolo, pois na boa mulher tudo era arredondado. Tinha os olhos vivos duma camponesa, a expressão franca, a palavra jovial, cabelos castanhos presos por um falso gorro sob um chapéu verde enfeitado com um velho ramo de orelhas-de-urso. Seus seios volumosos excitavam o riso, inspirando receios duma grotesca explosão em cada acesso de tosse. As pernas grossas eram daquelas que fazem os moleques de Paris dizerem que uma mulher é construída sobre estacas. A viúva estava com um vestido verde guarnecido de chinchila, que lhe assentava como uma mancha de graxa num véu duma noiva. Tudo nela, enfim, estava de acordo com sua última frase: "Aqui estou".

— Há suspeitas — disse Popinot — de que a senhora tenha seduzido o sr. marquês d'Espard para obrigá-lo a dar-lhe somas consideráveis.

— De quê? De quê? — disse ela. — Sedução! Ora, o senhor é um homem respeitável e, além disso, como magistrado, deve ter bom-senso. Olhe para mim! Diga-me se sou mulher capaz de seduzir alguém. Não posso amarrar os cordões dos meus sapatos nem abaixar-me. Há uns vinte anos, graças a Deus, que não posso mais colocar espartilhos sob pena de morte violenta. Aos dezoito anos eu era franzina como um espargo, e bonita, posso dizê-lo hoje. Casei-me então com Jeanrenaud, um excelente homem, condutor de barcos de sal. Tive um filho, que é um belo rapaz; ele é a minha glória; e, sem

fazer pouco de mim, é a minha mais bela obra. Meu pequeno Jeanrenaud era um soldado entusiasta por Napoleão e o serviu na guarda imperial. Ah, a morte de meu marido, que pereceu afogado, revolucionou minha vida; tive a varíola, fiquei encerrada no quarto sem me mexer e saí de lá gorda como o senhor está vendo, feia para sempre e desgraçada como as pedras... São essas as minhas seduções!

— Mas, minha senhora, quais são então os motivos que levaram o sr. d'Espard a dar-lhe quantias...

— Imensas, senhor, diga logo a palavra. Mas, quanto aos motivos, não estou autorizada a declará-los.

— Faz mal. Sua família, justamente preocupada, está providenciando para persegui-lo...

— Deus do céu! — disse a boa senhora, levantando-se bruscamente. — Será possível que ele seja atormentado por minha causa? O rei dos homens, um homem que não tem igual! Antes que lhe aconteça o mínimo desgosto e, digo mesmo, antes que caia um simples fio de cabelo de sua cabeça, devolveremos tudo, sr. juiz. Escreva isso. Deus do céu! Vou correndo dizer a Jeanrenaud o que está sucedendo. Essa é boa!

E a velhota levantou-se, saiu, deslizou pela escada e desapareceu.

"Não está mentindo", disse o juiz consigo. "Amanhã saberei tudo, pois irei à casa do marquês d'Espard."

As pessoas que passaram da idade em que o homem gasta sua vida a torto e a direito conhecem a influência exercida sobre os maiores acontecimentos por atos aparentemente indiferentes e não se admirarão da importância que assumiu o insignificante fato seguinte. No outro dia Popinot apanhou uma coriza, doença sem perigo, conhecida sob o nome impróprio e ridículo de *constipação*. Incapaz de suspeitar da gravidade dum adiamento, o juiz, que sentiu um pouco de febre, ficou de cama e não foi interrogar o marquês d'Espard. Esse dia perdido foi, para este caso, o que foi para o Dia dos Logrados,[276] o caldo tomado por Maria de Médicis, que, retardando sua conferência com Luís xiii, permitiu a Richelieu chegar em primeiro lugar a Saint-Germain e apoderar-se de seu real prisioneiro. Antes de acompanhar o magistrado e seu escrivão à casa do marquês d'Espard, talvez seja

necessário lançar um olhar para a casa, a vida íntima e os negócios desse pai de família apresentado como louco no requerimento da esposa.

V – O LOUCO

Encontram-se num e noutro ponto, nos velhos bairros de Paris, várias construções nas quais o arqueólogo reconhece um certo desejo de ornar a cidade e esse amor da propriedade que leva a dar durabilidade às casas. A casa onde então morava o sr. d'Espard, rue de la Montagne-Sainte-Geneviève, era um desses antigos monumentos construídos de pedra de cantaria e a que não faltava certa riqueza de arquitetura; o tempo, porém, havia enegrecido a pedra e o progresso da cidade a havia alterado por dentro e por fora. Como os ilustres personagens que habitaram outrora o bairro da Universidade se haviam transferido com as grandes instituições eclesiásticas, essa moradia passara a abrigar indústrias e habitantes aos quais nunca fora destinada. No século passado, uma tipografia estragara o assoalho, escurecera o revestimento de madeira das paredes e desmanchara as principais disposições internas. Outrora o palácio dum cardeal, essa nobre casa estava atualmente entregue a obscuros locatários. O estilo de sua arquitetura indicava que fora construída durante os reinados de Henrique III, de Henrique iv e de Luís xiii, na época em que se construíram, nas proximidades, os palácios Mignon e Serpente, o palácio da princesa palatina e a Sorbonne. Um ancião recordava-se de ter ouvido chamá-la, no século passado, palácio Duperron. Parecia certo que esse ilustre cardeal a havia construído no centro da fachada interna. Apesar das depredações, o luxo dado pelo arquiteto às balaustradas e à tribuna das duas escadarias indica a ingênua intenção de recordar o nome do proprietário, espécie de trocadilho arquitetônico[277] que nossos ancestrais frequentemente se permitiam. Enfim, em apoio dessa prova, os arqueólogos podem ver nos dois tímpanos que adornam as duas fachadas principais alguns vestígios de cordões do chapéu romano. O marquês d'Espard ocupava o pavimento térreo, certamente a fim de desfrutar o jardim, que nesse

bairro podia ser considerado espaçoso e estava voltado para o sul, duas vantagens que a saúde dos filhos imperiosamente exigia. A situação da rua, cujo nome indica seu rápido declive, dava a esse pavimento térreo uma elevação bastante grande para evitar a umidade. O sr. d'Espard devia ter alugado seu apartamento por uma quantia muito módica, pois os aluguéis eram baratos na época em que ele foi para aquele bairro, a fim de ficar nas proximidades dos colégios e poder vigiar a educação dos filhos. Por outro lado, as condições em que recebeu aquele local, onde tudo precisava de reparos, devia, necessariamente, ter decidido o proprietário a mostrar-se muito condescendente. O sr. d'Espard pudera, pois, sem ser tachado de loucura, fazer algumas despesas para instalar-se convenientemente. A altura das peças, sua disposição, seus revestimentos de madeira de que apenas subsistiam as molduras, a boa disposição dos tetos, tudo respirava essa grandiosidade que o sacerdote imprimiu às coisas empreendidas ou criadas por ele e que os artistas encontram atualmente nos mais insignificantes fragmentos que dele restam, seja um livro, uma peça de roupa, uma face de armário de livros ou alguma poltrona. As pinturas que o marquês mandara fazer mostravam essas tonalidades escuras tão apreciadas pela Holanda, pela antiga burguesia parisiense e que atualmente fornecem belos motivos aos pintores de gênero. As almofadas da parede eram forradas de papel colado que se harmonizava com a pintura. As janelas tinham cortinas de fazenda barata, mas escolhida de maneira a harmonizar-se com o aspecto geral. Os móveis eram escassos e bem distribuídos. Quem entrasse nessa moradia não podia deixar de experimentar uma sensação agradável e repousante, inspirada pela calma profunda, pelo silêncio que lá reinava, pela modéstia e pela uniformidade da cor, no sentido que lhe dão os pintores. Uma certa nobreza nos detalhes, a rigorosa limpeza dos móveis, uma perfeita harmonia entre as coisas e as pessoas, tudo fazia brotar dos lábios a palavra *suave*. Poucas pessoas eram recebidas nesses apartamentos ocupados pelo marquês e seus filhos, cuja existência podia parecer misteriosa a toda a vizinhança. Na parte da casa que dá para a rua, no terceiro andar, havia três grandes quartos que permaneciam no estado de descalabro e de grotesca nudez em que

os deixara a tipografia. Essas três peças, destinadas aos trabalhos da *História pitoresca da China*, estavam dispostas de maneira a conter uma secretária, um depósito e um gabinete onde o sr. d'Espard permanecia uma parte do dia, pois, do almoço às quatro horas da tarde, o marquês ficava em seu gabinete, no terceiro andar, para cuidar da publicação que empreendera. As pessoas que iam visitá-lo o encontravam lá habitualmente. Muitas vezes, ao voltar das aulas, os filhos subiam àquele escritório.

O apartamento do pavimento térreo constituía, pois, um santuário onde o pai e os filhos ficavam desde o jantar até o dia seguinte. Sua vida familiar era, assim, cuidadosamente isolada. Tinha como criados apenas uma cozinheira velha que havia muito tempo se afeiçoara à casa e um criado de quarenta anos de idade, que o servia antes de seu casamento com a srta. de Blamont. A governanta dos filhos ficara com eles. Os minuciosos cuidados atestados pela arrumação do apartamento indicavam o espírito de ordem e amor maternal que essa mulher dedicava aos interesses do patrão no governo da casa e na direção dos filhos. Austeros e pouco comunicativos, os três criados pareciam ter compreendido o pensamento dominante da vida privada do marquês. Esse contraste entre seus hábitos e os da maioria dos criados constituía uma singularidade que dava à casa uma aparência de mistério e auxiliava muito a calúnia a que o próprio sr. d'Espard fornecia elementos. Louváveis motivos haviam-no levado a tomar a resolução de não fazer relações com nenhum dos locatários da casa. Tomando a seu cargo a educação dos filhos, desejava preservá-los de qualquer contato com estranhos. Talvez quisesse também evitar os aborrecimentos da vizinhança. Num homem de sua posição, numa época em que o liberalismo agitava particularmente o Quartier Latin, essa conduta devia excitar contra ele pequenas paixões, sentimentos cuja tolice só é comparável à sua baixeza e engendrados por falatórios de porteiros, comentários perversos repetidos de porta em porta, ignorados do sr. d'Espard e dos criados. Diziam que seu criado-grave era um jesuíta, sua criada uma sonsa e que a governanta se ligara à sra. Jeanrenaud para espoliar o louco. O louco era o marquês. Os locatários chegaram aos poucos a tachar de loucura uma porção de coisas

observadas na casa do sr. d'Espard e para as quais não encontravam motivos razoáveis ao passá-las pela peneira de sua apreciação. Confiando pouco no êxito de sua publicação sobre a China, acabaram persuadindo o proprietário da casa de que o sr. d'Espard estava sem dinheiro, justamente no dia em que, por um desses esquecimentos que muitas pessoas atarefadas cometem, deixara o cobrador dos impostos enviar-lhe uma intimação para pagar sua quota atrasada. O proprietário então reclamara, já a 1º de janeiro, seu aluguel, enviando um recibo que a porteira guardara por brincadeira. No dia 15, foi-lhe enviada uma notificação judicial e a porteira a entregara tardiamente ao sr. d'Espard, que tomou esse ato por um mal-entendido, pois não podia pensar em mau procedimento do homem em cuja casa morava havia doze anos. O marquês foi surpreendido por um oficial de justiça, enquanto seu criado fora à casa do proprietário levar o dinheiro do aluguel. Essa penhora, perversamente contada às pessoas com quem ele estava ligado por seu empreendimento, alarmara algumas delas, que começaram a duvidar da solvência do sr. d'Espard devido às quantias enormes que lhe haviam arrancado, segundo diziam, o barão Jeanrenaud e sua mãe.

As suspeitas dos locatários, dos credores e do proprietário eram, por outro lado, quase que justificadas pela rigorosa economia que o marquês fazia em suas despesas. Ele agia como um homem arruinado. Seus criados pagavam à vista, no bairro, as mais insignificantes compras e comportavam-se como quem não quer crédito: se tivessem pedido qualquer coisa sob palavra, talvez tivessem experimentado uma recusa, tal o crédito que os falatórios caluniosos haviam encontrado no bairro. Há comerciantes que estimam os fregueses que lhes pagam mal, desde que mantenham estreitas relações com eles, ao passo que odeiam excelentes fregueses que se mantêm num plano demasiado elevado para lhes permitirem intimidade, palavra vulgar, mas expressiva. Os homens são assim. Em quase todas as classes, concedem à camaradagem ou a almas vis que lhes lisonjeiam as fraquezas os favores que negam à superioridade que os ofende, qualquer que seja a maneira pela qual se revele. O vendeiro que grita contra a Corte tem seus cortesãos. Finalmente, as maneiras do marquês e dos filhos

tinham de gerar más disposições entre os vizinhos e levá-los aos poucos a um grau de perversidade em que as pessoas não recuam nem diante duma covardia, desde que ela prejudique o adversário que se criou. O sr. d'Espard era fidalgo, como sua esposa era uma ilustre dama; dois tipos magníficos, já tão raros na França que o observador pode contar nos dedos as pessoas que realizam uma harmonia tão completa. Esses dois personagens repousam sobre ideias primitivas, sobre crenças por assim dizer inatas, sobre hábitos adquiridos na infância e que não existem mais. Para acreditar no sangue puro, numa raça privilegiada, para se colocar em pensamento acima dos outros homens, não se necessita ter medido desde o nascimento o espaço que separa a aristocracia do povo? Para governar não é necessário nunca ter conhecido iguais? Não é preciso, enfim, que a educação inculque as ideias que a natureza inspira aos grandes homens em cuja fronte ela colocou uma coroa antes que sua mãe tenha podido depositar nela um beijo? Essas ideias e essa educação não são mais possíveis na França, onde, há quarenta anos, o acaso se arrogou o direito de fazer nobres, temperando-os no sangue das batalhas, dourando-os de glória, coroando-os com a auréola do gênio; onde a abolição das substituições e dos morgadios, fragmentando as heranças, força o nobre a ocupar-se de seus negócios em vez de se ocupar dos negócios do Estado e onde a grandeza pessoal não pode mais ser senão uma grandeza adquirida após longos e pacientes trabalhos: época inteiramente nova. Considerado como um remanescente dessa grande corporação denominada feudalismo, o sr. d'Espard merecia uma admiração respeitosa. Se se considerava superior, pelo sangue, aos outros homens, acreditava igualmente em todas as obrigações da nobreza; possuía as virtudes e a energia que ela exige. Educara os filhos nos seus princípios e lhes comunicara desde o berço a religião de sua casta. Um sentimento profundo de sua dignidade, o orgulho do nome, a convicção de que eram grandes por si mesmos geraram neles uma altivez régia, a coragem dos bravos e a bondade protetora dos castelões; suas maneiras, em harmonia com suas ideias e que pareceriam belas em príncipes, ofendiam toda a gente da rue de la Montagne-Sainte-Geneviève, lugar de igualdade, onde, por outro lado, se julgava o sr.

d'Espard arruinado e onde, do menor ao maior, todos recusavam os privilégios da nobreza a um nobre sem dinheiro, pela mesma razão pela qual todos concordam em que os burgueses enriquecidos os usurpem. Assim, o desentendimento entre essa família e o resto das pessoas existia tanto no moral como no físico.

Tanto no pai como nos filhos o exterior e a alma estavam em harmonia. O sr. d'Espard, então com cerca de cinquenta anos, poderia ter servido de modelo para representar a aristocracia nobiliária do século XIX. Era franzino e louro, seu rosto possuía na forma e na expressão essa distinção natural que anuncia sentimentos elevados; tinha, porém, o cunho duma calculada frieza que impunha um pouco o respeito. Seu nariz aquilino, torto na extremidade da esquerda para a direita, ligeiro desvio que não era destituído de certa graça; seus olhos azuis, sua testa ampla, bastante saliente nas sobrancelhas para formar um espesso cordão que interceptava a luz e sombreava os olhos, indicavam um espírito reto, suscetível de perseverança, uma grande lealdade, mas davam, ao mesmo tempo, uma expressão estranha à sua fisionomia. Esse arqueamento da fronte podia, realmente, fazer pensar num pouco de loucura, e suas sobrancelhas espessas e juntas acentuavam ainda mais essa aparente singularidade. Tinha as mãos brancas e bem cuidadas dos fidalgos, seus pés eram finos e altos. Sua palestra indecisa, não somente na pronúncia, que parecia a de um gago, mas também na expressão das ideias; seu pensamento e sua palavra produziam no espírito do ouvinte a impressão dum homem que vai e vem, que, para empregar uma palavra da linguagem familiar, esmiúça, mexe em tudo, se interrompe em seus gestos e não termina nada. Esse defeito, puramente exterior, contrastava com a decisão de sua boca enérgica, com a expressão resoluta de sua fisionomia. Sua marcha um pouco brusca combinava com sua maneira de falar. Essas singularidades contribuíam para ratificar sua pretensa loucura. Apesar da elegância, fazia com sua pessoa uma economia sistemática e usava durante três ou quatro anos a mesma sobrecasaca preta, escovada com extremo cuidado pelo criado. Quanto aos filhos, ambos eram bonitos e dotados dum encanto que não excluía uma expressão de desdém aristocrático. Tinham esse colorido intenso, essa limpidez no olhar,

essa transparência na carne que atestam hábitos puros, métodos no regime e regularidade no trabalho e nas diversões. Ambos possuíam cabelos pretos e olhos azuis e o nariz torto como o do pai; mas, certamente, fora a mãe que lhes transmitira essa dignidade do falar, do olhar e da atitude, hereditária nos Blamont-Chauvry. Sua voz pura como o cristal possuía o dom de comover e essa suavidade que exerce tanta sedução; tinham, enfim, a voz que uma mulher gostaria de ouvir após ter recebido a chama de seus olhares. Conservavam, sobretudo, a modéstia de sua altivez, uma recatada reserva, um *noli me tangere*, [278] que, mais tarde, poderia parecer intencional, tamanho era o desejo de conhecê-los que essa atitude inspirava. O mais velho, o conde Clemente de Nègrepelisse, completara os quinze anos. Abandonara havia dois anos a bela vestiazinha inglesa que ainda usava seu irmão, o visconde Camilo d'Espard. O conde, que havia cerca de seis meses não frequentava mais o Colégio Henrique iv, vestia-se como um rapaz entregue aos primeiros prazeres que a elegância proporciona. Seu pai não quisera fazê-lo estudar inutilmente um ano de filosofia, tratava de dar a seus conhecimentos uma certa correlação pelo estudo das matemáticas transcendentes. Ao mesmo tempo, o marquês ensinava-lhe as línguas orientais, o direito diplomático da Europa, a heráldica e a história nas grandes fontes, a história nas Constituições dos países, nos documentos autênticos, nas coleções de leis. Camilo começara recentemente a estudar retórica.

O dia em que Popinot resolveu interrogar o sr. d'Espard foi uma quinta-feira, dia de folga. Antes de seu pai se levantar, às nove horas, os dois irmãos brincavam no jardim. Clemente estava sendo atazanado pela insistência do irmão, que desejava ir ao tiro ao alvo pela primeira vez e lhe pedia que apoiasse seu pedido ao marquês. O visconde abusava um pouco de sua fraqueza e gostava de brigar frequentemente com o irmão. Ambos puseram-se, pois, a discutir e a lutar como colegiais. Correndo pelo jardim, um atrás do outro, fizeram tanto barulho que despertaram o pai, que chegou à janela sem que eles ouvissem graças ao ardor do combate. O marquês deliciou-se em contemplar os dois filhos, que se entrelaçavam como duas serpentes e mostravam os rostos animados pelo emprego de suas energias: seus

rostos estavam brancos e rosados, seus olhos lançavam faíscas, seus membros retorciam-se como cordas no fogo; caíam, levantavam-se, pegavam-se novamente como dois atletas num circo e davam ao pai uma dessas alegrias que recompensariam os mais rudes desgostos de uma vida agitada. Duas pessoas, uma no segundo e outra no primeiro andar da casa, olharam para o jardim e logo disseram que o velho louco se divertia fazendo os filhos brigarem. Várias cabeças apareceram em seguida nas janelas; o marquês as viu, disse uma palavra aos filhos, que imediatamente subiram à janela dele, saltaram para dentro do quarto, e Clemente obteve sem dificuldade a permissão que Camilo queria. Na casa toda só se falou na nova manifestação de loucura do marquês.

Quando Popinot chegou, ao meio-dia, acompanhado do escrivão, à porta onde perguntou pelo sr. d'Espard, a porteira o conduziu ao terceiro andar, contando-lhe que o sr. d'Espard, naquela manhã mesma, fizera os filhos brigarem e ria, como um monstro que era, ao ver o mais moço morder o mais velho até fazer sangrar e que, certamente, desejava que eles se matassem.

— E quer saber por quê? — acrescentou ela. — Nem ele o sabe.

Enquanto a porteira dizia ao juiz essa frase decisiva, chegaram ao patamar do terceiro andar, diante duma porta coberta de cartazes anunciando os fascículos sucessivos da *História pitoresca da China*. Aquele patamar lodoso, aquele corrimão imundo, aquela porta onde a tipografia deixara suas marcas, aquela janela estragada e os tetos onde os aprendizes se haviam divertido desenhando monstruosidades com a chama fumacenta das velas, os montes de papéis e de lixo acumulados nos cantos, de propósito ou por desleixo, todos os detalhes do quadro que se oferecia aos olhos condiziam tão precisamente com os fatos alegados pela marquesa que, a despeito de sua imparcialidade, o juiz não pôde evitar de acreditar neles.

— É aqui, senhores — disse a porteira. — Essa é a fábrica onde os chineses comem o suficiente para alimentar todo o bairro.

O escrivão olhou sorrindo para o juiz, e Popinot a custo conseguiu manter-se sério. Entraram ambos no primeiro quarto, onde se achava um velho que sem dúvida fazia simultaneamente o serviço de auxiliar de escritório, de caixeiro de loja e de caixa. Esse velho era o mestre

Jacques da China.[279] Longas prateleiras, onde estavam amontoados os fascículos publicados, guarneciam as paredes da peça. Ao fundo, um tabique de madeira e gradeado, internamente enfeitado de cortinas verdes, formava um gabinete. Uma gateira destinada aos recebimentos e pagamentos indicava que ali ficava a caixa.

— O sr. d'Espard? — disse Popinot, dirigindo-se a esse homem vestido com uma blusa cinzenta.

O caixeiro abriu a porta dum segundo quarto, onde o magistrado e o escrivão viram um venerável ancião, de cabeleira branca, vestido com simplicidade, condecorado com a cruz de São Luís, sentado diante de uma secretária e que interrompeu seu trabalho de comparar folhas coloridas para olhar para os recém-chegados. Essa peça era um escritório modesto, cheio de livros e de provas. Havia ali uma mesa de madeira preta, destinada, sem dúvida, ao trabalho de uma pessoa que no momento se achava ausente.

— O senhor é o marquês d'Espard? — perguntou Popinot.

— Não, senhor — respondeu o velho, levantando-se. — Que deseja dele? — acrescentou, aproximando-se e testemunhando por sua atitude maneiras nobres e hábitos devido à educação dum fidalgo.

— Desejaríamos falar-lhe de assuntos inteiramente pessoais — respondeu Popinot.

— D'Espard, aqui estão uns senhores que querem falar contigo — disse então esse personagem, entrando na última peça, onde o marquês se encontrava junto à lareira lendo os jornais.

Esse último gabinete tinha um tapete velho, as janelas eram guarnecidas de cortinas de tecido de cor cinza, e não havia ali mais que algumas cadeiras de acaju, duas poltronas, um arquivo, uma secretária do tipo Tronchin[280] e, sobre a lareira, uma pêndula ordinária e dois velhos candelabros. O ancião entrou na frente de Popinot e do escrivão e ofereceu-lhes duas cadeiras, como se fosse o dono da casa, e o sr. d'Espard deixou que ele o fizesse. Após os cumprimentos, durante os quais o juiz observou o suposto louco, o marquês perguntou naturalmente qual era o objeto da visita. Popinot olhou para o ancião e para o marquês com uma expressão significativa.

— Acho, senhor marquês — respondeu-lhe —, que a natureza de

minhas funções e a investigação que me traz aqui exigem que estejamos a sós, muito embora o espírito da lei admita que, nestes casos, os interrogatórios recebam uma espécie de publicidade doméstica. Sou juiz do tribunal de primeira instância do departamento do Sena e incumbido pelo senhor presidente de interrogá-lo sobre os fatos articulados num requerimento de interdição apresentado pela sra. marquesa d'Espard.

O ancião se retirou.

VI – O INTERROGATÓRIO

Quando o juiz e o acusado ficaram a sós, o escrivão fechou a porta, sentou-se sem cerimônia diante da secretária, onde espalhou seus papéis e se preparou para lavrar a ata. Popinot não cessara de observar o sr. d'Espard, examinando o efeito produzido sobre ele por essa declaração, tão cruel para um homem no gozo da razão. O marquês d'Espard, cujo rosto era ordinariamente pálido como os rostos das pessoas louras, tornou-se subitamente rubro de cólera; teve um ligeiro sobressalto, sentou-se, deixou o jornal sobre a lareira e baixou os olhos. Logo depois, recuperou a dignidade do fidalgo e olhou para o juiz, como se procurasse em sua fisionomia indícios de seu caráter.

— Como é que não fui avisado de tal requerimento? — perguntou-lhe.

— Senhor marquês, como as pessoas cuja interdição é requerida são consideradas destituídas do gozo da razão, a notificação do interrogatório é inútil. O dever do Tribunal consiste em verificar, antes de tudo, as alegações dos requerentes.

— Não há nada mais justo — respondeu o marquês. — Pois bem, senhor, queira indicar-me a maneira como me devo conduzir...

— Basta responder a minhas perguntas, sem omitir nenhum detalhe. Por mais delicadas que sejam as razões que o tenham levado a agir de maneira a dar à sra. d'Espard o pretexto para seu requerimento, fale sem receio. É desnecessário dizer-lhe que a magistratura conhece seus deveres e que, num caso destes, o mais rigoroso segredo...

— Senhor — disse o marquês, cujas feições denunciaram um sincero

pesar —, se de minhas explicações resultasse uma censura à conduta mantida pela sra. marquesa d'Espard, que resultaria disso?

— O Tribunal poderia exprimir uma repreensão nas razões de sua sentença.

— Essa repreensão é facultativa? Se eu combinasse com o senhor, antes de responder, que nada seria dito de ofensivo contra a sra. d'Espard no caso de seu relatório me ser favorável, o Tribunal tomaria meu pedido em consideração?

O juiz fitou o marquês, e ambos trocaram então pensamentos igualmente nobres.

— Noël — disse Popinot ao escrivão —, retire-se para outra peça. Se precisar de você, chamarei. Se, como sou levado a crer, há mal-entendidos neste caso, posso prometer-lhe, senhor, que, a pedido seu, o Tribunal agiria com cortesia — acrescentou ele, depois que o escrivão se retirou. — Há um primeiro fato alegado pela sra. d'Espard, o mais grave de todos, e sobre o qual peço que o senhor me esclareça — disse o juiz, depois duma pausa. — Trata-se da dissipação de sua fortuna em benefício duma sra. Jeanrenaud, viúva dum condutor de barcos, ou melhor, em benefício de seu filho, coronel, para quem o senhor teria arranjado uma colocação, por quem o senhor teria empenhado o prestígio que desfrutava junto ao rei, levando, finalmente, sua proteção a ponto de procurar conseguir-lhe um bom casamento. O requerimento faz pensar que essa prova de amizade ultrapassa em dedicação a todos os sentimentos, mesmo aqueles que a moral reprova...

Um súbito rubor animou o rosto e a fronte do marquês; brotaram-lhe, mesmo, lágrimas nos olhos e seus cílios ficaram molhados; depois, um justo orgulho dominou essa emotividade que, num homem, é considerada fraqueza.

— Realmente, senhor — respondeu o marquês com a voz alterada —, o senhor me deixa numa estranha perplexidade. Os motivos de minha conduta deviam morrer comigo... Para falar neles, tenho de descobrir feridas secretas, confiar-lhe a honra de minha família e, coisa delicada que o senhor saberá apreciar, falar de mim. Espero, senhor, que tudo fique em segredo entre nós. O senhor saberá encontrar nas fórmulas judiciárias um meio que permita redigir uma sentença sem

que nela constem minhas revelações…

— Tudo é possível, nesse sentido, senhor marquês.

— Algum tempo depois de meu casamento — continuou o sr. d'Espard — minha esposa fez tamanhas despesas que fui obrigado a recorrer a um empréstimo. Sabe qual foi a situação das famílias nobres durante a Revolução? Até então não me fora permitido ter um administrador nem um procurador. Atualmente todos os fidalgos são mais ou menos obrigados a tratar de seus próprios negócios. A maioria de meus títulos de propriedade fora trazida de Languedoc, da Provença ou do Condado para Paris, por meu pai, que temia, com toda a razão, as investigações que os títulos de família e isso que então chamavam de pergaminhos dos privilegiados acarretavam a seus portadores. Somos Nègrepelisse pelo nome. D'Espard é um título adquirido no reinado de Henrique iv, que nos doou os bens e os títulos da casa d'Espard, sob a condição de sobrepor às nossas armas o escudete dos d'Espard, antiga família do Béarn, aliada, pelas mulheres, à casa d'Albret: *esquartelado*; *o 1º e o 4º de ouro*, *com três palas de sable*; *o 2º e o 3º de blau*, *com duas patas de grifo de prata*, *unhadas de goles*, *passadas em aspas*; *e por divisa o famoso des partem leonis*.[281] Na época dessa aliança, perdemos Nègrepelisse, cidadezinha tão célebre nas guerras de religião como o foi meu ancestral que levava seu nome. O capitão de Nègrepelisse ficou arruinado pelo incêndio de seus bens, pois os protestantes não pouparam nenhum amigo de Montluc.[282] A Coroa foi injusta para com o sr. de Nègrepelisse, ele não obteve o bastão de marechal, nem um posto no governo, nem indenização; o rei Carlos ix, que o estimava, morreu sem ter podido recomendá-lo; Henrique iv auxiliou muito seu casamento com a srta. d'Espard e proporcionou-lhe o domínio dessa casa; mas todos os bens de Nègrepelisse já haviam passado para as mãos dos credores. Meu bisavô, o marquês d'Espard, ficou, como eu, à frente de seus negócios bastante moço devido à morte do pai, que, após ter dissipado a fortuna da esposa, não lhe deixou nada mais que propriedades transferidas da casa d'Espard, mas penhoradas. O jovem marquês d'Espard viu-se, pois, ainda mais embaraçado porque tinha um posto na Corte. Particularmente bem-visto por Luís xiv, a proteção do rei constituiu para ele um alvará de

fortuna. Neste ponto, senhor, foi lançada sobre nosso escudo uma nódoa ignorada, horrível, uma mancha de lama e de sangue, que estou empenhado em lavar. Descobri esse segredo nos títulos relativos à propriedade de Nègrepelisse e nos arquivos de correspondência.

Nesse momento solene, o marquês falava sem gaguejar e não lhe escapava nenhuma das repetições que lhe eram habituais; todos, aliás, já devem ter observado que as pessoas que, nas coisas ordinárias da vida, sofrem desses dois defeitos se desembaraçam deles quando uma intensa paixão anima suas palavras.

— Veio a revogação do Édito de Nantes[283] — continuou. — Talvez o senhor ignore que, para muitos favoritos, isso constituiu uma ocasião de fazer fortuna. Luís xiv deu aos grandes de sua Corte as terras confiscadas às famílias protestantes que não regularizaram sua situação pela venda de seus bens. Algumas pessoas favorecidas puseram-se, como então se dizia, à cata dos protestantes. Tenho provas de que a fortuna atual das duas famílias ducais se compõem de terras confiscadas a infelizes comerciantes. Não explicarei ao senhor, homem da Justiça, as manobras empregadas para armar ciladas aos refugiados que tinham grandes fortunas a levar, basta que o senhor saiba que a propriedade de Nègrepelisse, composta de vinte e duas freguesias e com prerrogativas de cidade, como a de Gravenges, que outrora nos pertencera, estavam nas mãos duma família protestante. Meu avô as obteve por doação feita por Luís xiv. Essa doação foi baseada em atos assinalados por uma terrível iniquidade. O proprietário dessas terras, julgando que pudesse voltar para a França, simulara uma venda e fora à Suíça encontrar-se com a família, que mandara para lá no primeiro momento. Queria, sem dúvida, aproveitar todos os prazos concedidos pelo decreto para regularizar seus negócios. Esse homem foi detido por ordem do governador, o fideicomissário declarou a verdade, o pobre comerciante foi enforcado e meu pai ficou com as duas propriedades. Eu preferia poder ignorar a parte que meu avô desempenhou nessa intriga, mas o governador era seu tio materno e desgraçadamente li uma carta pela qual ele lhe pedia que se dirigisse a Deodatus, nome convencionado entre os cortesãos para se referir ao rei. Há nessa carta, a propósito da vítima, um tom de brincadeira que me horrorizou.

Enfim, senhor, as quantias enviadas pela família refugiada para resgatar a vida do pobre homem foram retidas pelo governador, que nem assim salvou o comerciante.

O marquês d'Espard fez uma pausa, como se essas recordações ainda fossem muito penosas para ele.

— Esse desgraçado se chamava Jeanrenaud — continuou. — Esse nome basta para explicar-lhe minha conduta. Foi sempre com uma intensa dor que pensei na vergonha secreta que pesava sobre minha família. Essa fortuna permitiu a meu avô desposar uma Navarreins-Lansac,[284] herdeira dos bens desse ramo mais moço, muito mais rico então do que o ramo mais velho dos Navarreins. Meu pai tornou-se desde então um dos maiores proprietários do reino. Pôde assim desposar minha mãe, que era uma Grandlieu[285] do ramo mais moço. Embora mal adquiridos, esses bens nos foram singularmente proveitosos. Resolvido imediatamente a reparar o mal, escrevi à Suíça e não descansei enquanto não encontrei a pista dos herdeiros do protestante. Acabei por saber que os Jeanrenaud, arrastados à extrema miséria, haviam deixado Friburgo e tinham voltado a morar na França. Descobri, por fim, no sr. Jeanrenaud, simples tenente de cavalaria no tempo de Bonaparte, o herdeiro dessa infeliz família. A meus olhos, senhor, o direito dos Jeanrenaud era claro. Para que a prescrição se estabelecesse não era necessário que os detentores das terras pudessem ser impugnados? A que autoridade os refugiados se dirigiam? Seu tribunal estava lá em cima, senhor, ou melhor, o tribunal estava aqui — disse o marquês, batendo sobre o coração. — Não quis que meus filhos pudessem pensar de mim o que pensei de meu pai e de meus antepassados: quis legar-lhes uma herança e um brasão sem mácula, não quis que a nobreza fosse uma mentira, em minha pessoa. Afinal, politicamente falando, os emigrados que reclamam contra as confiscações revolucionárias têm direito de conservar ainda os bens que são fruto de confiscações obtidas criminosamente? Encontrei no sr. Jeanrenaud e em sua mãe uma probidade rude. Ao falar, pareciam recear que me estivessem espoliando. Apesar da minha insistência, não aceitaram mais que o valor que tinham as terras quando minha família as recebeu do rei. Esse preço foi combinado entre nós em um milhão e

cem mil francos, que me facultaram pagar aos poucos, de acordo com minha conveniência, sem juros. Para alcançar esse resultado, tive de me privar de meus rendimentos durante muito tempo. Nesse ponto, senhor, começa a perda de algumas ilusões que eu alimentava a respeito do caráter da sra. d'Espard. Quando lhe propus deixar Paris e ir para a província, onde, com a metade de seus rendimentos, poderíamos viver dignamente e assim completar mais depressa uma restituição de que lhe falei sem lhe citar a gravidade dos fatos, a sra. d'Espard chamou-me de louco. Descobri então o verdadeiro caráter de minha mulher. Ela teria aprovado sem escrúpulos o comportamento de meu avô e troçado dos huguenotes. Espantado de sua indiferença, de sua falta de afeição pelos filhos, que ela me entregava sem pesar, resolvi deixar-lhe sua fortuna, após ter saldado nossas dívidas comuns. Não seria ela quem haveria de pagar minhas tolices, disse-me. Como não dispunha de rendimentos suficientes para viver e prover a educação de meus filhos, decidi instruí-los pessoalmente e fazer deles homens de coração e cavalheiros. Empregando meus rendimentos em títulos públicos, pude saldar minha dívida muito mais rapidamente do que esperava, pois aproveitei oportunidades que aumentaram minhas rendas. Reservando quatro mil francos para mim e meus filhos, eu só poderia pagar vinte mil escudos por ano, o que exigiria quase dezoito anos para me libertar desse encargo, ao passo que recentemente saldei o milhão e cem mil francos que devia. Assim, tive a ventura de realizar essa restituição sem ter causado o menor prejuízo a meus filhos. Aí está, senhor, a razão dos pagamentos feitos à sra. Jeanrenaud e a seu filho.

— Quer dizer — perguntou o juiz, contendo a emoção que a narrativa lhe causara — que a senhora marquesa conhecia os motivos de seu afastamento?

— Sim, senhor.

Popinot deixou escapar um suspiro bastante expressivo, levantou-se bruscamente e abriu a porta do gabinete.

— Noël, pode ir embora — disse ao escrivão. — Senhor — continuou o juiz —, embora o que acaba de me dizer seja suficiente para esclarecer-me, desejaria ouvi-lo a respeito dos demais fatos alegados

no requerimento. O senhor, por exemplo, está metido num negócio comercial que foge aos hábitos dum nobre.

— Não podemos tratar deste assunto aqui — disse o marquês, convidando por um gesto o juiz a sair. — Nouvion — acrescentou, dirigindo-se ao ancião —, vou descer para minha casa, meus filhos voltarão logo e jantarás conosco.

— Senhor marquês — disse Popinot, à escada —, então este não é o seu apartamento?

— Não, senhor. Aluguei estas peças para instalar os escritórios desta empresa. Veja — acrescentou, mostrando-lhe um cartaz —, essa história é publicada por uma das mais respeitáveis livrarias de Paris, e não por mim.

O marquês fez o juiz entrar no pavimento térreo, dizendo-lhe:

— Este é o meu apartamento.

Popinot ficou naturalmente comovido pela poesia espontânea que se sentia sob aquele teto. O tempo estava magnífico, as janelas estavam abertas e a brisa do jardim espalhava pelo salão odores de plantas; os raios do sol alegravam e animavam os revestimentos de madeira um pouco escuros das paredes. Diante disso, Popinot concluiu que um louco seria muito pouco capaz de criar a suave harmonia que o surpreendia.

“É dum apartamento assim que preciso”, pensou. — Vai sair logo deste bairro? — perguntou-lhe em voz alta.

— Acho que sim — respondeu o marquês. — Mas esperarei que meu filho mais moço tenha terminado os estudos e que o caráter de ambos esteja inteiramente formado, antes de introduzi-los na sociedade e de levá-los para junto da mãe; além disso, após ter-lhes dado a sólida instrução que possuem, quero completá-la fazendo-os viajar pelas capitais da Europa, para que vejam homens e coisas e se habituem a falar as línguas que aprenderam. Eu não podia falar-lhe — acrescentou, fazendo o juiz sentar-se no salão — nessa publicação relativa à China diante dum velho amigo de minha família, o conde de Nouvion, que regressou da imigração sem dinheiro e com quem realizei esse negócio, menos por mim que por ele. Sem confiar-lhe os motivos de meu afastamento da sociedade, disse-lhe que estava arruinado como ele,

mas que ainda tinha dinheiro suficiente para empreender um negócio a que ele se poderia dedicar utilmente. Meu preceptor foi o abade Grozier,[286] que, mediante minha recomendação, Carlos x nomeou seu bibliotecário da biblioteca do Arsenal, que lhe foi presenteada quando ele era Monsieur.[287] O abade Grozier possuía profundos conhecimentos sobre a China, seus usos e costumes, e me fizera seu herdeiro numa idade em que é difícil que a gente não se fanatize pelo que aprende. Aos vinte e cinco anos eu sabia chinês e confesso que nunca pude evitar de ter uma admiração inflexível por esse povo, que conquistou seus conquistadores, cujos anais remontam incontestavelmente a uma época muito mais remota que a dos tempos mitológicos ou bíblicos, que por suas instituições imutáveis conservou a integridade de seu território, cujos monumentos são gigantescos, cuja administração é perfeita, onde as revoluções são impossíveis, que considerou o belo ideal um princípio infecundo de arte, que levou o luxo e a indústria a tão alto grau que não podemos sobrepujá-lo em nenhum ponto, ao mesmo tempo que se iguala a nós naquilo em que nos consideramos superiores. Mas, senhor, se frequentemente me acontece gracejar comparando à China a situação das nações europeias, isso não quer dizer que eu seja chinês; sou um fidalgo francês. Se o senhor tiver dúvidas sobre a situação financeira desta empresa, poderei provar-lhe que temos dois mil e quinhentos subscritores desse monumento literário, iconográfico, estatístico e religioso, cuja importância tem sido apreciada em toda a parte; nossos subscritores pertencem a todas as nações da Europa, temos apenas mil e duzentos na França. Nossa obra custará cerca de trezentos francos, e o conde de Nouvion ganhará com ela seis a sete mil francos de renda, pois seu bem-estar foi o móvel secreto desta empresa. Para mim, ela representará a possibilidade de dar alguns prazeres a meus filhos. Os cem mil francos que ganhei nela, mesmo contra a minha vontade, pagarão suas lições de armas, seus cavalos, seus vestuários, seus espetáculos, seus professores de boas maneiras, as telas que enlambuzam, os livros que desejam comprar, enfim, todas essas pequenas fantasias que os pais têm tanto prazer em satisfazer. Se eu tivesse necessidade de recusar esses prazeres a meus filhos, tão dignos,

tão corajosos no estudo, o sacrifício que estou fazendo a nosso nome me teria sido duplamente penoso. Na verdade, senhor, os doze anos durante os quais tenho estado afastado da sociedade para educar meus filhos acarretaram-me o mais completo esquecimento na Corte. Abandonei a carreira política, perdi toda minha carreira histórica, uma honraria a mais que podia legar a meus filhos, mas nossa casa não sofrerá o mínimo prejuízo e meus filhos serão homens eminentes. Se não obtive o pariato, eles o conquistarão nobremente, consagrando-se aos negócios de seu país, e lhe prestarão serviços inesquecíveis. Ao mesmo tempo que purifiquei o passado de nossa casa, assegurei-lhes um glorioso futuro; não representa isso uma bela tarefa, apesar de secreta e sem glória? Ainda tem algum esclarecimento a pedir-me?

Nesse momento veio do pátio o ruído de vários cavalos.

— Aí estão eles — disse o marquês.

Logo depois, os dois meninos, cujo trajar era ao mesmo tempo elegante e simples, entraram no salão, de botas, esporas e luvas, agitando alegremente os chicotes. Seus rostos corados traduziam o viço da vida ao ar livre, estavam resplandecentes de saúde. Ambos apertaram a mão do pai, trocaram com ele, como entre amigos, um olhar cheio de muda ternura e cumprimentaram friamente o juiz. Popinot considerou completamente desnecessário interrogar o marquês sobre suas relações com os filhos.

— Divertiram-se bastante? — perguntou-lhes o marquês.

— Sim, meu pai. Na primeira vez que atirei, abati seis alvos em doze tiros! — disse Camilo.

— Onde foram passear?

— No bosque, onde vimos nossa mãe.

— Ela falou com vocês?

— Íamos tão depressa que com certeza nem nos viu — respondeu o jovem conde.

— Mas então por que não foram falar com ela?

— Acho que ela não gosta de ser abordada por nós em público, meu pai — disse Clemente em voz baixa. — Já estamos muito grandes.

O juiz tinha o ouvido bastante apurado para ouvir essa frase, que enuviou a fronte do marquês. Popinot sentiu prazer em ver o

espetáculo que lhe ofereciam o pai e os filhos. Seus olhos, cheios de enternecimento, detinham-se sobre o rosto do sr. d'Espard, cujas feições, atitudes e maneiras lhe apareciam como um símbolo da probidade sob sua mais bela forma, a probidade inteligente e cavalheiresca, a nobreza em todo seu esplendor.

— Como, como vê, senhor — disse o marquês, readquirindo a gagueira —, como vê, a Justiça, a Justiça pode entrar aqui, aqui, a qualquer hora; sim, a qualquer hora aqui. Se há loucos, se há loucos, esses só podem ser os filhos, que são um pouco loucos pelo pai; e o pai, que é muito louco pelos filhos; mas é uma loucura de bom quilate.

Nesse momento, fez-se ouvir na antecâmara a voz da sra. Jeanrenaud, e a boa mulher entrou no salão a despeito das observações do criado.

— Não ando com rodeios! — gritava ela. — Sim, senhor marquês — disse ela, cumprimentando a todos —, preciso falar com o senhor agora mesmo. Que diabo! Cheguei um pouco tarde, pois já está aqui o sr. juiz criminal.

— Criminal! — repetiram os dois filhos.

— Há razão de sobra para que eu não o tenha encontrado em casa, pois o senhor está aqui. Pois é! A Justiça sempre aparece quando se trata de fazer o mal. Vim dizer-lhe, senhor marquês, que combinei com meu filho devolver-lhe tudo, pois nossa honra está ameaçada. Meu filho e eu preferimos restituir-lhe tudo a causar-lhe o mínimo desgosto. É preciso mesmo ser muito estúpido para querer interditá-lo...

— Interditar nosso pai? — exclamaram os dois filhos, encostando-se ao marquês. — Que é que há?

— Xi, senhora! — disse Popinot.

— Deixem-nos a sós, meus filhos — disse o marquês.

Os dois meninos foram para o jardim, sem fazer a menor observação, mas muito preocupados.

— Minha senhora — disse o juiz —, as quantias que o senhor marquês lhe entregou são legitimamente devidas, embora lhe tenham sido dadas em virtude dum princípio de excepcional probidade. Se os que possuem bens confiscados duma ou doutra maneira, mesmo por manobras pérfidas, estivessem, cinquenta anos mais tarde, obrigados a

restituições, poucas propriedades legítimas seriam encontradas na França. Os bens de Jacques Coeur[288] enriqueceram vinte famílias nobres, as confiscações abusivas decretadas pelos ingleses em benefício de seus partidários, quando o inglês possuía metade da França, fizeram a fortuna de várias casas principescas. Nossa legislação permite que o senhor marquês disponha de seus rendimentos a título gratuito sem que ele possa ser acusado de dissipação. A interdição dum homem se baseia na completa ausência de razão em seus atos; mas, aqui, a causa dos pagamentos que lhe foram feitos reside nos motivos mais sagrados e mais respeitáveis. Assim, pode ficar com tudo sem remorso e deixar que o mundo interprete mal essa bela ação. Em Paris, a mais pura virtude é alvo das mais sórdidas calúnias. É uma desgraça que as condições atuais de nossa sociedade façam parecer sublime a conduta do senhor marquês. Para honra de nossa pátria, eu desejaria que semelhantes atos fossem considerados naturais; mas nossos costumes chegaram a tal ponto que sou forçado, por comparação, a considerar o sr. d'Espard como um homem a quem se deveria conferir uma coroa em vez de ameaçá-lo dum processo de interdição. Durante todo o curso de uma longa vida judiciária, nunca vi nem ouvi nada que me tenha comovido mais do que o que acabo de ver e ouvir. Mas não há nada de extraordinário em encontrar a virtude sob sua mais bela forma, uma vez que é praticada por homens que pertencem à classe mais elevada. Após ter-me manifestado dessa maneira, espero, senhor marquês, que fique certo de meu silêncio e que não tenha a mínima preocupação sobre o julgamento, se chegar a haver julgamento.

— Muito bem, já não é sem tempo — disse a sra. Jeanrenaud. — Isso é que é juiz! Olhe, meu caro senhor, eu o beijaria se não fosse tão feia. O senhor fala como um livro.

O marquês estendeu a mão a Popinot e este bateu docemente com a sua na do marquês, dirigindo a esse grande homem da vida privada um olhar cheio de harmonias penetrantes, que o marquês correspondeu com um amável sorriso. Esses dois espíritos tão perfeitos, tão ricos, um burguês e divino, o outro nobre e sublime, vibraram em uníssono suavemente, sem choque, sem explosão de paixão, como se fossem duas luzes puras que se fundissem. O pai dum bairro inteiro se sentia

digno de estreitar a mão daquele homem duas vezes nobre, e o marquês experimentava no íntimo do coração uma emoção que o advertia de que a mão do juiz era uma daquelas de onde saem incessantemente tesouros duma inesgotável bondade.

— Senhor marquês — acrescentou Popinot, cumprimentando-o —, sinto-me feliz em dizer-lhe que desde as primeiras palavras de meu interrogatório considerei inútil a presença de meu escrivão.

Depois, aproximou-se do marquês, levou-o para o vão duma janela e disse-lhe:

— Já é tempo de voltar para casa. Acho que neste caso a senhora marquesa sofreu influências que o senhor deve começar a combater desde já.

Popinot saiu, voltou-se várias vezes no pátio e na rua, comovido pela recordação do episódio, que constituiu uma dessas impressões que se implantam na memória para ali reflorir nas horas em que a alma procura consolar-se.

"Aquele apartamento me serviria muito bem", pensou, ao entrar em casa.

No dia seguinte, pelas dez horas da manhã, Popinot, que redigira na véspera seu relatório, dirigiu-se ao Tribunal com a intenção de fazer rápida e boa justiça. Ao entrar no vestiário para vestir a toga e pôr o cabeção de juiz, o contínuo disse-lhe que o presidente do Tribunal lhe pedia que passasse por seu gabinete, onde o esperava. Popinot dirigiu-se imediatamente para lá.

— Bom dia, meu caro Popinot — disse-lhe o magistrado, levando-o para o vão duma janela.

— Senhor presidente, trata-se dum caso sério?

— Uma insignificância — disse o presidente. — O ministro da Justiça, com quem tive a honra de jantar ontem, chamou-me à parte. Ele soube que o senhor foi tomar chá na casa da sra. d'Espard, de cujo caso fora incumbido. Deu-me a entender que seria conveniente que o senhor não funcionasse nessa causa.

— Ah, senhor presidente, posso afirmar-lhe que saí da casa da sra. d'Espard no momento em que o chá foi servido; além disso, minha consciência...

— Sim, sim — disse o presidente —, o Tribunal inteiro, a Corte, todo o pessoal da Justiça o conhece. Não lhe repetirei o que disse do senhor a S. Exa; mas o senhor sabe: *a esposa de César não deve ser suspeitada*.[289] Assim, não vamos fazer dessa ninharia um caso de disciplina, mas uma questão de conveniência. Aqui entre nós, trata-se menos do senhor que do Tribunal.

— Mas, senhor presidente, se o senhor soubesse a natureza... — disse o juiz, ensaiando tirar o relatório do bolso.

— Estou persuadido de antemão de que o senhor agiu com a mais rigorosa independência nesse caso. Eu mesmo, na província, quando simples juiz, muitas vezes tomei mais que uma taça de chá com pessoas que eu devia julgar; mas basta que o ministro da Justiça tenha falado nisso, que se possa falar do senhor, para que o Tribunal evite uma discussão a esse respeito. Qualquer conflito com a opinião pública é sempre perigoso para uma corporação constituída, mesmo quando esta tenha razão sobre aquela, porque as armas não são iguais. O jornalismo pode dizer tudo, imaginar tudo; e nossa dignidade nos proíbe tudo, mesmo a resposta. Além disso, já conferenciei com seu presidente, e o sr. Camusot[290] acaba de ser designado para preencher a vaga resultante da dispensa que o senhor vai solicitar. É uma coisa arranjada em família. Peço-lhe, finalmente, sua recusa como um serviço pessoal; em troca disso, receberá a cruz da Legião de Honra, que lhe é devida há tanto tempo. Eu mesmo me encarregarei disso.

Ao ver o sr. Camusot, um juiz recentemente chamado dum Tribunal do interior para o de Paris e que entrou cumprimentando o juiz e o presidente, Popinot não pôde conter um sorriso irônico. Esse rapaz louro e pálido, cheio de secreta ambição, parecia disposto a enforcar e a absolver, ao sabor dos reis da terra, tanto os inocentes como os culpados, e a seguir o exemplo dos Laubardemont[291] em vez do dos Molé.[292] Popinot retirou-se cumprimentando o juiz e não se dignou revelar a mentirosa acusação levantada contra ele.

Paris, fevereiro de 1836.

O CONTRATO
DE CASAMENTO

TRADUÇÃO DE **GOMES DA SILVEIRA**

INTRODUÇÃO

O contrato de casamento (em francês: *Le contrat de mariage*), escrito em 1835, saiu primeiro com o título de *La Fleur-des-Pois*. A respeito desta novela assim se exprimiu Balzac numa carta à irmã:

> Penso ter conseguido fazer o que quis. A cena do contrato, por si só, faz compreender o que será o futuro dos dois esposos. Encontrarás aí uma cena que julgo profundamente cômica, o combate do jovem e do velho notariado. Consegui interessar o leitor pela discussão desse ato, assim como ela se verificou. Eis uma das grandes cenas da vida privada escrita... O cômico de tudo isto não pode ser apanhado senão pelos homens de negócios; o público não gostará desta obra, mas é preciso cativar todas as classes e meu plano me obriga a ser universal.

Mais uma vez o escritor julgou bem da sua obra. O que há de mais precioso nesta narração da "grande comédia que precede toda a vida conjugal" é exatamente o duelo entre os dois tabeliães, o velho e o moço, com suas sucessivas reviravoltas, e no qual a vitória passa repetidas vezes de um lado para o outro. Duelo vão, aliás, pois todo o resultado obtido pelo tabelião vencedor é inutilizado depois, no decorrer do casamento, pela inexperiência de seu cliente.

Como tantas outras novelas de Balzac, *A interdição*, *O coronel Chabert*, *Gaudissart* etc., esta é também, essencialmente, a história de um combate. Os combates cotidianos da sociedade capitalista, surgidos em torno de uma herança, de um casamento, de uma transação comercial, não são, aos olhos de Balzac, menos exasperados nem menos cruéis que as batalhas sangrentas da História. Eis por que ele fala nas fases preparatórias do casamento como nas escaramuças de

uma longa e fatigante guerra; para relatá-las "é necessário fixar as forças de cada partido, a situação dos corpos beligerantes e o terreno sobre o qual devem manobrar".

Se há imperfeições na novela, essas não provêm do caráter técnico da mesma, mas sim de um erro de tática literária do escritor, que desde a primeira página teima em apontar o desfecho. Em vez de desenvolver os caracteres numa série de ações, Balzac os apresenta já prontos, descrevendo-os amiúde, explicando-os e fazendo prever-lhes as reações. Esse método, apesar da perfeição da análise, não nos satisfaz inteiramente.

Outro defeito da novela se acusa apenas aos olhos dos leitores de toda *A comédia humana*, pois consiste numa contradição entre a tese de *O contrato de casamento* e várias outras obras do autor. Já vimos Balzac ilustrar a tese de que o amor e o casamento são incompatíveis, mas sempre ele se mostrava defensor do chamado casamento de razão. Aqui, de repente, parece que se volta contra a própria instituição do matrimônio, pois as advertências de de Marsay a Paulo de Manerville contra o casamento deste são anteriores à escolha de uma pessoa por parte de Paulo; dirigem-se contra o matrimônio em geral. Assim, o drama de Paulo parece uma consequência direta do pouco-caso que ele fez das advertências do amigo, um verdadeiro castigo infligido ao homem que teve a ousadia de se casar. Fica-se com a impressão de que o único gênero de casamento que Balzac admite é aquele pelo qual o próprio de Marsay acaba decidindo-se com absoluto cinismo: uma união sem amor e sem estima, com o fim único de obter dinheiro facilmente e resguardar a própria liberdade.

Tudo isso vale dizer que à *Comédia humana* não se deve pedir uma completa teoria sociológica, nem um sistema filosófico. Isto posto, poderemos admirar sem reservas a arte com que Balzac soube fazer da discussão do contrato de casamento o centro de toda a ação. A figura do tabelião, sempre de um cômico convencional, já era conhecida dos leitores franceses; fugindo inteiramente ao modelo, Balzac nos apresenta dois representantes dessa profissão, ao mesmo tempo individualidades fortes e tipos bem nítidos de duas espécies diferentes de tabeliães.

Os retratos de Paulo de Manerville, homem sentimental e leal, cuja boa-fé beira a fraqueza, e da sra. Evangelista, esse “Mascarille em saias”, são pintados com mão de mestre; o de de Marsay, que apenas aparece um instante no começo da novela, delineia-se completo em sua grande carta a Paulo de Manerville de força não inferior às explicações de Vautrin em *O pai Goriot*. Note-se a esse respeito a frequência com que Balzac usa cartas em seus romances; são estas, efetivamente, um método cômodo para caracterizar sem fazer agir, e o meio mais “realista” para introduzir, sem quebrar a verossimilhança, reviravoltas, golpes inesperados. O recurso é utilizado de maneira magistral em *O contrato de casamento*, reforçado ainda pelo contraste entre a carta de Marsay e a de Natália, e, por outra parte, entre a realidade revelada por de Marsay e a felicidade sonhada de Paulo.

Sem ouvir sequer as confidências prometidas por de Marsay, “que nos fariam marchar sobre a humanidade como sobre um tapete”, fechamos a novela com um sentimento igual ao que tivemos depois de *O pai Goriot*, *O coronel Chabert*, *A interdição*, espantados com a multidão de crimes que se cometem à margem do Código no mundo de Balzac, isto é, em nosso mundo. O balzacólogo Pierre Citron — no Prefácio da edição Garnier-Flammarion, 1966 — chamou a atenção sobre o que há de essencialmente trágico nesta novela que se anunciava cômica: “Estamos em pleno jangal. O casamento, nessa sociedade, é uma caça ao dinheiro; a filha é um engodo; o contrato, uma armadilha; e somente no momento em que seu destino está irreversivelmente selado é que o homem se dá conta, afinal, de que a sogra era o caçador, e ele, a caça. Drama verdadeiro, ao nível do chão, sem fato-do-dia, sem herói aparente, e que traz uma máscara cômica que nem a vida”. A mesma impressão da inutilidade das leis e da incorrigibilidade dos vícios sociais já deve ter golpeado a sra. Zulma Carraud, a fiel amiga de Balzac, que viu com tristeza o idealismo do amigo soçobrar ante o espetáculo da chamada vida social e ceder o lugar a um niilismo espirituoso:

> O *Fleur-des-Pois*, obra de talento, apertou-me o coração; em vão procurei nela algo de você. Meu velho amigo, você agora tem demasiado espírito para mim, a vibração harmoniosa entre você e mim está interrompida: o *Fleur-des-Pois*, que

lhe deve ter granjeado imensos elogios, me fez mal. Oh, o meu *Romeiral!* Você então tinha menos espírito...

paulo rónai

O CONTRATO DE CASAMENTO

DEDICADO A G. ROSSINI[293]

I – O PRÓ E O CONTRA

O sr. de Manerville pai era um bom fidalgo normando muito conhecido do marechal de Richelieu,[294] que lhe fez desposar uma das mais ricas herdeiras de Bordeaux na época em que o velho duque lá esteve imperando na qualidade de governador da Guiana. O normando vendeu as terras que possuía em Bessin e se fez gascão, seduzido pela beleza do castelo de Lanstrac, deliciosa vivenda que pertencia à sua esposa. Nos últimos dias de reinado de Luís xv, ele comprou o cargo de major dos Guardas da Porta e viveu até 1813, após ter atravessado, com grande felicidade, a Revolução. Eis como isso aconteceu. Lá pelo fim do ano de 1790, ele foi à Martinica, onde sua esposa tinha interesses e confiou a gestão de seus bens na Gasconha a um honesto ajudante de tabelião, chamado Mathias, que então se inclinava para as ideias novas. Em seu regresso, o conde de Manerville encontrou suas propriedades intatas e proveitosamente administradas. Essa habilidade era um fruto produzido pelo enxerto do gascão no normando.[295] A sra. de Manerville morreu em 1810. Instruído sobre a importância do dinheiro pelas dissipações de sua juventude e, como muitos velhos, dando aos interesses materiais um lugar superior ao que realmente têm na vida, o sr. de Manerville tornou-se progressivamente econômico, mesquinho e

avarento. Sem suspeitar que a avareza dos pais prepara a prodigalidade dos filhos, não deu quase nada a seu filho, embora fosse filho único.

Paulo de Manerville, que no fim do ano de 1810 voltou do colégio de Vendôme,[296] permaneceu sob o domínio paterno durante três anos. A tirania exercida sobre o herdeiro por um ancião de setenta e nove anos influiu necessariamente sobre um coração e um caráter que ainda não estavam formados. Sem que lhe faltasse essa coragem física que parece andar espalhada pela atmosfera da Gasconha, Paulo não ousou lutar contra seu pai e perdeu essa faculdade de resistência fornecida pela coragem moral. Seus sentimentos recalcados penetraram profundamente em seu coração, onde ele os conservou por muito tempo sem os exprimir; e mais tarde, ao vê-los em desacordo com as máximas do mundo, foi levado a pensar bem e agir mal. Era capaz de bater-se por causa duma palavra e tremia à ideia de despedir um criado, pois tornava-se tímido nos combates que exigem uma vontade constante. Capaz de grandes coisas para fugir à perseguição, não teria ânimo para preveni-la por uma oposição sistemática nem para enfrentá-la por um contínuo desenvolvimento de suas forças. Covarde em pensamento, audacioso em ações, conservou por muito tempo a secreta candidez que faz do homem a vítima e o joguete voluntário de coisas contra as quais certas almas hesitam em insurgir-se, preferindo suportá-las a queixar-se delas. Vivia encarcerado no velho palácio do pai, pois não tinha dinheiro suficiente para gastar com os rapazes da cidade, invejava suas diversões sem poder participar delas. O velho fidalgo o levava todas as noites numa velha carruagem puxada por dois velhos cavalos mal atrelados, acompanhado de seus velhos lacaios malvestidos, a uma sociedade realista composta dos restos da nobreza parlamentar e da nobreza militar. Reunidas depois da Revolução para resistir à influência imperial, essas duas nobrezas se haviam transformado numa aristocracia territorial. Esmagado pelas grandes e movediças fortunas das cidades marítimas, esse Faubourg Saint-Germain de Bordeaux respondia com o desdém ao fausto que ostentavam então o comércio, as administrações e os militares. Demasiado jovem para compreender as distinções sociais e as necessidades ocultas sob a aparente vaidade que elas criam, Paulo

entediava-se no meio dessas antiguidades, ignorando que mais tarde suas relações da juventude lhe assegurariam essa proeminência aristocrática de que a França sempre há de gostar. Encontrava leves compensações à insipidez desses serões em alguns exercícios agradáveis aos jovens, que seu pai lhe impunha. Para o velho fidalgo, saber manejar as armas, ser excelente cavaleiro, jogar a pela, adquirir boas maneiras, isto é, a frívola instrução dos senhores de outrora bastava à formação dum rapaz. Todas as manhãs, pois, Paulo exercitava-se na esgrima, comparecia ao picadeiro, atirava de pistola. O resto do tempo, ele o empregava em ler romances, pois o pai não admitia os estudos transcendentes com que atualmente se completa a educação. Tão monótona existência teria morto o rapaz, se a morte do pai não o tivesse libertado dessa tirania no momento em que ela se tornara insuportável. Paulo viu-se na posse de capitais consideráveis acumulados pela avareza paterna e de imóveis situados na melhor posição do mundo; tinha, porém, horror de Bordeaux e também não gostava de Lanstrac, onde seu pai passava os verões e o levava à caça da manhã à noite.

Logo que os assuntos relativos à herança foram resolvidos, o jovem herdeiro, ávido de prazeres, comprou títulos de renda com seus capitais, confiou a gestão de seus domínios ao velho Mathias, o tabelião de seu pai, e passou seis anos longe de Bordeaux. Começando como adido à embaixada de Nápoles, foi, mais tarde, como secretário, a Madri e a Londres, e fez, assim, a volta da Europa. Após ter conhecido o mundo, após ter-se desfeito de muitas ilusões, após ter dissipado o capital líquido que o pai aculmulara, Paulo chegou a um ponto em que, para continuar seu modo de vida, teve de lançar mão dos rendimentos territoriais que o tabelião fora acumulando para ele. Nessa crítica situação, assaltado por uma dessas ideias que passam por sensatas, ele quis deixar Paris, voltar para Bordeaux, dirigir seus negócios, levar uma vida de fidalgo em Lanstrac, melhorar suas propriedades, casar-se e chegar a ser um dia deputado. Paulo era conde, a nobreza voltara a ser um valor matrimonial, e ele podia e devia fazer um bom casamento. Se muitas mulheres desejam desposar um título, maior ainda é o número das que querem um homem que conheça perfeitamente a vida.

Ora, Paulo adquirira por uma soma de setecentos mil francos, gasta em seis anos, esse cargo que não se vende e que vale mais que um cargo de agente de câmbio; que também exige longos estudos, um estágio, exames, conhecimentos, amigos, inimigos, uma certa elegância de porte, certas maneiras, um nome fácil e gracioso de pronunciar; um cargo que, além disso, proporciona boas fortunas, duelos, apostas perdidas nas corridas, decepções, aborrecimentos, trabalhos e obrigações a prazeres indigestos. Ele era, enfim, um homem elegante. Apesar de seus gastos desatinados, não pudera tornar-se um homem da moda. No burlesco exército da gente da sociedade, o homem da moda representa o marechal da França e o homem elegante equivale a um tenente-general. Paulo desfrutava sua pequena reputação de elegância e sabia mantê-la. Seus criados tinham maneiras excelentes, suas equipagens eram citadas, suas ceias alcançavam certo êxito, sua moradia de rapaz, enfim, contava-se entre as sete ou oito cujo fausto igualava o das melhores casas de Paris. Mas ele não fizera a desgraça de nenhuma mulher, jogava sem perder, era feliz sem ostentação, tinha demasiada probidade para enganar quem quer que fosse, mesmo uma rapariga fácil; não deixava que lhe tirassem das mãos seus bilhetes de namorado, nem tinha um cofre de cartas de amor no qual os amigos pudessem bisbilhotar enquanto esperavam que ele pusesse o colarinho ou fizesse a barba; além disso, como não queria arriscar suas propriedades da Guiana, não tinha essa temeridade que sugere grandes golpes e atrai a todo custo a atenção sobre um rapaz; não pedia dinheiro emprestado a ninguém e cometia a tolice de emprestar dinheiro a amigos que o abandonavam e não falavam mais dele, nem bem, nem mal. Parecia manter uma escrita do que gastava em suas diversões de rapaz. O segredo de sua dignidade residia na tirania paterna, que fizera dele como que um mestiço social. Certa manhã, ele disse a um amigo, chamado de Marsay,[297] que mais tarde se tornou ilustre:

— Meu caro amigo, a vida tem um sentido.

— É preciso ter chegado aos vinte e sete anos para percebê-lo — respondeu de Marsay, gracejando.

— Sim, tenho vinte e sete anos e, precisamente por causa dos meus

vinte e sete anos, quero ir viver em Lanstrac como fidalgo. Morarei em Bordeaux, no velho palácio de meu pai, para onde transportarei meu mobiliário de Paris, e virei passar três meses do inverno aqui, nesta casa, que conservarei.

— E te casarás?

— E me casarei.

— Sabes que sou teu amigo, meu bom Paulo — disse de Marsay, após um momento de silêncio. — Pois bem, faze-te bom pai e bom esposo e te tornarás ridículo para o resto dos teus dias. Se pudesses ser feliz e ridículo, a coisa ainda podia ser tomada em consideração; mas não serás feliz. Não tens o pulso bastante forte para governar um lar. Faço-te justiça: és um perfeito cavaleiro; porque ninguém te vence na arte de manejar as rédeas, conduzir o cavalo com garbo e manter-se firme sobre a sela. Mas, meu caro, o casamento é uma marcha diferente. Vejo-te daqui, conduzido às pressas pela sra. condessa de Manerville, tendo de andar, contra tua vontade, mais a galope do que a trote, e logo estarás no chão...! sim, e de maneira a ficares imóvel numa valeta, com as pernas quebradas. Escuta. Restam-te quarenta e tantos mil francos de renda em propriedades no departamento da Gironde. Pois bem. Leva teus cavalos e teus criados, mobilia teu palácio em Bordeaux, serás o rei de Bordeaux, lá promulgarás sentenças que levaremos a Paris, serás o correspondente de nossas estupidezes. Muito bem. Faze loucuras na província, comete tolices mesmo. Tanto melhor! Talvez alcances a celebridade. Mas... não te cases. Quem se casa atualmente? Comerciantes, no interesse de seu capital ou para serem dois a empurrar o arado; agentes de câmbio ou tabeliães obrigados a pagar seus cargos; infelizes reis que continuam infelizes dinastias. Somos os únicos livres da carga e então tu vais meter os arreios nas costas? Enfim, por que te vais casar? Deves conta de tuas razões ao teu melhor amigo. Em primeiro lugar, mesmo que desposasses uma herdeira tão rica como tu, oitenta mil francos de renda para dois não são a mesma coisa que quarenta mil francos de renda para um, porque logo passam a ser três, e mesmo quatro, se nasce um filho. Terás acaso amor a essa idiota raça dos Manerville, que só te dará desgostos? Ignoras então o ofício de pai e mãe? O

casamento, meu caro Paulo, é a mais tola das imolações sociais; nossos filhos são os únicos que aproveitam e só ficam conhecendo seu valor no momento em que seus cavalos pastam as flores que nascem sobre os nossos túmulos. Tens saudade de teu pai, esse tirano que desolou tua juventude? Como farás para que teus filhos te amem? Tuas precauções para sua educação, teus cuidados com sua felicidade, tuas severidades necessárias os desafeiçoarão. Os filhos gostam dum pai pródigo ou fraco a quem desprezarão mais tarde. Ficarás, pois, entre o temor e o desprezo. Não é bom pai de família quem quer! Corre o olhar pelos nossos amigos e dize a quais deles quererias para filhos! Conhecemos muitos que desonrariam seu nome. Os filhos, meu caro, são mercadorias muito difíceis de vigiar. Os teus serão anjos, vá lá! Já sondaste alguma vez o abismo que separa a vida de solteiro da vida de casado? Escuta. Solteiro, podes dizer-te: "Terei apenas a dose de ridículo que quiser, o público só pensará de mim o que lhe permitir que pense". Casado, cais no infinito do ridículo! Solteiro, escolhes teus prazeres, toma-os hoje, deixa-os amanhã; casado, terás de aceitá-los tais como forem e, justamente no dia em que os quiseres, terás de privar-te deles. Casado, tornas-te pateta, calculas dotes, falas de moral pública e religiosa, achas os rapazes imorais, perigosos; ficarás, enfim, um verdadeiro acadêmico social. Causas-me compaixão. O solteirão de quem se aguarda a herança e que se defende, nos últimos momentos, contra uma velha enfermeira a quem pede inutilmente que lhe dê de beber é um indivíduo feliz comparado ao homem casado. Não te falo de tudo quanto pode surgir de inquietante, de entediante, de irritante, de tiranizante, de contrariante, de maçante, de idiotizante, de narcotizante e de paralisante na luta de duas criaturas que vivem sempre uma diante da outra, unidas para sempre, e que se enganaram mutuamente acreditando que se dariam bem; não, isso seria repetir a sátira de Boileau,[298] que sabemos de cor. Eu te perdoaria tua ridícula ideia se me prometesses casar-te como um fidalgo, instituir um morgadio com tua fortuna, aproveitar a lua de mel para ter dois filhos legítimos, dar a tua esposa uma casa montada, separada da tua, não encontrá-la senão na sociedade e nunca voltar de viagem sem fazer-te anunciar pelo correio. Duzentos mil francos de renda são suficientes

para uma vida assim, e teus antecedentes te permitem consegui-la por meio duma inglesa rica, ávida dum título. Ah! Essa vida aristocrática me parece verdadeiramente francesa, a única grandiosa, a única que nos proporciona o respeito, a amizade duma mulher, a única que nos distingue da massa atual, a única, enfim, pela qual um rapaz pode deixar a vida de solteiro. Nessas condições, o conde de Manerville dá conselhos à sua época, coloca-se acima de tudo e não pode deixar de ser ministro ou embaixador. O ridículo nunca o atingirá, pois ele conquistou as vantagens sociais do casamento e conserva os privilégios da vida de solteiro.

— Mas, meu bom amigo, eu não sou de Marsay; sou simplesmente, como me deste a honra de dizer, Paulo de Manerville, bom pai e bom esposo, deputado do centro e talvez par da França, um destino imensamente medíocre; mas sou modesto e me resigno.

— E tua mulher — perguntou o implacável de Marsay — também se resignará?

— Minha mulher, meu caro, fará o que eu quiser.

— Ah, meu pobre amigo, ainda acreditas nisso? Adeus, Paulo. De hoje em diante, recuso-te minha estima. Só uma palavra mais, pois não posso subscrever friamente tua abdicação. Vê onde reside a força da nossa situação. Mesmo que um rapaz não tenha mais que seis mil francos de renda e não lhe reste como toda fortuna mais que sua reputação de elegância, que a recordação de seus triunfos... pois bem, esse espectro ainda encerra enormes valores. A vida ainda oferece possibilidades a esse rapaz desbotado. Sim, suas pretensões podem abranger tudo. Mas o casamento, Paulo, é o *não irás mais longe* social. Casando, não poderás ser mais do que o que fores, a menos que tua mulher tenha a bondade de ocupar-se de ti.

— Mas — disse Paulo — estás sempre a esmagar-me sob teorias excepcionais! Estou cansado de viver para os outros, de ter cavalos para mostrá-los, de agir exclusivamente tendo em vista o que hão de dizer, de pôr meu dinheiro fora para evitar que os tolos exclamem: “Olha, Paulo continua com a mesma carruagem. Onde está sua fortuna? Será que ele a põe fora? Ele joga na bolsa?” — “Não, ele é milionário. A sra. fulana de tal está louca por ele. Ele mandou vir da

Inglaterra uma parelha de cavalos que é, sem dúvida, a mais linda de Paris. Foram muito notadas em Longchamps as caleças de quatro cavalos dos srs. de Marsay e de Manerville, estavam atreladas com perfeição.” Uma infinidade de tolices, enfim, com que uma massa de imbecis nos guia. Começo a perceber que esta vida, em que a gente anda empurrada em vez de caminhar, nos consome e nos envelhece. Acredita-me, meu caro Henrique, admiro teu poderio, mas não o invejo. Sabes julgar tudo, podes agir e pensar como um homem de Estado, podes colocar-te acima das leis gerais, das ideias aceitas, dos preconceitos admitidos, das conveniências adotadas; gozas, enfim, os benefícios duma situação da qual eu só colheria os prejuízos. Tuas deduções frias, sistemáticas, reais, talvez sejam, aos olhos da massa, imoralidades pavorosas. Quanto a mim, pertenço à massa. Tenho de jogar o jogo segundo as regras da sociedade na qual sou obrigado a viver. Mesmo quando te colocas no cimo das coisas humanas, ainda encontras afeições nesses picos de gelo; e eu lá me enregelaria. A vida desta maioria a que eu burguesamente pertenço se compõe de emoções de que preciso agora. Muitas vezes um homem feliz nos amores faz a corte a dez mulheres e não possui nenhuma delas; pois quaisquer que sejam sua força, sua habilidade, seu traquejo social, sucedem crises nas quais ele se sente como esmagado entre duas portas. Eu, por exemplo, gosto dessa constante e doce volubilidade da vida e quero essa boa existência em que a gente encontra sempre uma mulher a seu lado.

— O casamento é um tanto arriscado! — exclamou de Marsay.

Paulo não se perturbou e continuou:

— Podes rir, se quiseres; mas eu me sentirei o homem mais feliz do mundo quando meu criado vier dizer-me: “A senhora espera o senhor para almoçar”; quando eu puder, à noite, ao voltar para casa, encontrar um coração...

— Cada vez mais arriscado, Paulo! Ainda não tens moralidade suficiente para te casares.

— ... um coração ao qual contar meus negócios e confiar meus segredos. Quero viver muito intimamente com uma criatura para que nossa afeição não dependa dum sim ou dum não, duma situação na qual mesmo o homem mais belo causa desilusões ao amor. Tenho,

enfim, a coragem necessária para tornar-me, como dizes, bom pai e bom esposo! Sinto-me inclinado às alegrias da família e quero colocar-me nas condições exigidas pela sociedade para ter uma esposa, filhos...

— Dás-me a impressão duma colmeia. Toca para a frente! Serás um trouxa a vida inteira. Ah! Queres casar-te para ter uma mulher? Em outras palavras, queres resolver favoravelmente em teu benefício o mais difícil dos problemas que atualmente apresentam os costumes burgueses criados pela Revolução Francesa e vais começar por uma vida de isolamento! Acreditas que tua mulher não há de querer esse gênero de vida que desprezas? Achas que ela também não gostará dessa vida como tu? Se não queres adotar o belo sistema conjugal cujo programa acaba de te ser descrito por teu amigo de Marsay, escuta um último conselho. Continua solteiro durante mais treze anos e diverte-te à vontade; depois, aos quarenta anos, ao primeiro acesso de gota, casa-te com uma viúva de trinta e seis anos: então poderás ser feliz. Se tomares por esposa uma mocinha, morrerás louco!

— E por quê? — perguntou Paulo um pouco melindrado.

— Meu caro — respondeu de Marsay —, a sátira de Boileau contra as mulheres é uma sucessão de banalidades rimadas. Por que as mulheres não haveriam de ter defeitos? Por que deserdá-las do *haver* mais claro na natureza humana? Assim, segundo penso, o problema do casamento não está mais na situação em que o colocou esse crítico. Acreditas, então, que aconteça no casamento o mesmo que no amor e que baste a um marido ser homem para ser amado? Pensas, então, que sempre que fores ao quarto de vestir de tua senhora trarás de lá felizes recordações? Tudo, em nossa vida de solteiro, conspira para que a vida conjugal de quem não é um profundo observador do coração humano resulte num erro fatal. Nos dias felizes de sua mocidade, o homem, graças à singularidade de nossos costumes, dá sempre a felicidade, triunfa sobre mulheres seduzidas que obedecem a desejos. De uma e de outra parte, os obstáculos criados pelas leis, os sentimentos e o instinto de defesa próprio da mulher geram uma mutualidade de sensações que iludem as criaturas superficiais sobre suas futuras relações na vida conjugal em que tais obstáculos já não existem, em que a mulher suporta o amor em vez de permiti-lo, repele muitas vezes o prazer em

vez de desejá-lo. No casamento, a vida, para nós, muda de aspecto. O rapaz livre e despreocupado, sempre agressor, nada tem a temer dum insucesso. Casado, um fracasso é irreparável. Se a um amante é possível fazer uma mulher modificar uma apreciação desfavorável, aos maridos tal mudança de opinião constitui um Waterloo. Como Napoleão, o marido está condenado a constantes vitórias que, por numerosas que sejam, não impedem que a primeira falta o deite por terra. A mulher, que tanto se lisonjeia com a perseverança e tão feliz se sente com a cólera dum amante, as denomina brutalidade num marido. Se o solteiro pode escolher seu terreno e tudo lhe é permitido, ao chefe de família tudo é proibido e seu campo de batalha é invariável. Além disso, a luta tem um sentido inverso. A esposa está sempre disposta a recusar o que deve, ao passo que a amante concede mesmo o que não deve. Tu, que te queres casar e que te casarás, já meditaste sobre o Código Civil? Nunca enlameei os pés nessa bodega de comentários, nesse celeiro de tagarelices chamado Escola de Direito, nunca abri o Código, mas tenho visto suas aplicações na vida real. Sou legista, como um chefe de clínica é médico. A doença não está nos livros e sim no doente. O Código, meu caro, colocou a mulher sob tutela, considerou-a como um menor, como uma criança. Ora, como é que se governam as crianças? Pelo temor. Nessa palavra, Paulo, está o freio do animal. Toma-lhe o pulso! Vê se podes te disfarçar em tirano, tu, tão meigo, tão bom amigo, tão confiante; tu de quem ri no começo e a quem hoje estimo suficientemente para te transmitir minha ciência. Sim, isto procede duma ciência que já os alemães denominaram Antropologia. Ah! Se eu não tivesse resolvido tomar a vida pelo lado do prazer, se eu não tivesse uma profunda antipatia por aqueles que pensam em vez de agir, se eu não desprezasse os tolos suficientemente estúpidos para acreditar na vida dum livro, quando as areias dos desertos africanos são compostas das cinzas de não sei quantas Londres, Venezas, Paris e Romas ignoradas, pulverizadas, eu escreveria um livro sobre os casamentos modernos, sobre a influência do sistema cristão; numa palavra, eu acenderia um lampião sobre esses amontoados de pedras agudas entre as quais se deitam os secretários do *multiplicamini*[299] social. Mas a humanidade valerá um quarto de hora do nosso tempo?

E, depois, o único emprego razoável da tinta não será caçar corações por meio de cartas de amor...? E tu nos trarás a condessa de Manerville?

— Talvez — disse Paulo.

— Continuaremos amigos — disse de Marsay.

— Se...? — replicou Paulo.

— Fica tranquilo, seremos corteses contigo, como a Casa Vermelha com os ingleses em Fontenoy.[300]

Embora essa palestra o tivesse abalado, o conde de Manerville se viu obrigado a executar seu projeto e voltou a Bordeaux durante o inverno de 1821. As despesas que fez para restaurar e mobiliar seu palácio sustentaram condignamente a reputação de elegância que o precedia. Introduzido de antemão, por suas antigas relações, na sociedade realista de Bordeaux, à qual pertencia tanto por suas opiniões como por seu nome e sua fortuna, conquistou lá a realeza da moda. Seu traquejo social, suas maneiras e sua educação parisiense encantaram o Faubourg Saint-Germain bordelês. Uma velha marquesa serviu-se duma expressão antigamente em uso na Corte para designar a florescente mocidade dos elegantes, dos petimetres de outrora e cujas maneiras e linguagem faziam moda: disse que ele era o *Fleur-des-Pois*.[301] A sociedade liberal apanhou a palavra e fez dela um apelido em caráter zombeteiro, enquanto os realistas a empregavam num sentido elogioso. Paulo de Manerville desempenhou-se gloriosamente das obrigações impostas por sua alcunha. Aconteceu-lhe o que acontece aos atores medíocres: no dia em que o público passa a prestar-lhes atenção, tornam-se quase bons. Sentindo-se à vontade, Paulo desenvolveu as qualidades que seus defeitos comportavam. Seus gracejos não tinham nada de áspero nem de amargo, suas maneiras não eram arrogantes, sua palestra com as mulheres exprimia o respeito de que elas gostam, nem excesso de deferência nem excesso de familiaridade; sua fatuidade não era mais que um cuidado especial de sua pessoa, que o tornava agradável, respeitava as categorias sociais, permitia aos jovens uma despreocupação a que sua experiência parisiense impunha limites; embora fosse muito hábil na pistola e na espada, tinha uma amabilidade feminina pela qual todos lhe eram

muito gratos. Sua estatura mediana e sua gordura, que ainda não chegava à obesidade, dois obstáculos à elegância pessoal, não lhe impediam de manter a aparência de um Brummell[302] bordelês. Uma tez branca, realçada pelos tons rosados da saúde, belas mãos, bonitos pés, olhos azuis com cílios longos, cabelos pretos, movimentos graciosos, uma voz forte que sempre conservava uma tonalidade média e que vibrava no coração, tudo nele se harmonizava com seu nome. Paulo era precisamente essa flor delicada que exige um cultivo cuidadoso, cujas qualidades só se desenvolvem num terreno úmido e favorável e que as maneiras rudes impedem de crescer, que um raio de sol demasiado forte queima e que a geada mata. Era um desses homens feitos mais para receber a felicidade que para dá-la, que dependem muito da mulher, que precisam ser adivinhados, encorajados, para os quais, enfim, o amor conjugal deve ter qualquer coisa de providencial. Se um caráter assim gera dificuldades na vida íntima, é, entretanto, gracioso e cheio de atrativos para a sociedade. Também Paulo obteve grandes triunfos no estreito círculo da província, onde seu espírito, sempre meio velado, devia ser mais bem apreciado do que em Paris. O arranjo de seu palácio e a restauração do castelo de Lanstrac, onde ele introduziu o luxo e o conforto ingleses, absorveram o capital que havia seis anos vinha sendo colocado a juros por seu tabelião. Reduzido estritamente a seus quarenta e poucos mil francos de renda, achou prudente organizar as despesas da casa de maneira a não gastar nada além disso. Após ter feito desfilar oficialmente suas equipagens, ter travado relações com os moços mais distintos da cidade e realizado caçadas com eles em seu castelo restaurado, Paulo compreendeu que a vida de província não podia dispensar o casamento. Demasiado jovem ainda para empregar o tempo em ocupações avarentas ou interessar-se pelos melhoramentos materiais com que a gente da província acaba por se deixar absorver tendo em vista o futuro dos filhos, ele passou logo a sentir falta das variadas distrações que são um verdadeiro hábito na vida parisiense. Um nome a conservar, herdeiros a quem transmitir sua fortuna, as relações que lhe proporcionaria uma casa onde se poderiam reunir as principais famílias do lugar, o aborrecimento das ligações irregulares, nada disso entretanto constituiu a razão

determinante de sua decisão. Desde sua chegada ele se apaixonara secretamente pela rainha de Bordeaux, a famosa srta. Evangelista.

No começo do século, um rico espanhol, chamado Evangelista, instalou-se em Bordeaux, onde suas recomendações, assim como sua fortuna, o introduziram nos salões nobres. Sua esposa contribuiu poderosamente para mantê-lo em boa situação no meio dessa aristocracia que talvez só o tivesse acolhido tão facilmente a fim de ferir a sociedade de segunda ordem. Nascida nas colônias e semelhante às mulheres servidas por escravos, a sra. Evangelista, que, aliás, pertencia aos Casa-Real, ilustre família da monarquia espanhola, levava uma vida de fidalga, ignorava o valor do dinheiro e não sacrificava nenhuma de suas fantasias, mesmo as mais dispendiosas, vendo-as sempre satisfeitas por um homem amoroso que lhe ocultava generosamente as engrenagens da finança. Contente por vê-la sentir-se bem em Bordeaux, onde seus negócios o obrigavam a permanecer, o espanhol adquiriu lá um palácio, montou uma casa, recebeu com suntuosidade e deu provas do máximo bom gosto em todas as coisas. Assim, de 1800 a 1812, só se falava em Bordeaux no sr. e na sra. Evangelista. O espanhol morreu em 1813, deixando a viúva, aos trinta e dois anos, com uma imensa fortuna e a mais linda filha do mundo, uma menina de onze anos, que prometia ser, e realmente foi, uma pessoa perfeita. A despeito da habilidade da sra. Evangelista, a Restauração alterou sua situação; o partido realista depurou-se, algumas famílias deixaram Bordeaux. Embora a cabeça e a mão de seu marido faltassem à direção de seus negócios, nos quais ela manifestou a despreocupação da dama colonial e a inaptidão da mulher elegante, não quis alterar nada em seus modos de vida.

No momento em que Paulo tomava a resolução de voltar para sua terra natal, a srta. Natália Evangelista era uma criatura notavelmente bonita e aparentemente o mais rico partido de Bordeaux, onde ignoravam a progressiva diminuição da fortuna da mãe, que, para prolongar seu reinado, gastara somas enormes. Brilhantes festas e a continuação dum suntuoso modo de vida mantinham o público na crença da esplêndida situação financeira da casa Evangelista. Natália completou dezenove anos e nenhum pedido de casamento chegara aos

ouvidos de sua mãe. Habituada a satisfazer seus caprichos de moça, a srta. Evangelista usava *cashmere*, tinha joias e vivia cercada dum luxo que atemorizava os especuladores, numa região e numa época em que os filhos calculam tão bem como os pais. Essa frase fatal — “Só mesmo um príncipe pode desposar a srta. Evangelista” — circulava nos salões e nas rodas de palestra. As mães de família, as velhas fidalgas que tinham netas a quem precisavam dar uma situação, as moças invejosas de Natália, cuja constante elegância e tirânica beleza as importunavam, envenenavam cuidadosamente essa opinião através de frases pérfidas. Quando ouviam um rapaz casadouro dizer, com uma admiração extasiada, à chegada de Natália a um baile: “Meu Deus como ela é linda!”, “Sim”, respondiam as mamães, “mas é cara”. Se algum recém-chegado achava a srta. Evangelista encantadora e dizia que um homem que se quisesse casar não podia fazer melhor escolha: “Mas quem será suficientemente ousado”, respondiam, “para desposar uma moça a quem a mãe dá mil francos por mês para vestidos, que tem cavalos, criada e usa rendas? Ela usa rendas finas nos roupões. O que ela gasta na lavagem de sua roupa fina daria para manter a casa dum empregado do comércio. Ela usa pela manhã pelerines cuja aplicação por si só custa seis francos”.

Esses comentários e uma infinidade de outros, frequentemente repetidos à guisa de elogio, matavam o mais vivo desejo que um homem pudesse ter de desposar a srta. Evangelista. Rainha de todos os bailes, indiferente às frases lisonjeiras, aos sorrisos e às provas de admiração que em toda a parte recebia ao passar, Natália nada conhecia da vida. Vivia como o pássaro voa e a flor desabrocha, encontrando todos em torno dela prontos a satisfazer-lhe os desejos. Ignorava o preço das coisas, não sabia como se produzem, se aumentam e se conservam os rendimentos. Talvez julgasse que todas as casas tivessem cozinheiras, cocheiros, arrumadeiras e criados, assim como os prados têm feno e as árvores, frutos. Para ela, mendigos e pobres, árvores abatidas e terrenos ingratos eram a mesma coisa. Mimada como uma esperança pela mãe, a fadiga nunca perturbava seus divertimentos. Também, saltitava na sociedade como um potro no campo, um potro sem freio nem ferraduras.

Seis meses após a chegada de Paulo, a alta sociedade da cidade promoveu um encontro do *Fleur-des-Pois* com a rainha dos bailes. As duas flores entreolharam-se com aparente indiferença e acharam-se reciprocamente encantadoras. Interessada em espreitar o resultado desse encontro preparado, a sra. Evangelista descobriu nos olhares de Paulo os sentimentos que o animavam e disse consigo: "Ele será meu genro!", enquanto Paulo pensava, ao ver Natália: "Ela será minha esposa". A fortuna dos Evangelista, que se tornara proverbial em Bordeaux, permanecera na memória de Paulo como um preconceito da infância, o mais indelével de todos os preconceitos. Assim, a questão das conveniências pecuniárias estava desde o início resolvida, dispensando esses debates e esses inquéritos que causam tanto horror às almas tímidas como às altivas. Quando algumas pessoas tentaram dizer a Paulo algumas frases elogiosas que não se podia recusar às maneiras, à linguagem e à beleza de Natália, mas que terminavam por observações cruelmente proféticas, sugeridas pelo padrão de vida da família Evangelista, o *Fleur-des-Pois* as contestou com o desprezo que merecem essas acanhadas ideias provincianas. Esse modo de pensar, logo conhecido, emudeceu os comentários, pois era ele quem dava o tom às ideias e às palestras, bem como às maneiras e às coisas. Ele importara o apuro da personalidade britânica e suas barreiras glaciais, o sarcasmo byroniano, as acusações contra a vida, o desprezo dos laços sagrados, a prataria e o sarcasmo ingleses, o menosprezo dos costumes e das velhas coisas da província, o charuto, o verniz, a elegância, o pônei, as luvas amarelas e o galope. Aconteceu, então, a Paulo o contrário do que até então sucedia: nenhuma moça nem velha fidalga tentou desencorajá-lo. A sra. Evangelista começou por oferecer-lhe vários jantares de cerimônia. Podia o janota faltar às festas a que compareciam os moços mais distintos da cidade? Apesar da indiferença que Paulo afetava, e que não conseguia enganar à mãe nem à filha, ele se embrenhava lentamente na estrada do casamento. Quando Manerville saía a passear em tílburi ou montado em seu belo cavalo, alguns moços detinham-se e ele os ouvia dizer: "Aí está um felizardo: é rico, é um belo rapaz e dizem que vai se casar com a srta. Evangelista. Há pessoas que dão a impressão de que o mundo foi feito

para elas". Quando passava pela caleça da sra. Evangelista, orgulhava-se da distinção particular que a mãe e a filha imprimiam à saudação que lhe dirigiam. Se Paulo não estivesse secretamente apaixonado pela srta. Evangelista, a sociedade certamente o casaria contra sua vontade. A sociedade, que não é causa de nenhum bem, é cúmplice de muitas desgraças; e depois, quando surge o infortúnio que incubou com cuidados maternais, ela o renega e se vinga dele. A alta sociedade de Bordeaux, atribuindo um milhão de dote à srta. Evangelista, dava-a a Paulo sem esperar o consentimento dos interessados, como frequentemente acontece. Suas fortunas se harmonizavam tão bem como suas pessoas. Paulo estava habituado ao luxo e à elegância no meio dos quais vivia Natália. Ele acabava de arranjar seu palácio para seu próprio uso de maneira como ninguém em Bordeaux o faria para hospedar Natália. Só mesmo um homem habituado aos gastos de Paris e às fantasias dos parisienses poderia evitar os desastres pecuniários resultantes dum casamento com tal criatura, já tão colonial e tão fidalga como a mãe. No terreno em que os bordeleses apaixonados da srta. Evangelista se arruinariam, o conde de Manerville, dizia-se, saberia evitar qualquer fracasso. Era, pois, um casamento feito. Quando se falava desse enlace diante das figuras da alta sociedade realista, elas diziam a Paulo frases animadoras que lisonjeavam sua vaidade.

— Aqui todos já consideram a srta. Evangelista como sua. Se o senhor se casar com ela, fará muito bem; nunca encontraria, em lugar algum, nem mesmo em Paris, uma moça tão linda: é elegante, graciosa e pertence aos Casa-Real pelo lado materno. Formarão o mais encantador par do mundo: têm os mesmos gostos, a mesma concepção da vida, e terão a casa mais agradável de Bordeaux. Sua esposa não precisa trazer consigo mais do que a touca de dormir. Num caso destes, uma casa montada vale um dote, e é uma sorte para o senhor encontrar uma sogra como a sra. Evangelista. Mulher inteligente, insinuante, será de grande auxílio no seio da vida política a que o sr. certamente aspirará. Além disso, ela sacrificou tudo pela filha, que adora, e Natália será, sem dúvida, uma boa esposa, pois ama imensamente a mãe. E, depois, é preciso começar uma vida nova.

— Tudo isso é muito bonito e muito bom — respondeu Paulo, que, apesar de seu amor, queria conservar seu livre-arbítrio —, mas é preciso começar uma nova vida com acerto.

Logo Paulo passou a frequentar a casa da sra. Evangelista, levado pela necessidade de dar uma ocupação a suas horas vazias, mais difíceis de passar para ele do que para qualquer outro. Somente lá respirava aquela grandiosidade, aquele luxo a que se habituara. Aos quarenta anos, a sra. Evangelista era bela como um desses magníficos pores de sol que coroam no verão os dias sem nuvens. Sua reputação inatacada oferecia aos círculos bordeleses um constante assunto de palestra e a curiosidade das mulheres se tornava ainda mais intensa porque a viúva mostrava indícios dessa constituição que torna as espanholas e as nascidas nas colônias particularmente famosas. Tinha os cabelos e os olhos negros, o pé e o corpo de espanhola, esse corpo ondulado cujos movimentos têm um nome especial na Espanha.[303] Seu rosto, sempre lindo, seduzia por essa tez crioula cuja animação só pode ser descrita comparando-a ao efeito da musselina sobre a púrpura, tão uniformemente rosada é sua alvura. Tinha as formas cheias, atraentes por essa graça que sabe aliar a indolência e a vivacidade, a força e a despreocupação. Atraía e dominava, seduzia sem nada prometer. Era alta, o que lhe conferia a atitude e o porte duma rainha. Os homens prendiam-se à sua palestra como os pássaros ao visco, pois ela possuía, naturalmente, esse gênio que a necessidade dá aos intrigantes; avançava de concessão em concessão, armava-se do que lhe concediam para querer ainda mais e sabia recuar para muito longe quando lhe pediam alguma coisa em troca. Ignorante na realidade, ela conhecera as Cortes de Espanha e de Nápoles, as pessoas famosas das duas Américas, várias famílias ilustres da Inglaterra e do continente, o que lhe emprestava uma instrução tão extensa em superfície, que parecia imensa. Recebia com esse bom gosto, essa magnificência que não se aprendem, mas que certas almas naturalmente belas transformam em sua segunda natureza, assimilando as boas coisas em toda parte onde as encontrem. Se sua reputação de virtude permanecia inexplicada, nem por isso lhe servia menos para dar grande autoridade a suas ações, suas palavras e seu

caráter. A filha e a mãe tinham uma pela outra verdadeira amizade, além do sentimento filial e maternal. Combinavam muito bem de gênio, seu permanente convívio jamais causara o mínimo choque. Assim, muitos explicavam os sacrifícios da sra. Evangelista por seu amor materno. Mas se Natália consolou a mãe duma obstinada viuvez, talvez não tivesse sido ela a única a fazê-lo. Dizem que a sra. Evangelista se apaixonara por um homem a quem a segunda Restauração restituíra os títulos e o pariato. Esse homem, que em 1814 se consideraria muito feliz se pudesse desposar a sra. Evangelista, rompera muito decentemente suas relações com ela em 1816. A sra. Evangelista, aparentemente a melhor mulher do mundo, tinha intimamente uma qualidade terrível, que só se pode traduzir pela divisa de Catarina de Médicis: *Odiate e aspettate*.[304] Habituada a dominar e a ser obedecida sempre, assemelhava-se a todas as realezas: amável, meiga, distinta, de gênio afável, tornava-se terrível, implacável, quando seu orgulho de mulher, de espanhola e de Casa-Real era ofendido. Nunca perdoava. Acreditava na força de seu ódio e transformava-o num mau agouro que perseguia o seu inimigo. E empregara esse fatal poder contra o homem que a enganara. Os acontecimentos, que pareceram provar a influência de sua jetatura, confirmaram a fé supersticiosa que tinha em si mesma. Embora fosse ministro e par da França, esse homem começou a decair e acabou completamente arruinado. Seus bens, seu prestígio político e pessoal, tudo estava ameaçado de perecer. Um dia, a sra. Evangelista passou orgulhosamente por ele em sua brilhante equipagem e, vendo-o a pé nos Champs-Élysées, fulminou-o com um olhar de onde jorravam as centelhas do triunfo. Esse infortúnio impedira-a de tornar-se a casar, ocupando-a durante dois anos. Depois disso, sua altivez continuou a sugerir-lhe comparações entre os que se ofereciam e o marido que tanto e tão sinceramente a amara. E assim, passando de enganos a projetos, de esperanças a decepções, atingiu finalmente a época em que as mulheres não têm outro papel a desempenhar na vida além do de mãe, sacrificando-se às filhas, transferindo todos seus interesses pessoais para o governo dum lar, última aplicação das afeições humanas. A sra. Evangelista desvendou imediatamente o caráter de

Paulo e ocultou-lhe o seu. Paulo era exatamente o homem que ela queria para genro, um editor responsável de seu futuro poder. Ele pertencia, pelo lado materno, aos Maulincour, e a velha baronesa de Maulincour, amiga do vidama de Pamiers, vivia no meio do Faubourg Saint-Germain. O neto da baronesa, Augusto de Maulincour,[305] tinha uma bela posição. Paulo seria, pois, um excelente introdutor das Evangelista na sociedade parisiense. A viúva apenas visitara algumas vezes a Paris do Império e queria brilhar no meio da Paris da Restauração. Somente lá existiam os elementos favoráveis a uma vitoriosa carreira política, a única em que as mulheres da sociedade podem decentemente cooperar. A sra. Evangelista, obrigada a morar em Bordeaux devido aos negócios do marido, aborreceu-se da cidade; tinha lá sua casa e todos sabem quantas obrigações embaraçam a vida duma mulher nessas condições; mas ela não se importava mais com Bordeaux, já esgotara suas delícias. Desejava um teatro maior, do mesmo modo que os jogadores procuram o jogo mais forte. No seu próprio interesse, arquitetou um grande futuro para Paulo. Resolveu empregar os recursos de seu talento e sua ciência da vida em benefício do genro, a fim de poder desfrutar sob seu nome as alegrias do poder. Muitos homens são, assim, os biombos de ambições femininas desconhecidas. A sra. Evangelista tinha, além disso, mais de um interesse em tomar conta do marido da filha. Paulo foi necessariamente cativado por essa mulher, que o cativou ainda mais facilmente porque não deu demonstração de querer exercer o mínimo domínio sobre ele. Empregou, assim, amplamente sua ascendência para engrandecer-se, para engrandecer a filha e valorizá-la, a fim de dominar antecipadamente o homem em que viu o meio de continuar sua vida aristocrática. Paulo, vendo-se apreciado pela mãe e pela filha, melhorou ainda mais o conceito que fazia de sua pessoa. Julgou-se mais inteligente do que realmente era ao ver suas reflexões e suas frases mais simples admiradas pela srta. Evangelista, que sorria ou erguia graciosamente a cabeça. E pela mãe, em quem a lisonja sempre parecia involuntária. As duas mulheres mostraram-se tão amáveis com ele, Paulo ficou tão certo de que lhes agradara e elas o governaram tão habilmente, prendendo-o pelo fio do amor-próprio, que logo ele

começou a passar todo seu tempo no palácio Evangelista.

Um ano após sua instalação em Bordeaux, mesmo sem se ter declarado, o conde Paulo se mostrava tão atencioso com Natália que todos achavam que ele a estava cortejando. Nem a mãe nem a filha pareciam pensar em casamento. A srta. Evangelista mantinha a reserva fidalga que sabe ser encantadora e conversava amavelmente sem deixar avançar um passo sequer em sua intimidade. Esse silêncio, tão pouco comum entre a gente da província, agradou imensamente a Paulo. Os tímidos são desconfiados, as propostas bruscas os assustam. Fogem da felicidade se ela lhes chega ruidosamente e se entregam à desgraça, se ela se apresenta com modéstia, coberta de véus suaves. Ao ver que a sra. Evangelista não fazia nenhum esforço para comprometê-lo, Paulo comprometeu-se espontaneamente. A espanhola o conquistou dizendo-lhe que, numa mulher superior, como nos homens, há uma época em que a ambição substitui os principais sentimentos da vida.

"Essa mulher é capaz", pensou Paulo, ao sair, "de conseguir-me uma bela embaixada antes mesmo que eu seja eleito deputado." Um homem que, em qualquer circunstância, não circunda as coisas ou as ideias para examiná-las sob suas diferentes faces, é imperfeito e fraco e corre o risco de sucumbir. Presentemente, Paulo estava otimista: via vantagens em tudo e não levava em conta que uma sogra ambiciosa podia tornar-se um tirano. Assim, todas as noites, ao sair, ele se representava casado, enganava a si mesmo e calçava docemente as chinelas do casamento. Em primeiro lugar, já desfrutara por muito tempo sua liberdade para que sentisse perdê-la; estava cansado da vida de solteiro, que não lhe oferecia nada de novo e de que não conhecia senão os inconvenientes; ao mesmo tempo, se algumas vezes pensava nas dificuldades do casamento, muito mais frequentemente via apenas suas delícias; tudo ali era novo para ele.

"O casamento", pensava, "só é desagradável para os pobres; para os ricos, a metade de suas dificuldades desaparece."

Todos os dias, portanto, um pensamento favorável vinha engrossar a enumeração das vantagens que ele encontrava nesse casamento. "Por mais alta que seja a posição a que eu possa chegar, Natália sempre estará à altura de seu papel", pensava também, "e isso não é pequeno

mérito numa mulher. Quantos homens do Império vi sofrer horrivelmente por causa das esposas![306] Não é uma grande condição de felicidade nunca sentir sua vaidade, seu orgulho ferido pela companheira que se escolheu? Um homem que tem uma esposa bem-educada nunca pode ser completamente infeliz; ela não o ridiculariza, sabe ser-lhe útil. Natália dará recepções magníficas. "Acrescentava a tudo isso suas recordações das mulheres mais distintas do Faubourg Saint-Germain, para convencer-se de que Natália podia, senão eclipsá-las, pelo menos manter-se ao lado delas num pé de igualdade perfeita. Qualquer paralelo favorecia Natália. Os termos de comparação, tirados da imaginação de Paulo, curvavam-se a seus desejos. Paris lhe teria oferecido todos os dias novos tipos, moças de belezas diferentes, e a multiplicidade das impressões teria deixado sua razão em equilíbrio; ao passo que, em Bordeaux, Natália não tinha rival, era a flor única e chegava num momento em que Paulo se encontrava sob a tirania duma ideia à qual sucumbe a maioria dos homens. Também essas razões de justaposição, aliadas às razões de amor-próprio e a uma paixão real que não tinha outro meio de se satisfazer a não ser o casamento, levaram Paulo a um amor desatinado cujo segredo ele teve o bom-senso de guardar, fazendo-o passar por um simples desejo de casar-se. Esforçou-se, mesmo, por estudar a srta. Evangelista como homem que não quer comprometer o futuro, pois as terríveis palavras de seu amigo de Marsay ainda soavam em seus ouvidos. Mas as pessoas habituadas ao luxo têm, à primeira vista, uma aparente simplicidade que engana: elas o desdenham, servem-se dele apenas, ele constitui um instrumento e não a ocupação de sua existência. Paulo não imaginou, pois, ao ver os costumes dessas senhoras tão semelhantes aos seus, que elas ocultassem um único motivo de desastre. Além disso, se há algumas regras gerais para amenizar as inquietações do casamento, não há regra alguma para prevê-las nem para preveni-las. Quando a desgraça se mete entre duas criaturas que empreenderam a tarefa de tornar uma à outra a vida agradável e fácil de levar, ela nasce precisamente do contato produzido por uma intimidade constante, que não existe entre dois jovens ainda noivos, nem poderá existir enquanto os costumes e as leis não forem modificados na França. Tudo é

embuste entre duas pessoas prestes a casar-se; mas seu embuste é inocente, involuntário. Ambos se mostram, necessariamente, sob um aspecto favorável; ambos lutam para decidir quem se apresentará melhor e adquirem assim uma ideia favorável de si mesmos, a que mais tarde não podem corresponder. A verdadeira vida, como os dias atmosféricos, se compõe muito mais desses momentos monótonos e nublados que toldam a natureza que de períodos em que o sol brilha e alegra os campos. Os jovens veem apenas os dias bonitos. Mais tarde atribuem ao casamento as desgraças próprias da vida, pois o homem tem tendência a procurar a causa de suas misérias nas coisas ou nas pessoas que lhe são imediatas.

Para descobrir na atitude ou na fisionomia, nas palavras ou nos gestos da srta. Evangelista os indícios que teriam revelado a quota de imperfeições que seu caráter, como o de qualquer criatura humana, encerrava, Paulo precisaria possuir não somente as ciências de Lavater e de Gall,[307] mas ainda uma ciência da qual não existe nenhum corpo de doutrina, a ciência individual do observador, que exige conhecimentos quase universais. Como todas as moças, Natália tinha uma fisionomia impenetrável. A profunda e serena placidez que os escultores deram aos rostos das figuras virgens destinadas a representar a Justiça, a Inocência, todas as divindades que nada sabem das agitações terrestres; essa calma é o maior encanto duma moça, é o símbolo de sua pureza; nenhuma paixão quebrou, nenhum interesse traído jamais alterou a tranquila expressão do rosto; se essa calma for fingida, a moça deixa de existir. Sempre junto da mãe, Natália, como todas as mulheres espanholas, não recebera mais que uma instrução puramente religiosa e alguns ensinamentos de mãe para filha, úteis ao papel que ela devia desempenhar. A calma de sua fisionomia era, pois, natural, mas constituía um véu no qual se envolvia a mulher, como a borboleta em sua larva. Contudo, um homem hábil em manejar o bisturi da análise teria surpreendido em Natália alguma revelação das dificuldades que seu temperamento devia oferecer quando ela tivesse de enfrentar a vida conjugal ou social. Sua beleza verdadeiramente maravilhosa provinha duma rigorosa regularidade de traços em harmonia com as proporções da cabeça e do corpo. Tal perfeição é de

mau presságio para o espírito. Há poucas exceções a essa regra. Toda a natureza superior tem a forma de leves imperfeições, que constituem irresistíveis atrativos, pontos luminosos em que brilham os sentimentos opostos e nos quais se detêm os olhares. Uma perfeita harmonia denuncia a frieza das constituições mistas. Natália tinha o corpo roliço, sinal de força mas indício infalível duma vontade que muitas vezes chega à obstinação nas pessoas cujo espírito não é vivo nem amplo. Suas mãos de estátua grega confirmavam os prognósticos do rosto e do corpo, anunciando um espírito de domínio ilógico, o querer pelo querer. Suas sobrancelhas se uniam e, segundo os observadores, esse traço indica tendência à inveja. A inveja das pessoas superiores torna-se emulação, gera grandes coisas; a dos espíritos mesquinhos transforma-se em ódio. Havia nela, sem disfarce algum, o *odiate e aspettate* da mãe. Seus olhos, aparentemente negros, mas, na realidade, dum castanho-alaranjado, contrastavam com seus cabelos, cujo louro fulvo, tão apreciado pelos romanos, se chama *auburn* na Inglaterra, e se encontra quase sempre nos filhos de duas pessoas de cabeleira preta como eram o sr. e a sra. Evangelista. A alvura e a suavidade da tez de Natália emprestavam ao contraste de cores entre seus cabelos e seus olhos atrativos indescritíveis, mas duma delicadeza puramente exterior, pois, sempre que aos traços dum rosto falta certo suave arredondado, quaisquer que sejam a perfeição e a graça dos detalhes, não se pode transportar para a alma os bons presságios que ele sugere. Essas rosas duma juventude enganadora se desfolham e alguns anos mais tarde vós vos surpreenderíeis de ver a secura e a dureza, onde antes admiráveis a graça das nobres qualidades. Embora os contornos de seu rosto tivessem alguma coisa de augusto, o queixo de Natália era ligeiramente empastado, expressão de pintor que pode servir para descrever a preexistência de sentimentos cuja violência só se manifestaria no meio da vida. Sua boca, um pouco sumida, exprimia um orgulho arrogante em harmonia com sua mão, seu queixo, suas sobrancelhas e seu belo corpo. E por fim — último sintoma que, por si só, permitiria a um conhecedor firmar um diagnóstico — a voz pura de Natália, essa voz tão sedutora, tinha sons metálicos. Por mais docemente manejado que fosse esse cobre, a despeito da graça com que

os sons corriam pelas espirais de metal, esse órgão anunciava o caráter do duque d'Alba,[308] de quem descendiam colateralmente os Casa-Real. Esses indícios traduziam paixões violentas sem ternura, dedicações bruscas, ódios irreconciliáveis, espírito sem inteligência, e a ânsia de dominar, natural às pessoas que se sentem inferiores a suas pretensões. Esses defeitos, nascidos do temperamento e da constituição, compensados, talvez, pelas qualidades dum sangue generoso, estavam encerrados em Natália como o ouro na mina e só se exteriorizariam sob o efeito dos rudes atritos e dos choques a que os caracteres ficam sujeitos na vida de sociedade. Naquela ocasião, a graça e o frescor da mocidade, a distinção de suas maneiras, sua santa ignorância, a delicadeza da moça coloriam suas feições de um suave verniz que enganava infalivelmente as pessoas superficiais. Além disso, sua mãe lhe comunicara desde muito cedo essa agradável maneira de falar que dá impressão de superioridade, que responde às objeções com gracejos e seduz por uma graciosa volubilidade sob a qual a mulher esconde o tufo de seu espírito do mesmo modo que a natureza disfarça os terrenos áridos sob o luxo das plantas efêmeras. Natália tinha, por fim, o encanto dos filhos mimados que não conheceram o sofrimento: atraía por sua franqueza e não tinha essa atitude solene que as mães impõem às filhas traçando-lhes um programa de maneiras e linguagem ridículas na época de casá-las. Era risonha e sincera como uma moça que nada sabe do casamento, que dele só espera alegrias, não prevê nenhuma desgraça e acredita que ao casar-se adquirirá o direito de sempre satisfazer suas vontades. Como poderia Paulo, que amava como se ama quando o desejo aumenta o amor, descobrir, numa moça desse tipo e cuja beleza o deslumbrava, a mulher que viria a ser aos trinta anos, quando mesmo alguns observadores teriam podido enganar-se com as aparências? Se a felicidade era difícil de encontrar num casamento com essa moça, não era, contudo, impossível. Através desses defeitos em embrião apareciam algumas belas qualidades. Sob a direção dum mestre hábil, não há qualidade que, bem desenvolvida, não abafe os defeitos, principalmente numa moça que ama. Mas, para tornar dúctil uma mulher tão pouco maleável, era necessário esse pulso de ferro de que de Marsay falava a Paulo. O elegante parisiense tinha

razão. O medo, inspirado pelo amor, é um instrumento infalível para manejar o espírito duma mulher. Quem ama teme e quem teme está mais próximo da afeição que do ódio. Teria Paulo o sangue-frio, o discernimento, a energia exigidos para essa luta que um marido hábil não deve deixar a mulher perceber? Além disso Natália amaria Paulo? Como a maioria das moças, Natália tomava por amor os primeiros impulsos do instinto e o prazer que lhe causava o aspecto físico de Paulo, sem nada saber das questões do casamento e da vida do lar. Para ela, o conde de Manerville, o aprendiz diplomata que conhecia as Cortes da Europa, um dos moços mais elegantes de Paris, não podia ser um homem ordinário, sem força moral, ao mesmo tempo tímido e corajoso, talvez enérgico diante da adversidade, mas indefeso contra os desgostos que destroem a felicidade. Teria ela mais tarde suficiente tato para distinguir as belas qualidades de Paulo entre seus leves defeitos? Não exageraria estes e esqueceria aqueles, segundo o costume das esposas jovens que nada sabem da vida? Há uma idade em que a mulher perdoa vícios a quem lhe poupa contrariedades e em que ela toma as contrariedades por infortúnios. Que força conciliadora, que experiência manteria e orientaria o jovem casal? Paulo e sua mulher não acreditariam amar-se quando só houvesse ainda entre eles essas carinhosas afetações que as esposas jovens se permitem no começo duma vida a dois, esses elogios que os maridos fazem ao voltar do baile, quando ainda têm as graças do desejo? E, nessa situação, Paulo não se submeteria à tirania da esposa em vez de firmar seu domínio? Paulo seria capaz de dizer "não"? Tudo era perigo para um homem fraco, num terreno em que mesmo o mais forte talvez corresse riscos.

Este estudo não visa precisamente a transição do rapaz solteiro à vida de casado, assunto que, largamente explorado, não deixaria de ter o atrativo que a tempestade íntima de nossos sentimentos empresta às coisas mais vulgares da vida. Os acontecimentos e as reflexões que determinaram o casamento de Paulo com a srta. Evangelista são uma introdução à obra, destinada unicamente a retratar a grande comédia que precede toda a vida conjugal. Até agora essa cena tem sido negligenciada pelos autores dramáticos, embora ofereça novos recursos à sua inspiração.

Essa comédia que dominou o futuro de Paulo e que a sra. Evangelista via aproximar-se com terror é a discussão a que dão lugar os contratos de casamento em todas as famílias, nobres ou burguesas: pois as paixões humanas são tão rigorosamente agitadas pelos pequenos como pelos grandes interesses. Essas comédias representadas perante o tabelião assemelham-se mais ou menos a esta, cujo interesse, portanto, estará menos nas páginas deste livro que na lembrança das pessoas casadas.

II – O CONTRATO DE CASAMENTO

PRIMEIRO DIA

No começo do inverno, em 1822, Paulo de Manerville pediu a mão da srta. Evangelista por intermédio de sua tia-avó, a baronesa de Maulincour. Embora a baronesa não costumasse passar mais de dois meses em Médoc, ficou lá até o fim de outubro para assistir o sobrinho-neto nessa emergência e representar o papel de mãe. Após ter transmitido as primeiras palavras à srta. Evangelista, a tia, velha experiente, foi comunicar a Paulo o resultado de sua diligência.

— Meu filho — disse-lhe —, teu assunto está resolvido. Falando em interesses materiais, fiquei sabendo que a sra. Evangelista não dará nada de seus bens à filha. A srta. Natália casa-se com seus direitos. Casa-te, meu filho! Os que têm um nome e terras a transmitir, uma família a conservar, cedo ou tarde acabam casando-se. Eu gostaria de ver meu querido Augusto tomar o mesmo caminho. Tu te casarás muito bem sem mim, não tenho mais que minha bênção para dar-te, e as mulheres velhas como eu não têm nada a fazer num casamento. Parto, pois, amanhã para Paris. Quando apresentares tua esposa à sociedade, eu a verei muito mais comodamente em minha casa do que aqui. Se não tivésseis um palácio em Paris, encontraríeis morada em minha casa, pois eu teria muito prazer em mandar arranjar para vós o segundo andar dela.

— Muito obrigado, querida tia — disse Paulo. — Mas que entende por essas palavras: “A mãe não dará nada de seus bens à filha, ela se

casa com seus direitos"?

— A mãe, meu filho, é uma finória que se aproveita da beleza da filha para impor condições e deixar-nos apenas o que não nos pode tirar, a fortuna do pai. Nós, as velhas, damos muito importância ao "Quanto ele tem? Quanto ela tem?". Aconselho-te que dês boas instruções a teu tabelião. O contrato, meu filho, é o mais sagrado dos deveres. Se teu pai e tua mãe não tivessem feito bem sua cama, talvez estivesses hoje sem lençóis. Tereis filhos, eles são as consequências mais comuns do casamento e, assim, é preciso pensar nisso. Vai falar com mestre Mathias, nosso antigo tabelião.

A sra. de Maulincour partiu após ter mergulhado Paulo em estranhas perplexidades. Sua sogra era uma finória. Precisava discutir seus interesses no contrato e necessariamente defendê-los: quem iria atacá-los? Paulo seguiu o conselho da tia e confiou a mestre Mathias a missão de redigir o contrato. Mas os debates que pressentia o preocuparam. E não foi sem viva emoção que ele entrou na casa da sra. Evangelista, a quem ia anunciar suas intenções. Como todos os tímidos, ele receava deixar transparecer as desconfianças que sua tia lhe sugerira e que lhe pareciam insultuosas. Para evitar o mais leve atrito com uma pessoa tão imponente como era, para ele, sua futura sogra, preparou um desses circunlóquios próprios das pessoas que não ousam abordar de frente as dificuldades.

— A senhora sabe — disse, aproveitando um momento em que Natália se ausentou — o que é um tabelião de família: o meu é um bom velho para quem seria um verdadeiro desgosto não ser incumbido do meu contrato de...

— Como não, meu caro! — respondeu, interrompendo-o, a sra. Evangelista. — Acaso nossos contratos de casamento não são feitos sempre por intermédio do tabelião de cada família?

O tempo que Paulo levara para abordar a questão fora empregado pela sra. Evangelista para se perguntar: "Em que estará pensando?", pois as mulheres possuem em alto grau o dom de descobrir os pensamentos íntimos pela fisionomia. Ela percebeu as observações da tia-avó no olhar embaraçado, na voz comovida que denunciava em Paulo uma luta interior.

“Finalmente”, pensou ela, “chegou o dia fatal, a crise vai começar, que resultará disto?” — Meu tabelião é o sr. Solonet — disse, após uma pausa — e o seu é o sr. Mathias. Vou convidá-los para o jantar, amanhã, e eles se entenderão sobre o assunto. Seu ofício não é conciliar os interesses sem que tenhamos que nos envolver nisso, como os cozinheiros são encarregados de nos fazer comer bons pratos?

— A senhora tem toda a razão — respondeu ele, deixando escapar um imperceptível suspiro de contentamento.

Por uma singular inversão dos dois papéis, Paulo, inocente de qualquer censura, tremia, e a sra. Evangelista parecia calma enquanto experimentava terríveis ansiedades. A viúva devia à filha o terço da fortuna deixada pelo sr. Evangelista, um milhão e duzentos mil francos e não podia pagá-los mesmo que se despojasse de todos os seus bens. Ia, pois, ficar à mercê do genro. Mesmo que ela pudesse dominar Paulo sozinha, Paulo, instruído pelo tabelião, transigiria na entrega das contas da tutela? Se ele desistisse de casar-se, Bordeaux inteira ficaria sabendo dos motivos e o casamento de Natália se tornaria impossível lá. Essa mãe que queria a felicidade da filha, essa mulher, que desde o nascimento vivera nobremente, refletiu que no dia seguinte devia tornar-se ímproba. Como esses grandes capitães que desejariam apagar de sua vida o momento em que foram secretamente covardes, ela gostaria de poder suprimir essa data do número de seus dias. Alguns fios de cabelo embranqueceram, certamente, durante a noite em que, diante dos fatos, ela se censurou por sua imprevidência, sentindo as duras necessidades da situação. Em primeiro lugar, via-se obrigada a confiar-se a seu tabelião, a quem pedira que fosse à sua casa logo que se levantasse. Precisava confessar uma miséria íntima que jamais quisera confessar a si mesma, pois vivera caminhando para um abismo contando com um desses acasos que nunca chegam. Ergueu-se em sua alma um leve movimento contra Paulo, no qual não havia ódio nem aversão nem mesmo nada de mau ainda; mas não era ele o partido adversário desse processo secreto? Não se tornara ele, sem o saber, um inimigo inocente que era preciso vencer? Quem pôde jamais amar sua vítima? Forçada a lograr, a espanhola resolveu, como faria qualquer mulher, empregar sua superioridade nesse combate, cuja

ignomínia só poderia ser absolvida por uma vitória completa. Na calma da noite, desculpou-se por uma série de argumentos que sua altivez dominou. Natália não fora beneficiada por suas dissipações? Havia em sua conduta um único desses motivos baixos e ignóbeis que enodoam a alma? Era um crime, um delito, o fato de não saber fazer contas? Um homem não seria muito feliz por possuir uma moça como Natália? O tesouro que ela conservara não valia uma quitação? Não há tantos homens que compram por mil sacrifícios uma mulher amada? Por que se faria menos por uma esposa legítima do que por uma cortesã? Além disso, Paulo era um homem nulo, incapaz; ela empregaria em seu favor os recursos de seu espírito, proporcionando-lhe uma bela carreira na sociedade; ele ficaria devendo o que viesse a conseguir; e, assim, ela não resgataria completamente sua dívida um dia? Seria um tolo se hesitasse! Hesitar por alguns escudos a mais ou a menos...? Seria infame.

"Se a vitória não se decide desde o começo", pensou ela, "deixarei Bordeaux e sempre poderei dar um bom futuro a Natália, capitalizando o que me resta, palácio, diamantes e mobiliário, dando-lhe tudo e me reservando apenas uma pensão."

Quando um espírito fortemente temperado se constrói um retiro como Richelieu em Brouage[309] e se traça um fim grandioso, isso lhe serve de ponto de apoio que o ajuda a triunfar. Esse desfecho, para a eventualidade dum fracasso, tranquilizou a sra. Evangelista, que adormeceu cheia de confiança em seu padrinho nesse duelo. Confiava muito no concurso do mais hábil tabelião de Bordeaux, o sr. Solonet, moço de vinte e sete anos, condecorado com a Legião de Honra por haver contribuído muito ativamente para o segundo retorno dos Bourbon.[310] Contente e orgulhoso de ser recebido na casa da sra. Evangelista, menos como tabelião que como membro da sociedade realista de Bordeaux, Solonet concebera, por aquele belo pôr do sol, uma dessas paixões que as mulheres como a sra. Evangelista repelem, mas com as quais se sentem lisonjeadas e que as mais recatadas deixam à flor da água. Solonet permanecia numa vaidosa atitude cheia de respeito e de esperança muito conveniente. O tabelião apresentou-se no dia seguinte com a solicitude do escravo e foi recebido no quarto

de dormir pela faceira viúva, que apareceu no desalinho dum inteligente roupão.

— Posso contar com sua discrição e sua inteira dedicação na discussão que se travará esta noite? — perguntou-lhe. — O senhor certamente percebe que me refiro ao contrato de casamento de minha filha.

O moço desmanchou-se em galantes protestos.

— Vamos à questão — disse ela.

— Escuto — respondeu ele, dando a impressão de concentrar-se.

A sra. Evangelista expôs-lhe cruamente sua situação.

— Minha linda senhora, isso não é nada — disse mestre Solonet, assumindo uma atitude benevolente, quando a sra. Evangelista acabou de dar-lhe as cifras exatas. — Como se tem conduzido a senhora com o sr. de Manerville? Aqui as questões morais dominam as questões de direito e de finanças.

A sra. Evangelista envergou sua superioridade. O jovem tabelião soube, com vivo prazer, que até aquele dia sua cliente mantivera em suas relações com Paulo a mais elevada dignidade; que, em parte por verdadeiro orgulho, em parte por cálculo involuntário, agira sempre como se o conde de Manerville lhe fosse inferior, como se fosse uma honra para ele desposar a srta. Evangelista; nem ela nem a filha podiam ser suspeitadas de intenções interesseiras; seus sentimentos pareciam puros de qualquer mesquinharia; à menor dificuldade financeira levantada por Paulo, elas tinham o direito de afastar-se a uma distância incomensurável; tinha, finalmente, sobre o futuro genro uma ascendência invencível.

— Sendo assim — disse Solonet —, quais são as últimas concessões que quer fazer?

— O mínimo possível — disse ela, rindo.

— Resposta de mulher — exclamou Solonet. — A senhora deseja muito casar a srta. Natália?

— Sim.

— Quer uma quitação do milhão e cento e cinquenta e seis mil francos dos quais é devedora conforme a conta de tutela a apresentar ao genro?

— Sim.

— Quanto quer reservar para a senhora?

— Trinta mil francos de renda, no mínimo — respondeu ela.

— É questão de vida ou de morte?

— Sim.

— Pois bem, vou pensar nos meios necessários para conseguir isso, pois precisamos de muita habilidade e de orientar muito bem nossas forças. Logo que chegar eu lhe darei algumas instruções. Execute-as fielmente e posso desde já predizer-lhe um êxito completo. O conde Paulo ama a srta. Natália? — perguntou, levantando-se.

— Adora-a.

— Não basta isso. Deseja-a como mulher a ponto de passar por cima de algumas dificuldades pecuniárias?

— Sim.

— Aí está o que eu chamo de *Haver* nos predicados de uma moça! — exclamou o tabelião. — Pois faça-a bem bonita esta noite — acrescentou ele, com uma expressão maliciosa.

— Temos o mais lindo vestido do mundo.

— O vestido do contrato contém, na minha opinião, a metade das doações — disse Solonet.

Este último argumento pareceu tão importante à sra. Evangelista que ela quis ajudar Natália a vestir-se, tanto para fiscalizar como para fazer do vestuário um cúmplice inocente de sua conspiração financeira. Penteada à Sévigné, com um vestido de *cashmere* branca enfeitado de laços cor-de-rosa, a filha pareceu-lhe tão linda que pressentiu a vitória. Quando a criada saiu e a sra. Evangelista ficou certa de que ninguém mais a ouviria, arranjou uns cachos no penteado da filha, a título de preâmbulo.

— Filha querida, amas sinceramente mesmo o sr. de Manerville? — perguntou-lhe, com uma voz aparentemente firme.

A mãe e a filha trocaram um estranho olhar.

— Por que, mamãezinha, só hoje me fazes esta pergunta? Por que me deixaste conhecê-lo?

— Se fosse preciso que nos deixássemos para sempre, persistirias nesse casamento?

— Renunciaria a ele e não morreria de desgosto por isso.

— Não amas, minha querida — disse a mãe, beijando-lhe a fronte.

— Mas, mamãe, por que estás bancando o grande inquisidor?

— Eu queria saber se estás disposta ao casamento sem estar louca pelo marido.

— Eu o amo.

— Tens razão, ele é conde, faremos dele um par da França para nós duas; mas vamos ter de enfrentar algumas dificuldades.

— Dificuldades entre pessoas que se amam? Não. O *Fleur-de-Pois* está bem plantado aqui, mãezinha querida — disse ela, apontando para o coração com um gesto delicado —, para que vá fazer a menor objeção. Tenho certeza disso.

— E se não fosse assim? — disse a sra. Evangelista.

— Ele seria completamente esquecido — respondeu Natália.

— Bem. És uma Casa-Real! Mas, mesmo ele te amando como um louco, se surgissem discussões às quais ele fosse alheio e por cima das quais tivesse que passar, tanto por ti como por mim, Natália, hein? Se, sem ferir de maneira alguma as conveniências, um pouco de amabilidade nas maneiras o decidisse? Que dizes, um nada, uma palavra? Os homens são assim, resistem a uma discussão séria e caem a um simples olhar.

— Compreendo! Uma pancadinha para que Favorito salte o obstáculo — disse Natália, fazendo o gesto de quem dá uma rebencada no cavalo.

— Meu anjo, não te peço nada parecido com sedução. Temos sentimentos da antiga dignidade castelhana que não nos permitem passar certos limites. O conde Paulo compreenderá minha situação.

— Que situação?

— Tu não a compreenderias. Pois bem, se, após te haver visto em toda tua glória, seu olhar traísse a mínima hesitação — e eu o percebesse! —, garanto-te que no mesmo momento eu romperia com tudo e seria capaz de liquidar minha fortuna, deixar Bordeaux e ir para Douai, para a casa dos Claës,[311] que, apesar de tudo, são nossos parentes por sua aliança com os Temninck. Depois, eu te casaria com um par da França, mesmo que tivesse de me refugiar num convento a

fim de te dar toda minha fortuna.

— Mamãe, que é preciso fazer, então, para impedir tais desgraças? — disse Natália.

— Nunca te vi tão linda, minha filha! Sê um pouco coquete e tudo sairá bem.

A sra. Evangelista deixou Natália pensativa e foi vestir-se de maneira a poder sustentar o paralelo com a filha. Se Natália devia ficar atraente para Paulo, não devia a viúva inflamar Solonet, seu defensor? A mãe e filha estavam em pé de guerra quando Paulo se apresentou com o ramo de flores que havia alguns meses costumava levar todos os dias a Natália. Depois, os três puseram-se a conversar à espera dos dois tabeliães.

Esse dia foi para Paulo a primeira escaramuça dessa longa e fatigante guerra denominada casamento. É necessário, portanto, fixar as forças de cada partido, a situação dos corpos beligerantes e o terreno sobre o qual deviam manobrar. Para sustentar uma luta cuja importância lhe escapava inteiramente, Paulo tinha como único defensor seu velho tabelião, Mathias. Um e outro iam ser surpreendidos sem defesa por um acontecimento inesperado, acossados por um inimigo cujo argumento já estava preparado e forçados a tomar uma decisão sem tempo de refletir. Mesmo assistido por Cujas e Barthole[312] em pessoa, que homem não teria sucumbido? Como pensar em perfídia onde tudo parece fácil e natural? Que poderia Mathias sozinho contra a sra. Evangelista, contra Solonet e contra Natália, sobretudo levando em conta que seu apaixonado cliente passaria para o inimigo logo que as dificuldades ameaçassem sua felicidade? Paulo já estava caindo nas mãos do adversário através das belas frases em uso entre namorados, mas às quais sua paixão emprestava, naquele momento, enorme valor aos olhos da sra. Evangelista, que o incitava a comprometer-se.

Condottieri[313] matrimoniais que se iam digladiar pelos clientes e cujas forças pessoais eram decisivas nesse solene encontro, os dois tabeliães representavam os antigos e os novos costumes, o antigo e o novo tabelionato.

Mestre Mathias era um bom velho de sessenta e nove anos que se

orgulhava de seus vinte anos de exercício do cargo. Seus grandes pés de gotoso, calçados com sapatos ornados de fivelas de prata, terminavam pernas tão finas, de rótulas tão salientes, que quando se cruzavam se diriam os dois ossos que figuram acima dos epitáfios. As pequenas coxas magras, perdidas dentro de largos calções pretos com fivelas, pareciam vergar sob o peso dum ventre redondo e dum busto desenvolvido como o das pessoas de gabinete, uma grande bola empacotada numa casaca verde de abas quadradas, que ninguém se lembrava de ter visto nova. Os cabelos, bem alisados e empoados, juntavam-se numa pequena cauda de rato sempre metida entre a gola da casaca e a do colete branco floreado. Com sua cabeça redonda, seu rosto da cor duma folha de parreira, seus olhos azuis, seu nariz em trombeta, sua boca de lábios grossos e sua papada, o bom homenzinho provocava, em toda parte onde aparecia sem ser conhecido, o riso generosamente concedido pelos franceses às criações ridículas que a natureza se permite, que a arte se diverte em exagerar e que denominamos caricaturas. Mas, em mestre Mathias, o espírito triunfara sobre a forma, as qualidades da alma haviam vencido as singularidades do corpo. A maioria dos bordeleses testemunhava-lhe um respeito amistoso, uma deferência cheia de estima. A voz do tabelião conquistava os corações, fazendo ressoar neles a eloquência da probidade. Sua única astúcia consistia em ir diretamente aos fatos, derrotando as más intenções por perguntas precisas. Sua visão rápida e seu grande hábito dos negócios conferiam-lhe esse dom divinatório que permite chegar ao fundo das consciências e ler ali os pensamentos secretos. Embora grave e sério nos negócios, esse patriarca tinha a jovialidade de nossos antepassados. Era ele que devia presidir aos cânticos à mesa, admitir e conservar as solenidades de família, celebrar os aniversários, os dias da festa das avós e das crianças, enterrar com cerimônia a árvore de Natal; tinha de gostar de levantar brindes, fazer surpresas e oferecer ovos de Páscoa; devia acreditar nas obrigações de padrinho e não abandonar nenhum dos costumes que coloriam a vida de outrora. Mestre Mathias era um nobre e respeitável remanescente desses tabeliães, grandes homens obscuros, que recebiam milhões sem passar recibos, mas os devolviam nas mesmas bolsas amarradas com

os mesmos cordões; que executavam ao pé da letra os fideicomissos, encaminhavam decentemente os inventários, se interessavam como segundos pais pelos interesses dos clientes, barravam às vezes o caminho diante dos dissipadores e a quem as famílias confiavam seus segredos; era, enfim, um desses tabeliães que se consideravam responsáveis por seus erros nos atos e meditavam longamente sobre eles. Nunca, em sua vida de tabelião, um cliente teve de se queixar duma colocação de capital perdida, duma hipoteca malfeita ou mal garantida. Sua fortuna, lenta mas honestamente adquirida, só a conseguira após trinta anos de atividade e de economia. Estabelecera catorze de seus escreventes. Religioso e generoso incógnito, Mathias se achava em toda parte onde se praticasse o bem sem recompensa. Membro ativo da comissão dos hospitais e da comissão de beneficência, subscrevia as mais altas quantias nas contribuições voluntárias destinadas a socorrer os infortúnios súbitos, a fundar algum estabelecimento útil. Por isso, ele e sua esposa não tinham carruagem e também por isso sua palavra era sagrada, seus sótãos guardavam tanto dinheiro como o banco, chamavam-no de *bom sr. Mathias*, e quando morreu houve três mil pessoas em seu enterro.

Solonet era o tipo do tabelião jovem que chega cantarolando, afeta uma atitude despreocupada, pretende que os negócios se resolvem tão bem rindo como conservando-se sério; o tabelião capitão da guarda nacional que se zanga por ser tomado por tabelião e pleiteia a cruz da Legião de Honra, que tem carruagem, manda os escreventes verificar os documentos; o tabelião que vai aos bailes, ao teatro, compra quadros e joga cartas, que tem um cofre onde se derramam os depósitos e restitui em notas de dinheiro o que recebe em ouro; o tabelião que acompanha a época e arrisca os capitais em colocações duvidosas, especula e quer deixar o cargo com trinta mil francos de renda após dez anos de notariado; o tabelião cuja ciência provém de sua duplicidade, mas que muitos temem como um cúmplice que conhece seus segredos; enfim, o tabelião que vê no cargo um meio de casar-se com alguma herdeira instruída.

Quando o esbelto e louro Solonet, frisado, perfumado, calçado como um jovem galã de opereta, vestido como um elegante cuja tarefa mais

importante é um duelo, entrou, precedendo seu velho confrade, retardado por um excesso de gota, os dois homens reproduziram ao natural uma dessas caricaturas intituladas ontem e hoje, que tanto êxito alcançaram durante o Império. Se a sra. e a srta. Evangelista, que não conheciam o *bom sr. Mathias*, tiveram no primeiro momento uma leve vontade de rir, ficaram logo sensibilizadas pela graça com que ele as saudou. As palavras do bom velhote exalaram essa amenidade que os velhos amáveis sabem espalhar tanto nas ideias como na forma como as exprimem. O jovem tabelião, com seu modos vivos, ficou assim em situação de inferioridade. Mathias testemunhou a superioridade de seu trato social pela maneira discreta como se dirigiu a Paulo. Sem comprometer seus cabelos brancos, respeitou a nobreza num moço mostrando que a velhice também tem direito a algumas honrarias e que todos os direitos sociais são solidários. O cumprimento e o boa-tarde de Solonet, pelo contrário, tinham sido a expressão duma perfeita igualdade, que feria as pretensões das pessoas de sociedade e o ridicularizava aos olhos dos verdadeiros nobres. O jovem tabelião fez um gesto muito familiar à sra. Evangelista para convidá-la a conversar num vão da janela. Durante alguns momentos, falaram-se ao ouvido, deixando escapar alguns risinhos, certamente para dissimular a importância da palestra, pela qual mestre Solonet comunicou o plano de batalha à sua soberana.

— Mas — disse ele, ao terminar — terá coragem de vender seu palácio?

— Perfeitamente — disse ela.

A sra. Evangelista não quis dizer a seu tabelião a razão desse heroísmo, que o surpreendeu: o zelo de Solonet poderia arrefecer se ele soubesse que sua cliente ia deixar Bordeaux. Nem mesmo dissera nada disso a Paulo, a fim de não assustá-lo com o vulto das barreiras que se deve enfrentar nas primeiras atividades duma vida política.

Após o jantar, os dois plenipotenciários deixaram os namorados junto da mãe e dirigiram-se a uma sala vizinha, destinada à sua conferência. Desenrolou-se, então, uma dupla cena: ao lado da chaminé da grande sala, uma cena de amor na qual a vida aparecia risonha e alegre; na outra peça, uma cena grave e sombria na qual o

interesse ensaiava, em sua nudez, o papel que representa sob as aparências floridas da vida.

— Caro mestre — disse Solonet a Mathias —, o documento ficará em seu cartório. Conheço minha obrigação para com meu colega mais velho.

Mathias agradeceu gravemente.

— Mas — continuou Solonet, desdobrando um projeto de documento inútil que fizera rabiscar por um escrevente — como somos a parte oprimida, pois somos a noiva, redigi o contrato para poupar-lhe esse trabalho. Casamo-nos com nossos direitos, sob o regime de comunhão de bens; doação geral de nossos bens, um ao outro, em caso de morte sem herdeiro, e, no caso contrário, doação dum quarto em usufruto e um quarto em nua propriedade; a quantia reservada para a comunidade será constituída da quarta parte dos bens de cada um; o sobrevivente ficará com o mobiliário, sem ser obrigado a fazer inventário. Tudo é muito simples.

— Ta-ta-ta-tá — disse Mathias —, não resolvo os casos como quem trauteia uma ária. Quais são seus direitos?

— Quais são os seus? — disse Solonet.

— Nosso dote — disse Mathias — é a propriedade de Lanstrac, que rende vinte e três mil francos em dinheiro, sem contar os rendimentos em gêneros. *Item*, as herdades do Grassol e do Guadet, representando cada uma três mil e seiscentos francos de renda. *Item*, o vinhedo de Bellerose, que rende, nos anos normais, dezesseis mil francos; total, quarenta e seis mil e duzentos francos de renda. *Item*, um palácio patrimonial em Bordeaux, taxado em novecentos francos. *Item*, uma bela casa com pátio e jardim, situada em Paris, à rue de la Pépinière, taxada em mil e quinhentos francos. Essas propriedades, cujas escrituras estão em meu poder, provêm da herança de nossos pais, exceto a casa de Paris, que foi adquirida por nós. Temos de contar ainda o mobiliário de nossas duas casas e o do castelo de Lanstrac, avaliados em quatrocentos e cinquenta mil francos. Aí está a mesa, a toalha e o primeiro serviço. Que traz o senhor para o segundo serviço e a sobremesa?

— Nossos direitos — disse Solonet.

— Especifique-os, meu caro colega — replicou Mathias. — Que me traz? Onde está o inventário feito após a morte do sr. Evangelista? Mostre-me a liquidação, o emprego do seu capital. Onde está seu capital, se é que há capital? Onde estão suas propriedades, se é que há propriedades? Mostre-me logo uma conta da tutela e diga-nos quanto é que sua mãe lhe dá ou lhe garante.

— O sr. conde de Manerville ama a srta. Evangelista?

— Quer casar-se com ela se todas as conveniências se harmonizarem — disse o velho tabelião. — Não sou criança, estamos tratando de nossos negócios, e não de nossos sentimentos.

— O negócio fracassará se os senhores não tiverem sentimentos generosos: eis por quê — replicou Solonet. — Não fizemos inventário após a morte de nosso marido, éramos espanhola, das colônias e não conhecíamos as leis francesas. Além disso, estávamos demasiadamente abatidas pela dor para pensar em miseráveis formalidades que enchem os corações frios. É público e notório que éramos adoradas pelo falecido e que o choramos imensamente. Se temos uma liquidação precedida dum começo de inventário, agradeça-o a nosso tutor substituto, que nos obrigou a estabelecer uma situação e a reconhecer à nossa filha uma certa fortuna, no momento em que tivemos de retirar de Londres títulos ingleses de renda cujo capital era imenso para tornar a colocá-lo em Paris, onde duplicamos seus juros.

— Não me diga tolices! Há meios de controle. Quanto pagaram de imposto de herança? Essa quantia bastará para fazermos o cálculo. Vá diretamente ao fato. Diga-nos francamente quanto lhe tocava e quanto lhe resta. Depois veremos se estamos demasiadamente apaixonados.

— Se quer casar-se conosco por dinheiro, pode dar o fora. Temos direito a mais de um milhão; mas resta à nossa mãe apenas este palácio, seu mobiliário e quatrocentos e poucos mil francos empregados em 1817, a cinco por cento, dando quarenta mil francos de renda.

— E como levam uma vida que exige cem mil francos de renda? — exclamou Mathias, aterrado.

— Nossa filha tem-nos custado os olhos da cara. Além disso, gostamos de gastar. Enfim, suas jeremiadas não nos ajudarão a

encontrar dois vinténs.

— Com os cinquenta mil francos de renda que pertenciam à srta. Natália, podia tê-la criado ricamente sem se arruinar. Mas se enquanto solteira sempre comeu com tanto apetite, não irá devorar quando estiver casada?

— Deixe-nos, então — disse Solonet. — A moça mais linda do mundo deve poder comer mais do que tem.

— Vou dizer duas palavras a meu cliente — replicou o velho tabelião.

"Vai, vai, velho tio Cassandra.[314] Vai dizer a teu cliente que estamos quebrados", pensou mestre Solonet, que, no silêncio do gabinete, dispusera estrategicamente suas forças, alinhara suas frases, ensaiara as réplicas da discussão e preparara a situação em que as partes, julgando tudo perdido, se veriam diante duma feliz transação na qual triunfaria sua cliente.

O vestido branco de laços cor-de-rosa, as espirais à Sévigné, o pezinho de Natália, seus olhares maliciosos, sua linda mão sempre ocupada em reparar a desordem dos cachos que não se desarranjavam, as manobras duma moça que se exibia vaidosamente como um pavão ao sol levaram Paulo ao ponto em que a futura sogra queria vê-lo: estava ébrio de desejos e cobiçava a noiva como um ginasiano pode cobiçar uma cortesã; seus olhares, fiel termômetro da alma, indicavam esse grau de paixão no qual um homem comete mil asneiras.

— Natália está tão linda — disse ao ouvido da sogra — que compreendo o delírio que nos leva a pagar um prazer com a morte.

A sra. Evangelista respondeu sacudindo a cabeça.

— Palavras de apaixonado! Meu marido não me dizia nenhuma dessas belas frases, mas desposou-me, embora eu fosse pobre, e durante treze anos nunca me deu o mínimo desgosto.

— É uma lição que está me dando? — disse Paulo, rindo.

— Sabe como o estimo, filho querido! — disse, apertando-lhe a mão. — Aliás, é preciso que o queira muito para lhe dar minha Natália!

— Dar-me, dar-me! — disse a moça rindo e agitando um leque de plumas de pássaros indianos. — Que estão dizendo em voz baixa?

— Eu estava dizendo — respondeu Paulo — o quanto a amo, pois as

conveniências me impedem de exprimir-lhe meus desejos.

— Por quê?

— Tenho medo de mim.

— Oh! O senhor tem suficiente inteligência para adornar uma mulher com as joias do elogio. Quer que eu lhe diga minha opinião a seu respeito...? Pois bem, acho que tem mais espírito do que costuma ter um homem apaixonado. Ser o *Fleur-des-Pois* e conservar-se muito inteligente — disse ela, baixando os olhos — é ter muitas vantagens ao mesmo tempo: um homem deveria optar. Eu também tenho medo!

— De quê?

— Não falemos assim. Não acha, mamãe, que esta conversa é perigosa, visto que nosso contrato ainda não está assinado?

— Mas vai sê-lo — disse Paulo.

— Eu tinha vontade de saber o que estão dizendo Aquiles e Nestor[315] — disse Natália, indicando com um olhar de curiosidade infantil a porta duma saleta.

— Estão falando de nossos filhos, de nossa morte e de outras frivolidades semelhantes; contam nosso dinheiro para ver se poderemos ter sempre cinco cavalos na estrebaria. Tratam, também, de doações, mas eu os preveni.

— Como? — perguntou Natália.

— Já não me dei inteiramente? — disse ele, fitando a moça, cuja beleza redobrou quando a alegria causada por essa resposta corou seu rosto.

— Mamãe, como posso agradecer tanta generosidade?

— Querida filha, não tens toda a tua vida para corresponder a isso? Saber fazer a felicidade de cada dia não é levar inesgotáveis tesouros? Eu não tinha outra coisa por dote.

— Gosta de Lanstrac? — disse Paulo a Natália.

— Como não gostaria duma coisa sua? — disse ela. — Gostaria muito, também, de ver sua casa.

— Nossa casa — disse Paulo. — Certamente quer saber se previ seus gostos, se se dará bem lá. A senhora sua mãe tornou difícil a tarefa dum marido, você tem sido muito feliz; mas, quando o amor é infinito, nada lhe é impossível.

— Queridos filhos — disse a sra. Evangelista —, poderão ficar em Bordeaux durante os primeiros dias do casamento? Se sentem coragem para afrontar a sociedade que os conhece, os espia, os incomoda, está bem! Mas se sentem ambos esse pudor de sentimento que se esconde na alma e não se exprime, iremos a Paris, onde a vida dum casal jovem se perde na torrente. Somente lá poderão ficar como dois apaixonados, sem ter de recear o ridículo.

— Tem razão, mamãe, não pensei nisso. Mas mal terei tempo de preparar minha casa. Esta noite escreverei a de Marsay, o amigo com quem posso contar para fazer os operários trabalharem depressa.

No momento em que, como os moços habituados a satisfazer seus prazeres sem cálculo prévio, Paulo se metia inconsideradamente nas despesas duma temporada em Paris, mestre Mathias entrou no salão e fez um sinal ao cliente para que fosse falar com ele.

— Que há, meu amigo? — disse Paulo, deixando-se levar a um canto.

— Senhor conde — disse o bom homem —, não há nada de dote. Minha opinião é de adiar a conferência a fim de que o senhor possa tomar uma decisão conveniente.

— Sr. Paulo — disse Natália —, também quero dizer-lhe uma palavra em particular.

Embora a atitude da sra. Evangelista fosse calma, jamais um judeu da Idade Média sofreu na caldeira cheia de óleo em ebulição o martírio que ela sofreu no seu vestido de veludo roxo. Solonet garantira-lhe o casamento, mas ela ignorava os meigos, as condições do êxito, e padecia a horrível angústia das alternativas. E talvez tenha devido o triunfo à desobediência da filha. Natália soube interpretar as palavras da mãe, cuja inquietação era evidente para ela. Quando viu o êxito de seu coquetismo, sentiu-se ferida no coração por mil pensamentos contraditórios. Sem censurar a mãe, envergonhou-se dessa manobra cujo preço era um lucro qualquer. Depois, foi acometida duma curiosidade ciumenta bastante compreensível. Quis saber se Paulo a amava o suficiente para transpor as dificuldades previstas pela mãe e que lhe eram anunciadas pela fisionomia um pouco sombria de mestre Mathias. Esses sentimentos a impeliram a um gesto de lealdade que,

aliás, a colocava muito bem. A mais negra perfídia não teria sido tão perigosa como foi sua inocência.

— Paulo — disse-lhe em voz baixa, tratando-o assim pela primeira vez —, se algumas dificuldades financeiras nos separarem, saiba que o desobrigo de seus compromissos e o autorizo a lançar sobre mim o descrédito duma ruptura de noivado.

Ela empregou uma tão profunda dignidade na expressão de sua generosidade que Paulo acreditou no desinteresse de Natália, em sua ignorância do fato que seu tabelião acabara de revelar-lhe; apertou a mão da moça e beijou-a como um homem a quem o amor era mais caro que o dinheiro. Natália saiu.

— Que diabo! Senhor conde, está fazendo bobagens — resmungou o velho tabelião, indo ao encontro do cliente.

Paulo ficou pensativo: esperava ficar com cerca de cem mil francos de renda unindo sua fortuna à de Natália e, por mais apaixonado que esteja um homem, não é sem emoção que passa de cem a quarenta mil francos de renda, ao receber uma mulher habituada ao luxo.

— Minha filha não está aqui — interveio a sra. Evangelista, que avançou altivamente em direção do genro e do tabelião. — Podem dizer-me que é que há?

— Senhora — replicou Mathias, atemorizado com o silêncio de Paulo —, surgiu um impedimento dilatório...

Ao ouvir essa frase, Solonet saiu da saleta e cortou a palavra ao velho colega com uma frase que restituiu a vida a Paulo. Oprimido pela recordação de suas frases galantes, por sua atitude apaixonada, Paulo não sabia como desmenti-las nem como modificá-las. Teve vontade de poder jogar-se num abismo.

— Há um meio de desobrigar a senhora para com a filha — disse o jovem tabelião com uma atitude despreocupada. — A sra. Evangelista possui quarenta mil francos de renda em inscrições a cinco por cento, cujo capital logo estará ao par, se não o ultrapassar; assim, podemos calculá-lo em oitocentos mil francos. Este palácio e o jardim valem bem duzentos mil francos. Nestas condições, a senhora pode transferir para o contrato a nua propriedade desses valores à filha, pois não creio que o senhor tenha intenção de deixar a sogra sem recursos. Se a senhora

gastou sua fortuna, restitui a da filha, com uma diferença insignificante.

— As mulheres são muito infelizes por não entender de negócios — disse a sra. Evangelista. — Tenho nuas propriedades? Que é isso, meu Deus?

Paulo estava numa espécie de êxtase ao ouvir essa proposta. O velho tabelião, ao ver a armadilha preparada a seu cliente já preso por um pé, ficou petrificado, dizendo consigo:

“Acho que estão brincando conosco!”

— Se a senhora seguir meu conselho, assegurará sua tranquilidade — disse o jovem tabelião, continuando. — Já que se vai sacrificar, é preciso que não a atormentem. Não se pode prever o futuro. O senhor conde reconhecerá, pois, pelo contrato, ter recebido a importância total que tocou à srta. Evangelista da herança do pai.

Mathias não pôde reprimir a indignação que brilhou em seus olhos e lhe corou o rosto.

— E essa soma — disse, trêmulo — é de...?

— Um milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, de acordo com o documento...

— Por que não pede ao senhor conde que faça *hic et nunc*[316] a desistência de sua fortuna à futura esposa? — disse Mathias. — Seria mais leal do que o que o senhor nos propõe. A ruína do conde de Manerville não se consumará diante de meus olhos. Retiro-me.

Deu um passo em direção à porta, a fim de esclarecer o cliente sobre a gravidade das circunstâncias; mas voltou e, dirigindo-se à sra. Evangelista:

— Não vá pensar, minha senhora, que eu a considere solidária com as ideias de meu colega; tenho-a por uma senhora honesta, uma grande fidalga que não entende de negócios.

— Muito obrigado, meu caro colega — disse Solonet.

— O senhor sabe muito bem que entre nós nunca há injúria — respondeu-lhe Mathias. — Minha senhora, fique sabendo, pelo menos, o resultado dessas cláusulas. A senhora, jovem e muito bonita como é, facilmente se casará de novo. Oh, meu Deus — disse o velho, a um gesto da sra. Evangelista —, quem pode responder por si?

— Eu não julgava, senhor — disse a sra. Evangelista —, que após ter ficado viúva durante sete longos anos e ter recusado brilhantes partidos por amor à minha filha, me considerassem capaz, aos trinta e nove anos, duma loucura dessas! Se não estivéssemos tratando de negócios, eu consideraria essa suposição uma insolência.

— Não seria maior insolência achar que a senhora não poderia se casar?

— Querer e poder são duas palavras muito diferentes — disse galantemente Solonet.

— Pois bem — disse mestre Mathias —, não falemos de seu casamento. A senhora pode, e todos nós o desejamos, viver ainda quarenta e cinco anos. Ora, como a senhora ficará com o usufruto da fortuna do sr. Evangelista, seus filhos se alimentarão de brisa enquanto a senhora viver?

— Que significa essa frase? Que querem dizer *brisa* e *usufruto*?

Solonet, homem de bom gosto e elegante, pôs-se a rir.

— Vou traduzi-la — respondeu o bom velho. — Se seus filhos forem prudentes, pensarão no futuro. Pensar no futuro é economizar metade dos rendimentos, supondo que só venham dois filhos, aos quais terão de dar, primeiro, uma boa educação, e, depois um grande dote. Sua filha e seu genro ficarão, assim, reduzidos a vinte mil francos de renda, quando um e outro gastavam cinquenta mil quando solteiros. Isso ainda não é nada. Meu cliente terá de entregar um dia a seus filhos um milhão e cem mil francos da fortuna de sua mãe e ainda não os terá recebido, se sua esposa tiver morrido e a senhora continuar viva, o que bem pode acontecer. Em consciência, assinar um contrato assim não é o mesmo que atirar-se de mãos e pés amarrados no Gironda? A senhora quer fazer a felicidade de sua filha? Se ela ama o marido, sentimento de que os tabeliães nunca duvidam, há de tomar para si suas aflições. E já as vejo suficientemente grandes para fazerem-na morrer de pesar, pois ficará na miséria. Sim, minha senhora, para quem precisa de cem mil francos de renda, ter apenas vinte mil é a miséria. Se o senhor conde fizesse loucuras por amor, sua esposa o arruinaria ao repeti-las, quando surgisse algum infortúnio. Estou advogando aqui, pela senhora, por eles, por seus filhos, por todos.

“O velhote disparou todos os seus canhões”, pensou mestre Solonet, dirigindo à cliente um olhar para dizer-lhe: — Continue.

— Há um meio de conciliar esses interesses — respondeu com calma a sra. Evangelista. — Posso reservar-me unicamente uma pensão suficiente para entrar num convento e terão meus bens desde já. Posso renunciar ao mundo, se minha morte antecipada assegura a felicidade de minha filha.

— Minha senhora — disse o velho tabelião —, vamos esperar o tempo necessário para refletir maduramente sobre uma solução que harmonize todas as dificuldades.

— Eh! Meu Deus — disse a sra. Evangelista, que via sua derrota num adiamento —, tudo já está refletido. Eu ignorava o que fosse um casamento na França. Sou espanhola e colonial. Eu ignorava que, antes de casar, minha filha precisasse saber o número de dias que Deus ainda me concederá, que minha filha fosse prejudicada por eu continuar a viver, que eu praticasse algum mal por viver e ter vivido. Quando meu marido me desposou, eu só tinha meu nome e minha pessoa. Meu nome, apenas, valia para ele tesouros diante dos quais os seus empalideciam. Que fortuna equivale a um nome ilustre? Meu dote era a beleza, a virtude, a felicidade, a origem, a educação. Acaso o dinheiro dá esses tesouros? Se o pai de Natália ouvisse nossa palestra, sua alma generosa ficaria eternamente magoada e isto estragaria sua ventura no paraíso. Dissipei, talvez loucamente!, alguns milhões, sem que jamais suas sobrancelhas tenham feito um movimento. Depois de sua morte, tornei-me econômica e metódica em comparação com a vida que ele queria que eu levasse. Portanto, acabemos a discussão! O sr. de Manerville está tão abatido que eu...

Nenhuma onomatopeia pode traduzir a confusão e a desordem que as palavras “Acabemos a discussão” trouxeram à conversa. Basta dizer que as quatro pessoas, tão bem-educadas, falaram ao mesmo tempo.

— Na Espanha, a gente se casa à espanhola e como quer; mas na França, a gente se casa à francesa, razoavelmente, e como pode! — dizia Mathias.

— Ah, senhora! — exclamou Paulo, saindo de seu assombro. — Engana-se a respeito de meus sentimentos.

— Não se trata de sentimentos — disse o velho tabelião, procurando deter o cliente —, estamos tratando dos negócios de três gerações. Fomos nós que consumimos os milhões ausentes, nós que apenas pedimos para resolver dificuldades de que somos inocentes?

— Despose-nos e não regateie — dizia Solonet.

— Regatear! Regatear! Chama de regatear defender os interesses dos filhos, do pai e da mãe! — dizia Mathias.

— Sim — dizia Paulo à sogra, continuando —, deploro os esbanjamentos de minha mocidade, que não me permitem encerrar esta discussão com uma palavra, assim como a senhora deplora sua ignorância dos negócios e sua atrapalhação involuntária. Deus é testemunha de que não penso em mim neste momento, uma vida modesta em Lanstrac não me assusta; mas a srta. Natália não terá de renunciar a seus caprichos, a seus hábitos? Isso modificará nossa vida.

— Onde ia o sr. Evangelista buscar seus milhões? — disse a viúva.

— O sr. Evangelista fazia negócios, jogava o grande jogo dos comerciantes, expedia navios e ganhava somas consideráveis. Nós somos apenas um proprietário cujo capital está empregado e cujos rendimentos são inflexíveis — respondeu vivamente o velho tabelião.

— Ainda há um meio de conciliar tudo — disse Solonet, que, com essa frase proferida em tom de falsete, impôs silêncio aos outros três, atraindo seus olhares e sua atenção.

O jovem tabelião parecia um hábil cocheiro que segura as rédeas de duas parelhas de cavalos e se diverte em incitá-los e contê-los. Desencadeava as paixões e alternadamente as acalmava, fazendo Paulo, cuja vida e cuja felicidade estavam a todo momento em risco, suar sob os arreios, assim como sua cliente, que não via nada claro através das reviravoltas da discussão.

— A sra. Evangelista — disse, após uma pausa — pode desistir hoje mesmo das inscrições a cinco por cento e vender seu palácio. Conseguirei trezentos mil francos, explorando-o por lotes. Dessa importância, ela lhe dará cento e cinquenta mil francos. Assim, a sra. Evangelista lhe entregará novecentos e cinquenta mil francos imediatamente. Embora não seja isso o que ela deve à filha, descubram muitos dotes semelhantes na França!

— Bem — disse mestre Mathias —, mas como viverá a senhora?

A essa pergunta, que deixava supor um assentimento, Solonet disse consigo: "Aí, meu velho lobo, já te peguei!".

— A senhora? — respondeu em voz alta o jovem tabelião. — Ficará com os cinquenta mil escudos[317] restantes do preço de seu palácio. Essa quantia, com o produto da venda do mobiliário, pode ser colocada em renda vitalícia e lhe dará vinte mil francos de renda. O senhor conde lhe arranjará uma moradia aqui. Lanstrac é grande. O senhor tem um palácio em Paris — disse, dirigindo-se a Paulo —, a senhora sua sogra pode, pois, morar em qualquer lugar com o senhor. Uma viúva que, sem ter de arcar com as despesas duma casa, possui vinte mil francos de renda, é mais rica do que era a sra. Evangelista enquanto estava no gozo de toda sua fortuna. Ela só tem a filha, o senhor conde também é sozinho, seus herdeiros são afastados, não há nenhuma colisão de interesses a temer. Quando uma sogra e um genro se encontram nas condições em que os senhores estão, sempre formam uma única família. A sra. Evangelista compensará o déficit atual com os benefícios duma pensão que lhes dará de seus vinte mil francos de renda vitalícia, o que também ajudará sua vida. Sabemos que a senhora é generosa, muito nobre, para supor que ela quisesse ser pesada aos filhos. Assim, viverão juntos, felizes, podendo dispor de cem mil francos por ano, quantia suficiente, não é, senhor conde?, para desfrutar em qualquer lugar as alegrias da vida e satisfazer seus caprichos. E, acreditem, os recém-casados sentem, muitas vezes, necessidade duma terceira pessoa em casa. Ora, pergunto, pode haver um terceiro mais afetuoso que uma boa mãe...?

Enquanto ouvia Solonet falar, Paulo julgava estar ouvindo um anjo. Olhou para Mathias, para ver se ele não participava de sua admiração pela calorosa eloquência de Solonet, pois ignorava que, sob os fingidos arrebatamentos de suas palavras apaixonadas, os tabeliães, como os advogados, ocultam a frieza e a contínua atenção dos diplomatas.

— Um pequeno paraíso! — exclamou o velho.

Assombrado com a alegria do cliente, Mathias foi sentar-se num sofá, com a cabeça apoiada numa das mãos, mergulhado numa meditação evidentemente penosa. Conhecia a obscura fraseologia na

qual os homens de negócios envolvem de propósito suas astúcias e não era homem que se deixasse lograr. Pôs-se a observar furtivamente o colega e a sra. Evangelista, que continuaram conversando com Paulo, e procurou surpreender alguns indícios da conspiração cuja trama tão habilmente urdida já começava a se revelar.

— Senhor — disse Paulo a Solonet —, agradeço seu esforço para conciliar nossos interesses. Este acordo resolve todas as nossas dificuldades mais satisfatoriamente do que eu esperava; isso naturalmente se lhe convier, senhora — acrescentou, dirigindo-se à sra. Evangelista —, pois não desejo nada que também não lhe convenha.

— Por mim — replicou ela —, tudo quanto fizer a felicidade de meus filhos me encherá de alegria. Não se preocupem comigo.

— Mas não pode ser assim — disse Paulo, com firmeza. — Se sua vida não ficasse dignamente assegurada, Natália e eu sofreríamos mais do que a senhora mesma.

— Fique descansado, senhor conde — replicou Solonet.

"Ah", pensou mestre Mathias, "vão fazê-lo pedir perdão antes de açoitá-lo!"

— Tranquilize-se — dizia Solonet. — Atualmente estão fazendo tantas especulações em Bordeaux que os títulos de rendas vitalícias são negociados a taxas vantajosas. Após ter descontado do valor do palácio e do mobiliário os cinquenta mil escudos que lhe devemos, creio que posso garantir à senhora que lhe sobrarão duzentos e cinquenta mil francos. Encarrego-me de empregar essa quantia em renda vitalícia por primeira hipoteca sobre bens do valor de um milhão, e conseguir dez por cento, ou seja, vinte e cinco mil francos de renda. Uniremos assim, com pequena diferença, fortunas iguais. Com efeito, contra seus quarenta e seis mil francos de renda, a srta. Natália traz quarenta mil francos de renda a cinco por cento, e cento e cinquenta mil francos em dinheiro, suscetíveis de dar sete mil francos de renda: total, quarenta e sete.

— É evidente — disse Paulo.

Ao terminar a frase, mestre Solonet dirigira à cliente um olhar oblíquo, percebido por Mathias, e que queria dizer: "Lance a reserva!".

— Além disso — exclamou a sra. Evangelista, num ímpeto de alegria

que não pareceu fingido —, posso dar a Natália meus diamantes, que devem valer cem mil francos pelo mínimo.

— Podemos mandar avaliá-los — disse o tabelião —, e isto altera completamente a questão. Nada se opõe, assim, a que o senhor conde reconheça haver recebido a integralidade da importância que cabe a Natália da sucessão de seu pai e que os futuros esposos aprovem por ocasião do contrato a conta de tutela. Se a senhora, despojando-se com uma lealdade inteiramente espanhola, salda suas obrigações com uma diferença de apenas cem mil francos, é justo dar-lhe quitação.

— Nada é mais justo — disse Paulo. — Apenas estou confuso com esse procedimento generoso.

— Minha filha não é como se fosse eu mesma? — disse a sra. Evangelista.

Mestre Mathias notou uma expressão de alegria no rosto da sra. Evangelista, quando esta viu as dificuldades mais ou menos afastadas: essa alegria e a omissão dos diamantes, que chegavam como tropas frescas, confirmaram-lhe todas as suspeitas.

“A cena estava preparada entre eles, como os jogadores preparam as cartas para uma partida na qual vão saquear um tolo”, disse consigo o velho tabelião. “Esse pobre menino que vi nascer será então depenado vivo pela sogra, assado pelo amor e devorado pela esposa? Eu, que cuidei tão bem dessas belas propriedades, hei de vê-las dissipadas numa única noite? Três milhões e meio que serão hipotecados por um milhão e cem mil francos de dote que as duas mulheres lhe farão botar fora...”

Ao descobrir na alma da sra. Evangelista intenções que, sem chegar à perversidade, ao crime, ao roubo, ao embuste, à velhacaria, a nenhum sentimento mau nem mesmo censurável, encerravam, contudo, todas as criminalidades em embrião, mestre Mathias não experimentou pesar nem generosa indignação. Não era o Misantropo, era um velho tabelião, habituado, pelo ofício, aos espertos cálculos das pessoas da sociedade, a essas hábeis traições mais funestas que um assassínio franco cometido na estrada por um pobre diabo a quem se guilhotina com grande aparato. Para a alta sociedade, esses episódios da vida, esses congressos diplomáticos são como cantinhos

vergonhosos onde cada um atira sua roupa suja. Cheio de compaixão pelo cliente, mestre Mathias corria um longo olhar pelo futuro e nada via de bom nele.

"Entremos em campo com as mesmas armas", pensou, "e derrotemo-los."

Nesse momento, Paulo, Solonet e a sra. Evangelista, perturbados pelo silêncio do velho, sentiram o quanto a aprovação do censor era necessária para sancionar a transação, e os três olharam simultaneamente para ele.

— Então, meu caro sr. Mathias, que pensa disto? — disse-lhe Paulo.

— Eis o que penso — respondeu o indomável e consciencioso tabelião. — O senhor não é bastante rico para fazer régias loucuras como essa. A propriedade de Lanstrac, avaliada a três por cento, representa mais de um milhão, incluindo o mobiliário; as herdades do Grassol e do Guadet e o parreiral de Bellerose valem outro milhão; seus dois palácios, como o mobiliário, um terceiro milhão. Contra esses três milhões, que dão quarenta e sete mil e duzentos francos de renda, a sra. Natália traz oitocentos mil francos a juros e, supomos, cem mil francos em diamantes, que me parecem um valor hipotético e mais cento e cinquenta mil francos em dinheiro, ao todo um milhão e cinquenta mil francos! Diante desses fatos, meu colega lhe diz gloriosamente que vamos unir fortunas iguais! Quer que fiquemos onerados de cem mil francos para com os filhos, pois, pela conta de tutela, se a aprovássemos, reconheceríamos à nossa esposa um dote de um milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, recebendo apenas um milhão e cinquenta mil! O senhor ouve essas coisas com o encantamento dum apaixonado e acha que mestre Mathias, que não está apaixonado, é capaz de esquecer a aritmética e não notará a diferença existente entre bens territoriais, cujo capital é enorme e vai sempre aumentando, e os rendimentos do dote, cujo capital está sujeito ao acaso e a diminuições de juros. Já sou bastante velho para saber que o dinheiro diminui e as terras aumentam. O senhor me chamou, senhor conde, para estipular seus interesses: deixe-me defendê-los ou despeça-me.

— Se o senhor está procurando uma fortuna igual à sua em capital

— disse Solonet —, nós não temos três milhões e meio, nada é mais evidente. Enquanto o senhor possui três esmagadores milhões, nós não podemos oferecer mais que nosso milhãozinho, quase nada!, três vezes o dote duma arquiduquesa da casa da Áustria. Bonaparte recebeu duzentos e cinquenta mil francos ao desposar Maria Luísa.

— Maria Luísa perdeu Bonaparte — resmungou mestre Mathias.

A mãe de Natália apanhou o sentido da frase.

— Se meus sacrifícios são inúteis — exclamou —, não quero levar mais longe uma discussão destas; conto com a discrição do senhor e renuncio à honra de sua mão para minha filha.

Após as evoluções que o jovem notário prescrevera, a batalha de interesses chegara ao termo em que a vitória devia sorrir à sra. Evangelista. A sogra abriu o coração, desfazia-se de seus bens, estava quase desobrigada. Sob pena de faltar às leis da generosidade, de mentir ao amor, o futuro esposo devia aceitar essas condições estabelecidas de antemão entre mestre Solonet e a sra. Evangelista. Como o ponteiro dum relógio movido por seu mecanismo, Paulo chegava fielmente à sua meta.

— Como — exclamou Paulo — poderia a senhora num momento desfazer...?

— Mas, senhor — respondeu ela —, a quem é que devo? À minha filha. Quando ela tiver vinte e um anos, receberá minhas contas e me dará quitação. Possuirá, então, um milhão e poderá, se quiser, escolher entre os filhos de todos os pares da França. Não é ela filha duma Casa-Real?

— A senhora tem razão. Por que há de sofrer hoje um vexame que não sofrerá daqui a catorze meses? Não a prive dos benefícios de sua maternidade — disse Solonet.

— Mathias — exclamou Paulo com profunda mágoa —, há duas espécies de ruínas, e o senhor está me arruinando!

Deu um passo em sua direção, certamente para dizer-lhe que queria que o contrato fosse redigido imediatamente. O velho tabelião evitou esse desastre por meio dum olhar que queria dizer: “Espere”. Depois, viu lágrimas nos olhos de Paulo, lágrimas arrancadas pela vergonha que lhe causava o debate, pela frase peremptória da sra. Evangelista

que anunciava um rompimento e as secou por um gesto, o mesmo de Arquimedes ao exclamar: *“Eureka!”*.[318] A expressão “par da França” fora, para ele, como uma tocha num subterrâneo.

Nesse momento apareceu Natália, deslumbrante como a aurora, e disse num tom infantil:

— Sou demais aqui?

— Singularmente demais, minha filha! — respondeu-lhe a mãe com amargura.

— Venha, querida Natália — disse Paulo tomando-a pela mão e levando-a para uma poltrona junto da lareira —, tudo está arranjado.

Fora-lhe impossível suportar o malogro de suas esperanças.

Mathias replicou animadamente:

— Sim, tudo ainda se pode arranjar.

Como o general que, num momento, desfaz os planos do inimigo, o velho tabelião vira o gênio que preside o tabelionato apresentar em caracteres legais uma ideia capaz de salvar o futuro de Paulo e dos filhos. Mestre Solonet não conhecia outro desfecho para essas inconciliáveis dificuldades a não ser uma resolução inspirada ao rapaz pelo amor e para a qual soubera encaminhar aquela tempestade de sentimentos e de interesses contrariados; por isso, ficou imensamente surpreso com a exclamação do colega.

Curioso de conhecer o remédio que mestre Mathias teria descoberto para um estado de coisas que devia parecer-lhe definitivamente perdido, disse-lhe:

— Que propõe?

— Natália, minha querida, deixa-nos a sós — disse a sra. Evangelista.

— A senhorita não é demais aqui — respondeu mestre Mathias, sorrindo. — Vou falar tanto por ela como pelo senhor conde.

Fez-se um profundo silêncio, durante o qual cada um, no meio de grande agitação, esperou a improvisação do velho com uma indizível curiosidade.

— Atualmente — continuou mestre Mathias, depois duma pausa —, a profissão de tabelião tem mudado de aspecto. Atualmente, as revoluções políticas influem sobre o futuro das famílias, o que não

acontecia antigamente. Antigamente, as existências eram definidas e as posições determinadas.

— Não estamos aqui para fazer um curso de economia política, e sim para fazer um contrato de casamento — disse Solonet, deixando escapar um gesto de impaciência e interrompendo o velho.

— Peço-lhe que me deixe falar — disse o velhote.

Solonet sentou-se no sofá e disse em voz baixa à sra. Evangelista:

— Agora a senhora vai ouvir o que costumamos chamar de *arenga*.

— Os tabeliães estão, portanto, obrigados a acompanhar a marcha dos negócios políticos, que atualmente estão intimamente ligados aos negócios particulares. Eis aqui um exemplo. Antigamente, as famílias nobres tinham fortunas inabaláveis, que as leis da Revolução destruíram e que o sistema atual tende a reconstituir — continuou o velho tabelião, deixando-se arrastar, assim, pela eloquência do *tabellionaris boa constrictor* (o tabelião-jiboia). Por seu nome, por seu talento, por sua fortuna, o senhor conde está destinado a figurar um dia na Câmara eletiva. É possível mesmo que a sorte o leve à Câmara hereditária, e sabemos que ele tem meios suficientes para justificar nossas previsões. Não participa da minha opinião, senhora? — perguntou à viúva.

— O senhor adivinhou minha mais ardente esperança — disse ela. — Manerville será par da França ou morrerei de desgosto.

— Está disposta a tudo que nos possa encaminhar a esse fim? — perguntou mestre Mathias, interrogando a astuciosa sogra por um gesto de franqueza.

— Esse é o meu mais caro desejo — respondeu ela.

— Pois bem — continuou Mathias —, este casamento não representa uma oportunidade natural de fundar um morgadio?[319] E essa fundação certamente encontrará apoio no seio do governo para a nomeação de meu cliente, na primeira oportunidade. O senhor conde certamente consagrará a ele a propriedade de Lanstrac, que vale um milhão. Não peço que a senhorita contribua para essa instituição com uma soma igual, não seria justo; mas podemos incluir nela oitocentos mil francos de sua parte. Sei de duas propriedades que estão à venda, junto da de Lanstrac e na qual os oitocentos mil francos a empregar em

aquisições territoriais serão colocados um dia a quatro e meio por cento. O palácio de Paris deve igualmente ficar compreendido no morgado. O excedente das duas fortunas, prudentemente administrado, bastará perfeitamente para constituir um patrimônio para os outros filhos. Se as partes contratantes entrarem em acordo sobre essas disposições, o sr. de Manerville poderá aceitar sua conta de tutela e arcar com o saldo. Consinto!

— *Questa coda non è di questo gatto* (essa cauda não é deste gato) — exclamou a sra. Evangelista, olhando para seu patrono Solonet e indicando-lhe Mathias.

— Aqui há gato encerrado — disse-lhe Solonet à meia-voz, respondendo ao italiano por outro provérbio.

— Por que todo esse palavrório? — perguntou Paulo a Mathias, levando-o para a saleta.

— Para impedir sua ruína — respondeu-lhe em voz baixa o velho tabelião. — O senhor quer de qualquer forma desposar uma moça e uma mãe que devoraram dois milhões em sete anos e aceita um débito de mais de cem mil francos para com seus filhos, aos quais terá de prestar contas um dia do milhão e cento e cinquenta e seis mil francos da mãe, dos quais recebe hoje apenas um milhão. Arrisca-se a ver sua fortuna consumida em cinco anos e a ficar nu como um São João, tornando-se devedor de enormes quantias à sua esposa ou seus herdeiros diretos. Se quiser embarcar nesse barco, embarque, senhor conde; mas permita ao menos que seu velho amigo salve a casa de Manerville.

— Como a salvará assim? — perguntou Paulo.

— Escute, senhor conde: está apaixonado?

— Sim.

— Um apaixonado é tão discreto como um tiro de canhão, não quero dizer-lhe nada. Se o senhor falar, talvez o casamento fique desfeito. Coloco seu amor sob a proteção de meu silêncio. Tem confiança em minha dedicação?

— Que pergunta!

— Pois bem, fique sabendo que a sra. Evangelista, seu tabelião e sua filha estavam tentando enganar-nos e são mais do que espertos.

Caramba, que jogo apertado!

— Natália? — exclamou Paulo.

— Eu não poria a mão no fogo por ela — disse o velho. — O senhor a quer, leve-a! Mas eu gostaria de ver falhar esse casamento, sem que houvesse o mínimo prejuízo de sua parte.

— Por quê?

— Essa moça seria capaz de gastar o Peru. Além disso, monta a cavalo como um picador do circo, é quase emancipada: as moças desse tipo dão más esposas.

Paulo apertou a mão de mestre Mathias e disse-lhe, assumindo uma atitude pretensiosa:

— Fique tranquilo. Mas, por enquanto, que devo fazer?

— Mantenha-se firme nessas condições; eles concordarão, pois elas não ferem interesse algum. Além disso, a sra. Evangelista está ansiosa para casar a filha, bem o percebi; desconfie dela.

Paulo voltou para o salão, onde viu a sogra conversando em voz baixa com Solonet como ele próprio acabara de conversar com Mathias. Alheia a essas duas conferências misteriosas, Natália brincava com o leque. Muito embaraçada, pensava: “Por que será que não me dizem nada de meus negócios?”.

O jovem tabelião percebia vagamente o efeito remoto duma cláusula baseada sobre o amor-próprio e à qual sua cliente se submetera humildemente. Mas se Mathias era apenas tabelião, Solonet ainda era também um pouco homem e tinha nos negócios um amor-próprio juvenil. Muitas vezes acontece que a vaidade pessoal faça um moço esquecer o interesse do cliente. Assim, mestre Solonet, que não quis deixar a viúva pensar que Nestor derrotara Aquiles, aconselhava-a a encerrar rapidamente o caso nessas bases. Pouco lhe importava a futura liquidação do contrato; para ele, a vitória consistia em deixar a sra. Evangelista desobrigada, com a existência assegurada, e Natália casada.

— Bordeaux saberá que a senhora dá cerca de um milhão e cem mil francos a Natália e que lhe restam vinte e cinco mil francos de renda — disse Solonet ao ouvido da sra. Evangelista. — Não esperava obter tão belo resultado.

— Mas — disse ela — explique-me por que é que a criação desse morgadio acalma tão rapidamente a tempestade.

— Falta de confiança na senhora e em sua filha. Um morgadio é inalienável: nenhum dos esposos pode tocar nele.

— Isso é positivamente injurioso.

— Não. Chamamos isso de previdência. O velho a apanhou numa cilada. Recuse-se a instituir esse morgado e ele nos dirá: "Querem então dissipar a fortuna de meu cliente, que, pela fundação do morgadio, fica protegido contra qualquer prejuízo, como se os esposos se casassem sob o regime dotal?".

Solonet acalmou seus próprios escrúpulos, dizendo para si mesmo:

"Essas cláusulas só terão efeito no futuro e até lá a sra. Evangelista estará morta e enterrada."

No momento, a sra. Evangelista se contentou com as explicações de Solonet, em quem tinha toda a confiança. Por outro lado, ignorava as leis; via a filha casada e não queria outra coisa, por enquanto; entregou-se completamente à alegria do triunfo. Assim, como pensava Mathias, nem Solonet nem a sra. Evangelista haviam compreendido ainda em toda a amplitude sua concepção, apoiada em argumentos inatacáveis.

— Muito bem, sr. Mathias — disse a viúva —, tudo se resolve pelo melhor.

— Se a senhora e o senhor conde concordam com essas disposições, precisam dar sua palavra. Está bem claro, não é — disse ele, olhando para um e para outro —, que o casamento só se realizará sob a condição da constituição dum morgadio composto da propriedade de Lanstrac e do palácio situado à rue de la Pépinière pertencentes ao futuro esposo, *item* de oitocentos mil francos em dinheiro de dote da futura esposa e que serão empregados em propriedades? Perdoe-me, senhora, essa repetição: é necessário um compromisso solene e positivo. A instituição dum morgadio exige formalidades, providências junto à chancelaria, um decreto real, e devemos concluir imediatamente a aquisição das terras, a fim de compreendê-las na designação dos bens que o decreto real tem a virtude de tornar inalienáveis. Em muitas famílias, exigir-se-ia a assinatura dum documento, mas, entre os

senhores, basta um simples consentimento. Estão de acordo?

— Sim — disse a sra. Evangelista.

— Sim — disse Paulo.

— E eu? — disse Natália, rindo.

— A senhorita é menor — respondeu-lhe Solonet —, e não se lamente por isso.

Ficou então combinado que mestre Mathias redigiria o contrato, Solonet minutaria a conta de tutela e os documentos seriam assinados, segundo a lei, alguns dias antes da celebração do casamento. Após os cumprimentos, os dois tabeliães se levantaram.

— Está chovendo. Quer que eu o acompanhe, Mathias? — disse Solonet. Tenho meu cabriolé.

— Meu carro está às suas ordens — disse Paulo, manifestando a intenção de acompanhar o velho.

— Não quero roubar-lhe nem um momento — disse o velho. — Aceito o oferecimento do colega.

— Muito bem — disse Aquiles a Nestor, quando o cabriolé se pôs em movimento. — Você esteve verdadeiramente patriarcal. Realmente, os moços ficariam arruinados.

— Fiquei com receio de seu futuro — disse Mathias, conservando segredo sobre os motivos de sua proposta.

Nesse momento, os dois tabeliães pareciam dois atores que se dão a mão nos bastidores depois de terem representado no palco uma cena de provocações rancorosas.

— Mas — disse Solonet, que estava pensando nas coisas do ofício — não é a mim que cabe adquirir as terras de que fala? Não é o emprego do nosso dote?

— Como é que iria fazer incluir num morgadio estabelecido pelo conde de Manerville os bens da srta. Evangelista? — respondeu Mathias.

— A chancelaria nos esclarecerá essa dúvida — disse Solonet.

— Mas sou o tabelião do vendedor e do comprador — respondeu Mathias. — Além disso, o sr. de Manerville pode adquirir em seu nome. Por ocasião do pagamento, faremos menção do emprego do dinheiro do dote.

— Você tem resposta para tudo, meu velho — disse Solonet, rindo. — Esteve surpreendente esta noite, derrotou-nos.

— Para um velho que não esperava sua metralha, não estive mal, hein?

— Ah! Ah! — fez Solonet.

A luta odiosa em que a felicidade material duma família estivera tão perigosamente em risco já não era para eles mais que uma questão de polêmica notarial.

— Não é por nada que temos quarenta anos de ofício! — disse Mathias. — Escute, Solonet, sou camarada, você pode assistir ao contrato de venda das terras a juntar ao morgadio.

— Obrigado, meu bom Mathias. Na primeira ocasião, estarei inteiramente às suas ordens.

Enquanto os dois tabeliães se afastavam, assim, pacificamente, sem outra emoção além dum pouco de calor na garganta, Paulo e a sra. Evangelista encontravam-se sob essa trepidação de nervos, essa agitação precordial, esses estremecimentos de medula e de cérebro que assaltam os apaixonados após uma cena em que seus interesses e seus sentimentos foram violentamente sacudidos. Na sra. Evangelista, os últimos estrondos do temporal eram dominados por uma reflexão terrível, por uma cruel desconfiança que ela queria esclarecer.

“Mestre Mathias não terá destruído em poucos minutos meu trabalho de seis meses?”, pensava. “Não terá ele subtraído Paulo à minha influência, inspirando-lhe suspeitas durante sua conferência na saleta?”

Estava de pé diante da lareira, com o cotovelo apoiado ao mármore, mergulhada em pensamentos. Quando o portão se fechou após a passagem do carro dos dois tabeliães, ela se voltou para o genro, impaciente por resolver suas dúvidas.

— Este foi o dia mais terrível de minha vida! — exclamou Paulo, verdadeiramente alegre por ver as dificuldades terminadas. — Não conheço ninguém mais rude que esse velho tio Mathias. Que Deus o ouça e eu chegue a par da França! Querida Natália, desejo-o agora mais por você do que por mim. Você é toda a minha ambição, minha vida se resume em você.

Ao ouvir essa frase, acentuada pelo coração, ao ver, principalmente, o límpido azul dos olhos de Paulo, cujo olhar, assim como a fronte, não denunciava a menor intenção oculta, a alegria da sra. Evangelista foi completa. Censurou-se pelas palavras um pouco ásperas com que ferira o genro; e, na embriaguez do triunfo, resolveu tranquilizar o futuro. Reassumiu sua aparência calma, deu aos olhos aquela doce amabilidade que a tornava tão sedutora e respondeu a Paulo:

— Posso dizer-lhe o mesmo. É possível também, querido filho, que meu temperamento espanhol me tenha levado mais longe do que meu coração queria. Seja o que tem sido, bom como Deus! Não guarde rancor contra mim por algumas palavras inconsideradas. Dê-me a mão...

Paulo estava confuso, sentia ter cometido uma infinidade de erros, beijou a sra. Evangelista.

— Meu caro Paulo — disse ela, intensamente comovida —, por que esses dois espertalhões não resolveram tudo sem nós, já que tudo devia terminar bem?

— Assim eu não ficaria sabendo — disse Paulo — o quanto a senhora é grande e generosa.

— É isso mesmo, Paulo! — disse Natália, apertando-lhe a mão.

— Temos muitas pequenas coisas a resolver, meu caro filho — disse a sra. Evangelista. — Minha filha e eu somos superiores a essas insignificâncias a que muita gente dá tanta importância. Assim, Natália não precisa absolutamente que você lhe dê diamantes, dou-lhe os meus.

— Ah, mãezinha querida, acha que eu os aceitaria? — exclamou Natália.

— Sim, minha filha, eles constituem uma das condições do contrato.

— Mas não quero e não me casarei — respondeu energicamente Natália. — Fique com essas pedras que meu pai tinha tanto prazer em oferecer-lhe. Como é que o sr. Paulo pode exigir...?

— Cala-te, filha querida — disse a mãe, cujos olhos se encheram de lágrimas. — Minha ignorância em negócios exige muito mais!

— Quê?

— Vou vender meu palácio para pagar-te o que devo.

— Que é que a senhora pode dever-me — disse ela — a mim, que lhe devo a vida? Acaso poderei um dia saldar minha dívida com a senhora? Se meu casamento lhe custar o mais leve sacrifício, não quero me casar.

— Criança!

— Querida Natália — disse Paulo —, compreenda que não sou eu, nem sua mãe, nem você que exige esses sacrifícios, e sim os filhos...

— E se eu não me casar? — disse ela, interrompendo-o.

— Então não me ama? — perguntou Paulo.

— Ora, louquinha, pensas que um contrato seja um castelo de cartas que possas assoprar à vontade? Bobinha, não sabes o trabalho que tivemos para instituir um morgadio para o mais velho dos teus filhos! Não tornes a lançar-nos nos aborrecimentos de que acabamos de sair.

— Por que havemos de arruinar minha mãe? — disse Natália, olhando para Paulo.

— Por que você é tão rica? — respondeu ele, sorrindo.

— Não discutam tanto, meus filhos, vocês ainda não estão casados — disse a sra. Evangelista. — Paulo — acrescentou —, não precisa dar presentes, nem joias, nem enxoval. Natália tem tudo em profusão. É melhor guardar o dinheiro que iria gastar em presentes de núpcias para assegurar definitivamente uma vida luxuosa. Não sei de nada mais idiotamente burguês que gastar cem mil francos em presentes de que um dia não resta mais do que um velho cofre de cetim branco. Pelo contrário, cinco mil francos destinados anualmente ao vestuário poupam uma infinidade de preocupações a uma esposa jovem e lhe servem para a vida inteira. Além disso, vai precisar do dinheiro dos presentes de núpcias para arranjar seu palácio em Paris. Voltaremos a Lanstrac na primavera, pois, durante o inverno, Solonet terá liquidado os negócios.

— Tudo pelo melhor — disse Paulo, no auge da felicidade.

— Então conhecerei Paris! — exclamou Natália, com um tom de voz que assustaria justamente um de Marsay.

— Já que resolvemos desse modo — disse Paulo —, vou escrever a de Marsay para tomar-me um camarote nos Italianos e na Ópera para o inverno.

— Você é muito amável, eu não me animava a pedir-lhe isso — disse Natália. — O casamento é uma instituição muito agradável, se dá aos maridos o talento de adivinhar os desejos das esposas.

— É isso mesmo — disse Paulo. — Mas já é meia-noite, preciso ir.

— Por que tão cedo, hoje? — disse a sra. Evangelista, empregando essas amabilidades a que os homens são tão sensíveis.

Embora tudo tivesse transcorrido dentro dos melhores termos segundo as leis da mais rigorosa cortesia, a discussão desses interesses tivera o efeito de lançar no genro e na sogra um germe de desconfiança e de inimizade, prestes a germinar ao primeiro raio de cólera ou sob o calor dum sentimento violentamente ferido. Na maioria das famílias, a constituição dos dotes e as doações feitas no contrato de casamento geram, assim, hostilidades iniciais, provocadas pelo amor-próprio, pelo prejuízo de alguns sentimentos, pelo arrependimento dos sacrifícios e pelo anseio de reduzi-los. Não é indispensável que haja um vencedor e um vencido, sempre que surge uma dificuldade? Os pais dos noivos procuram concluir vantajosamente o negócio, puramente comercial a seus olhos, e que dá margem às astúcias, aos lucros e às decepções de qualquer negócio. Durante a maior parte do tempo, somente o marido fica a par dos segredos dos debates, e a jovem esposa permanece, como Natália, estranha às estipulações que a fazem rica ou pobre. Enquanto se dirigia para casa, Paulo ia pensando que, graças à habilidade de seu tabelião, sua fortuna ficara quase inteiramente protegida contra qualquer desastre. Se a sra. Evangelista não se separasse da filha, sua casa teria mais de cem mil francos para gastar por ano; assim, todas as suas previsões de vida feliz se realizavam.

“Minha sogra me parece uma excelente mulher”, pensava, ainda sob o encantamento das belas palavras com as quais a sra. Evangelista se esforçara por dissipar a má impressão deixada pela discussão. “Mathias está enganado. Esses tabeliães são engraçados, envenenam tudo. O mal veio desse brigão Solonet, que quis bancar o sabido.”

Enquanto Paulo se deitava, recapitulando as vantagens que conseguira naquela noite, a sra. Evangelista igualmente se atribuía a vitória.

— Então, querida, estás contente? — disse Natália, acompanhando a mãe ao quarto de dormir.

— Sim, meu amor — respondeu a mãe —, tudo saiu de acordo com os meus desejos e já não sinto nas costas o peso que me esmagava esta manhã. Paulo é um homem excelente. Tão querido! Havemos de dar-lhe uma bela existência. Tu o farás feliz e eu me encarregarei de sua carreira política. O embaixador da Espanha é meu amigo, vou reatar relações com ele, assim como com todos os conhecidos. Oh, logo estaremos metidos na política e tudo será alegria para nós! A vocês, os prazeres, meus filhos queridos; e a mim, as derradeiras ocupações da vida, o jogo da ambição. Não te assustes por me ver vender meu palácio; achas que voltaríamos um dia para Bordeaux? A Lanstrac, sim. Mas iremos passar todos os invernos em Paris, onde estão nossos verdadeiros interesses. Então, Natália, foi muito difícil fazer o que te pedi?

— Mamãezinha, por alguns momentos tive vergonha.

— Solonet aconselhou-me a colocar meu palácio em renda vitalícia — disse a sra. Evangelista —, mas é preciso agir de outro modo, não quero tirar-te nada de minha fortuna.

— Vi que todos estavam encolerizados — disse Natália. — Como foi que se acalmou a tempestade?

— Pelo oferecimento dos diamantes — respondeu a sra. Evangelista. — Solonet tinha razão. Com que talento conduziu o caso! — Mas — disse ela — fica logo com meu cofre de joias, Natália! Nunca procurei saber seriamente quanto valem esses diamantes. Estava louca, quando falei em cem mil francos. A sra. de Gyas achava que o colar e os brincos que teu pai me deu no dia de nosso casamento valiam pelo menos essa quantia! Meu pobre marido era duma prodigalidade imensa! Além disso, meu diamante de família, aquele que Filipe ii deu ao duque d'Alba e que minha tia me legou, o *Discreto*, creio que foi avaliado em quatro mil quádruplos.

Natália levou para o toucador da mãe seus colares de pérolas, seus

enfeites, suas pulseiras de ouro, suas pedras de toda a natureza e os amontoou deleitada, manifestando o inexprimível sentimento que alegra certas mulheres quando veem esses tesouros com os quais, segundo os comentadores do Talmude,[320] os anjos malditos seduziram as filhas do homem, indo buscar no fundo da terra essas flores do fogo celeste.

— O que é certo — disse a sra. Evangelista — é que, embora em matéria de joias eu só sabia recebê-las e usá-las, creio que isto representa muito dinheiro. Além disso, se formos morar numa casa só, poderei vender minha prataria, que só pelo peso vale trinta mil francos. Lembro-me de que quando a trouxemos de Lima a alfândega lhe atribuiu esse valor. Solonet tem razão! Mandarei chamar Elias Magus.[321] O judeu me avaliará essas joias. Talvez eu não precise colocar o resto da minha fortuna em renda vitalícia.

— Que belo colar de pérolas! — disse Natália.

— Espero que ele o deixe para ti, se te ama. Não deveria ele mandar montar novamente essas pedras e oferecê-las a ti? Pelo contrato, os diamantes te pertencem. Bem, boa noite, meu anjo. Depois de um dia tão fatigante, ambas precisamos de repouso.

A senhora elegante, a colonial, a grande dama, incapaz de analisar as disposições dum contrato que ainda não estava redigido, adormeceu cheia de alegria por ver sua filha casada com um homem fácil de conduzir, que deixaria a ambas igualmente donas da casa e cuja fortuna, reunida à delas, permitiria não alterar em nada seu modo de vida. Após ter entregue suas contas à filha, de quem se reconhecia toda a fortuna, a sra. Evangelista ainda estava satisfeita.

“Foi uma loucura inquietar-me tanto!”, pensou. “Eu gostaria que o casamento já estivesse realizado.”

Assim, a sra. Evangelista, Paulo, Natália e os dois tabeliães estavam, todos, encantados com aquele primeiro encontro. Entoava-se o *Te Deum* nos dois campos de batalha, o que constitui uma situação perigosa! Surge um momento em que cessa o engano sobre quem é vencido. Para a viúva, o vencido era seu genro.

Na manhã seguinte, Elias Magus foi à casa da sra. Evangelista, pensando que, segundo os boatos que corriam sobre a proximidade do casamento da srta. Natália com o conde Paulo, queriam vender-lhe pedras. O judeu ficou, portanto, espantado ao saber que se tratava duma penhora quase legal dos diamantes da sogra. O instinto dos judeus, ajudado por algumas perguntas capciosas, deu-lhe a entender que o valor das joias devia figurar no contrato de casamento. Como os diamantes não estavam à venda, ele os avaliou como se fossem ser comprados por um particular a um vendedor. Somente os joalheiros sabem distinguir os diamantes da Ásia dos do Brasil. As pedras de Golconda e de Visapur[322] se caracterizam por uma alvura, por uma nitidez de brilho que não possuem as outras, cuja água encerra um tom amarelado que, por ocasião da venda, em igualdade de peso, as deprecia. Os brincos e o colar da sra. Evangelista, inteiramente compostos de diamantes asiáticos, foram estimados em duzentos e cinquenta mil francos por Elias Magus. Quanto ao *Discreto*, era, segundo ele, um dos mais belos diamantes possuídos por particulares, era conhecido no comércio e valia cem mil francos. Ao ser informada do valor das joias, que lhe revelava as prodigalidades do marido, a sra. Evangelista perguntou se poderia ter essa quantia imediatamente.

— Minha senhora — respondeu o judeu —, se quer vender, não darei mais de setenta e cinco mil pelo brilhante e cento e sessenta mil pelo colar e os brincos.

— E por que esse abatimento? — perguntou, surpresa, a sra. Evangelista.

— Minha senhora — respondeu o judeu —, quanto mais belos são os diamantes, mais tempo os guardamos. A raridade das ocasiões de venda está na razão do alto valor das pedras. Como o comerciante não deve perder os juros de seu dinheiro, os juros a recuperar, acrescentados à possibilidade de baixa e de alta a que está sujeita essa mercadoria, explicam a diferença entre o preço de compra e o preço de venda. Há vinte anos a senhora vem perdendo os juros de trezentos mil francos. Se usar os diamantes dez vezes por ano, eles lhe custarão mil

escudos por noite. Quantos belos vestidos podem ser comprados por mil escudos! Portanto, os que conservam diamantes são loucos; mas, felizmente para nós, as mulheres não querem compreender esses cálculos.

— Agradeço-lhe que mos tenha explicado, saberei tirar proveito disso!

— Quer vender? — perguntou avidamente o judeu.

— Quanto vale o resto? — perguntou a sra. Evangelista.

O judeu avaliou o ouro dos engastes, pôs as pedras contra a luz, examinou minuciosamente os rubis, os diademas, as fivelas, as pulseiras, os fechos, as correntes, e disse, resmungando:

— Aqui há muitos diamantes portugueses vindos do Brasil! Para mim isso não vale mais de cem mil francos. Mas um comerciante poderia vendê-los a um freguês por mais de cento e cinquenta mil.

— Ficaremos com eles — disse a sra. Evangelista.

— Fazem mal — respondeu Elias Magus. — Com os rendimentos da quantia que representam, em cinco anos poderiam comprar diamantes iguais e ficariam com o capital.

Essa estranha conferência veio a público e corroborou certos rumores provocados pela discussão do contrato. Na província, tudo se sabe. Os criados da casa, tendo notado algumas elevações de voz, supuseram uma discussão muito mais viva do que a que ocorrera; seus falatórios com os outros criados se espalharam rapidamente e, dessa baixa camada, subiram até os patrões. A atenção da alta sociedade e da cidade estava voltada para o casamento de duas pessoas igualmente ricas; pequenos e grandes, todos se ocupavam tanto com o fato, que, oito dias mais tarde, circulavam em Bordeaux os boatos mais estranhos: a sra. Evangelista ia vender seu palácio, logo, estava arruinada. Oferecera seus diamantes a Elias Magus. Nada ficara concluído entre ela e o conde de Manerville. Sairia mesmo o casamento? Uns diziam que *sim*, outros, que *não*. Os dois tabeliães, interrogados, desmentiram essas calúnias e falaram em dificuldades puramente regulamentares suscitadas pela constituição dum morgado. Mas quando a opinião pública toma um rumo, é muito difícil fazê-la voltar atrás. Embora Paulo fosse todos os dias à casa da sra.

Evangelista, e apesar da afirmação dos dois tabeliães, as adocicadas calúnias continuaram. Várias moças, e suas mães e tias, magoadas com um casamento sonhado por elas mesmas ou por suas famílias, não perdoavam à sra. Evangelista sua sorte, como um autor não perdoa um triunfo ao vizinho. Algumas pessoas vingavam-se de vinte anos de luxo e de superioridade que a casa espanhola fizera pesar sobre seu amor-próprio. Um alto funcionário da prefeitura dizia que, no caso dum rompimento, os dois tabeliães e as duas famílias não podiam ter outra linguagem nem outra conduta. O tempo que exigiria a instituição do morgado confirmava as suspeitas dos políticos bordeleses.

— Continuarão tapeando durante todo o inverno; depois, na primavera, irão às águas; e daqui a um ano saberemos que o casamento fracassou.

— Vocês compreendem — diziam uns — que, para resguardar a dignidade das duas famílias, dirão que não foi da parte de nenhuma delas que partiram as dificuldades; será a chancelaria que terá recusado, será alguma trapaça surgida a propósito do morgado que terá dado motivo ao rompimento.

— A sra. Evangelista — diziam outros — levava uma vida para a qual não chegariam nem as minas de Valenciana.[323] E, na hora de firmar o contrato, não acharam mais nada!

Excelente ocasião para cada um fazer seus cálculos sobre as despesas da bela viúva a fim de provar categoricamente que ela estava arruinada! Os boatos foram tais, que se fizeram apostas a favor do casamento e contra. Segundo a jurisprudência mundana, esses falatórios corriam sem o conhecimento das partes interessadas. Ninguém era bastante inimigo ou amigo de Paulo ou da sra. Evangelista para informá-los do que se dizia: Paulo teve que ir a Lanstrac a negócios e aproveitou a ocasião para realizar uma caçada com alguns rapazes da cidade, uma espécie de despedida da vida de solteiro. Essa caçada foi recebida pela sociedade como uma eloquente confirmação das suspeitas públicas. Nessa conjuntura, a sra. de Gyas, que tinha uma filha para casar, achou conveniente sondar o terreno e manifestar seu falso pesar pelo revés sofrido pelas Evangelista. Natália e a mãe ficaram muito surpreendidas ao ver a fisionomia compungida

da marquesa e perguntaram-lhe se lhe acontecera alguma coisa desagradável.

— Mas — disse ela — ignoram então os boatos que circulam em Bordeaux? Embora eu os julgue falsos, vim saber a verdade para fazê-los cessar, se não em toda parte, pelo menos no círculo dos meus amigos. Ser vítima ou cúmplice dum erro desses constitui uma situação tão falsa que nenhum verdadeiro amigo pode aceitar.

— Mas que é que se passa, então? — disseram a mãe e a filha.

A sra. de Gyas deleitou-se contando os falatórios de todos, sem poupar uma só punhalada às duas amigas íntimas. Natália e a sra. Evangelista entreolharam-se rindo, mas haviam compreendido muito bem o sentido da narração e as intenções da amiga. A espanhola vingou-se mais ou menos como Célimène de Arsinoé.[324]

— Querida, então você, que conhece a província, ignora de quanto é capaz uma mãe que tem nos braços uma filha que não se casa por falta de dote e de namorados, por falta de beleza, de inteligência e até por falta de tudo? Ela é capaz de assaltar uma diligência, assassinar, esperar um homem numa esquina, dar cem vezes sua própria pessoa, se valer alguma coisa. Há muitas, nessa situação, em Bordeaux, que certamente nos atribuem seus pensamentos e suas ações. Os naturalistas nos descreveram os costumes de muitas feras, mas esqueceram-se da mãe e da filha à procura dum marido. São hienas que, segundo o Salmista, buscam uma presa para devorar[325] e que aliam ao instinto do animal a inteligência do homem e o gênio da mulher. Que essas aranhazinhas bordelesas, a srta. de Belor, a srta. de Trans *et cetera*, que há tanto tempo vivem ocupadas em armar suas teias sem ver cair uma mosca, sem ouvir o mais leve ruflar de asas em torno delas, estejam furiosas, eu compreendo e perdoo seus comentários maldosos. Mas que você, que casará a filha quando quiser, você, rica e nobre, que nada tem de provinciana e cuja filha é inteligente, cheia de predicados, bonita, com direito de escolher; que você, tão superior às outras por sua graça parisiense, tenha se preocupado com isto, é de espantar! Acaso devo contas ao público das cláusulas matrimoniais que os tabeliães julgaram úteis ao futuro político do meu genro? Será que a mania das deliberações populares

vai atingir até a vida íntima das famílias? Será preciso convocar por meio de cartas de prego os pais e as mães da *sua* província para que assistam à leitura dos artigos de nosso contrato de casamento?

Desencadeou sobre Bordeaux uma torrente de epigramas. A sra. Evangelista ia deixar a cidade: podia, portanto, passar em revista os amigos e os inimigos, caricaturá-los, criticá-los sem nada temer. Assim, deu vazão às suas observações recalcadas, às suas vinganças adiadas, procurando que interesse poderia ter tal ou qual pessoa em negar o sol ao meio-dia.

— Mas, querida— disse a marquesa de Gyas —, a estada do sr. de Manerville em Lanstrac, essas festas de rapazes em semelhantes circunstâncias...

— Ora, querida — disse a grande dama, interrompendo-a —, pensa que adotamos essas tolices do cerimonial burguês? Acha que o conde Paulo está amarrado como se fosse capaz de fugir? Julga que tenhamos necessidade de mandar guardá-lo pela polícia? Acaso temos receio de que alguma conspiração bordelesa no-lo arrebate?

— Fique certa, querida amiga, que me dá imenso prazer...

A marquesa foi interrompida pela voz do criado, que anunciou Paulo. Como todos os apaixonados, Paulo achara encantador viajar quatro léguas para passar uma hora com Natália. Deixara os amigos caçando e chegou com botas e esporas e o chicote na mão.

— Querido Paulo — disse Natália —, não imagina que resposta está dando a esta senhora.

Quando Paulo soube das calúnias que circulavam em Bordeaux, pôs-se a rir em vez de ficar encolerizado.

— Talvez essa boa gente saiba que não haverá esses banquetes e festas de núpcias usados na província nem casamento ao meio-dia; e, por isso, estão todos furiosos. Pois bem, querida mãe — disse, beijando a mão da sra. Evangelista —, vamos jogar-lhes em cima um baile no dia da assinatura do contrato, como se joga presentes ao povo no largo dos Champs-Élysées e proporcionaremos aos nossos bons amigos o doloroso prazer de assinar um contrato como raramente se faz na província.

Esse incidente assumiu grande importância. A sra. Evangelista

convidou Bordeaux inteira para o dia da assinatura do contrato e manifestou a intenção de dar à sua última festa um luxo que representasse um eloquente desmentido às tolas mentiras da sociedade. Isso constituiu um solene compromisso assumido diante do público de casar Paulo e Natália. Os preparativos da festa, que foi denominada "A Noite das Camélias", duraram quarenta dias. Na escadaria, na antecâmara e na sala onde foi servido o jantar havia grande quantidade dessas flores. Esse prazo coincidiu, naturalmente, com o prazo exigido pelas formalidades preliminares do casamento e as providências tomadas em Paris para a instituição do morgadio. As terras vizinhas de Lanstrac foram compradas, os proclamas foram lidos e as dúvidas se dissiparam. Amigos e inimigos não pensaram noutra coisa a não ser em preparar a roupa para a festa anunciada. O tempo gasto nesses acontecimentos afastou, assim, a lembrança das dificuldades suscitadas pela primeira conferência, deixando no esquecimento as palavras e os debates da tempestuosa discussão a que dera lugar a redação do contrato de casamento. Nem Paulo nem a sogra pensavam mais nisso. Não era, como dissera a sra. Evangelista, um assunto dos dois tabeliães? Mas, a quem ainda não sucedeu, enquanto a vida vai correndo tão rapidamente, ser subitamente interpelado pela voz duma recordação que surge demasiado tarde e traz à consciência um fato importante, um perigo próximo? Na manhã do dia em que se devia assinar o contrato de Paulo e Natália, um desses clarões da alma brilhou na sra. Evangelista durante a sonolência do despertar. A frase *Questa coda non è di questo gatto!*, pronunciada por ela no momento em que Mathias aceitava as condições de Solonet, foi-lhe gritada por uma voz. Apesar de sua incapacidade nos negócios, a sra. Evangelista pensou: "Se o hábil mestre Mathias concordou, é porque certamente terá algum proveito à custa dum dos noivos". O interesse lesado não seria, naturalmente, o de Paulo, como ela esperara. Seria, então, a fortuna da filha que pagaria as despesas da guerra? Resolveu, assim, pedir explicações sobre o conteúdo do contrato, sem pensar no que devia fazer no caso de seus interesses estarem gravemente ameaçados. Esse dia influiu de tal modo na vida conjugal de Paulo, que é necessário explicar algumas dessas

circunstâncias aparentes que decidem todos os espíritos. Como o palácio Evangelista ia ser vendido, a sogra do conde de Manerville não recuara diante de nenhuma despesa para a festa. O pátio estava coberto de areia, com uma tenda armada à moda turca e enfeitado de arbustos, a despeito do inverno. As camélias, de que se falava desde Angoulême até Dax, atapetavam as escadarias e os vestíbulos. Demoliram paredes a fim de ampliar a sala da festa e a das danças. Bordeaux, onde brilha o luxo de tantas fortunas coloniais, estava na expectativa das maravilhas anunciadas. Às oito horas, no momento da última discussão, as pessoas curiosas de ver as mulheres vestidas de gala descer das carruagens formaram duas filas diante do portão. Assim, a suntuosa atmosfera duma festa agia sobre os espíritos no momento de assinar o contrato. Durante a crise, os lampiões acesos brilhavam nas árvores e ressoava no pátio o rodar das primeiras carruagens. Os dois tabeliães jantaram com os dois noivos e a sogra. O primeiro escrevente de Mathias, encarregado de receber as assinaturas durante o serão, vigiando para que o contrato não fosse indiscretamente lido, era também um dos convivas.

Podem todos consultar suas recordações: nenhum vestido, nenhuma mulher, nada será comparável à beleza de Natália, que, adornada de rendas e cetim, com os cabelos sedutoramente caindo numa infinidade de anéis sobre o pescoço, parecia uma flor envolta em sua folhagem. Com um vestido de veludo cereja, cor habilmente escolhida para realçar o brilho de sua tez, seus olhos e seus cabelos negros, a sra. Evangelista, no seu esplendor de mulher de quarenta anos, ostentava seu colar de pérolas preso pelo *Discreto*, a fim de desmentir as calúnias.

Para a compreensão da cena, é necessário dizer que Paulo e Natália se conservavam sentados junto à lareira, num sofá, e não ouviram nenhum artigo da conta de tutela. Igualmente crianças, e igualmente felizes, um por seus desejos, a outra por sua curiosa expectativa vendo a vida como um céu inteiramente azul, ricos, jovens, apaixonados, ficaram todo o tempo distraídos conversando em voz baixa. Dando a seu amor um caráter de legalidade, Paulo deleitava-se em beijar a ponta dos dedos de Natália, a aflorar suas espáduas de neve, a roçar

seus cabelos, furtando a todos os olhares as alegrias dessa emancipação ilegal. Natália brincava com o leque de plumas indianas que Paulo lhe dera, presente que, segundo as crenças supersticiosas de algumas regiões, é para o amor um presságio tão sinistro como o das tesouras ou qualquer outro instrumento cortante, o que sem dúvida recorda as Parcas[326] da mitologia. Sentada junto dos dois tabeliães, a sra. Evangelista prestava a mais escrupulosa atenção à leitura dos documentos. Após ter ouvido a conta de tutela, sabiamente redigida por Solonet e que, de três milhões e alguns mil francos deixados pelo sr. Evangelista, reduzia a parte de Natália ao famoso milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, ela disse ao jovem par:

— Mas escutem também, meus filhos, é o contrato de vocês!

O escrevente bebeu um copo de água açucarada. Solonet e Mathias assoaram-se. Paulo e Natália olharam para os quatro personagens, escutaram o preâmbulo e recomeçaram a conversar. A fixação dos bens que cada um trazia, a doação total no caso de morte sem filhos, a doação da quarta parte em usufruto e da quarta em nua propriedade permitida pelo Código, qualquer que fosse o número de filhos, a constituição do capital da comunidade, a doação dos diamantes à esposa, das bibliotecas e dos cavalos ao marido, tudo passou sem observações. Chegou-se, por fim, à constituição do morgado. E quando a leitura foi terminada e faltava apenas assinar, a sra. Evangelista perguntou qual seria o efeito do morgado.

— O morgadio, minha senhora disse mestre Solonet —, é uma fortuna inalienável, formada duma parte da dos dois esposos e constituída em benefício do filho mais velho da casa, em cada geração, sem que ele fique privado de seus direitos na partilha dos demais bens.

— Que resultará disso para minha filha? — perguntou ela.

Mestre Mathias, incapaz de disfarçar a verdade, tomou a palavra:

— Minha senhora, sendo o morgadio um apanágio constituído à custa das duas fortunas, se a futura esposa morrer em primeiro lugar deixando um ou vários filhos, um dos quais varão, o sr. conde de Manerville deverá prestar-lhes conta de trezentos e cinquenta e seis mil francos apenas, dos quais lhe caberão, por doação, uma quarta parte em usufruto e outra em nua propriedade. Assim, sua dívida para

com eles ficará reduzida a cento e sessenta mil francos mais ou menos, excetuados seus lucros na comunidade, as restituições etc. No caso contrário, se ele morrer em primeiro lugar, deixando igualmente filhos varões, a sra. de Manerville terá direito a trezentos e cinquenta e seis mil francos apenas, e mais as doações que lhe cabem nos bens do sr. de Manerville que não fazem parte do morgadio, à restituição dos diamantes e à sua parte na comunidade.

Os efeitos da profunda política de mestre Mathias apareceram, então, em toda sua clareza.

— Minha filha está arruinada — disse em voz baixa a sra. Evangelista.

O velho e o jovem tabelião ouviram essa frase.

— Acaso é arruinar-se — respondeu-lhe à meia-voz mestre Mathias — constituir uma fortuna indestrutível para a família?

Ao ver a expressão que assumiu a fisionomia da cliente, o jovem tabelião achou que não podia deixar de traduzir o desastre em algarismos.

— Queríamos arrancar-lhes trezentos mil francos e eles nos tomam evidentemente oitocentos mil. O contrato se equilibra por uma perda de quatrocentos mil francos à nossa custa e em benefício dos filhos. É preciso romper ou continuar — disse Solonet à sra. Evangelista.

O momento de silêncio que então guardaram os personagens foi indescritível. Mestre Mathias esperava, como triunfador, a assinatura das duas pessoas que haviam alimentado a ideia de espoliar seu cliente. Natália, incapaz de compreender que perdia a metade de sua fortuna, Paulo, ignorando que a casa de Manerville a ganhava, continuavam a rir e a conversar. Solonet e a sra. Evangelista entreolhavam-se reprimindo um sua indiferença e a outra uma avalanche de sentimentos exasperados. Após ter-se entregue a desesperados remorsos, após ter considerado Paulo a causa de sua improbidade, a viúva decidira-se a praticar manobras infames para lançar sobre ele as faltas de sua tutela, considerando-o já como vítima. E num momento percebia que fora derrotada numa luta em que esperava triunfar e que a vítima era sua própria fllha! Criminosa sem proveito, sentia-se lograda por um honesto ancião de quem certamente perderia a estima.

Não fora sua conduta secreta que inspirara as estipulações de mestre Mathias? Horrível reflexão! Mathias certamente informara Paulo de tudo. E mesmo que ainda não tivesse falado, logo que o contrato fosse assinado não deixaria o velho lobo de informar o cliente dos perigos que havia corrido e que haviam sido evitados, mesmo que fosse apenas para receber esses elogios a que todos os espíritos são sensíveis. E, assim, não o deixaria prevenido contra uma mulher bastante astuciosa para se ter metido naquela ignóbil conspiração? Não destruiria o domínio que ela conquistara sobre o genro? Os espíritos fracos, uma vez prevenidos, obstinam-se e nunca mais mudam de opinião. Tudo, pois, estava perdido! No dia em que começara a discussão, ela contara com a fraqueza de Paulo, com a impossibilidade em que ele se achava de romper um noivado tão adiantado. E agora era ela que estava amarrada. Três meses antes, Paulo teria muito poucos obstáculos a vencer para romper o noivado; mas, agora, Bordeaux inteira sabia que havia dois meses os tabeliães haviam aplainado as dificuldades. Os proclamas estavam publicados. O casamento devia celebrar-se daí a dois dias. Os amigos das duas famílias, toda a sociedade engalanada para a festa, estavam chegando. Como declarar que tudo ficava adiado? A causa do rompimento seria conhecida, a severa probidade de mestre Mathias inspiraria confiança e todos acreditariam nele. Os escarnecedores se voltariam contra as Evangelista, às quais não faltavam invejosos. Era, pois, necessário ceder! Essas reflexões terrivelmente justas caíram sobre a sra. Evangelista como uma tromba-d'água e lhe rasgaram o cérebro. Se ela conservou a gravidade dos diplomatas, seu queixo experimentou aquela comoção apoplética pela qual Catarina II manifestou sua cólera no dia em que, no trono, diante da Corte e em circunstâncias quase iguais, foi afrontada pelo jovem rei da Suécia.[327] Solonet notou esse movimento de músculos que denunciava a contração dum ódio mortal, tempestade surda e sem relâmpagos! Nesse momento, a sra. Evangelista votava ao genro, realmente, um desses ódios insaciáveis cujo germe foi lançado pelos árabes na atmosfera das duas Espanhas.[328]

— O senhor chamou isso de arenga — disse ela, inclinando-se para o ouvido do seu tabelião —, mas acho que não há nada mais claro.

— Permita-me, senhora... _

— Mesmo que o senhor não tenha percebido o efeito dessas estipulações durante a conferência que tivemos — disse a viúva, sem escutar Solonet —, é extraordinário que não tenha pensado neles no silêncio do gabinete. Isso não pode ter sido por incapacidade!

O jovem tabelião levou a cliente para a saleta, dizendo para si mesmo:

“Tenho mais de mil escudos de honorários pela conta de tutela, mil escudos pelo contrato, seis mil francos a ganhar na venda do palácio, ao todo quinze mil francos a salvar: não podemos brigar.”

Fechou a porta, lançou sobre a sra. Evangelista o frio olhar dos homens de negócios, descobriu os sentimentos que a agitavam e disse-lhe:

— Pela senhora, eu talvez tenha ultrapassado os limites da astúcia e é com essa frase que pretende pagar minha dedicação?

— Mas senhor...

— Não calculei o efeito das doações, é verdade, minha senhora; mas, se não quiser o conde Paulo para genro, acaso é obrigada a aceitá-lo? O contrato está assinado? Dê sua festa e adiemos a assinatura. É preferível enganar Bordeaux inteira a enganar-se.

— Como iríamos justificar perante a sociedade, já prevenida contra nós, a não conclusão do caso?

— Por algum erro cometido em Paris, a falta de algum documento — disse Solonet.

— Mas... as aquisições?

— Ao sr. de Manerville não faltarão dotes nem partidos.

— Sim, ele não perderá nada; mas nós perderemos tudo.

— A senhora pode conseguir um conde mais barato — replicou Solonet — se, para a senhora, o título é a razão suprema desse casamento.

— Não, não; não podemos arriscar assim nossa felicidade! Caí na cilada, senhor. Amanhã toda Bordeaux estará cheia disto. Trocamos palavras solenes.

— Quer que a srta. Natália seja feliz? — perguntou Solonet.

— Acima de tudo.

— Ser feliz, na França — disse o tabelião —, não é ser a dona da casa? Ela conduzirá esse idiota de Manerville pela ponta do nariz; ele é tão estúpido que não se apercebeu de nada. Mesmo que desconfie agora da senhora, sempre há de acreditar na esposa. E sua verdadeira esposa não é a senhora? A sorte do conde Paulo ainda está nas suas mãos.

— Se o que está dizendo é verdade, não sei o que poderei recusar-lhe, senhor — disse ela, num transporte que fez brilhar seu olhar.

— Vamos voltar — disse mestre Solonet, compreendendo a cliente. — Mas, antes de mais nada, ouça-me. Depois, se quiser, poderá achar que fui inábil.

— Meu caro colega — disse o jovem tabelião a Mathias, ao voltar para a sala —, *a despeito de sua habilidade*, o senhor não previu o caso de o sr. de Manerville morrer sem deixar filhos nem o de morrer deixando apenas filhas. Em qualquer desses casos, o morgadio daria lugar a demandas com os Manerville, pois então "aparecerão muitos deles, não duvide disso".[329] Acho necessário, portanto, estipular que, no primeiro caso, o morgadio será submetido à doação geral dos bens, feita entre os esposos e, no segundo, que a instituição do morgadio caducará. A convenção diz respeito apenas à futura esposa.

— Essa cláusula me parece perfeitamente justa — disse mestre Mathias. — Quanto à sua ratificação, o senhor conde certamente se entenderá com a chancelaria, se for necessário.

O jovem tabelião tomou uma pena e redigiu à margem do documento essa terrível cláusula, à qual Paulo e Natália não deram a menor atenção. A sra. Evangelista baixou os olhos enquanto mestre Mathias a leu.

— Assinemos — disse a mãe.

O volume de voz que a sra. Evangelista teve de reprimir traía uma violenta emoção. Estivera pensando:

"Não, minha filha não ficará arruinada; mas ele, sim! Minha filha terá o nome, o título e a fortuna. Se acontecer a Natália perceber que não ama o marido e se um dia ela amar irresistivelmente a outro, Paulo será banido da França! E minha filha ficará livre, feliz e rica."

Se é certo que mestre Mathias entendia da análise dos interesses,

pouco entendia da análise das paixões humanas; aceitou essa frase como uma confissão em vez de ver nela uma declaração de guerra. Enquanto Solonet e seu escrevente providenciavam para que Natália assinasse e rubricasse todos os documentos, operação que exigia tempo, Mathias chamou Paulo à parte e revelou-lhe o segredo das estipulações que planejara para salvá-lo duma ruína certa.

— O senhor vai fazer uma hipoteca de cento e cinquenta mil francos sobre este palácio — disse ele, ao terminar — e amanhã a concluirei. Tenho comigo os títulos de renda, que tive o cuidado de inscrever no nome de sua esposa. Tudo está em regra. Mas o contrato contém quitação da quantia representada pelos diamantes, peça-os; negócio é negócio. O diamante está agora com preço alto e pode baixar. A compra das propriedades de Auzac e Saint-Froult permite-lhe fazer dinheiro de tudo, a fim de não tocar nos rendimentos de sua esposa. Portanto, senhor conde, nada de falso pudor. O primeiro pagamento é exigível logo após as formalidades e é de duzentos mil francos, empregue neles os diamantes. Para a segunda prestação, o senhor terá o dinheiro da hipoteca do palácio Evangelista e as rendas do morgadio lhe auxiliarão a pagar o resto. Se tiver a coragem de não gastar mais de cinquenta mil francos durante três anos, recuperará os duzentos mil francos que deve agora. Se plantar videiras nas partes montanhosas de Sain-Froult, fará subir seu rendimento a vinte e seis mil francos. Seu morgadio, sem contar o palácio em Paris, ficará valendo, assim, um dia, cinquenta mil francos de renda e será um dos mais belos que conheço. Nestas condições, terá feito um excelente casamento.

Paulo apertou afetuosamente as mãos do velho amigo. Esse gesto não pôde escapar à sra. Evangelista, que ofereceu a pena a Paulo. Para ela, as suspeitas tornaram-se realidade e ela ficou certa de que Paulo e Mathias agiam de acordo. Vagas de sangue cheias de raiva e ódio chegavam-lhe ao coração. Nada mais havia a dizer.

Após ter verificado se todas as chamadas estavam rubricadas, se os três contratantes haviam aposto suas iniciais e suas rubricas ao pé das páginas, mestre Mathias olhou alternadamente para Paulo e a sogra e, vendo que o cliente não pedia os diamantes, disse:

— Acho que não haverá questão sobre a entrega dos diamantes, os

senhores constituem agora uma única família.

— Seria mais regular que a senhora os entregasse; o sr. de Manerville ficou onerado com o saldo da conta de tutela e a gente não sabe quem viverá e quem morrerá — disse mestre Solonet, que viu nessa oportunidade um meio de incitar a sogra contra o genro.

— Ah! Mamãe — disse Paulo —, agir assim seria fazer uma injúria a todos nós.

— *Summum jus*, *summa injuria*,[330] senhor — disse Solonet.

— E eu — disse a sra. Evangelista, que, nas enraivecidas disposições em que se encontrava, viu um insulto na indireta intimação de Mathias — rasgarei o contrato se você não os aceitar!

Afastou-se, entregue a um desses ódios sanguinários que fazem desejar o poder de destruir tudo e que a impotência leva à alucinação.

— Em nome de Deus, aceita-os, Paulo — disse-lhe Natália, ao ouvido. — Mamãe está zangada, esta noite saberei o motivo disso e lhe contarei, para que a acalmemos.

Satisfeita com o resultado dessa primeira astúcia, a sra. Evangelista escondeu os brincos e o colar. Mandou buscar as joias, avaliadas em cento e cinquenta mil francos por Elias Magus. Habituados a ver os diamantes de família nas heranças, mestre Mathias e Solonet examinaram os cofres e mostraram-se encantados com sua beleza.

— O senhor não perderá nada do dote, senhor conde — disse Solonet, fazendo Paulo corar.

— Sim — disse Mathias —, essas joias chegam para pagar a primeira prestação das propriedades adquiridas.

— E as despesas do contrato — disse Solonet.

O ódio, como o amor, alimenta-se das menores coisas, tudo lhe serve. Assim como a pessoa amada não faz nada de mal, a pessoa odiada não faz nada de bem. A sra. Evangelista tachou de fingimento a atitude que um pudor bastante compreensível impôs a Paulo, que queria desistir dos diamantes e não sabia onde guardar os cofres; naquele momento, gostaria de poder jogá-los pela janela. A sra. Evangelista, vendo seu embaraço, fustigava-o com o olhar, parecendo dizer-lhe: "Leve-os daqui!".

— Querida Natália — disse Paulo à futura esposa —, guarde você

mesma essas joias, são suas, dou-as a você.

Natália guardou-as na gaveta dum console. Nesse momento, o ruído das carruagens e o murmúrio das palestras dos convidados nos salões vizinhos obrigaram Natália e a mãe a aparecer. Os salões encheram-se num momento e a festa começou.

— Aproveite a lua de mel para vender os diamantes — disse o velho tabelião a Paulo, ao sair.

À espera do sinal para o início das danças, cochichavam a propósito do casamento e alguns exprimiam dúvidas sobre o futuro dos noivos.

— Está tudo pronto? — perguntou um dos personagens mais importantes da cidade à sra. Evangelista.

— Tivemos de ler e ouvir tantos documentos que estamos atrasados; mas temos direito à desculpa — respondeu ela.

— Quanto a mim, não ouvi nada — disse Natália, segurando a mão de Paulo para iniciar o baile.

— Os dois gostam de gastar e não será a mãe que os conterá — dizia uma velha.

— Mas, segundo dizem, eles fundaram um morgadio de cinquenta mil francos de renda.

— Ué!

— Vejo que o bom sr. Mathias passou por aqui — disse um magistrado. — Realmente, se é assim, é porque o velhote quis salvar o futuro da família.

— Natália é bonita demais para não ser terrivelmente faceira. Logo que tiver dois anos de casada — dizia uma senhora jovem — não poderei mais garantir que Manerville não seja infeliz em casa.

— Acha então que o *fleur des pois* está escorado? — perguntou-lhe mestre Solonet.

— Só lhe faltava essa grande estaca — disse uma moça.

— Não acha que a sra. Evangelista parece descontente?

— Mas, querida, disseram-me que ela ficou com apenas vinte e cinco mil francos de renda, e que é isso, para ela?

— A miséria, querida.

— Sim, ela se desfez de tudo pela filha. O sr. de Manerville foi duma exigência...

— Excessiva! — completou mestre Solonet. — Mas ele será par da França. Os Maulincour e o vidama de Pamiers o protegerão; ele é do Faubourg Saint-Germain.

— Ora! É recebido lá, apenas — disse uma senhora, que desejava tê-lo como genro. — Não há de ser a srta. Evangelista, filha dum comerciante, que lhe abrirá as portas da sociedade.

— Ela é sobrinha-neta do duque de Casa-Real.

— Pelo lado materno!

Os assuntos logo se esgotaram. Os jogadores entregaram-se ao jogo, as moças e os moços dançaram, serviu-se a ceia, e o barulho da festa só cessou pela manhã, quando os primeiros clarões do dia iluminaram as janelas. Após ter-se despedido de Paulo, que foi o último a sair, a sra. Evangelista subiu ao quarto da filha, pois seu quarto fora usado pelo arquiteto para ampliar o local da festa. Embora Natália e a mãe estivessem vencidas pelo sono, ao ficarem a sós trocaram algumas palavras.

— Então, mamãe, que é que tens?

— Meu anjo, conheci esta noite até onde pode chegar a afeição duma mãe. Não entendes nada de negócios e ignoras a que vexames minha probidade acaba de ser exposta. Tive de calcar o orgulho sob os pés: tratava-se de tua felicidade e de nossa reputação.

— Está falando dos diamantes? O pobre rapaz chegou a chorar. Nem quis recebê-los, estão comigo.

— Dorme, queridinha. Falaremos de negócios ao levantar, pois — acrescentou, com um suspiro — agora temos negócios, e há um terceiro entre nós.

— Ah, mãezinha querida, Paulo nunca será um obstáculo à nossa felicidade — disse Natália, ao adormecer.

— Pobre filhinha, não sabe que esse homem acaba de deixá-la na miséria!

A sra. Evangelista foi, então, assaltada pela primeira vez por esse sentimento de avareza a que as pessoas idosas acabam por entregar-se. Teve a ideia de reconstituir em benefício da filha a fortuna deixada por Evangelista. E nisso empenhou sua dignidade. Seu amor por Natália tornou-a dum momento para outro tão hábil calculadora quanto fora

até então esbanjadora e despreocupada em matéria de dinheiro. Planejou aumentar seu capital empregando parte dele em títulos, que estavam a cerca de oitenta francos. Muitas vezes uma paixão transforma subitamente o caráter: o indiscreto torna-se diplomata, o poltrão faz-se repentinamente valente.

O ódio tornou avarenta a pródiga sra. Evangelista. A fortuna lhe permitira executar os projetos de vingança ainda mal delineados e confusos que iam amadurecer em seu coração. Adormeceu pensando: “Amanhã!”. Por um fenômeno inexplicado, mas cujos efeitos são familiares aos homens de pensamento, seu espírito ia, durante o sono, mexer com suas ideias, esclarecê-las, coordená-las, sugerir-lhe meio de dominar a vida de Paulo e fornecer-lhe um plano que ela pôs em execução já na manhã seguinte.

Se o entusiasmo da festa conseguira afastar as preocupações que, por momentos, haviam assaltado Paulo, quando ele se viu a sós, no leito, elas voltaram a atormentá-lo.

“Parece”, pensava, “que se não fosse o bom Mathias, eu teria sido logrado pela sogra. Será possível? Que interesse a levaria a enganar-me? Não vamos unir nossas fortunas numa só e viver juntos? Mas, por outro lado, por que hei de me preocupar? Daqui a alguns dias, Natália será minha esposa, nossos interesses estão bem definidos, nada nos pode desunir. Vamos deixar o barco correr! Contudo, estarei alerta. Se Mathias estiver com a razão, paciência, não sou obrigado a viver com a sogra.”

Nessa segunda batalha, o futuro de Paulo mudara completamente de aspecto sem que ele o soubesse. Das duas criaturas com quem se ia unir, a mais hábil fizera-se sua inimiga mortal e estudava um meio de separar seus interesses dos dele. Incapaz de observar o quanto a índole colonial diferençava sua sogra das outras mulheres, era-lhe mais difícil ainda suspeitar de sua profunda habilidade. O temperamento colonial é peculiar, pois sai à Europa pela inteligência, aos trópicos pela violência ilógica das paixões, à Índia pela apática despreocupação com que pratica ou suporta igualmente o bem e o mal; temperamento interessante, aliás, mas perigoso, como é perigosa uma criança não vigiada. Como as crianças, a mulher colonial quer ter tudo

imediatamente; e, como uma criança, lançaria fogo à casa para fritar um ovo. Em sua vida indolente, não pensa em nada; e pensa em tudo quando se apaixona. Tem algo da perfídia das negras que a rodearam desde o berço, mas, ao mesmo tempo, é simples como elas. Como elas e as crianças, sabe querer constantemente a mesma coisa com uma crescente intensidade de desejo e é incapaz de chocar uma ideia até que saia da casca. Estranha associação de qualidades e defeitos, que o gênio espanhol reforçara na sra. Evangelista e a que a cortesia francesa dera polimento. Esse temperamento, adormecido pela ventura durante dezesseis anos e depois ocupado com as frivolidades da sociedade e que, na primeira explosão de ódio, revelara sua força, irrompia como um incêndio; manifestava-se num momento da vida em que a mulher perde suas mais caras afeições e busca um novo alimento para nutrir o dinamismo que a devora. Natália ficaria durante três dias ainda sob a influência da mãe. A vencida sra. Evangelista dispunha, portanto, de um dia, o último dos que a filha passa com a mãe. Com uma única frase, a dama colonial podia influenciar a vida daquelas duas criaturas destinadas a marchar juntas através das veredas e das largas estradas da sociedade parisiense, pois Natália tinha uma confiança cega na mãe. Que força assumira um conselho num espírito assim prevenido! Um futuro inteiro podia ser determinado por uma frase. Nenhum código, nenhuma instituição pode evitar o crime moral que mata por uma palavra. Aí reside a falha das justiças sociais; aí está a diferença entre os costumes da alta sociedade e os costumes do povo: um é franco, a outra é hipócrita; a um o punhal, à outra o veneno das palavras ou das ideias; a um a morte, à outra a impunidade.

TERCEIRO DIA

No dia seguinte, ao meio-dia, a sra. Evangelista achava-se recostada no leito de Natália. Ao despertar, trocavam afagos e carícias, em meio das felizes recordações de sua vida em comum, durante a qual nenhuma discórdia turvara a harmonia de seus sentimentos nem a uniformidade de suas ideias nem a reciprocidade de suas alegrias.

— Pobrezinha — dizia a mãe, chorando lágrimas verdadeiras —, não posso deixar de me comover ao pensar que, depois de ter passado a vida a fazer as tuas vontades, amanhã pertencerás a um homem a quem terás de obedecer!

— Ora, mãezinha querida, quanto a obedecê-lo...! — disse Natália, com um gesto de cabeça que exprimia uma graciosa obstinação. — Estás rindo? — acrescentou. — Meu pai não satisfez sempre teus caprichos? E por quê? Porque te amava. Acaso não seria eu amada?

— Sim, Paulo te ama; mas, se uma mulher casada não toma precauções, nada se dissipa mais rapidamente que o amor conjugal. A influência que a mulher deve ter sobre o marido depende de sua estreia no casamento e precisas de excelentes conselhos.

— Mas estarás conosco...

— Talvez, querida! Ontem, durante o baile, refleti muito nos perigos de vivermos juntos. Se minha presença te prejudicasse, se as pequenas ações pelas quais deves firmar tua autoridade de esposa fossem atribuídas à minha influência, tua vida em casa não seria um inferno? A primeira demonstração de desagrado de teu marido, altiva como sou, não me afastaria imediatamente da casa? E, já que terei de deixá-la um dia, acho melhor nem entrar nela. Nunca perdoaria a teu marido a desarmonia que ele criaria entre nós. Mas quando fores realmente a dona da casa, quando teu marido for para ti o que teu pai era para mim, então já não haverá mais perigo dessa desgraça. Embora essa política seja penosa para um coração jovem e delicado como o teu, tua felicidade exige que sejas a soberana absoluta em tua casa.

— Então, mamãe, por que dizias que eu devia obedecer-lhe?

— Filhinha querida, para que uma esposa mande em casa, precisa dar a impressão de que faz sempre o que o marido quer. Se não soubesses isto, serias capaz de estragar todo teu futuro com alguma revolta intempestiva. Paulo é um rapaz fraco, poderia deixar-se dominar por algum amigo ou mesmo cair sob o domínio de uma mulher, que te faria sofrer suas influências. Evita esses desgostos, tornando-te senhora dele. Não é melhor que ele seja governado por ti do que por outrem?

— É claro — disse Natália. — Eu só posso querer sua felicidade.

— Quanto a mim, queridinha, tenho o direito de pensar exclusivamente na tua e desejar que, num caso tão grave como este, não te vejas sem bússola no meio dos escolhos que vais encontrar.

— Mas, querida, não somos bastante fortes, ambas, para viver junto dele sem provocar os descontentamentos que pareces temer? Paulo gosta de ti, mamãe.

— Oh! Oh! Ele me teme mais do que me estima. Observa-o bem, hoje, quando eu lhe disser que vos deixo ir a Paris sem mim, e verás em sua fisionomia, por maiores esforços que faça para dissimulá-la, uma alegria íntima.

— Por quê? — perguntou Natália.

— Por quê, querida? Sou como São João Crisóstomo[331] e lho direi pessoalmente, diante de ti.

— Mas se eu só me casar sob a condição de não te deixar? — disse Natália.

— Nossa separação tornou-se necessária — replicou a sra. Evangelista —, pois várias circunstâncias tornam diferente nosso futuro. Estou arruinada. Vocês terão a mais brilhante existência em Paris e eu não poderia viver decentemente lá sem consumir o pouco que me resta; ao passo que, ficando em Lanstrac, poderei cuidar dos interesses de vocês e refazer minha fortuna à custa de economias.

— Tu, mamãe, fazer economias...? — exclamou Natália, com uma expressão zombeteira. — Não te faças avó desde já. Como! Serias capaz de deixar-me por semelhantes motivos? Querida, Paulo pode parecer-te um pouco estúpido, mas não é absolutamente interesseiro...

— Ah! — respondeu a sra. Evangelista, num tom de voz cheio de observações e que fez Natália palpitar. — A discussão do contrato tornou-me desconfiada e inspira-me algumas dúvidas. Mas fica descansada, queridinha — disse ela, envolvendo a filha pelo pescoço e atraindo-a para beijá-la —, não te deixarei sozinha por muito tempo. Quando minha volta para junto de vocês não despertar mais desconfianças, quando Paulo tiver uma opinião formada a meu respeito, recomeçaremos nossa boa vidinha, nossas conversas à noite...

— Mas, mamãe, poderás viver sem tua Nini?

— Sim, anjinho querido, porque viverei para ti. Meu coração de mãe

ficará satisfeito com a ideia de que estou contribuindo, como devo, para a dupla fortuna de vocês!

— Mas, mãezinha adorada, então vou ficar a sós com Paulo dum momento para outro? Que será de mim? Que acontecerá? Que é que devo fazer? Que é que não devo fazer?

— Pobrezinha, acreditas que eu queira abandonar-te assim na primeira batalha? Nós nos escreveremos três vezes por semana, como dois namorados, e assim estaremos constantemente uma no coração da outra. Não te acontecerá nada que eu não fique sabendo e te protegerei contra qualquer desgraça. Além disso, seria terrivelmente ridículo que eu não os visitasse, uma desconsideração para teu marido, e sempre hei de passar um mês ou dois com vocês em Paris.

— E ficarei sozinha, desde já, com ele! — disse Natália, aterrorizada, interrompendo a mãe.

— Não vais ser sua esposa?

— Sim; mas, pelo menos, dize como devo conduzir-me, tu que fazias o que querias de papai. Entendes disso, eu te obedecerei cegamente.

— Criança, meus conselhos devem adaptar-se às circunstâncias. Os homens não são iguais. O leão e a rã são menos diferentes um do outro do que um homem comparado a outro, moralmente falando. Sabes hoje o que te acontecerá amanhã? Por enquanto, só te posso dar conselhos sobre o plano geral de tua conduta.

— Mãezinha querida, dize-me logo tudo o que sabes.

— Em primeiro lugar, querida filha, a causa da perda das mulheres casadas que se esforçam por conservar o coração dos maridos... E — disse ela, fazendo um parêntese — conservar-lhes o coração ou governá-los é uma única e mesma coisa; bem, a causa principal das desuniões conjugais reside no convívio permanente, que não se usava antigamente e que se introduziu neste país com a mania da família. Depois da revolução que houve na França, os costumes burgueses invadiram as casas aristocráticas. Essa calamidade é devida a um de seus escritores, Rousseau, herético infame que só tinha ideias antissociais e que, não sei como, justificou as coisas mais absurdas. Ele pretendeu que todas as mulheres têm os mesmos direitos, as mesmas faculdades; que, no estado social, se devia obedecer à natureza; como

se a esposa dum grande da Espanha, como se tu e eu tivéssemos alguma coisa de comum com uma mulher do povo! Daí para cá, as mulheres mais distintas passaram a amamentar os filhos, a criar as filhas e a viver metidas em casa. Assim, a vida se complicou de tal modo que a felicidade se tornou quase impossível, pois a harmonia entre dois caracteres, tal como a que nos tem feito viver como duas amigas, é uma exceção. O convívio permanente não é menos perigoso entre os filhos e os pais do que entre os esposos. Há poucas almas nas quais o amor resiste à onipresença; esse milagre só é possível a Deus. Mete, pois, entre Paulo e ti, as barreiras da sociedade, vai aos bailes e à Opera; sai a passear pela manhã, janta na cidade à noite, faze muitas visitas e dedica poucos momentos a Paulo. Com esse sistema, nunca perderás teu valor. Quando, para caminhar juntos até o fim da vida, duas criaturas dispõem apenas da afeição, cedo esgotam seus encantos; e logo vêm a indiferença, a saciedade, o tédio. E, uma vez fanada a afeição, que fazer? Fica sabendo que a afeição extinta só se pode substituir pela indiferença ou pelo desprezo. Conserva-te, pois, sempre jovem e sempre nova para ele. Que ele te aborreça, isso pode bem acontecer; mas é preciso que tu não o aborreças nunca. Saber aborrecer-se no momento oportuno é uma das condições de qualquer espécie de poder. Vocês não poderão fazer variar a felicidade nem pelos cuidados com a fortuna nem pelas tarefas do lar; se assim não fizeres teu marido partilhar de tuas ocupações mundanas, se não lhe proporcionares diversões, cairíeis na mais horrível apatia. Ao passo que sempre se ama a quem nos diverte ou nos faz felizes. Dar a felicidade e recebê-la são dois sistemas de conduta feminina separados por um abismo.

— Mãezinha querida, estou prestando atenção ao que dizes, mas não compreendo.

— Se amas Paulo a ponto de fazer tudo o que ele quiser, se ele te faz realmente feliz, não há nada a dizer, não serás senhora em tua casa e os melhores preceitos da sociedade não servirão de nada.

— Isto agora é muito claro; mas estou aprendendo a regra sem poder aplicá-la — disse Natália, rindo. — Tenho a teoria, a prática virá.

— Minha pobre Nini — replicou a mãe, que deixou cair uma lágrima

sincera, pensando no casamento da filha e estreitando-a de encontro ao coração —, acontecerão coisas que te avivarão a memória. Enfim — continuou, após uma pausa durante a qual a mãe e a filha se conservaram unidas num abraço cheio de simpatia —, lembra-te bem disto, minha Natália: todos nós temos um destino como mulher, assim como os homens têm sua vocação. Assim, há mulheres nascidas para ser uma pessoa da moda, uma encantadora dona de casa, como há homens que nascem generais ou poetas. Tua vocação é agradar. Tua educação te formou para a sociedade. Atualmente, as mulheres devem ser educadas para os salões, como outrora o eram para o gineceu. Não nasceste para mãe de família nem para administradora. Se tiveres filhos, espero que eles não cheguem de maneira a estragar teu corpo desde o dia seguinte ao do casamento; nada é mais burguês que engravidar um mês após o casamento, e isso, antes de mais nada, constitui uma prova de que o marido não nos ama bastante. Assim, pois, se tiveres filhos, dois ou três anos depois do casamento, está bem, as governantas e os preceptores os criarão. Quanto a ti, conserva-te a grande dama que representa o luxo e o prazer da casa; mas exerce uma superioridade visível somente nas pequenas coisas que lisonjeiam o amor-próprio dos homens e oculta a superioridade que puderes adquirir nas grandes.

— Tu me assustas, mamãe! — exclamou Natália. — Como irei lembrar-me desses preceitos? Como hei de fazer, eu, tão aturdida, tão criança, para calcular tudo, para refletir antes de agir?

— Queridinha, só te digo hoje o que aprenderias mais tarde comprando tua experiência à custa de faltas cruéis, de erros de conduta que te causariam desgostos e embaraçariam tua vida.

— Mas por onde hei de começar? — perguntou ingenuamente Natália.

— O instinto te guiará — respondeu a mãe. — Presentemente, Paulo te deseja muito mais do que te ama; e o amor gerado pelos desejos é uma esperança e o que sucede à sua satisfação é a realidade. Nisso, querida, residirá todo o teu poder e nisso é que está toda a questão. Qual é a esposa que não é amada na véspera do casamento? Trata de sê-lo no dia seguinte e hás de sê-lo sempre. Paulo é um homem fraco,

que se submete facilmente ao hábito; se te ceder na primeira vez, há de ceder sempre. Uma mulher ardentemente desejada pode pedir tudo: não cometas a loucura que já vi ser cometida por muitas mulheres que, ignorando a importância das primeiras horas em que imperamos, as empregam em bobagem, em tolices sem proveito. Serve-te do domínio que te dará a primeira paixão de teu marido para habituá-lo a obedecer-te. Mas, para fazê-lo ceder, escolhe a coisa mais absurda, para que possas medir a extensão do teu poder pela extensão da concessão. Que mérito terias em fazer-lhe querer uma coisa razoável? Seria a ti que ele obedeceria? É preciso atacar sempre o touro pelas aspas, diz um provérbio castelhano; logo que ele perceber a inutilidade de suas defesas e de sua força, estará dominado. Se teu marido fizer uma idiotice por ti, tu o governarás.

— Meu Deus! Por que isso?

— Porque, minha filha, o casamento dura toda a vida, e um marido não é um homem como qualquer outro. Por isso, não cometas nunca a tolice de te submeteres seja no que for. Guarda uma constante reserva nas tuas palavras e nas tuas ações; podes, mesmo, chegar sem perigo até a indiferença, pois se pode modificá-la à vontade, ao passo que não há nada além das manifestações extremas do amor. O marido, querida, é o único homem com o qual a mulher não se pode permitir nada. Por outro lado, nada é mais fácil que guardar a dignidade. As palavras "Sua esposa não deve, sua esposa não pode fazer ou dizer tal e tal coisa!" são o grande talismã. Toda a vida duma esposa se resume em "Não quero! Não posso!". *Não posso* é o irresistível argumento da fraqueza que se inclina, chora e seduz. *Não quero* é o último argumento. A força feminina se mostra então inteiramente; por isso, só se deve empregá-lo nas ocasiões graves. Todo o triunfo está na maneira como uma esposa se serve dessas duas frases, as interpreta e as varia. Mas há um meio de domínio melhor do que esses, que parecem admitir discussão. Eu, querida, sempre dominei pela fé. Se teu marido acreditar em ti, tudo poderás. Para inspirar-lhe essa devoção, precisas persuadi-lo de que o compreendes. E não penses que isso seja coisa fácil; uma mulher sempre pode provar a um homem que ele é amado, mas é muito difícil fazê-lo confessar que se sente compreendido. Devo dizer-te tudo,

minha filha, pois, para ti, a vida com suas complicações, a vida em que duas vontades devem agir de acordo vai começar amanhã. Avalias bem essa dificuldade? O melhor meio de harmonizar as duas vontades é fazer com que só haja uma vontade em casa. Muitos pretendem que, mudando assim de papel, a esposa cria dificuldades para si; mas, querida, desse modo a esposa adquire a faculdade de dirigir os acontecimentos em vez de se submeter a eles, e essa vantagem, por si só, compensa todos os inconvenientes possíveis.

Natália beijou as mãos da mãe, derramando sobre elas lágrimas de gratidão. Como as mulheres nas quais a paixão física não excita a paixão moral, compreendeu imediatamente o alcance dessa elevada política feminina; mas, como as crianças mimadas, que não se dão por vencidas nem mesmo diante das razões mais sólidas e que reproduzem obstinadamente seu desejo, voltou à carga com um desses argumentos pessoais que a lógica direta das crianças sugere.

— Mamãe — disse ela —, há alguns dias falaste tanto em planos necessários à carreira de Paulo, que tu somente podias dirigir. Por que mudaste de ideia e nos abandonas assim?

— Eu não conhecia a extensão das minhas obrigações nem o vulto das minhas dívidas — respondeu a mãe, que não queria revelar seu segredo. — Por outro lado, daqui a um ou dois anos, poderei dedicar-me a isso. Paulo vai chegar, vamos nos vestir! Sê carinhosa e gentil como foste — sabes? — na noite em que discutimos esse fatal contrato, pois preciso salvar hoje um dos remanescentes de nossa casa e dar-te uma coisa a que estou supersticiosamente afeiçoada.

— Que é?

— O *Discreto*.

Pelas quatro horas Paulo chegou. Por mais que se esforçasse, enquanto falava com a sogra, a dar uma expressão amável à fisionomia, a sra. Evangelista viu na sua fronte os indícios da preocupação que os conselhos da noite e as reflexões do despertar lhe sugeriram.

“Mathias contou tudo!”, pensou ela, prometendo a si mesma destruir a obra do velho tabelião. — Querido filho — disse —, você deixou os diamantes no consolo e confesso-lhe que não quero mais ver coisas que quase criaram aborrecimentos entre nós. Além disso, como

observou Mathias, é preciso vendê-los para atender ao primeiro pagamento das terras que você adquiriu.

— Já não são meus — disse ele —, dei-os a Natália, para que vendo-os usados por ela, a senhora não se recorde mais do desgosto que lhe causaram.

A sra. Evangelista tomou a mão de Paulo e apertou-a cordialmente, reprimindo uma lágrima de enternecimento.

— Escutem, meus bons filhos — disse, olhando para Natália e Paulo —, se é assim, vou propor um negócio a vocês. Estou obrigada a vender meu colar de pérolas e meus brincos. Sim, Paulo, não quero colocar nada da minha fortuna em rendas vitalícias, não esqueço o que lhe devo. Pois bem, confesso minha fraqueza, vender o *Discreto* me parece um desastre. Vender um diamante que leva o cognome de Filipe ii e que ornou sua real mão, uma pedra histórica que durante dez anos o duque d'Alba acariciou no punho de sua espada, não, não é possível. Elias Magus avaliou meus brincos e meu colar em cento e tantos mil francos. Vamos trocá-los pelas joias que lhe devo entregar para saldar meus compromissos para com minha filha; sairão ganhando, mas que me importa? Não sou interesseira. Assim, Paulo, com nossas economias, você irá aos poucos, diamante a diamante, compondo um diadema ou pavês para Natália. Em vez de ter esses adornos de fantasia, essas bugigangas que só a gentinha usa, sua mulher terá magníficos diamantes que lhe darão legítimas alegrias. Vender por vender, não é melhor desfazer-se dessas velharias e conservar na família estas belas pedras?

— Mas, mamãe, e a senhora? — perguntou Paulo.

— Eu — respondeu a sra. Evangelista — não preciso mais de nada. Sim, vou ser a caseira de vocês em Lanstrac. Não seria loucura ir para Paris no momento em que tenho de liquidar aqui o resto da minha fortuna? Torno-me avarenta para meus netos.

— Mãe querida — disse Paulo, muito comovido —, devo aceitar essa troca sem dar uma compensação?

— Meu Deus, não são vocês meu mais caro interesse? Acha que não será uma felicidade para mim ficar pensando, junto à lareira: "Natália está chegando, brilhante, esta noite, ao baile da duquesa de Berry?

[332] Vendo-se com meu diamante no pescoço e meus brincos nas orelhas, experimenta essas pequenas satisfações de amor-próprio que tanto contribuem para a felicidade duma mulher e a tornam alegre, graciosa!”. Nada entristece mais uma mulher que ver suas vaidades contrariadas e nunca vi, em parte alguma, uma mulher malvestida ser amável e ter bom humor. Seja justo, Paulo! Nós nos alegramos muito mais no objeto amado que em nós mesmos.

“Meu Deus, que será que Mathias queria dizer?”, pensava Paulo. — Bem, mamãe — disse à meia-voz —, aceito.

— Quanto a mim, estou confusa — disse Natália.

Nesse momento, chegou Solonet para dar uma boa notícia à cliente; encontrara, entre os especuladores que conhecia, dois empreiteiros entusiasmados pelo palácio, cujo terreno, por sua extensão, permitia levantar novas construções.

— Oferecem duzentos e cinquenta mil francos — disse ele. — Mas, se a senhora concordar, poderei levá-los a trezentos mil. A senhora tem duas jeiras de terreno.

— Meu marido pagou duzentos mil francos por tudo. Assim, concordo — disse ela. — Mas o senhor me reservará o mobiliário, os espelhos.

— Ah! — disse, rindo, Solonet. — A senhora entende de negócios.

— Ainda bem! É preciso — disse ela, suspirando.

— Soube que muitas pessoas virão à sua missa do galo — disse Solonet, percebendo que era demais ali e retirando-se.

A sra. Evangelista acompanhou-o até a porta do último salão e disse-lhe ao ouvido:

— Tenho agora uns duzentos e cinquenta mil francos em valores; se conseguir duzentos mil francos meus pela casa, posso reunir quatrocentos e cinquenta mil francos de capital. Quero tirar dele o melhor partido possível e conto com o senhor para isso. Provavelmente ficarei em Lanstrac.

O jovem tabelião beijou a mão da cliente num gesto de gratidão, pois a inflexão de voz da viúva deu a entender a Solonet que aquela aliança, aconselhada pelos interesses, ia estender-se um pouco mais longe.

— Pode contar comigo — disse ele. — Conseguirei colocações sobre mercadorias, nas quais a senhora não arriscará nada e terá lucros consideráveis.

— Até amanhã — disse ela —, pois o senhor é nossa testemunha, com o sr. marquês de Gyas.

— Por que, querida mamãe — disse Paulo — , a senhora se recusa a ir para Paris? Natália está amuada comigo, como se eu fosse o culpado de sua resolução.

— Pensei muito nisso, meus filhos. Eu os incomodaria. Vocês se julgariam obrigados a incluir-me em tudo quanto fizessem, e os moços têm ideias próprias que eu poderia involuntariamente contrariar. Vão sozinhos para Paris. Não quero continuar sobre a condessa de Manerville o suave domínio que exercia sobre Natália, quero deixá-la inteiramente para você. Você compreende, Paulo, temos hábitos comuns que precisamos interromper. Minha influência deve ceder à sua. Quero que você me estime e fique certo de que defenderei seus interesses aqui mais do que imagina. Os homens recém-casados ficam, mais cedo ou mais tarde, com ciúme da afeição que a filha tem pela mãe. Talvez tenham razão. Quando vocês estiverem bem unidos, quando o amor tiver fundido suas almas numa só, então, meu caro filho, você não mais poderá temer uma influência embaraçosa ao ver-me em sua casa. Conheço o mundo, os homens e as coisas; tenho visto muitos casais perturbados pelo amor cego de mães que se tornaram insuportáveis tanto às filhas como aos genros. A afeição das velhas é muitas vezes minuciosa e intrigante. Talvez eu não conseguisse eclipsar-me convenientemente. Tenho a fraqueza de ainda me julgar bonita, há aduladores que querem provar-me que sou amável e eu teria pretensões importunas. Deixem-me fazer mais um sacrifício por sua felicidade; dei-lhes minha fortuna, pois bem, dou-lhes também minhas últimas vaidades de mulher. O pai Mathias está velho, não poderia cuidar das propriedades de vocês; ao passo que eu me farei administrador de vocês e me dedicarei às ocupações que, mais cedo ou mais tarde, os velhos têm de adotar; depois, quando for oportuno, irei ajudar, em Paris, seus projetos de ambição. Então, Paulo, seja franco, minha resolução lhe agrada, não é?

Paulo não quis confessá-lo, mas sentia-se muito contente por ficar com sua liberdade. As suspeitas que o velho tabelião lhe inspirara a respeito do caráter da sogra foram dissipadas num momento por essa palestra, que a sra. Evangelista retomou e continuou no mesmo tom.

“Mamãe tinha razão”, pensou Natália, ao ver a fisionomia de Paulo. “Ele está muito contente por me ver separada dela... Por quê?”

Não era esse *por quê* a primeira interrogação da desconfiança e não dava ele uma imensa autoridade aos ensinamentos maternos?

Há certos caracteres aos quais basta uma prova para que acreditem na amizade. Nas pessoas assim constituídas, o vento norte dissipa as nuvens tão facilmente como o vento oeste as traz; detêm-se nos efeitos sem remontar às causas. Paulo era um desses temperamentos essencialmente confiantes, sem maus sentimentos, mas, também, sem previsões. Sua fraqueza provinha mais de sua bondade, de sua crença no bem, do que duma debilidade da alma.

Natália estava pensativa e triste, pois não sabia viver sem a mãe. Paulo, com essa espécie de fatuidade conferida pelo amor, ria da melancolia da futura esposa, dizendo para si mesmo que os prazeres do casamento e os atrativos de Paris a apagariam. A sra. Evangelista via com sensível prazer a confiança de Paulo, pois a primeira condição da vingança é a dissimulação. Um ódio declarado é impotente. A dama colonial já dera dois grandes passos. Sua filha já ganhara um belo adorno que custava duzentos mil francos a Paulo e que ele sem dúvida completaria. Além disso, abandonava as duas crianças à sua sorte, sem outro conselheiro além de seu amor ilógico. Preparava, assim, sua vingança sem o conhecimento da filha, que, cedo ou tarde, seria sua cúmplice. Natália amaria Paulo? Essa era uma questão ainda indecisa cuja solução podia modificar seus projetos, pois ela amava muito sinceramente a filha para não respeitar sua felicidade. O futuro de Paulo, pois, ainda dependia dele mesmo. Se se fizesse amar, estaria salvo.

Finalmente, na noite do dia seguinte, à meia-noite, após um serão passado em família, com as quatro testemunhas às quais a sra. Evangelista ofereceu o longo jantar que se segue ao casamento civil, os esposos e os amigos foram ouvir missa, que foi assistida por uma

centena de pessoas curiosas. Um casamento celebrado à noite sempre traz à alma sinistros presságios, a luz é o símbolo de vida e de alegria de cujos augúrios ele fica privado. Perguntai à alma mais intrépida por que ela fica enregelada. Por que o frio negro das abóbadas a enerva? Por que o ruído dos passos a assusta? Por que se presta atenção ao grito dos mochos e ao clamor das corujas? Embora não exista nenhuma razão para tremer, todos tremem, e as trevas, imagem da morte, entristecem. Natália, separada da mãe, chorava. A moça sentia-se presa de todas as incertezas que assaltam o coração no limiar duma vida nova, na qual, a despeito das mais fortes garantias de felicidade, existe uma imensidade de ciladas nas quais cai a mulher. Sentiu frio e teve de enfiar uma capa. A atitude da sra. Evangelista e a dos esposos provocaram alguns comentários no elegante grupo que cercava o altar.

— Solonet acaba de dizer-me que os noivos partem amanhã de manhã, sozinhos, para Paris.

— A sra. Evangelista devia ir com eles.

— O conde Paulo já se descartou dela.

— Que erro! — disse a marquesa de Gyas. — Fechar a porta à mãe da esposa não é abri-la a um amante? Será que ele não sabe o que é uma mãe?

— Ele foi muito cruel com a sra. Evangelista; a pobre mulher vendeu seu palácio e vai morar em Lanstrac.

— Natália está muito triste.

— Você gostaria de passar a manhã seguinte à noite de núpcias na estrada?

— É muito incômodo.

— Estou muito satisfeita por ter vindo — disse uma senhora — para convencer-me da necessidade de cercar o casamento das pompas e festas habituais, pois acho isto muito pobre, muito triste. E, se quer que lhe diga tudo o que penso — acrescentou, ao ouvido do vizinho —, esse casamento me parece indecente.

A sra. Evangelista levou Natália para sua carruagem e conduziu-a pessoalmente à casa do conde Paulo.

— Bem, mamãe, tudo está dito...

— Lembra-te, querida filha, das minhas últimas recomendações e

serás feliz. Sê sempre sua esposa, e não sua amante.

Quando Natália se deitou, a mãe representou a comediazinha de lançar-se aos braços do genro chorando. Foi a única coisa provinciana que a sra. Evangelista se permitiu, mas tinha suas razões para isso. Através de lágrimas e palavras aparentemente loucas ou desesperadas, obteve de Paulo algumas concessões dessas que todos os maridos fazem. No dia seguinte, meteu os recém-casados numa carruagem e os acompanhou até a balsa pela qual se atravessa o Gironde. Por uma palavra, Natália comunicara à sra. Evangelista que, se Paulo ganhara a partida no jogo do contrato, sua desforra já começara. Natália já conseguira do marido a mais perfeita obediência.

III – A SEPARAÇÃO

Cinco anos depois, numa tarde de novembro, o conde Paulo de Manerville, envolto numa capa, com a cabeça baixa, entrou misteriosamente na casa do sr. Mathias, em Bordeaux. Demasiado velho para continuar no ofício, o bom homem vendera o cartório e estava vivendo calmamente seus últimos dias numa de suas casas, para onde se retirara. Um caso urgente o obrigara a ausentar-se quando Paulo chegou; mas a velha governanta, avisada da chegada do conde, acompanhou-o ao quarto da sra. Mathias, que morrera havia um ano. Cansado da apressada viagem, Paulo dormiu até a noite. Ao voltar, o velho foi ao encontro do antigo cliente e ficou a contemplá-lo adormecido como uma mãe contemplando um filho. Josette, a governanta, acompanhou o patrão e ficou de pé diante da cama, com as mãos nas cadeiras.

— Há um ano, Josette, quando recebia aqui o último suspiro da minha querida esposa, não podia imaginar que um dia voltaria para ver o senhor conde quase morto.

— Pobre senhor! Geme enquanto dorme — disse Josette.

O antigo tabelião respondeu apenas por um “Diabo!”, inocente praga que sempre denunciava nele a desesperança do homem de negócios ao encontrar dificuldades intransponíveis.

“Enfim”, pensou, “salvei-lhe a nua propriedade de Lanstrac, de

Auzac, de Saint-Froult e de seu palácio!”

Mathias contou nos dedos e exclamou:

— Cinco anos! Faz cinco anos, precisamente neste mês, que sua velha tia, hoje falecida, a respeitável sra. de Maulincour, pedia para ele a mão desse crocodilozinho vestido de mulher que o arruinou definitivamente como eu temia.

Após ter contemplado demoradamente o rapaz, o bom velho gotoso, apoiado na bengala, saiu a passear a passos lentos pelo jardim. Às nove horas, foi servida a ceia, pois Mathias ceava. O velho não ficou pouco espantado ao ver Paulo com um aspecto calmo, uma fisionomia serena, embora sensivelmente mudada. Se aos trinta e três anos o conde de Manerville parecia ter quarenta, essa alteração da fisionomia só podia ser devida a abalos morais: fisicamente, estava bem. Tomou as mãos do velho para obrigá-lo a conservar-se sentado e apertou-as afetuosamente, dizendo-lhe:

— Meu caro mestre Mathias! O senhor tem sofrido desgostos!

— Os meus são próprios da natureza, senhor conde; mas os seus...

— Falaremos de mim agora mesmo, enquanto ceamos.

— Se eu não tivesse um filho na magistratura e uma filha casada — disse o velho —, acredite, senhor conde, que encontraria na casa do velho Mathias algo mais do que hospitalidade. Como é que vem a Bordeaux justamente quando, em todas as paredes, os transeuntes leem os editais da penhora imobiliária das herdades do Grassol e do Guadet, do vinhedo de Bellerose e de seu palácio? É-me impossível dizer o pesar que sinto ao ver esses enormes cartazes, eu que, durante quarenta anos, cuidei desses imóveis como se me pertencessem; eu que, terceiro escrevente do digno sr. Chesneau, meu predecessor, os comprei para a senhora sua mãe e que, com minha mão de terceiro escrevente, redigi com tanto desvelo o documento de venda, sobre pergaminho, com bela caligrafia! Eu que tenho os títulos de propriedade no cartório do meu sucessor, eu que fiz as liquidações! Eu que o vi deste tamanho! — disse o tabelião, estendendo a mão a dois pés do chão. — É preciso ter sido tabelião durante quarenta e um anos e meio para avaliar a dor que me causa ver meu nome impresso com todas as letras nos editais da penhora e na discriminação da

propriedade. Quando passo pela rua e vejo pessoas ocupadas em ler esses horríveis cartazes amarelos, envergonho-me como se se tratasse de minha própria ruína e de minha honra. Há imbecis que soletram os dizeres em voz alta, expressamente para atrair os curiosos; e ficam todos a fazer os comentários mais idiotas. Não se é dono de seus bens? Seu pai dissipara duas fortunas antes de refazer aquela que lhe deixou, e o senhor não seria um Manerville se não o imitasse. Por outro lado, as penhoras imobiliárias ocupam um capítulo inteiro do Código, foram previstas, o senhor está num caso admitido pela lei. Se eu não fosse um velho de cabelos brancos que só espera um empurrão para cair dentro da sepultura, daria uma sova nos que se detêm diante dessas abominações: *A requerimento da sra. Natália Evangelista, esposa de Paulo Francisco José, conde de Manerville, separada quanto aos bens por sentença do Tribunal de primeira instância do departamento do Sena etc.*

— Sim — disse Paulo —, e atualmente separada de corpo...

— Ah! — fez o velho.

— Oh! Contra a vontade de Natália — protestou o conde. — Tive de enganá-la, ela ignora minha partida.

— Vai partir?

— Minha passagem já está paga, vou embarcar no *Belle-Amélie* para Calcutá.

— Daqui a dois dias! — disse o velho. — Então, não nos veremos mais, senhor conde.

— O senhor tem somente setenta e três anos, meu caro Mathias, e tem gota, um verdadeiro alvará de longevidade. Quando eu voltar, hei de encontrá-lo rijo. Sua boa cabeça e seu coração ainda estarão ativos e então me ajudará a reconstituir o edifício abalado. Pretendo ganhar uma bela fortuna em sete anos. Ao voltar, terei apenas quarenta. Tudo ainda é possível nessa idade.

— O senhor! — disse Mathias, deixando escapar um gesto de surpresa. — O senhor conde pensa dedicar-se ao comércio?

— Não sou mais conde, meu caro Mathias. Minha passagem foi adquirida sob o nome de Camille, um dos nomes de batismo de minha mãe. Além disso, tenho conhecimentos que me permitem fazer fortuna

de outro modo. O comércio será meu último recurso. Enfim, parto com uma quantia bastante considerável que me permite tentar a fortuna em grande escala.

— Onde está essa quantia?

— Um amigo ma remeterá.

O velho deixou cair o garfo, ao ouvir a palavra *amigo*, não por zombaria nem surpresa; sua expressão traduziu o pesar que experimentava ao ver Paulo sob a influência duma ilusão enganadora, pois onde o conde pensava ver um terreno plano, seu olhar descobria um abismo.

— Exerci o tabelionato durante cerca de cinquenta anos e nunca vi pessoas arruinadas ter amigos que lhes emprestassem dinheiro!

— O senhor não conhece de Marsay! A esta hora, estou certo de que ele já vendeu seus títulos de renda, se necessário, e amanhã o senhor receberá um cheque de cinquenta mil escudos.

— Faço votos de que assim seja. Mas então esse amigo não poderia arrumar seus negócios? O senhor poderia viver tranquilamente em Lanstrac, com os rendimentos da senhora condessa, durante seis ou sete anos.

— Poderia um procurador pagar um milhão e quinhentos mil francos de dívidas, dos quais quinhentos e cinquenta mil à minha mulher?

— Como pôde fazer em quatro anos um milhão e quatrocentos e cinquenta mil francos de dívidas?

— Nada mais claro, Mathias. Não deixei os diamantes para minha mulher? Não gastei os cento e cinquenta mil francos que nos tocaram do preço do palácio Evangelista no arranjo de minha casa de Paris? Não tive de pagar aqui as despesas de nossas compras e as relativas a meu contrato de casamento? Enfim, não tive de vender os quarenta mil francos de renda de Natália para pagar Auzac e Saint-Froult? Vendemos a oitenta e sete, e assim fiz duzentos mil francos de dívidas já no primeiro mês de casados. Ficamos com sessenta e sete mil francos de renda. E temos gasto sempre duzentos mil. Junte a esses novecentos mil francos alguns juros de agiotas e encontrará facilmente um milhão.

— Caramba! — disse o velho tabelião. — E depois?

— Bem, em primeiro lugar, quis completar o presente de minha mulher, começado com o colar de pérolas preso pelo *Discreto*, um diamante da família, e os brincos de sua mãe. Paguei cem mil francos por uma coroa de diamantes. Até aí já temos um milhão e cem mil francos. E ainda devo o dinheiro de minha mulher, que se eleva aos trezentos e cinquenta e seis mil francos de seu dote.

— Mas — disse Mathias —, se a senhora condessa empenhasse seus diamantes e o senhor seus rendimentos, teriam, pelos meus cálculos, trezentos mil francos, com os quais poderia acalmar os credores...

— Quando um homem cai, Mathias, quando suas propriedades estão gravadas de hipotecas, quando sua esposa se antecipa aos credores com suas reclamações, quando, enfim, se está sob a ameaça de cem mil francos de letras de câmbio, que tenho a esperança de poder pagar pelo preço alto que atingirão meus bens como o espero, então nada mais é possível. E as despesas de expropriação, então?

— Horrível! — disse o tabelião.

— As penhoras foram, felizmente, convertidas em vendas voluntárias, a fim de atenuar o golpe.

— Vender Bellerose — exclamou Mathias — quando a colheita de 1825 ainda está na adega!

— Não posso evitá-lo.

— Bellerose vale seiscentos mil francos.

— Natália tornará a comprá-la, aconselhei-a que o fizesse.

— Dezesseis mil francos nos anos comuns e eventualidades como a de 1825! Eu mesmo conseguiria setecentos mil francos por Bellerose e cento e vinte mil para cada uma das granjas.

— Tanto melhor, pagarei minhas dívidas, se meu palácio de Bordeaux puder ser vendido por duzentos mil francos.

— Solonet pagará um pouco mais do que isso, está ansioso para comprá-lo. Ele vai se retirar da atividade com cento e tantos mil francos de renda ganhos jogando roleta. Vendeu o cartório por trezentos mil francos e vai se casar com uma mulata rica — sabe Deus como ganhou seu dinheiro! —, mas rica, como se diz, de milhões. Um tabelião jogar na roleta! Um tabelião casar-se com uma mulata! Que

século! Dizem que ele movimentava o capital de sua sogra.

— Ela melhorou muito Lanstrac, cuidou das propriedades e paga-me regularmente o arrendamento.

— Eu nunca poderia julgá-la capaz de se conduzir assim.

— Ela é muito boa e dedicada, sempre pagava as dívidas de Natália durante os três meses que passava em Paris.

— Ela podia fazê-lo, mora em Lanstrac — disse Mathias. — Ela! Tornar-se econômica! Que milagre! Acaba de comprar, entre Lanstrac e Grassol, a propriedade de Grainrouge, de modo que, se continuar a estrada de Lanstrac até a estrada real, o senhor poderá andar légua e meia em suas propriedades. Pagou cem mil francos à vista por Grainrouge, que representa mil escudos de renda em produtos.

— Ela continua bonita — disse Paulo. — A vida do campo a conserva muito bem. Não irei despedir-me dela, ela se sacrificaria por mim.

— Nem adiantaria ir, ela está em Paris. Talvez tenha chegado lá no momento em que o senhor partiu.

— Certamente soube da venda de minhas propriedades e foi socorrer-me. Não tenho por que me queixar da vida. Sou amado, na verdade, tanto quanto um homem pode sê-lo neste mundo, amado por duas mulheres que rivalizavam em dedicação; uma tinha ciúmes da outra, a filha censurava a mãe por gostar demasiado de mim, a mãe repreendia a filha por suas dissipações. Essa afeição me perdeu. Como não satisfazer os mais insignificantes caprichos duma mulher que se ama? Não é possível recusar! Mas, por outro lado, como aceitar esses sacrifícios? É verdade que poderíamos liquidar minhas propriedades e ir morar em Lanstrac; mas prefiro ir para as Índias e trazer de lá uma fortuna a arrancar Natália à vida de que ela gosta. Assim, fui eu que propus a separação. As mulheres são anjos, que não se devem misturar com os interesses da vida.

O velho Mathias escutava Paulo com uma expressão de dúvida e de espanto.

— Não têm filhos? — perguntou-lhe.

— Felizmente, não — respondeu Paulo.

— Encaro o casamento de outra forma — respondeu com naturalidade o velho tabelião. — Acho que a esposa deve partilhar da

boa ou da má sorte do marido. Tenho ouvido dizer que os recém-casados que se amam como amantes não têm filhos. Será o prazer, então, a única finalidade do casamento, e não o bem-estar e a família? Mas o senhor tinha somente vinte e oito anos e a condessa vinte; tinham desculpas por pensar somente no amor. Entretanto, a natureza de seu contrato e seu nome — o senhor não me julgará muito tabelião? —, tudo exigia que o senhor começasse por arranjar um belo rapaz. Sim, senhor conde, e se tivesse filhas não devia parar até conseguir um filho que consolidasse o morgadio. A srta. Evangelista não era forte? Tinha alguma coisa a temer da maternidade? O senhor me dirá que isso é um velho método dos nossos ancestrais; mas, nas famílias nobres, senhor conde, a esposa legítima deve ter filhos e criá-los: como dizia a duquesa de Sully, a esposa do grande Sully,[333] a esposa não é um instrumento de prazer, é a honra e a virtude do lar.

— O senhor não conhece as mulheres, meu bom Mathias — disse Paulo. — Para ser amado, é preciso amá-las à vontade delas. Não é um tanto brutal privar logo a mulher de seus privilégios, estragar-lhe a beleza antes que ela a tenha desfrutado?

— Se tivesse tido filhos, a mãe teria evitado as dissipações da esposa, teria ficado em casa...

— Se o senhor tivesse razão, meu caro — disse Paulo, enrugando as sobrancelhas —, eu ainda seria mais infeliz. Não agrave meu sofrimento com repreensões depois da queda, deixe-me partir sem remorsos.

No dia seguinte, Mathias recebeu um cheque de cento e cinquenta mil francos, à vista, enviado por Henrique de Marsay.

— Como vê — disse Paulo —, ele não me escreveu nenhum bilhete, começa por obsequiar-me. Henrique é o temperamento mais perfeitamente imperfeito, mais ilegalmente imperfeito, mais ilegalmente belo que conheço. Se o senhor soubesse com que superioridade esse homem ainda jovem se mantém por cima dos sentimentos e dos interesses e que grande político ele é, o senhor ficaria espantado como eu por sabê-lo tão generoso.

Mathias tentou combater a determinação de Paulo, mas ela era irrevogável e justificada por tantas razões poderosas que o velho

tabelião não procurou mais reter o cliente. É raro que a partida dos navios de carga se faça pontualmente; mas, por uma circunstância fatal a Paulo, o vento foi propício e o *Belle-Amélie* teve de fazer-se à vela no dia seguinte. À partida dum navio o embarcadouro enche-se de parentes, amigos e curiosos. Entre os que se achavam lá alguns conheciam pessoalmente Manerville. Seu desastre o tornava tão famoso agora como fora antes por sua fortuna, e isso despertou a curiosidade. Todos comentavam. O velho acompanhou Paulo ao porto e deve ter sofrido muito ao ouvir algumas dessas frases.

— Quem haveria de reconhecer naquele homem que lá está, junto do velho Mathias, aquele elegante que apelidaram de *Fleur-des-Pois* e que há cinco anos ditava a moda em Bordeaux?

— Quem? Aquele homenzinho gordo, de sobrecasaca de alpaca, que parece um cocheiro, será o conde Paulo de Manerville?

— Sim, querida, aquele que se casou com a srta. Evangelista. E ei-lo arruinado, sem eira nem beira, a caminho das Índias, em busca de dinheiro.

— Mas como foi que ficou na miséria? Era tão rico!

— Paris, as mulheres, a Bolsa, o jogo, o luxo...

— Além disso — disse outro —, Manerville é um pobre-diabo, sem inteligência, sem energia, que se deixa explorar, é incapaz de qualquer coisa. Já nasceu arruinado.

Paulo apertou a mão do velho e refugiou-se no navio. Mathias permaneceu no cais, contemplando o antigo cliente, que se encostou à amurada desafiando a multidão com um olhar cheio de desprezo. No momento em que os marinheiros levantavam a âncora, Paulo notou que Mathias lhe fazia sinais com o lenço. A velha governanta chegara correndo ao encontro do patrão, a quem um acontecimento muito importante parecia agitar. Paulo pediu ao capitão que esperasse um momento e mandasse uma canoa para ver o que queria o velho tabelião, que lhe fazia um enérgico sinal para desembarcar. Sentindo-se sem forças para ir até o navio, Mathias entregou duas cartas a um dos marinheiros que trouxeram a canoa.

— Meu caro, este papel — disse o antigo tabelião ao marinheiro, mostrando-lhe uma das cartas que lhe entregou —, olha bem, não te

enganes; este papel acaba de ser trazido de Paris por um correio que fez o trajeto até aqui em trinta e cinco horas. Diz isto ao senhor conde, não te esqueças! Isto pode fazê-lo mudar de resolução.

— E teremos de desembarcá-lo?— perguntou o marinheiro.

— Sim, meu amigo — respondeu imprudentemente o tabelião.

O marinheiro é, em qualquer lugar e a qualquer momento, uma criatura à parte, que quase sempre vota o mais profundo desprezo à gente de terra. Quanto aos burgueses, não os compreendem, não se os explicam, zombam deles, furtam-nos quando podem, sem achar que violam as leis da probidade. Aquele, por acaso, era um baixo bretão para quem as recomendações do velho Mathias só tinham uma significação.

"Ora essa", pensou, enquanto remava, "desembarcá-lo! Tirar um passageiro ao capitão! Se a gente desse ouvidos a esses idiotas, teria de passar a vida a embarcá-los e a desembarcá-los. Será que tem medo que o filho apanhe um resfriado?"

Assim, o marinheiro entregou as cartas a Paulo sem nada dizer-lhe. Ao reconhecer a letra da esposa e a de de Marsay, Paulo imaginou o que os dois podiam dizer-lhe e não quis se deixar influenciar pelos oferecimentos que a dedicação lhes houvesse inspirado. Meteu as cartas no bolso com uma visível despreocupação.

— E é por uma coisa dessas que nos incomodam! Bobagens! — disse o marinheiro em dialeto bretão. — Se fosse coisa importante, como disse aquele velho lampião, o senhor conde meteria a carga nas escotilhas?

Absorto pelas ideias tristes que assaltam mesmo os homens mais fortes em semelhante circunstância, Paulo entregou-se à melancolia, saudando com a mão o velho amigo, despedindo-se da França, contemplando os edifícios de Bordeaux que fugiam rapidamente. Sentou-se sobre um rolo de cordas. A noite o surpreendeu lá, mergulhado em pensamentos. Com o crepúsculo vieram as dúvidas: sondava o futuro com um olhar inquieto; e, ao sondá-lo, só viu nele perigos e incertezas, e se interrogava se teria coragem suficiente. Sentia vagos receios ao saber Natália abandonada: arrependia-se de sua resolução, sentia saudades de Paris e de sua vida passada. O enjoo o

dominou. Todos conhecem os efeitos dessa doença: o mais horrível de seus padecimentos sem perigo é uma dissolução completa da vontade. Uma inexplicável perturbação relaxa as cordas da vitalidade no seu próprio centro, a alma já não desempenha suas funções, e tudo se torna indiferente ao enfermo: a mãe esquece o filho, o amante não pensa mais na amada, o homem mais forte jaz como uma massa inerte. Paulo foi levado para o camarote, onde permaneceu três dias, estendido, vomitando e ingerindo bebidas que os marinheiros lhe davam, não pensando em nada e dormindo; depois, passou por uma espécie de convalescença e voltou ao estado normal. Pela manhã, sentindo-se melhor e saindo a passear pelo convés, para respirar a brisa marinha dum clima diferente, sentiu as cartas ao meter a mão no bolso; abriu-as logo, para lê-las, e começou pela de Natália. Para que a carta da condessa de Manerville possa ser bem compreendida, é necessário transcrever a que Paulo escrevera à esposa ao deixar Paris:

CARTA DE PAULO DE MANERVILLE À SUA ESPOSA

"Querida, quando leres esta carta, estarei longe de ti; talvez já esteja no navio que me levará à Índia, onde vou refazer minha fortuna abalada. Não tive forças para anunciar-te minha partida. Enganei-te, mas não podia agir de outro modo. Terias ficado inutilmente aborrecida e certamente haverias de querer sacrificar tua fortuna por mim. Querida Natália, não tenhas remorsos, não lamento nada. Quando trouxer milhões, imitarei teu pai, jogá-los-ei a teus pés como ele jogava os seus aos pés de tua mãe, dizendo: 'Tudo é para ti'. Amo-te loucamente, Natália; digo-o sem receio de que te sirvas desta confissão para ampliar um domínio que só é temido pelas criaturas débeis, e o teu foi sem limites desde o dia em que te conheci. Meu amor é o único cúmplice de meu desastre. Minha progressiva ruína fez-me experimentar delirantes emoções do jogador. À medida que meu dinheiro diminuía, minha felicidade aumentava. Cada fragmento de minha fortuna, convertido para ti numa pequena alegria, dava-me enlevos celestiais. Gostaria que tivesses mais caprichos do que tinhas. Sabia que me encaminhava para um abismo, mas avançava com a fronte coroada pela alegria, sentimento que as pessoas vulgares ignoram. Agi como esses amantes que se encerram numa casinha à beira dum lago por um ano ou dois e que se

prometem matar-se após terem mergulhado num oceano de prazeres, morrendo assim em plena glória de suas ilusões e de seu amor. Sempre achei os que assim fazem prodigiosamente sensatos. Nada sabias de minhas alegrias nem de meus sacrifícios. Não se sente uma imensa delícia em ocultar à pessoa amada o preço daquilo que ela deseja? Posso confessar-te esses segredos. Estarei longe de ti quando te chegar às mãos esta carta cheia de amor. Se perco assim os tesouros de tua gratidão, não experimento esse aperto no coração que sentiria ao falar-te nessas coisas. Depois, querida, não há um certo cálculo interesseiro em revelar-te assim o passado? Não é prolongar nosso amor pelo futuro? Teremos acaso necessidade de fortalecê-lo? Não nos amamos com um amor puro, ao qual são indiferentes as provas, que desconhece o tempo, as distâncias e vive por si mesmo? Ah! Natália, deixei a mesa em que estava escrevendo, junto à lareira, e vim ver-te adormecida, confiante, numa atitude de criança inocente, com a mão estendida para mim. Deixei uma lágrima no travesseiro confidente de nossas alegrias íntimas. Parto sem receio sobre o acerto desta atitude, parto a fim de conquistar o repouso ganhando uma fortuna suficientemente considerável para que nenhuma inquietação perturbe nossas alegrias, para que possas satisfazer teus desejos. Nem tu nem eu poderíamos privar-nos das alegrias da vida que levamos. Sou homem, tenho coragem: a mim cabe a tarefa de juntar a fortuna de que necessitamos. Talvez penses em me acompanhar! Eu te ocultarei o nome do navio, o lugar e o dia da partida. Um amigo te dirá tudo quando já não houver mais tempo. Natália, minha afeição não tem limites, amo-te como a mãe ama seu filho, como o amante ama sua amada, com o maior desinteresse. A mim os trabalhos, a ti os prazeres; a mim os sofrimentos, a ti a vida feliz. Diverte-te, conserva teus hábitos luxuosos; vai aos Italiens, à Ópera, frequenta a sociedade, os bailes, absolvo-te de tudo. Anjo querido, sempre que voltares a este ninho onde saboreamos os frutos amadurecidos durante nossos cinco anos de amor, pensa em teu amigo, pensa em mim por um momento, adormece no meu coração. Eis tudo o que te peço. Quanto a mim, eterna lembrança querida, sempre que, perdido sob céus ardentes, trabalhando por nós dois, encontrar obstáculos a vencer, ou, fatigado, repousar nas esperanças do regresso, pensarei em ti, que és minha bela vida. Sim, esforçar-me-ei por estar em ti, e me direi que não tens sofrimentos nem preocupações, que és feliz. Assim como temos nossa vida do dia e da noite, a vigília e o sono, terei também minha existência florida em Paris e minha existência de trabalho na Índia; um sonho doloroso, uma realidade deliciosa: viverei de tal modo na tua realidade que meus dias serão sonhos. Terei minhas recordações, repetirei canto por canto esse belo poema de cinco anos, lembrar-me-ei dos dias em que te deliciavas em brilhar, e nos quais, por um vestido ou um roupão, te fazias nova a meus olhos. Tornarei a sentir nos

lábios o sabor de nossos jantares. Sim, anjo querido, parto como um homem que se lança a uma empresa cujo triunfo lhe dará sua bela amante. O passado será para mim como esses sonhos do desejo que precedem a posse e que muitas vezes a posse desfaz, mas que sempre tornaste mais belos. Voltarei para encontrar uma nova mulher, a ausência te dará novos encantos. Oh, meu belo amor, minha Natália, que eu seja uma religião para ti. Sê sempre a criança que acabo de ver adormecida! Se traísses minha cega confiança, Natália, não precisarias temer minha cólera, fica certa disso; eu morreria silenciosamente. Mas a mulher jamais engana o homem que a deixa livre, pois a mulher nunca é covarde. Zomba dum tirano, mas renuncia a uma traição fácil que mataria. Não, não penso nisso. Perdoa-me este brado tão natural a um homem. Anjo querido, verás de Marsay, ele será o locatário de nosso palácio e o deixará a teu dispor. Esse arrendamento simulado é necessário para evitar perdas inúteis. Os credores, ignorando que seu pagamento é uma questão de tempo, poderiam penhorar o mobiliário e o usufruto de nosso palácio. Sê boa para de Marsay: tenho a mais inteira confiança em sua capacidade e em sua lealdade. Toma-o como defensor e conselheiro, dispõe dele. Quaisquer que sejam suas ocupações, ele estará sempre às tuas ordens. Encarrega-o de tratar da liquidação dos meus negócios. Se ele tiver de desembolsar alguma quantia de que venha a necessitar mais tarde, conto contigo para que lha entregues. Lembra-te de que não te confio a de Marsay e sim a ti mesma; indicando-o, não o imponho. Mas é-me impossível falar-te de negócios, não tenho mais de uma hora para ficar junto de ti. Conto tuas respirações, procuro desvendar teus pensamentos nos raros movimentos do teu sono, teu sopro reanima as horas floridas de nosso amor. A cada pulsação do teu coração, o meu derrama tesouros sobre ti, desfolho sobre ti todas as rosas de minha alma como as crianças as espalham diante do altar na festa de Cristo-Rei. Recomendo-te às recordações com que te molesto, gostaria de poder infundir-te meu sangue para que fosses inteiramente minha, para que teu pensamento fosse meu pensamento, para que teu coração fosse meu coração, para estar inteiramente em ti. Deixaste escapar neste momento um leve murmúrio como uma doce resposta. Sê sempre calma e bela como agora. Ah! Eu gostaria de possuir esse fabuloso poder de que falam os contos de fadas, desejaria deixar-te adormecida assim durante minha ausência e despertar-te com um beijo ao regressar. Quanta energia e quanto amor são necessários para deixar-te ao ver-te assim! És uma espanhola religiosa, hás de respeitar um juramento feito durante o sono e no qual não se pode duvidar da tua palavra inexprimida. Adeus, querida; eis teu pobre *Fleur-des-Pois* arrebatado por um vendaval; mas ele voltará para ti, para sempre, nas asas da fortuna. Não, querida Nini, não te digo adeus, nunca te deixarei. Não serás a alma das minhas

ações? Não será a esperança de trazer-te uma felicidade indestrutível que guiará meus passos? Não estarás sempre comigo? Não, não será o sol da Índia, e sim o fulgor dos teus olhos que me iluminará. Sê tão feliz quanto uma mulher possa sê-lo sem seu amante. Eu gostaria de não ter de receber como último beijo um beijo em que foste inteiramente passiva; mas, meu anjo adorado, minha Nini, não quis despertar-te. Ao acordar, encontrarás uma lágrima em tua fronte, faz dela um talismã! Pensa, pensa muito em quem talvez venha a morrer por ti; longe de ti; pensa menos no marido que no amante dedicado que te confia a Deus."

RESPOSTA DA CONDESSA DE MANERVILLE A SEU MARIDO

"Meu querido, em que aflição me deixa tua carta! Tinhas o direito de tomar sem me consultares uma resolução que nos fere igualmente? És livre? Não me pertences? Não sou metade colonial? Não poderia acompanhar-te? Dás-me a entender que não te sou indispensável. Que te fiz, Paulo, para me privares de meus direitos? Que queres que eu faça sozinha em Paris? Anjo querido, tomas sobre teus ombros todos os meus erros. Não tenho alguma culpa dessa ruína? Meus vestidos não pesaram grandemente na balança? Fazes-me amaldiçoar a vida feliz, despreocupada, que temos levado durante quatro anos. Saber-te afastado por seis anos não é para me matar? Pode-se fazer fortuna em seis anos? Voltarás? Vejo que estava acertada quando me recusava, com uma obstinação instintiva, a essa separação de bens que minha mãe e tu exigistes a todo o custo. Que te dizia eu então? Não era uma desconsideração de minha parte? Não era arruinar teu crédito? Foi preciso que te zangasses para que eu cedesse. Meu querido Paulo, nunca foste tão grande a meus olhos como neste momento. Não desesperar de nada, ir buscar uma fortuna...! É necessário ter teu caráter e tua energia para agir assim. Estou a teus pés. Um homem que confessa sua fraqueza com a tua boa-fé, que refaz sua fortuna pela mesma causa que o levou a dissipá-la, por amor, por uma paixão irresistível, esse homem é sublime. Segue sem receio, marcha através dos obstáculos, sem duvidar de tua Natália, pois isso seria duvidar de ti mesmo. Pobre querido, queres viver em mim? E eu, não estarei sempre em ti? Não estarei aqui, mas em qualquer lugar onde estiveres. Se tua carta me causou vivos sofrimentos, também me encheu de alegria; deste-me a conhecer, num momento, os dois extremos, pois, ao ver quanto me amas, fiquei orgulhosa de saber que meu amor era bem sentido. Às vezes, julgava

amar-te mais do que me amavas; agora, declaro-me vencida, podes juntar esta deliciosa superioridade a todas as que possuis; mas não tenho agora maiores razões para amar-te? Tua carta, esta preciosa carta em que tua alma se revela e que me disse tão claramente que nada estava perdido entre nós, ficará em meu coração durante toda a tua ausência, pois nela está toda tua alma, esta carta é a minha glória! Irei morar em Lanstrac com minha mãe e lá ficarei como morta para o mundo, economizarei meus rendimentos para pagar integralmente tuas dívidas. A partir desta manhã, Paulo, sou outra mulher, despeço-me definitivamente da sociedade, não quero nenhum prazer de que não possas partilhar. Além disso, Paulo, preciso deixar Paris e ir para a solidão. Fica sabendo, querido, que tens uma dupla razão para fazer fortuna. Se tua coragem tivesse necessidade de estímulo, tu o encontrarias num outro coração que acharás agora em ti mesmo. Meu bom amigo, não adivinhas? Vamos ter um filho. Seus mais ardentes desejos se realizaram, senhor. Não queria causar-te uma dessas falsas alegrias que matam; já temos tido muitos desgostos a esse respeito e eu não queria ver-me obrigada a desmentir a boa notícia. Hoje, tenho certeza do que te anuncio e sinto-me feliz por lançar uma alegria no meio de tuas tristezas. Esta manhã, sem desconfiar de nada e julgando-te na cidade, fui à Assomption[334] agradecer a Deus. Como poderia prever uma desgraça? Tudo me sorria nesta manhã. Ao sair da igreja, encontrei mamãe; ela soubera de tuas aperturas e chegara pela posta com suas economias, com trinta mil francos, esperando poder solucionar teus negócios. Que bondade, Paulo! Sentia-me contente e voltei para casa a fim de dar-te as duas boas notícias enquanto almoçássemos sob a tenda, onde eu te preparara as gulodices de que gostas. Agostinha entregou-me a carta. Uma carta vinda de ti, quando havíamos dormido juntos, não encerrava um drama? Tive um sobressalto mortal e depois li…! Li-a chorando, e mamãe também se desfazia em lágrimas! É necessário amar muito a um homem para chorar, pois as lágrimas enfeiam as mulheres! Estava meio morta. Tanto amor e tanta coragem! Tanta felicidade e tantas misérias! A mais rica fortuna do coração e a ruína momentânea dos interesses! Não poder estreitar o bem-amado de encontro ao peito no momento em que sua grandeza nos envolve! Que mulher poderia resistir a essa tempestade de sentimentos? Saber-te longe de mim quando tua mão sobre meu coração me faria tanto bem; não estava aqui para dar-me esse olhar que amo tanto, para te alegrares comigo pela realização de tuas esperanças; e eu não estava junto de ti para amenizar tuas amarguras com essas carícias que te fazem tua Natália tão querida e que te fazem esquecer tudo. Quis partir, voar para junto de ti; mas mamãe advertiu-me de que o *Belle-Amélie* ia zarpar no dia seguinte; que somente o correio poderia chegar aí tão depressa e que, no estado em que me

encontro, seria uma loucura arriscar todo um futuro com os solavancos da carruagem. Embora já mãe, mandei preparar os cavalos e mamãe me enganou dizendo-me que já tinham ido buscá-los. E agiu prudentemente, pois as primeiras indisposições da gravidez já começaram. Não pude resistir a tantas emoções violentas e me senti mal. Escrevo-te do leito, os médicos exigem repouso nos primeiros meses. Até agora eu era uma mulher frívola; de hoje em diante, serei uma mãe de família. A Providência é muito bondosa comigo, pois somente um filho a amamentar, a cuidar e a criar poderá atenuar a dor que tua ausência me causará. Estarás representado nele e nele te acariciarei. Confessarei abertamente meu amor, que temos ocultado tão cuidadosamente. Direi a verdade. Mamãe já teve ocasião de desmentir algumas calúnias que correm a teu respeito. Os dois Vandenesse, Carlos e Félix,[335] também te têm defendido ardorosamente; mas teu amigo de Marsay leva tudo em brincadeira: escarnece de teus acusadores, em vez de responder-lhes; não gosto dessa maneira de repelir levemente ataques sérios. Não estarás enganado a respeito dele? Apesar disso, hei de obedecer-te e farei dele meu amigo. Fica descansado, meu adorado, relativamente às coisas que se referem à tua honra. Não é também a minha? Meus diamantes serão empenhados. Mamãe e eu vamos empregar todos os nossos recursos para pagar integralmente tuas dívidas e readquirir teu vinhedo de Bellerose. Mamãe, que entende de negócios como um verdadeiro procurador, censurou-te muito por não te haveres aberto com ela. Ela não teria comprado, como o fez na certeza de que te daria um prazer, a propriedade de Grainrouge, que estava encravada em tuas terras, e poderia ter-te emprestado cento e trinta mil francos. Ela está desesperada com a resolução que tomaste. Teme tua permanência nas Índias. Ela te suplica que sejas sóbrio e não te deixes seduzir pelas mulheres... Não participo deste pedido. Tenho tanta confiança em ti como em mim mesma. Voltarás para mim rico e fiel. Somente eu, no mundo, conheço tua delicadeza de mulher e teus sentimentos secretos que fazem de ti uma deliciosa flor humana digna do céu. Os bordeleses tinham sobrada razão para dar-te teu belo apelido. Quem há de cuidar de minha delicada flor? Tenho o coração trespassado por pensamentos terríveis. Eu, sua esposa, sua Natália, estar aqui enquanto ele talvez já esteja sofrendo! E eu, tão ligada a ti, não partilhar de tuas penas, de teus reveses, de teus perigos! A quem te confiarás? Como pudesse dispensar o ouvido ao qual contavas tudo? Querida sensitiva arrancada por um vendaval, por que te transplantaste do único terreno em que poderias desenvolver teus perfumes? Tenho a impressão de estar sozinha há dois séculos, e sinto frio em Paris. Já chorei bastante...

'Ser a causa de teu desastre!' Que assunto para os pensamentos duma esposa apaixonada! Trataste-me como uma criança a quem se dá tudo quanto pede,

> como uma cortesã por quem um estouvado consome sua fortuna. Tua suposta delicadeza foi um insulto. Achas que eu não me poderia privar de vestidos, bailes, ópera, sucesso? Acaso sou uma mulher leviana? Não me achas capaz de ter ideias sérias, de concorrer para tua fortuna como concorria para teus prazeres? Se não estivesses longe de mim, triste e infeliz, o senhor seria duramente censurado por tamanha impertinência. Humilhar sua esposa a esse ponto! Meu Deus! Por que era, então, que eu frequentava a sociedade? Para lisonjear tua vaidade; era para ti que eu me enfeitava, bem o sabes. Mesmo que eu tivesse cometido faltas, estaria agora cruelmente punida; tua ausência é uma expiação bem amarga de nossa vida íntima. Nossa felicidade era completa demais; tinha de ser paga com algum grande sofrimento e ei-lo que chega! Após aquelas venturas tão cautelosamente furtadas aos olhos do mundo, após aquelas festas convencionais entremeadas pelas loucuras secretas de nosso amor, nada mais é possível além da solidão. A solidão, querido amigo, nutre as grandes paixões, e é isso que desejo. Que faria na sociedade? A quem oferecer meus triunfos? Ah! Viver em Lanstrac, esta propriedade organizada por teu pai, num castelo que reformaste tão luxuosamente, viver lá com teu filho, esperando-te, enviando-te todas as noites e todas as manhãs as orações da mãe e do filho, da mulher e do anjo, não será uma quase felicidade? Vês estas mãozinhas juntas nas minhas? Tu te recordarás, como hei de me recordar todas as noites, dos momentos de felicidade que me relembras na tua querida carta? Oh, sim, nós nos amamos com um ardor igual. Esta confortadora certeza é um talismã contra a desventura. Não duvido de ti como não duvidas de mim. Que consolação posso enviar nesta carta, eu, desolada, eu, aflita, eu, que vejo esses seis anos como um deserto a atravessar? Enfim, não sou a mais desgraçada; este deserto não será povoado por nosso filho? Sim, quero dar-te um filho, é preciso, não é? Bem, adeus, querido, nossos votos e nosso amor te acompanharão por toda parte. Poderão as lágrimas que cobrem este papel dizer-te as coisas que não posso exprimir? Recebe os beijos que te envia, no quadrinho anexo,
>
> Tua natália

Essa carta mergulhou Paulo numa meditação causada tanto pela embriaguez em que o deixaram esses testemunhos de amor como pelos prazeres intencionalmente evocados; ele os rememorava um a um a fim de se explicar a gravidez da esposa. Quanto mais um homem é feliz, mais teme. Nas almas exclusivamente ternas — e a ternura comporta um pouco de fraqueza —, o ciúme e a inquietação estão na razão direta da felicidade e de sua extensão. As almas fortes nunca são ciumentas nem medrosas: o ciúme é uma falta de confiança, o medo é

uma mesquinhez. A confiança ilimitada é o principal atributo do grande homem: se for enganado, tanto a força como a fraqueza podem tornar o homem igualmente vítima; o desprezo lhe serve então de machado e ele devasta tudo. Esta grandeza é uma exceção. A quem não acontece ser abandonado pelo espírito que sustenta nossa frágil máquina e escutar a força desconhecida que nega tudo? Paulo, apegando-se a alguns fatos irrecusáveis, acreditava e duvidava ao mesmo tempo. Perdido em suas cogitações, entregue a uma terrível incerteza involuntária, mas combatida pelos testemunhos dum amor puro e por sua confiança em Natália, releu duas vezes aquela carta prolixa sem poder concluir nada nem contra nem a favor da esposa. O amor é igualmente grande pela redundância como pela concisão.

Para bem compreender a situação em que ia cair Paulo, é necessário representá-lo flutuando sobre o oceano como flutuava sobre a imensa extensão do seu passado, revendo sua vida inteira como um céu sem nuvens, e acabando por recuperar, após os turbilhões da dúvida, a crença pura, integral, sem mescla, do fiel, do cristão, do apaixonado que serenava a voz do coração.

E, antes de mais nada, é necessário também reproduzir aqui a carta à qual Henrique de Marsay respondia:

CARTA DO CONDE PAULO DE MANERVILLE AO SR. MARQUÊS HENRIQUE DE MARSAY

"Henrique, vou dizer-te uma das maiores frases que um homem possa dizer a seu amigo: estou arruinado. Quando me leres, estarei pronto para partir de Bordeaux rumo a Calcutá, pelo navio *Belle-Amélie*. Encontrarás em poder do teu tabelião um documento que só espera tua assinatura para ficar completo e pelo qual te alugo por seis anos meu palácio por um arrendamento simulado; remeterás uma contraescritura à minha esposa. Sou forçado a tomar esta precaução para que Natália possa ficar em casa, sem receio de ser despejada de lá. Transfiro para ti, igualmente, os rendimentos do meu morgadio durante quatro anos, tudo isso contra a quantia de cento e cinquenta mil francos que peço que me envies em cheque sobre alguma casa de Bordeaux, à ordem de

Mathias. Minha esposa afiançará pelo excedente dessa importância sobre a dos meus rendimentos. Se o usufruto do meu morgadio te pagar mais rapidamente do que suponho, acertaremos as contas quando eu voltar. A quantia que te peço é indispensável para ir tentar a fortuna; e, se te conheço como penso conhecer-te, devo recebê-la sem uma palavra, em Bordeaux, na véspera da minha partida. Agi como terias agido em meu lugar. Mantive-me firme até o último momento, sem deixar que suspeitassem de minha ruína. Depois, quando o rumor da penhora imobiliária dos meus bens disponíveis chegou a Paris, consegui dinheiro por meio de cem mil francos em letras de câmbio para tentar o jogo. Um golpe de sorte poderia refazer-me. Perdi. Como me arruinei? Voluntariamente, meu caro Henrique. Desde o primeiro dia, vi que não podia levar a vida que iniciara, sabia seu resultado, resolvi fechar os olhos, pois não me era possível dizer à minha mulher: 'Deixemos Paris e vamos morar em Lanstrac'. Arruinei-me por ela como a gente se arruína por uma amante, mas conscientemente. Aqui entre nós, não sou um tolo nem um fraco. Um tolo não se deixa dominar, com os olhos abertos, por uma paixão; em segundo lugar, quem vai para as Índias reconstruir a fortuna em vez de se suicidar é um homem de coragem. Voltarei rico ou não voltarei mais. E, caro amigo, como só para ela quero a fortuna, e como não quero ser enganado e estarei ausente seis anos, confio-te minha mulher. Tens uma vida amorosa suficientemente farta para respeitar Natália e permitir-me que confie na probidade do sentimento que nos une. Não sei de melhor guardião do que tu. Deixo minha esposa sem filho, um amante seria muito perigoso para ela. Quero que saibas, meu bom de Marsay, que amo loucamente Natália, humildemente, sem pejo. Creio que lhe perdoaria uma infidelidade, não porque tenha a certeza de poder vingar-me, mesmo que isso me custasse a morte; mas porque me mataria para deixá-la feliz se não pudesse promover sua felicidade. Que posso temer? Natália tem por mim essa amizade sincera que não depende do amor, mas que conserva o amor. Tem sido tratada por mim como uma criança mimada. Meus sacrifícios me davam tamanha felicidade, e um arrastava tão naturalmente o outro, que ela seria um monstro se me enganasse. O amor se paga com amor... Queres saber de tudo, meu caro Henrique? Acabo de escrever-lhe uma carta na qual lhe dou a entender que parto com a esperança no coração, a fronte serena, que não tenho dúvida, nem ciúme, nem receio, uma carta como as que os filhos escrevem às mães para ocultar-lhes que se dirigem para a morte. Meu Deus, de Marsay, tenho o inferno dentro de mim, sou o homem mais desgraçado do mundo! A ti os gritos, o ranger de dentes. Confesso-te as lágrimas do amante desesperado. Preferiria trabalhar durante seis anos como varredor sob suas janelas a voltar milionário após seis anos de ausência, se isso fosse possível. Tenho horríveis

angústias, avançarei de sofrimento em sofrimento até que me tenhas escrito um bilhete pelo qual anuncias aceitar um mandato que somente tu, em todo o mundo, podes desempenhar. Oh, meu caro de Marsay, essa mulher é indispensável à minha vida, é meu ar e meu sol. Toma-a sob tua proteção, conserva-a fiel para mim, mesmo contra sua vontade. Sim, mesmo uma felicidade pela metade bastará para fazer-me feliz. Sê seu amparo, não terei nenhuma desconfiança de ti. Prova-lhe que, traindo-me, ela se tornaria vulgar, seria igual a todas as mulheres e que seria dar prova de espírito conservar-se fiel. Ela ainda deve ter bastante dinheiro para continuar sua vida indolente e despreocupada; mas, se lhe faltar alguma coisa, se ela tiver caprichos, faze-te seu banqueiro, não temas nada, voltarei rico. Meus receios, aliás, são certamente vãos, Natália é um anjo de virtude. Quando Félix de Vandenesse, perdido de paixão por ela, se permitiu algumas assiduidades, bastou-me dar a entender a Natália o perigo que corria e ela logo me agradeceu tão afetuosamente que me comovi até as lágrimas. Disse-me que não convinha à sua reputação que um homem abandonasse bruscamente sua casa, mas que saberia afastá-lo: realmente, ela o recebeu muito friamente e tudo terminou pelo melhor. Não temos tido outro assunto de discussão durante quatro anos, se é que se pode chamar de discussão a conversa de dois amigos. Bem, meu caro Henrique, digo-te adeus como homem. A desgraça chegou. Qualquer que seja sua causa, ela está aqui; arranquei a máscara. A pobreza e Natália são dois termos inconciliáveis. O balanço, além disso, será muito exato entre meu passivo e meu ativo e assim ninguém se poderá queixar de mim: mas, se alguma coisa colocar minha honra em perigo, conto contigo. Enfim, se acontecer alguma coisa grave, podes remeter tuas cartas com o endereço do governador das Índias, em Calcutá; tenho algumas relações de amizade em sua casa e alguém há de guardar lá para mim as cartas que me chegarem da Europa. Caro amigo, desejo encontrar-te o mesmo ao voltar: o homem que sabe zombar de tudo e que, a despeito disso, é acessível aos sentimentos alheios quando se harmonizam com a grandiosidade que sentes em ti mesmo. Ficas em Paris, tu! E, enquanto estiveres lendo esta, gritarei: 'A Cartago!'.[336]

RESPOSTA DO MARQUÊS HENRIQUE DE MARSAY AO CONDE PAULO DE MANERVILLE

Com que então, senhor conde, estás atolado! O senhor embaixador soçobrou! Eram essas, então, as belas coisas que estavas fazendo? Por que, Paulo, te

escondeste de mim? Se me tivesses dito uma única palavra, meu pobre homem, eu te teria esclarecido sobre tua situação. Tua mulher recusou-me sua fiança. Que esta única frase seja suficiente para abrir-te os olhos! E, se isso ainda não for suficiente, fica sabendo que tuas letras de câmbio foram protestadas a requerimento dum tal Lécuyer, antigo primeiro escrevente dum tal Solonet, tabelião em Bordeaux. Esse usurário em projeto, chegado da Gascogne para fazer trampolinagens aqui, é o testa de ferro de tua muito digna sogra, credora real dos cem mil francos pelos quais a boa senhora, segundo dizem, te adiantou setenta mil. Comparado à sra. Evangelista, o papá Gobseck[337] é uma flanela, um veludo, uma poção calmante, um merengue com baunilha, um tio de fim de romance. Teu vinhedo de Bellerose será a presa de tua mulher, a quem sua mãe dará a diferença entre o preço da adjudicação e o montante de suas restituições. A sra. Evangelista ficará com o Guadet e o Grassol, e as hipotecas que gravam teu palácio em Bordeaux lhe pertencem sob o nome dos testas de ferro que o tal Solonet lhe arranjou. Assim, essas duas excelentes criaturas ficarão com cento e vinte mil francos de renda, quantia a que monta o rendimento de tuas propriedades, e mais trinta e tantos mil francos em títulos que essas gatinhas possuem. A fiança de tua esposa seria inútil. O referido sr. Lécuyer veio esta manhã propor-me o reembolso da importância que te emprestei contra uma transferência perfeitamente legalizada dos meus direitos. A colheita de 1825, que tua sogra guarda nas tuas adegas de Lanstrac, basta para pagar-me. Como vês, as duas mulheres devem ter calculado que já estivesses no mar: mas envio-te esta carta por um correio, a fim de que ainda tenhas tempo de seguir os conselhos que te vou dar. Fiz esse Lécuyer falar. Consegui apanhar, no meio de suas mentiras, de suas palavras e de suas reticências, os fios que me faltavam para descobrir toda a trama da conspiração doméstica urdida contra ti. Esta noite, na embaixada da Espanha, apresentarei meus cumprimentos de admiração à tua sogra e à tua esposa. Farei a corte à sra. Evangelista e te trairei covardemente, pronunciarei hábeis injúrias contra ti, pois uma atitude grosseira seria logo descoberta por esse sublime Mascarille[338] de saias. Como foi que a voltaste contra ti? Isso é o que quero saber. Se tivesses tido a inteligência de te apaixonares por essa mulher antes de desposar sua filha, serias hoje par da França, duque de Manerville e embaixador em Madri. Se me tivesses chamado para junto de ti quando te casaste, eu te teria ajudado a conhecer, a analisar as duas mulheres com as quais te ias meter; e, dessas observações feitas em comum, resultariam alguns conselhos úteis. Não era eu o único de teus amigos em condições de respeitar tua mulher? Podias temer-me? Depois que me conheceram, essas duas mulheres ficaram com medo de mim e nos separaram. Se não tivesses ficado idiotamente amuado comigo, elas não te teriam devorado.

Tua mulher concorreu muito para que nossas relações esfriassem; ela era instigada pela mãe, a quem escrevia duas cartas por semana, e nunca te acautelaste contra isso. Reconheci perfeitamente meu bom Paulo quando soube desse detalhe. Dentro de um mês, terei me aproximado suficientemente de tua sogra para saber dela a razão do ódio hispano-italiano que te dedicou, a ti, o melhor homem do mundo. Ela já te odiava antes que sua filha amasse Félix de Vandenesse? Ou te expulsa para as Índias para tornar sua filha tão livre quanto o é na França uma esposa separada de corpo e de bens? Aí é que está o problema. Vejo-te pulando e uivando ao saber que tua mulher ama loucamente Félix de Vandenesse. Se eu não tivesse tido a fantasia de dar um giro pelo Oriente com Montriveau, Ronquerolles[339] e alguns outros vivedores que conheces, poderia ter-te dito alguma coisa desse namoro que começou quando parti; nessa época, eu já via germinar as sementes do teu infortúnio. Mas nenhum cavalheiro é suficientemente depravado para abordar questões como essa sem um preâmbulo. Quem ousaria difamar uma mulher? Quem estaria disposto a quebrar o espelho de ilusões onde um de nossos amigos se deliciasse em contemplar as magias dum casamento feliz? As ilusões não são a fortuna do coração? Tua esposa, meu caro amigo, não era, na mais ampla acepção do termo, uma mulher da moda? Ela só pensava em seus triunfos, em seus vestidos; ia aos Bouffons,[340] à Opera, aos bailes; levantava-se tarde, passeava pelo Bosque;[341] jantava na cidade e ela própria dava jantares. Esse modo de vida parece-me ser para as mulheres o mesmo que a guerra é para os homens: o público só vê os vencedores, esquece os mortos. Se as mulheres delicadas perecem nesse ofício, as que resistem devem ter uma constituição de ferro, e consequentemente pouco coração e estômagos excelentes. Aí está a razão da insensibilidade, da frieza dos salões. As almas nobres permanecem na solidão, as naturezas fracas e meigas sucumbem e restam apenas os seixos que mantêm o oceano social dentro de seus limites, deixando-se esfregar, arredondar pelas ondas, sem se gastar. Tua mulher resistia admiravelmente a essa vida, parecia habituada a ela, sempre se mostrava viçosa e bela; para mim, a conclusão era fácil de tirar: ela não te amava e tu a amavas como um louco. Para fazer jorrar o amor duma natureza silicosa como essa, era necessário um homem de ferro. Depois de ter sofrido, sem se abater, o choque de *lady* Dudley,[342] a esposa de meu verdadeiro pai, Félix era justamente o que convinha a Natália. Não havia grande mérito em descobrir que eras indiferente à tua mulher. Dessa indiferença ao aborrecimento, não havia mais que um passo; e, cedo ou tarde, uma discussão, uma palavra, um gesto de autoridade, um nada bastaria para fazê-lo saltar sobre tua mulher. Eu seria capaz de descrever para ti mesmo a cena que se desenrolava todas as noites entre vós dois no quarto de dormir. Não

tens filhos, meu caro. Isso não explica muitas coisas a um observador? Apaixonado como estavas, quase não te podias aperceber da frieza natural a uma jovem mulher que formaste a propósito para Félix de Vandenesse. Mesmo que tivesses achado tua mulher fria, a estúpida jurisprudência das pessoas casadas te levaria a atribuir sua reserva à sua inocência. Como todos os maridos, acreditavas poder conservá-la virtuosa numa sociedade onde as mulheres comentam entre si aquilo que os homens não se ousam dizer, onde tudo quanto um marido não ensina à esposa é explicado minuciosamente, por detrás do leque, rindo, gracejando a propósito dum processo ou duma aventura. Se tua mulher gostava dos benefícios sociais do casamento, achava, contudo, seus encargos muito pesados. O encargo, o imposto, eras tu! Como não percebias nada dessas coisas, ias cavando abismos e enchendo-os de flores, segundo a eterna frase da retórica; obedecias mansamente à lei que rege o comum dos homens e contra a qual eu te quis proteger. Caro menino, não te faltava mais nada para que fosses tão estúpido como o burguês enganado pela esposa e que disso se espanta, se horroriza ou se aflige, que vires falar-me de teus sacrifícios, de teu amor por Natália, e que vires contar-me: 'Ela seria muito ingrata se me traísse: fiz isto, fiz aquilo, farei mais ainda, por ela irei para as Índias... etc.'. Meu caro Paulo, será mesmo que tens vivido em Paris e que tens a honra de pertencer pelos laços de amizade a Henrique de Marsay, para ignorar as coisas mais vulgares, os primeiros princípios que movem o mecanismo feminino, o alfabeto do seu coração? Exterminai-vos; ide a Sainte-Pélagie[343] por causa de uma mulher, matai vinte e dois homens, abandonai sete moças, servi a Labão,[344] atravessai o deserto, navegai em galés, cobri-vos de glória, cobri-vos de ignomínia, recusai como Nelson travar batalha para ir beijar a espádua de *lady* Hamilton,[345] como Bonaparte derrotais o velho Wurmser,[346] defendei com a espada a ponte d'Arcole,[347] delirai como Rolando,[348] quebrai uma perna recém-encanada para valsar seis minutos com uma mulher...! Meu caro, que é que essas coisas têm a ver com o amor? Se o amor se decidisse mediante tais demonstrações, o homem seria imensamente feliz: algumas proezas realizadas no momento do desejo lhe dariam a mulher amada. O amor, meu ingênuo Paulo, é apenas uma crença como a da Imaculada Conceição da Santa Virgem: vem ou não vem. De que servem as ondas de sangue derramado, as minas do Potosi[349] ou a glória para fazer nascer um sentimento involuntário, inexplicável? Os jovens como tu, que querem ser amados por equilíbrio de contas, parecem-me ignóbeis usurários. Nossas esposas legítimas nos devem filhos e a virtude, mas não nos devem o amor. O amor, Paulo, é a consciência do prazer dado e recebido, a certeza de dá-lo e de recebê-lo; o amor é um desejo incessantemente em movimento, incessantemente satisfeito e insaciável. No dia

em que Vandenesse fez vibrar no coração de tua mulher a corda do desejo que lá deixaras virgem, tuas fanfarronadas amorosas, tuas torrentes de imaginação e de dinheiro nem ao menos deixaram recordações. Tuas noites conjugais cobertas de rosas, fumaça!, tua dedicação, um remorso a oferecer!, tua pessoa, uma vítima a degolar diante do altar!, tua vida anterior, trevas! Uma emoção de amor apagava os tesouros de paixão que não eram mais que ferros-velhos. Félix teve todas as belezas, todas as dedicações, gratuitamente, talvez, mas, no amor, a crença equivale à realidade. Tua sogra naturalmente tomou o partido do amante contra o marido; secreta ou abertamente, fechou os olhos, ou os abriu, não sei o que ela fez, mas ficou com a filha contra ti. Há quinze anos que observo a sociedade e não conheço uma mãe que, em tal circunstância, tenha abandonado a filha. Essa indulgência é uma herança transmitida de mulher para mulher. Qual é o homem que pode censurá-la? Algum redator do Código Civil, que viu fórmulas onde existem apenas sentimentos! Os gastos a que te arrastava a vida duma mulher da moda, a tendência dum caráter fraco e talvez tua vaidade forneceram os meios para que elas se desembaraçassem de ti por meio duma ruína habilmente preparada. De tudo isto, concluirás, meu bom amigo, que o mandato de que me incumbiste e do qual eu me teria desempenhado com tanto maior prazer porque me teria divertido, está nulo e como não existente. O mal a prevenir está feito, *consumatum est*. Perdoa-me, meu amigo, se te escrevo no estilo de Marsay, como dizias, sobre coisas que te devem parecer graves. Longe de mim a ideia de fazer piruetas sobre o túmulo dum amigo, como os herdeiros sobre o dum parente. Mas escreveste-me que te havias tornado homem, acredito-o e te trato como político, e não como apaixonado. Para ti, este acidente não é como a marca nas costas que decide um condenado a se lançar numa vida de oposição sistemática e a combater a sociedade? Estás, enfim, livre duma preocupação; o casamento te dominava, agora dominas o casamento. Paulo, sou teu amigo na mais completa acepção da palavra. Se tivesses tido o cérebro encerrado num crânio de bronze, se tivesses tido a energia que só te chegou muito tarde, eu te teria provado minha amizade por meio de confidências que te fariam marchar sobre a humanidade como sobre um tapete. Mas quando falávamos sobre as convenções às quais devo a faculdade de me divertir com alguns amigos no seio da civilização parisiense, como um boi na loja dum vendedor de louça; quando eu te contava sob formas romanescas as aventuras verídicas da minha mocidade, tu as tomavas, realmente, como romances, sem perceber sua significação. Assim, nunca te pude considerar senão como uma paixão infeliz. Pois bem, palavra de honra, nas circunstâncias atuais desempenhas um belo papel e nada perdeste no meu conceito, como poderias crer. Se admiro os grandes velhacos, prezo e estimo as

criaturas enganadas. A propósito daquele médico que acabou tão mal, levado para o cadafalso por causa de uma amante, eu te contei um dia a história bem diferentemente encantadora daquele pobre advogado que vive não sei em que galé, condenado como falsário, por ter desejado dar à esposa — uma esposa também adorada! — trinta mil francos de renda, mas a quem ela própria denunciou para se livrar dele e viver com outro. Naquela ocasião, protestaste, tu e alguns outros tolos que ceavam conosco. Pois bem, meu caro, és esse advogado, com exceção da galé. Teus amigos não te perdoam a desconsideração que acarreta na nossa sociedade um julgamento pelo Tribunal. A irmã dos dois Vandenesse, a marquesa de Listomère[350] e todo o seu grupo onde se intrometeu o pequeno Rastignac, um patife que começa a subir;[351] a sra. d'Aiglemont[352] e seu salão onde impera Carlos de Vandenesse, os Lenoncourt,[353] a condessa Féraud,[354] a sra. d'Espard,[355] os Nucingen,[356] a embaixada da Espanha, enfim, toda uma sociedade habilmente açulada te cobre de acusações infamantes. És um mau sujeito, um jogador, um libertino que consumiu estupidamente a fortuna. Após ter pago tuas dívidas várias vezes, tua mulher — um anjo de virtude! — acaba de resgatar cem mil francos em letras de câmbio, embora esteja separada de bens. Felizmente, tu te fizeste justiça, desaparecendo. Se tivesses ficado, tu a terias deixado na miséria e ela teria sido vítima de sua dedicação conjugal. Quando um homem atinge o poder, tem todas as virtudes dum epitáfio; quando cai na miséria, tem mais vícios do que o filho pródigo: não podes imaginar como a sociedade te atribui pecados dom-juanescos. Jogavas na Bolsa, tinhas caprichos licenciosos cuja satisfação te custava quantias enormes e cuja descrição provoca comentários e gracejos que fazem as mulheres sonhar. Pagavas juros horríveis aos usurários. Os dois Vandenesse contam, rindo, que Gigonnet[357] te vendia por seis mil francos uma fragata de marfim e fazia teu criado readquiri-la por cem escudos, a fim de te vendê-la novamente; e que a quebraste solenemente ao perceber que podias ter um verdadeiro brigue com o dinheiro que ela te custara. A história se deu com Máximo de Trailles,[358] há nove anos; mas ela te assenta tão bem que Máximo perdeu definitivamente o comando de sua fragata. Enfim, não te posso contar tudo, pois forneces material a uma enciclopédia de mexericos que as mulheres têm interesse em aumentar. Nesse estado de coisas, os mais discretos não justificam as consolações do conde Félix de Vandenesse (seu pai morreu ontem, finalmente!)? Tua mulher alcança o mais prodigioso sucesso. Ontem, a sra. de Camps[359] me repetia essas belas coisas nos Italiens. 'Não me fale nisso' respondi, 'as senhoras não sabem nada! Paulo roubou o banco e assaltou o Tesouro real. Assassinou Ezzelino,[360] causou a morte de três Medoras[361] da rue Saint-Denis e julgo que é sócio (digo-lhe aqui entre nós) do bando dos

Dez Mil.[362] Seu intermediário é o famoso Jacques Collin,[363] sobre quem a polícia ainda não conseguiu pôr a mão desde que fugiu novamente da galé e que Paulo hospedava no seu palácio. Como vê, ele é capaz de tudo: trai o governo. Ele e Collin partiram juntos para ir trabalhar nas Índias e roubar o Grão-Mogol.[364] A de Camps compreendeu que uma mulher distinta como ela não deve converter seus lábios em boca de bronze[365] veneziana. Ao ter conhecimento dessas tragicomédias, muitas pessoas se recusam a acreditar nelas; tomam o partido da natureza humana e de seus belos sentimentos e sustentam que elas são pura ficção. Meu caro, Talleyrand pronunciou essa admirável sentença: *Tudo acontece*. Realmente, ocorrem sob nossos olhos coisas ainda mais espantosas que essa conspiração doméstica; mas a sociedade tem grande interesse em desmenti-las, em queixar-se de estar sendo caluniada; além disso, esses magníficos dramas se desenrolam tão naturalmente, com um verniz de tão bom gosto, que muitas vezes preciso limpar o vidro da minha luneta para ver o fundo das coisas. Mas, repito, quando um homem é meu amigo, quando recebemos juntos o batismo do vinho de Champagne, comungamos juntos no altar da Vênus Clemente, quando nos fizemos crismar pelos dedos curvos do jogo, e vejo meu amigo numa situação falsa, seria capaz de destruir vinte famílias para reconduzi-lo ao bom caminho. Deves ter percebido aqui como te estimo; alguma vez, que o saibas, escrevi cartas tão longas como esta? Lê, pois, com atenção, o que me resta dizer-te.

Afinal, Paulo, preciso dedicar-me a escrever, devo habituar-me a minutar despachos: estou abordando a política. Daqui a cinco anos devo ter uma pasta de ministro ou alguma embaixada onde possa movimentar os negócios públicos ao sabor da minha fantasia. Chega uma idade em que a mais bela amante capaz de ajudar um homem é sua pátria. Meto-me nas fileiras dos que estão derrubando tanto o sistema como o ministério atuais. Numa palavra, navego nas águas dum certo príncipe que só é manco do pé[366] e que considero um político genial cujo nome engrandecerá a história; um príncipe completo, como pode sê-lo um grande artista. Nós todos, Ronquerolles, Montriveau,[367] os Grandlieu,[368] la Roche-Hugon,[369] Sérisy,[370] Féraud[371] e Granville,[372] estamos aliados contra o partido cura, como diz engenhosamente o partido tolo representado pelo *Constitutionnel*.[373] Queremos derrubar os dois Vandenesse, os duques de Lenoncourt,[374] de Navarreins,[375] de Langeais,[376] e a Grande Esmolaria.[377] Para triunfar, iremos até o ponto de nos reunirmos a La Fayette[378] aos orleanistas,[379] à esquerda, gente que será degolada no dia imediato ao da vitória, pois, com seus princípios, qualquer governo é impossível. Somos capazes de tudo pela felicidade da pátria e pela nossa. As questões pessoais com relação ao rei são atualmente tolices

sentimentais, é preciso libertar delas a política. Nesse terreno, os ingleses, com sua espécie de doge, estão muito mais adiantados do que nós. A política não está nisso, meu caro. Está no impulso a dar à nação criando uma oligarquia onde persista uma ideia fixa de governo e que dirija os negócios públicos em linha reta em vez de deixar o país se arrastar em mil sentidos diferentes como temos vivido há quarenta anos nesta bela França, tão inteligente e tão ingênua, tão louca e tão sensata, que necessita mais dum sistema que de homens. Que representam as pessoas nesta bela questão? Se o ideal é grande, se ela viver mais feliz e sem distúrbios, que importam às massas os lucros de nossa gestão, nossa fortuna, nossos privilégios e nossos prazeres? Estou agora solidamente apoiado. Tenho atualmente cento e cinquenta mil francos de renda em títulos a três por cento e uma reserva de duzentos mil francos para enfrentar as perdas. Isso ainda me parece pouca coisa no bolso dum homem que parte com o pé esquerdo[380] para escalar o poder. Um feliz acontecimento decidiu minha entrada nesta carreira, que pouco me sorria, pois sabes o quanto amo a vida oriental. Após trinta e cinco anos de sono, minha muito digna mãe despertou recordando-se de que tinha um filho digno dela. Muitas vezes, quando se arranca um pé de videira, alguns anos mais tarde reaparecem uns troncos à flor da terra; pois bem, meu caro, embora minha mãe me tenha quase arrancado de seu coração, tornei a brotar em sua cabeça. Aos cinquenta e oito anos, sente-se velha demais para poder pensar em outro homem além de seu filho. Nessas circunstâncias, descobriu, não sei em que chaleira de águas termais, uma deliciosa solteirona inglesa, com duzentos e quarenta mil francos de renda, a quem, como boa mãe, inspirou a audaciosa ambição de se tornar minha esposa. Uma moça de trinta e seis anos, palavra de honra!, educada nos melhores princípios puritanos, uma verdadeira galinha choca que sustenta que as mulheres adúlteras deviam ser queimadas publicamente. 'Onde encontraríamos lenha para tanto?', perguntei-lhe. Eu a teria mandado para o diabo, pois duzentos e quarenta mil francos de renda não pagam minha liberdade, meu valor físico ou moral nem meu futuro. Mas ela é sozinha e única herdeira dum velho gotoso, algum cervejeiro de Londres, que, dentro dum prazo calculável, lhe deixará uma fortuna pelo menos igual à que já possui. Além dessas vantagens, tem o nariz vermelho, olhos de cobra morta, um corpo que me inspira receios de que se quebre em três pedaços se cair; tem o aspecto duma boneca mal colorida; mas é maravilhosamente econômica; e adorará o marido apesar de tudo; e tem o talento inglês; dirigirá meu palácio, minhas cavalariças, minha casa e minhas terras melhor do que um administrador. Tem toda a dignidade da virtude; mantém-se ereta como uma confidente do Théâtre-Français; nada me tira a ideia de que ela tenha sido empalada e que a estaca se

tenha quebrado no seu corpo. *Miss* Stevens é, além disso, bastante branca para não ser muito desagradável desposá-la quando for absolutamente necessário. Mas — e é isso que me preocupa! — tem mãos duma moça virtuosa como a santa arca; são tão avermelhadas que ainda não imaginei um meio de clareá-las sem muita despesa e não sei como afilar-lhe os dedos que parecem chouriços. Oh! Evidentemente saiu ao cervejeiro pelo físico e à aristocracia pelo dinheiro; mas afeta um pouco demais as maneiras nobres como as inglesas ricas que querem passar por *ladies* e não escondem bastante seus pés de lagosta. Tem, por outro lado, justamente a escassa inteligência que gosto de ver numa mulher. Jamais essa moça, que se chama Diná, me julgará; nunca há de me contrariar; serei sua Câmara Alta, seu lorde, seus Comuns. Enfim, Paulo, essa moça é uma prova irrecusável do gênio inglês; representa um produto da mecânica inglesa levado a seu mais alto grau de aperfeiçoamento; certamente foi fabricado em Manchester, entre a oficina das penas Perry e a das máquinas a vapor. Come, anda, bebe, é capaz de fazer filhos, cuidá-los e educá-los admiravelmente e imita tão bem uma mulher que dá a impressão de que realmente o é. Quando minha mãe nos apresentou um ao outro, ela revisara tão bem o maquinismo, examinara tão bem as cavilhas e pusera tanto óleo nas engrenagens que nada rangeu; depois, quando viu que eu não fazia caretas, pôs em ação o último maquinismo, a moça falou! Enfim, mamãe soltou também a última palavra. *Miss* Diná Stevens não gasta mais de trinta mil francos por ano e viaja por economia há sete anos. Há, pois, um segundo pecúlio e em dinheiro. A coisa está tão adiantada que as publicações já estão no fim. Estamos no *My dear love*. *Miss* lança-me olhares de derrubar um carregador. As disposições já estão fixadas: não se fala na minha fortuna, *Miss* Stevens destina uma parte da sua a um morgadio em bens territoriais, de duzentos mil francos de rendimento, e à compra dum palácio que ficará incluído nele; o dote verificado, e de que serei responsável, é de um milhão. Ela não tem de que se queixar, deixo-lhe integralmente seu tio. O bom cervejeiro, que também concorreu para o morgadio, quase estourou de alegria ao saber que a sobrinha ia ser marquesa. Ele é capaz de fazer um sacrifício por meu primogênito. Retirarei meu dinheiro dos títulos públicos logo que atinjam a oitenta e colocarei tudo em terras. Daqui a dois anos, poderei ter quatrocentos mil francos em rendimentos territoriais. Logo que o cervejeiro estiver no caixão, contarei com seiscentos mil francos de renda. Como vês, Paulo, só dou aos meus amigos os conselhos de que faço uso para mim mesmo. Se me tivesses ouvido, terias uma inglesa, alguma filha de milionário que te deixaria a independência de solteiro e a liberdade necessária para jogar o uíste da ambição. Se não fosses casado, eu te cederia minha futura esposa. Mas isso não é assim. Não sou homem que vá te fazer ruminar o

passado. Este preâmbulo era indispensável para explicar-te que vou ter a existência necessária àqueles que se desejam lançar à aventura. Não te faltarei, meu amigo. Em vez de ires bancar o marinheiro nas Índias, é muito mais simples navegar na minha companhia nas águas do Sena. Acredita-me! Paris ainda é o lugar de onde jorra mais abundantemente a fortuna. O Potosi está situado à rue Vivienne ou à rue de la Paix, à Place Vendôme ou à rue de Rivoli. Em qualquer outro país, para construir uma fortuna são necessários trabalhos materiais, suores de carregadores, avanços e recuos; mas, aqui, bastam as ideias. Aqui, qualquer homem, mesmo mediocremente inteligente, descobre uma mina de ouro enfiando as chinelas, palitando os dentes depois do jantar, deitando-se ou levantando-se. Mostra-me um lugar onde uma boa ideia, por mais idiota que seja, entusiasme mais e seja mais cedo compreendida do que aqui! Se eu chegar ao alto da escada, achas que te recusarei um aperto de mão, uma palavra, uma assinatura? Nós, os rapazes velhacos, não precisamos dum amigo com quem possamos contar, mesmo que seja apenas para comprometê-lo em nosso lugar e mandá-lo morrer como simples soldado a fim de salvar o general? A política é impossível sem um homem honrado com quem se possa tudo dizer e tudo fazer. Eis, pois, o que te aconselho. Deixa partir o *Belle-Amélie*, volta para cá como um relâmpago, eu te proporcionarei um duelo com Félix de Vandenesse no qual atirarás em primeiro lugar e o abaterás como um pombo. Na França, o marido insultado que mata o rival torna-se um homem respeitável e respeitado. Ninguém troça dele. O medo, meu caro, é um elemento social, um meio de triunfo para os que não baixam os olhos ante o olhar de ninguém. Eu, que dou tanta importância à vida como a uma taça de leite de jumenta, e que nunca senti a emoção do medo, notei, meu caro, os estranhos efeitos produzidos por esse sentimento nos nossos costumes modernos. Uns tremem por perder os prazeres a que se habituaram; outros tremem por deixar uma mulher. Os hábitos aventureiros de outrora, em que se jogava a vida fora como uma chinela, não existem mais! A bravura de muita gente é um cálculo habilmente feito sobre o medo que assalta o adversário. Os poloneses combatem sozinhos na Europa pelo prazer de combater, cultivam a arte pela arte e não por especulação. Mata Vandenesse e tua esposa treme, tua sogra treme, e o público treme; e te reabilitas, divulgas tua insensata paixão por tua mulher e te acreditam, tornas-te um herói. Assim é a França. Pouco me importam os cem mil francos que me deves; pagarás tuas principais dívidas; impedirás tua ruína vendendo tuas propriedades sob retrovenda, pois rapidamente alcançarás uma situação que te permitirá reembolsar os credores antes do prazo. Depois, uma vez conhecedor do caráter de tua mulher, a dominarás com uma única palavra. Amando-a, não podias lutar contra ela; não a amando, terás uma força

indomável. Prometo tornar-te tua sogra macia como uma luva, pois precisas recuperar os cento e cinquenta mil francos de renda que as duas mulheres colocaram em seu nome. Assim, renuncia à expatriação, que me parece o rescaldo das pessoas teimosas. Ir embora não é dar ganho de causa às calúnias? O jogador que vai buscar dinheiro para voltar ao jogo perde tudo. É preciso levar o dinheiro no bolso. Dás-me a impressão de ir buscar tropas frescas nas Índias. Mau! Somos dois jogadores do grande pano verde da política; entre nós, o empréstimo é de rigor. Portanto, aluga cavalos de posta, chega a Paris e recomeça a partilha. Há de ganhá-la com Henrique de Marsay por parceiro, pois Henrique de Marsay sabe querer e sabe golpear. Vê em que condições estamos. Meu verdadeiro pai faz parte do ministério inglês. Teremos aliados na Espanha por intermédio das Evangelista, pois, logo que tivermos medido nossas garras, tua sogra e eu, veremos que não há nada a ganhar quando o diabo se lança contra o diabo. Montriveau, meu caro, é tenente-general; será um dia, certamente, ministro da Justiça, pois sua eloquência lhe dá grande ascendência sobre a Câmara. E eis Ronquerolles ministro de Estado e do conselho privado. Marcial de la Roche-Hugon, ministro na Alemanha e par da França; traz-nos como dote o marechal duque de Carigliano[381] e toda a rabadilha do Império que se soldou tão estupidamente ao espinhaço da Restauração. Sérisy dirige o conselho de Estado, onde é indispensável. Granville ganha a magistratura, à qual pertencem seus dois filhos: os Grandlieu estão admiravelmente bem na Corte; Féraud é a alma do grupo Gondreville,[382] baixos intrigantes que estão sempre em cima, não sei por quê. Assim apoiados, que temos a recear? Temos um pé em todas as capitais, um olho em todos os ministérios e cercaremos a administração sem que ela o perceba. A questão financeira não é uma miséria, um nada diante desses grandes planos? E, principalmente, que significa uma mulher? Continuarás sempre um ginasiano? Que é a vida, meu caro, quando uma mulher é toda a vida? Uma galera de que se perdeu a direção, que obedece a uma bússola louca, mas não sem ímã, e governada por ventos contrários e na qual o homem é um verdadeiro forçado que obedece não somente à lei, mas também à que o comitre improvisa, sem vingança possível. Ora! Compreendo que, por paixão, ou pelo prazer que se sente em transmitir sua força a mãos alvas, se obedeça a uma mulher; mas obedecer a Medoro...? Nesse caso, destruo Angélica.[383] O grande segredo da alquimia social, meu caro, está em tirar todo o partido de cada uma das idades pelas quais passamos, ter todas as folhas na primavera, todas as flores no verão, todos os frutos no outono. Já nos divertimos bastante, alguns espertalhões e eu, como mosqueteiros negros, cinzentos e vermelhos, durante doze anos, não nos recusando nada, nem mesmo aqui e ali uma empresa de piratas; agora, vamos começar a sacudir as ameixas

maduras na idade em que a experiência dourou as searas. Vem conosco, terás tua parte no *pudding* que vamos cozinhar. Vem e encontrarás um amigo inteiramente às ordens na pele de

henrique de m.

No momento em que Paulo de Manerville acabava essa carta, da qual cada frase parecia um golpe de martelo no edifício de suas esperanças, de suas ilusões, de seu amor, encontrava-se além dos Açores. No meio desses escombros, foi assaltado por uma raiva fria, uma raiva impotente.

— Que lhe fiz eu? — perguntou-se.

Essa pergunta é a frase dos tolos, a frase das criaturas fracas que, como nada sabem ver, nada podem prever. Gritou:

— Henrique! Henrique! — ao amigo fiel.

Muitos teriam enlouquecido. Paulo foi para a cama e dormiu com esse profundo sono que sucede aos imensos desastres e que assaltou Napoleão após a batalha de Waterloo.

Paris, setembro-outubro de 1835

OUTRO ESTUDO DE MULHER

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

INTRODUÇÃO

Mesmo o leitor menos experimentado verificará em *Outro estudo de mulher* (em francês: *Autre étude de femme*) uma surpreendente falta de homogeneidade. Não temos aqui uma novela só, de enredo contínuo e cujo interesse aumenta com o progresso da ação, mas sim quatro narrativas diferentes e quase independentes, nenhuma despida de qualidades, mas todas prejudicadas pela falta de ligação orgânica. O episódio contado por de Marsay é uma brilhante amostra de psicologia mundana, no gênero de *Estudo de mulher*, semelhança oportunamente lembrada no próprio título. A seguir, as divertidas explicações de Blondet a respeito da *femme qu'il faut* constituem um exemplo das *fisiologias* tão em moda na época, das quais Balzac já escreveu o protótipo em sua *Fisiologia do casamento*, e em que os humoristas tratavam com ar doutoral e pseudossério um assunto frívolo. (Encontra-se outro modelo encantador do gênero na definição da *grisette*, contida na *Mimi Pinson*, de Musset.) Depois, a história do coronel italiano e de sua amante liga-se ao ciclo napoleônico, o grande projeto que Balzac não mais chegou a realizar e cujo fragmento mais belo nos é conservado na "história de Napoleão contada por um veterano numa granja", que faz parte do *Médico rural*. Finalmente o caso macabro da *Grande Ameia* (em francês: *La grande bretèche*) lembra as crônicas italianas e espanholas de Stendhal, cheias de amores violentos, paixões trágicas e vinganças terríveis.

Trata-se, efetivamente, de narrativas concebidas e escritas em várias épocas e soldadas por Balzac ulteriormente, ao que parece para fazer volume. A primeira variante publicada sob o título de *Outro estudo de mulher*, em 1842, acabava antes do caso da *Grande Ameia*;

mesmo assim já constituía uma colcha de retalhos, pois trazia duas partes, *A amante de nosso coronel* e *"La femme comme il faut"*, publicadas antes como trabalhos independentes.

Por outro lado, a história da *Grande Ameia* saiu pela primeira vez em 1832, enquadrada ao lado de outro episódio, o da "Mensagem", na novela *O conselho*, que não mais figura na edição definitiva de *A comédia humana*. Essa novela, como já foi assinalado na nota introdutiva à *Mensagem*, no volume 3 desta edição, reunia dois casos de adultério que acabaram mal, contados num sarau por um cavalheiro a fim de impressionar uma senhora prestes a enganar o marido. Na segunda vez, em 1837, Balzac publicou o caso da Grande Ameia inserido em outra história: aí já trazia o título de *A Grande Ameia* ou *As três vinganças*. Nessa segunda novela, o episódio vinha acompanhado de mais dois casos análogos (de adultérios terrivelmente punidos) contados numa sociedade de província por uns boêmios curiosos de observar as reações da dona da casa e de seu suposto amante. Por fim, ao enquadrar *Outro estudo de mulher* na edição definitiva de *A comédia humana*, Balzac resolveu acrescentar a esse o caso da Grande Ameia contentando-se apenas com retirar o título deste último.

Pode-se dizer, pois, com Spoelberch de Lovenjoul, na *Histoire des oeuvres de H. de Balzac* — que teve a pachorra de elucidar a história complicada desse texto —, que se trata de uma das obras mais trabalhadas do romancista. Outra prova disto é o esforço do escritor no sentido de ligar pelo maior número de fios a novela, cuja hibridez não podia deixar de sentir, ao conjunto de *A comédia humana*. Parece que propositadamente quis fazer desfilar no estreito espaço do salão da srta. des Touches todas as personagens importantes de seu mundo: meia centena delas aparece aí sem nenhuma necessidade orgânica, reduzindo-se o seu papel a dizer duas ou três palavras.

Entretanto, mais de uma vez se pode verificar aqui a existência de uma lei misteriosa da criação artística, uma espécie de autonomia das obras literárias, as quais, uma vez concebidas e dadas à luz, passam a levar uma vida independente e não mais obedecem aos caprichos de seu criador. Debalde, Balzac queria fundir todas aquelas partes

incôngruas num todo único: elas resistiam e, como já vimos no caso de *A mulher de trinta anos*, frustraram o esforço do escritor.

Além da divergência de caráter que se observa entre as quatro partes, nota-se um lapso grave que, apesar de tantas emendas, escapou a Balzac e permaneceu na edição definitiva: toda a primeira parte da narrativa é contada pelo dr. Bianchon, como se vê nestas palavras à p. 736: — "Durante a campanha de 1812 — disse então o general Montriveau — fui causa involuntária de uma desgraça atroz que lhe poderá servir, dr. Bianchon — acrescentou ele, olhando-me". No entanto, à p. 744, lê-se o seguinte: "Ah, minha senhora — replicou o doutor —, tenho histórias terríveis no meu repertório". O autor, esquecido de que se encarnara no dr. Bianchon, retoma aqui a narração por sua conta. Erro típico de escritor inexperiente, que não se esperava do autor de *A comédia humana*. Dir-se-ia castigo merecidamente infligido a quem dispõe arbitrariamente de seus contos, retirando-os daqui e colocando-os ali a seu bel-prazer.

paulo rónai

OUTRO ESTUDO DE MULHER

A LÉON GOZLAN[384]
como testemunho de boa confraternidade literária.

I – O SEGREDO DOS SARAUS PARISIENSES

Em Paris, encontram-se quase sempre dois saraus, quer nos bailes, quer nos *routs*.[385] Primeiro, uma reunião oficial à qual assistem as pessoas convidadas, grupo da alta roda que se aborrece. Cada qual toma atitudes para impressionar o vizinho. A maioria das jovens damas comparece por causa de uma só pessoa. Quando cada uma das senhoras verificou que é a mais bela para a referida pessoa e que este conceito pôde ser compartilhado por algumas outras, depois da troca de frases insignificantes, como estas: "Pretende ir cedo à Crampade?"[386], "A sra. de Portenduère[387] cantou muito bem!", "Quem é aquela mulherzinha que tem tantos diamantes?" ou, depois de ter desfechado algumas frases epigramáticas que causam um prazer passageiro e feridas de longa duração, os grupos rareiam, os indiferentes se retiram, as velas ardem nos castiçais. A dona da casa retém, então, alguns artistas, a gente alegre, alguns amigos, dizendo-lhes: "Fiquem, vamos cear na intimidade". Reúnem-se num pequeno salão. Começa então o segundo, o verdadeiro sarau, sarau em que, como no Antigo Regime, cada um ouve o que se diz, em que a conversação é geral, em que se é forçado a ter espírito e a contribuir

para o divertimento de todos. Tudo tem realce, um riso franco sucede aos ares afetados, que, em sociedade, dão um ar aflito aos mais lindos rostos. Enfim, o prazer se inicia no momento em que termina o *rout*. O *rout*, essa fria revista de luxo, esse desfilar de amores-próprios em grande gala, é uma dessas invenções inglesas que tendem a *mecanizar* as demais nações. Dir-se-ia que a Inglaterra faz questão de que o mundo inteiro se aborreça como ela e tanto quanto ela.

II – EM CASA DA SRTA. DES TOUCHES

Esta segunda reunião é, pois, na França, em algumas casas, um oportuno protesto do antigo espírito do nosso alegre país; infelizmente, porém, poucas são as casas que protestam, e a razão é simples: se hoje não se ceia muito, é isso devido a que sob nenhum regime houve menos gente abastada, bem instalada na vida e triunfante do que sob o reinado de Luís Filipe,[388] no qual a Revolução legalmente recomeçou. Todos estão em marcha para um fim qualquer, trota-se em busca da fortuna. O tempo tornou-se a mais cara mercadoria; ninguém, pois, pode entregar-se à prodigiosa prodigalidade de recolher-se aos seus penates no dia seguinte, para levantar-se tarde. Não se encontra, portanto, um segundo sarau a não ser em casa de mulheres suficientemente ricas para darem recepções; e depois de Julho de 1830 essas mulheres são contadas a dedo em Paris. Apesar da muda oposição do Faubourg Saint-Germain, duas ou três damas, entre as quais se apontam a marquesa d'Espard[389] e a srta. des Touches,[390] não quiseram renunciar à porção de influência que tinham em Paris e não fecharam os seus salões.

O salão da srta. des Touches, tão famoso em Paris, é o derradeiro asilo onde se refugiou o espírito francês de outrora, com sua profundeza oculta, suas mil sutilezas e sua polidez delicada. Ali observais, ainda, graça nas maneiras, apesar das covenções da urbanidade, franqueza na conversação, não obstante a reserva natural das pessoas bem-educadas, e, sobretudo, generosidade nas ideias. Ali, ninguém se lembra de reservar seu pensamento para um drama, e, numa narrativa, ninguém vê matéria para um livro. Enfim, o hediondo

esqueleto de uma literatura encurralada não se ergue a propósito de um dito feliz ou de um assunto interessante.

A recordação de um desses saraus mais particularmente se me gravou no espírito, não tanto por causa de uma confidência na qual o ilustre de Marsay[391] pôs a nu um dos mais profundos refolhos do coração da mulher, como por causa das observações a que sua narrativa deu lugar a respeito das mudanças operadas na mulher francesa depois da fatal Revolução de Julho.

Durante essa recepção, o acaso reunira várias pessoas cujos incontestáveis méritos lhes valeram reputação europeia. Não vai nisto uma lisonja para a França, porquanto havia diversos estrangeiros entre nós. Aliás, os homens que mais brilharam não eram os mais célebres. Réplicas engenhosas, finas observações, excelentes gracejos, quadros pintados com brilhante nitidez esfuziaram e se sucederam sem artifício, prodigalizaram-se sem desdém e sem rebuscamento, mas foram deliciosamente apreciados e delicadamente saboreados. As pessoas da alta sociedade fizeram-se notar sobretudo por uma graça e uma veia essencialmente artística.

III – O QUE SÓ EM PARIS SE ENCONTRA

Encontrareis alhures na Europa maneiras elegantes, cordialidade, bonomia, ciência; mas, somente em Paris, nesse salão e naqueles a que acima me referi, abunda o espírito particular que dá a todas essas qualidades sociais um todo agradável e caprichoso, não sei que ímpeto fluvial que faz serpentear com tanta facilidade essa profusão de pensamentos, de fórmulas, de contos, de documentos históricos. Somente Paris, capital do gosto, conhece essa ciência que transforma uma conversação num torneio em que cada variedade de espírito se condensa num dito, em que cada um diz sua frase e põe sua experiência numa palavra, onde todos se divertem, repousam e se exercitam. Por isso, somente ali podereis trocar ideias; ali, não carregareis, como o delfim da fábula,[392] um macaco sobre o dorso; ali sereis compreendido, e não vos arriscareis a apostar, no jogo, moedas de ouro contra moedas de cobre. Enfim, ali, segredos bem

traídos, conversações leves e profundas ondulam, giram, mudam de aspecto e de cor a cada frase. As críticas vivas e as narrativas apressadas incitam-se umas às outras. Todos os olhos ouvem, os gestos interrogam e a fisionomia responde. Enfim, ali tudo é, numa palavra, espírito e pensamento. Jamais o fenômeno oral, que, bem estudado, bem manejado, faz o poder do ator e do narrador, me havia enfeitiçado tão completamente. Não fui o único a experimentar a influência de tais seduções, e todos passamos um serão delicioso.

A conversação, que se tornará narradora, carreou no seu curso precipitado confidências curiosas, vários retratos, mil loucuras, que tornam essa encantadora improvisação absolutamente intraduzível; mas, deixando a essas coisas seu verdor, seu natural abrupto, suas falaciosas sinuosidades, podereis, talvez, compreender o encanto de um verdadeiro serão francês, considerado no momento em que a mais doce familiaridade faz todos esquecerem seus interesses, seu amor-próprio especial, ou, se quiserdes, suas pretensões.

IV – UMA LEI DO BOM GOSTO

Cerca das duas horas da madrugada, no momento em que a ceia terminava, não havia mais, em torno à mesa, senão íntimos, todos experimentados por um convívio de quinze anos, ou pessoas de gosto refinado, bem-educadas, com amplo conhecimento da vida social. Por uma convenção tácita e bem observada, todos, na ceia, renunciavam à sua importância. O tom era dado por uma igualdade absoluta. Aliás, não havia ninguém que não tivesse orgulho da própria personalidade. A srta. des Touches obriga os convidados a ficarem à mesa até a hora da partida, isso depois de ter, por várias vezes, notado a mudança total que se opera nos espíritos pelo deslocamento. Na passagem da sala de jantar para o salão, quebra-se o encanto. Segundo Sterne,[393] as ideias de um autor que se barbeou diferem das que ele tinha antes. Se Sterne tem razão, não se poderá afoitamente afirmar que o estado de espírito das pessoas sentadas à mesa não é mais o dessas mesmas pessoas de volta ao salão? A atmosfera não é mais capitosa, os olhos não contemplam mais a brilhante desordem da sobremesa, perdem-se

as vantagens daquela moleza de espírito, daquela benevolência que nos invade quando permanecemos na postura do homem farto, bem acomodados numa dessas cadeiras fofas como as fazem hoje. Conversa-se, talvez, com mais prazer diante de uma sobremesa, em companhia de vinhos finos, durante o momento delicioso em que cada um pode fincar o cotovelo na mesa e amparar a cabeça na mão. Não só então todos gostam de falar, mas também de ouvir. A digestão, quase sempre atenta, é, segundo os caracteres, ou tagarela ou silenciosa. Todos então se satisfazem. Não achais este preâmbulo necessário para vos iniciar nas seduções da narrativa confidencial, pela qual um homem célebre, falecido depois disso, pintou o inocente jesuitismo da mulher com a finura peculiar às pessoas que viram muitas coisas e que faz dos homens de Estado deliciosos narradores, quando, como os príncipes de Talleyrand e de Metternich[394], se dignam narrar?

V – O ORADOR

De Marsay, nomeado primeiro-ministro fazia seis meses, já dera provas de uma capacidade superior. Conquanto os que o conheciam de longa data não se admirassem de vê-lo evidenciar todos os talentos e as diversas aptidões do homem de Estado, podia-se perguntar se ele já se sabia um grande político, ou se se desenvolvera ao calor das circunstâncias. Essa pergunta, feita com intenção evidentemente filosófica, acabava de lhe ser dirigida por um homem de espírito e observador, que ele nomeara prefeito, que fora jornalista durante muito tempo e que o admirava sem que na sua admiração se mesclasse esse filete de crítica avinagrada, com o qual, em Paris, um homem superior se escusa de admirar um outro.

— Houve na sua vida passada um fato, um pensamento, um desejo que lhe revelassem sua vocação? — perguntou-lhe Emílio Blondet[395] —, pois todos nós, como Newton, temos a nossa maçã[396] que cai e que nos leva para o terreno onde as nossas faculdades se desenvolvem...

— Sim — respondeu de Marsay —, vou contar-lhes isso.

Lindas mulheres, dândis políticos, artistas, velhos, os íntimos de de

Marsay, todos se acomodaram, cada um na sua atitude peculiar, e contemplaram o primeiro-ministro. Desnecessário é dizer que os criados se haviam retirado, que as portas estavam fechadas e os reposteiros corridos. Foi tão profundo o silêncio, que se ouvia, no pátio, o murmúrio dos cocheiros, as patadas e os ruídos feitos pelos cavalos na sua ânsia de voltar para a estrebaria.

— O homem de Estado, meus amigos, não existe senão por uma única qualidade — disse o ministro brincando com a sua faca de nácar e ouro —: é a de saber ser sempre senhor de si, de analisar constantemente todo e qualquer acontecimento, por fortuito que seja, enfim, de ter no seu interior um ser frio e desinteressado que assista como espectador a todos os movimentos da vida, às nossas paixões, aos nossos sentimentos, e que nos segrede a propósito de tudo as sentenças de uma espécie de código moral.

— O senhor assim nos explica o motivo pelo qual são tão raros os homens de Estado na França — disse o velho lorde Dudley.[397]

— Sob o ponto de vista sentimental — continuou o ministro — isso é horrível. Assim, quando se dá esse fenômeno num rapaz... (Richelieu, avisado do perigo de Concini,[398] por uma carta, na véspera, dormiu até o meio-dia, quando a hora marcada para matarem seu benfeitor era às dez horas) um rapaz, Pitt ou Napoleão, se quiserem, é uma monstruosidade? Muito cedo tornei-me esse monstro, e graças a uma mulher.

— Eu julgava — disse a sra. de Montcornet[399] sorrindo — que nós destruíamos muito mais políticos do que os que fazíamos.

— O monstro de que lhes falo não é monstro senão porque lhe resiste — respondeu o narrador com uma irônica inclinação de cabeça.

— Se se trata de uma aventura de amor — disse a baronesa de Nucingen[400] —, peço que não a interrompam por nenhuma reflexão.

— A reflexão é tão contrária às aventuras de amor! — exclamou José Bridau.[401]

VI – UMA DEFINIÇÃO DA MULHER

— Eu tinha dezessete anos — continuou de Marsay —, a Restauração ia

firmar-se; meus velhos amigos sabem quanto eu era impetuoso e ardente naquela época. Amava pela primeira vez e, hoje posso dizê-lo, era um dos rapazes mais bonitos de Paris. Tinha beleza e mocidade, duas vantagens filhas do acaso e das quais nos orgulhamos como de uma conquista. Quanto ao resto, sou forçado a calar-me. Como todos os moços, eu amava uma mulher seis anos mais velha do que eu. Nenhum dos presentes — disse ele percorrendo com o olhar a roda da mesa — pode suspeitar qual o nome dessa mulher, nem a reconhecer. Ronquerolles[402] foi o único naquela época que adivinhou o meu segredo, mas guardou-o religiosamente; teria receio do seu sorriso, mas ele já saiu — disse o ministro olhando em torno.

— Ele não quis cear — disse a sra. de Sérisy.[403]

— Empolgado por meu amor, fazia seis meses, incapaz de perceber que minha paixão me dominava — continuou o primeiro-ministro —, entregava-me a essas adoráveis divinizações que são o triunfo e a frágil felicidade da juventude. Eu guardava *suas* luvas velhas, bebia uma infusão das flores que *ela* tinha usado, levantava-me à noite para contemplar *suas* janelas. O sangue subia-me ao coração ao respirar o perfume que *ela* adotara. Estava a mil léguas de admitir que as mulheres são estufas com revestimento de mármore.

— Oh, poupe-nos suas horríveis máximas! — disse a sra. de Camps,[404] sorrindo.

— Creio que eu teria fulminado com o meu desprezo o filósofo que publicou esse terrível pensamento de uma exatidão profunda — disse de Marsay. — Todos aqui são bastante inteligentes para que seja preciso eu lhes dizer mais. O pouco que disse basta para lhes lembrar as próprias loucuras.

VII – PERFIL DE GRANDE DAMA

— Grande dama como as que mais o tenham sido e viúva sem filhos (nada lhe faltava), meu ídolo se encerrava para com suas próprias mãos marcar minha roupa com cabelos seus; enfim, respondia às minhas loucuras com outras loucuras. Como, pois, não crer na paixão, quando tem por garantia a loucura? Tínhamos, um e outro, utilizado

todo o nosso espírito em ocultar um tão belo e completo amor aos olhos do mundo e o conseguimos. Por isso, como eram encantadoras nossas escapadas! Dela nada lhes direi; perfeita naquele tempo, ainda hoje passa por ser uma das mais belas mulheres de Paris; mas naquele tempo a gente se faria matar por um de seus olhares. Ficara numa situação de fortuna satisfatória para uma mulher adorada e que amava, mas que a Restauração, à qual devia um novo brilho, tornava pouco conveniente em relação a seu nome. Na minha situação, eu tinha a fatuidade de não conceber uma única suspeita. Embora meu ciúme fosse então de uma potência de cento e vinte Otelos, esse sentimento terrível dormitava em mim como o ouro na sua pepita. Ter-me-ia feito aplicar umas bengaladas pelo meu criado, se tivesse tido a vileza de pôr em dúvida a pureza daquele anjo tão franzino e tão forte, tão louro e tão ingênuo, puro, cândido, e cujos olhos azuis se deixavam penetrar, até o último, com adorável submissão, pelo meu olhar. Jamais a menor hesitação na atitude, no olhar ou nas palavras; sempre alva, fresca e à disposição do bem-amado como o lírio oriental do *Cântico dos cânticos*...![405] Ah, meus amigos! — exclamou dolorosamente o ministro, que voltara a ser rapaz —, será preciso bater rijamente com a cabeça no mármore para dissipar esta poesia?

Esse brado natural, que ecoou entre os convivas, espicaçou-lhes a curiosidade, já tão sabiamente excitada.

VIII – IDEIAS DE DE MARSAY SOBRE O CIÚME

— Todas as manhãs, montado naquele belo Sultão que o senhor me mandou da Inglaterra — disse ele a lorde Dudley —, eu passava por sua caleça, cujos cavalos iam propositalmente a passo, e via a palavra de ordem escrita com flores no seu ramo, no caso em que não pudéssemos rapidamente trocar umas palavras. Embora nos víssemos todas as noites em sociedade e ela me escrevesse todos os dias, tínhamos adotado, para escapar aos olhares e desviar as observações, um certo modo de proceder. Não nos olharmos, evitar-nos, falar mal um do outro, admirar um ao outro, gabar-se ou se fazer de apaixonado desprezado, nenhum desses velhos ardis valem, quer de um, quer de

outro lado, uma falsa paixão confessada por uma pessoa indiferente e um ar de indiferença para com o ídolo verdadeiro. Se dois amantes quiserem representar essa comédia, o mundo será sempre enganado; mas, nesse caso, devem estar bem seguros um do outro. O escudo de que ela se servia era um homem bem-visto do rei, cortesão, frio e devoto que não era recebido em sua casa. Essa comédia representava-se para os tolos e os salões, que riam dela. Entre nós não se falava em casamento; seis anos de diferença podiam preocupá-la; ela nada sabia da minha fortuna, que, por princípio, sempre ocultei. Quanto a mim, encantado com o seu espírito, as suas maneiras e a vastidão dos seus conhecimentos, com o seu conhecimento do mundo, eu a teria desposado sem refletir. Não obstante, essa reserva me agradava. Se me tivesse falado primeiro em casamento de um certo modo, é possível que descobrisse vulgaridade naquela alma perfeita. Seis meses cheios e plenos, um diamante da mais bela água! Eis meu quinhão de amor neste vale de lágrimas. Certa manhã, vítima dessa febre com abatimento, motivada por um resfriado em começo, escrevi-lhe um bilhete para adiar uma dessas festas secretas, ocultas sob os tetos de Paris, como pérolas no mar. Depois de mandar a carta, tive remorsos: ela não acreditaria na minha doença, pensei. Ela se mostrava enciumada e desconfiada. Quando o ciúme é verdadeiro — disse de Marsay interrompendo-se — é sinal evidente de um amor único...

— Por quê? — perguntou com vivacidade a princesa de Cadignan. [406]

— O amor único e verdadeiro — disse de Marsay — produz uma espécie de apatia corporal, em harmonia com a contemplação na qual se cai. O espírito, então, complica tudo, incita-se a si mesmo, para si mesmo desenha fantasias, faz delas realidades, tormentos; e esse ciúme é tão sedutor quanto incômodo.

Um ministro estrangeiro sorriu ao verificar, à luz de uma lembrança, a verdade dessa observação.

IX – MOÇO, BELO, ESPIRITUOSO, APAIXONADO, MUITO FORTE E... TRAÍDO

— De resto, dizia-me a mim mesmo, por que perder uma felicidade? — continuou de Marsay, recomeçando sua narrativa. — Não seria melhor ir mesmo com febre? Ademais, sabendo-me doente, julgo-a capaz de vir e de comprometer-se. Fiz um esforço, escrevi uma segunda carta e levei-a eu mesmo, porquanto meu homem de confiança achava-se ausente. Separava-nos o rio, eu tinha de atravessar Paris; mas, enfim, a uma distância conveniente de seu palácio, chamo um mensageiro, recomendo-lhe levar imediatamente a carta e tenho a ideia luminosa de passar de fiacre diante da casa dela para ver se, por acaso, não iria receber os dois bilhetes ao mesmo tempo. No momento em que chego, às duas horas abria-se o portão para deixar entrar o carro, de quem...? do escudo! Isso foi há quinze anos... Pois bem, ao lhes falar nesses fatos, o orador esgotado, o ministro consumido pelo contato dos negócios públicos sente ainda uma fervura em seu coração e um calor no diafragma. Ao cabo de uma hora, torno a passar: o carro ainda estava no pátio! Meu bilhete continuava sem dúvida no cubículo do porteiro. Enfim, às três e meia, o carro partiu, e eu pude estudar a fisionomia de meu rival: estava sério, não sorria; mas ele amava, e com certeza se tratava de algum negócio. Vou ao local da entrevista, a soberana de meu coração chega, está calma, pura e serena. Aqui, devo confessar que sempre achei Otelo não só estúpido, mas também de mau gosto. Somente um homem meio negro é capaz de proceder dessa forma. Aliás, Shakespeare assim o sentiu quando intitulou sua peça *O Mouro de Veneza*. O aspecto da mulher amada tem qualquer coisa de tão balsâmico para o coração que deve dissipar as dores, as dúvidas, os pesares; toda a minha cólera se foi, tornei a achar meu sorriso. Desse modo, essa atitude que, na minha idade, seria a mais horrível dissimulação, foi um efeito da minha mocidade e do meu amor. Uma vez sepultado o meu ciúme, tive forças para observar. Meu estado doentio era visível e as suspeitas horríveis que me atormentavam aumentavam-no mais ainda. Por fim, achei um jeito para escorregar estas palavras: “Não tinhas ninguém hoje em casa?” — baseando-me na inquietação em que me deixara o temor de que ela não dispusesse da manhã, depois do meu primeiro bilhete. “Ah! é preciso ser homem para ter semelhantes ideias. Eu, pensar em outra coisa a não ser nos teus

padecimentos! Até o momento em que recebi teu segundo bilhete, só o que fiz foi pensar nos meios para ir ver-te.” “E estiveste sempre só?” “Sozinha”, respondeu, olhando-me com uma atitude de tão perfeita inocência, que foi desafiado por um ar dessa natureza que o Mouro deve ter matado Desdêmona. Como só ela é que ocupava o seu palacete, aquela afirmação era uma deslavada mentira. Basta uma única falsidade para destruir a confiança absoluta que, para certas almas, é a própria essência do amor. Para exprimir-lhes o que se passou em mim naquele momento, seria preciso admitir que temos um ser interior de que o *nós* visível é a bainha, que esse ser, brilhando como uma luz, é dedicado como uma sombra... pois bem, esse belo *eu* vestiu-se para sempre de crepe. Sim, senti uma mão fria e descarnada envolver-me com o sudário da experiência, impor-me o luto eterno que uma primeira traição atira sobre nossa alma. Ao baixar os olhos para não lhe deixar ver minha estupefação, o seguinte pensamento de orgulho restituiu-me alguma força: “Se ela te engana, é indigna de ti!”. Atribuí a súbita vermelhidão e as lágrimas que me vieram aos olhos a um recrudescimento das dores, e a meiga criatura quis acompanhar-me até minha casa, com os estores do fiacre descidos. Pelo caminho, ela foi de uma solicitude e de uma ternura que teriam iludido o próprio Mouro de Veneza, a quem tomo como termo de comparação. Com efeito, se aquela criança grande hesita dois segundos, todo espectador inteligente adivinha que ele vai pedir perdão a Desdêmona. Assim, matar uma mulher é um ato de criança!

X – A MULHER É UM MACACO

Ela chorou ao deixar-me, de tão infeliz que se sentia por não poder ela própria me tratar. Quisera ser meu criado de quarto, cuja ventura era para ela motivo de ciúme, e tudo isso redigido, oh! como o teria escrito Clarissa[407] feliz. Há sempre um verdadeiro macaco na mais linda e angélica mulher!

Ao ouvir essa sentença, todas as damas baixaram os olhos como que feridas por essa cruel verdade, tão severamente formulada.

— Nada lhes direi nem da noite nem da semana que passei —

continuou de Marsay —; foi então que compreendi que era um homem de Estado.

Disse tão bem essa frase que todos nós deixamos escapar um gesto de admiração.

XI – PROFUNDA SENSAÇÃO

— Ao repassar com espírito infernal as vinganças verdadeiramente cruéis que se podem exercer sobre uma mulher — disse de Marsay continuando — (e, como nos amávamos, havia-as terríveis, irreparáveis), eu me desprezava, sentia-me vulgar, formulava insensivelmente um código horrível, o da Indulgência. Vingarmo-nos de uma mulher, não é isso reconhecer que somente uma existe para nós, sem a qual não poderíamos viver? E nesse caso é a vingança um meio de reconquistá-la? Se ela não nos é indispensável, se outras existem para nós, por que não lhe deixar o direito de mudar, direito que nos arrogamos? Isto, bem entendido, só se aplica à paixão, do contrário seria antissocial; nada demonstra melhor a necessidade do casamento indissolúvel do que a instabilidade da paixão. Os dois sexos devem ser acorrentados, como animais ferozes que são, dentro de leis fatais, surdas e mudas. Suprimi a vingança, e a traição nada mais é no amor. Os que creem que não existe para eles mais do que uma mulher no mundo, esses devem ser pela vingança, e nesse caso só há uma, a de Otelo. Agora lhes conto a minha.

Essas palavras provocaram entre nós esse movimento imperceptível que os jornalistas, nos discursos parlamentares, indicam assim: (Profunda sensação).

XII – OS CABELOS

— Curado do meu resfriado e do amor puro, absoluto e divino, deixei-me levar por uma aventura cuja heroína era encantadora e de um gênero de beleza inteiramente oposto ao do meu anjo enganador. Abstive-me cuidadosamente de romper com aquela mulher tão forte e

tão boa comediante, pois não sei se o verdadeiro amor dá tão agradáveis gozos como os que prodigaliza um tão hábil engano. Semelhante hipocrisia vale tanto como a virtude (não digo isso para as inglesas, *milady* — exclamou mansamente o ministro, dirigindo-se a *lady* Barimore, filha de *lord* Dudley). Enfim, procurei ser o mesmo apaixonado de antes. Tive de mandar preparar, para o meu novo anjo, algumas mechas dos meus cabelos, e fui à casa de um hábil artista, que naquela época morava na rue Boucher. Esse homem tinha o monopólio dos presentes capilares, e dou seu endereço para os que não tiverem muito cabelo; ele os tem de todas as qualidades e de todas as cores. Depois de me fazer explicar minha encomenda, mostrou-me seus trabalhos. Vi então obras de paciência que sobrepujam o que os contos atribuem às fadas e o que os forçados fazem. Pôs-me a par dos caprichos e das modas que regiam o ramo de cabelos. “De há um ano para cá”, disse-me ele, “está fazendo furor marcar a roupa branca com cabelos, e felizmente eu tinha lindas coleções de cabelos e ótimas obreiras.” Ao ouvir tais palavras, invade-me uma suspeita, puxo o lenço e digo-lhe: “De modo que isto foi feito em sua casa, com cabelos falsos?”. Ele olhou o lenço e disse: “Oh, essa dama era muito exigente, quis verificar a tonalidade dos seus cabelos. Foi minha própria mulher quem marcou esses lenços. O senhor tem aí uma das mais belas coisas que se têm feito”. Antes desse último lampejo de luz, eu teria acreditado em alguma coisa, teria dado atenção à palavra de uma mulher. Saí tendo fé no prazer, mas no que diz respeito ao amor, tornei-me ateu como um matemático.

XIII – DEUS, O HORROR E AS DAMAS

— Dois meses depois, estava sentado junto à dama etérea, em seu *boudoir* no seu divã; segurava-lhe uma das mãos — tinha-as belíssimas —, e escalávamos os Alpes do sentimento, colhendo as mais belas flores, desfolhando margaridas (há sempre um momento em que desfolhamos margaridas, mesmo quando estamos num salão e não há margaridas)... No auge da ternura, e quando mais se ama, o amor tem tanta consciência da sua fugaz duração que sentimos um desejo

invencível de perguntar: “Malmequer? Bem-me-quer? Pouco? Muito? Nada?”. Aproveitei esse instante elegíaco, tão tépido, tão florido, tão comunicativo, para fazê-la dizer suas mais belas mentiras, na linguagem encantadora desses exageros espirituais e dessa poesia gascã peculiares ao amor. Carlota revelou a fina flor de suas falsidades: não podia viver sem mim, eu era, para ela, o único homem no mundo, tinha medo de entediar-me, porque minha presença a privava de seu espírito; perto de mim, suas faculdades transformavam-se, todas, em amor; de resto, era demasiado terna para não ter temores; fazia seis meses que buscava um meio de prender-me eternamente a ela, e só Deus conhecia esse segredo; enfim, seu deus era eu...!

As mulheres que estavam ouvindo de Marsay mostraram-se ofendidas ao ver-se tão bem representadas, porquanto ele acompanhou aquelas palavras com gestos, atitudes de cabeça e requebros que completavam a ilusão.

XIV – UMA CENA-MODELO

— No momento em que eu ia crer naquelas adoráveis mentiras, sempre com a sua mão direita presa na minha, disse-lhe: “Quando desposas o duque...?”. Essa estocada era tão direta, meu olhar fixava de tal modo o seu, e sua mão estava tão suavemente posta na minha, que seu estremecimento, por mais leve que fosse, não pôde ser completamente dissimulado; seu olhar não suportou o meu, e um leve rubor coloriu-lhe as faces. “O duque! Que queres dizer?”, respondeu fingindo um profundo espanto. “Sei tudo”, disse eu, “e na minha opinião não deves retardar o enlace; ele é rico, é duque, mas é mais do que devoto, é religioso! Por isso, tenho certeza de que me tens sido fiel, graças aos escrúpulos dele. Não podes imaginar quanto é urgente para ti comprometê-lo perante si mesmo e perante Deus; sem isso nunca conseguirás.” “Estarei sonhando?”, disse ela, fazendo nos cabelos acima da fronte, quinze anos antes da Malibran,[408] o tão famoso gesto da Malibran. “Ora, meu anjo, não te faças de inocente”, disse-lhe eu querendo tomar-lhe as mãos. Ela, porém, cruzou-as na cintura com um arzinho virtuoso e ofendido. “Despose-o, eu permito”, acrescentei,

respondendo ao seu gesto com o tratamento cerimonioso dos salões. “E, digo mais, incito-a a isso.” “Mas”, disse ela, ajoelhando-se a meus pés, “deve haver algum horrível equívoco: só amo a ti neste mundo; podes pedir-me as provas que quiseres.” “Levante-se, minha querida, e faça-me o favor de ser franca.” “Como o sou com Deus.” “Duvida do meu amor?” “Não.” “Da minha fidelidade?” “Não.” “Pois bem! Cometi o maior dos crimes”, continuei, “suspeitei do seu amor e da sua fidelidade. Entre dois êxtases, pus-me a olhar tranquilamente em torno de mim.” “Tranquilamente!”, exclamou ela suspirando. “Basta, Henrique, você não me ama mais.” Como veem, já ela havia achado uma porta por onde escapar-se. Nessa espécie de cenas um advérbio é muito perigoso. Felizmente, porém, a curiosidade fê-la acrescentar: “E que viu? Falei alguma vez ao duque em outro lugar que não na sociedade? Surpreendeu em meus olhos...”. “Não”, disse eu, “mas nos dele. E a senhora fez-me ir oito vezes a Saint-Thomas-d’Aquin para vê-la assistir a mesma missa que ele.” “Ah!”, exclamou ela enfim, “então teve ciúmes!” “Oh! Eu bem quisera tê-los”, disse-lhe, admirando a flexibilidade daquela inteligência vivaz e as manobras de acrobata que só impressionam os cegos. “Mas, à força de ir à igreja, tornei-me incrédulo. No dia do meu primeiro resfriado e da sua primeira infidelidade, quando me julgava na cama, a senhora recebeu o duque e me disse que não vira ninguém.” “Sabe que seu procedimento é infame?” “Em quê? Acho que seu casamento com o duque é um negócio excelente; dá-lhe um belo nome, a única posição que lhe convém, uma situação brilhante, honrosa. Será uma das rainhas de Paris. Eu teria grandes culpas se criasse obstáculo a esse arranjo, a essa vida honrada, a essa soberba aliança. Ah, Carlota, algum dia me fará justiça, quando descobrir que meu caráter é diferente do dos outros rapazes... Ia ser obrigada a enganar-me... sim, ia ver-se muito embaraçada para romper comigo, porque ele a espiona. É tempo de nos separarmos; o duque é de uma virtude severa. É preciso que a senhora se torne virtuosa, é um conselho que lhe dou. O duque é vaidoso, terá orgulho da sua mulher.” “Ah!”, disse-me ela desatando a chorar, “se tivesses falado, Henrique! Sim, se tivesses querido (eu é que tinha culpa, compreendem?), nós teríamos ido viver toda a nossa vida

num cantinho, casados, felizes, aos olhos do mundo.” “Enfim, agora já é tarde demais”, disse eu, beijando-lhe as mãos e tomando um arzinho de vítima. “Meu Deus!”, disse ela. “Mas eu posso desmanchar tudo.” “Não, já foi muito longe com o duque. Devo mesmo fazer uma viagem para melhor firmar nossa separação. Ambos devemos temer o nosso amor...” “Julga que o duque tenha suspeitas, Henrique?” (Eu ainda era Henrique, mas perdera para sempre o *tu*.) “Não creio”, respondi, afetando os modos de um *amigo*, “mas seja completamente devota, reconcilie-se com Deus, pois o duque espera provas, está hesitante e é preciso decidi-lo.” Ela ergueu-se, fez duas vezes a volta do *boudoir* numa agitação verdadeira ou fingida, depois achou sem dúvida uma atitude e um olhar em harmonia com a nova situação, porquanto deteve-se diante de mim, estendeu-me a mão e disse-me com voz comovida: “Pois bem, Henrique, o senhor é um homem leal, nobre e encantador; jamais o esquecerei”. Foi de uma estratégia admirável. Mostrou-se encantadora nessa transição, necessária para a situação em que se queria colocar em relação a mim. Assumi a atitude, as maneiras e o olhar de um homem tão profundamente aflito, que vi afrouxar sua recente dignidade; olhou-me, segurou-me a mão, atraiu-me, quase me atirou, mas suavemente, em cima do divã e me disse depois de um momento de silêncio: “Estou profundamente triste, meu filho. Ama-me?”. “Oh! Sim!” “E, então, que vai ser de você?”

Nesse ponto todas as mulheres trocaram um olhar.

XV – O SUBLIME NESSA ESPÉCIE DE POESIA

— Se ainda sofri ao lembrar-me de sua traição, rio-me hoje do ar de íntima convicção e de doce satisfação interior que tinha a dama, se não por minha morte, ao menos por uma eterna melancolia — disse de Marsay. — Oh! não riam por enquanto — objetou ele aos convivas. — Há coisa melhor. — Olhei-a muito apaixonadamente depois de uma pausa e disse-lhe: “Sim, foi justamente isso o que a mim mesmo perguntei”. “Pois bem! Que vai fazer?” “Fiz essa pergunta no dia seguinte ao meu resfriado.” “E...?”, perguntou ela com visível inquietação. “E tratei de pôr-me às boas com aquela mulherzinha a

quem eu fingia cortejar.” Carlota endireitou-se sobre o divã como uma corça surpreendida, tremeu como uma folha, dirigiu-me um desses olhares nos quais as mulheres esquecem toda a sua dignidade, todo o seu pudor, sua finura e até mesmo sua graça, o flamejante olhar da víbora perseguida, encurralada em seu canto, e disse: “E eu que o amava! Eu que lutava! Eu que...”. A terceira afirmação, que deixo para adivinharem, fez a mais bela suspensão que já ouvi. “Meu Deus!”, exclamou. “Como somos infelizes! Nunca podemos ser amadas. Para vocês não há nada de sério, nem nos mais puros sentimentos. Mas, não faz mal, pois mesmo quando vocês enganam, ainda são enganados por nós.” “Estou vendo”, disse eu com ar contrito. “As mulheres têm demasiado espírito na sua cólera para que seu coração sofra.” Esse modesto epigrama redobrou seu furor, fazendo-a chorar lágrimas de despeito. “Você me desonra o mundo e a vida”, disse ela, “rouba-me todas as ilusões, devasta-me o coração.” Disse-me tudo o que eu tinha direito de lhe dizer com uma impudência natural e uma temeridade ingênua que, certamente, teriam imobilizado outro homem qualquer que não eu. “Que será de nós, pobres mulheres, na sociedade que nos proporciona a Carta de Luís xviii...!” (Imaginem até que ponto a tinha levado sua fraseologia!) “Sim, nascemos para sofrer. Em matéria de paixão, nós sempre estamos acima e vocês abaixo da lealdade! Vocês não têm nada de honesto no coração. Para vocês o amor é um jogo em que sempre trapaceiam.” “Querida”, disse-lhe eu, “levar qualquer coisa a sério na sociedade atual é o mesmo que amar platonicamente uma atriz.” “Que infame traição! E foi refletida...” “Não, razoável.” “Adeus, sr. de Marsay”, disse ela, “o senhor enganou-me miseravelmente...” “A senhora duquesa”, respondi tomando uma atitude submissa, “se lembrará das injúrias de Carlota?” “Naturalmente”, disse ela em tom amargo. “Assim, pois, detesta-me?” Inclinou a cabeça, o que me fez pensar: “Não está tudo perdido!”. Retirei-me de modo a lhe deixar crer que ela teria algum motivo de vingança.

XVI – UM RASGO DE LUZ

— Pois bem, meus amigos, estudei muito a vida dos homens

afortunados com as mulheres, mas não creio que nem o marechal de Richelieu,[409] nem Lauzun,[410] nem Luís de Valois[411] tenham jamais feito, da primeira vez, uma retirada tão hábil. Quanto ao meu espírito e ao meu coração, eles se formaram naquele momento para sempre, e o domínio que eu, então, soube adquirir sobre os movimentos impensados que nos levam a cometer tantas asneiras, deu-me este belo sangue-frio que conhecem.

— Quanto lamento a segunda! — disse a baronesa de Nucingen.

Um sorriso imperceptível, que aflorou aos pálidos lábios de de Marsay, fez corar Delfina de Nucingen.

— *Gomo a chente esquece!* — exclamou o barão de Nucingen.[412]

A ingenuidade do célebre banqueiro alcançou tal êxito, que sua esposa, que fora essa *segunda* de de Marsay, não pôde deixar de rir com todos os demais.

XVII – A VERDADE SOCIAL

— Estão todos aqui dispostos a condenar essa mulher —disse *lady* Dudley —; pois bem, eu compreendo como ela não considerava seu casamento uma inconstância! Os homens nunca querem estabelecer distinção entre a constância e a fidelidade. Conheço a dama cuja história o sr. de Marsay nos contou, e é uma das vossas últimas grandes damas...!

— Infelizmente, *milady*, a senhora tem razão — comentou de Marsay. — Dentro em pouco fará cinquenta anos que assistimos à ruína contínua de todas as distinções sociais; deveríamos ter salvo as mulheres desse grande naufrágio, mas o Código Civil passou-lhes por sobre as cabeças os seus artigos niveladores. Por mais terríveis que sejam estas palavras, é preciso dizê-las: as duquesas se vão, e também as marquesas! Quanto às baronesas — peço perdão à sra. de Nucingen, que será condessa quando seu marido for feito par da França —, as baronesas, dizia eu, nunca souberam fazer-se levar a sério.

— A aristocracia começa nas viscondessas — disse Blondet, sorrindo.

— Ficarão as condessas — continuou de Marsay. — Uma mulher

elegante será mais ou menos condessa, condessa do Império ou de ontem, condessa de velha estirpe, ou, como dizem os italianos, condessa de polidez. Mas quanto à grande dama, essa morreu com a sociedade grandiosa do século passado, com o pó, com as moscas, com as pantufas de salto alto, com os corpetes arqueados, guarnecidos com um delta de laçada de fitas. As duquesas, hoje, passam pelas portas sem que haja necessidade de serem estas alargadas para as suas saias-balão. Enfim, o Império viu os últimos vestidos de cauda! Ainda estou por compreender como é que o soberano, que queria fazer varrer sua corte pelo cetim ou o veludo dos vestidos ducais, não estabeleceu, para certas famílias, o direito de primogenitura por leis indestrutíveis. Napoleão não percebeu os efeitos desse Código de que tanto se orgulhava. Esse homem, ao criar suas duquesas, engendrava as nossas *femmes comme il faut*[413] de hoje, produto mediato de sua legislação.

XVIII – OUTRA VERDADE

— O pensamento, usado como um martelo, quer pela criança que sai do colégio, quer pelo jornalista obscuro, demoliu a magnificência do Estado social — disse o conde de Vandenesse.[414] — Hoje, qualquer tipo que pode manter a cabeça convenientemente acima do colarinho, cobrir seu amplo peito de homem com uma meia vara de cetim em forma de couraça, mostrar uma fronte onde brilha um talento apócrifo sob cabelos encaracolados, bambolear-se em cima de sapatos de verniz com meias de seda que custam seis francos, firma seu monóculo numa das suas arcadas orbitárias, franzindo a parte superior da face, e, se for praticante de advogado, filho de empreiteiro ou bastardo de banqueiro, encara impertinentemente a mais bela duquesa, avalia-a quando ela desce a escada de um teatro e diz ao amigo, que se veste na casa de Buisson,[415] que nos veste a todos nós, e calça verniz como qualquer duque: "Aí está, meu caro, uma *femme comme il faut*".

— Os senhores não souberam — disse *lord* Dudley — constituir um partido, daqui até a muito tempo não terão política. Os senhores falam muito, na França, em organizar o trabalho e ainda não organizaram a propriedade. Eis, pois, o que lhes acontece: um duque qualquer (ainda

havia, no tempo de Luís xviii e de Carlos x, os que possuíam duzentas mil libras de renda, um palácio magnífico e uma criadagem suntuosa), esse duque podia viver como um grão-senhor. O último desses grão-senhores franceses é o príncipe de Talleyrand. Ele deixa quatro filhos, entre os quais duas mulheres. Admitindo-se muita sorte no modo por que os casou a todos, cada um desses herdeiros não dispõe senão de sessenta ou oitenta mil libras de renda hoje, cada um deles é pai ou mãe de vários filhos, e por consequência obrigado a viver num apartamento, no rés do chão ou no primeiro andar de uma casa, com a máxima economia; quem sabe mesmo se não anda em busca de uma fortuna? Acontece, portanto, que a mulher do primogênito, que só é duquesa no nome, não tem nem carruagem, nem criadagem, nem seu camarote, nem tempo disponível; não tem seus aposentos em seu palácio, nem sua fortuna, nem suas bugigangas; ela está enterrada no casamento como uma mulher da rue Saint-Denis no seu comércio; ela própria compra as meias dos seus queridos filhinhos, amamenta-os e cuida das filhas, que não põe mais no convento. As mais nobres das vossas mulheres tornaram-se assim estimáveis chocadeiras.

XIX – DA TRANSFORMAÇÃO DAS SOCIEDADES PELO ESTADO DAS MULHERES

— Infelizmente, é assim! — disse José Bridau. — Não há mais no nosso tempo essas belas flores femininas que ornaram os grandes séculos da monarquia francesa. Está partido o leque da grande dama. A mulher não tem mais por que corar, maldizer, sussurrar, esconder-se, mostrar-se. O leque serve-lhe apenas para se abanar. Quando uma coisa é apenas o que é, torna-se demasiado útil para fazer parte do luxo.

— Tudo na França tornou-se cúmplice da *femme comme il faut* — disse Daniel d’Arthez.[416] — A aristocracia consentiu nisso com a sua retirada para os confins de suas propriedades rurais, onde foi esconder-se para morrer, emigrando para o interior diante das ideias, como antigamente para o estrangeiro diante das massas populares. As mulheres que podiam fundar salões europeus, dirigir a opinião, revirá-la como a uma luva, dominando o mundo pelo domínio dos homens de

arte e de pensamento, que deviam dominar aquele, cometeram o erro de abandonar a liça, envergonhadas por terem de lutar com uma burguesia embriagada de poder e surgindo na cena do mundo para, talvez, fazer-se picar em pedaços pelos bárbaros que lhe vão no encalço. Por isso, onde os burgueses querem ver princesas, nada mais vemos do que jovens *femmes comme il faut*. Hoje os príncipes não encontram mais grandes damas a quem possam comprometer, nem sequer podem dar notoriedade a uma mulher escolhida ao acaso. O duque de Bourbon[417] foi o último príncipe que usou desse privilégio.

— E só Deus sabe o que isso lhe custa! — disse *lord* Dudley.

— Hoje os príncipes têm esposas *comme il faut* que são obrigadas a pagar seus camarotes em sociedade com amigas, e que o favor real não poderia engrandecer de uma linha que fosse: que se esgueiram sem brilho entre as águas da burguesia e as da nobreza, nem completamente nobres, nem completamente burguesas — disse amargamente a marquesa de Rochefide.

— A imprensa herdou da mulher — exclamou Rastignac.[418]

— A mulher não tem mais o mérito do folhetim falado, dos deliciosos mexericos ataviados de bela linguagem. Lemos folhetins escritos numa gíria que se transforma a cada três anos, lemos jornalecos divertidos como papa-defuntos e leves como o chumbo de seus tipos. As conversações francesas fazem-se em iroquês revolucionário de uma extremidade a outra da França, por longas colunas impressas em palácios onde range uma tipografia em vez dos círculos elegantes que outrora ali brilhavam.

— Está tocando o dobre de finados da alta sociedade, não ouvem? — disse um príncipe russo —, e a primeira badalada é essa vossa expressão moderna de *femme comme il faut*.

— Tem razão, meu príncipe — disse de Marsay. — Essa mulher, saída das fileiras da nobreza, ou erguida da burguesia, vinda de qualquer parte, mesmo da província, é a expressão do tempo atual, uma última imagem do bom gosto, do espírito, da graça e da distinção reunidas, mas diminuídas. Não veremos mais grandes damas na França, mas durante muito tempo haverá *femmes comme il faut*, mandadas pela opinião pública a uma alta câmara feminina, e que

serão para o belo sexo o que é o *gentleman* na Inglaterra.

— E chamam a isso progresso! — disse a srta. des Touches. — Bem quisera eu saber onde está esse progresso.

— Ah! Aqui está ele — disse a sra. de Nucingen. — Antigamente uma mulher podia ter uma voz de peixeira, um caminhar de granadeiro, uma fronte de cortesã audaciosa, com os cabelos eriçados para trás, o pé grande, a mão grossa, e mesmo assim era uma grande dama; mas hoje, fosse tal mulher uma Montmorency, se é que as srtas. Montmorency pudessem ter sido jamais assim, não seria uma *femme comme il faut*.

XX - EMÍLIO BLONDET PROFESSA

— Mas, afinal, que vem a ser uma *femme comme il faut?* — perguntou o conde Adão Laginski.[419]

— É uma criação moderna, um deplorável triunfo do sistema eletivo aplicado ao belo sexo — disse o ministro. — Cada revolução tem seu termo, termo em que ela se resume e que a retrata.

— Tem razão — disse o príncipe russo, que viera a Paris fazer reputação literária. — Explicar certas palavras acrescentadas de século em século à vossa bela língua seria fazer uma história magnífica. *Organizar*, por exemplo, é um termo do Império e que contém Napoleão de corpo inteiro.

— Mas nada disso explica o que vem a ser uma *femme comme il faut* — exclamou o jovem polonês com alguma impaciência.

— Pois vou explicar-lhe — respondeu Emílio Blondet ao conde Adão. — Por uma bela manhã o senhor flana pelas ruas de Paris. Já passa das duas, mas ainda não são cinco horas. Vê uma mulher encaminhar-se para o seu lado; o primeiro olhar que o senhor lhe dirige é como que o prefácio de um belo livro, faz-lhe pressentir um mundo de coisas elegantes e finas. Como um botânico que vai para montes e vales herborizando, por entre as vulgaridades parisienses o senhor acaba encontrando uma rara flor. Ou essa mulher está acompanhada por dois homens muito distintos, dos quais um pelo menos condecorado, ou então por um lacaio sem libré, que a segue a

dez passos de distância. Seu vestido não tem cores berrantes, suas meias não são transparentes, nem a fivela de seu cinto tem demasiados lavores, nem tampouco traz calças de extremidades bordadas revoluteando à roda dos tornozelos. Em seus pés nota coturnos debruados de seda, modelados sobre meias de algodão finíssimas ou sobre meias de seda cinzenta, ou senão borzeguins da mais deliciosa simplicidade. Uma fazenda bastante bonita e de preço medíocre chama a sua atenção para o vestido, cujo corte surpreende mais de uma burguesa; é quase sempre um casaco preso por laços e graciosamente rematado por um cordão ou filete imperceptível. A desconhecida tem um modo todo seu de se envolver num xale ou numa manta; sabe dispô-lo dos quadris ao pescoço, desenhando uma espécie de carapaça que transformaria uma burguesa em tartaruga, mas sob a qual ela deixa adivinhar as mais belas formas, embora velando-as. Por que meio? Esse segredo ela o guarda sem ser protegida por nenhuma patente de invenção. Ao caminhar faz certo movimento concêntrico e harmonioso que provoca, sob a fazenda, estremecimentos das suas formas suaves ou perigosas, como ao meio-dia a cobra sob a gaze verde da sua erva fremente. Será a um anjo ou a um diabo que ela deve essa ondulação graciosa que se processa sob a longa capa de seda preta, agitando as rendas na orla, difundindo um bálsamo aéreo, e que de bom grado denominarei a brisa da parisiense? Verá em seus braços, no busto, à roda do pescoço, uma ciência de pregas que dispõe com arte a mais rebelde fazenda, de modo a lembrar-lhe a Mnemósine[420] antiga. Ah! Como ela compreende, permita-me a expressão, “o corte do andar”. Examine bem esse modo de avançar o pé, moldando o vestido com uma tão decente precisão, que excita nos passantes uma admiração mesclada de desejo, mas refreada por um profundo respeito. Quando uma inglesa tenta dar esse passo, tem ares de um granadeiro que segue para a frente a fim de atacar um reduto. A mulher de Paris, o gênio da marcha. Por isso a municipalidade devia-lhe o asfalto das calçadas. Essa desconhecida não esbarra em ninguém. Para passar, ela espera com orgulhosa modéstia que lhe deem lugar. A distinção particular da mulher bem-educada revela-se sobretudo pelo modo por que ela mantém o xale ou o manto abrigando-lhe o peito. Ao

caminhar conserva um arzinho digno e sereno, tal como as madonas de Rafael nos seus quadros. Sua atitude, ao mesmo tempo tranquila e desdenhosa, obriga o almofadinha mais insolente a lhe dar passagem. O chapéu, de simplicidade notável, tem fitas novas. Talvez tenha flores, mas as mais hábeis de entre essas mulheres têm apenas laços. A pluma exige carruagem, as flores chamam muito a atenção. Sob essa prenda poderá ver o rosto fresco e repousado de uma mulher segura de si mesma, sem fatuidade, que para nada olha e tudo vê, cuja vaidade, embotada por uma contínua satisfação, espalha por sua fisionomia uma indiferença que provoca a curiosidade. Ela sabe que a estudam, sabe que quase todos, mesmo as mulheres, se voltam para tornar a vê-la. Por isso ela atravessa Paris branca e pura como uma filandra.[421] Essa bela espécie prefere as latitudes mais tépidas, as longitudes mais próprias de Paris; há de encontrá-la entre a 10ª e a 110ª arcada da rue de Rivoli; sob a linha dos bulevares, desde o Equador dos Panoramas onde florescem as produções da Índia, onde se exibem as mais cálidas criações da indústria, até o cabo da Madeleine; nas regiões menos poluídas da burguesia, entre os números 30 e 150 da rue du Faubourg Saint-Honoré. Durante o inverno ela compraz-se no terraço dos Feuillants[422] e nunca na calçada de asfalto que a margeia. Conforme o tempo que faz, ela voa pela alameda dos Champs-Élysées, limitada a leste pela praça Luís XV, a oeste pela avenue de Marigny, ao sul pela calçada, ao norte pelos jardins do Faubourg Saint-Honoré. Jamais encontrará essa linda variedade de mulher nas regiões hiperbóreas da rue Saint-Denis, jamais nas Kamtchatkas[423] das ruas lamacentas pequenas ou comerciais; jamais em parte alguma nos dias de mau tempo. Essas flores de Paris, desabrochadas numa temperatura oriental, perfumam os passeios, e, depois das cinco horas, fecham-se como as volvuláceas. As mulheres que verá mais tarde tendo um pouco o ar daquelas, tentando imitá-las, são *femmes comme il en faut*;[424] ao passo que a bela desconhecida, a sua Beatriz da tarde, é a *femme comme il faut*. Para os estrangeiros, meu caro conde, não é fácil reconhecer as diferenças pelas quais os observadores eméritos as distinguem, de tão comediante que é a mulher, mas para os olhos de um parisiense são evidentes; ora são colchetes mal dissimulados, ora

cordéis que deixam ver seu entrelaçamento de um branco ruço nas costas do vestido, por uma fenda entreaberta, ou sapatos arranhados, fitas de chapéu passadas a ferro, um vestido muito rodado, um porte muito rígido. Notará uma espécie de esforço no modo premeditado de baixar as pálpebras. Há afetação na atitude. Quanto à burguesa, é impossível confundi-la com a *femme comme il faut*; ela faz aquela sobressair admiravelmente, explica a sedução com que a desconhecida o envolveu. A burguesa está sempre apressada, sai, faça o tempo que fizer, trota, vai, vem, olha, não sabe se entrará ou se não entrará numa loja. Naquilo em que a *femme comme il faut* sabe exatamente o que quer e o que faz, a burguesa fica indecisa, arrepanha o vestido para atravessar um filete de água, arrasta com ela um filho que a obriga a observar os carros; é a mãe em público e conversa com a filha; tem dinheiro na sua bolsa e usa meias transparentes; no inverno usa um boá por cima do casaco de peles, do xale, e um agasalho no verão; a burguesa é mestra em pleonasmos de *toilette*. O senhor tornará a encontrar sua bela passeante nos ltaliens,[425] na Ópera, num baile. Apresenta-se então sob um aspecto tão diferente, que lhe parecerá tratar-se de duas criações sem analogia. A mulher despegou-se de suas vestes misteriosas como a borboleta de sua larva sedosa. Ela oferece-lhe aos olhos deliciados, como uma gulodice, as formas que pela manhã seu corpete apenas modelava. No teatro ela não vai além dos camarotes de segunda ordem, salvo nos Italiens. Poderá então estudar à vontade a sábia lentidão de seus movimentos. A adorável embusteira faz uso dos pequenos artifícios políticos da mulher com uma naturalidade que exclui qualquer ideia de arte ou de premeditação. Se ela tem uma mão regiamente bela, o mais esperto julgará que era absolutamente necessário que ela erguesse ou afastasse os *ringlets*[426] ou cachos de seus cabelos que estava acariciando. Se tem algum esplendor no perfil, parecerá que diz ao vizinho coisas irônicas ou graciosas, colocando-se de modo a produzir esse efeito mágico de perfil perdido, de que tanto gostam os grandes pintores, o qual atrai a luz para a face, desenha o nariz com uma linha nítida, ilumina o rosado das narinas, destaca a fronte de modo preciso, deixa ao olhar suas cintilações chamejantes, dirigidas, porém, para o vago, e marca com

um traço de luz o alvo arredondado do mento. Se tem um bonito pé, atirar-se-á sobre um divã com o coquetismo de uma gata ao sol com os pés para a frente, sem que se possa achar na sua atitude outra coisa que não o mais delicioso modelo dado pela lassidão à estatuária. Ninguém como a *femme comme il faut* para se achar à vontade na sua *toilette*; nada a constrange. Jamais será surpreendida, como a burguesa, a sungar uma ombreira recalcitrante, a fazer baixar uma barbatana insubordinada do espartilho, a olhar se o corpete está cumprindo seu ofício de guardião infiel dos dois tesouros deslumbrantes de alvura, a se olhar nos espelhos para ver se o penteado se mantém nas suas posições. Sua *toilette* está sempre em harmonia com o seu caráter; ela teve tempo de estudar-se, de escolher o que lhe senta, porque conhece de há muito o que não lhe senta. Nunca é vista na saída; desaparece antes do fim do espetáculo. Se por acaso ela se mostra calma e nobre nos degraus da escada, passa nesse momento por sentimentos violentos. É que está ali por ordem, tem de dar algum olhar, de receber alguma promessa. Talvez desça assim lentamente para satisfazer a vaidade de um escravo ao qual, por vezes, obedece. Se o senhor a encontra num baile ou numa recepção, recolherá o mel afetado ou natural de sua voz ardilosa; ficará encantado com suas palavras ocas, mas às quais ela saberá dar o valor do pensamento por um manejo inimitável.

XXI – PERGUNTAS INCIDENTES

— Para ser *femme comme il faut* não é necessário ter espírito? — perguntou o conde polonês.

— É impossível sê-lo sem ter muito bom gosto — respondeu a sra. d’Espard.

— E, na França, ter bom gosto é ter mais do que espírito — disse o russo.

— O espírito de tal mulher é o triunfo de uma arte toda plástica — replicou Blondet. — O senhor não saberá o que ela diz, mas ficará encantado. Ela terá meneado a cabeça, ou dado gentilmente de ombros, terá dourado uma frase insignificante com o sorriso de um

pequeno trejeito encantador, ou terá posto o epigrama de Voltaire num *hein!* num *ah!* ou num *como não!* Um gesto de cabeça será a mais ativa interrogação; dará significação ao movimento com que faz girar o minúsculo recipiente de perfume preso ao dedo por um anel. São grandezas artificiais obtidas por pequenezes superlativas: ela deixa cair nobremente a mão amparando-a no braço da poltrona, como gotas de orvalho das pétalas de uma flor, e nada mais precisa dizer; proferiu uma sentença inapelável capaz de comover o ser mais insensível. Soube ouvi-lo, proporcionou-lhe a oportunidade de ser espirituoso. E apelo para sua modéstia, são raros esses momentos.

O ar cândido do jovem polonês a quem Blondet se dirigia fez todos os convivas desatarem a rir.

— O senhor não conversa uma meia hora com uma burguesa sem que ela ponha o marido em cena, sob um pretexto qualquer — continuou Blondet, que nada perdeu de sua gravidade —; mas se o senhor sabe que a *femme comme il faut* com quem está conversando é casada, ela terá tido a delicadeza de dissimular tão bem o marido, que o amigo terá necessidade de um trabalho de Cristóvão Colombo para descobri-lo. Muitas vezes não o conseguirá sozinho. Se não pôde interrogar ninguém, no fim da recepção irá surpreendê-la a olhar fixamente para um homem de idade incerta, condecorado, que baixa a cabeça e sai. Ela pediu o carro e parte. O senhor não é o eleito, mas esteve junto dela e vai deitar-se sob os lambris dourados de um delicioso sonho que continuará, talvez, quando o sono, com seu pesado dedo, tiver aberto a porta de marfim do templo das fantasias. Uma *femme comme il faut* em sua casa nunca é visível antes das quatro horas, quando recebe. É bastante sabida para sempre fazê-lo esperar. Em casa dela tudo parecerá ao senhor de bom gosto; o luxo é contínuo e se renova oportunamente; não verá nada sob cúpula de vidro, nem os retalhos de nenhum envoltório suspenso como um guarda-comida. Sentirá calor na escada. Flores por todos os lados lhe alegrarão os olhos; flores são o único presente que ela aceita, e somente de algumas pessoas; os buquês vivem apenas um dia, dão prazer e têm de ser renovados; para ela, eles são, como no Oriente, um símbolo, uma promessa. As valiosas bagatelas de moda são expostas, mas sem

pretensões a museu nem a loja de curiosidades. O senhor a surpreenderá ao lado da sua lareira, sentada na sua conversadeira de onde ela o saudará sem levantar-se. Sua palestra não será mais a do baile. Lá ela era nossa credora, em sua casa seu espírito deve-nos prazeres. Essas nuanças, a *femme comme il faut* possui-as de modo maravilhoso. Ela aprecia no senhor um homem que vai engrossar sua roda, e isso é o objeto dos cuidados e das inquietações que preocupam as *femmes comme il faut*. Por isso, para fixá-lo em seu salão ela será de um coquetismo encantador. Por aí sentirá sobretudo quanto as mulheres, hoje, estão isoladas, razão pela qual querem ter um pequeno círculo a que servem de constelação. A conversação é impossível sem generalidades.

— Sim — disse de Marsay —, tu percebeste bem a falha da nossa época. O epigrama, esse livro numa palavra, não cai mais, como no século xviii, nem sobre as pessoas nem sobre as coisas, mas sobre acontecimentos mesquinhos, e morre com o dia.

— E, por isso, o espírito da *femme comme il faut*, quando ela o tem — tornou Blondet —, consiste em duvidar de tudo, como o da burguesa lhe serve para afirmar tudo. É nisso que está a grande diferença entre essas duas mulheres: a burguesa, indiscutivelmente, é virtuosa; a *femme comme il faut* não sabe se ainda o é, ou se o será sempre; ela hesita e resiste nas situações em que a outra recusa peremptoriamente para cair de chofre. Essa hesitação em tudo é uma das últimas graças que nossa horrível época lhe deixa. Raramente vai à Igreja, mas falará sobre religião e procurará convertê-lo se o senhor tiver o bom gosto de se fazer de espírito forte, porquanto, assim, abrirá uma saída para as frases estereotipadas, para as atitudes de cabeça e para os gestos convencionais entre todas essas mulheres: "Ah, que horror! Eu julgava-o com demasiado espírito para atacar a religião! A sociedade se esboroa e o senhor quer tirar-lhe seu sustentáculo. Mas a religião, neste momento, é o senhor, sou eu, é a propriedade, é o futuro de nossos filhos! Ah, não sejamos egoístas! O individualismo é a doença da época e a religião é o seu único remédio, ela une as famílias que as vossas leis desunem etc.". Inicia então um discurso neocristão polvilhado de ideias políticas, que não é nem católico nem protestante,

mas moral, oh, diabolicamente moral, no qual o senhor reconhecerá um pedaço de cada pano tecido pelas doutrinas modernas que se digladiam.

As mulheres não puderam deixar de rir dos requebros com que Blondet ilustrava seus sarcasmos.

XXII – BLONDET RESUME-SE

— Tudo isso, meu caro conde Adão — disse Blondet olhando para o polonês —, lhe demonstrará que a *femme comme il faut* não representa menos a mixórdia intelectual do que a mixórdia política, da mesma forma por que ela está cercada dos brilhantes e pouco sólidos produtos de uma indústria que pensa, incessantemente, em destruir suas obras para substituí-las. O senhor sairá da casa dela dizendo a si mesmo: “Não há dúvida, ela tem ideias elevadas!”. Ser-lhe-á tanto mais fácil acreditar nisso, por ter ela sondado seu coração e seu espírito com mão delicada e por ter pedido que lhe conte seus segredos; porque a *femme comme il faut* finge ignorar tudo para vir a saber de tudo; há coisas que ela nunca sabe mesmo quando as sabe. Somente o senhor é que ficará inquieto e ignorará o estado do coração dela. Antigamente a grande dama amava com cartazes, jornal na mão e anúncios; hoje a *femme comme il faut* tem sua pequena paixão pautada como papel de música, com suas colcheias, mínimas, semínimas, suas pausas, suas suspensões, seus sustenidos. Fraca, ela não quer comprometer nem seu amor, nem seu marido, nem o futuro dos filhos. Hoje, o nome, a posição e a fortuna não são mais pavilhões suficientemente respeitados para garantir a bordo todas as mercadorias. A aristocracia em bloco não avança mais para servir de anteparo a uma mulher que errou. Esta não tem, pois, como a grande dama de antigamente, decisão para lutas bravias, nada pode quebrar sob seu pé; ela, sim, é que seria quebrada. Por isso é ela a mulher dos jesuíticos *mezzo termine*,[427] dos mais equívocos compromissos para defesa das aparências, das paixões anônimas guiadas por entre duas margens rochosas. Ela teme os criados como uma inglesa que tem sempre em perspectiva um processo por adultério. Essa mulher tão livre no baile, tão linda no passeio, é

escrava em casa; só tem independência a portas fechadas, ou nas ideias. Quer conservar-se *femme comme il faut*. Eis o seu problema. Ora, hoje, a mulher separada do marido, reduzida a uma magra pensão, sem carruagens, nem luxo, nem camarote, sem os divinos acessórios da *toilette*, não é mais nem mulher, nem cortesã, nem burguesa; dissolve-se e torna-se coisa. As carmelitas não querem mulher casada, pois haveria bigamia; o amante dela a quereria sempre? Essa é a questão. A *femme comme il faut* pode dar lugar, talvez, à calúnia, jamais à maledicência.

— Tudo isso é horrivelmente verdadeiro — disse a princesa de Cadignan.

— Por esse motivo — volveu Blondet — a *femme comme il faut* vive entre a hipocrisia inglesa e a graciosa franqueza do século xviii; sistema bastardo que revela uma época em que nada do que acontece assemelha-se ao que se vai, em que as transições não conduzem a nada, onde não há senão nuanças, em que as grandes figuras se apagam, em que as distinções são puramente pessoais. Na minha opinião, é impossível que uma mulher, embora nascida nas proximidades do trono, adquira antes dos vinte e cinco anos a ciência enciclopédica dos nadas, o conhecimento dos ardis, as grandes pequenas coisas, as músicas da voz e as harmonias das cores, as diabruras angélicas e as inocentes perversidades, a linguagem e o mutismo, a seriedade e a zombaria, o espírito e a tolice, a diplomacia e a ignorância, que constituem a *femme comme il faut*.

— De acordo com o programa que acaba de traçar-nos — disse a srta. des Touches a Emílio Blondet —, em que categoria classifica o senhor a mulher escritora? É ela uma *femme comme il faut*?

XXIII – EM QUE CANALIS BRILHA

— Quando não tem gênio é uma *femme comme il n'en faut pas*[428] — respondeu ele, acompanhando a resposta com um olhar sutil que podia passar por um elogio francamente dirigido a Camille Maupin.[429] — Essa opinião não é minha, mas de Napoleão — acrescentou.

— Não queira mal por isso a Napoleão — disse Canalis[430] com

um gesto enfático —, foi uma das suas pequenezes, a de ter ciúme do gênio literário, pois é certo que teve pequenezes. Quem poderá jamais explicar, pintar ou compreender Napoleão? Um homem que representam de braços cruzados e que fez tudo! Que foi o mais belo poder conhecido, o poder mais concentrado, o mais incisivo, o mais ácido de todos os poderes; gênio singular que passeou por toda parte a civilização armada sem fixá-la em parte nenhuma; um homem que podia fazer tudo, porque tudo queria; fenômeno prodigioso da vontade, domando uma doença por uma batalha, e que devia entretanto morrer de doença numa cama depois de ter vivido no meio das balas e dos obuses; um homem que tinha na cabeça um código e uma espada, a palavra e a ação; espírito perspicaz que tudo adivinhou, exceto sua queda; político estranho que por economia jogava homens aos punhados, e que respeitou três cabeças, as de Talleyrand, de Pozzo di Borgo[431] e de Metternich, diplomatas cuja morte teria salvado o Império francês, e que lhe pareciam pesar mais do que milhares de soldados; homem ao qual, por um raro privilégio, a natureza deixara um coração no seu corpo de bronze; homem galhofeiro e bom à meia-noite entre mulheres, e de manhã a manejar a Europa, como uma rapariga que se divertisse fustigando a água de seu banho! Hipócrita e generoso, gostando do falso brilho e simples, sem gosto e protegendo as artes; e, não obstante essas antíteses, grande em tudo por instinto ou por organização; César aos vinte e cinco anos, Cromwell aos trinta; depois, como um merceeiro do Père Lachaise,[432] bom pai e bom esposo. Enfim, improvisou monumentos, impérios, reis, códigos, versos, um romance, e tudo isso com mais alcance do que exatidão. Não quis ele fazer da Europa a França? E, depois de nos ter feito pesar sobre a terra de modo a modificar as leis da gravitação, deixou-nos mais pobres do que no dia em que pôs a mão sobre nós. E ele, que fizera um império com o seu nome, perdeu o nome à beira do seu império, num mar de sangue e de soldados. Homem que, sendo todo ele pensamento e ação, compreendia Desaix[433] e Fouché![434]

— Todo arbitrariedade e todo justiça com oportunidade, o verdadeiro rei! — disse de Marsay.

— Ah, *como* é *pom dicherir oufindo os zenhorres!* — disse o barão de Nucingen.

— Pensa acaso que é vulgar o que lhe estamos servindo? — disse José Bridau. — Se fosse preciso pagar os prazeres da conversação como o senhor paga os da dança ou os da música, sua fortuna seria pouca! Não há duas representações para um mesmo rasgo de espírito.

— Estaremos nós tão realmente diminuídas como o julgam esses senhores? — disse a princesa de Cadignan, dirigindo às mulheres um sorriso em que havia ao mesmo tempo dúvida e zombaria. — Pelo fato de hoje, sob um regime que tudo empequenece, gostarem de pratinhos, de apartamentozinhos, de quadrinhos, de amiguinhos, de jornaizinhos, de livrinhos, deve-se concluir que as mulheres são, também, menos grandes? Por que mudaria o coração humano por mudarem os senhores de vestes? Em todos os tempos as paixões serão as mesmas. Conheço dedicações admiráveis, sofrimentos sublimes aos quais tem faltado a publicidade, a glória, se quiserem, que antigamente ilustrava os erros de algumas mulheres. Mas pelo fato de não se ter salvado um rei de França nem por isso se é menos uma Agnès Sorel.[435] Creem os senhores que a nossa querida marquesa d'Espard não valha tanto quanto a sra. Daublet,[436] ou a sra. du Deffant,[437] em cuja casa se dizia e se fazia tanto mal? Taglioni[438] não vale tanto quanto Camargo?[439] Malibran não é igual a Saint-Huberty?[440] Não são nossos poetas superiores aos do século xviii? Se, neste momento, por culpa dos merceeiros que nos governam, não temos características nossas, não teve o Império sua feição própria da mesma forma que o século de Luís xv, e seu esplendor não foi fabuloso? Perderam as ciências alguma coisa?

— Sou da sua opinião, minha senhora; as mulheres desta época são verdadeiramente grandes — respondeu o general de Montriveau. — Quando vier para nós a posteridade, não terá madame Récamier[441] proporções tão grandes quanto as das mais belas mulheres dos tempos passados? Teremos feito tanta história que escassearão os historiadores! O século de Luís xiv teve apenas uma madame de

Sévigné;[442] hoje, em Paris, temos milhares que com certeza escrevem melhor do que ela e que não publicam suas cartas. Chame-se a mulher francesa *femme comme il faut* ou "grande dama", será sempre a mulher por excelência. Emílio Blondet deu-nos um quadro dos atrativos da mulher de hoje; mas, em caso de necessidade, essa mulher que se requebra, que se pavoneia; que recita as ideias dos senhores tal ou tal, poderia ser heroica! E, digamo-lo, os erros das senhoras são tanto mais poéticos porquanto, sempre e em qualquer tempo, serão cercados dos maiores perigos. Vi muito o mundo, observei-o, talvez, demasiado tarde; mas, nas circunstâncias em que a ilegalidade dos seus sentimentos podia ser desculpada, sempre notei os efeitos de não sei que acaso, que poderão chamar de Providência, esmagando fatalmente aquelas que denominamos mulheres levianas.

— Quero crer — disse a sra. de Vandenesse[443] — que podemos ser grandes de outra forma...

— Oh, deixe o marquês de Montriveau[444] pregar-nos um sermão! — exclamou a sra. d'Espard.

— Tanto mais que ele já pregou muito, com o seu exemplo — disse a baronesa de Nucingen.

— Pois, com franqueza — disse o general de Montriveau —, entre todos os dramas, já que o senhores se servem muito desse termo — olhou para Blondet —, em que o dedo de Deus se mostrou, o mais espantoso de quantos vi foi quase que obra minha...

— Conte-nos isso — exclamou *lady* Barimore. — Gosto tanto de sentir medo!

— É um gosto de mulher virtuosa — replicou de Marsay, olhando para a encantadora filha de *lord* Dudley.

XXV – HISTÓRIA DE UM INCÊNDIO

— Durante a campanha de 1812 — disse então o general de Montriveau — fui causa involuntária de uma desgraça atroz que poderá servir, dr. Bianchon[445] — acrescentou ele, olhando-me —, ao senhor que tanto se ocupa com o espírito humano ao mesmo tempo que com o corpo, a fim de resolver alguns dos seus problemas sobre a vontade. Era a

minha segunda campanha; eu gostava do perigo e ria de tudo, como um jovem e simples tenente que era! Quando chegamos ao Berezina, [446] o exército, como devem saber, não tinha mais disciplina, nem se lembrava mais da obediência militar. Era uma corja de homens de todas as nações que vinha instintivamente do Norte para o Sul. Os soldados expulsavam da beira dos seus fogos um general esfarrapado e de pés descalços, quando ele não lhes trazia nem lenha nem víveres. Depois da passagem desse famoso rio, não foi menor a desordem. Eu saía tranquilamente sozinho e sem víveres dos pântanos de Zembin, e ia em busca de uma casa onde estivessem dispostos a receber-me. Não a achando, ou corrido das que encontrava, entrevi, felizmente, já ao entardecer, uma tosca e pequena herdade da Polônia, da qual nada lhes poderia dar uma ideia, a menos que tivessem visto as casas de madeira da baixa Normandia ou as mais pobres granjas da Beauce. Essas habitações constam de um único quarto dividido numa das extremidades por um tabique, servindo a parte menor de depósito de forragem. A obscuridade do crepúsculo permitiu-me ver de longe uma leve fumaça que subia da casa. Na esperança de lá encontrar camaradas mais compassivos do que aqueles a quem até então me dirigira, caminhei corajosamente até a herdade. Ao entrar, encontrei a mesa posta. Vários oficiais, entre os quais se achava uma mulher, espetáculo bastante comum, comiam batatas, carne de cavalo assada nas brasas e beterrabas geladas. Reconheci entre os convivas dois ou três capitães de artilharia do primeiro regimento em que servi. Fui acolhido com um hurra de aclamações que muito me teriam espantado do outro lado do Berezina; naquele momento, porém, o frio era menos intenso, meus camaradas descansavam, estavam no quente, comiam, e a sala junto da de feixes de palha oferecia-lhes a perspectiva de uma noite de delícias. Naquele tempo não pedíamos tanto. Os camaradas podiam ser filantropos grátis, um dos modos mais comuns, aliás, de ser filantropo. Pus-me a comer, sentado num monte de forragem. Na ponta da mesa, do lado da porta que comunicava com a pequena peça cheia de palha e de pasto, estava o meu antigo coronel, um dos homens mais extraordinários que já encontrei em todo o bando de criaturas que me foi dado ver. Era italiano. Ora, todas as vezes em que a

natureza humana é bela nas regiões meridionais, torna-se então sublime. Não sei se já notaram a singular alvura dos italianos quando são claros... É magnífica, sobretudo à luz. Quando li o fantástico retrato que Charles Nodier nos pintou do coronel Oudet,[447] encontrei minhas próprias sensações em cada uma de suas elegantes frases. Italiano como a maioria dos oficiais que faziam parte de seu regimento, que, aliás, fora tomado por empréstimo do exército de Eugênio[448] pelo imperador, meu coronel era um homem de elevada estatura; tinha seguramente uns seis pés e oito ou nove polegadas, era admiravelmente proporcionado, um pouco gordo, talvez, mas de um vigor prodigioso, e ágil, talhado como um lebreiro. Os cabelos pretos, profusamente encaracolados, faziam sobressair sua tez alva como a de uma mulher; tinha mãos pequenas, bonitos pés, a boca graciosa, o nariz aquilino de linhas finas e cuja ponta se afilava naturalmente e embranquecia quando ele se encolerizava, o que acontecia com frequência. Sua irascibilidade ultrapassava de tal forma o crível, que nada lhes direi a respeito; de resto o irão julgar. Ninguém perto dele ficava tranquilo. Talvez fosse eu o único a não temê-lo; é verdade que se afeiçoara de tal forma a mim, que tudo o que eu fazia ele achava bem. Quando o dominava a cólera, sua fronte enrugava-se, e os músculos desenhavam-lhe no meio da testa um delta, ou melhor, a ferradura de Redgauntlet.[449] Esse sinal aterrorizava mais ainda do que os relâmpagos magnéticos de seus olhos azuis. Então todo o seu corpo estremecia, e a sua força, já normalmente tão grande, quase não tinha mais limites. Reforçava muito os *rr*. Sua voz, tão potente pelo menos como a do Oudet de Charles Nodier, punha uma incrível riqueza de som na sílaba ou na consoante sobre a qual recaía aquela acentuação do *r*. Se esse vício de pronúncia era nele gracioso em certos momentos, não podem imaginar quanto poder exprimia tal acentuação, tão vulgar em Paris, quando ele comandava a manobra ou se emocionava. Só mesmo ouvindo-o. Quando o coronel estava sossegado, seus olhos azuis eram de uma doçura angelical e sua fronte pura tinha uma expressão cheia de encanto. Numa parada, no exército da Itália, nenhum homem podia competir com ele. Enfim, o próprio d'Orsay, o belo d'Orsay,[450] foi vencido pelo nosso coronel por

ocasião da última revista passada por Napoleão antes de entrar na Rússia. Tudo nesse homem privilegiado era contraste. A paixão vive pelos contrastes. Por isso não me perguntem se ele exercia sobre as mulheres essas irresistíveis influências a que nossa natureza (o general olhava para a princesa de Cadignan) se amolda como a matéria vitrificável sob a cânula do assoprador; mas, por uma fatalidade singular — um observador se aperceberia, talvez, desse fenômeno —, o coronel tinha poucas aventuras amorosas, ou se despreocupava de tê-las. Para lhes dar uma ideia de sua violência, vou dizer-lhes em duas palavras o que o vi fazer num paroxismo de cólera. Íamos subindo com os nossos canhões por um caminho muito estreito, limitado de um lado por uma barranca bastante alta, e do outro por matas. No meio do caminho encontramo-nos com um outro regimento de artilharia, a cuja frente marchava seu coronel. Esse coronel quis fazer recuar o capitão do nosso regimento que se achava à frente da primeira bateria. Como era natural, nosso capitão negou-se a isso; mas o coronel fez sinal à sua primeira bateria para avançar, e, apesar do cuidado com que o condutor se atirou contra o bosque, a roda do primeiro canhão alcançou a perna direita do nosso capitão, e quebrou-lha por completo, derrubando-o do outro lado do cavalo. Tudo isso foi coisa de um momento. O nosso coronel, que se achava não muito longe, adivinhou a querela, acorreu a todo galope passando por entre as peças e as árvores, com risco de ser cuspido da sela, e chegou ao local da cena diante do outro coronel no momento em que o nosso capitão bradava: "Ai de mim...!" ao cair. Não, nosso coronel italiano não era mais um homem...! Uma espuma semelhante à do vinho de Champagne fervia-lhe na boca e ele rugia como um leão. Sem poder proferir uma palavra, nem sequer um grito, fez um sinal espantoso ao seu antagonista, mostrando-lhe o bosque e desembainhando o sabre. Os dois coronéis entraram no mato. Em dois segundos vimos o adversário do nosso coronel por terra, com a cabeça fendida ao meio. Os soldados daquele regimento recuaram, com os diabos — se recuaram! —, e bem depressa! Esse capitão, que quase mataram, e que gemia na lama onde a roda do canhão o atirara, era casado com uma encantadora italiana de Messina, que não era indiferente ao nosso coronel. Essa

circunstância aumentara-lhe o furor. Sua proteção era devida àquele marido, tinha de defendê-lo como à própria mulher. Ora, na cabana do outro lado do Zembin, onde recebi tão bom acolhimento, aquele capitão achava-se em frente a mim e a esposa dele estava na outra ponta da mesa, em frente ao coronel. Essa messinesa era uma mulherzinha chamada Rosina, muito morena, mas em cujos olhos negros e rasgados em forma de amêndoa luziam os ardores do sol da Sicília. Estava naquele momento num estado deplorável de magreza; tinha as faces recobertas de poeira como uma fruta exposta à intempérie das estradas reais. Simplesmente coberta de farrapos, cansada das marchas, os cabelos em desalinho e colados uns aos outros, sob um pedaço de xale atado em forma de touca, ainda assim via-se nela a mulher; seus movimentos eram bonitos; a boca rósea, graciosamente irregular, os dentes brancos, as feições de seu rosto, seu colo — atrativos que a miséria, o frio e a incúria não haviam inteiramente desnaturado — falavam ainda de amor a quem pudesse pensar em mulheres. Rosina, de resto, apresentava uma dessas naturezas delicadas na aparência, porém nervosas e cheias de vigor. O rosto do marido, gentil-homem piemontês, revelava uma bonomia zombeteira, se é que essas duas palavras podem ir juntas. Valente e instruído, parecia ignorar os laços que existiam entre a esposa e o coronel, fazia mais ou menos três anos. Eu atribuía esse pouco-caso aos costumes italianos ou a algum segredo conjugal; havia, porém, na fisionomia daquele homem um traço que me inspirara sempre uma desconfiança involuntária. Seu lábio inferior, delgado e muito móvel, abaixava-se nas duas extremidades, ao invés de se erguer, coisa que me parecia trair um fundo de crueldade naquele caráter aparentemente fleumático e preguiçoso. Bem podem imaginar que a conversação não era muito brilhante quando cheguei. Meus camaradas, cansados, comiam em silêncio, e, naturalmente, me fizeram algumas perguntas; contamo-nos uns aos outros nossas desgraças entremeando-as de comentários a respeito da campanha, dos generais, dos seus erros, dos russos e do frio. Um momento depois da minha chegada, o coronel, tendo terminado sua frugal refeição, limpou os bigodes, deu-nos boa-noite, dirigiu à italiana seu olhar sombrio e disse-lhe: “Rosina...?”.

Depois, sem esperar resposta, foi deitar-se no pequeno palheiro. O sentido da interpelação do coronel era fácil de perceber. Por isso a jovem senhora deixou escapar um gesto indescritível que pintava, ao mesmo tempo, sua contrariedade por ver sua dependência evidenciada sem nenhum respeito humano, e a ofensa feita à sua dignidade de mulher, ou ao seu marido; mas houve ainda, na crispação das linhas de seu rosto e no franzir violento de suas sobrancelhas, uma espécie de pressentimento; teve talvez a previsão de seu destino. Rosina permaneceu tranquilamente à mesa. Um instante depois, provavelmente, quando o coronel já se havia deitado na sua cama de feno ou de palha, ele repetiu: "Rosina…?". O tom desse segundo apelo foi ainda mais brutalmente interrogativo do que o outro. A acentuação do *r* do coronel e a extensão que a língua italiana permite dar às vogais e aos finais pintaram todo o despotismo, a impaciência e a vontade daquele homem. Rosina empalideceu, mas levantou-se, passou por trás de nós e foi ter com o coronel. Todos os meus camaradas mantiveram um silêncio profundo; eu, porém, infelizmente, pus-me a rir depois de os ter olhado a todos, e meu riso repetiu-se de boca em boca. "*Tu ridi?*",[451] disse o marido. "Com franqueza, camarada", respondi-lhe depois de ter ficado sério, "confesso que andei mal, e te peço mil perdões; mas se não estás satisfeito com as desculpas que te apresento, estou pronto a me pôr às tuas ordens…" "Não, não foste tu que andaste mal, e sim eu!", replicou friamente. E, com isso, nos deitamos na sala; pouco depois dormíamos a sono solto. No dia seguinte, cada um de nós, sem acordar o vizinho, sem procurar um companheiro de viagem, pôs-se a caminho de acordo com sua fantasia, com essa espécie de egoísmo que fez da nossa derrota um dos mais terríveis dramas de personalidade, de tristeza e de horror, que jamais tenha havido sob o céu. Entretanto, a setecentos ou oitocentos passos da nossa pousada, encontramo-nos quase todos, e seguimos juntos, como gansos conduzidos em bando pelo despotismo cego de uma criança. Impelia-nos uma mesma necessidade. Chegados a um outeiro de onde se podia ainda avistar a herdade onde passáramos a noite, ouvimos gritos que se assemelhavam ao rugido dos leões do deserto, ao mugido dos touros; mas, não, aquele clamor não se podia comparar a nada

conhecido. Não obstante, distinguimos um débil grito de mulher, misturado àquele horrível e sinistro estertor. Viramo-nos todos, tomados de não sei que sentimento de pavor; não vimos mais a casa, e sim uma vasta fogueira. A habitação, que fora trancada, estava toda em chamas. Turbilhões de fumaça, levados pelo vento, traziam-nos não somente sons roucos como também não sei que cheiro forte. A poucos passos de nós caminhava o capitão, que se vinha tranquilamente juntar à nossa caravana; todos nós o contemplamos em silêncio, pois que nenhum se animou a interrogá-lo; ele, porém, percebendo nossa curiosidade, apontou com o indicador da mão direita o próprio peito, e, com a esquerda mostrando o incêndio, disse: "*Son'io!*".[452] Continuamos a marcha sem lhe fazer uma única observação.

XXVI – CONCLUSÃO OU CONFUSÃO

— Nada é tão horrível como a revolta de um carneiro — disse de Marsay.

— Seria terrível deixar-nos ir com essa horrível imagem na memória — disse a sra. de Pottenduère. — Vou sonhar com ela...

— E qual será o castigo da primeira do sr. de Marsay? — perguntou lorde Dudley sorrindo.

— Quando os ingleses gracejam — disse Blondet —, seus floretes estão embotados.

— O sr. Bianchon nô-lo pode dizer — respondeu de Marsay dirigindo-se a mim —, pois que a viu morrer.

— Sim — disse eu —, e sua morte é uma das mais belas que conheço. O duque e eu tínhamos passado a noite à cabeceira da moribunda, cuja pneumonia, chegada ao último grau, não deixava mais esperanças. Fora sacramentada na véspera. O duque adormecera. A senhora duquesa, tendo despertado cerca das quatro horas da manhã, fez-me, do modo mais comovente e sorrindo, um sinal amistoso para dizer-me que o deixasse dormir, e, entretanto, ela ia morrer! Chegara a um extraordinário estado de magreza, mas o rosto conservava suas linhas e suas formas verdadeiramente sublimes. Sua palidez fazia com que sua pele se assemelhasse a uma porcelana por trás da qual houvesse uma

luz. Seus olhos vivos e suas cores realçavam-se sobre aquela tez impregnada de macia elegância, e sua fisionomia respirava uma tranquilidade imponente. Parecia lamentar o duque, e esse sentimento originava-se de uma ternura elevada que parecia não ter mais limites nas proximidades da morte. O silêncio era profundo. O quarto, suavemente iluminado por uma lâmpada, tinha o aspecto de todos os quartos de doentes no momento da morte. Nesse instante o relógio deu horas. O duque despertou e ficou desesperado por ter dormido. Não vi o gesto de impaciência pelo qual ele mostrou o pesar que sentira por ter perdido a esposa de vista durante um dos últimos momentos que lhe eram concedidos; mas é certo que uma outra pessoa que não a moribunda poderia ter se equivocado. Homem de Estado, preocupado com os interesses da França, o duque tinha dessas mil singularidades aparentes que fazem com que se considerem os homens de gênio como loucos, mas cuja explicação se acha na natureza delicada e nas exigências de seus espíritos. Foi sentar-se numa poltrona junto ao leito da esposa e olhou-a fixamente. A moribunda estendeu um pouco a mão, tomou a do marido, apertou-a debilmente, e com voz doce, mas emocionada, disse-lhe: “Meu pobre amigo, quem te compreenderá agora?”. E morreu contemplando-o.

— As histórias que o doutor conta — disse o duque de Rhétoré — causam impressões profundas.

— Mas doces — replicou a srta. des Touches erguendo-se.

— Ah, minha senhora — replicou o doutor —, tenho histórias terríveis no meu repertório; cada narrativa, porém, tem sua hora numa conversação, segundo o lindo dito referido por Chamfort[453] e dirigido ao duque de Fronsac: “Há dez garrafas de champanha entre a tua saída e o momento em que estamos”.

— Mas são duas horas da madrugada, e a história de Rosina nos preparou — disse a dona da casa.

— Conte, sr. Bianchon...! — pediram de todos os lados.

A um gesto do complacente doutor, reinou silêncio.

— A uns cem passos, mais ou menos, de Vendôme, nas margens do Loire — disse ele —, há uma velha casa parda, encimada por telhados muito altos e tão completamente isolada, que em torno dela não

existem nem curtumes malcheirosos, nem tabernas de má morte, como se costuma ver na vizinhança de quase todas as cidades pequenas. Em frente a essa habitação há um jardim que dá para o rio, e onde os buxos, antigamente aparados, que desenhavam as alamedas, crescem hoje à vontade. Alguns salgueiros nascidos no Loire desenvolveram-se rapidamente como uma sebe limitante e meio escondem a casa. As plantas que chamamos daninhas ornam com a sua bela vegetação os barrancos da margem. As árvores frutíferas, abandonadas há dez anos, não dão mais colheitas e seus rebentos formam bosquetes. As espaldeiras assemelham-se a renques de árvores. Os caminhos, outrora ensaibrados, estão cobertos de beldroega; mas, para ser mais exato, não há mais vestígio de caminhos. Do alto da montanha sobre a qual pendem as ruínas do velho castelo dos duques de Vendôme, único lugar de onde a vista pode mergulhar naquele recinto, imagina-se que, numa época difícil de precisar, esse recanto de terra fez as delícias de algum gentil-homem cultivador de rosas, de tulipas, de horticultura numa palavra, mas sobretudo guloso de boas frutas. Vê-se ali um caramanchão, ou antes os destroços de um caramanchão, sob o qual há ainda uma mesa que o tempo não consumiu completamente. Ante o aspecto desse jardim que não mais existe, adivinham-se as alegrias negativas da vida sossegada que se goza na província, como se adivinha a existência de um bom negociante ao ler o epitáfio do seu túmulo. Para completar as ideias tristes e suaves que se apoderam da alma, um dos muros apresenta um quadrante solar ornado com esta inscrição burguesamente cristã: *Ultimam cogita!*[454] Os telhados dessa casa estão horrivelmente estragados, as persianas sempre fechadas, as sacadas cobertas de ninhos de andorinhas, e as portas se mantêm constantemente cerradas. Ervas altas desenharam com linhas verdes as fendas das escadarias; as grades acham-se enferrujadas. A lua, o sol, o inverno, o verão, a neve desbastaram as matas, empenaram as tábuas, corroeram as pinturas. O melancólico silêncio que ali reina só é perturbado pelos pássaros, os gatos, as fuinhas, os ratos e os camundongos, que têm liberdade de correr, brigar e devorar-se. Uma invisível mão escreveu por toda parte a palavra: *Mistério*. Se, levado pela curiosidade, alguém fosse ver aquela casa pelo lado da rua,

depararia com uma grande porta arredondada no alto e na qual as crianças da terra fizeram numerosos orifícios. Soube mais tarde que aquela porta fora condenada fazia dez anos. Por aquelas brechas irregulares, poder-se-ia observar a perfeita harmonia existente entre a fachada do jardim e a fachada do pátio. A mesma desordem em toda parte. Tufos de ervas enquadram as lajes. Fendas enormes sulcam os muros, cujo topo enegrecido é enlaçado pelos mil rebentos da parietária. Os degraus da escadaria estão deslocados, a corda do sino apodrecida, as goteiras partidas. Que fogo vindo do céu passou por ali? Que tribunal ordenou que espalhassem sal sobre aquela habitação? Teriam insultado Deus, ali? Teriam ali traído a França? Eis o que se pergunta. Os répteis por ali se arrastam e não nos respondem. Essa casa vazia e deserta é um imenso enigma cuja chave ninguém conhece. Era outrora um pequeno feudo e tem o nome de Grande Ameia. Durante o tempo de minha estada em Vendôme, onde Desplein[455] me deixara para tratar de um doente rico, a vista dessa singular vivenda tornou-se um dos meus mais vivos prazeres. Não era aquilo melhor do que uma ruína? A uma ruína prendem-se recordações de irrefragável autenticidade; mas aquela habitação ainda de pé, embora lentamente demolida por uma mão vingadora, encerrava um segredo, um pensamento desconhecido; traía, pelo menos, um capricho. Mais de uma vez, à tarde, deixei-me ir a afrontar a sebe, tornada selvagem, que protegia o recinto. Desafiava os arranhões, entrava naquele jardim sem dono, naquela propriedade que não era mais nem pública nem particular; lá ficava horas inteiras a contemplar aquela desordem. Nem mesmo para ouvir a história à qual sem dúvida era devido àquele espetáculo singular eu me permitiria fazer uma única pergunta a algum tagarela do local. Ali eu compunha romances deliciosos, entregava-me a pequenas orgias de melancolia que me encantavam. Se tivesse conhecido o motivo, possivelmente vulgar, daquele abandono, perderia as poesias inéditas com que me embriagava. Para mim, aquele asilo representava as imagens mais variadas da vida humana, ensombrecida por suas desgraças; ora nele via o claustro, sem os monges; ora a paz do cemitério, sem os mortos que nos falam a linguagem dos epitáfios; hoje era a casa do leproso, amanhã a dos Atridas;[456] mas era

principalmente a província com suas ideias de recolhimento, com sua vida de ampulheta. Lá chorei muitas vezes, mas nunca ri. Mais de uma vez tive terrores involuntários, ouvindo, por sobre a cabeça, o surdo assobio das asas de um pombo torcaz apressado. O solo é úmido; é preciso tomar cuidado com as lagartixas, as víboras, as rãs que por ali passeiam com a selvagem liberdade da natureza; é preciso sobretudo não ter medo do frio, porque ao cabo de alguns momentos sente-se cair um manto de gelo sobre os ombros, como a mão do comendador no pescoço de dom Juan.[457] Uma tarde tive um arrepio; o vento fizera girar uma velha ventoinha enferrujada, cujos rangidos se assemelhavam a um gemido dado pela casa, no momento em que eu terminava um drama bastante lúgubre, pelo qual me explicava essa espécie de dor monumentalizada. Voltei à minha hospedaria mergulhado em ideias sombrias. Quando eu acabara de cear, a hospedeira entrou no meu quarto com ar misterioso e me disse: "Cavalheiro, aqui está o sr. Regnault". "Quem é o sr. Regnault?" "Como, não conhece o sr. Regnault? Que engraçado!", disse ela, retirando-se. De repente vi surgir um homem alto, franzino, trajado de preto, de chapéu na mão e que se apresentou como um carneiro pronto para se atirar contra um rival, deixando ver uma fronte fugidia, uma pequena cabeça pontuda e um rosto lívido, muito semelhante a um copo de água suja. Julgariam tratar-se do porteiro de um ministro. Esse desconhecido vestia uma velha casaca, muito gasta nas dobras; mas trazia um diamante no peito da camisa e brincos de ouro nas orelhas. "Senhor, a quem tenho a honra de falar?", perguntei-lhe. Ele sentou-se numa cadeira, colocou-se diante do fogo, pôs o chapéu sobre a mesa e respondeu-me esfregando as mãos: "Ah, como está frio! Sou o sr. Regnault". Curvei-me, dizendo comigo mesmo: *"Il bondo cani!*[458] Procura". "Sou", acrescentou ele, "notário em Vendôme." "Encantado, senhor", exclamei, "mas não me acho em situação de fazer testamento, por motivos que eu cá sei." "Um momentinho!", replicou ele erguendo a mão como para me impor silêncio. "Permita, senhor, permita! Soube que o senhor ia às vezes passear no jardim da Grande Ameia." "Sim, senhor." "Um momentinho!", disse repetindo seu gesto. "Esse ato constitui um verdadeiro delito. Venho, senhor, em nome, e como

executor testamentário da falecida sra. condessa de Merret, pedir-lhe para que suspenda suas visitas. Um momentinho! Não sou um turco e não quero fazer disso um crime. De resto, é-lhe facultado ignorar as circunstâncias que me obrigam a deixar cair em ruínas o mais belo palacete de Vendôme. Entretanto, o senhor parece instruído e deve saber que as leis proíbem, sob penas severas, invadir uma propriedade fechada. Uma sebe equivale a um muro. O estado, porém, em que a casa se acha pode servir de desculpa à sua curiosidade. Por meu gosto eu lhe daria autorização para andar à sua vontade por aquela casa; mas encarregado de executar as vontades da testadora, tenho a honra, senhor, de lhe pedir que não entre mais naquele jardim. Eu mesmo, depois da abertura do testamento, não pus o pé naquela casa, que, como tive a honra de lhe dizer, faz parte da sucessão da sra. de Merret. Verificamos apenas as portas e as janelas a fim de estabelecer o valor do imposto que pago anualmente com os fundos destinados para esse fim pela falecida condessa. Ah, meu caro senhor, esse testamento fez muito ruído em Vendôme!" — nesse ponto, o digno senhor se deteve para assoar-se. Respeitei-lhe a loquacidade, compreendendo perfeitamente que a sucessão da sra. de Merret era o mais importante acontecimento da vida do homenzinho, toda a sua reputação, sua glória, sua Restauração.[459] Tinha de dizer adeus aos meus sonhos, aos meus romances; não resisti, pois, ao prazer de conhecer a verdade de modo oficial. "Senhor", disse eu, "será indiscrição perguntar-lhe os motivos dessa singularidade?". Ao ouvir tais palavras, pelo rosto do notário perpassou um ar que exprimia todo o contentamento que sentem os homens que têm um *cavalo de batalha*, quando montam nele. Levantou a gola da camisa com certa fatuidade, puxou da tabaqueira, abriu-a, ofereceu-me rapé e, ante a minha recusa, serviu-se de abundante pitada. Estava feliz! Um homem que não tem seu cavalo de batalha ignora todo o partido que dele se pode tirar na vida. Um cavalo de batalha é o termo médio exato entre uma paixão e a monomania. Naquele momento compreendi em toda a sua extensão a bela expressão de Sterne,[460] e tive uma ideia completa da alegria com que o tio Toby cavalgava, com o auxílio de Trim, seu cavalo de batalha. "Cavalheiro", disse-me o sr. Regnault, "fui primeiro praticante

do notário Roguin,[461] em Paris. Excelente escritório, do qual talvez tenha ouvido falar, não? Entretanto, uma infeliz falência tornou-o célebre. Não tendo fortuna suficiente para fazer negócio em Paris, dado o preço que alcançaram os cargos em 1816, vim aqui comprar o escritório de meu predecessor. Tinha parentes em Vendôme, entre outras uma tia muito rica, que me deu a filha em casamento. Senhor", continuou depois de breve pausa, "três meses depois de ter sido empossado pelo chanceler, guarda dos selos, fui chamado uma noite, no momento em que me ia deitar (ainda não estava casado), pela sra. condessa de Merret ao seu castelo de Merret. A criada de quarto da condessa, uma boa rapariga que hoje trabalha nesta hospedaria, estava esperando-me na porta com a caleça da condessa. Ah, um momentinho! Devo dizer-lhe, senhor, que o conde de Merret tinha ido morrer em Paris dois meses antes de minha vinda para cá. Lá morreu miseravelmente entregando-se a excessos de toda natureza. Compreende? No dia de sua partida, a senhora condessa abandonara a Grande Ameia e a desmobiliara. Algumas pessoas julgam até que ela tenha queimado os móveis, as tapeçarias, enfim, todos os objetos, em geral, que guarneciam o local presentemente alugados pelo dito senhor… (Ora essa, que estou a dizer?! Perdão, parecia-me estar ditando um contrato.) Que ela os queimou", continuou, "no prado de Merret. Já foi a Merret, senhor? Não", disse, dando ele próprio a resposta. "Ah, é um lugar muito bonito! Fazia três meses mais ou menos", continuou dizendo depois de um pequeno meneio de cabeça, "o senhor conde e a senhora condessa tinham vivido de um modo estranho; não recebiam mais ninguém, a senhora morava no andar térreo e ele no primeiro andar. Quando a senhora condessa ficou só, não se mostrou mais, a não ser na igreja. Mais tarde, em seu castelo, recusou receber os amigos e as amigas que foram visitá-la. Já estava muito mudada no momento em que deixou a Grande Ameia para ir a Merret. A querida senhora… (digo querida porque este diamante foi presente dela; aliás, só a vi uma vez!). A boa dama estava muito doente; com certeza tinha perdido toda esperança de cura, porquanto morreu sem querer chamar médico, motivo pelo qual muitas senhoras daqui pensaram que ela não estava regulando bem. Minha curiosidade,

senhor, subiu de ponto ao saber que a sra. Merret necessitava dos meus serviços. Não era eu o único a interessar-se por tal história. Nessa mesma noite, embora já fosse tarde, toda a cidade soube que eu ia a Merret. A criada de quarto respondeu um tanto vagamente às perguntas que lhe fiz no caminho; não obstante, disse-me que sua patroa fora sacramentada durante o dia pelo cura de Merret e que parecia não passar daquela noite. Cheguei ao castelo cerca das onze horas. Subi a grande escadaria. Depois de ter atravessado grandes salas altas e escuras, frias e úmidas a não mais poder, cheguei ao quarto de dormir de aparato onde se achava a senhora condessa. Segundo os rumores que ocorriam a respeito dessa senhora (eu não acabaria nunca, senhor, se lhe repetisse todas as histórias que se contavam dela!), eu a imaginava como uma coquete, pois tive um trabalhão para achá-la no grande leito em que ela jazia. É verdade que, para iluminar aquele enorme quarto de frisos do Antigo Regime, e tão coberto de pó que era capaz de fazer espirrar só de olhar para ele, havia apenas uma dessas antigas lâmpadas de Argant.[462] Ah. mas o senhor não foi a Merret! Pois bem, a cama era uma dessas de antigamente, com um dossel alto, guarnecido de chita com ramagens. Uma pequena mesa de cabeceira estava junto à cama e em cima dela vi uma *Imitação de Cristo*,[463] a qual, entre parênteses, comprei para minha mulher, bem como a lâmpada. Havia também uma grande *bergère* para a governanta e duas cadeiras. Não havia fogo, de resto. Era esse o mobiliário. Isso não daria dez linhas num inventário. Ah, meu caro senhor, se tivesse visto, como eu vi então, aquele vasto quarto forrado de tapeçarias escuras, julgar-se-ia transportado para uma verdadeira cena de romance. Aquilo era glacial, ou, por outra, fúnebre", acrescentou, erguendo os braços num gesto teatral e fazendo uma pausa. "À força de olhar, ao aproximar-me do leito, acabei vendo a sra. Merret, graças ainda à luz da lâmpada, cujo clarão caía sobre os travesseiros. Seu rosto estava amarelo como cera e se assemelhava a duas mãos juntas. A senhora condessa estava com uma touca de renda que deixava ver lindos cabelos, mas brancos como linho. Estava sentada e parecia manter-se na posição com grande dificuldade. Seus grandes olhos negros, abatidos sem dúvida pela febre, e já quase

mortos, apenas se moviam, sob os ossos onde estão as sobrancelhas. Isto”, disse ele mostrando-me a arcada orbitária. “Sua fronte estava úmida. Suas mãos descarnadas pareciam ossos recobertos com uma pele tenra; as veias e os músculos viam-se perfeitamente bem. Devia ter sido muito bonita, mas, naquele momento, ante seu aspecto, senti-me tomado de não sei que sentimento. Jamais, ao dizer dos que a amortalharam, um ser vivente alcançara seu estado de magreza sem morrer. Enfim, era espantoso vê-la! A doença tinha de tal forma consumido aquela mulher que já não era mais do que um fantasma. Seus lábios, de um violeta pálido, pareceram-me imóveis, quando me falou. Embora minha profissão me tenha familiarizado com esses espetáculos, por me levar às vezes à cabeceira de moribundos, a fim de receber suas últimas vontades, confesso que as famílias debulhadas em pranto e as agonias que vi nada eram ao lado daquela mulher solitária e silenciosa naquele vasto castelo. Eu não ouvia o menor ruído, não via o movimento que a respiração da doente deveria imprimir às cobertas que a recobriam, e fiquei completamente imóvel, entretido a olhá-la com uma espécie de estupor. Parece-me que ainda estou lá! Por fim seus grandes olhos moveram-se, ela tentou erguer a mão direita, que tornou a cair sobre o leito, saíram-lhe da boca, como um sopro, pois sua voz já não era mais voz, as seguintes palavras: ‘Esperava-o com muita impaciência!’. Suas faces coloriram-se vivamente. Falar era um esforço para ela. ‘Senhora’, disse-lhe eu. Fez-me um sinal para que me calasse. Nesse momento, a velha camareira levantou-se e disse-me ao ouvido: ‘Não fale, a senhora condessa não está em condições de ouvir o menor ruído, e o que o senhor lhe dissesse poderia agitá-la’. Sentei-me. Instantes depois, a sra. de Merret lançou mão de todas as forças que ainda lhe restavam a fim de mover o braço direito, levou-o, não sem grande trabalho, para baixo do travesseiro, deteve-se durante um instante; depois, fez um último esforço para retirar a mão, e, quando agarrou um papel lacrado, gotas de suor caíram-lhe da fronte. ‘Confio-lhe meu testamento’, disse ela. ‘Ah, meu Deus! Ah!’ E foi tudo. Pegou um crucifixo que estava em cima da cama, levou-o rapidamente aos lábios e morreu. A expressão de seus olhos fixos causa-me ainda arrepios quando penso nisso. Ela devia ter sofrido muito! Havia alegria

no seu último olhar, sentimento que continuou gravado nos seus olhos sem vida. Trouxe o testamento e, quando foi aberto, vi que a sra. de Merret nomeara-me seu executor testamentário. Legava a totalidade de seus bens ao hospital de Vendôme, salvo alguns legados particulares. Mas eis aqui quais foram suas disposições relativas à Grande Ameia. Recomendava-me que deixasse essa casa, durante cinquenta anos completos, contados do dia de sua morte, no estado em que se achasse no momento de seu trespasse, proibindo a quem quer que fosse a entrada nos apartamentos, não consentindo em que se lhes fizesse o mínimo reparo e estabelecendo até uma renda a fim de estipendiar guardas, caso fosse preciso, para assegurar a inteira execução de suas intenções. Ao expirar esse prazo, se a vontade da testadora tiver sido respeitada, a casa deverá pertencer aos meus herdeiros, porque, como o senhor deve saber, os notários não podem aceitar legados; não sendo assim, a Grande Ameia reverterá a quem de direito, com a condição, porém, de cumprir as indicações mencionadas num codicilo anexo ao testamento, e que só deve ser aberto ao expirar o prazo dos supraditos cinquenta anos. O testamento não foi impugnado, e, portanto...". Ao dizer essas palavras e sem terminar a frase, o oblongo notário olhou-me com ar de triunfo; deixei-o completamente feliz dirigindo-lhe alguns cumprimentos. "Senhor", disse-lhe eu por fim, "impressionou-me tão vivamente, que me parece ver essa moribunda mais pálida do que seus lençóis; seus olhos cintilantes causam-me medo, e esta noite sonharei com ela. Mas o senhor deve ter formulado algumas conjeturas sobre as cláusulas contidas nesse estranho testamento." "Senhor", respondeu-me com cômica reserva, "nunca me permito julgar o procedimento das pessoas que me honraram com a dádiva de um diamante." Daí a pouco fiz soltar-se a língua do escrupuloso notário de Vendôme, o qual me comunicou, não sem longas digressões, as observações feitas pelos profundos políticos dos dois sexos, cujas sentenças são leis em Vendôme. Essas observações, porém, eram tão contraditórias, tão difusas, que quase adormeci, apesar do interesse que eu tomava por aquela autêntica história. O tom pesado e o acento monótono daquele notário, com certeza acostumado a ouvir-se a si mesmo e a se fazer

ouvir pelos clientes ou por seus conterrâneos, triunfaram sobre a minha curiosidade. Felizmente ele se foi. “Ah! Ah, meu caro senhor”, disse-me na escada, “muita gente gostaria de viver mais quarenta e cinco anos; mas um momentinho!” E pôs o indicador da mão direita, com ar finório, sobre a venta, como se quisesse dizer “preste bem atenção a isto!”. “Para ir até lá”, disse ele, “é preciso não ser sexagenário.” Fechei a porta, após ter sido tirado de minha apatia por essa última saída que o notário achou muito espirituosa; depois, sentei-me na minha poltrona, pondo os pés nas grades da lareira. Mergulhei num romance à Radcliffe,[464] arquitetado sobre os dados jurídicos do sr. Regnault, quando minha porta, manobrada pela hábil mão de uma mulher, girou sobre os gonzos. Vi chegar minha hospedeira, mulher avantajada e jovial, de bom humor, que errara a vocação: era uma flamenga que deveria ter nascido numa tela de Teniers.[465] “E então, senhor?”, disse-me ela. “O sr. Regnault com certeza empurrou-lhe sua história da Grande Ameia, não?” “Sim, tia Lepas.” “Que lhe disse ele?” Repeti-lhe em poucas palavras a tenebrosa e fria história da sra. de Merret. A cada frase minha hospedeira espichava o pescoço, olhando-me com perspicácia de estalajadeira, espécie de meio-termo entre o instinto do gendarme, a astúcia do espião e a manha do comerciante. “Minha cara sra. Lepas!”, acrescentei ao terminar. “Parece-me que sabe muito mais, hein? Do contrário, por que motivo teria subido a meu quarto?” “Ah! palavra de mulher honrada, tão verdade como eu me chamar Lepas...” “Não jure, seus olhos estão pejados de segredo. Conheceu o sr. de Merret, não? Que espécie de homem era?” “Para falar a verdade, o sr. de Merret, acredite, era um belo homem que a gente nunca acabava de ver, de tão comprido que era! Um digno gentil-homem que viera da Picardie e que tinha, como dizemos por aqui, a cabeça junto ao boné.[466] Pagava tudo de contado para não ter questões com ninguém. Já vê o senhor que ele era vivo! As nossas damas achavam-no muito amável.” “Por ser ele vivo?”, perguntei. “É bem possível”, disse ela. “Bem deve imaginar, senhor, que era preciso que ele tivesse alguma coisa diante de si para casar-se com a sra. de Merret, que, seja dito sem desfazer dos outros, era a dama mais linda e mais rica do Vendôme. Tinha cerca de vinte mil

libras de renda. Toda a cidade assistiu ao casamento. A noiva era graciosa e atraente, uma verdadeira joia. Ah, os dois formavam um belo par, naquele tempo!” “Foram felizes no casamento?” “Hum, hum! Sim e não, tanto quanto se possa presumir, porque bem deve imaginar que nós outros não comíamos na mesma gamela que eles! A condessa de Merret era uma boa senhora, muito gentil, que devia, talvez, algumas vezes, sofrer bastante com as vivacidades do marido; mas a este, embora um pouco altivo, nós queríamos bem. Ora! Tinha de ser assim pelas suas condições. Quando se é nobre, vê o senhor...” “Entretanto deve ter havido por força alguma catástrofe para que o sr. e a sra. de Merret se separassem tão violentamente?” “Eu não disse que tivesse havido catástrofe, meu senhor. Não sei de nada.” “Bem. Tenho certeza agora que a senhora sabe de tudo.” “Pois bem, meu senhor, vou contar-lhe tudo. Quando vi o sr. Regnault subir aos seus aposentos, logo pensei que ele lhe falaria da sra. de Merret, a propósito da Grande Ameia. Isso lembrou-me consultar o senhor, que me parece um homem avisado e incapaz de trair uma pobre mulher como eu, que nunca fez mal a ninguém e que apesar disso vive atormentada pela própria consciência. Até agora não me animei a abrir-me com a gente da terra; são todos uns conversadores de língua ferina. Enfim, senhor, ainda não tive um viajante que tenha ficado tanto tempo na minha hospedaria e ao qual eu pudesse contar a história dos quinze mil francos...” “Minha querida sra. Lepas”, respondi, interrompendo-lhe o fluxo de palavras, “se sua confidência é de natureza a comprometer-me, por coisa alguma deste mundo eu quisera ouvi-la.” “Não tenha medo”, disse ela atalhando-me. “O senhor vai ver.” Essa solicitude fez-me crer que eu não era o único a quem minha boa hospedeira houvesse participado o segredo do qual eu devia ser o único depositário, e por isso dispus-me a ouvir. “Quando o imperador”, disse ela, “mandou para cá uns espanhóis prisioneiros de guerra ou de outra espécie, eu tive de hospedar, por conta do governo, um jovem espanhol mandado a Vendôme sob palavra. Não obstante a palavra dada, ele ia todos os dias apresentar-se ao subprefeito. Era um Grande da Espanha! Se lhe parece! Tinha um nome com *os* e com *dia*, coisa como Bagos de Feredia. Escrevi o nome dele nos meus registros, onde o senhor o

poderá ler, se quiser. Oh, para um espanhol era um belo rapaz, pois, segundo dizem, todos eles são feios. Não tinha mais de cinco pés e duas ou três polegadas, mas era bem-feito de corpo; tinha mãos pequenas que cuidava muito, ah, era preciso ver. Tinha tantas escovas para as mãos quantas uma mulher tem para todas as suas *toilettes*! Seus cabelos eram compridos e negros, e os olhos de fogo, a tez um tanto acobreada, mas que assim mesmo me agradava. A roupa branca que usava era tão fina como nunca eu tinha visto em outra pessoa, e no entanto já hospedei princesas, e entre outros o general Bertrand,[467] o duque e a duquesa de Abrantes,[468] o sr. Decazes[469] e o rei da Espanha. Não comia grande coisa, mas tinha uns modos tão corteses, tão amáveis, que não se lhe podia querer mal. Oh, eu queria-lhe muito, embora ele não dissesse quatro palavras por dia e fosse impossível ter com ele qualquer conversa; se a gente lhe falava, ele não respondia; era um tique, uma mania que eles todos têm, conforme fui informada. Lia o seu breviário como um padre, ia à missa e a todos os ofícios regularmente. Onde se metia ele? Notamos isso mais tarde: a dois passos da capela da sra. de Merret. Como ele se colocou ali desde a primeira vez que foi à igreja, ninguém imaginou que houvesse uma segunda intenção naquilo. De resto, o pobre rapaz não tirava o nariz do seu livro de orações! E daí, meu senhor, à tarde ele passeava pela montanha, nas ruínas do castelo. Era o único divertimento do pobre moço; isso lhe lembrava a sua terra. Dizem que na Espanha é só montanhas! Desde os primeiros dias de sua detenção, ele se atrasou. Fiquei inquieta não o vendo voltar senão ao bater meia-noite, mas nos habituamos às suas fantasias; ele ficou com a chave da porta e nós não o esperávamos mais. Ele morava na casa que temos na rue des Casernes. Daí então, um dos nossos cavalariços nos disse que, uma tarde, ao ir banhar os cavalos, julgou ter visto o Grande da Espanha nadando ao longe, no rio, como um verdadeiro peixe. Quando voltou, eu lhe disse que tomasse cuidado com as ervas aquáticas; ele se mostrou contrariado por ter sido visto dentro da água. Enfim, meu senhor, um dia, ou antes, uma manhã, nós não o achamos mais no seu quarto; ele não tinha voltado. À força de remexer por toda a parte, vi um escrito na gaveta da sua mesa onde havia cinquenta moedas de

ouro, espanholas, que se chamam *portuguesas* e que valiam mais ou menos cinco mil francos; e além disso diamantes, numa caixinha selada, no valor de dez mil francos. O escrito dizia que, no caso de ele não voltar, nos deixava aquele dinheiro e aqueles diamantes com o encargo de mandarmos dizer missas para agradecer a Deus por sua evasão e sua salvação. Naquele tempo eu ainda tinha o meu homem, que saiu em busca do rapaz. E agora vai o engraçado do caso! Ele voltou com as roupas do espanhol encontradas embaixo de uma grande pedra numa espécie de estacada, à beira do rio, do lado do castelo, pouco mais ou menos em frente à Grande Ameia. Meu marido foi lá tão cedo que ninguém o viu. Queimou as roupas depois de ter lido a carta, e nós declaramos, de acordo com o desejo do conde Feredia, que este se havia evadido. O subprefeito pôs toda a polícia no seu encalço; mas, puf!, não o puderam pegar. Meu marido acreditou que o espanhol se tivesse afogado. Quanto a mim, senhor, não o creio, antes penso que de qualquer forma ele está metido no assunto da sra. de Merret, visto que Rosália me disse que o crucifixo que a patroa dela queria tanto, a ponto de se fazer enterrar com ele, era de ébano e prata; ora, nos primeiros tempos de sua estada, o sr. Feredia tinha um de ébano e prata que não tornei a ver mais. E agora, meu senhor, não acha que não devo ter remorsos dos quinze mil francos do espanhol e que eles são bem meus?" "Certamente. Mas a senhora não tentou fazer perguntas a Rosália?", disse-lhe eu. "Oh, sim, senhor. Que quer! Essa rapariga é um túmulo. Ela sabe de alguma coisa, mas não se consegue fazê-la falar." Depois de ter conversado durante algum tempo comigo, minha hospedeira deixou-me empolgado por pensamentos vagos e tenebrosos, por uma curiosidade romanesca, por um terror religioso bastante parecido ao sentimento profundo que se apodera de nós, quando entramos à noite numa igreja sombria, onde entrevemos uma luz fraca, ao longe, sob as altas arcadas; uma figura indecisa desliza, um farfalhar de vestido ou de sotaina faz-se ouvir... nós estremecemos. A Grande Ameia com seus altos espinhais, suas janelas condenadas, suas portas fechadas, suas grades enferrujadas, seus apartamentos desertos, apresentou-se repentinamente de modo fantástico diante de mim. Tentei penetrar naquela misteriosa habitação buscando a chave

daquela história solene, o drama que matara três pessoas. Rosália tornou-se para mim o ser mais interessante de Vendôme. Descobri, ao analisá-la, vestígios de um pensamento íntimo, não obstante a saúde brilhante que resplandecia em seu rosto rechonchudo. Havia nela um princípio de remorso ou de esperança; sua atitude denunciava um segredo, como a das devotas que rezam em excesso, ou a da rapariga infanticida que ouve continuamente o grito de seu filhinho. Seu modo de ser, entretanto, era ingênuo e grosseiro, seu sorriso simplório nada tinha de criminoso, e para julgá-lo inocente bastava ver o grande lenço de xadrez, vermelho e azul, que recobria seu busto vigoroso, enquadrado, apenado, amarrado por um vestido de listras brancas e violeta. “Não”, pensei eu, “não sairei de Vendôme sem saber toda a história da Grande Ameia. Para alcançar meus fins far-me-ei amigo de Rosália, se for absolutamente indispensável.” “Rosália!”, disse-lhe uma noite. “Que deseja, senhor?” “Não é casada?” Ela estremeceu ligeiramente. “Oh, não me faltarão homens, quando me der na fantasia ser infeliz!”, disse ela a rir. Refez-se depressa da emoção íntima, pois todas as mulheres, desde a grande dama até as criadas de taberna, inclusive, têm um sangue-frio que lhes é peculiar. “Você é bastante viçosa e bastante apetitosa para que não lhe escasseiem apaixonados! Mas, diga-me, Rosália, por que motivo se fez criada da hospedaria ao deixar a sra. de Merret? Não lhe deixou ela nenhuma renda?” “Oh, deixou, sim senhor! Mas este emprego é o melhor de toda Vendôme.” Essa resposta era uma das tais que os juízes e os advogados denominam *dilatórias*. Rosália parecia-me nesta história situada como a casa que está no meio de um tabuleiro de damas; estava no próprio centro do interesse e da verdade; afigurava-se-me atada no nó. Não era mais uma sedução comum a tentar; havia naquela rapariga o último capítulo de um romance; por isso, desde aquele momento, Rosália tornou-se alvo da minha predileção. À força de estudar essa rapariga, notei nela, como em todas as mulheres de que fazemos nosso pensamento principal, uma porção de qualidades; era asseada, cuidadosa; bonita, já se deixa ver; breve teve todos os atrativos que nosso desejo empresta às mulheres, seja qual for a sua situação. Quinze dias depois da visita do notário, uma noite, ou melhor, uma manhã,

pois era muito cedo, eu disse a Rosália: “Queres contar-me tudo o que sabes a respeito da sra. de Merret?”. “Oh!”, respondeu ela aterrorizada. “Não me peça isso, sr. Horácio.” Seu belo rosto tornou-se sombrio, suas cores vivas e animadas empalideceram e seus olhos não tiveram mais seu inocente brilho úmido. “Pois bem!”, volveu. “Uma vez que o quer, vou contá-lo, mas guarde-me bem o segredo!” “Vamos, minha pobre filha, guardarei todos os teus segredos com probidade de ladrão, que é a mais leal que existe.” “Se não lhe faz diferença”, disse ela, “prefiro que seja com a sua.” E aí ela endireitou a manta do pescoço e pôs-se em posição para narrar, pois há, certamente, uma atitude de confiança e de seguridade necessária para contar uma história. As melhores narrativas são feitas em certas horas, como nesta em que estamos à mesa. Ninguém narra bem de pé ou de estômago vazio. Mas se fosse preciso reproduzir fielmente a difusa eloquência de Rosália, um volume inteiro mal daria. Ora, como os fatos de que ela me deu um confuso conhecimento acham-se situados entre a tagarelice do notário e a da sra. Lepas, tão exatamente quanto os termos médios de uma proporção aritmética estão entre os dois extremos, nada mais tenho a fazer senão referi-los em poucas palavras. Portanto resumo. O quarto que a sra. de Merret ocupava na Grande Ameia estava situado no andar térreo. Um pequeno gabinete de quatro pés de profundidade, feito no interior da parede, servia-lhe de guarda-roupa. Três meses antes da noite cujos acontecimentos lhes vou contar, a sra. de Merret estivera seriamente indisposta para que o marido a deixasse sozinha nos seus aposentos, e ele dormia num quarto do primeiro andar. Por um desses acasos impossíveis de prever, ele voltou, naquela noite, duas horas mais tarde do que de costume do clube aonde ia ler os jornais e conversar sobre política com os habitantes da localidade. Sua esposa julgava-o de volta, deitado, adormecido. Mas a invasão da França fora objeto de uma discussão muito animada; a partida de bilhar se aquecera, ele tinha perdido quarenta francos, soma enorme em Vendôme, onde todos entesouram, e onde os costumes são contidos nos limites de uma modéstia digna de louvores, fonte talvez de uma felicidade de que nenhum parisiense faz caso. Já havia algum tempo que o sr. de Merret se contentava em perguntar a Rosália se sua esposa

estava deitada, e, ante a resposta sempre afirmativa da rapariga, ele ia imediatamente para os seus aposentos, com a bonomia que deriva do hábito e da confiança. Ao entrar, veio-lhe à mente ir aos aposentos da sra. de Merret para contar-lhe o seu desastre e talvez também para se consolar. Durante o jantar achara que a sra. de Merret estava sedutoramente ataviada; dizia consigo, no caminho do clube à casa, que a esposa já não devia estar indisposta, que a convalescença a tinha embelezado e começava a aperceber-se do fato, como os maridos se apercebem de tudo, um pouco tarde. Em vez de chamar Rosália, que naquele momento estava ocupada na cozinha em ver a cozinheira e o cocheiro jogar um lance difícil de bisca, o sr. de Merret dirigiu-se ao quarto da esposa, à luz de sua lanterna que tinha deixado no primeiro degrau da escada. Seu passo, fácil de reconhecer, repercutia sob as abóbadas do corredor. No momento em que o gentil-homem fez girar a chave do quarto da mulher, teve a impressão de que ouvira fechar a porta do gabinete de que lhes falei; mas, quando entrou, a sra. de Merret estava sozinha, de pé, diante da lareira. O marido ingenuamente pensou que Rosália estivesse no gabinete; contudo, uma suspeita que lhe tilintou no ouvido com um rumor de sinos deixou-o desconfiado; olhou para a mulher e achou-lhe nos olhos não sei quê de turvo e de felino. “Volta bem tarde, hoje”, disse ela. Aquela voz habitualmente tão pura e graciosa pareceu-lhe levemente alterada. O sr. de Merret nada respondeu, pois Rosália entrou naquele momento. Aquilo para ele foi como um raio. Passeou pelo quarto, indo de uma janela à outra, num movimento uniforme e com os braços cruzados. “Teve alguma notícia triste, ou não está se sentindo bem?”, perguntou-lhe timidamente a esposa, enquanto Rosália a despia. Ele manteve-se calado. “Retire-se”, disse a sra. de Merret à sua criada, “eu mesma porei os papelotes.” Ela pressentiu alguma desgraça, só pelo aspecto do rosto do marido, e quis ficar a sós com ele. Depois que Rosália se retirou, ou pareceu retirar-se, pois permaneceu alguns momentos no corredor, o sr. de Merret postou-se diante da mulher e lhe disse friamente: “Senhora, há alguém no seu gabinete!”. Ela fitou o marido com ar calmo e respondeu-lhe com simplicidade: “Não, senhor”. Essa expressão afligiu o sr. de Merret, que nela não cria; e, contudo, nunca

sua mulher lhe parecera mais pura, nem mais religiosa do que aparentava naquele momento. Levantou-se para ir abrir o gabinete; a sra. de Merret pegou-o pela mão, deteve-o, olhou-o com ar melancólico e disse-lhe com voz estranhamente comovida: “Se não achar ninguém, lembre-se de que tudo estará acabado entre nós!”. A incrível dignidade estampada na atitude da esposa restituiu ao gentil-homem uma profunda estima por ela e inspirou-lhe uma dessas resoluções às quais nada mais falta do que um mais vasto cenário para se tornarem imortais. “Não, Josefina”, disse ele, “não irei. Quer num, quer noutro caso, nós nos veríamos separados para sempre. Ouve-me, conheço toda a pureza da tua alma e sei que levas uma vida santa; não quererias cometer um pecado mortal à custa de tua vida.” A essas palavras, a sra. de Merret olhou para o marido com um olhar desvairado. “Toma, aqui tens teu crucifixo”, acrescentou ele. “Jura-me perante Deus que não está ali ninguém; eu te acreditarei e jamais abrirei essa porta.” A sra. de Merret tomou o crucifixo e disse: “Juro”. “Mais alto!”, disse o marido. “E repete: ‘Juro perante Deus que não há ninguém naquele gabinete’.” Ela repetiu a frase sem se perturbar. “Está bem”, disse friamente o sr. de Merret, e após um momento de silêncio: “Tem aqui um belo objeto que eu não conhecia”, disse, examinando o crucifixo de ébano incrustado de prata, e muito artisticamente esculpido. “Achei-o em casa de Duvivier, o qual, quando aquele bando de prisioneiros passou por Vendôme, o ano passado, comprara-o a um religioso espanhol.” “Ah!”, fez o sr. de Merret repondo o crucifixo no prego, e tocou a campainha. Rosália não se fez esperar. O sr. de Merret foi vivamente ao seu encontro, levou-a para o vão de uma janela que dava para o jardim e disse-lhe em voz baixa: “Sei que Gorenflot quer desposar-te, que somente a pobreza impede que vocês se casem e que lhe disseste que não serias sua mulher enquanto ele não achasse meios de se tornar oficial de pedreiro… Pois bem! Vai buscá-lo, dize-lhe que traga sua trolha e demais ferramentas. Faze de modo a não despertar mais ninguém em casa a não ser ele; a fortuna dele ultrapassará os teus desejos. Sobretudo sai daqui sem conversar, senão…”. Franziu o sobrolho. Rosália saiu, mas ele tornou a chamá-la. “Toma a minha chave de trinco”, disse ele. “João!”, gritou em seguida com voz

atroadora, no corredor. João, que era ao mesmo tempo cocheiro e homem de confiança do sr. de Merret, deixou sua partida de bisca e veio. “Vão todos deitar-se”, disse-lhe o patrão, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse, e acrescentou, mas em voz baixa: “Quando todos estiverem dormindo, *dormindo*, compreendeste bem?, descerás para me prevenir”. O sr. de Merret, que não perdera a esposa de vista enquanto dava as suas ordens, voltou tranquilamente para o lado dela, junto ao fogo, e pôs-se a contar-lhe os incidentes da partida de bilhar e as discussões do clube. Quando Rosália voltou, viu o sr. de Merret e a esposa conversando muito amigavelmente. O gentil-homem tinha feito recentemente estudar todas as peças que compunham seu apartamento de recepções no rés do chão. Como o gesso é escasso em Vendôme e o transporte o encarece muito, o gentil-homem fizera vir uma quantidade bastante grande, sabendo que sempre acharia numerosos compradores para o que lhe sobrasse. Essa circunstância inspirou-lhe o projeto que pôs em execução. “Senhor, Gorenflot está aí”, disse Rosália em voz baixa. “Manda entrar”, respondeu em voz alta o gentil-homem da Picardie. A sra. de Merret empalideceu levemente ao ver o pedreiro. “Gorenflot”, disse o marido, “vai buscar uns tijolos no alpendre e traze o bastante para murar a porta desse gabinete; empregarás o gesso que me sobre para rebocar a parede.” Depois, chamando para junto dele Rosália e o operário: “Escuta, Gorenflot”, disse em voz baixa, “dormirás aqui esta noite. Mas amanhã terás um passaporte para ir ao estrangeiro, a uma cidade que designarei. Vou dar-te seis mil francos para a tua viagem. Ficarás dez anos nessa cidade; se não te agradares dela, poderás estabelecer-te noutra, contanto que seja no mesmo país. Passarás por Paris, onde me esperarás. Lá eu te garantirei, por um contrato, outros seis mil francos, que te serão pagos à tua volta, no caso de teres cumprido as cláusulas de nosso convênio. Nessas condições, deverás guardar o mais profundo segredo sobre o que tiveres feito aqui esta noite. Quanto a ti, Rosália, eu te darei dez mil francos, que só te serão entregues no dia de teu casamento, e com a condição de desposares Gorenflot; mas, para se casarem, é preciso ficar calados. Do contrário, não haverá dote”. “Rosália”, disse a sra. de Merret, “venha pentear-me.” O marido passeava tranquilamente de um lado para

outro, vigiando a porta, o pedreiro e sua esposa, mas sem deixar transparecer uma desconfiança injuriosa. Gorenflot foi obrigado a fazer barulho. A sra. de Merret aproveitou um momento em que o operário descarregava os tijolos e em que o marido se achava na extremidade do quarto para dizer a Rosália: “Mil francos de renda para ti, minha querida filha, se puderes dizer a Gorenflot que deixe uma fenda embaixo”. Depois, em voz alta, disse à criada, com sangue-frio: “Vai ajudá-lo!”. O sr. e a sra. de Merret permaneceram calados durante todo o tempo empregado por Gorenflot para murar a porta. Esse silêncio por parte do marido era calculado, pois não queria fornecer à mulher pretexto para proferir palavras de duplo sentido; e, por parte da sra. de Merret, era prudência ou altivez. Quando o muro estava na metade da sua altura, o esperto pedreiro aproveitou um momento em que o gentil-homem estava de costas para dar um golpe com o alvião num dos dois vidros da porta. Esse ato fez com que a sra. de Merret compreendesse ter Rosália falado a Gorenflot. Os três viram então um rosto de homem, moreno e sombrio, de cabelos negros e olhar de fogo. Antes que o marido se voltasse, a pobre mulher teve tempo de fazer um sinal com a cabeça ao estrangeiro, para quem esse sinal queria dizer: “Espere!”. Às quatro horas, ao clarear o dia, pois estava-se no mês de setembro, a obra ficou concluída. O pedreiro permaneceu sob a custódia de João e o sr. de Merret dormiu no quarto da esposa. Pela manhã, ao levantar-se, ele disse com indiferença: “Ah, com os diabos! Tenho de ir à *mairie* por causa do passaporte”. Pôs o chapéu na cabeça, deu três passos na direção da porta, reconsiderou, pegou o crucifixo. Sua esposa estremeceu de contentamento. “Ele vai à casa de Duvivier”, pensou. Assim que o gentil-homem partiu, ela tocou a sineta chamando Rosália; depois, com voz terrível: “O alvião! O alvião!”, exclamou. “E mãos à obra! Ontem vi como Gorenflot trabalhava, teremos tempo de fazer um buraco e depois tapá-lo.” Num abrir e fechar de olhos, Rosália trouxe uma espécie de *merlim* para sua patroa, que, com um ardor que não é possível descrever, pôs-se a demolir o muro. Já tinha feito saltar alguns tijolos, quando, ao tomar impulso para dar um golpe mais vigoroso ainda do que os outros, viu o sr. de Merret atrás de si. Desmaiou. “Ponha a senhora na cama”, disse o

gentil-homem friamente. Prevendo o que se iria passar durante sua ausência, preparara aquela armadilha para a esposa; contentara-se simplesmente em escrever ao *maire*[470] e mandara chamar Duvivier. O joalheiro chegou no momento em que a desordem do apartamento acabava de ser reparada. “Duvivier”, perguntou-lhe o gentil-homem, “não comprou o senhor crucifixos dos espanhóis que passaram por aqui?” “Não, senhor.” “Bem, agradeço-lhe”, disse-lhe trocando com a mulher um olhar de tigre. “João”, acrescentou, dirigindo-se a seu criado de confiança, “faça trazer minhas refeições ao quarto da sra. de Merret; ela está doente, e não a deixarei enquanto não estiver restabelecida.” O cruel gentil-homem conservou-se durante vinte dias junto à esposa. Nos primeiros momentos, quando no gabinete murado fazia-se algum ruído e Josefina queria implorar-lhe piedade para o desconhecido moribundo, ele atalhava sem lhe permitir dizer uma única palavra: “A senhora jurou sobre a cruz que ali não havia ninguém”.

Depois dessa narrativa, todas as damas ergueram-se da mesa e o encantamento sob o qual as mantivera Bianchon dissipou-se com esse movimento. Não obstante, algumas delas tinham quase sentido frio ao ouvir a última palavra.

Paris, junho 1839-1842

[1]*Etienne Geoffroy Saint-Hilaire* (1772-1844): célebre naturalista francês, professor de zoologia, campeão da teoria da composição orgânica na diversidade das espécies, a quem Balzac exalta no prefácio de *A comédia humana*.
[2]*Ídolo de Jaggernat*: alusão a uma prática dos fanáticos de Jaggernat ou Djaggernat, cidade da Índia, os quais em determinados dias de festa se atiram sob as rodas do carro gigantesco no qual a estátua do deus é carregada pelas ruas.
[3]*All is true*: "tudo é verdade" (em inglês no original). Nas edições anteriores a 1839, esta frase servia de epígrafe ao romance.
[4]*Catacumbas*: grande ossuário, numa das extensas pedreiras subterrâneas de Paris para onde foram transportados, por motivo de higiene, no século xviii, os despojos das gerações antigas enterradas em bairros residenciais, aos quais foram juntados os restos mortais de milhares de vítimas da Revolução Francesa. Hoje uma das curiosidades de Paris, visitadas pelos turistas.
[5]*Um mito do amor parisiense*: o Hospital dos Capuchinhos ou dos Venerianos do Faubourg Saint Jacques. — *O epigrama de Voltaire* traz o título de "Inscrição para uma Estátua do Amor" e reza assim no original: *Qui que tu sois*, *voici ton maître*; */ Il l'est*, *le fut ou doit être*.
[6]*Cenas de Telêmaco*: mais exatamente *Aventuras de Telêmaco* (1699), romance épico, em prosa, de Fénelon, imitação agrádavel das epopeias antigas, cheias de alusões e críticas indiretas ao reinado de Luís xvi; muito popular no século xviii. O herói é Telêmaco, filho de Ulisses, que parte à procura de seu pai; no decorrer de sua viagem chega à ilha da ninfa Calipso, que retivera Ulisses durante sete anos.
[7]*Incuráveis*: nome de um hospício em Paris, construído na rue de Sèvres em 1634 para acolher anciães indigentes e incapazes de ganhar a vida.
[8]*Argand*: físico suíço, inventor de um candeeiro de corrente de ar duplo.
[9]*Georges Cadoudal*: famoso conspirador monarquista, preso em 9 de março de 1804 e executado em 25 de junho do mesmo ano.
[10]*O general Pichegru*: cúmplice de Georges Cadoudal, que se suicidou na prisão em 5 de abril de 1804.
[11]*Eugênio de Rastignac*: uma das personagens mais importantes de *A comédia humana*, já encontrado acessoriamente (é ele quem conta a anedota de *Estudo de mulher*); é porém em *O pai Goriot* que o conhecemos de verdade.
[12]*Bourbe* ("lodo"): sobrenome dado outrora ao famoso convento de Port-Royal, transformado depois em maternidade.
[13]*Salpêtrière*: célebre hospício de Paris.
[14]*Jafé*: engano de Balzac. Na verdade, *Japeto*, lembrado na mitologia como pai de Prometeu, que roubou do céu o fogo para os homens. Considerado às vezes como antepassado de toda a humanidade; daí "filhos de Japeto" são todos os homens.
[15]*Seus Bertrands*: alusão a duas personagens de uma fábula de La Fontaine, *O macaco e o gato* (livro ix, fábula 16). O macaco Bertrand incita o gato Raton a tirar do fogo as castanhas, e depois as come ele mesmo. A metáfora significa, pois, mais ou menos isto: "um desses explorados que nem mesmo conhece seus exploradores".
[16]*Juvenal* (65-128 d.C.): poeta latino autor de famosas sátiras em que açoita os vícios de seu tempo com veemente indignação.
[17]*Macuba*: tabaco estimado de Macuba, na Martinica.
[18]*Marais*: antigo bairro de Paris, correspondente aos atuais iii e iv *arrondissements* (distritos), com muitos edifícios antigos.
[19]*Palais-Royal*: famosa construção de Paris, cujo pátio e galerias, cheios de lojas, serviam e servem ainda hoje de passeio.
[20]*Galerias de Madeira*: uma das galerias do Palais-Royal, guarnecida de barracas de madeira que serviam para lojas elegantes.
[21]*Bouef à la mode*: em português, Boi na moda, famoso restaurante da época, em cuja tabuleta o dono mandou pintar um boi vestido dos atavios elegantes da moda:

um chapéu, um xale etc.

[22]*Réaumur*: escala de temperatura concebida pelo físico de mesmo nome, em 1731. “Estar a zero de Réaumur” significa “estar no fim da linha”. (n. e.)

[23]*Collège de France*: universidade livre, existente até hoje, de grande prestígio.

[24]*Viscondessa de Beauséant*: uma das belas e grandes figuras femininas do mundo balzaquiano, cuja história é narrada na novela *A mulher abandonada*.

[25]*Prado*: salão de baile em frente ao Palácio da Justiça; existiu de 1807 a 1855.

[26]*Odéon*: teatro fundado em Paris em 1797; funciona ainda hoje como segundo teatro nacional, ao lado da Comédie Française.

[27]*Marquês de Ronquerolles*: irmão da condessa de Sérisy (*Uma estreia na vida*) e protagonista de *A história dos treze*.

[28]*Ossian*: herói e poeta lendário da Escócia do século iii, a quem James Macpherson (1736-1796) atribuiu uma coletânea de poemas de que era autor. Esses poemas, com sua atmosfera sombria, seus heróis cavalheirescos e suas heroínas irreais, exerceram grande influência sobre o Romantismo.

[29]*Bouffons*: nome que se dava, na sociedade, ao Théâtre des Italiens.

[30] Personagens de *A comédia humana*. *Maulincourt* aparece na *História dos treze*, assim como os *Ronquerolles*; *Máximo de Trailles* é encontrado em *Gobseck* e no fim de *Beatriz*; *de Marsay* desempenha um papel em *O contrato de casamento*; *d’Ajuda-Pinto* se revelará no presente romance; quanto aos dois *Vandenesse*, aparecem em *Uma estreia na vida*, e a vida familiar de um deles, Félix, é descrita em *Uma filha de Eva*.

[31] Personagens de *A comédia humana*. Lady *Brandon* é mãe de Maria Gastão (*Memórias de duas jovens esposas*), e seu trágico definhamento é narrado em *O Romeiral*; a *condessa de Kergarouët* deve ser a primeira esposa do conde Kergarouët (que em segundas núpcias desposa Emília de Fontaine, em *O baile de Sceaux*); a sra. *Sérisy* figura em *Uma estreia na vda*; a duquesa *de Carigliano* aparecem em *Ao “Chat-qui-Pelote”*; a *condessa Ferraud*, em primeiras núpcias condessa Chabert, é protagonista de *O coronel Chabert*; a sra. *de Lanty* figura em *O deputado de Arcis*; a marquesa *d’Aiglemont* é *A mulher de trinta anos*; a *sra. Firmiani* dá nome a um romance; a *marquesa de Listomère* é protagonista de *Estudo de mulher*; a marquesa *d’Espard* aparece em *A interdição*; a duquesa *de Maufrigneuse* é heroína de *Os segredos da princesa de Cadignan*; há várias *sras. Grandlieu* em *A comédia humana*, que aparecem em *Gobseck* e em *Beatriz*.

[32] A história desse amor é contada por Balzac em *A duquesa de Langeais*.

[33]*Han de São José*: parece querer dizer “um gemido do carpinteiro que trabalha” (São José era carpinteiro).

[34] Trata-se de *Augusto de Saxe* (1670-1733), que Balzac provavelmente confunde com seu filho, o marechal de Saxe, de uma força lendária.

[35] Versos da letra de *Joconda ou Os aventureiros*, ópera cômica de Nicolo (1814). Em francês: *J’ai longtemps parcouru le monde / Et l’on m’a vu de toute part... / Courtiser la brune ou la blonde, / Aimer, soupirer du hasard.*

[36]*Messageries Royales*: companhia oficial que até certo momento monopolizava os transportes. É porém possível, como observa Jean Boudout, que Vautrin, segundo seu costume, esteja brincando; esse amigo que viaja “pela companhia real de transportes” poderia muito bem ser um condenado a galés.

[37]*Gobseck*: essa personagem de Balzac é encontrada em *Gobseck*, novela cronologicamente posterior a *O pai Goriot*, mas que no plano de *A comédia humana* o precede.

[38] O *sistema de Gall*: Balzac também estudava, e com entusiasmo, as obras de Franz Joseph Gall (1758-1828), fundador da Frenologia, teoria das localizações cerebrais, e aplicou-lhe o sistema de interpretar as protuberâncias do crânio nos retratos de suas personagens.

[39] Tradução dos famosos versos de Malherbe na *Consolação de Du Périer*:
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'un martin.
[40] Primeiras palavras levemente deformadas de uma ária do *Matrimônio secreto*, de Cimarosa, em italiano: "Querido, querido, não duvides".
[41]*Marquês d'Ajuda-Pinto*: personagem de *A comédia humana*, jovem aristocrata português, frequentador dos salões mais brilhantes de Paris.
[42]*Srta. de Rochefide*: provavelmente uma parente do marquês Artur de Rochefide, marido de Beatriz, no romance de mesmo nome.
[43]*Corcel de Virgílio*: alusão a estes dois versos de Virgílio (*Geórgicas*, iii, 250-251): "Não vês como os cavalos fremem em todo o corpo,/ contanto que a brisa lhes traga uns eflúvios conhecidos?".
[44]*Atrele cinco bois a seu carro!*: reminiscência do encontro de Balzac com a condessa Hanska em 1833. Alusões como esta, disseminadas nos romances de Balzac, constituíam uma espécie de correspondência disfarçada para a amante distante.
[45]*Théâtre Italien* ou *Théâtre des ltaliens*: instalado em 1801 sob a direção de Montausier para representar óperas italianas; funcionou em várias salas até seu desaparecimento, em 1878.
[46]*Sérisy*: filho do conde e da condessa de Sérisy, encontrados em *Uma estreia na vida*.
[47]*Élysée*: o palácio deste nome, hoje residência do presidente da República, pertencia no começo da Restauração ao duque de Berny.
[48]*Oficiosa*: aqui, "mentirosa".
[49]*Eiusdem farinae*: expressão latina que, no sentido próprio, significa "da mesma farinha", mas geralmente é usada no sentido figurado: "da mesma laia". Aqui é empregado ao mesmo tempo nas duas acepções.
[50]*Ter esse velho noventa-e-três*: quer dizer "esse velho revolucionário". O ano de 1793 foi o dos excessos mais sangrentos da Revolução Francesa, em particular da execução dos girondinos.
[51]*Ariadne*: filha de Minos, deu a Teseu, seu namorado, um fio, graças ao qual o herói, depois de matar o Minotauro, conseguiu sair do labirinto onde o rei guardava esse monstro.
[52]*Ultima ratio mundi*: em latim no original "o supremo argumento do mundo".
[53]*Linha assíntota*: linha reta da qual os diferentes pontos de uma curva se aproximam cada vez mais sem alcançá-la nunca. O termo "paralelas" seria mais exato.
[54]*Padre eterno*: em francês "pai" e "padre" se exprimem pela mesma palavra, *père*.
[55]*Dolibans*: nome do pai rico que por pouco não casa a filha com um intrigante, numa peça da moda, *O surdo ou a hospedaria*, de Choudart des Forges.
[56] Um escudo valia três francos.
[57]*Ruffec*: localidade da região de Charente.
[58] Em francês: *L'on parle d'une dame et l'on se tait du reste*; imitação de um verso de Corneille: *On parle d'eaux, du Tibre, et l'on se tait du reste* ("Falam de águas, do Tibre, e calam quanto ao resto").
[59]*Joachim Murat* (1767-1815): cunhado de Napoleão; rei de Nápoles de 1808 a 1815, assinou a paz em separado com a Áustria, mas, como instigasse os italianos a uma guerra de independência, foi preso e fuzilado.
[60] Alusão a *Charles Bernadotte* (1763-1844), marechal da França, o qual, adotado por Carlos xiii, se tornou rei da Suécia em 1818, sob o nome de Carlos xiv.
[61]*Sorriso diogênico*: Diógenes, filósofo grego, era o principal representante da escola cínica.
[62]*Benvenuto Cellini* (1500-1571): famoso ourives, gravador e escultor italiano que teve uma existência cheia de aventuras, relatada em sua autobiografia.

[63] Jogar-se no Sena e ser apanhado, morto, à altura de Saint-Cloud.
[64]*t.f.*: iniciais de *Travaux Forcés* ("trabalhos forçados"), as quais eram gravadas com ferro quente nas costas dos condenados às galés.
[65]*Villèle* e *Manuel* eram dois políticos franceses da época, o primeiro presidente do Conselho, o segundo deputado em 1823, quando se discutia a intervenção francesa na Espanha, proposta por Villèle e combatida por Manuel.
[66]*Pentear santa Catarina*: expressão francesa que significa "ter passado a idade de vinte e cinco anos sem ter casado".
[67]*François Aubry* (1749-1802): membro do Comitê de Salvação Pública, encarregado dos negócios militares; destituiu vários oficiais, entre os quais Bonaparte, comandante da artilharia na Itália (por considerá-lo, segundo uns, moço demais, e, segundo outros, com tendências terroristas). Bonaparte teria pedido então que o mandassem à Turquia (não às colônias), pedido que não foi satisfeito.
[68]*Ergo*: em latim no original, "portanto".
[69]*Cadran Bleu*: restaurante à esquina do Boulevard du Temple e da rue Charlot.
[70]*Ambigu-Comique*: teatro de melodrama.
[71] Este assassínio é contado na novela *A estalagem vermelha*.
[72]*Exército do Loire*: formado em 1815 por oficiais fanáticos e fiéis a Napoleão e que quiseram tentar desesperada resistência aos Aliados.
[73] Quem fala aqui é o Balzac partidário, cujas opiniões legitimistas eram opostas ao liberalismo de La Fayette. Balzac trata este último em termos não menos severos nas *Memórias de duas jovens esposas*.
[74] Alusão a Talleyrand.
[75]*Os átomos ganchosos*: expressão da filosofia grega, em particular de Demócrito e Epicuro, os quais afirmavam que os átomos, partículas que constituem todos os corpos existentes, eram ganchosos a fim de poderem interceptar-se no espaço e aglomerar-se.
[76] Os espartanos ensinavam a seus filhos a arte do roubo; eles consideravam crime não o roubo, mas sim a inabilidade do ladrão que se deixava apanhar.
[77]*Jean François d'Escars*: mordomo de Luís xviii, glutão famoso, que teria morrido de indigestão após haver comido de um prato preparado exclusivamente para o rei e ele mesmo.
[78]*Tântalo*: personagem da mitologia antiga, a quem os deuses, como castigo de um crime terrível, condenaram a fome e sede devoradoras, fazendo-a ficar, no inferno, no meio de um rio cuja água lhe foge aos lábios e debaixo de árvores cujos ramos se levantam quando lhes quer arrancar o fruto.
[79]*Théâtre des Variétés*: inaugurado em 1807, no Boulevard Montmartre, para a representação de *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções).
[80]*A sra. duquesa de Berry* (1798-1870): personagem real, nora de Carlos x, mulher romanesca e resoluta que durante o reinado de Luís Filipe procurou sublevar a Vendeia contra este, organizando uma revolução legitimista. Sua tentativa malogrou-se e ela foi aprisionada.
[81]*Princesa Galathionne*: personagem balzaquiana cujos bailes frequentava a condessa Félix de Vandenesse (*Uma filha de Eva*) e cujo marido quis seduzir a sra. Schontz, amante do marquês de Rochefide (*Beatriz*).
[82]*Querubim*: personagem de *O casamento de Fígaro*, de Beaumarchais; tipo de adolescente que desperta para o amor e se apaixona por todas as mulheres.
[83] Balzac gosta muito de transcrever o sotaque de suas personagens estrangeiras. O tradutor procurou imitá-lo, fazendo o barão de Nucingen pronunciar o português à maneira alemã.
[84]*Alceste*: personagem principal de *O misantropo*, de Molière.
[85]*Jenny Deans e o pai*: protagonistas de *A prisão de Edimburgo*, de Walter Scott.
[86] Balzaquianos e rousseauístas procuraram em vão essa pergunta em toda a obra

de Rousseau. O que se encontrou de mais semelhante foi um trecho de *O gênio do cristianismo*, de Chateaubriand (o que não deve surpreender, pois a Balzac lhe acontece mais de uma vez fazer uma citação errada): "Ó consciência! Serás tu apenas fantasma da imaginação ou o medo do castigo dos homens? Interrogo a mim mesmo: pergunto-me: se tu pudesses, por um desejo apenas, matar um homem na China e herdar sua fortuna na Europa, tendo a certeza de que nada jamais seria conhecido, consentirias em executar esse desejo?". A resposta, dada pelo autor, em seu próprio nome, assemelha-se muito à de Bianchon, como se verificará facilmente: "Por mais que eu exagere minha pobreza, por mais que atenue este homicídio, supondo que, por meu voto, o chinês morra instantaneamente e sem dor, que não tenha herdeiros, que por sua morte natural iriam seus bens para o Estado; por mais que eu lhe atribua idade avançada, acrescida das torturas, dos achaques e dos desgostos; por mais que eu me diga que a morte é assim uma liberação, que ele mesmo implora e que não esperará muito; apesar de tais subterfúgios, ouço no fundo do meu coração uma voz que tão fortemente grita contra o pensamento de tal desejo, que não posso duvidar, um instante, da realidade da consciência". Trata-se aqui do resumo pitoresco de um problema moral que vem preocupando os moralistas desde muito antes de Chateaubriand, desde a Antiguidade, e que, depois da fórmula pitoresca que lhe deu Balzac, exerceu influência extraordinária sobre vários escritores da literatura mundial, em particular Dostoiévski, Eça de Queiroz, Arnold Bennet etc.

[87]*Nó górdio*: segundo a tradição, havia na antiga Frígia, guardado como relíquia, o carro do rei Górdio; nele, o nó que atava a lança e a canga era feito tão habilmente que não se lhe podiam descobrir as extremidades. Um oráculo prometia o império da Ásia a quem o desatasse. Depois de inúmeras tentativas infrutíferas, o jovem Alexandre cortou o nó com a espada, contornando o caso em vez de resolvê-lo, o que não o impediu de se tornar dono da Ásia.

[88]*Georges de Cuvier* (1769-1832): fundador da anatomia comparada e da paleontologia, citado no prefácio de *A comédia humana*; o próprio Balzac assistiu a suas aulas e procurou aplicar-lhe as teorias à sociedade humana.

[89]*Giuseppina Mainville-Fodor* (1793-1830): famosa cantora italiana.

[90]*Felice Pellegrini* (1774-1832): cantor italiano, no fim de sua vida professor do Conservatório de Paris.

[91]*O Palais-Royal* foi, durante a Revolução Francesa, o Império e o início da Restauração, o lugar preferido da prostituição, dos *basfonds* e do jogo em Paris. Há uma alucinante descrição de uma das salas de jogo que ali existiam, no começo de *A pele de onagro*.

[92]*Derville*: personagem de *A comédia humana*, cuja estreia é contada em *Gobseck*.

[93]*Rinforzando*: termo italiano usado na música, e que significa "reforçando".

[94]*Bois de Boulogne*: passeio preferido dos parienses, na periferia da capital.

[95]*Honoré Gabriel Mirabeau* (1749-1791): antes de se tornar o grande orador da Revolução Francesa, teve uma mocidade tempestuosa e várias vezes foi preso por dívidas a pedido do próprio pai.

[96] No famoso retrato de Menalcas, o Distraído, incluído no capítulo x dos *Caracteres* de la Bruyère, não há trecho parecido com este. Balzac, que cita de memória, parece ter se enganado.

[97]*Santo Huberto*: este santo, bispo de Maestricht e de Liège, no século vii, é o padroeiro dos caçadores; sua festa se celebra no dia 3 de novembro.

[98]*Visconde Henri de la Tour d'Auvergne* (1611-1675): marechal da França, que comandou o Exército francês durante a guerra da Devolução e a da Holanda, e conquistou a Alsácia em 1675; a tradição o representa como homem de uma simplicidade e modéstia notáveis, e que não ligava importância ao dinheiro. Talvez Vautrin haja encontrado esta informação em algum libelo dos protestantes que passaram a atacar Turenne depois de sua conversão ao catolicismo.

[99] Alusão a três pedras do jogo de xadrez. O peão, pedra de valor menor, só avança um quadrado ou, excepcionalmente, dois. O bispo avança e recua sempre de viés. A torre, que pode dar avanços e recuos tão grandes como o bispo, vai sempre em linha reta.

[100]*Veneza salva* (no original, *Venice preserved*): famosa tragédia inglesa de autoria de Thomas Otaway, na qual a amizade de dois dos protagonistas, Pierre e Jaffier, desempenha papel importante.

[101]*Rue de Jérusalem*: pequena rua, hoje desaparecida, entre o Quai des Ourèvres e a rue de Nazareth, por onde se tinha acesso à polícia.

[102]* *Plumígera*: segundo o dicionário Littré, "quem tem ou porta uma pluma", palavra forjada por Balzac para ridicularizar, substantivamente, os funcionários burocráticos. (n.e.)

Califa de Bagdad: ópera cômica em um ato, com música de Boieldieu e letra de Saint-Juste-Dancourt, na qual as palavras *Il bondo cani*, sem sentido aparente, parecem ter um valor talismânico.

[103]*Deus ex machina*: "um deus (descido por intermédio) de uma máquina"; expressão latina que significa o aparecimento inesperado, numa cena de teatro, de um ser sobrenatural descido por meio de um maquinismo; no sentido figurado, designa o desfecho inesperado e feliz e uma situação trágica.

[104]*Cogniard*: Pierre Cogniard, famoso aventureiro condenado a catorze anos de galés em 1802, evadido em 1805. Com o auxílio de documentos falsos, alistou-se no exército de Napoleão, chegando a chefe de batalhão. Várias vezes condecorado, foi nomeado durante a segunda Restauração coronel de gendarmaria. Ao mesmo tempo, continuava mantendo ligações com seus antigos companheiros e chefiando um bando de ladrões. Reconhecido por um ex-galeriano numa parada militar, foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Casos como este inspiraram *Os miseráveis*, de Victor Hugo.

[105] Nas edições anteriores à definitiva, lia-se depois desta palavra: "Fizemos verificar Cogniard por uma mulher", frase que faz compreender melhor a réplica de Michonneau.

[106]*O Museu* onde Cuvier dava suas aulas fica no Jardin-des-Plantes.

[107] Trata-se de um caso realmente acontecido em 1812 — uma tentativa de extorsão e assassínio por parte de certa viúva Morin contra certo sr. Ragoulleau —, amplamente comentado nos jornais da época. Balzac, para intensificar a credibilidade da história, liga suas personagens a acontecimentos reais de época.

[108] Em *Lettres de femmes adressées à M. Honoré de Balzac*, ed. de Mareei Bouteron, *Cahiers Balzaciens*, iii (citado apud. H. de Balzac, *Le père Goriot*, introdução e notas de M. Aliem. Garnier, Paris, s.d.), lê-se curiosa carta de uma leitora loura de Balzac, que protesta indignada contra essa afirmação.

[109]*Argos*: personagem mitológica de cem olhos; no sentido figurado, pessoa perspicaz.

[110] Arieta da comédia *Os dois ciumentos*, de Charles Vial, música da sra. Gail, representada pela primeira vez em 1813. Em francês: "*Ma Fanchette est charmante / Dans sa simplicité...*".

[111] Arieta da comédia *Ricardo Coração de Leão*, de Sedaine. Em francês: "*Ô Richard, ô mon roi! / L'univers t'abandonne...*"

[112]*Hércules Farsante*: trocadilho com o nome de Hércules Farnese, famosa estátua antiga.

[113]*Poire*: "pera" e, na gíria, "trouxa", "tolo".

[114] Expressão que em francês significa "no fim da refeição, quando a alegria está no auge".

[115] Nome de um famoso vinho de Bordéus (Château-Lafite) e de um famoso homem de Estado, *Jacques Laffitte* (1767-1844), governador do Banco da França de

1814 a 1819.
[116]*O solitário*: famoso romance pseudo-histórico do visconde d'Arlincourt, de onde Guilbert de Pixérécourt tirou seu melodrama *O monte selvagem*.
[117] A sra. Vauquer pensa que Atala é o prenome de Chateaubriand, e não o título de uma obra sua; ignora também que *O solitário* — cuja heroína se chama Elodia — é do visconde d'Arlincourt.
[118] Estribilho de uma romança popular de d'Amédée de Beauplan. Em francês: "*Dormez, mes chers amours! Pour vous je veillerai toujours*".
[119] Estribilho cantado nos *ateliers* de pintores, na época. Em francês: "*Soleil, soleil, divin soleil, Toi qui fais mûrir les citrouilles...*"
[120]*Place de Grève*: lugar das execuções.
[121]*Le Pilote*: jornal realmente existente, em que colaboravam vários amigos de Balzac.
[122] Personagem de *A comédia humana*: galeriano da turma de Engana-a-Morte; aparece também em *Esplendores e misérias das cortesãs*.
[123] Duas famosas cortesãs, *Ninon de Lenclos* (1620-1705) e a *Madame de Pompadour* (1721-1764), favorita de Luís xv.
[124]*Jean-Jacques*: alusão a Rousseau e a sua obra, *Do contrato social*.
[125] Alusão ao famoso *bagne* (prisão) de Toulon, na Provance.
[126]*Flicoteaux*: restaurante que existia realmente na Place Sorbonne e que Balzac descreve em *Ilusões perdidas*.
[127] Primeiras palavras de uma romança cuja música, composta pela rainha Hortênsia, se tornou um canto dos bonapartistas. Em francês: "*Partant pour la Syrie / Le jeune et beau Dunois...*"
[128] "Cada é um arrastado pela sua volúpia!". Verso 65 da *Il Bucólica* de Virgílio.
[129]*Teriaki*: comedor e fumador de ópio, no Oriente.
[130]*Creso*: último rei da Lídia (século vi a.C.) famoso pelas suas riquezas.
[131]*Caio Mário* (156-86 a.C.): general romano, chefe do partido popular. Condenado à morte por seu rival vitorioso, Sila, conseguiu evadir-se, chegando ao lugar onde outrora se erguia Cartago. Convidado pouco depois, pelo pretor da província, a abandoná-la, disse ao mensageiro que o magistrado lhe mandara: "Dize ao pretor que viste Mário fugitivo sentado sobre as ruínas de Cartago".
[132] No canto iv das *Peregrinações de Childe Harold*, em que representa o infeliz poeta italiano na prisão.
[133] Assim é que a sra. Vauquer chama, com belo eufemismo, a execução do rei no dia 21 de janeiro de 1793.
[134] Napoleão abdicou em 20 de abril de 1814, retirando-se à ilha de Elba. De lá voltou no ano seguinte, entrando em Paris em 20 de março. Este segundo reinado, porém, durou apenas cem dias.
[135]*Luís de Bourbon* (1667-1683): filho bastardo de Luís xiv e sua amante, a srta. La Vallière.
[136]*Rubicão*: pequeno rio que separa a Itália da Gália Cisalpina e que César, apesar da proibição, atravessou com seu exército, voltando à Itália para se apoderar do governo. Desde então emprega-se a expressão "atravessar o Rubicão" no sentido de "tomar uma decisão perigosa".
[137] Esse episódio é contado em *Gobseck*.
[138] A lei permitia aos rapazes sorteados para o serviço militar que se fizessem substituir. Os substitutos, naturalmente, vendiam caro a sua pessoa. Mas é evidente que ninguém se poderia fazer substituir pelo pai Goriot; a ideia demonstra a que ponto chegou o desespero deste.
[139] Trata-se de um trecho de *Mosé in Egitto*, ópera de Rossini.
[140]*Da grande senhorita*: srta. de Montpensier, sobrinha de Luís xiii. Apaixonou-se pelo conde de Lauzun. O rei Luís xiv, que primeiro consentiu no casamento, acabou

proibindo-o, mandou prender Lauzun e o fez aprisionar durante dez anos. Liberado após tão longo cativeiro, Lauzun casou-se, finalmente, com a srta. de Montpensier.
[141]*Níobe*: personagem da mitologia grega. Orgulhosa por seus catorze filhos, ousou troçar de Latona, que só tinha dois, Apolo e Diana. Estes, por vingança, mataram com suas setas todos os filhos de Níobe, a qual, em sua dor, se metamorfoseou em rochedo.
[142] Depois desta frase há o seguinte trecho que consta de todas as edições até 1843: "Entrando na galeria onde dançavam, Rastignac surpreendeu-se ao deparar com um desses pares que a reunião de todas as belezas humanas torna sublimes à vista. Nunca tivera ocasião de admirar perfeições iguais. Para tudo exprimir numa palavra, o homem era um Antínoo vivo e suas maneiras não destruíam o encanto que sentia ao contemplá-lo. A mulher, uma fada; fascinava o olhar, sacudia os sentidos mais frios. Num e noutro, o vestuário harmonizava-se com a beleza. Todos os contemplavam com prazer e invejavam a ventura que resplandecia na harmonia de seus olhos e de seus gestos.
— Meu Deus! Quem é essa mulher? — perguntou Rastignac.
— Oh, é incontestavelmente a mais bela! — respondeu a viscondessa. — É *lady* Brandon, tão famosa pela felicidade como pela beleza. Sacrificou tudo por aquele rapaz. Dizem que têm filhos. A desgraça, porém, paira sobre eles. Dizem que *lord* Brandon jurou tirar uma pavorosa vingança da mulher e do amante. São felizes, mas vivem num constante temor.
— E ele?
— Como? Não conhece o belo coronel Franchessini?
— Aquele que se bateu em duelo...
— Há três dias. Esse mesmo. Foi provocado pelo filho de um banqueiro: queria feri-lo apenas, mas por desgraça o matou.
— Oh!
— Que tem? Está tremendo — disse a viscondessa.
— Nada — respondeu Rastignac.
Um suor frio escorria-lhe pelas costas. Vautrin aparecia-lhe com sua fisionomia de bronze. O herói das prisões dando a mão ao herói do baile mudava, para ele, o aspecto da sociedade."
Na edição de 1834, Balzac suprimiu esse trecho, provavelmente para não distrair a atenção da ação central quando esta chega precisamente ao auge. Sem dúvida, quis inseri-lo em outro lugar de *A comédia humana*, pois é indispensável à compreensão de uma das novelas da mesma, *O Romeiral*, de que forma o prelúdio; mas a morte, que o impediu de acabar sua grandiosa obra, não lhe deixou tempo para fazê-lo.
[143]*Hôtel-Dieu*: grande hospital de Paris.
[144]*Condessa Ida de Bocarmé*, em solteira *du Chasteler*: senhora da alta sociedade e admiradora de Balzac. Para uso deste, pintou uma centena de brasões, que o escritor utilizou para descrever os escudos de armas das personagens nobres de *A comédia humana*.
[145]*Derville*: advogado de várias personagens de *A comédia humana*; foi ele mesmo quem nos contou o princípio de sua carreira em *Gobseck*.
[146]*Godeschal*, mais tarde primeiro escrevente de *Desroches*, já apareceu em *Uma estreia na vida*: foram eles dois que procuraram iniciar Oscar Husson na profissão de advogado, sem consegui-lo porém.
[147]*Mortagne*: cidade do departamento do Orne, parte da Normandia, região famosa pelo caráter chicaneiro de seus habitantes.
[148]*Broutille*: bagatelas.
[149]*Eylau*: cidade da Prússia perto de Koenigsberg, onde Napoleão venceu os prussianos e os russos em fevereiro de 1807.
[150]*Sra. Saqui*: famosa bailarina e acrobata, em cujo teatro, inaugurado em 1816, se

viam exibições de funâmbulos e pantomimos.
[151]*Curtius* ou *Kurz*: alemão que em seu Salão de Figuras exibia uma coleção de bonecos de cera; esse salão, que foi fechado em 1847, foi o predecessor do atual Museu Grévin.
[152]*Talma*: François Joseph Talma (1763-1826), ator trágico, o comediante preferido de Napoleão. O papel de Nero deve ter sido o do *Britannicus*, de Racine; a *Français* era a maneira coloquial de se referir à *Comédie Française*.
[153] O advogado Derville era amigo íntimo da viscondessa de Grandlieu, a qual o consultou antes de casar a filha com Ernesto de Restaud, em *Gobsek*.
[154]*Joachim Murat* (1767-1815): cunhado de Napoleão; rei de Nápoles de 1808 a 1815, assinou a paz em separado com a Áustria, mas, como instigasse os italianos a uma guerra de independência, foi preso e fusilado. O general Murat tomou efetivamente parte decisiva na batalha de Eylau.
[155]*Victoires et conquêtes des Français*: compilação, em 34 volumes, dos boletins e relatórios inseridos no *Moniteur* sobre os mais insígnios feitos de armas dos oficiais e soldados franceses.
[156]*Heilsberg*: cidadezinha da Prússia Oriental, perto de Koenigsberg.
[157]*Sans-culotte*: nome dado pelos aristocratas em 1792 aos revolucionários que substituíram os calções (*culottes*) pelas calças (*pantalon*).
[158]*Muscadin*: nome dado, por volta de 1793, aos elegantes monarquistas.
[159]*Se ele ainda estivesse de pé...!*: estamos em 1818. Napoleão, desde a malograda tentativa dos Cem Dias, em 1815, vive em Santa Helena como prisioneiro dos ingleses.
[160]*Entrei em Paris ao mesmo tempo que os cossacos*: isto é, em 1815.
[161]*Claye*: lugarejo do departamento de Seine-et-Marne.
[162]*Hôtel-Dieu*: grande hospital de Paris.
[163]*Charenton*: cidadezinha do departamento do Serra, sede de um célebre asilo de alienados.
[164]*O notário Crottat*: é o mesmo a quem vimos cometer — numa fase ulterior de sua vida — uma série de gafes em casa do marquês d'Aiglemont, fazendo alusões ao adultério da mulher deste (*A mulher de trinta anos*).
[165]*Roguin*: era o antigo patrão de Crottat, parente e amigo dos Guillaume, donos da loja, ao *"Chat-qui-pelote"*.
[166] Este mesmo Vergniaud serviu de padrinho de casamento a Luigi di Porta e Ginevra di Piombo (*A vendeta*).
[167] Ortografia certa: *nourrisseur* ("leiteiro").
[168]*Culotté*: enegrecido pelo fumo.
[169]*Brûle-gueule*: literalmente, "queima-boca".
[170]*A expedição do Egito* realizou-se de 1798 a 1799.
[171]*Régie*: departamento estadual encarregado da venda do tabaco (que, na França, constitui monopólio do Estado).
[172] A mulher *comme il faut* ("como deve ser") está longamente definida e explicada em *Outro estudo de mulher*.
[173]*Talleyrand*, depois de uma ligação escandalosa com uma mulher de grande beleza e pouco espírito, a sra. Grand, em solteira Catherine Worlée (1762-1835), nascida na Índia, casou-se com ela no civil em 1802; o casamento acabou por separação completa em 1815, sem que tenha havido filhos. As gafes que a sra. Grand cometia frequentemente eram objeto de comentários divertidos na alta sociedade.
[174]*Crillon e Rohan*: famílias da alta aristocracia francesa.
[175]*Cogniard*: Pierre Cogniard, famoso aventureiro condenado a catorze anos de galés em 1802, evadido em 1805. Com o auxílio de documentos falsos, alistou-se no exército de Napoleão, chegando a chefe de batalhão. Várias vezes condecorado, foi nomeado durante a segunda Restauração coronel de gendarmaria. Ao mesmo tempo,

continuava mantendo ligações com seus antigos companheiros e chefiando um bando de ladrões. Reconhecido por um ex-galeriano numa parada militar, foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Casos como este inspiraram *Os miseráveis*, de Victor Hugo.

[176]*Palais-Royal*: foi, durante a Revolução Francesa, o Império e o início da Restauração, o lugar preferido da prostituição, dos *basfonds* e do jogo em Paris. Há uma alucinante descrição de uma das salas de jogo que ali existiam, no começo de *A pele de onagro*.

[177]*Le Constitutionnel*: jornal liberal, fundado em 1815; suas campanhas contra Carlos anteciparam a Revolução de 1830.

[178]*A praça de Grève*, mais tarde praça do Hôtel-de-Ville (Prefeitura), era o lugar das execuções.

[179]*Ris* ou *Ris-Orangis*: comuna do departamento de Seine-er-Oise.

[180]*Bicêtre*: comuna do departamento do Sena, onde existe um hospício para anciães e alienados. *Salpêtrière*: hospício de Paris para mulheres idosas, alienadas etc.

[181]*Voltigeur*: nome dado a uma companhia de soldados de escol do exército francês.

[182]*Rosbach ou Rossbach*: comuna da Saxônia junto à qual Frederico ii venceu os franceses em 1757.

[183] Em *Iena* bateu Napoleão os prussianos em 1806.

[184] Segundo uma observação de Fernand Lotte, estas "reminiscências" de Derville resumiriam assuntos do próprio Balzac, notadamente das obras *O pai Goriot*, *Gobseck*, *Úrsula Mirouët*, *Uma estreia na vida*, *A mulher de trinta anos* (*L' Année balzacienne*, 1961).

[185] O autor, na última edição revista por ele, manteve esta indicação da data da composição, apesar de o último capítulo do romance se desenrolar em 1840.

[186]*Auguste Borget* (1802-1877): amigo de Balzac; pintor e autor de um livro de viagem sobre a China, que o romancista analisara num artigo em 1842.

[187]*O dr. Bianchon* é uma das personagens preferidas de Balzac: encontramo-lo estudante em *O pai Goriot*.

[188] Foi o cirurgião Desplein que operou com êxito a sra. Mignon, restituindo-lhe a vista (*Modesta Mignon*).

[189]*Cuvier*: ver a nota 88 de *O pai Goriot*.

[190]*Hipócrates* (460-370 a.C.): o maior médico da Antiguidade; seu sistema se baseia na alteração dos humores.

[191]*Galeno* (131-201): médico e filósofo grego; criador da doutrina dos quatro humores (sangue, bílis, fleuma e atrabílis), cujo equilíbrio constituiria a saúde, ao passo que seu desequilíbrio redundaria em doença.

[192]*Aristóteles* (384-322 a.C.): grande filósofo grego, fundador da escola peripatética, autor de obras de Filosofia, Metafísica, Física, História Natural etc.

[193]*1804 e as barcaças da Boulogne*: alusão ao desembarque na Inglaterra, projetado por Bonaparte; como acabasse por se convencer da impossibilidade do empreendimento, restringiu-se ele a passar em revista as tropas, que festejaram com entusiasmo o imperador recém-eleito.

[194]*Crébillon, o Trágico*: Prosper Crébillon (1674-1762), autor de tragédias, famoso pelas suas excentricidades, seu cinismo e seu orgulho. Assim chamado para não ser confundido com o filho, Claude, romancista, conhecido como Crébillon fils.

[195]*A seus patrões*: especialmente Carlos x. Gesto semelhante era atribuído a Dupuytren em relação ao rei deposto numa anedota da época.

[196]*Hôtel-Dieu*: ver a nota 143 de *O pai Goriot*.

[197]*Pílades e Orestes*: personagens da mitologia grega, cuja amizade se tornou proverbial.

[198]*Cantal*: departamento formado por parte da Auvergne.
[199]*Cabanista*: discípulo de Pierre-Georges Cabanis (1757-1808), médico e político, famoso por seu ateísmo. *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), autor de *Gargantua* e de *Pantagruel*, obras que se distinguem, entre outras qualidades, por um estilo pitoresco, saboroso, cheio de invenções originais.
[200]*Broussais*: François-Joseph-Victor Broussais (1772-1838), célebre médico francês, inventor de um sistema fisiológico baseado na irritabilidade dos tecidos.
[201]*O conde de Tolosa*, Raimundo vi, era protetor dos albigenses (ver a nota seguinte); foi despojado de suas possessões por Simão de Montfort depois de derrotado na batalha de Muret.
[202]*Os albigenses*: seita religiosa, cujo nome provém da cidade de Albi. Espalhou-se no Sul da França, no século xii. Seus sequazes negavam a Igreja de Roma, e contra eles o papa Inocêncio iii organizou uma cruzada em 1209, comandada por Simão de Montfort. Os albigenses foram vencidos em várias batalhas, entre as quais a de Tolosa em 1213; a guerra só terminou em 1229, pelo tratado de Paris. Os *valdenses* formavam outra seita, fundada, depois de 1170, por Pedro Valdo, a qual pretendeu fazer voltar a Igreja à pureza primitiva. Perseguida e exterminada na França, a seita sobreviveu no Norte da Itália até os nossos dias.
[203]*Le Citateur*: famoso libelo anticlerical de Pigault-Lebrun.
[204]*De natura rerum* (em latim): "da natureza (das coisas)". Estas palavras servem de título ao grande poema didático do poeta latino Lucrécio (século i a.C.), em que explica o sistema filosófico e físico de Epicuro.
[205]*Duquesa d'Angoulême*: filha de Luís xvi, esposa do filho primogênito de Carlos x.
[206]*In petto*: expressão italiana que significa "de si para si", "no fundo do coração", "secretamente".
[207]*O Tartufo*: personagem da peça de igual nome de Molière, o tipo mais perfeito do hipócrita.
[208]*D'Arthez*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, já encontrado em *Memórias de duas jovens esposas*, onde foi padrinho de casamento de Maria-Gastão.
[209]*Sou*: cinco cêntimos, a vigésima parte de um franco.
[210]*Zoppi*: café do Quartier Latin.
[211]*Lúculo*: general romano que se tornou famoso pelo seu luxo e sua glutonaria.
[212]*Licurgo*: segundo a tradição, antigo legislador de Esparta.
[213]*Filopêmen*: chefe da liga acaia (253-183 a.C.), cognominado "o último dos gregos". Procurou manter a unidade da Grécia ante os progressos ameaçadores de Roma; famoso também pelas privações que passou na mocidade.
[214]*Aos grandes homens a pátria amada agradecida*: inscrição no frontão do Panthéon de Paris, ("Aux grands hommes la patrie reconnaissante"), monumento onde se enterram os grandes homens.
[215]*Ao contra-almirante Bazoche* pedira Balzac um favor para o irmão Henry, o qual trabalhou como agrimensor nas ilhas Bourbons da Reunião, no oceano Índico.
[216]*Élysée-Bourbon*: ver *O pai Goriot*, nota 47.
[217]*Bianchon e Rastignac*. Eis de volta os dois amigos que encontramos na Casa Vauquer (*O pai Goriot*).
[218]*A marquesa d'Espard* já foi encontrada em *Uma filha de Eva*, onde a vimos intrigar para perder a sra. de Vandenesse, encorajando-lhe o namoro com o escritor Nathan; em *Beatriz*, foi ela que humilhou ostensivamente a sra. de Rochefide à saída de um espetáculo.
[219]*A sra. de Nucingen* é Delfina, uma das filhas do falecido pai Goriot.
[220] Ver *A casa Nucingen*.
[221]*Sra. Rabourdin*: personagem balzaquiana, esposa de um chefe da repartição do

Ministério da Fazenda, burguesa linda e instruída que recebia literatos e artistas em seu salão da rua Duphot (*Os funcionários*).

[222]*Ecco*: “eis” (em italiano no texto).

[223]*A srta. Michonneau e o sr. Poiret*, moradores da Casa Vauquer, que acabam por casar-se, eram — como os leitores de *O pai Goriot* devem estar lembrados — dois indivíduos repelentes.

[224] Ver a novela *Gobseck*.

[225]*Rohan*: família da alta arisrocracia francesa; vários dos seus membros são ligados à história da França.

[226]*Fígaro*: personagem de Beaumarchais nas comédias *O barbeiro de Sevilha* e *O casamento de Fígaro*; tipo do intrigante espirituoso e engraçado.

[227]*A duquesa de Langeais, a duquesa de Maufrigneuse e lady Dudley*: três grandes amorosas de *A comédia humana*, cujas aventuras são contadas respectivamente em *A duquesa de Langeais*, *Os segredos da princesa de Cadignan* e *O lírio do vale*.

[228]*Bonifácio*: diz-se, na França, de pessoa excessivamente ingênua e crédula.

[229]*Desplein*. Acabamos de conhecer o ilustre cirurgião, mestre de Bianchon, em *A missa do ateu*.

[230]*Dramorama*: À volta da mesa da Casa Vauquer, o gracejo estereotipado, em determinado momento, consistia em acrescentar a qualquer palavra o pseudossufixo *rama*, sob influência dos panoramas então em voga.

[231]*Abelardo*: Pierre Abeilard ou Abélard (1079-1142), grande figura da filosofia escolástica, famosa pela parte que tomou na “disputa dos universais” e pelo seu trágico amor a Heloísa. — *Gerson*: nome que se deu a Jean Charlier (1362-1428), teólogo, chanceler da Universidade de Paris, animador principal do Concílio de Constanza.

[232]*Hôtel-Dieu*: ver a nota 143 de *O pai Goriot*.

[233]*A torre de Bolonha*: a famosa torre pendente de Bolonha (na Itália), chamada torre Asinelli.

[234]*Cambacérès*: Jean-Jacques Cambacérès (1753-1824), membro da Convenção, segundo cônsul, depois arquichanceler do Império, um dos autores do *Código civil* de Napoleão.

[235]*Tudo estava correndo da melhor maneira no melhor dos mundos*: frase famosa que resume a filosofia de Leibniz, e que foi alvo da ironia de Voltaire em *Cândido*.

[236]*Desplein*: ver a nota 15.

[237]*Cuvier*: ver *O pai Goriot*, nota 88.

[238]*Anoplotério*: ruminante fóssil da era terciária.

[239]*Souricière*: o sentido próprio da palavra é “ratoeira”.

[240]*Crispim*: personagem da comédia italiana, tipo de criado engraçado e impertinente.

[241]*Aliados*: nome que se dava aos confederados (ingleses, russos, prussianos e austríacos) que em 1814 e 1815 invadiram a França para restaurar os Bourbons.

[242]*São Vicente de Paulo* (1581-1660): sacerdote famoso por sua caridade, fundador da obra dos *Enfants Trouvés* (isto é, na Roda dos Expostos).

[243]*O homem da capinha*: nome dado pelo povo ao joalheiro Edmé Champion (1766-1852), filantropo que distribuía sopa aos pobres de Paris.

[244]*Bifrons*: “de duas frentes” ou “duplo” (em latim no original).

[245]*Desroches*: já encontrado em *Uma estreia na vida* e *O coronel Chabert*.

[246]*Mongenod*: banqueiro inventado por Balzac e que atende a várias personagens de *A comédia humana*.

[247]*Mesmer*: Friedrich Anton Mesmer (1733-1815), médico alemão, fundador da teoria do “magnetismo animal”, parecido com o magnetismo mineral (a força de atração exercida pelo ímã), mas de origem psíquica, e que, em termos de hoje, se

chamaria influência hipnótica. Mesmer pretendia curar seus doentes com a ajuda de uma selha, à volta da qual os pacientes, segurando-a, formavam uma espécie de cadeia.

[248] Dizendo-se convencido da força da vontade, Bianchon está exprimindo uma ideia cara ao próprio Balzac.

[249]*Ele só se ocupa da China*... A China preocupava bastante o próprio Balzac. O interesse data, talvez, de sua mocidade, quando viu o pai, fanático da longevidade, entusiasmar-se pelos chineses por viverem mais que os outros. Um de seus amigos, o pintor Auguste Borget, fez uma viagem à China, cujo relatório Balzac analisaria num artigo em 1842. O símbolo pitoresco do "Mandarim" (ver a nota 86 de *O pai Goriot*) é outra prova desse interesse.

[250]*Godeschal*: já apareceu em *Uma estreia na vida* e em *O coronel Chabert*.

[251]*Incomptus*: "despenteado", "tosco" (em latim no texto).

[252]*Diane de Poitiers* (1499-1566): filha do conde de Saint-Vallier, favorita de Henrique ii.

[253]*Marion Delorme*: mulher galante de beleza famosa (1611-1650), heroína de um drama de Victor Hugo. Segundo a lenda, sua morte em 1650 teria sido apenas aparente; depois, teria ainda levado uma vida cheia de aventuras até morrer em 1741, com 130 anos.

[254]*A sra. Zayonscek* era esposa de Joseph Zayonscek (1752-1826), general de Kosciusko, que combateu pela independência de seu país até 1812, quando, na batalha de Wilna, perdeu uma perna e foi feito prisioneiro pelos russos; depois, fez-se partidário destes, tendo sido nomeado pelo czar Alexandre lugar-tenente do reino da Polônia e príncipe. Ela era famosa por sua elegância e beleza. A *Casa Herbault*, loja de modas da sociedade aristocrática, existia realmente em Paris.

[255]*Cornélia*: filha de Cipião, mãe de doze filhos, entre os quais os dois Gracos. A alguém que lhe perguntou por que não usava enfeites, respondeu que os filhos eram suas joias mais bonitas.

[256]*A viscondessa de Beauséant* aparece em *O pai Goriot*: é ela quem introduz Rastignac na alta sociedade de Paris. É também heroína da novela *A mulher abandonada* (no volume 3, desta edição). *Duquesa de Langeais*: ver a nota 13. *Sra. Firmiani*: heroína da novela do mesmo nome (no volume 2). *Duquesa de Maufrigneuse*: ver a nota 13 .

[257] Segundo Bouternon e Lognon, tratar-se-ia da duquesa Dorothée de Talloyraud-Périgord, esposa do sobrinho do príncipe de Talloyraud, que dirigia a casa do tio do marido.

[258] Alusão ao embaixador *Pozza di Borgo* (ver mais adiante a nota 56) e à sra. Swetchin.

[259]*O favorito de Luís* XVIII era o duque Élie Decazes (1780-1860), primeiro-ministro em 1819 e 1820.

[260]*A esposa do embaixador russo* em Londres: a princesa Liewen, que viveu na capital britânica de 1813 a 1831.

[261] Todos personagens de *A comédia humana*. *De Marsay* desempenhará papéis em *O contrato de casamento* e *Outro estudo de mulher*; *de Ronquerolles* é protagonista da *História dos Treze*; *de Montriveau*, amante infeliz da *duquesa de Langeais*; *de la Roche-Hugon* foi ludibriado pela sra. de Soulanges na *Paz conjugal*; *de Sérisy* é filho do conde de Sérisy, aparecido em *Uma estreia na vida*; *Ferraud* foi quem desposou a viúva do *Coronel Chabert*; *Máximo de Trailles*, amante da sra. de Restaud, teve um duelo de interesses com *Gobseck* e foi vencido; *de Listomère* já apareceu em *Estudo de mulher*, conto que se refere à sua esposa; os dois *Vandenesse* estavam envolvidos num processo, que se achava em mãos de Oscar Husson, em *Uma estreia na vida*; um deles, Félix de Vandenesse, deu provas de sabedoria conjugal em *Uma filha de Eva*; *du Châtelet* aparecerá em *Ilusões perdidas*.

[262] O famoso banqueiro *Nucingen* era casado com a filha do pai Goriot.
[263]*Madame*: esposa de *Monsieur*, irmão do rei. (Aqui se trata da esposa do conde d'Artois, o futuro Carlos x.)
[264]*Primo*. Em italiano no texto. A palavra tinha um sentido irônico, fácil de se adivinhar.
[265]*Um pintor contemporâneo, Decamps*: Alexandre Gabriel Decamps (1803-1860), autor de coloridas cenas do Oriente e desenhista.
[266]*Fualdès*: magistrado assassinado por seus dois amigos em Rodez, no prostíbulo da sra. Bancal, em 1817; o processo teve repercussão excepcional e originou uma canção famosa.
[267]*Broken ou Brocken*: cimo das montanhas do Harz, na Alemanha, onde a imaginação popular localizava a reunião das feiticeiras durante a noite do Valpurgis.
[268]*Paganini*: Niccolò Paganini (1784-1840), violinista célebre, famoso pela virtuosidade de sua execução.
[269]*A estátua do comendador*: alusão à aparição da estátua do pai de uma das vítimas de Don Juan, estátua que o sedutor teria convidado, por troça, a jantar com ele. Segundo a lenda, ela atendeu ao convite e, agarrando Don Juan pelo pescoço, o levou para o Inferno.
[270]*Pozzo di Borgo*: conde Carlo Andrea di Pozzo di Borgo (1768-1842), político corso, inimigo mortal de Napoleão, que entregou a Ilha aos ingleses. Fugindo à aproximação dos franceses, passou o resto da vida a intrigar, a serviço de vários países, como agente secreto; por fim, foi conselheiro particular do czar e embaixador da Rússia em Paris durante a Restauração.
[271]*O bailio de Voltaire*: personagem cheia de curiosidade, em *O ingênuo*, de Voltaire. É o primeiro magistrado de uma aldeia bretã, que assedia com perguntas o selvagem canadense, chegando casualmente àquela região.
[272]*O rei Carlos x, então Monsieur*: o título *Monsieur* se dava aos irmãos dos reis da França. Carlos x, durante o reino de seu irmão Luís xviii, usava também o nome de conde d'Artois.
[273]*A espada de Sansão*: a Bíblia só fala da arma de Sansão, isto é, da queixada de jumento com que ele matou mil filisteus.
[274]*Que estás fazendo nesta galera?* Frase proverbial, tirada das *Artimanhas de Scapino*, de Molière. Scapino, querendo arrancar dinheiro ao velho Geronte, faz-lhe acreditar que seu filho Leandro está retido numa galera turca de onde só pode sair mediante resgate elevado. O velho avaro, não querendo perder o filho, paga, mas várias vezes exclama num desespero grotesco: “Que foi ele fazer nessa galera?”.
[275]*Marechala d'Ancre*: Leonora Dori, chamada Galigai (1568-1617), irmã de leite e camareira de Maria de Médicis. Mulher de extrema fealdade, que soube, graças à influência que obteve sobre a rainha, fazer-se desposar pelo mais belo cavalheiro da Corte, Concini, a quem fez nomear marechal d'Ancre. Após a morte do marido, morto por conspiradores, foi acusada de feitiçaria e queimada na Place de Grève, em Paris.
[276]*Dia dos Logrados*: em francês *Journée des Dupes*, nome que se dá ao 11 de novembro de 1630, quando os inimigos de Richelieu, em particular a rainha-mãe e Ana de Áustria, que lhe previam a queda, se viram enganados em suas esperanças.
[277]*O trocadilho arquitetônico* versa sobre o nome do cardeal Duperron, arbitrariamente relacionado com *deux perrons* (“duas escadarias”).
[278]*Noli me tangere*: “não me toques” (em latim no original).
[279]*Mestre Jacques*: personagem do *Avarento*, de Molière, que acumula as funções de cocheiro e cozinheiro de Harpagon; o termo designa um factótum.
[280]*Uma secretária do tipo Tronchin*: móvel com estante para escrever em pé. Seu nome provém do de um médico famoso que a utilizava.
[281]*Des partem leonis*: frase latina que significa “Dá a parte do leão”. A primeira parte da frase contém o nome d'Espard; tais trocadilhos são frequentes nas divisas

dos brasões, e Balzac tinha por eles um gosto particular.

[282]*Montluc*: Blaise de Montluc (1501-1577), marechal da França, inimigo cruel dos calvinistas. Suas crueldades lhe valeram o título de "açougueiro realista". Autor de célebres *Memórias*.

[283]*O Édito de Nantes*, promulgado por Henrique iv, em 1598, outorgava diversos direitos aos calvinistas da França; sua revogação, em 1685, por Luís xiv, motivou a emigração de grande número de protestantes.

[284]*Uma Navarreins-Lansac*: isto é, descendente de duas famílias da alta aristocracia inventada por Balzac.

[285]*Uma Grandlieu*: família de alta aristocracia balzaquiana. Foi Clotilde de Grandlieu a quem Calisto du Guénic abandonou seduzido pela sra. de Rochefide (em *Beatriz*).

[286]*O abade Grozier*: Jean Baptiste Grozier (1743-1823), jesuíta, conservador da Biblioteca do Arsenal a partir de 1817, autor de uma *Descrição geral da China*, baseada nos relatórios de missionários. Aparecerá, ainda, em *Ilusões perdidas*, para arbitrar uma discussão sobre o papel da China.

[287]*Quando ele era Monsieur*: ver a nota 58.

[288]*Jacques Coeur* (1395-1456): rico comerciante de Bourges, tesoureiro de Carlos vii, a quem forneceu dinheiro para a guerra contra os ingleses, mas que o exilou por causa de uma conspiração tramada pelos inimigos do banqueiro. Sua memória foi reabilitada no governo de Luís xi.

[289]*A esposa de César não deve ser suspeitada*: palavras com que César teria explicado por que repudiara a mulher, cujo procedimento dera lugar a suspeitas sem que houvesse provas. Dito empregado para significar que determinadas pessoas de alta colocação devem ficar acima de qualquer suspeita.

[290]*O sr. Camusot*. Encontrá-lo-emos ainda, como magistrado ambicioso e de poucos escrúpulos, em *Gabinete das antiguidades*.

[291]*Laubardemont*: barão Jacques Martin Laubardemont (1590-1653), tipo do magistrado corrupto. Instrumento dócil de Richelieu, por quem foi feito conselheiro de Estado; tornou-se famoso por suas sentenças iníquas, sobretudo nos casos de Urbain Grandier, Cinq-Mars e de Thou. Segundo a tradição, seria dele a frase seguinte: "Dai-me a linha mais indiferente da mão de um homem: sempre encontrarei nela por onde fazê-lo enforcar".

[292]*Molé*: Matthieu Molé (1584-1656), tipo do magistrado honesto e intrépido, procurador-geral e, depois, presidente do Parlamento, cujos direitos defendia contra as arbitrariedades da Corte nas circunstâncias mais difíceis.

[293]*G. Rossini*: Gioacchino Rossini (1792-1868), o famoso compositor de *Barbeiro de Sevilha*, de *Mosé* etc.; vivia em Paris e era amigo de Balzac.

[294]*Marechal de Richelieu*: Louis-François-Armand Duplessis de Richelieu (1696-1788), nomeado governador da Guiana em 1755.

[295]*Enxerto do gascão no normando*: os gascões, como os normandos, têm fama de ser habilidosos, espertos.

[296]*O colégio de Vendôme*: o mesmo que Balzac frequentou quando criança.

[297]*De Marsay*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*; foi ele o primeiro amante de Delfina de Nucingen, antes de Rastignac.

[298]*A sátira de Boileau*: é a sátira x (1667) deste autor, originada da famosa Querela dos Antigos e dos Modernos, em que Boileau se fizera o advogado dos primeiros. Como as damas da sociedade se declarassem em geral a favor dos modernos, o satírico as ataca violentamente, enumerando-lhes os defeitos sem piedade.

[299]*Multiplicamini* (em latim): "multiplicai-vos".

[300]*Corteses como a Casa Vermelha com os ingleses em Fontenoy*: alusão à batalha havida nessa comuna da Bélgica em 11 de maio de 1745, em que o marechal de Saxe, na presença de Luís xv, venceu os ingleses e os holandeses. Quando a cabeça da

coluna inglesa chegou a cinquenta passos da francesa, os oficiais se cumprimentaram. "Mande seus soldados atirarem", gritou um oficial. "Não, senhor, a honra é vossa", replicou o conde d'Anterroches. A cortesia custou aos franceses muitas baixas.
[301]*Fleur-des-Pois* (literalmente, "flor de ervilha"): janota, peralvilho.
[302]*Brummell*: George Brummell (1778-1840), dândi inglês a quem davam a alcunha de "rei da moda".
[303] Esta palavra é *meneio*, citada por Balzac em *A musa do departamento* e definida assim pelos dicionários: "movimento do corpo ou de alguma parte do mesmo. Diz-se sobretudo do que é afetado".
[304]*Odiate e aspettate* (em italiano): "odiai e esperai". Catarina de Médicis é heroína de um romance histórico de Balzac (ver o volume 16 desta edição).
[305]*A baronesa de Maulincour, o vidama de Pamiers e Augusto de Maulincour*: personagens balzaquianas que voltaremos a encontrar na *História dos Treze*.
[306] "Naquele tempo cada um ia buscar sua mulher onde quisesse" (*O coronel Chabert*).
[307]*As ciências de Lavater e de Gall*: Johann Kaspar Lavater (1741-1801) é o inventor da fisiognomonia ou arte de julgar o caráter pelos traços do rosto; Franz Joseph Gall (1758-1828), o fundador da frenologia ou teoria das localizações cerebrais em que Balzac acreditava firmemente.
[308]*Duque d'Alba*: Fernando Alvarez de Toledo, duque d'Alba (1508-1582), general de Carlos v e de Filipe ii de Espanha; tornou-se famoso pelas crueldades que cometeu como governador de Flandres.
[309]*Em Brouage*: segundo M. Bouteron e H. Rongnon, o escritor teria cometido um erro aqui, pois o retiro que o famoso cardeal e estadista fez construir ficava não em Brouage, e sim em Richelieu, berço de sua família.
[310]*O segundo retorno dos Bourbon*: em 1815, após os Cem Dias do segundo reinado de Napoleão.
[311]*Os Claës de Douai* são protagonistas de *A procura do absoluto*. A sra. Claës em solteira era Temninck.
[312]*Cujas*: Jacques Cujas (1522-1590), jurisconsulto francês, famoso intérprete do Direito romano. *Barthole* — verdadeiramente, *Bartole* (1313-1357): célebre jurisconsulto italiano.
[313]*Condottieri*: nome dado aos chefes de tropas mercenárias na Itália da Renascença.
[314]*Cassandra*: personagem mitológica, profetisa em cujas sombrias predições ninguém queria acreditar.
[315]*Aquiles e Nestor*: reis gregos, personagens da *Ilíada*, de Homero; o primeiro, jovem e corajoso; o segundo, idoso e ponderado.
[316]*Hic et nunc* (em latim): "aqui e agora".
[317] Um escudo equivale a três francos.
[318]*Eureka* (em grego): "encontrei". Palavra que se tornou proverbial, pronunciada por Arquimedes quando descobriu, no banho, a lei do peso específico dos corpos.
[319] O morgadio era um bem inalienável a um título de nobreza e transmissível com ele. Essa instituição, abolida pela Revolução, foi restabelecida pelo Império. Durante a Restauração, a constituição de um morgadio era uma das condições de admissão à Câmara dos Pares.
[320]*Talmude*: importante livro da religião israelita, o qual abrange grande número de interpretações tradicionais da lei de Moisés.
[321]*Elias Magus*: comerciante de objetos de arte e pedras preciosas; já encontrado em *A vendeta*.
[322]*Golconda*: antigo reino do Hindustão, em cuja capital os sultões acumularam montões de pedras preciosas; *Visapur* ou Bijapur, cidade do Decão, outrora das mais

florescentes, já em ruínas na época de Balzac.
[323]*Valenciana*: cidade mexicana (no estado de Guanajuato) cujas minas de prata deram uma produção considerável de 1768 a 1810.
[324]*Vingou-se como Célimène de Arsinoé*: alusão a uma das cenas mais divertidas do *Misantropo*, de Molière, na qual Arsinoé, uma falsa devota de certa idade, vem visitar a jovem e bela Célimène, para repetir-lhe os rumores que correm na sociedade sobre a sua conduta. Célimène agradece e, para demonstrar a sua gratidão, relata por sua vez todo o mal que se diz, ou que se podia dizer, acerca de Arsinoé na mesma sociedade. A devota foge, furiosa.
[325] A citação é algo inexata. A expressão "procurando uma presa para devorar" não está no Salmista, e sim na Primeira Epístola de S. Pedro (5:8), e se refere ao Diabo, inimigo do homem que anda em redor dele "como um leão rugindo, pronto para devorá-lo".
[326]*As Parcas da mitologia romana* eram três deusas infernais — correspondentes das moiras gregas: Cloto, Láquesis e Átropos — que fiavam a trama da vida humana. A primeira delas segurava a roca, a segunda virava o fuso, a última cortava o fio.
[327] O *jovem rei da Suécia*: Gustavo iii (1746-1792; reinou a partir de 1771), que, contestando à Rússia o direito de ocupar a Crimeia, declarou guerra.
[328]*As duas Espanhas*: a metrópole e as colônias.
[329] Tradução do verso *Il s'en présentera*, *gardez-vous en douter*, do drama *Tancredo*, de Voltaire.
[330]*Summum jus, summa injuria*: ditado latino que significa: a maior justiça (a justiça mais rigorosa) é, ao mesmo tempo, a maior injustiça.
[331]*São João Crisóstomo* (347-407): pai da Igreja, patriarca de Constantinopla, que não hesitou em denunciar do púlpito os desregramentos da imperatriz Eudóxia.
[332]*Duquesa de Berry*: filha de Francisco i de Nápoles, neta de Carlos x; mulher enérgica e romanesca, que, poucos anos depois da ação deste romance, durante o reinado de Luís Filipe, será chefe do movimento legitimista e procurará organizar um levante na Bretanha.
[333]*O grande Sully*: Maximilien de Béthune, duque de Sully (1559-1641). Ministro e amigo de Henrique iv, famoso por sua boa administração nas pastas da Fazenda e da Agricultura; sua vida familiar era exemplar. Depois da morte de sua primeira mulher, Anne de Courtenay, casou com a viúva Rachel de Cochefilet, que lhe sobreviveu e lhe fez erguer uma estátua.
[334]*Assomption*: igreja de Nossa Senhora da Assunção, no bairro de Passy.
[335]*Os dois Vandenesse*, *Carlos e Félix*, aqui parecem estar de acordo; mas já os encontramos a mover processo um contra o outro (em *Uma estreia na vida*).
[336]*A Cartago!*: provável alusão a um episódio da vida de Mário, general romano, que, vencido em 88 a.C. por Sila, se refugiou em Cartago.
[337]*O papá Gobseck*: famoso usurário, já encontrado na novela que lhe traz o nome.
[338]*Mascarille*: tipo do criado manhoso, malandro e intrigante.
[339]*Montriveau e Ronquerolles*: protagonistas da *História dos Treze*.
[340]*Bouffons*: ver a nota 29 de *O pai Goriot* .
[341]*Bosque*: o Bosque de Bolonha (Bois de Boulogne), passeio preferido dos parisienses.
[342]*O choque de* Lady *Dudley*...: *lady* Dudley, a esposa de lorde Dudley, verdadeiro pai de de Marsay, arrancou Félix de Vandenesse à sra. de Mortsauf, causando a morte desta.
[343]*Sainte-Pélagie*: famosa prisão de Paris, na época destinada a devedores.
[344]*Servi a Labão*: como serviu Jacó catorze anos para obter a mão de Raquel.
[345]*Nelson*: conde Horatio Nelson (1758-1805), almirante inglês, vencedor da frota francesa em Abukir, reconquistou Malta, bombardeou Copenhague e morreu na batalha de Trafalgar, que ganhou. Sua ligação com a famosa cortesã Emma Lyons,

que se fez desposar pelo embaixador inglês em Nápoles, era universalmente conhecida.
[346]*O velho Wurmser*: Sigismond von Wurmser (1724-1797), general austríaco vencido em Castiglione por Napoleão, a quem depois se rendeu em Mântua.
[347]*Arcole*: cidade italiana perto do rio Adige, cena de violenta batalha entre austríacos e franceses em 1796; a chave da situação era a ponte, em cuja defesa Napoleão se portou com muita valentia e por um triz não pereceu.
[348]*Rolando*: o famoso capitão cuja morte heroica em Roncesvalis deu motivo à *Chanson de Roland*, e cuja loucura forneceu assunto ao *Orlando furioso*, de Ariosto.
[349]*Potosi*: cidade da Bolívia com grandes minas de prata e de estanho.
[350]*A marquesa de Listomère*: heroína de *Estudo de mulher*.
[351]*O pequeno Rastignac, um patife que começa a subir...*: este episódio de *O contrato de casamento*, de vários anos ulterior à ação de *O pai Goriot*, é anterior de um ano à de *A interdição*, em que já encontramos Rastignac em posição mais elevada.
[352]*Sra. d'Aiglemont*: heroína de *A mulher de trinta anos*.
[353]*O duque de Lenoncourt-Givry* casou com a filha da sra. de Mortsauf, "o Lírio do Vale".
[354]*Condessa Féraud*: sem dúvida, deve-se ler Ferraud; ver *O coronel Chabert*.
[355]*Sra. d'Espard*: protagonista de *A interdição*.
[356]*Os Nucingen*: filha e genro do pai Goriot.
[357]*Gigonnet*: usurário que reaparece em várias partes de *A comédia humana*; du Tillet recomendou a Nathan que lhe pedisse um empréstimo (*Uma filha de Eva*).
[358]*Máximo de Trailles*: rapaz elegante e inescrupuloso do mundo balzaquiano; amante da condessa de Restaud, a quem arruinou (*Gobseck*; *O pai Goriot*).
[359]*Sra. de Camps*: no seu primeiro casamento, sra. *Firmiani*, protagonista da novela que leva o seu nome.
[360]*Ezzelino*: capitão italiano (1194-1259), tirano de Vicenza, famoso por sua coragem e sua crueldade. Vencido e ferido numa batalha, morreu na prisão depois de ter arrancado as ataduras de suas feridas. Personagem de *Lara*, de Byron.
[361]*Medora*: provável alusão a uma personagem do *Corsário*, de Byron, tipo de mulher oriental e de amante abnegada que se preocupa unicamente de agradar ao dono e dar-lhe prazeres.
[362]*Bando dos Dez Mil*: sociedade de criminosos, da qual Vautrin era o tesoureiro (*O pai Goriot*).
[363]*Jacques Collin*: verdadeiro nome de Vautrin. Como se vê, sua prisão na Pensão Vauquer (contado em *O pai Goriot*) não lhe cortou a carreira.
[364]*Grão-Mogol*: ou Império dos Mongóis, fundado por Gengis Khan (1206-1227), reconstituído por Tamerlão (1369-1405) e, mais tarde, por Baber (1505-1530) e Aurangzeb (1659-1707).
[365]*Boca de bronze veneziana...*: no muro que separa a Sala do Conselho dos Dez da respectiva antecâmara, no Palácio Ducal de Veneza, existe, ainda hoje, uma abertura escondida por uma cabeça de leão, de mármore (e não de bronze), em cuja boca aberta se colocavam as denúncias anônimas.
[366]*Um certo príncipe que só é manco do pé*: alusão a Talleyrand.
[367]*Ronquerolles e Montriveau*: ver a nota 47.
[368]*Os Grandlieu*: nome de várias personagens aristocráticas da *Comédia*; Sabina de Grandlieu casou-se com Calisto du Guénic (*Beatriz*); Camila de Grandlieu desposou Ernesto de Restaud (*Gobseck*).
[369]*La Roche-Hugon*: protagonista de *A paz conjugal*, em que o vimos ludibriado pela virtuosa sra. de Soulanges.
[370]*Sérisy*: filho do conde de Sérisy, conhecido em *Uma estreia na vida*.
[371]*Féraud*: ver a nota 62.

[372]*Granville*: protagonista de *Uma dupla família*; foi ele que, desambientado ao lado de uma esposa carola, procurou consolação numa união ilegítima com Carolina Crochard.
[373]*Le Constitutionnel*: ver a nota 34 de *O coronel Chabert*.
[374]*Duque de Lenoncourt*: ver a nota 61.
[375]*Duque de Navarreins*: personagem que aparece em várias obras de *A comédia humana*; pai da duquesa de Langeais.
[376]*Duque de Langeais*: personagem da *História dos Treze*.
[377]*A Grande Esmolaria*: palácio do esmoleiro-mor, primeiro esmoleiro dos reis de França.
[378]*La Fayette*: o marquês Maria-Joseph La Fayette (1757-1834), herói da independência americana, tomaria parte, com efeito, ao cabo de alguns anos, na Revolução de 1830.
[379]*Os orleanistas*: partido dos que queriam restabelecer no trono da França um príncipe de Orléans.
[380]*Um homem que parte com o pé esquerdo*: alusão ao nascimento de de Marsay, de quem todos sabiam que era filho de lorde Dudley.
[381]*Duque de Carigliano*: foi no baile dado por ele que a sra. de Beauséant apresentou Rastignac à sociedade.
[382]*Gondrevilie ou Malin*: protagonista de *Um caso tenebroso*.
[383]*Angélica*: personagem do *Orlando furioso*, de Ariosto, moça linda e caprichosa, a qual, apaixonada por Medoro, um moço pobre, desdenha o amor dos paladinos mais ilustres, inclusive de Orlando.
[384]*Léon Gozlan* (1803-1866): literato francês bastante conhecido na época, amigo de Balzac, a respeito de quem publicaria, depois da morte do romancista, dois livros de recordações anedóticas: *Balzac de chinelas* (1855) e *Balzac em casa* (1862).
[385]*Rout* (em inglês): reunião de família em que se dança.
[386]*Crampade*: propriedade de Luís e Renata de l'Estorade, personagens balzaquianas (ver *Memórias de duas jovens esposas*).
[387]*A sra. de Portenduère*: personagem de *Úrsula Mirouët*.
[388] Já sabemos que Balzac, partidário da Restauração (1814-1830), era hostil ao regime mais liberal de Luís Filipe, instaurado com a Revolução de Julho de 1830, e não deixava passar ocasião de dar-lhe umas alfinetadas.
[389]*A marquesa d'Espard*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, que acabamos de conhecer de perto na novela *A interdição*.
[390]*A srta. des Touches*, conhecida também pelo pseudônimo literário de Camille Maupin: ilustre escritora, personagem balzaquiana cuja história já lemos em *Beatriz*.
[391]*De Marsay*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*. Em *O contrato de casamento* era ele o confidente de Paulo de Manerville.
[392]*Como o delfim da fábula*: alusão a uma fábula de Esopo, *O macaco e o delfim*. Num naufrágio, um macaco conseguiu salvar-se. Um delfim que o viu, tomando-o por um homem, carregou-o às costas e transportou-o para terra firme. Chegando à vista do Pireu, o porto de Atenas, perguntou ao macaco se era originário desta cidade. O macaco respondeu que sim, e acrescentou que pertencia a uma família muito ilustre. Perguntou-lhe então o delfim se conhecia o Pireu. Cuidando que se tratava de um homem, o macaco disse que não somente o conhecia, como até se dava muito com ele. Indignadíssimo com tal mentira, o delfim submergiu e fê-lo morrer.
[393]*Sterne*: Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês, autor de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* e da *Viagem sentimental*, um dos autores preferidos de Balzac.
[394]*Os príncipes de Talleyrand e de Metternich*, os dois ilustres diplomatas, eram contemporâneos de Balzac e frequentaram os mesmos salões em que o romancista era recebido.

[395]*Emílio Blondet*: protagonista de *A comédia humana*, crítico e jornalista espirituoso.
[396]*Temos a nossa maçã*: alusão ao episódio que levou Newton a descobrir as leis da atração universal. Estudava desde muito a teoria de Kepler acerca das leis que presidem aos movimentos dos planetas. A queda de uma maçã o mergulhou em reflexões profundas acerca da natureza da força que atrai os corpos em direção ao centro da Terra e os precipita no chão com rapidez acelerada; dessas reflexões foi que saiu sua teoria da gravitação universal.
[397]*Lorde Dudley*: personagem de *A comédia humana*, pai natural de de Marsay.
[398]*Concini ou* marechal de Ancre: aventureiro italiano que, casado com Eleonora Dori, uma das criadas da rainha Maria de Médicis, conseguiu sobre a rainha uma influência decisiva que lhe permitiu enriquecer e chegar ao marechalato. Durante algum tempo foi primeiro-ministro e aproveitou o poder para fins pessoais. Tendo aprisionado o príncipe de Condé, chefe de uma liga de descontentes, viu seu palacete arrasado pelo povo de Paris; em 1617, por ordem de Luís xiii, vieram aprisioná-lo, e como quisesse resistir, foi morto pelo capitão Vitry. O jovem *Richelieu* fora apresentado a Maria de Médicis por Leonora Dori. (Ver também a nota 61 de *A interdição*.)
[399]*Sra. de Montcornet*: personagem balzaquiana em cujo salão a sra. Félix de Vandenesse viu pela primeira vez o escritor Nathan (*Uma filha de Eva*).
[400]*Baronesa de Nucingen*: Delfina Goriot, de nascimento, protagonista de *O pai Goriot*.
[401]*José Bridau*: personagem balzaquiana, ilustre pintor; mestre de Mistigris, com quem fez a divertida viagem de Paris a Presles (*Uma estreia na vida*); testemunha de casamento de Maria-Gastão (*Memórias de duas jovens esposas*).
[402]*Ronquerolles*: irmão da condessa de Sérisy (*Uma estreia na vida*), tio da condessa Laginska (*Uma filha de Eva*). Desempenhará papel maior na *História dos Treze*.
[403]*Sra. de Sérisy*: já encontrada em *Uma estreia na vida*; uma das protagonistas de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
[404]*Sra. de Camps*: no seu primeiro casamento, *sra. Firmiani*, heroína da novela do mesmo nome.
[405]*Cântico dos cânticos*: um dos livros do Antigo Testamento, atribuído a Salomão; epitalâmio simbólico cheio de uma poesia sensual, em que o amado e a amada se exaltam reciprocamente.
[406]*Princesa de Cadignan*: uma das grandes amorosas de *A comédia humana*, protagonista da novela *Os segredos da princesa de Cadignan*.
[407]*Clarissa*: heroína apaixonada do romance *Clarissa Harlowe*, de Richardson; seduzida por Lovelace, morre de desgosto.
[408]*Malibran*: María-Felicia García (1808-1836), famosa cantora de origem espanhola, celebrada nas *Estâncias à Malibran*, de Musset.
[409]*Marechal de Richelieu*: Louis-François-Armand du Plessis (1696-1788), sobrinho-neto do famoso cardeal; diplomata e militar, tornou-se famoso sobretudo pelas suas aventuras de amor, muitas vezes escandalosas.
[410]*Lauzun*: Antonin Nonpar de Caumont, conde e depois duque de Lauzun (1633-1723), cortesão famoso pela paixão que soube inspirar à srta. de Mont-Pensier, prima de Luís xiv.
[411]*Luís de Valois* (1372-1407): filho de Carlos v, é talvez a quem Balzac faça alusão nessa sucessão de amantes famosos, pois teve um caso com a rainha consorte Isabel da Baviária. Após uma visita à rainha que acabara de dar à luz, foi assassinado a mando de João, o Temerário, duque da Borgonha, por questões de sucessão.
[412]*Barão de Nucingen*: ver a nota 83 de *O pai Goriot*.
[413]*Femme comme il faut*: “uma mulher como deve ser”. Ver mais adiante o

capítulo xx.

[414]*Conde de Vandenesse*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, protagonista de *O lírio do vale*; já encontrado em *Uma filha de Eva*.

[415]*Buisson*: personagem real, alfaiate elegante da rue Richelieu; Balzac, que era freguês dele, preferia fazer-lhe publicidade a pagar-lhe as contas.

[416]*Daniel d'Arthez*: protagonista de *A comédia humana*, já encontrado em *Memórias de duas jovens esposas*; uma das personagens em que Balzac se pintou.

[417] O *duque de Bourbon* (1756-1830), pai do duque d'Enghien, ter-se-ia suicidado; mas suspeitava-se de que a sua amante, Sophie Davies, era a causa de sua morte.

[418]*Marquesa de Rochefide*: é a Beatriz do romance do mesmo nome. *Rastignac*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, a cuja estreia assistimos em *O pai Goriot*.

[419]*Adão Laginski*: protagonista de *Uma filha de Eva*.

[420]*Mnemósine*: filha de Urano, deusa da memória e mãe das musas.

[421]*Filandra*: fio branco e leve produzido por certas aranhas, que paira no ar nos belos dias de outono europeu. (Em francês: *fil de la vierge*.)

[422]*O Equador dos Panoramas*: alusão à Galeria dos Panoramas, que ligava o bulevar Montmartre a várias ruas adjacentes; à primeira galeria, aberta em 1800, foram acrescidas outras em 1834. Havia nelas muitas lojas e confeitarias elegantes. *O terraço dos Feuillants*: terraço setentrional do jardim das Tulherias, assim chamado por causa do antigo convento da ordem dos Feuillants, situado nas suas proximidades, e que foi demolido em 1804.

[423]*Kamtchatka*: península ao nordeste da Rússia asiática, banhada pelos mares de Bering e de Okotsk; aqui, sinônimo de região deserta, inculta.

[424]*Femme comme il en faut*: "mulheres como deve haver", diferentes das *femmes comme il faut*, "mulheres como devem ser".

[425]*Os Italiens*: ver a nota 45 de *O pai Goriot*.

[426]*Ringlets*: anéis de cabelos (em inglês no original).

[427]*Mezzo termine*: meio-termo (em italiano no original).

[428]*Une femme comme il n'en faut pas*: "uma mulher como não se precisa".

[429]*Camille Maupin*: nome literário da srta. des Touches.

[430]*Canalis*: personagem balzaquiana, poeta, chefe da Escola Angélica; já o encontramos em *Modesta Mignon*.

[431]*Pozzo di Borgo*: ver a nota 56 de *A interdição*.

[432]*Père Lachaise*: grande cemitério de Paris; esse nome, às vezes, designa também o bairro de Ménilmontant, onde é situado o cemitério.

[433]*Desaix*: Louis Desaix de Veygoux (1768-1800), general de Napoleão, conquistador do Alto Egito; morreu na batalha de Marengo, depois de ter assegurada a vitória. Conhecido por sua justiça e generosidade.

[434]*Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), ministro da polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos.

[435]*Agnès Sorel* (1422-1450): favorita de Carlos vii que exerceu sobre a sorte da França uma influência benfazeja.

[436]*Sra. Daublet*: ou melhor, sra. Doublet de Persan (1687-1771); mulher famosa por seu espírito, cujo salão era frequentado pelos literatos da época. Cada membro da "freguesia" tinha a obrigação de contar diariamente a sua historieta, que era depois transcrita num caderno, cujo conteúdo a dona de casa publicava periodicamente, sob o título de *Nouvelles à la main*.

[437]*Sra. du Deffant*: marquesa Marie du Deffant (1697-1780), aristocrata galante e culta, uma das mulheres francesas mais espirituosas do século xviii, correspondente de Voltaire.

[438]*Taglioni*: Marie Taglioni (1804-1884), famosa bailarina.

[439]*Camargo*: Marie-Anne de Camargo (1710-1770), bailarina da ópera de Paris.
[440]*Saint-Huberty*: Antoinette Clavel, chamada Saint-Huberty (1756-1812), cantora francesa.
[441]*Madame Récamier*: Jeanne Françoise Julie Adélaide Bernard (1777-1849), fiel amiga de Chateaubriand, acolhia durante a Restauração, em seu salão, a sociedade mais brilhante.
[442]*Madame de Sévigné*: Marie Rabutin Chantal (1626-1696), internacionalmente conhecida por suas cartas, de grande valor literário, condessa de Grignan.
[443]*Sra. de Vandenesse*: de nascimento, Maria Angélica de Granville; assistimos ao seu namoro com Raul Nathan em *Uma filha de Eva*.
[444]*Marquês de Montriveau*: personagem balzaquiana, protagonista da *História dos Treze*.
[445]*Dr. Bianchon*: ver a nota introdutiva.
[446]*Berezina*: rio da Rússia, afluente do Dnieper; sua travessia custou a Napoleão, durante a retirada de 1812, a metade de seu exército.
[447]*Coronel Oudet*: personagem misteriosa que, segundo afirma Charles Nodier na *História das sociedades secretas do Exército* (1815), foi o primeiro chefe da Sociedade dos Filadelfos, a qual teria preparado a volta dos Bourbons durante todo o reino de Napoleão.
[448]*Eugênio*: Eugênio de Beauharnais (1781-1824), filho da imperatriz Josefina, do primeiro casamento; particularmente querido por Napoleão, seu padrasto, foi nomeado vice-rei da Itália em 1805.
[449]*Redgauntlet*: título de um romance histórico de Walter Scott e nome do protagonista.
[450]*O belo d'Orsay*: conde Gédéon-Gaspard-Alfred de Grimoud, conde de Orsay (1801-1852); famoso dândi, considerado na época um árbitro da elegância.
[451]*Tu ridi?*: Estás rindo? (em italiano no original).
[452]*Son'io!*: "Sou eu!" (em italiano no original).
[453]*Chamfort*: Nicolas Sebastien Roch, dito Chamfort (1741-1794), escritor famoso por seu espírito, epigramatista temível, autor de *Máximas, caracteres e anedotas*.
[454]*Ultimam cogita!*: inscrição latina cujo sentido é "Pensa na última (hora)".
[455]*Desplein*: personagem balzaquiana, ilustre cirurgião e mestre do dr. Bianchon, a cujo lado o vimos em *A missa do ateu*.
[456]*Atridas*: descendentes de Atreu, personagem da mitologia antiga, célebres por seus crimes e pelo castigo que tiveram.
[457]*A mão do comendador no pescoço de dom Juan*: ver a nota 55 de *A interdição*.
[458] "*Il bondo cani!*": ver *O pai Goriot*, nota 102.
[459] Isto é: sua reintegração no poder.
[460]*A bela expressão de Sterne*: *hobby-horse* (cavalinho de pau; mania, cavalo de batalha).
[461] O *notário Roguin*: personagem de *A comédia humana*, já encontrado em *A vendeta*, onde representava os interesses de Ginevra di Piombo contra os pais desta.
[462]*Lâmpada de Argant*: lâmpada a óleo, cujo nome provém do seu inventor; conhecida também como "lâmpada astral".
[463]*Imitação de Cristo*: famoso livro de piedade escrito em latim, atribuído a Tomás de Kempis (1379-1471).
[464]*Radcliffe*: Ann Radcliffe (1768-1823), romancista inglesa, autora de romances terrificantes, dos quais *O italiano ou O confessionário dos penitentes negros*, que Balzac imitou nas obras da sua fase clandestina.
[465]*Teniers*: nome de dois grandes pintores flamengos que de preferência pintavam cenas populares de seu país.
[466]*Ter a cabeça junto ao boné*: zangar-se com facilidade.
[467]*General Bertrand*: conde Henri-Gatien Bertrand (1773-1844), general de

Napoleão; acompanhou seu chefe à ilha de Elba e a Santa Helena, de onde lhe trouxe os despojos para a França em 1840.

[468]*Duque de Abrantes*: General Junot (1771-1813), ajudante de campo de Napoleão, conquistador de Lisboa. Sua viúva, amiga de Balzac, publicou interessantes *Memórias* sobre o Império e a Restauração.

[469]*Sr. Decazes*: duque Elie Decazes (1780-1860), ministro de Luís xviii.

[470]*Maire*: na França, primeiro funcionário da comuna.